

# 12<sup>o</sup> congresso

# agri business

**Oportunidades  
de Investimentos  
no Agronegócio**



**Sociedade  
Nacional de  
Agricultura**



Sociedade Nacional de Agricultura

SNA - Fundada em 1897

**DIRETORIA EXECUTIVA**

ANTONIO MELLO ALVARENGA NETO  
ALMIRANTE IBSEN DE GUSMÃO CÂMARA  
OSANÁ SÓCRATES DE ARAÚJO ALMEIDA  
JOEL NAEGELE  
TITO BRUNO BANDEIRA RYFF  
FRANCISCO JOSÉ VILELA SANTOS  
HÉLIO MEIRELLES CARDOSO  
JOSÉ CARLOS AZEVEDO DE MENEZES  
LUIZ MARCUS SUPPLYC HAFERS  
RONALDO DE ALBUQUERQUE  
SÉRGIO GOMES MALTA

PRESIDENTE  
1º VICE-PRESIDENTE  
2º VICE-PRESIDENTE  
3º VICE-PRESIDENTE  
4º VICE-PRESIDENTE  
DIRETOR  
DIRETOR  
DIRETOR  
DIRETOR  
DIRETOR  
DIRETOR  
DIRETOR

**DIRETORIA TÉCNICA**

ALBERTO WERNECK DE FIGUEIREDO  
ANTONIO FREITAS  
CLAUDIO CAIADO  
JOHN RICHARD LEWIS THOMPSON  
FERNANDO PIMENTEL  
JAIME ROTSTEIN  
JOSÉ MILTON DALLARI  
KATIA AGUIAR

MARCIO SETTE FORTES DE ALMEIDA  
MARIA HELENA FURTADO  
MAURO REZENDE LOPES  
PAULO PROTÁSIO  
ROBERTO FERREIRA S. PINTO  
RONY RODRIGUES OLIVEIRA  
RUY BARRETO FILHO

**COMISSÃO FISCAL**

CLAUDINE BICHARA DE OLIVEIRA  
MARIA CECÍLIA LADEIRA DE ALMEIDA  
PLÁCIDO MARCHON LEÃO  
ROBERTO PARAÍSO ROCHA  
RUI OTAVIO ANDRADE

**Academia Nacional de Agricultura**

**FUNDADOR E PATRONO: OCTAVIO MELLO ALVARENGA**



CADEIRA	PATRONO	TITULAR
01	ENNES DE SOUZA	ROBERTO FERREIRA DA SILVA PINTO
02	MOURA BRASIL	JAIME ROTSTEIN
03	CAMPOS DA PAZ	EDUARDO EUGÊNIO GOUVÊA VIEIRA
04	BARÃO DE CAPANEMA	FRANCELINO PEREIRA
05	ANTONIO FIALHO	LUIZ MARCUS SUPPLYC HAFERS
06	WENCESLÃO BELLO	RONALDO DE ALBUQUERQUE
07	SYLVIO RANGEL	TITO BRUNO BANDEIRA RYFF
08	PACHECO LEÃO	
09	LAURO MULLER	FLÁVIO MIRAGAIA PERRI
10	MIGUEL CALMON	JOEL NAEGELE
11	LYRA CASTRO	MARCUS VINÍCIUS PRATINI DE MORAES
12	AUGUSTO RAMOS	ROBERTO PAULO CÉZAR DE ANDRADE
13	SIMÕES LOPES	RUBENS RICUPERO
14	EDUARDO COTRIM	PIERRE LANDOLT
15	PEDRO OSÓRIO	ANTONIO ERMÍRIO DE MORAES
16	TRAJANO DE MEDEIROS	ISRAEL KLABIN
17	PAULINO FERNANDES	
18	FERNANDO COSTA	
19	SÉRGIO DE CARVALHO	SYLVIA WACHSNER
20	GUSTAVO DUTRA	ANTONIO DELFIM NETTO
21	JOSÉ AUGUSTO TRINDADE	ROBERTO PARAÍSO ROCHA
22	IGNÁCIO TOSTA	JOÃO CARLOS FAVERET PORTO
23	JOSÉ SATURNINO BRITO	
24	JOSÉ BONIFÁCIO	
25	LUIZ DE QUEIROZ	ANTONIO CABRERA MANO FILHO
26	CARLOS MOREIRA	JÓRIO DAUSTER
27	ALBERTO SAMPAIO	ANTONIO CARREIRA
28	EPAMINONDAS DE SOUZA	ANTONIO MELLO ALVARENGA NETO
29	ALBERTO TORRES	IBSEN DE GUSMÃO CÂMARA
30	CARLOS PEREIRA DE SÁ FORTES	JOHN RICHARD LEWIS THOMPSON
31	THEODORO PECKOLT	JOSÉ CARLOS AZEVEDO DE MENEZES
32	RICARDO DE CARVALHO	AFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO
33	BARBOSA RODRIGUES	ROBERTO RODRIGUES
34	GONZAGA DE CAMPOS	JOÃO CARLOS DE SOUZA MEIRELLES
35	AMÉRICO BRAGA	FÁBIO DE SALLES MEIRELLES
36	NAVARRO DE ANDRADE	LEOPOLDO GARCIA BRANDÃO
37	MELLO LEITÃO	ALYSSON PAOLINELLI
38	ARISTIDES CAIRE	OSANÁ SÓCRATES DE ARAÚJO ALMEIDA
39	VITAL BRASIL	DENISE FROSSARD
40	GETÚLIO VARGAS	EDMUNDO BARBOSA DA SILVA
41	EDGARD TEIXEIRA LEITE	ERLING S. LORENTZEN



SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA · Fundada em 16 de janeiro de 1897 · Reconhecida de Utilidade Pública pela Lei nº 3.459 de 16/10/1918  
Av. General Justo, 171 - 7º andar · Tel. (21) 3231-6350 · Fax: (21) 2240-4189 · Caixa Postal 1245 · CEP 20021-130 · Rio de Janeiro - Brasil e-mail: sna@sna.agr.br  
· <http://www.sna.agr.br>  
ESCOLA WENCESLÃO BELLO / FAGRAM · Av. Brasil, 9727 - Penha CEP: 21030-000 - Rio de Janeiro / RJ · Tel. (21) 3977-9979



## **ANAIS**

**Coordenação geral e revisão final**  
Cristina Baran

**Revisão dos textos**  
Jacira de Souza Collaço

**Transcrição das fitas**  
Lívia Menezes Caldeira Torres

**Programação Visual**  
Paulo Américo Magalhães  
Tel: (21) 2580-1235 / 8126-5837  
pm5propaganda@terra.com.br

**Impressão**  
Central Indústria Gráfica  
Tel: (32) 3215-8988  
orcamento@centralindustriagrafica.com.br

**Fotografias**  
Danielle Medeiros  
Tel: (21) 3338-5452/7856-5943/8176-9926  
daniellefmedeiros@gmail.com

**Newton Bastos**  
Tel: (21) 2213-6101 / 9603-6753  
newtonfotografo@uol.com.br

## **12º CONGRESSO DE AGRIBUSINESS**

**Coordenação geral**  
Antonio Mello Alvarenga Neto  
Maria Helena Elguesabal

**Assistência de coordenação**  
Cristina Baran  
Valéria Conceição Manhães

**Apoio / Secretaria**  
Edna Moura da Silva  
Jacira de Souza Collaço  
Sílvia Mara P. Marinho

**Webmaster**  
Diva Helena Louzada

**Assessoria de Imprensa**  
Luís Alexandre Louzada

**Realizado no Auditório da Confederação  
Nacional do Comércio - CNC  
em 21 e 22 de junho de 2011**

# Apresentação

12º congresso  
agribusiness

**M**oderno, eficiente e competitivo, o agronegócio brasileiro é uma atividade próspera, responsável por mais de 1/3 do nosso Produto Interno Bruto (PIB), 42% das exportações totais e 37% dos empregos.

Além de produzir alimentos em quantidade, qualidade e preço para atender às necessidades de sua população, o Brasil vem se tornando um dos maiores exportadores de produtos agropecuários do mundo.

Com clima diversificado, grande disponibilidade de terras, boa distribuição de água doce, tecnologia e mão-de-obra qualificada, o Brasil tem praticamente tudo para firmar-se, em breve, como o maior produtor de alimentos e energia verde do mundo.

Nos últimos anos, poucos países tiveram um aumento tão expressivo na produção e no comércio internacional de produtos agropecuários quanto o Brasil.

Somos o maior produtor de café, cana-de-açúcar e laranja do mundo, o segundo maior produtor de soja e o maior exportador mundial de carne bovina e frangos. Em pouco tempo, seremos o principal polo mundial de produção de algodão e de biocombustíveis. Nossa produção de madeira, papel e celulose também tem aumentado significativamente e vamos conquistando participação relevante no mercado internacional.

O mundo precisará, cada vez mais, de alimentos, agroenergia, madeira e outros tantos outros produtos que saem de nossas terras.

É, portanto, inegável o potencial de crescimento do agronegócio brasileiro.

Há inúmeras formas de participar desse sucesso, seja investindo em micro, pequenas e médias empresas ou em grandes empreendimentos das diversas cadeias produtivas do agronegócio ou setores relacionados.

Estes foram os temas que pautaram as apresentações e debates no 12º Congresso de Agribusiness, que a **SNA** promoveu, com o apoio do **Sebrae/RJ**, no Auditório da Confederação Nacional do Comércio, no Rio de Janeiro.

Na abertura do evento tivemos a satisfação de receber nossa ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira, e dois de nossos melhores ex-ministros de Agricultura de todos os tempos, Roberto Rodrigues e Pratini de Moraes.

Os painéis que se sucederam ao longo do Congresso trataram dos mais variados aspectos de nosso agronegócio, tais como logística, educação, seguros, insumos e equipamentos. O segundo dia do evento foi inteiramente dedicado à análise das cadeias produtivas de grãos, café, carne, leite, florestas plantadas, hortigranjeiros e orgânicos.

Com palestras do mais alto nível, esses Anais são leitura obrigatória para aqueles que, de alguma forma, integram - ou pretendem integrar - o agronegócio brasileiro. Uma publicação para ler, consultar e guardar.



Antonio Alvarenga

# S U M Á R I O

## ABERTURA

<b>Vocação natural do Brasil: firmar-se como um dos maiores produtores mundiais de alimentos</b> Antonio Mello Alvarenga _____	8
<b>Brasil no foco mundial da segurança alimentar, energética e hídrica</b> Izabella Mônica Teixeira _____	10
<b>Como alimentar o mundo</b> Marcus Vinícius Pratini de Moraes _____	15
<b>Brasil, mudando a geopolítica global</b> Roberto Rodrigues _____	23
<b>Retomada de ações para agricultura fluminense</b> Christino Áureo da Silva _____	28
<b>Bahia, terra da oportunidade</b> Eduardo Seixas de Salles _____	32
<b>Implantação de políticas produtivas para o Brasil</b> Rita de Cássia Milagres Teixeira Vieira _____	40

## *Painel*

### **Indústria de insumos e equipamentos**

<b>Máquinas e implementos agrícolas adequados às necessidades da agricultura tropical</b> Celso Casale _____	49
<b>Tendências de crescimento quantitativo e qualitativo da produção agrícola</b> Clarice Corrêa Peixoto Alves _____	55
<b>Evolução da competitividade agrícola do Brasil no mercado externo</b> Eduardo Daher _____	64

## *Painel*

### **Investimento em pequenos, médios e grandes empreendimentos. Fundos de investimentos e mercado acionário. O investimento estrangeiro.**

<b>Aspectos financeiros do agronegócio</b> José Carlos Aguilera _____	73
<b>Oportunidades de investimentos no agronegócio</b> Mauro de Rezende Lopes _____	77

**Painel****Ensino, pesquisa, tecnologia e inovação**

- Agricultura sustentável no Brasil, pesquisa, desenvolvimento e inovação nas ciências agrárias e ambientais  
Eduardo Francia Carneiro Campello \_\_\_\_\_ 84
- Formando profissionais para o agribusiness: desafios e soluções  
Paulo Alcântara Gomes \_\_\_\_\_ 96

**Painel****Seguro agrícola – novas modalidades**

- Novas modalidades de seguro agrícola  
Geraldo Mafra \_\_\_\_\_ 103

**Painel****Logística de armazenagem, transporte, distribuição e exportação**

- Planejamento estratégico para o agronegócio  
Luiz Antonio Fayet \_\_\_\_\_ 111

**Painel****Principais cadeias produtivas do agronegócio - grãos**

- Vencer as limitações logísticas para alcançar oportunidades  
Fernando Pimentel \_\_\_\_\_ 118
- Perspectivas para os mercados agrícolas em 2011 e 2012  
André Pessôa \_\_\_\_\_ 123
- Oportunidades de investimento nas cadeias de grãos do agronegócio  
Amado de Oliveira Filho \_\_\_\_\_ 134

**Painel****Principais cadeias produtivas do agronegócio - café**

- Cadeia produtiva do café  
Guilherme Braga Abreu Pires Filho \_\_\_\_\_ 140

**Painel****Principais cadeias produtivas do agronegócio – leite e derivados**

- Gestão profissional para uma produção de qualidade  
Wilson Zanatta \_\_\_\_\_ 148

**Painel****Principais cadeias produtivas do agronegócio – carnes**

Qualidade, saúde, tecnologia e informação para as carnes brasileiras José Milton Dallari Soares _____	158
Evolução do mercado de carne no Brasil para o mundo José Vicente Ferraz _____	174

**Painel****Principais cadeias produtivas do agronegócio – florestas, madeira e celulose**

Cadeia produtiva da madeira Jedaías Salum _____	184
--	-----

**Painel****Principais cadeias produtivas do agronegócio – frutas e hortigranjeiros**

A fruticultura no Brasil Antônio Salazar Pessoa Brandão _____	191
Hortaliças: alta rentabilidade e geração de empregos Warley Marcos Nascimento _____	202

**Painel****Principais cadeias produtivas do agronegócio – orgânicos**

Mercado orgânico com selo brasileiro próprio Dick Thompson _____	221
Desafios e oportunidades da cadeia orgânica brasileira Sylvia Wachsner _____	227

# Vocação natural do Brasil: firmar-se como um dos maiores produtores mundiais de alimentos

## ANTONIO MELLO ALVARENGA

Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura

**E**m nome da Diretoria da SNA apresento boas-vindas a todos os presentes: em especial à nossa ministra do Meio Ambiente. Bióloga, com doutorado em planejamento ambiental, a ministra Izabella Teixeira é uma profissional com sólida formação acadêmica, cuja participação no Governo tem sido pautada pelo equilíbrio e bom senso, qualidades indispensáveis, mas que são difíceis de se encontrar no trato das questões ambientais do país.

Boas-vindas aos ex-ministros Pratini de Moraes e Roberto Rodrigues, responsáveis máximos pelo sucesso que o agronegócio brasileiro vem obtendo. Foram eles, mais o ex-ministro Paolinelli, que colocaram nosso agronegócio na atual rota de sucesso.

Aqui também estão os secretários estaduais de agricultura, Cristiano Áureo, do Rio de Janeiro, e Eduardo Salles, da Bahia, que vêm a este Congresso mostrar as políticas de desenvolvimento do setor agropecuário de seus respectivos estados.

O companheiro Cezar Vasquez, diretor superintendente do Sebrae/RJ, instituição de fomento das atividades das micro, pequenas e médias empresas, que realiza trabalhos de indiscutível validade no apoio aos empreendedores deste estado.

Uma saudação especial aos diretores da SNA e os membros da Academia Nacional de Agricultura que aqui estão.

Estamos dando início às atividades de nosso 12º Congresso de Agribusiness, contando, como sempre, com palestrantes ilustres e qualificados.



DANIELLE MEDEIROS

“Moderno, eficiente e competitivo, o agronegócio brasileiro está destinado ao sucesso”

Até o final da tarde de amanhã passarão por essa bancada mais de 30 expositores, dentre os melhores do país, para abordar aspectos relacionados às oportunidades do investimento no agronegócio brasileiro.

### Momento especial

O Brasil vive um momento muito especial de vigor econômico. Grande parte desse sucesso tem sido obtido graças ao agronegócio.

Os resultados de nossa balança comercial mostram a importância inequívoca do setor. No ano passado, o agronegócio exportou US\$ 76 bilhões, gerando um superávit de US\$ 63 bilhões. Notem que o resultado consolidado da balança comercial foi superavitária em US\$ 20 bilhões, ou seja, a contribuição dos demais setores foi negativa em US\$ 42 bilhões.

Estamos colhendo uma safra recorde, ao mesmo tempo em que os preços das commodities agrícolas estão em patamares elevados no mercado internacional. De janeiro a maio já exportamos US\$ 34 bilhões, significativo aumento em relação a 2010, quando havíamos exportado US\$ 28 bilhões no mesmo período. O saldo do comércio exterior do agronegócio, de janeiro a maio, foi de US\$ 27 bilhões (19% acima dos US\$ 23 bilhões alcançados em 2010).

Finalmente o país se firma como um dos maiores produtores de alimentos do mundo. Essa sempre foi sua vocação natural.

Somos o maior produtor de café, cana-de-açúcar e laranja do mundo; o 2º maior produtor de soja e o maior exportador mundial de carne bovina e frangos.

Em pouco tempo, seremos o principal polo mundial de algodão e biocombustíveis, e um dos maiores

fornecedores de madeira, papel e celulose.

Moderno, eficiente e competitivo, o agronegócio brasileiro está destinado ao sucesso.

O mundo precisará, cada vez mais, de alimentos, agroenergia, madeira e outros tantos outros produtos que saem de nosso solo.

O Brasil tem terras disponíveis, tecnologia apropriada, chuvas regulares, energia solar abundante, boa distribuição de água doce e, principalmente, gente. Gente que ama a terra e que está capacitada a explorá-la dentro do conceito de sustentabilidade.

Nesse ambiente de prosperidade, os empreendimentos do agronegócio brasileiro têm grande potencial de crescimento.

Há inúmeras formas de participar desse *boom*. E o objetivo deste congresso é justamente analisar o setor e suas diversas cadeias produtivas. Vamos tentar ajudá-los a investir no agronegócio.

Ministra Izabella Teixeira,

Como a senhora vê, estamos otimistas com o futuro. Otimistas, mas, ao mesmo tempo, preocupados.

O denominado “Meio Ambiente”, além de seus fundamentos estritamente científicos, abrange também componentes políticos, econômicos, jurídicos, internacionais, mercadológicos, dentre outros. É mesmo muito complexo e abrangente o tal de “Meio Ambiente”.

É complexo e abrangente, mas todos se julgam profundos conhecedores dos problemas ambientais. Todos palpitam sobre a preservação do meio ambiente, do aquecimento global, efeito estufa, extinção das espécies, etc.

Há muita desinformação. No “Meio Ambiente” existem os alarmistas de plantão que adoram fazer previsões catastróficas, na maior parte sem qualquer fundamento técnico-científico.

Há também os ingênuos, que assumem como verdadeiros falsos argumentos. Embarcam em uma onda pseudo-conservacionista, sem avaliar com profundidade as causas e decorrências das posições que defendem, muitas das vezes com paixão extremada.

Bom senso, volto a dizer, é uma qualidade rara nos assuntos ambientais, muitíssimo rara.

Na SNA estamos tranquilos, porque temos como Vice-Presidente o Almirante Ibsen Camara, um profundo conhecedor das questões ambientais, que nos orienta nessas questões.

Ministra Izabella Teixeira, seu papel é fundamental para trazer racionalidade e garantir o desenvolvimento do país de uma forma geral e do agronegócio, em particular.

Somos uma nação que precisa crescer, proporcionar emprego e boas condições de vida aos brasileiros. Não podemos permitir que impeçam nosso progresso por conta de argumentos pseudo-

preservacionistas.

Há muitos recursos disponíveis no mercado interessados em aportar nos diversos setores do nosso agronegócio. Mas é preciso dar segurança a esses investidores. A insegurança inibe o empreendedor.

Todos nós acompanhamos as idas e vindas do processo de votação do novo Código Florestal na Câmara dos Deputados. A imprensa deu grande cobertura ao assunto, mostrando as divergências entre os denominados ruralistas e aqueles que se dizem conservacionistas. E, dentro de regras absolutamente democráticas, com 410 votos contra 63, venceu a proposta ruralista. Ninguém vence com uma diferença tão expressiva sem razão. A verdade é que a proposta ruralista é mais racional e a que melhor atende aos interesses nacionais. Ninguém preza mais os recursos naturais do que os produtores rurais. Sabemos que a deterioração de nossas terras significa perda de sua capacidade produtiva. É o nosso patrimônio que está em jogo; se não cuidarmos da preservação de nossas terras, o maior prejuízo será nosso.

### Expectativas do setor agrícola

Fizemos uma sondagem das expectativas do agronegócio, para os próximos dois anos, junto aos integrantes do setor. Responderam ao nosso questionário integrantes de toda a cadeia produtiva do agronegócio, das mais diversas regiões do país.

Alguns resultados são óbvios. Os setores apontados como aqueles que receberão maiores investimentos são: açúcar e álcool, grãos e pecuária de corte.

As áreas de desenvolvimento do agronegócio que serão objeto de maiores investimentos são: logística, máquinas e equipamentos e ... sustentabilidade.

Os principais obstáculos ao aumento dos investimentos no agronegócio apontados pela pesquisa são: infraestrutura de logística e transporte, juros elevados e política ambiental.

Perguntamos também quais seriam as medidas que produziriam maior impacto positivo na decisão de investimento no agronegócio. As respostas foram: Infraestrutura, redução da carga tributária e da taxa de juros.

Confiamos na Ministra Izabella Teixeira. Confiamos em sua experiência, capacidade técnica e gerencial. Temos a certeza que ela saberá conduzir, com equilíbrio e bom senso, a política ambiental de nosso país.

Estaremos aqui na SNA vigilantes e dispostos a contribuir para seu sucesso, trabalhando para que o agronegócio brasileiro continue a se expandir, para que possamos assegurar o pleno abastecimento de nosso mercado interno e a crescente geração de excedentes exportáveis, sempre dentro do contexto da sustentabilidade. 

# Brasil no foco mundial da segurança alimentar, energética e hídrica

**IZABELLA MÔNICA TEIXEIRA**

Ministra do Meio Ambiente

Quero agradecer o convite da Sociedade Nacional de Agricultura, que surgiu em função de uma participação do encontro com o embaixador Flavio Perri e com o ministro Roberto Rodrigues, na FIESP- SP. No conselho de agronegócio da FIESP, no qual não só fui muito bem acolhida, como tenho certeza que o debate foi de altíssimo nível, foi uma oportunidade falarmos sobre as questões do agronegócio, da agricultura brasileira e a discussão ambiental.

Quero usar esse espaço, além de agradecer, para afirmar que, dentro do que tenho de racional, farei uso de tudo em termos da política ambiental. Gostaria agora de provocar um pouco, ilustrando minhas palavras sobre o momento que o país está vivendo: o processo de preparação da Conferência Rio+20. O Brasil irá recepcioná-la em 2012, em junho, no Rio de Janeiro. Vou fazer uma ligação e explicar porque que estou mencionando a Conferência, em função de

quem fala sobre teses de meio ambiente. Meio ambiente é que nem futebol: todo mundo tem uma opinião, mas na verdade é preciso entender qual o papel da agenda ambiental na agenda de desenvolvimento do Brasil, que tem uma economia emergente. Nenhum país de economia emergente vai negar crescimento pela sua própria definição, mas o que se quer é um crescimento com qualidade. Outro aspecto importante é que nenhuma nação renuncia ao desenvolvimento. Então, o que está se querendo discutir é o desenvolvimento do ponto vista nacional e do papel do Brasil internacionalmente, falando deste e do próximo século. A grande verdade é que nesses dois questionamentos a



“É inaceitável que o Brasil tenha essa quantidade de áreas protegidas sem uso econômico e social”

agricultura tem papel determinante tanto na economia brasileira, como economia emergente, quanto no ponto de vista do papel geopolítico do Brasil frente aos grandes problemas planetários, definidos pela nova ordem mundial em torno dos temas de sustentabilidade. O paradigma da sustentabilidade veio para ficar, com todos seus caminhos e embates de natureza econômica, social, política, geopolítica e ambiental.

No começo de junho, no ministério, recebi a visita do secretário geral das Nações Unidas e também estive com o Joseph Deiss, o presidente da Assembleia Geral das Nações Unidas. Ambos discutiram a questão da sustentabilidade e o papel do Brasil no cenário internacional e regional, em termos das Américas. É extremamente interessante que todas as colocações de natureza política dão ao Brasil um papel estratégico, basicamente nos seis temas que norteiam a agenda do

planeta chamado “sistemas planetários”. Eles são a segurança climática, alimentar, energética, hídrica, a questão da biodiversidade, a justiça e a paz - todos temas que vieram pra ficar e nos quais o Brasil assume centralidade. Então, em minha opinião é absolutamente equivocado, para não dizer ingênuo, tolo, achar que o país não terá uma discussão estratégica sobre desenvolvimento e sobre seu papel internacional que o Brasil certamente exercerá nos próximos 50 anos. E isso é a expectativa das próprias Nações Unidas. O secretário-geral das Nações Unidas, Ban Ki-moon, afirmou para mim: “ministra, o Brasil é central. A senhora tem um papel excepcional de conduzir e ajudar a conduzir

esse processo”. Sou convidada em um painel de sustentabilidade de alto nível, que o secretário-geral constituiu, com 22 personalidades do planeta que estão discutindo o nosso futuro comum. Lá está o almirante Ibsen Gusmão Câmara, lá está a ex-primeira ministra Gro Harlem Brundtland até o presidente da África do Sul. Não estou falando de arranjos entre países desenvolvidos e em desenvolvimento; isso permanecerá, mas falo de arranjos como o Bric, o Basic, esses novos blocos econômicos e políticos que se juntam para discussão sobre a Nova Ordem mundial - e o Brasil está em todos, como o G20, G8 e o GBRIC. Nas discussões do painel, foram postuladas três questões muito simples: onde estamos, onde deveríamos estar olhando a sustentabilidade e como fazemos para sair daqui pra lá. São as três questões que estão sendo modeladas hoje no debate internacional e que irão subsidiar as discussões da Rio+20 neste país.

A discussão da Rio+20 é modelada pelo seguinte “guarda-chuva”: o paradigma da sustentabilidade, ou seja, ninguém discutirá o legado da Rio-92, mas sim os caminhos da economia verde, da erradicação da pobreza e das estruturas de governanças, os instrumentos de governabilidade. A discussão pergunta o que isso representa para o Brasil. Falo de economia verde, como ela se traduz para o Brasil, e acredito que é claro: na agricultura, nos biocombustíveis, no acesso à água, tudo aquilo que modela um “casamento”, que é permanente, entre meio ambiente e agricultura. Não se planta sem pessoas e nós não existimos sem agricultura. Uma equação simples, mas que se tem a obrigação de pensar de maneira diferenciada. O Brasil tem hoje cerca de 44 milhões de hectares de áreas degradadas; pergunto então o que se faria para dar uso disso economicamente falando. Ou se vai continuar com a lógica de remover mata nativa, sem os devidos cuidados, com o custo menor, sem adotar os instrumentos de planejamento necessários e tendo uma externalidade negativa nos próximos 20 anos? No relatório que o grupo das Nações Unidas estava discutindo, viu-se que a África hoje tem 500 milhões de hectares de área degradada, que equivale à área agricultável da Europa e da América do Norte, de 1960 até hoje. Houve perda de solo. Se for calculado o custo de recuperação, colocando isso como ativo no mercado, e uma população crescen-

te, que vai chegar a nove bilhões e que deverão ser alimentadas. E o Brasil é estratégico para isso. A questão do stress hídrico é um debate essencial que está colocado nas agendas, que nem são ambientais, mas econômicas.

O Fórum de Davos o discutiu como um dos temas que precisa ser abordado, mesmo além do assunto da reunião, e sim nos bastidores dos acordos. O que realmente é preciso é recolocar o debate sobre agricultura e meio ambiente no país. Acho a Rio+20 uma excepcional oportunidade para o Brasil pós Rio+20 definir uma nova agenda ambiental, em todos os segmentos. Não existe mais a agenda de 30 anos atrás, embora muito ainda não tenha sido resolvido.

É inaceitável que o Brasil tenha essa quantidade de áreas protegidas sem uso econômico, social e científico na magnitude que poderia ter hoje. Quero dizer, evoluir e criar mais unidades de conservação é algo estratégico para o país, porque se está protegendo ativos da biodiversidade, mas é preciso fazer uso dessa biodiversidade. Essa discussão no Brasil é muito conservadora, nem na época do almirante

---

“Olhando do ponto de vista econômico, com 9.3 bilhões de pessoas em 2050, o Brasil lidará com um aumento de 70% na demanda de alimentos e aumento de 50% de investimento na área agrícola.”

---

Ibsen com o dr. Paulo foi tão conservadora como é hoje. Quando comecei minha carreira, era muito mais contemporâneo, havia a concepção de uso da natureza mais contemporânea do que há hoje em alguns segmentos no Brasil - e a sociedade tem que reagir frente a isso.

Enquanto Nações Unidas, trabalhamos sobre cenários com números muito expressivos: até 2050, a população chegará aos nove bilhões; haverá um aumento de 69% da demanda da agricultura no planeta; as emissões de CO<sup>2</sup>, mantendo-se o mesmo cenário de hoje, aumentarão 108%. São números da FAO. E, para se reduzir em 10% a fome, não se solucionará o problema, mas se reduz 9% a cobertura de floresta do planeta. Olhando do ponto de vista econômico, com 9.3 bilhões de pessoas em 2050, o Brasil lidará com um aumento de 70% na demanda de alimentos e aumento de 50% de investimento na área agrícola para 2050. Quem gosta de números e papéis começa a perceber então que o meio ambiente pode ser uma oportunidade para ganhar mais dinheiro e manter-se no negócio e não ser uma restrição, como colocada hoje. Numa agenda ambiental de um país como o Brasil, que tem pela frente um desafio monumental na segurança

alimentar, é um desafio monumental saber usar os seus ativos ambientais e traduzi-los em riqueza e sustentabilidade. Hoje eles são colocados como zero ou como negativo, pois não custam nada e é mais barato matar ilegalmente. Eu aposto nos mecanismos de regulação do estado, mas não nos instrumentos econômicos de políticas públicas que não dariam competitividade.

A lógica que está à nossa volta hoje pode ser ruim para os produtores, mas também é ruim para o governo, posso assegurar. Porque o país poderia estar em outro patamar de proteção da biodiversidade, de conservação dos recursos hídricos, de uso do solo. Tenho absoluta segurança disso. Os 30 anos de política ambiental do país mostram que se fez muito, mas poderia estar fazendo muito mais com esse patamar de riqueza que está protegida. Na minha opinião, existe uma linha equivocada de debate no Brasil que cria uma vilania sobre quem produz alimentos e sobre quem protege o meio ambiente - o que é de uma tolice absoluta, um desserviço para os dois lados. É o contrário, há oportunidades. Não se trata de pensar novos conceitos, trata-se de pensar em oportunidades expressivas para se mudar o patamar de ação em termos de políticas públicas e de políticas privadas.

### **Práticas agrícolas: fator de competitividade**

É preciso diminuir o grau de desconfiança entre as partes, pois houve um estresse político entre elas. Esse estresse político é tão acentuado que se resgatou coisas que estavam superadas: conversei com o ministro Henrique Brandão Cavalcanti e voltamos a 1973, quando eu tinha 11 anos. Ele me contou os detalhes da criação da Sema e, nem naquela época, foi abordado o desenvolvimento a qualquer custo, não havia obras digamos “fundamentalistas” como se lê hoje em relação ao falso antagonismo entre meio ambiente e desenvolvimento. Meio ambiente condiciona desenvolvimento e é uma oportunidade, o Brasil deve ser o campeão em proteção ambiental e em práticas agrícolas que incluam a questão ambiental como fator de competitividade. O país não precisa ter certificadoras internacionais dizendo o que fazer na agricultura brasileira, é preciso desenvolver a capacidade nacional e colocar esses critérios lá fora, exatamente o oposto.

Não tenho nada contra os estrangeiros, só acho que o Brasil tem uma larga experiência interna que não é traduzida em competitividade. É preciso estabelecer também o que o Brasil entende como barreiras não tarifárias, do ponto de vista ambiental, e não o que outros países queiram estabelecer para nós. Um país que vai ser a quinta ou a quarta

---

“É preciso diminuir o grau de desconfiança entre as partes, pois houve um estresse político entre elas. Esse estresse político é tão acentuado que se resgatou coisas que estavam superadas.”

---

economia do mundo não pode ficar refém de um quadro do passado. O país G1 de meio ambiente não pode perder a oportunidade de oferecer um novo patamar de desenvolvimento para essa sociedade com inclusão ambiental, ou seja, respeitando e trazendo o meio ambiente como um ativo dessa estratégia de desenvolvimento sustentável. E não com uma visão preconceituosa, uma visão que chega *ex-post*, “depois resolvemos isso”. Não. Permitir uma politização pobre da agenda ambiental é uma mediocridade que não cabe no país, no povo brasileiro, na envergadura do agronegócio que é sério. Desculpe a expressão, mas cabe no picareta e isso é inaceitável.

Na realidade temos um dever como brasileiros, como ministros, ex-ministros, pessoas do setor privado, de pensar num novo patamar de desenvolvimento em termos de agricultura brasileira, de baixo carbono, o que é preciso evoluir com sustentabilidade. Mostrar ao mundo e aos mercados como o país anda. Não preciso que um presidente de um determinado país em crise use a questão ambiental para deixar de comprar a carne brasileira. Não é possível que o Brasil não possa se antecipar e desenhar solidamente políticas que permitam, e até estabeleçam, novos padrões de práticas internacionais.

### **Temas da Rio + 20**

Eu leio os artigos de Roberto Rodrigues e vejo as discussões, que são ensinamentos; é possível fazer. A agricultura de baixo carbono está disponível, o plano setorial está pronto, a Sade me entregou a versão para ser divulgada. Conversei com o ministro da Agricultura, Wagner Rossi, e agora é preciso haver um bom adensamento político em torno da agenda do agribusiness com a questão da agricultura familiar, com a agricultura lato sensu, com a questão ambiental, com a questão da sustentabilidade. A discussão sobre economia verde na Rio+20 trará tais temas no centro do debate. Ainda em junho, recebi representantes da Raízen, sobre biocombustíveis, ect., com a certificação ambiental internacional. Perguntei se, daqui a 10 anos, será possível ter uma certificação

“É preciso ir para a grandeza do desafio do desenvolvimento desse país. É certo que há um caminho a ser construído, mas convido a todos a fazer parte disso”

brasileira? Quem mais produz etanol e biocombustíveis? A certificação internacional deve ser feita apenas com padrões internacionais ou nacionais? Porém isso depende dos setores, não só de mim. Assim, proponho uma “agenda agressiva” no bom sentido da expressão da sustentabilidade. Trabalhar juntos é estratégico para o país. Com Joseph Deiss, das Nações Unidas, discutimos biocombustíveis e o papel estratégico do Brasil sobre isso. É preciso fazer uso de outros instrumentos ou de outras práticas com zoneamento agroecológico da soja. Quais são as culturas estratégicas, como se trabalhar com planejamento, com divisão de médio prazo... Não é na pequenez da política, é na grandeza da política. Essa agenda tem que vir para o centro, para comprar mais papéis, ganhar mais dinheiro e dar ao Brasil mais sustentabilidade na sua produção agrícola. Assim, deixa de ser palavra falar de meio ambiente, caracterizado como fundamentalista, e passa a ser uma agenda estratégica ambiental.

### Brasil daqui a 50 anos

Também é comum para as políticas ambientais lidar com a agricultura brasileira, não se pode sair disso. É papel para um ministro de estado ter políticas ambientais que possam promover a sustentabilidade da agricultura brasileira, e não o oposto. É errado pensar assim, a ideia é discutir em outro patamar. Não pela conferência Rio+20 em si, que será ótima, com diversas declarações sobre metas de desenvolvimento sustentável, haverá pactos... Mas o interessante é o processo de adensamento até a conferência, é uma excepcional oportunidade para trabalhar um novo Brasil e não perder a oportunidade para os próximos 50 anos. Que seja alinhado com as metas de desenvolvimento sustentável, observando quais são as políticas públicas estratégicas que têm a ver com o PIB, com a geração de riqueza, com a inclusão social, com o desenvolvimento sustentável, desenvolvimento tecnológico e colocar o país como de fato um país importante economicamente do ponto de vista emergente, líder nos novos arranjos políticos do planeta nos quais a questão ambiental seja central. A frase do secretário Ban Ki-moon é que em 2012

o evento principal das Nações Unidas é a Rio+20 e desenvolvimento sustentável é o tema central das Nações Unidas desse século. A chance está conosco.

Falei com o governador do Rio de Janeiro Sérgio Cabral, na cerimônia de posse da presidente, que preparasse o feijão preto e a caipirinha, pois estávamos chegando. Só que feijão e caipirinha dependem da agricultura. Assim, acho bom que se façam novas alianças, independentemente do processo que hoje passa no Código Florestal. Acho que haverá um bom debate no Senado por tudo que se configura. Os parlamentares irão corrigir, aperfeiçoar e fazer com que tenhamos uma lei com segurança jurídica que dê os sinais não só de regularização do uso do solo, mas também os sinais desse novo caminho, em que o Brasil integre meio ambiente e agricultura de maneira imperceptível e inovadora. Não só na agricultura familiar, mas o agronegócio tem uma responsabilidade ímpar de mostrar esse novo patamar. Há chances absolutas de se fazer um bom dever de casa, e essa é a disposição do Ministério do Meio Ambiente. Queremos realmente uma racionalidade, buscando com alguma “ecoansiedade” essa nova agenda. O ex-ministro Roberto Rodrigues tem me ajudado muito a pensar mais de uma maneira diferenciada sobre a progressão do agronegócio e a questão do desafio da agricultura brasileira, sem pequenez na política.

É preciso ir para a grandeza do desafio do desenvolvimento desse país. É certo que há um caminho a ser construído, mas convido a todos a fazer parte disso: almirante Ibsen, embaixador Perri, espero todos na Rio+ 20. Com a experiência do passado do almirante Ibsen, mas que teve uma visão de futuro mais generosa com a questão ambiental e a agricultura. É preciso romper esse preconceito, abandonar essa agenda pequena e não ter vergonha dos ganhos e dos desenvolvimentos que esse país tem. O Brasil não precisa ter vergonha de crescer, de se desenvolver, do que fez em termos de desenvolvimento tecnológico. Também não precisa ter vergonha de reconhecer os seus próprios erros, para reconhecê-los e mudar de patamar. Temos que ter orgulho de ser brasileiros, de ser a sociedade que somos e ter o país que temos.

É a única sociedade do mundo que reúne todos os seis desafios do planeta, um ativo que não se pode desperdiçar e não pode mais uma vez ficar colocado na pequena política. Esse é o convite, desafio ou a inquietação que eu coloco neste Congresso; tenho forte convicção que a SNA deve e será uma excepcional parceira nesse processo. Então vamos juntos. Na Rio+20 haverá o feijão preto orgânico, a caipirinha e o açúcar de Ribeirão Preto. 

# Como alimentar o mundo

**MARCUS VINÍCIUS PRATINI DE MORAES**

Ex-ministro da Agricultura e Conselheiro do Grupo JBS- Friboi

**A**credito que o título dessa palestra ficou um pouco arrogante: “Como alimentar o mundo”. Contudo, vejo todos os dias notícias sobre o que a Europa ou os Estados Unidos fizeram - por que o Brasil não pode ter destaque? O país tem uma baixa autoestima, mas é o maior exportador de carne bovina. Quando falei isso pela primeira vez, em Uberaba, o jornal local me retratou como “otimista demais”. No ano seguinte, o Brasil foi o maior exportador de carne bovina e não faltou 1 kg no mercado brasileiro, que é o nosso grande mercado. É preciso aprender a ousar mais. Dou o exemplo dos chineses: eles não são comunistas. São confucionistas, portanto pragmáticos, enquanto comunismo, Stalinismo, Leninismo, etc. são apenas formas de se assumir o poder.

Quando se administra com competência, o comunismo é impossível, basta ver o tema reforma agrária. Fiz uma lista dos países que a promoveram, e todos hoje são importadores de comida. Para que serve a reforma agrária? Para abrir a porta para o estrangeiro, tanto que estou criando uma fundação para promover a reforma agrária na vizinhança. Seria uma maravilha haver uma reforma agrária na Argentina, pois eles iriam importar leite do Brasil. Lembro também a situação de Cuba, que importa 80% do que consome, e também a Venezuela, que, apesar de tanta propaganda, está importando 75% do que consome. Quero dizer com isso que coisas motivadas por ideologias ou por partidos políticos não funcionam. Aprendi isso quando tinha nove anos, mas também aprendi como se toma decisões no campo político. Meu pai era deputado estadual do Rio Grande do Sul e me levou para conhecer a Assembleia, onde ocorria um grande debate por causa de uma crise de arroz local. Só que o povo gaúcho come arroz e carne, e ambos estavam em crise por causa de uma severa entressafra. O período de pasto queimado havia se estendido e não era possível alimen-



DANIELLE MEDBROS

“O Brasil é o maior produtor atual de tecnologia tropical do mundo, o que tem que ser respeitado”

tar o gado. Com isso os preços do gado e do arroz aumentaram, então a Assembleia do Rio Grande do Sul quis se posicionar. Um economista com ideias sobre negócios virtuais alegou que isso era “problema da lei da oferta e da procura, vamos acabar com essa lei” - e não houve dúvida. Naquele tempo os partidos principais eram PTB e PSD. Meu pai era do PSD, enquanto o PTB era o partido de Getúlio Vargas, de Jango (João Goulart) e de Leonel Brizola. Começaram a reunir assinaturas, que já chegavam a mais de 30 quando Francisco Brochado da Rocha, que era do PTB e foi primeiro-ministro antes de Tancredo Neves, na época de Jango, presidente da República, abordou meu pai. Rocha era um homem muito ilustrado, advogado de renome e jurista respeitado. Ele disse para meu pai que não podiam aprovar essa lei, pois o Rio Grande do Sul seria ridicularizado no mundo inteiro. Como se revogaria um princípio econômico fundamental, achando que isso mudaria o preço do arroz? Não mudaria coisa alguma. Então meu pai deu uma ideia: que ambos espalhassem o rumor que a lei era do Getúlio Vargas, pois assim ninguém teria coragem de revogar. E meu pai, Chico Brochado da Rocha e outros do PTB assim o fizeram. O resultado foi que, no momento em que os votantes “descobriam” que era uma lei do Getúlio, logo retiravam suas assinaturas. É por isso que a lei de oferta e procura não foi até hoje eliminada do nosso calendário de legislações, e é assim que funciona a política.

Como alimentar o mundo. Primeiro, acho que o Brasil não vai alimentar o mundo sozinho, é evidente, mas o Brasil é um dos países que menos planta em relação à área que tem. Só que sempre se ouve que o Brasil tem uma floresta para plantar soja e criar gado: isso é mentira, porque é impossível criar gado na Floresta Amazônica, como também não se pode plantar soja. A Floresta Amazônica é uma floresta úmida. Em Manaus, o rio sobe 19

“É preciso operar com prudência, observar números que sejam realmente científicos e não aceitar qualquer voz estrangeira que venha para cá dizendo o que o Brasil deve fazer.”

metro em média, e o porto local é flutuante. Em Parintins, em 2011, o rio subiu 29 metros. Como alguém pode querer criar boi, plantar soja ou milho, ou qualquer outra coisa, num lugar onde o rio sobe 30 metros? Não planta. Planta em regiões altas e geralmente cria gado leiteiro, para abastecer Manaus ou outra cidade grande. O que acontece é que há muitos anos se criou uma confusão entre o que é a Floresta Amazônica e o que é a Amazônia Legal. Quando se inventou a SUDAM, a SUDECO e a SUVALE, alguém propôs juntar a SUVALE com a SUDECO e fazer a “Suvaco”. Eram tantas superintendências que o José Sarney, então governador do Maranhão, juntou-se ao governador de Mato Grosso, de Goiás e de Piauí para pedir ao presidente da república - no tempo de Costa e Silva e no início de Médici - para colocarem os estados deles nas fronteiras da Amazônia Legal, que era para eles receberem também os subsídios da SUDAM. E conseguiram. Metade do Maranhão é classificado como Floresta Amazônica, mas quando se vai lá só há babaçu. Floresta mesmo não tem. E os estrangeiros, muito espertos, depois de levarem dois mil anos queimando o ar, gostariam de transformar o Brasil em uma reserva florestal - e continuam queimando.

### Maiores poluidores do planeta

Isso acontece porque os maiores queimadores e poluidores do planeta são os países que utilizam carvão mineral. E quais são? O primeiro é a Austrália. Todos acham que a Austrália é um paraíso, mas não só é um grande gerador de carvão como é o maior exportador do mundo. Depois deles vêm a China, a Rússia, os Estados Unidos e a Índia, que também têm carvão. Enquanto no Brasil se discute até hoje se as barragens devem ser avaliadas pelo tamanho ou pelo chamado fio d'água, que não levanta muito o nível dos rios. Estamos preocupados com essa questão de geração hidrelétrica sem alagar a Floresta Amazônica, que é o que está se fazendo agora, procurando reduzir esses fatores. Ainda assim os brasileiros são considerados os grandes criminosos. Foi divulgado que cientistas franceses mediram o arrotado do boi brasileiro, porque os bois arrotam metano. E quanto aos 250 mil bovinos e bubalinos

da Índia, aos mais de 100 milhões de cabeças de gado da Europa, os 100 milhões dos Estados Unidos ou os 50-60 milhões da Austrália? É só o boi brasileiro? O problema é que o Brasil não aprendeu a separar pesquisas científicas de dados fornecidos por empresas, que não gostam da concorrência brasileira.

### Brasil: 1º exportador de carne do mundo

O Brasil se tornou o 1º exportador de carne no mundo, então eles não aceitam que o Brasil seja tão competitivo. Não aceitam que a picanha brasileira tome conta da Europa. Já existem mais de 180 churrascarias brasileiras na Europa, mais de 40 só na Alemanha. Carnes como picanha, contra-filé, fraldinha, enfim, é o Brasil tomando conta. Também sei que há mais de mil filiais de diferentes empresas que fazem o conhecido pão de queijo mineiro, uma maravilha. O país está avançando.

Daí se reuniram os países do Bric, que foi uma forma de se criar uma enorme inveja na Argentina, no México. A África do Sul recentemente até conseguiu um espaço, pois era preciso atender à África sob a égide irritante do “politicamente correto”. Não se pode falar contra a ONU. Só que o filme divulgado pelo ex-candidato americano Al Gore traz várias mentiras, exageros e excessos que foram apontados publicamente. Ele teve que pedir desculpas em público, inclusive para a ONU, que foi a patrocinadora do filme.

É preciso operar com prudência, observar números que sejam realmente científicos e não aceitar qualquer voz estrangeira que venha para cá dizendo o que o Brasil deve fazer. Aponto assim o primeiro conceito importante: a Floresta Amazônica, com 550 milhões de hectares, dos quais 350 milhões estão no Brasil e 200 milhões em outros dez países. Ninguém questiona o que as Guianas, o Peru, o Equador, a Colômbia, Bolívia ou a Venezuela fazem com a sua Floresta Amazônica, mas o Brasil é sempre questionado, culpado por tudo. O tamanho da Floresta Amazônica não se restringe àquela região, que envolve todo o estado de Tocantins: a região Amazônica vai até Brasília, mas é semelhante a um deserto de árvores tortas. Isso é um excesso, um abuso que não foi corrigido na época para aumentar a nossa participação na alimentação do mundo. Não é preciso cortar nada da Floresta Amazônica, nem é possível. Todas as tentativas na Floresta Amazônica fracassaram. A primeira que fracassou foi no final da década de 30 e início da década de 40, com Henry Ford, que criou a “Fordlândia”. Lá, resolveram plantar seringueiras a céu aberto. Só que a seringueira é uma planta que tem que nascer e crescer debaixo da sombra das outras árvores! Todas morreram, ele queimou 300 mil hecta-

res e perdeu, naquela época, algumas centenas de milhões de dólares. Hoje seriam bilhões de dólares. Logo depois Daniel Keith Ludwig, com o empresário Augusto Trajano de Azevedo Antunes tiveram a iniciativa de plantar eucalipto no Pará. O que aconteceu? Quebraram. A empresa deles mandou trazer uma fábrica de celulose que veio flutuando do Japão e levou quatro ou cinco meses rebocada para chegar no Pará - e nunca funcionou. Hoje tem um grupo brasileiro que assumiu com outra tecnologia. O que se perdeu de dinheiro... A Volkswagen fez um frigorífico em Rio Dourado. O grupo Ferruze queimou 350 mil hectares perto de Nova Floresta e não deu certo porque trouxe gado da Itália, da raça Chianina. Só que esta raça não se adaptou ao Mato Grosso.

## Tecnologia tropical é vantagem em produtividade

ILUSTRAÇÃO 1

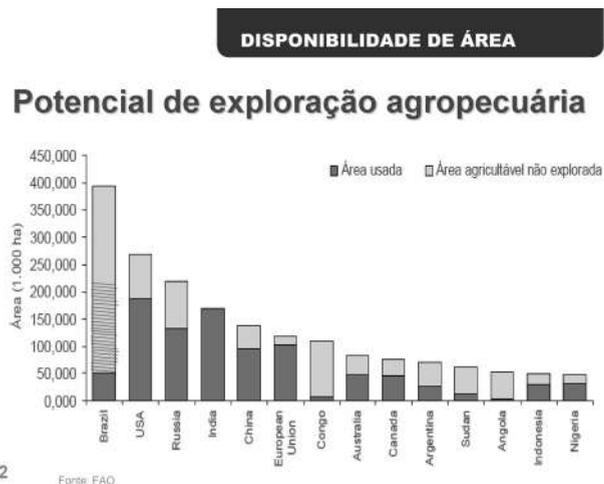


O Brasil é o maior produtor atual de tecnologia tropical do mundo, o que tem que ser respeitado. Se alguém trazer um agrônomo do Canadá, que planta para a metade do tempo o trigo ficar debaixo da neve, não vai dar certo aqui. Apesar de tudo isso o Brasil continua crescendo e avançando. Alguém sabe quanto o país já plantou de seu território com culturas anuais, como indica a Ilustração 1? A Hungria planta em 65%, a Alemanha mais de 50%, e outros países pequenos da Europa que plantam 80% do seu território, sobretudo países do báltico, como a Polônia. Já o Brasil planta 5,8% de seu território em lavouras anuais. Dos países agrícolas, o Brasil é o que menos planta em relação ao seu território. Culturas permanentes, como café e cacau, represen-

tam menos de 2%. As plantações de eucaliptos e acácias para a celulose chegam a 1,9%, enquanto florestas cultivadas chegam a seis milhões e meio de hectares, com 0,7% em números recentes.

Quanto à cultura de cana-de-açúcar, ela chega a apenas 1%, são quatro milhões e meio de hectares em São Paulo. Tem gente que acha um absurdo, mas não é. Os americanos criaram um sistema de subsídio para o álcool feito de milho. Digo que todo mundo gosta de subsídios, mas o Brasil tem que aprender a brigar, não tem que ter medo. Sempre há interesses atrapalhando, mas às vezes até a OMC funciona, por exemplo, no caso do açúcar contra os europeus, e é preciso fazer o mesmo na questão dos eucaliptos e, nos Estados Unidos, com de laranja. Com relação ao algodão, por exemplo, o país recebe 147 milhões de dólares por ano de compensação, mas agora os EUA não querem mais pagar. Estão “criando caso”, mas é preciso brigar, é preciso “fazer o jogo grande”. O Brasil tem a mania de fazer “joguinho pequeno” e dar grandes lances diplomáticos; prefiro menos lances diplomáticos e mais lances comerciais. Porque hoje o interesse comercial brasileiro no plano internacional é muito grande, e sempre haverá concorrência.

GRÁFICO 1



Observando-se o Gráfico 1, as partes claras do histograma representam a área disponível para plantar de cada país, já as escuras são a área do plantio. É visível que o Brasil tem área, mesmo incluindo-se toda a área reservada - uma parte atualmente já não é usada mais para pecuária - o país ainda tem um volume de mais de 100 milhões de hectares disponíveis. Perto do Brasil só existe o Congo, que tem as mesmas condições que o Brasil, Angola e Sudão. Na China praticamente não

há mais lugar; na Índia não possui mais um milímetro para plantar, pelo contrário, China e Índia estão tendo que desativar plantações para fazer aeroportos, aumentar as cidades, fazer essas enormes usinas para irrigar seus grandes territórios.

### Quem alimenta o mundo?

Então, quais são os países que vão alimentar o mundo? A Europa tem pouca disponibilidade. Quem deverá mesmo aumentar é o Brasil, junto com Congo, a Angola e Sudão, que também irão crescer muito. Por que a agricultura e a pecuária no Brasil são fortes? Porque o país tem os cinco ingredientes: água, solo, terra, tecnologia e capacidade empresarial. Os agricultores e os pecuaristas brasileiros são muito bons, mas vivem num ambiente de dúvidas jurídicas. Porque é difícil prever como se desenrolará a questão de posse de terras, etc.

O Brasil teve uma revolução agrícola com a introdução do plantio na palha, em meados dos anos 80; nos anos 90 houve um grande crescimento, e, com isso, a produtividade aumentou. Em primeiro lugar, para aumentar a produção no Brasil não se aumenta a área plantada, e sim melhora-se a tecnologia, colhendo-se mais por hectare, o que já está sendo feito. Em segundo lugar, será colher e plantar usando menos água e adubo, para não colocar excesso de sais na terra.

“Nos anos 90/91 até 2011, a produção passou de 57 milhões de toneladas numa área de 37 milhões de hectares. Para 2011 são esperados 154 milhões na última estimativa, um recorde absoluto e em 49 milhões de hectares.”

milhões na última estimativa, um recorde absoluto e em 49 milhões de hectares. Ou seja, nesses anos a área plantada cresceu 30% enquanto a produção quase triplicou, 179%. Não é ético alguém assumir um ministério e criticar seu antecessor; a agricultura e a pecuária não têm partido político. É preciso unir o governo federal, o estadual, o município, o setor privado e o cooperativismo para um trabalho conjunto. Acho até que tem funcionado, apesar das dificuldades, porque o Brasil tem hoje segurança alimentar, por exemplo, o país pode exportar dois milhões de toneladas de carne sem que haja desabastecimento interno nem aumento exorbitante de preços. O que quer dizer esse quadro? Quer dizer que, no Brasil, o grande motor do crescimento da produção é a produtividade. Contudo, o desafio agora é continuar crescendo gastando menos água, ela tem que ser utilizada com inteligência. Saber que o Brasil tem grande abundância não quer dizer que se deva desperdiçar.

GRÁFICO 2



O Gráfico 2 apresenta duas curvas: a superior se refere à produção, e a inferior é a área plantada. Se analisarmos os anos 90/91 até 2011, a produção passou de 57 milhões de toneladas numa área de 37 milhões de hectares. Para 2011 são esperados 154

### Água mineral da Europa: absurdo

Acho um absurdo os brasileiros trazerem água mineral da Europa em garrafa de vidro - é um desastre ambiental. No entanto, quando vou a qualquer restaurante mais refinado em São Paulo ou no Rio de Janeiro e falo que quero água mineral com gás, o garçom já pergunta se quero San Pellegrino ou Perrier. Só que não tomo água mineral que não seja brasileira! Além disso, do ponto de vista ambiental, isso é um crime. Nós temos que ser um pouco mais nacionalistas. Duvido que um francês gostasse de saber que a carne de seu restaurante era brasileira: logo ele colocaria uma trava à importação, porque ele defenderia seu negócio. Acho que os brasileiros vão assistir ao crescimento da produção brasileira e do mundo inteiro pelas experiências de novas tecnologias, inclusive os geneticamente modificados, que estão possibilitando grandes avanços de produtividade. Por exemplo, um grande avanço será o arroz com mais proteína, que será a salvação da comida na Índia, no Camboja, de países muito pobres, que poderão comer arroz com mais proteína. Uma das soluções ofe-

recidas pelos geneticamente modificados e que foram objetos de críticas terríveis. Fui até processado porque defendia os geneticamente modificados, mas o Supremo mandou arquivar. Porque a tecnologia tinha que se desenvolver, sobretudo na soja.

GRÁFICO 3



O Gráfico 3 é apenas uma demonstração de como a soja cresceu, e muito, apesar de todo crescimento que teve no final do século passado: nos últimos 10 anos, ainda cresceu quase 13%.

### O perigo de mercados concentrados

Outro tópico que quero discutir: a pecuária é muito antiga, e é uma tragédia. Dizem que “o país que tem pecuária é atrasado”, mas darei uma sugestão: quem achar isso, que visite Uberaba e algumas das instalações de genética animal que lá existem. Elas são impressionantes, as melhores do mundo. Antigamente se falava que a inseminação artificial era um pecado, até ouvi isso de um padre. Só que gado é um animal, não é um ser humano. Naquela cidade agora se trabalha com sexagem de embriões. A vantagem disso é que a vaca pare um bezerro por ano, mas gera 10, 12, 20 embriões, variando dependendo do animal. Supondo que sejam 15, são 15 animais que multiplicam por 15 a velocidade de melhoria genética de certa linha. Por isso está havendo essa revolução.

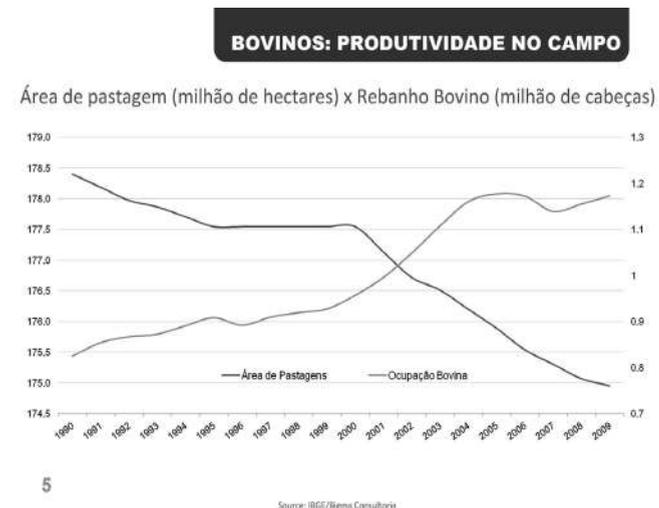
Há poucos anos, os frigoríficos abatiam apenas animais com quatro anos de idade ou mais; hoje o comum é abater com 20, 22, 24 meses e com o mesmo peso de quatro anos. Isso acontece pois agora se usa menos terra para a pecuária. O Gráfico 4 mostra a relação animais por hectare, e observa-se que a área da pecuária brasileira está diminuindo. Em 1990, era entre 178 e 200 milhões de hectares, mas atualmente tem 175 milhões de hectares, representando quase

15 milhões de hectares que passaram para culturas.

### O “boi verde”

A ocupação bovina, que era menos de 0,8 animais por hectares, hoje está em 1,2, quase 1,3. O motivo é que ainda se mantém o boi no capim, o “boi verde”. Porém, nos próximos anos, à medida que o preço da terra for subindo, será feita a integração pecuária com agricultura, deixando os animais durante seis meses em um acampamento comendo forragem, milho, cana e, sobretudo, farelo de soja e milho. Com isso, se ocupará menos terra, com um custo competitivo, pois não é possível subsidiar a terra que é usada na pecuária. O mercado vai se encarregar disso, a não ser que algum “congresso maluco” revogue a lei da oferta e da procura. Digo que a produtividade não se limita à soja, milho e algodão, mas também à área da pecuária, que, com maior lentidão, vai acompanhar o aumento do preço da terra, que está começando a ser usada em São Paulo com cana, em outros estados com algodão, soja, milho, sorgo, etc.

GRÁFICO 4



Gostaria de falar também sobre o problema da estratégia brasileira da soja em grão. O Brasil é hoje o segundo maior exportador e, em alguns anos, será o primeiro, mas 64,6% vão para a China. Não gosto de ver um produto brasileiro ter 64% do seu mercado com apenas um país. Lembro-me da indústria de calçados que começou a vender para os Estados Unidos, na década de 70: num momento, 80% da produção ia para lá. Só que os americanos fecharam o mercado e foram demitidas 200 mil pessoas só no Vale dos Silos, no Rio Grande do Sul. Isso me leva sempre à ideia que é preciso trabalhar mais, com estratégia, pesquisa e uma melhor análise dos mercados brasileiros do ponto de vista global. Eles importam para criar porcos e frangos,

que são máquinas de transformar proteína vegetal em proteína animal. Só que o Brasil os está ajudando a fazer essa transformação, e é preciso repensar isso.

O caso da soja não chega a ser tão grave, porque a soja tem na Argentina, nos Estados Unidos e outros como grandes fornecedores. Mas é preciso um risco, porque um navio para chegar à China leva 45 dias; se houver um problema maior do que há no Oriente Médio, o que o Brasil fará? O país nem tem onde guardar essa soja, até porque uma parte está armazenada nos porões dos navios.

Como revela o Gráfico 7, o Brasil não manda apenas proteína vegetal para criar frangos ou porcos. Os grandes mercados para a proteína animal brasileira são a Arábia Saudita e o Japão, com 15,7% cada, mas o Brasil vende frangos para o mundo inteiro, como também para Hong Kong, Venezuela, Kuwait, Rússia e China também fazem uma boa distribuição.

GRÁFICO 5

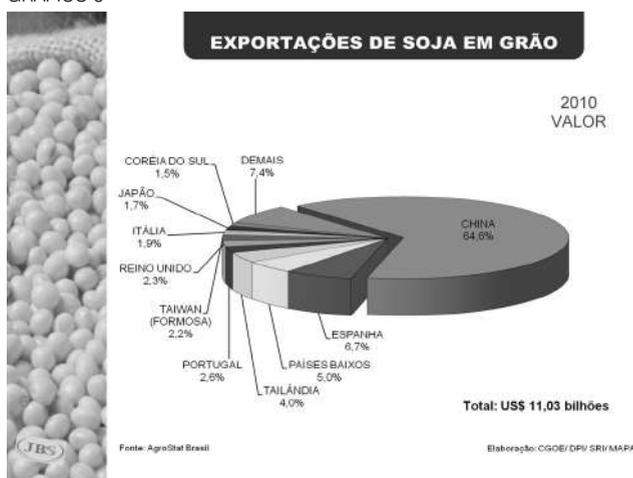
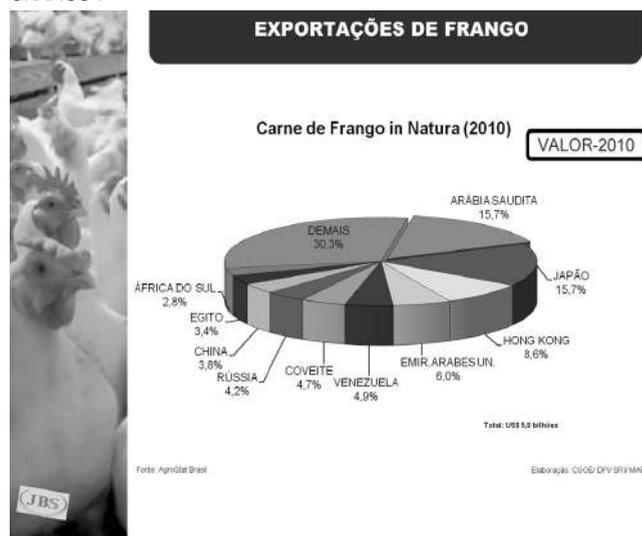


GRÁFICO 7



Outro produto que cito é o milho, mas já há diferenças. Como apresenta o Gráfico 6, o Brasil vende sobretudo para o Irã, Taiwan, Marrocos, Malásia, Arábia Saudita, etc., para a criação de frangos. Esses países também produzem para os seus mercados, então não há uma concentração muito grande, não é um produto arriscado. Além disso, o milho normalmente passa por importantes oscilações de produção, fazendo a disponibilidade para exportar um pouco mais limitada.

### Mais inteligência comercial e econômica

Relativamente, o Brasil exporta pouca carne de porco, mas já perfaz mais de um bilhão de dólares de receita: 52,6% vêm da Rússia e 8,6% vêm da Ucrânia. São quase 62% para dois países, um ao lado do outro, um perigo apresentado pelo Gráfico 8. Os russos recentemente tomaram uma decisão em relação às dificuldades que estão tendo em “acertar os números” e entrarem na Organização Mundial do Comércio. No meio disso estão Santa Catarina, Paraná e uma parte do Rio Grande do Sul sem condições de operar. Frangos são abatidos em 40-54 dias e porcos 90-120 dias, dependendo do tipo. Até se pode parar a produção, mas o que fazer com a produção dos próximos 40 dias? Coloca-se no mercado interno a preços baixos? É complicado. É preciso mudar essa dependência do mercado russo para suínos, é preciso um pouco mais de inteligência comercial e econômica para descobrir uma solução para os suínos.

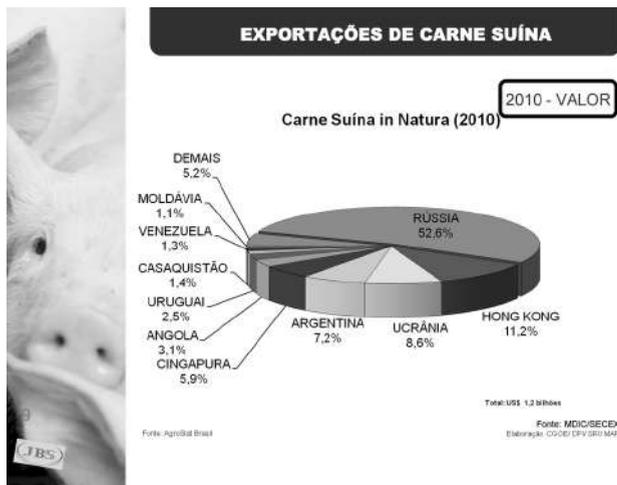
O Brasil tem que negociar a abertura do mercado japonês, que é o maior importador de suínos do mundo, com importações próximas a um milhão de toneladas. Os coreanos e a União Europeia também, mas a última cria porcos com subsídios. Será preciso lutar muito para abrir

GRÁFICO 6



o mercado da União Europeia e do Japão, que não compra suínos do Brasil porque argumenta que os animais são portadores do vírus da aftosa. Ele não contrai a doença, mas é portador, um vetor de transferência. Só que onde foram os últimos casos de aftosa? Japão, Coreia e União Europeia! Isso se chama protecionismo sanitário, o uso abusivo e indevido de normas sanitárias para evitar o ingresso de um país naquele mercado.

GRÁFICO 8



Quando à carne bovina, o Gráfico 9 traz novamente a Rússia com uma grande parcela, mas também o Irã é um dos grandes importadores do Brasil. Já o Gráfico 10 se refere à União Europeia, tradicionalmente o maior mercado brasileiro para carne bovina. O Brasil vendeu 314.260 toneladas em 2006, com uma receita de US\$ 1.159.720. Em 2010, diminuiu para 44.392 toneladas, ou seja, 75%. Em 2011, por exemplo, o país exportou até agora 14.698 toneladas de carne bovina, mas já se vendeu 300 mil toneladas em um ano para a Europa, isso porque ela também criou mais dificuldades. A Europa não queria a carne brasileira por causa da febre aftosa, mas daí lá apareceu a doença da “vaca louca”! Na Europa, quando o mercado está bom, eles faturam, mas quando algo está complicado eles culpam o vizinho - e continuam sem querer comprar a carne bovina brasileira. Entretanto, o boi brasileiro é criado no pasto, o verdadeiro boi orgânico.

**É preocupante o estado sanitário da Europa**

Considero o estado sanitário atual da Europa muito preocupante. Para quem come salmão chileno, saiba que ele é cinza. Para ter aquela cor rosa de salmão, ele precisa usar um corante. Só que ele não se fixa, então é preciso aplicar um fixador - que é o mesmo do perfume e é altamente cancerígeno. Os americanos já proibiram várias vezes a importação de salmão chileno porque descobriram isso, mas no Brasil está se deixando passar. É preciso

“O país é humilde, mas não pode aguentar desaforo, é preciso trabalhar profissionalmente no nível comercial e institucional, defendendo os mercados brasileiros no exterior.”

fazer o que já foi feito no passado: em certo momento, o Chile proibiu a importação de carne de frango e carne bovina; no dia seguinte eu proibi a importação de vinho e de salmão, mandei parar na fronteira. No dia seguinte, o presidente do Chile me ligou reclamando, pois comércio é “toma lá, dá cá”. O Brasil não pode prosseguir sendo “bonzinho”, deve ser arrogante e pretencioso como alguns de nossos vizinhos o são. O país é humilde, mas não pode aguentar desaforo, é preciso trabalhar profissionalmente no nível comercial e institucional, defendendo os mercados brasileiros no exterior.

GRÁFICO 9

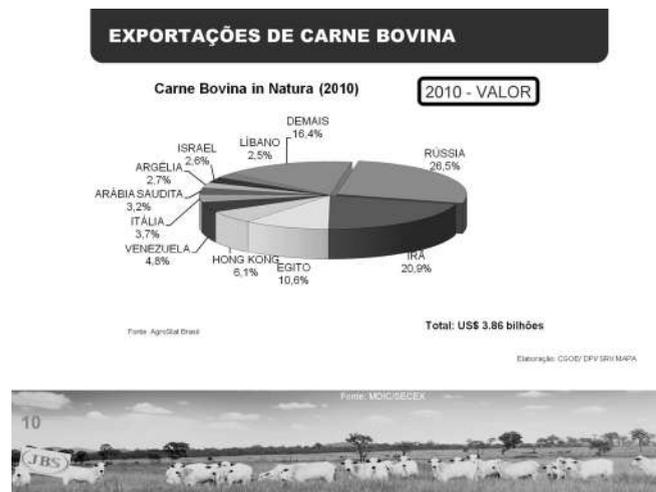
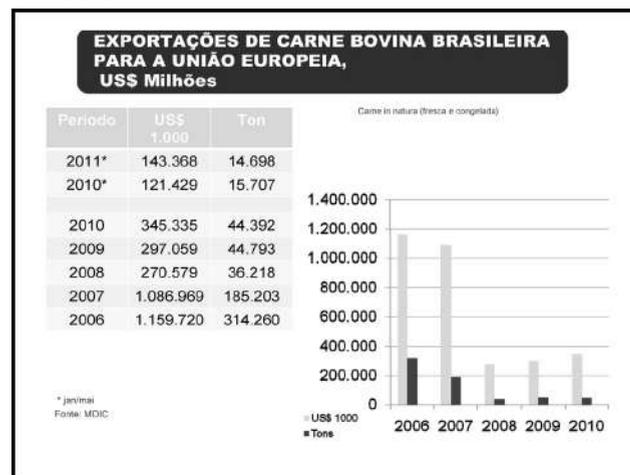


GRÁFICO 10



“O Brasil já vende calçados que, antes, só França e a Itália forneciam. O país está aprendendo design, controle de qualidade e atendimento ao comprador...”

Quanto aos desafios globais mencionados na Ilustração 2, aponto o primeiro que considero importante: a segurança jurídica. O agronegócio brasileiro ficou muito grande para viver no nível de insegurança que nós está hoje. O INCRA não fornece a documentação da pessoa que foi assentada, que recebeu terras legalmente, pois os estados não estão preparados. A Secretaria de Meio Ambiente com muita frequência concede a documentação, como o CRA e outros documentos. É complicado.

E, além dessa confusão, lança-se mais confusão, como, por exemplo, a discussão do Código Florestal. Há quem diga que não é perfeito, mas é muito melhor oferecer um parâmetro, como propõe o deputado Aldo Rebelo, do que ter dúvidas. Por exemplo: tenho um tio que herdou terras do meu bisavô e está sendo procurado, em Bagé, porque o IBAMA questionou algo na fronteira como Uruguai. Só que ele já morreu e obviamente não sabe que tem que recompor. Mas qual área? É a pessoa que deve saber? Vejo como uma vingança pessoal ou o desejo de se tomar dinheiro, o país não pode continuar trabalhando desse jeito.

### Infraestrutura beneficiada por parcerias

Outro problema é marketing e logística, relembro o caso da água mineral. No Brasil se toma água mineral francesa. Recentemente, fui a um restaurante em SP que ofereceu uma água mineral alemã chamada Apollinaris, de Berlim. Quando estudei lá, tomava água Apollinaris todo dia. Só que o subsolo de Berlim há alguns milhões de cadáveres e não se podia fazer poço artesiano, era proibido. Porém, hoje parece que tudo está decomposto e limpo, só que na época de meus estudos havia um grande cuidado, pois não só havia mortos como bombas e minas. A questão dos alimentos tinha um rígido controle em Brandenburg, por causa do volume de bombardeio, mortes, etc. Então, por qual a razão alguém em São Paulo ou Porto Alegre tomaria água mineral alemã? Só tem uma: marketing. Outro exemplo: fui a Paris para conversar com Bernard Arnault, presidente e maior acionista da Louis Vuitton e que, havia pouco tempo, comprado a Bulgari, na Itália. A primei-

ra lição é vender caro. Para agradar certos públicos, é preciso oferecer produtos caros.

O Brasil ainda não aprendeu a agregar o valor da qualidade, do luxo e do controle de qualidade, que são fundamentais e é preciso agregá-los. O país fica satisfeito porque vende carne de porco, soja, pão de queijo e cachaças artesanais em Minas Gerais. O Brasil já vende calçados que, antes, só França e a Itália forneciam. O país está aprendendo design, controle de qualidade e atendimento ao comprador, que é o segredo do Arnault. Até isso está ficando concentrado, porque marketing é a grande luta do mundo moderno.

ILUSTRAÇÃO 2



- ✓ SEGURANÇA JURÍDICA
- ✓ MARKETING E LOGÍSTICA
- ✓ MEIO AMBIENTE
- ✓ PRODUTIVIDADE / TECNOLOGIA
- ✓ PROTECIONISMO:
  - ✓ TARIFAS E COTAS
  - ✓ SANITÁRIO
  - ✓ AMBIENTAL
- ✓ CÂMBIO E COMPETITIVIDADE

Menciono também infraestrutura e transportes. Por que ainda não se fez uma ferrovia cruzando os Andes para chegar a um porto chileno? Porque não há carga, ninguém constrói uma ferrovia ou uma estrada se não houver carga. Então acho que o problema brasileiro está muito atrasado na área ferroviária. O país constrói estradas à medida que tem carga, pois quem vai fazer uma estrada que custa uma fortuna para começar transportando “meia dúzia” de caminhões de alface ou couve para o Rio de Janeiro ou São Paulo? É preciso ter paciência, pois o que está faltando é fazer funcionar melhor os mecanismos de parcerias entre governo, estado, município e setor privado.

Os americanos fizeram um sistema muito simples: a infraestrutura americana foi uma grande medida financiada pela isenção do imposto de renda sobre os financiamentos tomados pelas prefeituras, que emitiam bônus. No Brasil se paga 27,5%, dependendo do caso, mas nos EUA o bônus muni-

cipal não paga imposto de renda. Com isso ficou relativamente barato para os municípios se endividarem em bônus, também financiando a infraestrutura de boa parte dos estados. Isso só foi feito pelo governo federal em momentos de crise, como na década de 30, e, mais recentemente, com o presidente Johnson, na ampliação das estradas que ligam os estados.

### Meio ambiente: outro desafio

O terceiro desafio é meio ambiente. A ministra Izabella, que é uma pessoa muito competente, mencionou que não se pode permitir que os estrangeiros venham para o Brasil querendo ensinar aos brasileiros. Acho isso muito ruim. Na década de 70 alguns padres belgas foram presos em Santarém; recebi então uma carta de um amigo na Bélgica para que eu intercedesse junto ao governo brasileiro, porque eles eram parentes dele e também porque a condição de uma cadeia na Amazônia não deveria ser das melhores. Concordei e falei com o presidente da república, que enviou um oficial do SNI para me dar explicações: o caso é que haviam sido descobertas reservas de alumínio na região de Trombetas e enormes reservas de minério de ferro na região de Carajás - e os tais “padres” foram lá disfarçados para tirar fotos! E é conhecido o episódio dos belgas fizeram no Congo Belga, em matéria de cobre. Ninguém controlava pois ninguém morava lá. Uma das coisas que acho justo ter uma avaliação foi o esforço para se ocupar a Amazônia na década de 70, mas que foi feito de maneira desordenada. Sabe-se que gente do mundo inteiro fotografou o subsolo brasileiro. Há 40 anos já tinha sido feito um levantamento de toda a Floresta Amazônica e do Golfo do México na perseguição a contrabandistas de drogas. Montaram inclusive um sistema de vigília no Golfo do México e chegaram a abater alguns aviões. Como os traficantes não poderiam mais ir para a América Central, México, Texas ou até Miami, começaram a vir para o Brasil. Chegou assim um momento, em 1971, em que havia 5.200 pistas de pouso na Floresta Amazônica nas quais os aviões da droga eram reabastecidos, mas não havia um brasileiro lá. Mesmo assim, as pistas dos aviões foram fotografadas. Hoje fotografam melhor ainda, porque se ultrapassa com facilidade as nuvens. De repente o governo brasileiro recebe um relatório com esta revelação, além do reabastecimento dos aviões por meio de barcos. Foi isso que provocou aquela tentativa de ocupação desarrumada. Lembro até que se tentou fazer uma usina de açúcar na Amazônia, mas não deu certo. Contudo, aos poucos se desenvolveram tecnologias de aproveitamento sustentável na Amazônia, com pupunha, etc., e que deram certo. É preciso

investir muito mais na questão do meio ambiente, em vez do Brasil levar “puxão de orelhas”, por exemplo, dos suecos e dos dinamarqueses, que dizem que nunca poluíram nada. Não se pode aceitar que esse tipo de gente ensine algo aos brasileiros. Ando irritado, pois nós não temos acesso a certas coisas, o povo brasileiro não está adotando uma política rigorosa de defesa dos seus interesses.

### Protecionismo com ordenamento

Para concluir, falo rapidamente sobre protecionismo, mas com um ordenamento: há o protecionismo tradicional de tarifas e cotas. O boi brasileiro come capim e não transmite a doença da “vaca louca”, mas a opinião pública foi manipulada. E agora há o protecionismo ambiental: “eu não compro aquela bolsa porque foi feita com couro brasileiro, que foi produzido na Floresta Amazônica”. Quem produz couro de qualidade na Floresta Amazônica? É no nordeste que isso acontece por causa do clima seco. Os melhores couros brasileiros saem da Paraíba, Rio Grande do Norte, etc. Depois, finalmente vem a questão de câmbio e competitividade.

O câmbio está abaixo de dois reais por um dólar, o que é um fator altamente redutor da competitividade brasileira. O país não vai conseguir aumentar sua exportação, a não ser do que é mais competitivo, que são as matérias-primas agrícolas e minerais. Não se consegue competir com a China, Coreia do Sul e nem com a Argentina, com um a 4 por 1. Sei que o Brasil perdeu a oportunidade em 2008 de tomar providências para evitar o que está acontecendo, também sei que esse volume enorme de reservas custa muito dinheiro. Atualmente, o país tem um pouco mais de 300 bilhões de dólares. Para comprá-los, foram emitidos títulos a 12,25%, o Brasil comprou dólares e os aplicou. De quanto foram os juros para aplicar 100 milhões de dólares? 0,5% ao ano. Quer dizer, o país paga 12 e recebe 25, mas quem paga a diferença são os habitantes - então acho que isso não pode durar muito tempo. Acho que o Banco Central tem tido uma gestão profissional que tem feito pouca pressão de conteúdo político, o que causará um problema complicado, porque o país começa a importar e reimportar para os Estados Unidos. Muitas empresas industriais estão se transformando em empresas importadoras, sobretudo as da Coreia. Vou dar um exemplo para encerrar: se eu quiser passar um fim-de-semana jogando golfe, a alternativa seria ir para Porto de Galinhas. Só que é mais caro ficar em Porto de Galinhas do que em Miami! Então alguma coisa está errada, porque pequenas oscilações são às vezes movimentos especulativos. Será preciso fazer um sacrifício para consertar isso. 

# Brasil, mudando a geopolítica global

## MINISTRO ROBERTO RODRIGUES

Ex-ministro da Agricultura, Coordenador do Centro de Agronegócios da Fundação Getúlio Vargas- FGV

Agradecendo mais uma vez ao presidente da SNA Antonio Alvarenga pela oportunidade de comparecer, fico muito feliz por ter sido anunciado como atual coordenador da FGV e da FIESP em vez de “ex”-ministro, “ex”-secretário.

Gostaria de transformar minha palestra em uma espécie de resposta a alguns temas que a ministra Izabella Mônica Teixeira colocou. Em junho de 2011, participei da premiação Destaques A Lavoura, que a SNA entrega anualmente a líderes rurais, e fiz um pequeno improviso na linha de raciocínio da palestra da ministra. Avançarei na direção do que ela apontou, quando disse que o papel do Brasil no continente, no bloco, no Mercosul, é essencial. Eu concordo, mas acho complicado, e farei uma leve brincadeira para explicar. O governo da Argentina impede a entrada de produtos agrícolas e industriais do Brasil; é um povo muito complicado, que acredita que Maradona é melhor que Pelé. A partir disso, fico preocupado com essa temática preconceituosa, e muitas vezes idiossincrática, que existe entre Brasil e Argentina por questões culturais inadmissíveis.

O Brasil e a Argentina já fizeram coisas notáveis, então não é possível continue essa briga. Os dois países juntos representam 64% da América do Sul, territorialmente e populacionalmente, também em termos de PIB, sem falar que já produziram mais soja do que os americanos. Se os dois se juntassem, formariam realmente um bloco fantástico. Contudo, o que acontece? Ambos vão brigar na bolsa de Chicago um contra o outro.

Outro exemplo é pintor baiano Carybé, o maior de todos os tempos, que teria feito 100 anos em junho de 2011. Só que ele nasceu na Argentina, foi para a Itália, passou pelo Rio de Ja-

neiro, onde fez curso de Belas Artes e, em 1950, foi para a Bahia, acabou naturalizando-se brasileiro e morreu em um terreiro de candomblé. Era argentino e teve uma influência fantástica na cultura brasileira!

Também menciono Alfredo Pereira, conhecido como Le Pera, que era brasileiro e foi o maior parceiro de Carlos Gardel. Le Pera interferiu na cultura da Argentina e o Carybé, que era argentino, na cultura brasileira. Por que eu vou brigar com eles? Em vez de Pelé e Maradona trabalharei na direção de Carybé e Le Pera, na direção da cultura dos países. A ministra Izabella tem razão quando afirma que o Brasil tem um papel a jogar, mas é preciso que haja nos dois lados essa boa vontade.

Sou membro de nove conselhos acadêmicos globais ligados à agricultura, passo o tempo todo fora do Brasil. Em breve irei à Espanha e para Roma para tentar eleger José Graziano como diretor da FAO. Essas viagens e conversas, de cunho acadêmico, têm me dado um sentimento, talvez um pouco desagradável, de que não existe liderança global consistente. O presidente americano Barack Obama poderia ser uma esperança, mas o fracasso econômico dos EUA está tirando seu poder; na Europa não há líder algum que tenha uma consistência adequada, nem Sarkozy, nem outros; o Japão muda seu primeiro-ministro a cada seis meses. China e Índia, que são países monumentais, têm problemas internos tão grandes que lhes fica impossível “olhar pra fora”, para o resto do mundo. Enfim, não existe uma liderança global, e, talvez, ela nem possa existir. Porque, de líderes, pode-se gostar ou não: líderes como Stalin, Hitler, Churchill e Kennedy, que tinham uma visão nacionalista ou imperialista, não cabem mais na economia globalizada. Para que haja um líder é necessário



“O Brasil liderará o único projeto planetário que faz sentido no século XXI: o projeto da Economia Verde”

que haja um projeto global com um líder global - e é muito provável que não exista a possibilidade de uma pessoa ou um grupo de pessoas empalmarem essa questão da liderança. Mesmo assim, o que seria um projeto atual considerado de interesse planetário?

### Sustentabilidade e economia verde

A ministra mencionou a economia verde. Quais são os temas centrais? Segurança alimentar, segurança energética e preservação dos recursos naturais são três temas que têm que estar intercalados. Isso é sustentabilidade, mas é basicamente economia verde. O Brasil já fez a sua lição de casa, não precisa provar nada a ninguém nem construir uma promessa, pois isso já foi feito. Lembro que a OCDE e a FAO fizeram um estudo muito recente mostrando que, nos próximos 10 anos, a oferta de alimentos tem que crescer 20% no mundo - mas para que isso aconteça o Brasil tem que crescer 40%. É um número que não é “choro” ou desejo brasileiro, é uma expectativa colocada no país pelo planeta. Em palavras muito singelas: para que o mundo cresça 20%, o Brasil precisa crescer 40%. É um “baita” desafio! Não é uma questão trivial, e sim central, mais do que isso. A Inglaterra acaba de publicar um artigo, feito por 350 cientistas de 40 países durante dois anos, considerando 20 anos de prazo e não dez anos como a OCDE fez. Nesses 20 anos, de acordo com o governo inglês, a oferta mundial de alimentos tem que crescer 40%, o que se alinha ao que a FAO fez. Contudo, a Inglaterra vai mais fundo no processo, analisando tecnologias e o termo energético, referido pela ministra com muita propriedade, mostrando que a demanda por energia crescerá 50%, o que faz todo o sentido. Se alguém for para a África ou países da América Latina e Ásia, verá que não há energia.

As crianças de hoje acham graça e mentira que não havia liquidificador, mas eu e o almirante Ibsen vivemos numa época em que não havia liquidificadores nem geladeiras para todos. Já nos lugares que mencionei, não há liquidificadores porque não há luz elétrica. Então, o tema da segurança alimentar e energética, casado com a questão dos recursos naturais, que compõem a economia verde, é o grande tema.

Em 20 anos, a área brasileira plantada com grãos cresceu 30%, e a produção cresceu 179%. Quando revelo esses números no exterior todos ficam meio embasbacados, mas por trás deles há algo muito mais importante: se o país tivesse hoje a mesma produtividade que tinha há 20 anos, seriam necessários 52 milhões de hectares a mais de grãos sobre os 49 que são usados hoje. Então o país preservou 52 milhões, já faz economia verde. Foi alcançado um grande progresso na cana-de-açúcar: se o país

---

“Em 20 anos, a área brasileira plantada com grãos cresceu 30%, e a produção cresceu 179%.”

---

tivesse hoje a produtividade do tempo do programa Pró-álcool, seriam necessários mais seis milhões de hectares de cana para igualar a produção de hoje. É uma agricultura sustentável de fato, não é promessa, e não é por outra razão que há investidores do mundo inteiro interessados no Brasil. Eles querem fazer produção de álcool e comida no Brasil porque sabem que aqui existem as três condições excepcionais: tecnologia tropical, que é a melhor do mundo, terra disponível e gente competente, que é o que faz a diferença.

Penso que é o momento do Brasil assumir enquanto bloco. Concordo com a visão da ministra, de o país assumir a liderança mundial de um projeto planetário, o projeto da economia verde. Mas, para isso, é preciso fazer a lição de casa, que implica uma estratégia de nação, que não é do governo e nem do parlamento: a sociedade tem que estar envolvida nesse projeto. E há alguns temas que passam a ser estratégicos.

O Código Florestal é um deles, a questão ambiental, a logística, a infraestrutura, uma política de renda para o campo. A lei do seguro rural foi elaborada em 2003, mas até hoje não está funcionando pois falta dinheiro do Tesouro para cobrir subvenção do prêmio. Quer dizer, a lei não funciona.

A lei do preço mínimo também não funciona porque não tem recursos para o orçamento. É preciso uma política de renda com instrumentos realmente capazes de avançar.

### Lideranças importantes

Vejo no Brasil dois líderes importantes: Celso Casale, da CSMIA e Eduardo Daher, da ANDEF. Essas são duas áreas que estiveram na Agrishow em Ribeirão Preto e estão trabalhando com vigor na direção da economia verde, com equipamentos e defensivos agrícolas muito mais sustentáveis do que no passado, com muito mais produtividade e menor custo de produção. Cada segmento tem que ser trabalhado, e o setor privado também tem que fazer o necessário na economia verde com competência - mas falta política pública. Só que ela não é do Ministério do Meio Ambiente, do Ministério da Agricultura ou das Minas e Energia, é de todos.

Todos sabem que o etanol, mencionado no Congresso, emite apenas 11% do CO<sub>2</sub> que a gasolina, é um dado comprovado pela agência ambiental ame-

ricana. No entanto, ainda está cheio de gente dentro do Brasil que tem dúvidas em relação ao etanol porque não existe estratégia. Os Estados Unidos sabem por lei que, em 2022, vão consumir 132 bilhões de litros de álcool, então o estado criou mecanismos de financiamento, zoneamento, e o setor privado tomou suas providências, tudo porque existe um projeto de estado. O Brasil não sabe nem sua produção em 2012! Não há definição do sistema de produção, quem financia a estocagem, quem cuida do escoamento, quem cuida do mecanismo de comercialização em longo prazo na área internacional - isso porque 12 ministérios cuidam do etanol. Conheço todos que trabalham nessa área: todos são “gente boa”, sérios, patriotas, mas um não conversa com o outro, então não tem estratégia. Nem pública e nem privada.

### Falta de linha estratégica prejudica a produtividade

O Brasil tem capacidade. Fiquei muito feliz de ouvir a ministra, que tem o papel do Brasil no presente e no futuro muito claro em seu “radar”. Acho inadmissível ainda haver febre aftosa

no Brasil. Decisões contra a aftosa começaram em 1948, mas é preciso mexer no bloco de países, não adianta acabar com a aftosa no Brasil se ela não acabar no Paraguai ou na Bolívia. Tem que ser desenhada uma estratégia de estado. Por exemplo, tanto Pratini como eu operamos juntos no Ministério da Agricultura: eu montei as câmeras setoriais e ele presidiu a Câmara Setorial de Logística de Agricultura, e ambas montaram uma política agrícola brasileira. O secretário Christino Áureo trabalhou comigo nesse processo longamente e muito de perto.

A política agrícola desenhada no Ministério da Agricultura é a mais moderna do mundo, mas o orçamento é feito pelo Ministério do Planejamento; a liberação de recursos é o Ministério da Fazenda; o dinheiro para fazer estradas é angariado pelo Ministério dos Transportes; os portos são de responsabilidade do Ministério dos Portos, mas o acordo internacional é feito pelo Itamaraty. A Camex é quem estabelece as regras de comércio; o Meio Ambiente lida com a floresta plantada, mas digo que quem planta alface pode muito bem plantar florestas - e florestas plantadas são agricultura como qualquer outra. O MDA cuida da Reforma Agrária. E vejo vários ministérios sem uma linha estratégica.

### Colaboradores: importantes para a economia verde

Confio muito na presidente Dilma Rousseff porque ela tem essa “cabeça estratégica”, mas é preciso fazer. Por exemplo, chamando colaboradores: a SNA está aqui, a ANDEF, a FGV, todos prontos para ajudar a montar uma estratégia definitiva para que o Brasil seja o capitão mundial da economia verde, da agricultura, da energia renovável. E aqui ressalto uma característica: comida qualquer país produz. Se houver uma estufa na Sibéria, se produz comida - mas *energia agrícola* não.

Esta é uma equação com três variáveis: a terra adequada, a matéria-prima correta e sol o ano inteiro. Onde há sol? Trópico de Câncer e Trópico de Capricórnio. Quem faz parte dessa faixa? América Latina, África Subsaariana e a Ásia mais pobre (Tailândia, Malásia, Indonésia, Filipinas, Camboja), de onde a cana-de-açúcar é originária. Então, não se pode vender para o mundo a economia

verde renovável, alimentando as pessoas. Há uma renovação com grãos que muda a geopolítica global, pois esses países pobres são exatamente os mesmos onde a população vai crescer mais, na faixa

dos 87%. Lá, a renda per capita cresce três vezes mais do que nos países desenvolvidos.

Podemos liderar um projeto que muda a geopolítica. Existe maior desafio para o Brasil? Maior glória para um país como o nosso mudar a geopolítica positivamente? Um país energético, limpo, renovável, sustentável, mudando inclusive o paradigma agrícola mundial. O cenário que nos é dado é fantástico, mas o país não promete nada. De 10 anos pra cá, as exportações brasileiras saltaram de 21 bilhões de dólares, em 2000, para 74 bilhões de dólares em 2010. Sem subsídio, sem proteção, e brigando com países que dão subsídios lá fora. Mudamos a plataforma de produtos e mudamos os países de destino. Há 10 anos a China era 2% do nosso mercado; em 2010 foi 13%. Os Estados Unidos, há 10 anos, era 18%: em 2010, 7%. Diminui? Não. Cresceu 6% por ano, só que cresceu tanto para outros países que mudou o perfil. O Brasil avança planetariamente de maneira notável enfrentando o subsídio do exterior sem estratégia - imagine se houvesse uma.

Acho que eu e a ministra, em quem confio, admiro e respeito muito, estamos muito sintonizados, mas o meu pleito é que ela possa levar para dentro do governo esse tema. O “bonde vai

---

“O Brasil avança planetariamente de maneira notável enfrentando o subsídio do exterior sem estratégia – imagine se houvesse uma.”

---

passar de novo” para quem não tem estratégia, e não é um bonde de governo ou partido, é o bonde da nação. Para terminar, vou contar um pequeno caso que acho muito relevante. Estive na Holanda em um mês de março, quando é fim de inverno e a primavera começa a se desenhar. Fui visitar um amigo que tinha um sítio com um grama de cerca de 20 metros. No dia anterior, a grama fora toda aparada, exceto meio metro à volta de três estacas fincadas bem no meio do jardim. Perguntei o que aquilo significava: ele respondeu que no jardim havia um bulbo subterrâneo de uma planta nativa da região e ele recebia uma subvenção do “Ibama local” para preservar aquela plantinha. Se ele cortasse a grama em volta, poderia atingir alguma folha e ele perderia a sua subvenção.

No Brasil é o contrário, e a visão tem que ser positivista: é preciso premiar quem faz certo e não castigá-lo. O modelo “lusu-católico” que se desenvolveu no Brasil, de céu e inferno, está errado. É preciso dar o céu para todo mundo, seria uma lição de casa do estado brasileiro, não do governo brasileiro, que implica numa estratégia de construção de um projeto de economia verde. O mundo quer comprar de nós, tem que haver estratégia e estímulos positivos, como prêmios para quem fizer certo. Assim, ninguém segura o Brasil!

### **Considerações sobre a palestra de Pratini de Moraes**

Aproveitando a palestra de Pratin de Moraes e tratar de três assuntos, sendo o primeiro a questão do Código Florestal na linha da segurança jurídica. O Código Florestal exige a Reserva Legal, que é variável de acordo com a região do país. Não sou contra a Reserva Legal, mas nenhum país do mundo tem, só o Brasil. Segundo, o Brasil ainda tem 58% de floresta nativa, enquanto a Europa tem 1%. Só para lembrar essas comparações, é preciso que haja uma lei que crie segurança jurídica no campo.

Particpei de um congresso acadêmico na França e vi um discurso interessantíssimo de um técnico francês em água. Ele fez um questionamento a respeito do fato que a agricultura consumiria 70% da água doce do mundo; ele mesmo respondeu que a agricultura não “consome” água, ela “usa” água, e deu um exemplo. Ao se plantar uma semente de milho, ela germina e forma uma planta de dois metros de altura. A folha, a espiga, tudo é água. Depois que completa o ciclo, ela seca completamente. E onde está a água que estava nela? Foi reciclada para o meio ambiente. Alguém então

---

“O Brasil é campeão mundial de agricultura porque tem tecnologia e agricultura de primeira classe.”

---

retrucou dizendo que sobrou água no grão do milho. É verdade, o grão do milho exporta água. Para quem? Para a galinha que o come. Então a água está na galinha. Quem come a galinha? Eu. E quem me come? A terra, quando eu morrer. E quando eu morrer a minha água também voltará para a terra. A agricultura recicla, é o mais perfeito exemplo de Lavoisier: “Nada se cria, tudo se transforma”. A agricultura não “consome” água, ela a usa e recicla. Por seu lado, a cidade consome água, e a deixa com resíduos de esgoto difícil de retirar. É muito mais grave o consumo urbano da água do que o rural.

### **Mecanismo de comunicação rural-urbano**

Vou encerrar contando um fato. Pratin de Moraes falou sobre o tema do marketing, que eu ampliei para comunicação. Já falei, em todos os 12 Congressos da SNA de que participei, que nós agricultores temos uma enorme competência para contar para nós mesmos como somos importantes e relevantes para o nosso país. Só que temos uma enorme incompetência de falar isso para aquele que não é agricultor. Que é mentira a maior história do Brasil perpetrada por Pero Vaz de Caminha, que só queria arrumar um emprego para o sobrinho, e escreveu uma carta dizendo que “nessa terra se plantando tudo dá”. É a maior mentira da história do Brasil, pois no Cerrado, sem adubo e calcário, não se produz nada.

O Brasil é campeão mundial de agricultura porque tem tecnologia e agricultura de primeira classe. A primeira coisa que os alunos aprendem na escola é que “quem planta colhe”. Mentira, só se forem dívidas e juros. O imaginário popular brasileiro acredita que é moleza ser agricultor por causa das palavras de Pero Vaz de Caminha. Depois, Monteiro Lobato inventou a figura do Jeca Tatu, ridicularizando o produtor rural, que é tonto, fala errado e anda descalço. Só que ele tinha razão, porque no tempo em que ele escreveu a história do Jeca Tatu o Brasil era majoritariamente um país rural. As fazendas eram conduzidas por famílias que tinham 5, 7, 15 filhos e o dono da fazenda pegava o filho mais inteligente e dizia que ele seria advogado; o segundo mais inteligente seria

engenheiro; o terceiro seria médico; o quarto seria padre e o mais burro ficaria na roça para ajudar o pai a educar os irmãos! As famílias faziam essa seleção de verdade. O Monteiro Lobato constatou aquilo e caracterizou o Jeca Tatu como o mais burro da família. Daí, todos acharam que alguém da roça sempre seria um Jeca Tatu - a tal ponto que o quadrista Maurício de Souza criou o Chico Bento, que é um tonto, fala errado, é desdentado e usa um chapéu furado. A imagem que existe é essa.

Conversei com a ministra Isabella e reiterei que na economia verde o Brasil é a “bola da vez”. Há diversos fundos estrangeiros querendo investir no Brasil, enquanto Bunge e Cargill querem montar usinas de álcool no Brasil observando o cenário globalizado e commoditizado da energia verde, renovável e limpa. O Brasil é hoje visto pelo mundo todo como um importante país agrícola. Quando mencionei a OCDE da FAO e do Reino Unido, elas são somente a comprovação do que já se sabe há décadas. Então pedi à ministra do Meio Ambiente que conduzisse com a presidente Dilma Rousseff uma estratégia: um orçamento feito pelo Ministério do Planejamento, com liberação de recursos do Ministério da Fazenda, com escolha da estrada de rodagem do Ministério dos Transportes, portos feitos pelo Ministério dos Portos, etc. Cada ministro assim teria um pedaço da estratégia agrícola.

A política agrícola é elaborada com perfeição, mas não é implantada porque seus instrumentos estão fora do Ministério da Agricultura. Em uma democracia, qualquer política pública ganha dimensão consistente se a sociedade majoritariamente assim o desejar. Com a sociedade achando que “em se plantando nessa terra tudo dá” e que o homem da agricultura é o Jeca Tatu ou o Chico Bento, o meio ambiente foi destruído e ainda há trabalho escravo. Além disso, com a incompetência de fazer hoje na agricultura o que se faz com grande capacidade empresarial, nunca vai haver política pública. Assim, é preciso fazer um mecanismo de comunicação rural-urbano para mostrar ao urbano que há uma relação íntima entre ambos. Não existe urbano sem rural e vice-versa: o agricultor não sobreviverá se não houver consumidor para o que ele produz, e não haverá consumidor vivo se não houver alguém produzindo para ele consumir. A relação é de intimidade absoluta, não obstante que tenha sido separada ao longo do tempo por erros de política pública e até de erros no comportamento do agro. Não existe vida sem agricultura. Apenas o alimento. O papel não nasce na resma e não existe sem árvore. Sapato

de couro é o resto do churrasco: come-se o boi e faz-se o sapato, o cinto, a bolsa. Calças jeans não existe sem algodão; automóvel não anda sem pneu, que não “nasce” na loja de pneus; não existe ovo de páscoa sem cacau. Quando estou com frio e coloco um casaco de lã, foi alguma ovelha que me deu, mas porque algum gaúcho plantou um pasto, criou ovelhas para tirar a lã e fazer meu casaco. Não existiria a gravata de seda sem um pé de amora em Bauru, de onde se tiram as folhas, que servem de alimento para lagartas nojentas. A lagarta vira borboleta, se reproduz e faz um casulo, que é desmanchado e produz gravatas, camisolas, lingerie. Não é só comida, mas mostra a relação permanente. Não tem perfume sem flor. Tudo é agricultura.

### É preciso valorizar o produtor rural

Há muitos anos venho debatendo esse tema e trabalhando com a ideia de criar um modelo de comunicação que mostre para a cidade como o homem do campo é importante para ela e vice-versa. Ninguém valoriza o produtor rural que, o produtor rural, no silêncio de cada dia, noite, semana e ano vai construindo silenciosa e ignoradamente esse país maravilhoso. Depois de muitos anos em que presido o Conselho de Agronegócio da FIESP, começamos a trabalhar a ideia de comunicação. Essa ideia evoluiu, outras lideranças se associaram a esse projeto e acabamos preparando um briefing de comunicação para agricultura. Esse *briefing* foi oferecido a várias empresas de comunicação. Foi criado um grupo técnico de trabalho, que selecionou as empresas que apresentaram propostas de comunicação. Uma empresa foi contratada e arrumamos dinheiro razoável para fazer uma comunicação durante seis meses, de alcance nacional, na televisão, jornal, revistas, rádio e principalmente nas redes sociais, com um portal extraordinário, contratando alguns notáveis artistas. Esse grande projeto está na fase final de preparação e espero - mais do que isso, prometo - que no dia 18 de julho de 2011 entrará no ar a primeira campanha institucional do agro brasileiro. Onde cada um dirá “eu sou agro” e todos os produtores se sentirão mais valorizados. Quem sabe com isso a opinião pública brasileira fique a favor de instrumentos de política pública, de uma estratégia que nos permita avançar nesse segmento para o Primeiro Mundo? Transformando o Brasil no país que liderará o único projeto planetário que faz sentido no século XXI, o projeto da economia verde. Vamos juntos que vale a pena. 

# Retomada de ações para agricultura fluminense

**CHRISTINO ÁUREO DA SILVA**

Secretário de Estado de Agricultura e Pecuária do Estado do Rio de Janeiro

**A**bordarei assuntos de uma maneira muito sucinta, pois a ministra Izabella Mônica Teixeira, com sua capacidade de síntese, abrangência, equilíbrio e charme, já levantou pontos de alcance nacional. Da mesma forma, nosso amigo Roberto Rodrigues conseguiu dar uma visão ampla e global do tema da agricultura, do seu envolvimento com o meio ambiente e a questão da sustentabilidade. Assim, trarei para a realidade local, já que o Rio de Janeiro tem uma determinada característica, muito diferente da Bahia, representada por meu colega, amigo e secretário Eduardo Seixas de Salles.

Quero saudar o papel da SNA no sentido de conseguir reunir não só o conhecimento, mas também o prestígio das pessoas convidadas. Ressalto um aspecto: se esse evento tivesse sido feito, por exemplo, na Escócia, na Dinamarca ou na Noruega, seria difundido que estes países têm legitimidade para falar de agricultura, porque estão na comunidade europeia. Por seu lado, o estado do Rio de Janeiro tem uma população que é exatamente o somatório dos três países. Contudo, observado um determinado recorte da população e de renda, o Rio tem um mercado segmentado, de compradores de produtos agropecuários de padrão muito semelhante aos que se tem lá. Assim, o estado do Rio de Janeiro tem muita legitimidade para sediar eventos importantes do agronegócio brasileiro como este Congresso. Ele tem um mercado exuberante com renda, com logística boa para o mercado interno, entretanto - e isso é uma conversa que tenho há muitos anos com Roberto Rodrigues - as pessoas dizem o Rio de Janeiro não tem tradição em agricultura. Se há um estado brasileiro com tradição



“A sustentabilidade tem, para o governo, uma razão de natureza econômica”

em agricultura esse certamente é o Rio de Janeiro, herdeiro de capitâncias hereditárias, base da fundação da agricultura brasileira junto com o Nordeste. Terra de nomes como Frederico de Menezes Veiga e tantos outros que deram à agricultura do Rio de Janeiro notoriedade e a possibilidade, por exemplo, de produzir as matrizes que até hoje são usadas a partir das variedades de cana produzidas em São Paulo e reproduzidas no Nordeste. Então a questão no estado do Rio não é discutir se ele tem tradição, é retomar o hiato remanescente do final da década de 50, quando o Rio começou a assistir a mudança da fronteira e da expansão da agricultura em direção ao interior do Brasil. Em contrapartida, a chamada costa leste do Brasil perdeu em importância - ou seja, Rio de Janeiro, Espírito Santo e parte da Bahia -

em favor da natural ocupação de novas áreas no país. Não existe mais o saudosismo, ou complexo, de querer fazer com que a produção do Rio de Janeiro rivalize em volume ou em “x” percentual da agricultura brasileira.

## Real sustentabilidade

Quero hoje essa marca que foi discutida de maneira muito feliz no Congresso, a marca da sustentabilidade, da real sustentabilidade. Este estado é só 0,5% do território brasileiro, mas todas as vezes que produz alguma coisa que seja mais do que 0,5% do volume que se produz no Brasil já é algo consistente. Se eu disser que se produz 1% da carne do Brasil, num território que é só 0,5%, o percentual já me favorece, sob esse ponto de vista, para uma análise econômica. Mas não se trata disso. O Rio de Janeiro tem muito orgulho de ter as raízes de Izabella, com o aprendizado e o laboratório em

alguns aspectos. Pela convivência da Izabella com a agricultura ter sido no Rio de Janeiro, já se conseguiu dar alguns passos fundamentais na busca desse equilíbrio que foi proposto nas palestras.

Não é por outra razão que o Banco Mundial escolheu o estado do Rio, depois de uma longa discussão, para apoiar o programa Rio Rural, que está em execução. Ele é conhecido tanto por ambientalistas como por produtores rurais. Existe aí uma dicotomia - estou usando esse termo porque a grande parte da população o usa, - mas na verdade acho que todos devemos fazer parte dos "sustentabilistas". Essa deveria ser a tribo da qual todos deveriam ter um crachá, pois quando foi estabelecida uma nova lei de silvicultura no estado, de comum acordo com a área ambiental, deu-se ao Rio de Janeiro um pouco mais de possibilidade até de ocupar suas áreas que tinham sido degradadas pela ocupação do café com uma tecnologia que foi usada até a década de 50/60. A partir de então, não faz o mínimo sentido plantar café acima de determinada declividade, ou fora de um determinado tipo de fertilidade de solo.

O que fazer com imensas áreas do centro-norte do estado do Rio ou do noroeste, que, finda a vocação para o café, seriam destinadas a quê? À recomposição aleatória da capoeira. Outros diziam "não se pode aprovar a silvicultura porque se instalará um 'deserto verde'". Só que eu alertei, na Assembleia Legislativa, que o deserto verde do Rio já estava instalado com o sapê, pois áreas degradadas e ácidas são ocupadas por sapê, impedindo a preservação das encostas e atividade econômicas desenvolvidas ali.

### Lei da silvicultura

Contudo, quando aprovamos certas leis, além da silvicultura, houve um debate intenso na Assembleia. Naquela época, a ministra era subsecretária da Secretaria do Ambiente, mas se conseguiu um tipo de equilíbrio, sem exacerbar paixões, aprovar a lei da silvicultura, que vem cumprindo o seu papel. Este papel não era o de ocupar as áreas do estado do Rio em cinco anos com milhares de hectares de eucalipto ou de qualquer outra espécie para manejo e utilização comercial, mas disciplinando o uso e fazendo com o que o nosso zoneamento econômico e ecológico avançasse, porque foi isso que a lei propôs. Em 2011, está sendo publicada no Diário Oficial a lei 5.990, que trata do fim da queimada da palha de cana nas lavouras do estado do Rio. Isso depois da agricultura da cana no estado ter passado por uma depressão profun-

"Fazer uma lei que imponha o fim das queimadas da palha de cana não é tarefa difícil, ainda mais quando se tem maioria na Assembleia Legislativa."

da, com perdas significativas. Só que como se pode impor aos produtores rurais, e até mesmo algumas agroindústrias remanescentes, a aquisição de colheitadeiras para fazer o corte da cana crua, se nem sobreviver no plantio e nos tratos culturais do dia-dia eles estavam conseguindo? Fazer uma lei que imponha o fim das queimadas da palha de cana não é tarefa difícil, ainda mais quando se tem maioria na Assembleia Legislativa. Porém, o difícil é não ofender a lógica econômica do setor com que se está tratando. Dos nove mil produtores de cana do Rio, 8.500 são considerados pequenos. Em suas propriedades de cana, há uma casa, um pequeno estábulo com alguns animais, um galinheiro com produção de aves para consumo da família. Isso é muito diferente do Centro-Oeste. Lá, uma colheitadeira, guiada por GPS, pode entrar e sair de uma área plana de 100 mil hectares, fazendo em seis horas um serviço que os cortadores de cana do estado Rio levariam 30 para fazer. É uma realidade muito diferente.

Porém, se o estado do Rio abrir mão dessa agricultura, será criado um vazio territorial num estado que tem 47.000 km<sup>2</sup>. Mas há um aglomerado de pessoas, na região metropolitana, de 150-170 mil hectares do norte fluminense que irão se transformar em grandes favelas rurais. Porque a população, não tendo uso econômico daquelas áreas, vai assistir forçosamente à degradação completa de seu tecido social. Quem está ocupado na agricultura é exatamente aquele trabalhador que não conseguiu a inserção nos polos dinâmicos e ativos do petróleo, que produzem no mar, mas com um contingente extremamente inferior do ponto de vista numérico do que se envolve na agricultura. Cada vez que se abre uma nova perspectiva de trabalho, o atrativo pela remuneração na atividade industrial, portuária, petroquímica, de exploração do petróleo ou de serviços correlatos é muito maior do que a maioria dos empreendimentos agrícolas.

### Financiamento de 140 milhões de dólares

Essa é a realidade com a qual o governo tem

lidado com a agricultura e com a pecuária do estado do Rio. Neste setor, pode-se numerar quatro ou cinco atividades, mas todas têm que ter o componente ambiental fazendo parte do seu agregado de valor - se não houver tal componente, não tem sentido. Se não for possível produzir orgânicos, eco-amigáveis ou alimentos defensáveis sob o ponto de vista ambiental, não faz sentido para o consumidor pagar um pouco mais pelo produto que é disponibilizado no estado do Rio. Se não existir valor agregado ao produto, por que o consumidor adquiriria aqui e não de qualquer outro canto do Brasil? Então, a sustentabilidade, ou seja, a prática de convivência harmoniosa com o meio ambiente, tem, para o governo, uma razão de natureza econômica.

Quando ouço “economia verde”, não fico pensando apenas no agronegócio brasileiro, com as suas dimensões e sua capacidade de vender para o mundo, mas também em vendas para o mercado interno. Este já tem uma sociedade que evoluiu e evoluirá ainda mais na percepção do valor da preservação e da conciliação entre meio ambiente e a produção. Porque no Rio tudo se “apaixona” um pouco mais; quando se diz que o estado é a “caixa de ressonância do Brasil”, as pessoas levam a sério. Qualquer tema no Rio, seja até uma discussão um pouco mais restrita da nossa agricultura, acaba virando palco de uma grande discussão de temas nacionais.

Retomando, a ministra participou da implantação do programa Rio Rural com o governo do estado do Rio de Janeiro; é um programa que receberá um financiamento na casa de 140 milhões de dólares do Banco Mundial até 2022. Isso se converterá em benefícios que o agricultor não precisará reembolsar, ou seja, será um investimento direto do estado na agricultura e na pecuária, em todos os níveis.

Porém não posso deixar de registrar, como a ministra Izabella comentou, uma dicotomia desnecessária, uma vilania que é criada hora para os ambientalistas, hora para os agricultores. Também não posso deixar de registrar o que eu chamo de confusão entre o papel do “vilão e do mocinho”: quando se quer definir no Rio de Janeiro se o município é

pobre, diz-se que ele é pobre porque é agrícola. Isso é de uma crueldade absurda. Isso porque na maioria dos municípios do estado do Rio que apresentam essa condição de empobrecimento, a agricultura e a pecuária são as últimas e heroicas atividades. São elas que sobreviveram em municípios que saíram da rota do desenvolvimento há 30 ou 40 anos. Lá, só restaram as atividades capazes de resistir, com a sua tenacidade e com a vocação de quem produz, seja ele produtor, técnico, médico-veterinário, agrônomo, técnico agropecuário, zootecnista. Nesse conjunto de municípios, só sobrevive a teimosia da agricultura e pecuária.

É como se alguém parasse na estrada para socorrer alguém que está ferido e é preso porque atropelou essa pessoa. Mas não foi ela que atropelou, ela estava justamente socorrendo! Não importa, pois não existe ninguém para testemunhar ao favor dela, que está na

cena do crime - ela foi envolvida na ocorrência. Talvez a dicotomia que citei para ambientalistas e produtores também atinge aqueles que se colocam como “palpiteiros” da agricultura e do meio ambiente fluminense. Pessoas que nunca foram a Cam-

pos dos Goytacazes, no norte-fluminense, nem a Nova Friburgo, mas já foi várias vezes a Nova York. Daí, quando vai pela primeira vez diz que rodou 200 quilômetros, passou por Casimiro de Abreu e Silva Jardim, não viu nada plantado e atesta: “que agricultura ridícula”. Só que aquela região é de pecuária de corte, com projetos que tentaram “domar” aquelas várzeas, com arroz ou com cana, consumiram milhões, mas não conseguiram coisa alguma por uma questão simples: o Rio de Janeiro é o vértice mais baixo da região Sudeste.

Há alguns locais cuja drenagem é impossível ou têm um custo que só a Holanda poderia pagar - isso porque aquele país subsidia coisas que não têm viabilidade, mas, ao serem realizadas, impõem ao mundo um padrão que parece normal para a geração atual.

Essa lógica tem que ser entendida. Alguém quer conhecer a agricultura? Vá à região Serrana. Veja *in loco* a agricultura sofrida, atingida por esse desastre das chuvas de 2011, mas que, contrariando os mais pessimistas, retornou com 70 a 80% do seu

---

“Talvez a dicotomia que citei para ambientalistas e produtores também atinge aqueles que se colocam como “palpiteiros” da agricultura e do meio ambiente fluminense.”

---

padrão produtivo e com uma assistência prestada pelo estado na área de mecanização. As estradas receberam um recurso emergencial do Banco Mundial de 20 milhões de dólares. Contudo, isso só é visto se a região for percorrida como um todo; é possível que o custo de recuperar uma certa encosta pontual seja maior do que fazer 20-30 quilômetros de estrada para dar a volta. O estado ainda não recuperou tal encosta? Não recuperou e provavelmente não terá condições de recuperar nos próximos 30, 40 ou 50 anos, a não ser que invista 2 ou 3 bilhões de reais em um único local. Só que, dentro do possível, está se buscando a recuperação da região. Ocorreu um fenômeno climático de tal agressividade - ninguém esperava que ocorresse com essa dimensão - que provavelmente demorará, segundo os especialistas, 400 anos para ocorrer novamente. E alguma coisa que se repete com intervalo tão grande também suscita buscar um intervalo de tempo racional para que se faça o necessário.

### Vocação aliada ao aumento de produtividade

As atividades vocacionais deste estado tratam de leite, do complexo horti, e até de buscar na cana-de-açúcar alguns aspectos para tentar um retorno à atividade, enquanto a legislação ligada à questão ambiental é revista. Aliás, essa faixa leste do Brasil - Rio de Janeiro, Espírito Santo, sul da Bahia e algumas outras regiões - têm condições de voltar a produzir cana de forma bastante razoável. Porque, baseado na questão ambiental, que não permite mais expandir a fronteira oeste, então deve-se aumentar sua produtividade, além de ocupar a fronteira leste, que já está degradada há tempos, como comentei. Já se planta cana-de-açúcar e outras culturas na faixa litorânea há muito tempo, então por que se teria que manter abandonada essa área em favor do cultivo em novas áreas produtivas do Brasil? Entender a agricultura do estado do Rio, entender a sua pecuária, ver as chances que existem: estou falando de oportunidades.

Este Congresso trouxe Wilson Zanatta, o presidente do Conselho de Administração da LBR, fundador da Bom Gosto; a LBR comprou a indústria da Nestlé no estado do Rio e expandiu as suas atividades, incorporando a Parmalat em Itaperuna. Além disso, a Nestlé está de volta ao estado instalando uma unidade que começará a funcionar no fim de 2011 em Três Rios. O estado do Rio está investindo R\$ 60 milhões nas suas

“O Rio tem condições de voltar a produzir cana.”

cooperativas e associações com créditos de ICMS. A legislação foi mudada consideravelmente. Existem obras e processos de licitação iniciados para mais de 30 novas indústrias de leite no estado do Rio. Isso atingiu o patamar de produção de 460 milhões/ano, sendo que 2010 fechou com 600 milhões/ano, indicando que o estado atingirá a meta de dobrar a produção em seis ou sete anos. Isso vai fazer com que o estado do Rio seja recolocado entre os dez maiores produtores de leite do Brasil. Mas vai atingir o seu mercado de consumo? Não. Porque quando se chegar a um bilhão de litros, o consumo local, que é de 3,5 bilhões, já estará perto de quatro bilhões. O que não é ruim. É um doce problema e um doce dilema.

### É preciso juntar esforços

O que é preciso fazer é juntar esforços. Neste momento quero chamar a atenção positivamente para o papel dos estudantes. Vejo que o Congresso sempre agrega cada vez mais estudantes; a perspectiva de escolhermos quatro ou cinco atividades de agricultura-pecuária do Rio vai fazer com que os estudantes formados localmente não tenham mais que buscar destinos em todos os estados brasileiros, menos no Rio.

Houve um grande investimento em manutenção de estradas vicinais: depois de 80 anos de existência da secretaria, nós finalmente temos um programa de manutenção de estradas vicinais. Isso não era básico para o estado do Rio; as estradas mantidas pelos municípios eram precárias, mas hoje é possível ver o trabalho feito na recuperação de uma infraestrutura que é básica para os municípios. Se alguém sair à noite, em qualquer dia da semana e sair de uma estrada asfaltada, andará 10 quilômetros em um “breu” e sentirá o drama de manter seus filhos numa propriedade rural e pensar em termos de socorro, de educação.

Quando se pensa nesse grau de dificuldade, é que se começa a entender que, mesmo num estado pequeno - que alguns reputam que não tem tradição - tem sim vocação em algumas áreas, mostrando como é importante o investimento de política pública feita pelo governo. 

# Bahia, terra da oportunidade

## EDUARDO SEIXAS DE SALLES

Secretário de Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária do Estado da Bahia

Gostaria de aproveitar o foro privilegiado do Congresso e agradecer o convite para compartilhar um pouco o que foi falado pela ministra Izabella, os ex-ministros Roberto e Pratini e Antonio Alvarenga.

Há alguns anos, tive o privilégio, como presidente da Associação dos Produtores de Café da Bahia, de estar com o ex-ministro Pratini, em São Francisco (EUA), em uma feira de cafés especiais. Os brasileiros estavam lá reunidos e Pratini afirmou que os eles deveriam deixar de ser “esses meninos amarelos, que não saem do Brasil, não sabem fazer marketing, não sabem falar inglês, não sabem nada”. Concorde.

Hoje o país perde muito por haver “meninos amarelos” que não saem do Brasil para buscar novos mercados. Costumo aprender absorvendo conhecimentos, como também faz o ex-ministro Roberto Rodrigues, com quem estou sempre em contato. Ele tem terras na Bahia e compareceu, com o seu filho e José Eduardo Magalhães, ao Bahia Farm Show. Assim, discutimos os problemas em uma amplitude maior. Ele me disse que tinha sido ministro da Agricultura, mas não queria ser “lembrado pelo o que ele fez, mas pelo o que ele não deixou que fizessem”. Achei uma frase muito interessante.

Sou engenheiro agrônomo e no momento sou secretário de Agricultura. Aos 17 anos, saí de Salvador e fui fazer agronomia em Viçosa (MG), naquela época considerada, junto com Piracicaba, as melhores universidades. Fui fazer esse curso porque achava que o Brasil iria ser o celeiro do mundo e que a Bahia ia fazer parte disso, e, como engenheiro agrônomo formado numa boa universidade, teria um espaço. Hoje, não tenho dúvidas disso. Fui subsecretário do secretário passado, depois assumi quando o secretário se candidatou e o governador me nomeou secretário de Agricultura.



DANIELE MEDEIROS

“Devemos aproveitar o grande momento do Brasil para agroindustrializar o país”

Foi proposto o tema “políticas públicas voltadas para o agronegócio”. Quero revelar que, no Nordeste a palavra “agronegócio” é muito pejorativa, é vista como a “cultura dos ricos”. Já a agricultura familiar é a “agricultura dos pobres”. Tenho tentado mudar isso, mostrando que, na verdade, agronegócio é um todo. Dos ricos, dos pobres, da agricultura familiar e do grande empresário. Por outro lado, dentro da agropecuária existe a agricultura familiar e a empresarial. Achei interessante o que foi falado pelo ministro Pratini, que era preciso “rodar o mundo” - e é isso que tenho buscado fazer como secretário de Agricultura.

O momento atual é único, já tendo passado por diversas etapas do Brasil. Nos últimos dois anos, fui cinco vezes à China, duas vezes à Coreia, uma vez à Nova Zelândia, Itália e França sempre buscando investimentos para a Bahia. No começo de junho, consolidamos isso. O governador de Chongqing, uma das províncias mais ricas da China, anunciou um investimento de quatro bilhões na Bahia. Lançamos a pedra fundamental de uma indústria de esmagamento de soja no município de Barreiras.

São frutos do que a secretaria de Agricultura vem semeando. A Itália mostrou interesse na região do Vale do São Francisco, local que é um dos melhores produtores de espumantes do mundo. Estive na região de Trentino, na divisa com a Áustria, e depois fui com o governador Jaques Wagner, fazer algumas palestras em Milão. Soube que a média dos produtores de lá é 0,8 hectares e em breve voltarei à região de Trentino fazer uma palestra a convite deles, mas depois os trarei para conhecer o Vale do São Francisco. Algumas características da produção de uva e vinho estão no Quadro 1.

QUADRO 1

**Uva e Vinho: vantagens e oportunidades**

- ✓ Terras aptas e recursos hídricos abundantes;
- ✓ Colheita de duas safras e meia/ano;
- ✓ Disponibilidade de variedades de uva com qualidade reconhecida para produção de vinhos.

- ✓ Implantação de parque industrial para produção de vinhos, espumantes e suco de uva;
- ✓ Ampliação da área de produção para atender ao crescente mercado interno e de exportação.

Bahia

Na questão leiteira mostrada nos Quadros 2 e 3, a Bahia é o terceiro maior rebanho leiteiro do país, só que estamos em 23º lugar em produtividade de leite por vaca ordenhada. O estado produz 545 litros de leite por vaca ordenhada, enquanto que Pernambuco produz 1.500. Aqui está a oportunidade mencionada pelo ministro na palestra. Por causa de uma palestra, eu e o governador da Bahia fomos visitar as fazendas de um produtor da Nova Zelândia: elas produzem 5.000 litros de leite por hectare/ano. É recorde mundial de produção atingido no município de Jaborandi, no oeste da Bahia. Isso é um disparate.

QUADRO 2

**Bovinocultura: vantagens e oportunidades**

- ✓ Status Internacional de "Zona Livre de Febre Aftosa" com vacinação;
- ✓ Criação de bovinos a pasto - "Boi Verde";
- ✓ Infraestrutura para escoamento;
- ✓ Pólos produtores estrategicamente localizados;
- ✓ Produção de novilho precoce (abate 18 e 30 meses).

- ✓ Implantação de parque industrial para: frigoríficos habilitados à exportação, curtiúmas, máquinas e equipamentos;
- ✓ Exportação de reprodutores.

Bahia

Como visto no Quadro 4, o estado tem o maior rebanho caprino e segundo maior rebanho ovino, e, como agrônomo, sou fã, porque disso acho que nenhum país do mundo produz cacau, café, soja, algodão, milho, borracha, sisal. O guaraná, que to-

dos acham que vem da Amazônia, tem na Bahia sua maior produção, bem como de manga. Eu poderia citar também pinha e graviola; é o segundo maior produtor de laranja e de algodão, este com fibras conceituadas e semelhantes às egípcias. Também é segundo produtor de borracha, mas eu poderia citar várias outras coisas importantes, pois há três biomas na Bahia e neles se consegue produzir tudo, até frutas de clima temperado. A Chapada Diamantina é a maior produtora de batata do Norte-Nordeste, uma das maiores do Brasil, além de figo, pêsego, ameixa, etc.

QUADRO 3

**Leite: vantagens e oportunidades**

- ✓ Áreas propícias para expansão da atividade.
- ✓ Maior produtor de leite do Nordeste com polos estruturados para produção de leite;
- ✓ Unidades industriais já instaladas;
- ✓ Baixo custo da terra para produção;

- ✓ Implantação de parque industrial para produção de leite em pó, queijos eiogurtes.

Bahia

QUADRO 4

**Ovinocaprinocultura: vantagens e oportunidades**

- ✓ Maior rebanho do Brasil;
- ✓ Raças adaptadas;
- ✓ Pesquisa de melhoramento animal;
- ✓ Baixo custo da terra para produção;
- ✓ Tecnologia de produção de pleno domínio.

- ✓ Produção de queijos especiais, leite e derivados;
- ✓ Implantação de parque industrial para: frigoríficos, laticínios, couro e peles, máquinas e equipamentos.

Bahia

Nesse tempo como secretário tenho buscado a agroindustrialização. A Bahia tem tudo isso que mencionei, mas não possui uma indústria de guaraná, não tem parque têxtil de algodão, não tem uma indústria processadora de laranja. A la-

ranja na Bahia é da agricultura familiar, permitindo somente a venda com selo orgânico, mas não há grande produtor algum. Seria possível exportar o suco com um fim social enorme. Em maio fui convidado pelo governo da Coreia para fazer uma palestra sobre oportunidades e investimentos na Bahia, com minhas despesas e de um assessor pagas. Aceitei e, quando cheguei a Seul, o público era seleta, com 50 presidentes de empresas, como a Hyundai, LG e Samsung - todas com um setor agropecuário. Quando se viu um governo pagar para estrangeiros fazerem uma palestra sobre oportunidades de investimentos no país deles?

### O mundo mudou muito

Sem dúvida o mundo mudou, mas “o cavalo está passando um selado” à frente do Brasil, que pode estar perdendo uma grande oportunidade de montar nesse cavalo e avançar. Por exemplo, a questão das terras estrangeiras. Para mim, é um absurdo o que está sendo feito, o país está perdendo bilhões de dólares por dia. Eu mesmo, com todo esse trabalho na agricultura, se alguém requisitar fazer uma indústria de papel e celulose, ou de laranja, não tenho como fazer, porque ninguém vem investir no país. Qual a nossa proposta? Não é trazer para plantar, não é especulação imobiliária, quero agroindustrializar a Bahia, é uma política pública. O estado quer, em vez de vender cacau, industrializá-lo. Por que a Suíça é famosa pelo chocolate? Mas o cacau é nosso, então há algo errada. Em outubro de 2010, estive no salão do chocolate em Paris e o produtor João, da Bahia, ganhou o prêmio de melhor cacau do mundo. Para 2012, pleiteei com o governador e conseguimos trazer o salão de chocolate, que acontece em cidades como Nova York, Paris, Moscou e Pequim, para a Bahia. Assim será possível mostrar as fazendas de cacau que o ministro Roberto Rodrigues falou em sua palestra. Precisamos mostrar de onde vem e valorizar o campo.

### Produtos industrializados e não commodities

Também em 2010, na maior exposição da Bahia, em Salvador, quis mostrar para 10 mil crianças de escolas públicas como é a planta da seringueira, o corte e até como se faz o pneu. Algumas características estão no Quadro 5. Fiz o mesmo com a cana, mostrando como se faz a cachaça, a rapadura, açúcar. Com o leite, quis que as crianças vissem que o leite não “vem da caixinha”, como a criança urbana acha. É um absurdo que se diga que não se pode comprar terra; minha sugestão, como declarei ao Canal Rural, é equalizar as coisas e aproveitar esse

momento único do Brasil. Vamos agroindustrializar o país, e não deixar a China comprar 64% da soja brasileira em grãos: vamos sim fazê-los comprar óleo de soja. O que propus a eles? Eles desejavam comprar 200 mil hectares de terra em Salvador ou em outro lugar do estado; eu neguei, como fez o governador Jaques Wagner. Afirmamos que os locais sabem plantar, têm tecnologia e não iriam abrir mão da terra. Queremos que os chineses fossem parceiros para agroindustrializar, então mudamos o conceito. Assim, eles lançaram a pedra fundamental de uma indústria que vai processar 1,5 milhões de toneladas de soja, e assim vão levar o óleo processado. Vão gerar empregos, renda e agregar valor no produto, além do mostrado no Quadro 6.

QUADRO 5

**Heveicultura: vantagens e oportunidades**

- ✓ Áreas disponíveis para ampliação da cultura;
- ✓ Elevada demanda nacional;
- ✓ Melhores condições de financiamento.

- ✓ Implantação de novos plantios comerciais (produção da matéria-prima);
- ✓ Implantação de parque industrial para produção de pneumáticos.

Bahia

QUADRO 6

**Soja: vantagens e oportunidades.**

- ✓ Elevado profissionalismo da produção;
- ✓ Disponibilidade de área para ampliação do cultivo;
- ✓ Aumento da demanda mundial pela oleaginosa;
- ✓ Disponibilidade de infraestrutura e logística;
- ✓ Disponibilidade de subprodutos para fabricação de ração animal.

- ✓ Implantação de agroindústrias processadoras de óleos, farelos e subprodutos para fabricação de alimentos e de ração animal;
- ✓ Ampliação dos polos avícola e suínico.

Bahia

Minha proposta é resolver rapidamente as questões das terras. Como? A partir de hoje, quem vier

agroindustrializar o Brasil tem direito a plantar 50% da sua capacidade instalada. Se um chinês instalar uma indústria de processamento de soja de um milhão de toneladas, ele teria direito a 500 mil toneladas, que é a metade da capacidade instalada. Conta simples: 500 mil toneladas divididas pela produtividade de soja, no oeste da Bahia, que é 3.400 kg por hectare, dá um pouco mais de 70 hectares. Seria possível poder comprar ou adquirir terras com garantia, pois ninguém irá investir bilhões de dólares sem garantia. Isso serviria também para o eucalipto, laranja, etanol. Devemos aproveitar o grande momento do Brasil para agroindustrializar o país, e é o que estamos tentando fazer com a Bahia. Mas comércio é troca: o estado não tem terra para vender, mas sim se o estrangeiro quiser vir plantar. Afirmei isso em palestras na Coreia, China, Itália e Nova Zelândia. O país precisa “destravar”, pois está perdendo milhões de dólares e empregos, e o Brasil não é um país rico que possa abrir mão desses investimentos. É um absurdo o que está acontecendo no Brasil, e ninguém está tomando providências. Desde agosto de 2010 estamos “travados”, perdendo investimentos que estão indo para outros campos. É preciso unir essas pessoas que são formadores de opinião, como Pratini, Roberto Rodrigues, Antonio Alvarenga, para resolvermos facilmente essa questão sem nenhuma burocracia.

milhões já na classe média consumindo artigos de luxo. É possível entrar numa joint venture com parceiros baianos para uma indústria de algodão. Já mencionei que é um absurdo a Bahia ser o segundo maior produtor de algodão e não ter um parque têxtil; o governador de Chongqing anunciou que vai investir numa grande indústria têxtil. O governo da Bahia os está convencendo disso, e cabe à secretaria firmar isso rapidamente. Como secretário de Agricultura, sigo há alguns anos o que Pratini me disse quando estava recém-formado: “para irmos para o mundo”. Venham investir no Brasil, pois o país é seguro, com a maior produtividade do mundo. A Bahia bateu o recorde na produtividade de soja, milho e algodão, esta última a maior do mundo, ultrapassando os Estados Unidos de longe. É só conferir o Quadro 7. Temos capacidade e tecnologia, mas do que precisamos? Competitividade na logística.

ILUSTRAÇÃO 1



QUADRO 7

**Algodão: vantagens e oportunidades**

2º maior produtor nacional;  
Pluma com características desejáveis para a indústria (comprimento e densidade de fibra);  
Disponibilidade de infraestrutura e logística;  
Disponibilidade de área para expansão da cultura;  
Proximidade com os mercados consumidores.

- ✓ Implantação de parque industrial voltado para indústrias de fiação, tecelagem e confecção;
- ✓ Fabricação de biocombustíveis e fiação.

Bahia

Avisei aos chineses e coreanos que, se eles vissem comprar soja brasileira, seria um comércio de commodities: hoje o país vende para um comprador, mas amanhã pode vender para outro. Os chineses me disseram que querem energia, petróleo estratégico - e alimentos são estratégicos para eles, que têm 1,3 bilhões de habitantes, sendo 500

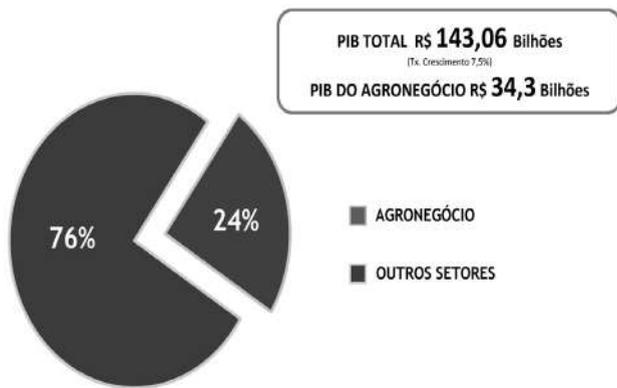
Na Ilustração 1, do mapa da Bahia, vê-se a ferrovia oeste/leste já em construção. O estado tem 24% do PIB. Há um porto no sul, buscando logística. Chineses, coreanos, todos querem ajudar o estado nessa logística, investindo em armazenagem, nos portos, nas ferrovias, nas estradas, também porque querem escoar os produtos deles. Acho que essa competitividade de logística é básica para o estado. Eu colocaria também a questão do câmbio, que há dois anos se mantém muito bom, como não vejo nos meus 20 anos de agricultura. Declarei no Bahia Farm Show que já tivemos anos maravilhosos para a soja, para o cacau, para o café, mas atualmente todos os produtos agropecuários estão bem. Contudo, sabemos que virá o tempo das “vacas magras”, pois a agropecuária é um ciclo, então será preciso que todos estejam capitalizados e prepa-

rados, como na história da cigarra e da formiga. Assim, quando chegar o tempo das vacas magras, que se tenha condições de ter “gorduras” para queimar. Porém, o câmbio atual, o país está queimando a gordura toda, e o governo precisa ser alertado.

O Gráfico 1, referente à atividade econômica em 2010, mostra o peso do agronegócio na Bahia, com um PIB de 34,3 bilhões de reais.

GRÁFICO 1

**BAHIA – Atividade Econômica, 2010**



Fonte: IBGE e PIPE/ CEPEA

Já o Gráfico 2 traz o perfil das exportações, como papel, celulose e complexo de soja. 37% das nossas exportações são da agropecuária, 24% do PIB e 30% dos empregos.

GRÁFICO 2

**BAHIA - Exportações do Agronegócio, 2010**



O Quadro 8 traz a balança comercial entre Bahia e o mundo em 2010.

QUADRO 8

**BAHIA – Balança Comercial, 2010**



Fonte: MDIC / Aliceweb

**Características produtivas do Estado da Bahia**

O Gráfico 3 mostra a quantidade de hectares ainda disponíveis para plantar. Na verdade, o Código Florestal estipulava uma moratória de cinco anos no oeste da Bahia. Queriam matar a Bahia, fazendo-a ficar cinco anos sem desmatar. Foi feito um estudo por ONG internacional, que disse que 60% do cerrado baiano estão intocáveis. Ou seja, há muito a fazer lá e o Código Florestal queria proibir cinco anos de desmatamento. Ainda bem que o deputado Aldo Rebelo teve uma sensibilidade maravilhosa e retirou de seu relatório o artigo 47, que previa este absurdo.

GRÁFICO 3

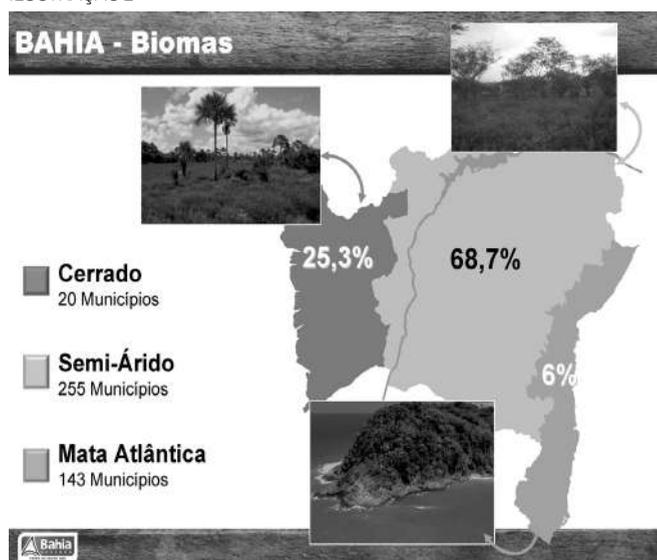
**BAHIA – Distribuição das áreas agricultáveis**



Fonte: IBGE  
\*Em Milhões de hectares

Como visto na Ilustração 2, na Bahia há três biomas: 68,7% de semiárido, com vegetação de caatinga, o cerrado e a Mata Atlântica. Mas o estado produz tudo, tendo o maior rebanho de caprinos, o segundo maior de ovinos. A Bahia está em 23º lugar em produtividade de leite e 545 litros de leite por vaca ordenhada. Se a Bahia produzir 1.500 litros de leite, como são produzidos em Pernambuco, já são três vezes mais.

ILUSTRAÇÃO 2



O Quadro 9 revela os polos agropecuários da Bahia, onde se produz cada um desses produtos que mencionei ao longo da palestra, como cacau, cana, etc.

QUADRO 9



O Gráfico 4 traz a agricultura e pecuária, mostrando em uma escala nacional muitos produtos já mencionados e outros.

GRÁFICO 4



Estas fotos da Ilustração 3 lembram que Salvador é um polo de turismo e cultura do estado.

ILUSTRAÇÃO 3



Os Quadros 10, 11 e 12 resumem as características e razões por que a Bahia tem capacidade de atrair muito mais investimentos agroindustriais. Tenho viajado o mundo inteiro com essas apresentações; o país não quer mais exportar grãos, quer mostrar sua soja.

QUADRO 10

O Que é a Bahia?



- 7ª Economia do Brasil.
- Extensão Territorial de 56 milhões de ha.
- 5º Estado do país em extensão territorial.
- 6,64% do território nacional.
- 3ª Maior Metrópole do Brasil.
- 14 milhões de habitantes.
- Maior costa litorânea do Brasil: 1.183 km.
- 417 municípios.



QUADRO 11

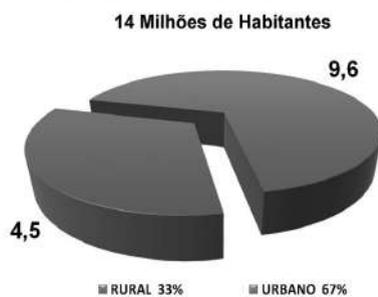
Por que investir na Bahia?

- Localização estratégica;
- Diversificado potencial de recursos naturais e de energia;
- Oferta local de matérias-primas e commodities;
- Mão-de-obra criativa e adaptável;
- Polos e distritos industriais com infraestrutura;
- Suporte tecnológico: universidades e centros de pesquisa;
- Confiabilidade político-administrativa;
- Qualidade de vida;
- Finanças públicas equilibradas;
- Incentivos fiscais.



QUADRO 12

BAHIA - Distribuição Populacional



Maior população rural do Brasil !

Fonte: IBGE



QUADRO 13

Milho: vantagens e oportunidades

- ✓ Disponibilidade de subprodutos para fabricação de ração animal;
- ✓ Disponibilidade de infraestrutura e logística;
- ✓ Cultura ideal para rotação com a soja.



- ✓ Implantação de indústrias para produção de farinhas e rações;
- ✓ Ampliação dos polos avícola e suínico.



QUADRO 14

Cacau: vantagens e oportunidades

- ✓ Maior produtor do país;
- ✓ Disponibilidade de mão de obra local e qualificada;
- ✓ Biofábrica implantada para produção de Mudas de cacau;
- ✓ Disponibilidade de linhas de crédito de longo prazo;
- ✓ Disponibilidade de infraestrutura e logística;
- ✓ Principal centro de pesquisa de cacau do mundo.



- ✓ Ampliação do parque industrial;
- ✓ Implantação de indústrias para chocolates finos e outros derivados.



QUADRO 15

Fibras naturais: vantagens e oportunidades

- ✓ Maior produtor nacional e mundial;
- ✓ Excelente adaptabilidade ao semiárido baiano;
- ✓ Disponibilidade de mão de obra local e qualificada;
- ✓ Produto biodegradável para utilização industrial;
- ✓ Crescente demanda mundial por fibras naturais;
- ✓ Moderna tecnologia para desfibração.



- ✓ Ampliação do parque industrial do sisal para substituição de plásticos, espumas e fibras sintéticas.



Já o Quadros 21 mostra os programas estaduais atuais de incentivo à agricultura e o apoio que o estado dá ao produtor rural. Contudo, com todas estas características, o oeste da Bahia tem 1.100.000 hectares produzindo soja e 150 mil hectares de milho, mas não os transforma em carnes de aves e carnes de suínos. O estado da Bahia importa 50% da carne de frango que consome, 70% dos ovos e 80% da carne de suínos. Quer dizer, os 14 milhões de habitantes da Bahia, mesmo tendo soja e milho lá disponíveis, importam esse grande vulto.

QUADRO 16

### Fruticultura: vantagens e oportunidades

- ✓ 2º maior polo de frutas, com diversidade na produção;
- ✓ Clima e solos favoráveis, recursos hídricos disponíveis;
- ✓ Disponibilidade de mão de obra no campo;
- ✓ Mercado consumidor crescente;
- ✓ Altos índices de produtividade em áreas irrigadas;
- ✓ Certificações de conformidade adotadas pelos Mercados mundiais;

- ✓ Potencial para implantação de agroindústrias de: sucos concentrados, doces diversos, polpas de frutas, frutas cristalizadas;
- ✓ Produção de frutas de clima temperado (subtropical).

**Bahia**

QUADRO 19

### Aves e suínos: vantagens e oportunidades

- ✓ Disponibilidade de grãos;
- ✓ Atividade econômica em expansão;
- ✓ Mercado consumidor crescente;
- ✓ Existência de empresas integradoras;
- ✓ Condições climáticas favoráveis.

- ✓ Produção de ração;
- ✓ Produção de matrizes e pinto de um dia;
- ✓ Implantação de novas integradoras (frigoríficos/abatedouros);
- ✓ Implantação de parque industrial para: equipamentos, instalações e máquinas.

**Bahia**

QUADRO 17

### Biodiesel e etanol: vantagens e oportunidades

- ✓ Maior produtor de mamona do Brasil;
- ✓ Solo, clima e topografia favoráveis para a produção de oleaginosas;
- ✓ Disponibilidade de infraestrutura e logística para distribuição de combustíveis;
- ✓ Pesquisa, apoio institucional e desenvolvimento tecnológico;
- ✓ Crescente demanda internacional para biocombustíveis.

- ✓ Implantação de parque industrial para produção de biocombustíveis.

**Bahia**

QUADRO 20

### Eucalipto: vantagens e oportunidades

- ✓ Solo, clima (insolação / precipitação) e topografia favoráveis;
- ✓ Período de rotação (7 anos) e produtividade média superiores a várias espécies cultivadas no mundo;
- ✓ Taxa de crescimento dos eucaliptos superior às espécies cultivadas em clima frio;
- ✓ Elevada produtividade (Bahia: 50 m³/ha/ano e Brasil: 35 m³/ha/ano);
- ✓ Elevada demanda internacional.

- ✓ Implantação de parque industrial: papéis, moveleira e embalagens;
- ✓ Criação de novos polos de produção;
- ✓ Consórcio Agrosilvopastoril.

**Bahia**

QUADRO 18

### Aquicultura e pesca: vantagens e oportunidades

- ✓ Maior costa litorânea do Brasil;
- ✓ Abundantes recursos naturais;
- ✓ Disponibilidade de tecnologias de cultivo, excelente qualidade dos pescados;
- ✓ Crescimento constante do consumo e certificação e rastreabilidade dos pescados.

- ✓ Implantação de parque industrial para produção de alimentos (peixes e camarões), ração e equipamentos.

**Bahia**

QUADRO 21

### BAHIA - Incentivos

**DESENVOLVE – Programa de Desenvolvimento Industrial e de Integração Econômica do Estado.**

Tem como finalidade fomentar e diversificar a matriz industrial e agroindustrial no Estado, formando adensamentos industriais nas regiões econômicas e integrando as cadeias produtivas essenciais ao desenvolvimento econômico e social e à geração de emprego e renda no Estado.

- Dilatação do prazo de pagamento de até 90% do saldo devedor mensal do ICMS normal, limitado a 72 meses.
- Lançamento diferenciado e pagamento do ICMS para aquisição de máquinas e equipamentos.

**PROALBA – Programa de Incentivo à Cultura do Algodão na Região Oeste do Estado da Bahia.**

- Incentivo: Concessão de até 50% de redução de ICMS incidente sobre o produto beneficiado.

**Bahia**

# Implantação de políticas produtivas para o Brasil

## RITA DE CÁSSIA MILAGRES TEIXEIRA VIEIRA

COORDENADORA-GERAL DE AGRONEGÓCIOS DA SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO E PRODUÇÃO DO MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR

DANIELLE MEDEIROS



“É preciso eliminar os gargalos que estão impedindo a competitividade brasileira”

Logo terei que retornar a Brasília, mas não podia deixar de aproveitar um evento como esse para mostrar o que o governo federal vem fazendo com a relação ao agronegócio. O Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) tem se focado mais intensamente no agronegócio, ou seja, no sistema agroindustrial. O ministro está muito focado e preocupado, e não é à toa, dado o desempenho do país e a contribuição que vem sendo dada pelo agronegócio à economia brasileira.

O Quadro 1, que traz o Desempenho do Agronegócio 2010, mostra que o agronegócio é responsável por aproximadamente 38% das exportações brasileiras, 25% do PIB, 33% dos empregos e apresentou, em 2010, um saldo da balança comercial de US\$ 63 bilhões. No mesmo ano, as exportações chegaram a US\$76,4 bilhões.

QUADRO 1

### Desempenho do Agronegócio 2010



- 37,86% das exportações brasileiras
- 25% do Produto Interno Bruto (PIB)
- 33% dos empregos
- Saldo da balança comercial de US\$ 63 Bilhões
- US\$ 76,4 Bilhões exportados

A balança comercial do agronegócio está sempre crescente, como demonstra o Gráfico 1. A linha

superior são as exportações brasileiras do agronegócio e embaixo as importações. Em 2009 houve uma queda por causa da crise internacional, mas há ocorre uma recuperação. Em 2011, de janeiro a maio, houve um aumento de 22%, em relação ao mesmo período de 2009.

GRÁFICO 1

Evolução da Balança comercial brasileira e do agronegócio – 1999 até 2010- (em US\$ milhões)

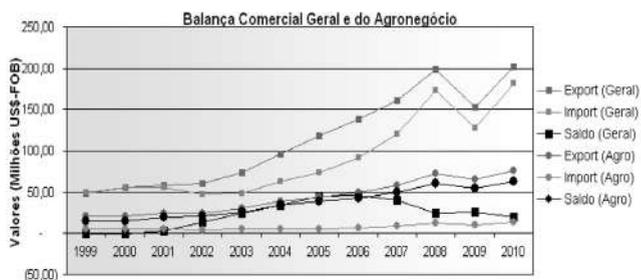


O Gráfico 2 relaciona a balança comercial do agronegócio à balança geral do Brasil. A linha superior se refere à balança total, enquanto o agronegócio a acompanha, com um desempenho espetacular, descrito pela linha com círculos. Já o Quadro 2 mostra que o saldo atual positivo da balança comercial, de 63 bilhões de dólares, se deve ao agronegócio. É um saldo positivo que corrobora tudo o que o Congresso tem aborda-

do, contudo, há saldos negativos dos demais setores.

GRÁFICO 2

Evolução da Balança comercial brasileira e do agronegócio – 1999 até 2010- (em US\$ milhões)



QUADRO 2

BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA E DO AGRONEGÓCIO 2000 - 2010 (US\$ Milhões)

BALANÇA COMERCIAL AGRONEGÓCIO	EXPORTAÇÕES		IMPORTAÇÕES		SALDO	
	2010	2000	2010	2000	2010	2000
Total Brasil	201.915	55.118	181.648	55.850	20.267	-731
Demais Produtos	125.474	34.514	168.261	50.090	-42.786	15.556
<b>Agronegócio</b>	<b>76.440</b>	<b>20.604</b>	<b>13.387</b>	<b>5.760</b>	<b>63.052</b>	<b>14.825</b>
Participação do agronegócio	<b>37,86%</b>	<b>37,36%</b>	<b>7,37%</b>	<b>10,31%</b>		

No Quadro 3 estão relacionados os principais produtos exportados do agronegócio, com o 1º lugar para a soja. O complexo sucroalcooleiro em 2010 passou a ser o segundo maior do agronegócio, a carne ficou em terceiro, e vêm outros, como os produtos florestais, o café, o fumo, etc. Observa-se que ocorreu, em 10 anos, um salto extraordinário nas exportações, com a soja partindo de quatro bilhões de dólares para chegar a 17 bilhões de dólares em 10 anos. É algo fantástico que não se vê em economia alguma. A soma das exportações foi US\$ 743,4 bilhões em 2010.

“O complexo sucroalcooleiro em 2010 passou a ser o segundo maior do agronegócio, a carne ficou em terceiro, e vêm outros, como os produtos florestais, o café, o fumo, etc.”

QUADRO 3

Principais exportações do agronegócio	2000	Participação	2010	Participação
	Valor (US\$)	(%)	Valor (US\$)	(%)
COMPLEXO SOJA	4.194.428.525	20,25	17.107.048.096	22,38
COMPLEXO SUCROALCOOLEIRO	1.233.896.537	5,96	13.775.943.538	18,02
CARNES	1.957.452.948	9,45	13.829.852.860	17,83
PRODUTOS FLORESTAIS	4.419.592.472	21,34	9.281.804.369	12,14
CAFÉ	1.784.142.125	8,61	5.764.620.108	7,54
FUMO E SEUS PRODUTOS	841.476.220	4,06	2.762.245.963	3,61
CEREAIS, FARINHAS E PREPARAÇÕES	64.302.430	0,31	2.715.364.724	3,55
COURO, PRODUTOS DE COURO E PELETERIA	2.155.436.544	10,41	2.639.405.032	3,45
SUCOS DE FRUTA	1.090.134.715	5,26	1.925.125.453	2,52
FIBRAS E PRODUTOS TÊXTEIS	842.861.710	4,07	1.446.160.359	1,89
<b>Total das Exportações do Agronegócio</b>	<b>20.710.938.373</b>		<b>76.441.416.219</b>	

No Quadro 4 estão as importações brasileiras, que em 2010 chegaram a 13 bilhões de dólares, significando um aumento das importações. O MDIC tem trabalhado muito para implementar soluções para fortalecer esse saldo da balança comercial.

QUADRO 4

Principais produtos Importados do Agronegócio Brasileiro	2000	Participação	2010	Participação
	US\$ - FOB	(%)	US\$ - FOB	(%)
PRODUTOS FLORESTAIS	1.149.969.666	19,07	2.846.689.610	21,26
CEREAIS, FARINHAS E PREPARAÇÕES	1.472.794.804	25,57	2.829.513.413	21,14
FIBRAS E PRODUTOS TÊXTEIS	469.595.774	8,15	1.319.762.720	9,86
PROD. HORTÍCOLAS, LEG., RAIZES E TUBERCULOS	269.825.363	4,68	1.033.251.738	7,72
PESCADOS	297.663.800	5,17	1.001.345.159	7,48
PRODUTOS OLEAGINOSOS (EXCLUÍ SOJA)	163.142.686	2,83	732.624.559	5,47
FRUTAS (INCLUÍ NOZES E CASTANHAS)	212.028.175	3,68	608.965.624	4,55
DEMAIS PRODUTOS DE ORIGEM VEGETAL	206.838.130	3,59	506.288.685	3,78
BEBIDAS	142.750.290	2,48	444.445.976	3,32
LACTEOS	376.293.027	6,53	336.167.307	2,51
CARNES	154.203.002	2,68	313.260.966	2,34
PRODUTOS ALIMENTÍCIOS DIVERSOS	140.663.376	2,44	300.333.370	2,24
Outros produtos		12,23		8,32
<b>Total Importado do Agronegócio</b>	<b>5.759.924.170</b>		<b>13.387.072.104</b>	

No Quadro 5 estão os principais estados exportadores, com 1º lugar para São Paulo. Depois, Paraná, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia, mas apenas São Paulo representa 33% das exportações brasileiras.

QUADRO 5

Principais Estados Exportadores	2000		2010	
	Valor (US\$)	Partic. (%)	Valor (US\$)	Partic. (%)
(UF) - SAO PAULO	4.834.324.105	31,06	18.982.560.265	33,05
(UF) - PARANA	2.954.949.161	18,98	9.908.278.951	17,25
(UF) - RIO GRANDE DO SUL	3.664.552.838	23,54	9.311.153.563	16,21
(UF) - MATO GROSSO	1.023.965.859	6,58	8.302.338.391	14,46
(UF) - MINAS GERAIS	1.690.510.186	10,86	7.609.461.454	13,25
(UF) - SANTA CATARINA	1.724.365.061	11,08	4.905.440.940	8,54
(UF) - BAHIA	724.891.519	4,66	3.738.504.337	6,51
(UF) - GOIAS	404.134.146	2,60	3.016.892.738	5,25
(UF) - MATO GROSSO DO SUL	220.447.240	1,42	2.610.043.556	4,54
(UF) - PARA	604.507.204	3,88	1.687.998.202	2,94
(UF) - ESPIRITO SANTO	859.903.612	5,52	1.623.727.880	2,83
Demais Estados	1.887.170.852	9,16	4.745.015.942	6,21
<b>Total</b>	<b>20.593.721.783</b>		<b>76.441.416.219</b>	

O Gráfico 3 traz a produção por região, com o centro-oeste despontando na produção do agronegócio. Por outro lado, o Brasil está fazendo seu dever de casa, aumentando a produção sem expandir área, como demonstra o Gráfico 4, de área poupada. Se for mantida essa produtividade, seriam necessários mais 50 milhões de hectares além dos 47 que já são usados hoje, ou seja, seriam necessários 97 milhões de hectares.

GRÁFICO 3

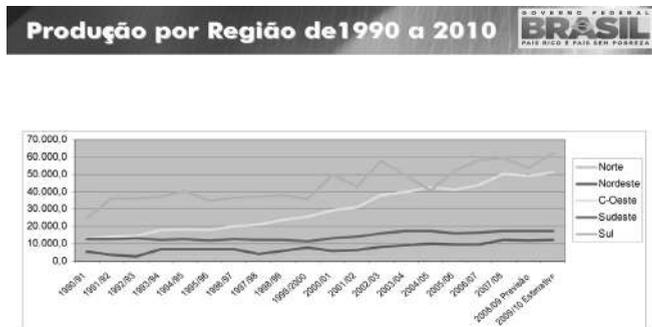


GRÁFICO 4



“Ainda há muito espaço para o Brasil conquistar no mercado internacional.”

Eu trouxe o Quadro 6 porque, apesar do desempenho espetacular do Brasil, sendo o maior exportador em laranja, fumo, cana, café, chamo a atenção para o espaço que existe para crescer. Acho esse Quadro muito importante, pois mostra ainda o potencial que o Brasil tem em termos de exportação. Na carne de frango o Brasil representa 36% das exportações do mundo, além de 36% em açúcar, 30% em café, 28% em tabaco, 24% em carne bovina. Esse quadro é importante para que se veja que ainda existe muito espaço para o Brasil conquistar no mercado internacional, bem como a posição brasileira em termos de exportação. Já foram falados os fatores positivos, mas pode-se conquistar muito mais pelas condições favoráveis de terra, clima, água e o mercado interno, que é vigoroso e que não pode definitivamente ser desprezado. Há competência e tecnologia, presença de grandes empresas com alcance global, economia de escala, produção diversificada e possibilidade de produzir durante todo o ano, setores estruturados para exportação em alguns produtos, sistema de P&D estruturado, tudo isso disponível no Brasil.

QUADRO 6

GOVERNO FEDERAL <b>BRASIL</b> PAIS RICO E PAIS SEM FOMEZA						
Comércio Mundial de produtos do agronegócio						
Destaques brasileiros - 2010						
Produto	Suco de Laranja	Carne de Frango	Açúcar	Café	Tabaco	Carne Bovina
Posição entre os maiores exportadores	1º	1º	1º	1º	1º	1º
Parcela do total das Exportações mundiais	84%	36%	36%	30%	28%	24%
Produto	Etanol	Fumo de toba	Seda	Óleo de soja	Carne Suína	Migalhas
Posição entre os maiores exportadores	1º	2º	2º	2º	4º	3º
Parcela do total das Exportações mundiais	15%	22%	32%	32%	10%	7%

### Produtividade contra a barreira do protecionismo

Em contrapartida, o Quadro 7 apresenta alguns problemas e debilidades brasileiras, como infraestrutura e logística (armazenagem, portos,

informatização do campo, transporte). Sistema tributário complexo, insegurança jurídica fundiária e ambiental. Faltam ainda informações e estatísticas de mercado, bem como problemas de assistência técnica, difusão e extensão. Há um excesso de burocracia, uma defesa agropecuária desarticulada entre estados e municípios. Inadequação à legislação dos mercados consumidores. Deficiência na estrutura de certificação e desarticulações entre os elos da cadeia, algo muito observado na cadeia de carne bovina, os elos “não se falam”. É uma briga a cada dia, cada um solicitando coisas diferentes para que o governo interceda.

QUADRO 7

**Debilidades**

- Infra-estrutura e logística (armazenagem, portos, informatização do campo, transporte, etc)
- Sistema tributário complexo
- Insegurança jurídica fundiária e ambiental
- Informações estatísticas e de mercado
- Assistência técnica, difusão e extensão
- Excesso de burocracia
- Defesa agropecuária desarticulada com estados e municípios
- Inadequação à legislação dos mercados consumidores
- Deficiência na estrutura de certificação
- Desarticulação entre os elos da cadeia

O Quadro 8 apresenta as ameaças que se referem ao mercado internacional. A cada dia vê-se o aumento do protecionismo via barreiras tarifárias e não-tarifárias, e alguns mercados alegam que a carne brasileira é do Amazonas. Na semana passada, o Itamaraty chamou o ministério, pois os EUA estariam realizando um estudo para que uma entidade não governamental viesse ao Brasil analisar o porquê de tanta competitividade. Como o Brasil estaria se destacando tanto com o agronegócio. O Itamaraty falou para que o ministério tomasse cuidado, porque eles, mais uma vez, deveriam criar barreiras e problemas. Decidimos em conjunto que vamos dizer que o Brasil é bom porque é competitivo, então não é a toa que o agronegócio vem despontando.

Contudo, algo preocupante é a dependência dos insumos importados do agronegócio, e o ministério tem também trabalhado em cima disso. Por exemplo, 70% dos fertilizantes usados internamente vêm de fora. Também se importam defensivos e materi-

al genético. É complicado, pois se pode inviabilizar o que tem sido feito há muito tempo.

O problema das mudanças climáticas é um tema que também vem chamando a atenção, uma forma de marketing negativo que a toda a hora se ouve. O Brasil tem problema ambiental com a exploração da Amazônia, trabalho escravo, infantil, degradação ambiental, mas são ameaças às quais o MDIC está atento. Isso porque o Brasil está se destacando, não é à toa, pois há muita coisa favorável.

QUADRO 8

**Ameaças**

- Aumento do protecionismo via barreiras tarifárias e não-tarifárias
- Dependência de insumos importados (fertilizantes, defensivos, material genético)
- Mudanças climáticas
- Marketing negativo (sócio - ambiental – Amazônia, trabalho escravo, infantil, degradação ambiental)

Farei um rápido diagnóstico da Política de Desenvolvimento Produtivo apresentada no Quadro 9. É impossível se fazer política pública sem conhecer o assunto abordado, quais são os problemas e o que precisa ser feito. Eu mantive essa política do final do governo Lula, que continua sendo adotada e executada no MDIC, mas agora se discute também o desenvolvimento da competitividade. O interessante é o trabalho com o sistema agroindustrial, uma tradição que o MDIC tinha à época do café, do açúcar e que foi retomada. Com essa nova política, houve uma abertura muito maior e inclusive se começou a negociar coisas importantes para o agronegócio com um êxito espetacular.

### Política de Desenvolvimento Produtivo

Sobre a Política de Desenvolvimento Produtivo, posso dizer que foi lançada pelo presidente Lula no final de 2008, trazendo macrometas relacionadas a investimento, a micro e pequenas empresas, exportações e que se desejava atingir até 2010. Além disso, havia a preocupação com pesquisa e desenvolvimento. Quando foi pensada a política, foram selecionados 25 setores, sendo que 12 tinham um programa para fortalecer sua competitividade. E o ministério conseguiu que o agronegó-

cio entrasse, o que foi espetacular para o retorno obtido.

Nessa política, os organizadores definem estratégia, objetivo, metas para o setor, desafios, quais os instrumentos, quais as ações e as medidas para cada um dos setores do agronegócio. Na época que essa política foi lançada, o MDIC acabou por mobilizar todo setor produtivo para que revelasse seus problemas.

QUADRO 9

**GOVERNO FEDERAL BRASIL PAIS RICO E PAIS SEM FOMEZA**

- Lançada ano passado pelo Presidente Lula
- 4 macrometas para 2010 (Investimento, MPE, Exportações, P&D)
- 25 setores foram selecionados
- 12 setores – Programas para Fortalecer a Competitividade
  - Sistema Agroindustrial – um dos 12 programas
- Foram definidas estratégias, objetivos, metas, desafios, instrumentos, ações/medidas para cada um desses setores
- Mobilizado o Setor Privado para estabelecer a Agenda de Ações

No Quadro 10 estão os programas estruturantes para sistemas produtivos com os 25 setores que foram escolhidos no programa. Na parte superior estão os programas mobilizadores em áreas estratégicas; abaixo estão os programas para fortalecer a competitividade e, no terceiro nível, os programas para consolidar e expandir a liderança. Cada um desses programas tinha um gestor, e eu sou a gestora do sistema agroindustrial. Já em outro bloco, que ficou a cargo do BNDES, estão carnes, bioetanol, etc..

QUADRO 10

**Programas estruturantes para sistemas produtivos**

**PROGRAMAS MOBILIZADORES EM ÁREAS ESTRATÉGICAS**

Complexo da Saúde, TICs, Energia Nuclear, Indústria de Defesa, Nanotecnologia, Biotecnologia

**PROGRAMAS PARA FORTALECER A COMPETITIVIDADE**

Complexo Automotivo, Bens de Capital, Têxtil e Vestuário, Madeira e Móveis, Higiene Perf. Cosméticos, Construção Civil, Complexo de Serviços, Trigo, Indústria Marítima, Couro e Calçados, Sist. Agro-Industrial, Biodiesel, Plásticos, Eletrônica de Consumo, Setor de Brinquedos

**PROGRAMAS PARA CONSOLIDAR E EXPANDIR A LIDERANÇA**

Indústria Aeronáutica, Petróleo e Gás, Bioetanol, Mineração, Siderurgia, Papel e Celulose, Carnes

O Quadro 11 mostra com clareza o que o MDIC quer com cada um dos setores do agronegócio. Mencionei que era preciso fazer um plano estratégico, um plano de ação com setores para decidir o que seria feito com cada um, partindo das metas e objetivos específicos.

QUADRO 11



A partir das metas, o MDIC inquiriu o setor sobre o que seria necessário fazer para fortalecer a competitividade do setor, com um cronograma estabelecido, com a maneira de atuação, com uma governança definida de qual ministério... Só assim pode-se compor um plano de ação coordenado pelo MDIC, mas com a participação de todo governo. Ouvi Roberto Rodrigues falar de uma estratégia de governo: isso foi um grande ensaio dessa estratégia, mas disse a ele que era uma pena que ele não via o que estava sendo feito.

QUADRO 12



“O ministério começou então a trabalhar com as reivindicações e conseguiu chegar a 85 ações, várias delas muito tímidas, outras muito ambiciosas, mas houve um trabalho a campo junto com o governo.”

incluindo a justificativa, qual seria o resultado esperado, qual o prazo, quem iria realizar as ações, etc. Já o Quadro 15 traz uma relação dos setores que enviaram 120 reivindicações, trazendo para o MDIC o que precisava ser feito. O ministério começou então a trabalhar com as reivindicações e conseguiu chegar a 85 ações, várias delas muito tímidas, outras muito ambiciosas, mas houve um trabalho a campo junto com o governo.

O MDIC havia feito um plano de ação por meio de um fórum de competitividade do sistema agroindustrial. Nele, estiveram representantes do governo, da iniciativa privada e instituições públicas como o MDIC, o MAPA, o Ministério da Fazenda, Ministério do Meio Ambiente, Ministério das Relações Exteriores, Ministério dos Transportes, Ministério da Ciência e Tecnologia, Ministério do Desenvolvimento Agrário, CONAB, Embrapa, BNDES, ABDI, Inmetro, INPI, FINEP, APEX. Todo o governo participou do fórum, além do convite às câmaras setoriais do MAPA para que tivessem uma representação nesse fórum de competitividade. Também esteve a Associação Brasileira das Indústrias da Alimentação (ABIA), ABAG, ABRAS, ABICS, IBRAF, UNICA, a União Brasileira de Avicultura (UBA), CNA, ASSOCITRUS, AFUBRA, IBRAVIN, ABIOVE, ABEMEL, ABIMA. Enfim, todos estavam representados nesse fórum.

QUADRO 14

AGENDA DE TRABALHO DA POLÍTICA DE DESENVOLVIMENTO PRODUTIVO						
Ação ou Medida	Justificativa	Resultado/ produto da Ação	Responsável pela Ação	Prazo		Outras informações relevantes
				Início	Fim	

QUADRO 13

**PDP – Elaboração do Plano de Ação**

**Fórum de Competitividade do Sistema Agroindustrial**

- Foi constituído um **Fórum de Competitividade do Sistema Agroindustrial** com representantes do Governo e da Iniciativa Privada:
- Instituições Públicas:** MDIC; MAPA; MF; MMA; MRE; MT; MCT; MDA; CONAB; EMBRAPA; BNDES; ABDI; INMETRO; INPI; FINEP; APEX;
- Instituições Privadas:** ABIA; ABAG; ABRAS; ABICS; IBRAF; UNICA; UBA; CNA; ASSOCITRUS; AFUBRA; IBRAVIN; ABIOVE; ABEMEL; ABIMA; ABIP; ANDAV; OCB; Planeta Orgânico; IBRAC; SINDIRAÇÕES; CONEPE; ABRANGE; FIESP; FEBRABAN; BM&F; BB; ABNT; ANUT; ABIMAQ;

QUADRO 15

**PDP – Sistema Agroindustrial Plano de Ação**

**Foram recebidas 120 Medidas/ações dos seguintes setores/ instituições:**

- IBRAF
- ABICS
- IBRAC e SINDIBEBIDAS
- CONEPE
- ABEMEL
- ABIOVE
- FIESP/ABICAB
- ABIC
- ABIA
- ABIMA
- ABTRIGO
- Planeta Orgânico
- CNA
- OCB
- FINEP
- FIESP/ SINDIRAÇÕES
- IBRAVIN
- SBCTA/UNICAMP
- SINDIRAÇÕES
- SINDIFUMO
- ABRANGE

**Após a avaliação do Comitê Executivo: 85 ações**

### Parceria entre Ministérios e Instituições

O plano para o que é preciso fazer no setor do agronegócio é apresentado no Quadro 14,

O MDIC conseguiu ter um comitê executivo, só com representantes do governo, para que se avaliassem todas as reivindicações sob a forma exposta no Quadro 16. Já o Quadro 17 traz os componentes do comitê executivo. O MAPA es-

tava presente e foi fundamental para evitar uma repetição de trabalho. Coordenado pelo MDIC, MAPA, Ministério da Fazenda, Ministério da Ciência e Tecnologia, Ministério das Relações Exteriores, Ministério do Meio Ambiente, BNDES, ABDI, APEX, INPI, Inmetro, Sebrae e FINEP. Esse era o comitê executivo que analisava o que os setores solicitavam, e, nessa base, cada componente tinha uma responsabilidade: se havia uma reivindicação com relação à desoneração tributária, o MDIC tratava com o Ministério da Fazenda. Eu então intercedia para tentar conseguir o que era reivindicado - e assim se conseguiu um êxito espetacular.

QUADRO 16

COMITÊ EXECUTIVO
<p>Composto por órgãos de Governo: articulação governamental</p> <p>Avaliação técnica e aperfeiçoamento de proposições do setor privado</p> <p>Formulação de ações e medidas</p> <p>Consolidação da Agenda de Ação</p> <p>Aprovação da Agenda de Ação (O Comitê Executivo tem o poder de vetar propostas de ação, devendo comunicar à SE-PDP)</p> <p>Definição do Plano de Execução (semestral), com prioridades, metas e ações focais</p> <p>Promoção da execução e implantação das Ações e medidas previstas na Agenda de Ação.</p>

QUADRO 17

Membros - COMITÊ EXECUTIVO
<p>Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio exterior - MDIC;</p> <p>Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento - MAPA;</p> <p>Ministério da Fazenda - MF;</p> <p>Ministério da Ciência e Tecnologia - MCT;</p> <p>Ministério das Relações Exteriores- MRE;</p> <p>Ministério do Meio Ambiente - MMA;</p> <p>Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES;</p> <p>Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial - ABDI;</p> <p>Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos- APEX;</p> <p>Instituto Nacional de Propriedade Industrial - INPI;</p> <p>Instituto Nacional de Metrologia Normalização e Qualidade Industrial - Inmetro;</p> <p>Serviço Brasileiro de Apoio as Micro e Pequenas Empresas - Sebrae;</p> <p>Financiadora de Estudos e Projetos - FINEP;</p>

Eu eventualmente fazia uma reunião com os setores para dar um retorno, fazer um balanço do que estava acontecendo, do que se conseguia. Acho que o mais importante foi a boa aproximação com o

Ministério da Agricultura, que tinha toda competência e as câmaras setoriais. O MDIC usou muito para “arredondar” os pleitos que vinham do setor. Foram organizados muitos grupos de trabalho, por exemplo, porque a ABICS trazia elementos diferentes do que a ABEMEL queria. Conseguimos dirimir diversas coisas junto ao governo, trabalhando em cima das reivindicações, dos gargalos, dos problemas do setor.

O Quadro 18 traz uma ideia do que foi o relatório do trabalho: o MDIC tinha as reivindicações de todos os assuntos, como desoneração tributária. Havia pedidos de oficinas, discussão de workshops... O MDIC conseguiu muito sucesso junto com BNDES na implantação de algumas políticas. Já no crédito, a conexão era com o Ministério da Fazenda, levando o que precisava ser feito nesse setor. Também realizou-se bastante coisa com as cooperativas, além de uma lista de exceção junto à COMEX, desburocratização do comércio internacional... Enfim, todos os setores foram abrangidos e o trabalho se focou nessas demandas.

QUADRO 18

PDP - Sistema Agroindustrial
<p><b>RELATÓRIO DOS TRABALHOS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Lançamento da PDP : 2008</li> <li>• Reunião Plenária Inicial com instalação do Fórum;</li> <li>• 2ª Reunião Plenária para elaboração do Plano de Trabalho;</li> <li>• Reuniões do Fórum para o Balanço das Atividades: 2008,2009,2010.</li> <li>• Importante: Articulação Público-Privado: Fórum de Competitividade, Câmaras Setoriais do MAPA, Grupos de Trabalho com os diversos Setores</li> </ul>

O Quadro 19 traz os temas nos quais se observaram 65 itens de avanços e progressos sobre o que o setor agro trouxe. Por exemplo, com relação ao mel, se fosse apontado “é preciso aprofundar a pesquisa na gestão das colmeias”, então eu buscava o fundo setorial do agronegócio para conseguir recursos, e os conseguia. Falo de 65 avanços, sendo que os recursos estão com o setor privado. Eu me dirigia ao Ministério da Fazenda junto com o supervisor das câmaras setoriais levando 12 reivindicações do sistema e conseguia muita coisa, como selos para o vinho, etc.

O Quadro apresenta muito do envolvimento e da determinação do MDIC em trabalhar esse setor. Também houve avanços e resultados em leis, normas. Por exemplo, a primeira foi trazida pela ABICS, no tema café solúvel, requisitando o “drawback integrado”.

O que é isso? Quando alguém vai comprar um insumo, que outro vai operacionalizar para exportar, o MDIC conseguia imediatamente a liberação do PIS, Confins no momento da compra do insumo. No agro-negócio, vários setores estavam fora, pois era alegado que empresas com lucro presumido não poderiam se beneficiar. O MDIC então conseguiu colocá-las. Enfim, foi um trabalho “de formiguinha”, mas muito focado com todas as reivindicações do setor, um exercício espetacular. Ouvi a palestra de Roberto Rodrigues, é tudo ocorre como ele descreveu: deve-se contatar o governo e reivindicar, não importa se for o MDIC, o ministério da Fazenda ou o MME. É preciso fazer e dar retorno para o setor privado, eliminando os gargalos que estão impedindo a competitividade brasileira. Só que é difícil fazer isso.

Há 15 dias eu participei do PPA; Roberto Rodrigues comentou comigo que seria muito complicado, pois quando se fala em desoneração eco-fazenda, infraestrutura de logística, de transporte, ocorre uma “ciumeira” no governo. O MDIC estava trabalhando com o etanol, mas o Ministério de Minas e Energia disse que não deveríamos entrar. Contestei, pois os ministérios têm que oferecer opções e retorno para o setor privado. É a minha função atual no MDIC, dar resultado para o setor. Porém, existem assuntos para os quais só consegui recursos, mas não foi implementada a pesquisa. Mesmo assim, o MDIC tem a representatividade do setor como um todo.

“Na Política de Desenvolvimento da Competitividade há quatro eixos que geram preocupação: o desenvolvimento sustentável, a ampliação e diversificação dos mercados, adensamento das cadeias de valor e produção sustentável.”

O MDIC chegou a ver alguns resultados citados em lei; ainda existem algumas pendências, mas faço questão de continuar trabalhando para solucioná-las. De volta ao exemplo do café solúvel e o drawback verde-amarelo: o Brasil está perdendo muito mercado porque não se pode importar café verde. Recentemente uma empresa me comunicou que deixou de vender para o Japão, pois durante a negociação os importadores perguntaram qual era o percentual de café colombiano. A empresa revelou que era zero, pois o Ministério da Agricultura proibia a importação, e na hora foi desfeita toda a negociação. São medidas que terão que ser trabalhadas. Estou participando do Conselho do Desenvolvimento no MAPA, um parceiro espetacular, focado, que trabalha com câmeras setoriais. Foi um negócio muito interessante, mas por que não importar? Estou falando de importar para exportar, e não importar para o mercado interno. Isso é o “drawback do café verde” que se precisa fazer com o setor. O MDIC também tem participado de negociações internacionais, como na União Europeia, que impõe tarifas às exportações brasileiras de café solúvel. No caso dos produtores de cachaça, eles requisitaram uma volta ao enquadramento no sistema Simples: infelizmente, não é possível, pois bebidas alcoólicas não participam. Isso ainda é uma pendência do MDIC, que vem tentando enquadrar numa lei para modificar o Simples. Pretendemos “achar algum local” para a cachaça, o que é um trabalho forte, mas muito interessante e desafiante. Quanto ao vinho, faltaram duas ações, uma delas é a modernização da vitivinicultura do Brasil. Conseguiu-se que o vinho brasileiro participasse de feiras com a Apex, além de sua exportação, com marketing.

QUADRO 19

PDP – Sistema Agroindustrial

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
PAIS RICO E PAIS SEM POBREZA

**RELATÓRIO DOS TRABALHOS**

- Resultados alcançados/ Avanços: 65 itens relacionados à :
  - 1. Desoneração tributária – Drawback Verde-amarelo, Drawback Integrado
  - 2. Realização de Trabalhos, Oficinas, Workshops (infra-estrutura e Logística, Fertilizantes, Trigo, etc.
  - 3. Financiamento (BNDES)
  - 4. Crédito
  - 5. Cooperativas
  - 6. Revitaliza
  - 7. Programa de Promoção Comercial (Frutas, Vinho)
  - 8. Plano de desenvolvimento Setorial
  - 9. Regulação de Estoques (vinho)
  - 10. Selo Fiscal do vinho
  - 11. Estudos e Diagnósticos
  - 12. Recursos para Pesquisa
  - 13. Programas de Qualificação/capacitação
  - 14. Lista de Exceção
  - 15. Negociações Internacionais
  - 16. Fortalecimento das análises de Risco
  - 17. Selo para cooperativas de cachaça
  - 18. Desburocratização do Comércio Internacional

## Política de Desenvolvimento da Competitividade

O MDIC trabalhou sobre a política de desenvolvimento produtivo, que foi muito gratificante para nós e o MAPA. A maioria das ações não foi feita pelo MDIC, que coordenou e cobrou; isso foi feito pelo MAPA, pelo Ministério da Fazenda e outros ministérios. A função do MDIC era implementar ações, o que aconteceu agora com a mudança de ministro e de secretaria, o que acarretou muitas mudanças. O ministro atual é Fernando Pimentel, que tem muita sensibilidade para o agronegócio e está discutindo outra política, a de Desenvolvimento da Competitividade. O nome não está definitivamente estabelecido, mas está sendo muito discutido no alto escalão. Ela será lançada no final de julho de 2011, mas meu comentário já antecipa a preocupação atual da política.

Na Política de Desenvolvimento da Competitividade há quatro eixos que geram preocupação: o desenvolvimento sustentável, a ampliação e diversificação dos mercados, adensamento das cadeias de valor e produção sustentável. Quer dizer, é preciso colocar mais tecnologia e agregar mais valor a todas as cadeias e economias brasileiras. O quarto eixo é a criação e fortalecimento de competências críticas. Para encerrar, quero mostrar os objetivos sob o foco do MDIC para ampliar o investimento produtivo. É preciso elevar o dispêndio empresarial em pesquisa e desenvolvimento, mas não só do governo, que vai criar recursos para a pesquisa, mas as empresas também precisam investir. Elas terão que dar alguma contrapartida, aumentando a qualificação de recursos humanos, fortalecendo as micro, pequenas e médias empresas, produzindo de forma mais limpa, diversificando as exportações e promovendo a internacionalização das empresas brasileiras. Elevar a participação nacional nos mercados de tecnologia, bens e serviços, de energia. Ampliar o valor agregado nacional. Elevar a participação dos setores intensivos em conhecimentos no PIB, ampliar o acesso a bens e serviços para qualidade de vida.

---

“Parcerias com ministérios são fundamentais para as reivindicações dos setores.”

---

Estou me antecipando à política que vai ser lançada, então será preciso esperar para ver como o agronegócio brasileiro vai ficar. De toda forma, acho que eventos da natureza do Congresso são muito importantes até para subsidiar quem está no governo. É uma oportunidade de mostrar o que está acontecendo com o setor, onde estão os gargalos para o governo se focar. O MDIC conseguiu avançar muito na questão da desburocratização das exportações, no comércio internacional... as portas do MDIC estão abertas. E as parcerias feitas com outros ministérios têm sido de fundamental importância para levar as reivindicações dos setores. Recentemente, trabalhei com um problema do café e da soja; enquanto estive trabalhando, preocupada para que o Brasil agregue mais valor aos seus produtos, chegou uma nova medida que vai dificultar e favorecer ainda mais. Digo que o Brasil é o único país que faz escalada tarifária ao contrário: taxa mais a exportação, por exemplo, de valor agregado do que com o farelo e óleo de soja, em favorecimento das exportações. Quer dizer, existe uma política pública que está toda “torta” e é preciso ser revista. Fiz uma análise técnica, uma nota técnica, mostrando que se trabalha para agregar valor, mas logo são criadas mais medidas contrárias. Há um grande problema na fazenda com o café torrado e moído, mas o MDIC está muito atento e não trabalha sozinho, está com todos esses parceiros que mencionei. Infelizmente, não posso passar todos os itens dos progressos, dos avanços, mas o MDIC, em Brasília, está à disposição dos setores e do Congresso, para trazer também subsídios ao governo. 

# Máquinas e implementos agrícolas adequados às necessidades da agricultura tropical

**CELSO LUÍS CASALE**

Presidente da Câmara Setorial de Máquinas e Implementos Agrícolas (CSMIA)

Agradeço a oportunidade de falar para uma plateia tão interessada no agronegócio. Represento a indústria de máquinas e implementos agrícolas, mas prefiro falar da agricultura, que é o que nos encoraja e dá motivos para continuar a nossa luta. A previsão da FAO é que a produção de alimentos terá que aumentar 70% nos próximos 40 anos, notícia já conhecida, mas a Humanidade vê-se num período de aumento de 6,7 milhões para 9,1 bilhões de indivíduos até meados deste século.

Cito também Jacques Diouf, diretor geral da FAO, que comentou que o efeito combinado do crescimento populacional com o forte crescimento na renda e da urbanização deve resultar em uma quase duplicação da demanda por alimentos, rações e fibras no período de 40 anos.

O Quadro 1 mostra a demanda mundial por alimentos: para cereais, em 2007, eram 2.100 milhões de toneladas. Sendo 3.0000 milhões de toneladas para 2050, significa um crescimento de aproximadamente 43%. Carnes: de 228 milhões de toneladas passando para 463 milhões de toneladas, um crescimento de 103,07% no período. A população total, de 6,8 bilhões, irá para 9,2, um crescimento de 35,29%. Já a população urbana, vê-se que sua proporção muda em relação ao total: de 3,32 - que era aproximadamente a metade - passando para 6,44. Isto significa aproximadamente 2/3 da população mundial, com uma variação de 93,9%.

O Quadro 2, retirado do site da FAO, mostra a produção projetada no período de 2009 até 2050. Observa-se, por exemplo, o arroz, que é um produto muito consumido no Brasil: ele teve 456.801 milhões de toneladas e cresceu, no período de 2009 a 2020, para 64.894 milhões de toneladas. Depois, de 2009 a 2030, deve ir para 86.376 milhões de toneladas. Já de 2009 a 2050 chegará a 1018,52. No Brasil ele crescerá de 8.571 para 964 milhões de toneladas (2009 a 2020). Já de 2009 a 2030, 1.357 milhões de toneladas, enquanto de 2009 a 2050, 1.762 milhões de toneladas. O mesmo ocorre com todos os produtos. Gostaria de chamar a atenção para a carne bovina, que, de 9.558 milhões de toneladas, já nessa primeira década ela aumentaria quase mais 2 milhões



“Ao defendermos uma linha de financiamento e condições melhores, estamos defendendo o interesse do produtor.”

de toneladas. Lembro também que a pecuária está passando por uma fase de melhoria muito rápida na parte genética e em tecnologia, com pastagens mais bem adubadas e a terminação de gado em confinamento. Isso contribui para liberar mais terra para agricultura.

QUADRO 1

Produto	2007	2050	Variação %
Cereais (1)	2.100	3.000	42,85
Carnes (1)	228	463	103,07
População Total (2)	6,8	9,2	35,29
População Urbana (2)	3,32	6,44	93,9

(1) Milhões de toneladas  
(2) Bilhões de pessoas

Fonte: FAO, outubro 2009

QUADRO 2

Período		2009	09-2020	09-2030	09-2050	2009	09-2020	09-2030	09-2050
Produção (1)	Mundo					Brasil			
Carne Bovina		65,080	9,558	22,400	39,568	9,18	1,969	4,465	7,143
Carne Suína		105,088	21,564	49,751	62,62	3,06	606	1,462	1,837
Carne de Frango		92,630	25,219	50,699	100,414	12,219	4,493	9,365	16,851
Açúcar		161,575	38,600	95,273	133,712	36,726	10,597	24,001	33,093
Arroz		456,801	64,894	86,376	1018,52	8,571	964	1,357	1,762
Grãos Forrageiros		1,112,022	199,062	327,27	575,927	52,672	20,026	43,976	60,673
Oleaginosas		407,909	87,389	174,146	391,627	61,985	27,162	60,67	106,5

(1) em milhões de toneladas. Fonte: FAO

O Quadro 3 mostra a área projetada para acompanhar aquele esperado crescimento de produção, com a área mundial e do Brasil comparadas. Voltando no arroz: 155.981 milhões de hectares e cresce até 7,124 milhões de hectares na primeira década, 3.324 milhões de hectares na segunda década e 8.373 milhões de hectares na década de complemento para chegar em 2050. No Brasil, parte-se de 3,1 milhões de hectares para 0,3, que é o aumento no período de 2009-2020. De 2009 a 2030, 0,3, depois mais 0,06. Isso mostra o crescimento que se espera, em termos de área, para atender à demanda projetada pela FAO.

QUADRO 3

Período		2009	09-2020	09-2030	09-2050	2009	09-2020	09-2030	09-2050
Área (2)	Mundo					Brasil			
Arroz		155,981	7,124	3,324	8,373	3,1	203	311	61
Grãos forrageiros		318,238	20,212	24,727	29,502	14,16	1,377	2,241	2,571
Oleaginosas		210,384	17,8	30,095	60,578	23,52	5,617	11,758	16,23
Cana-de-açúcar (para açúcar)		nd	nd	nd	nd	3,452	779	1,688	2,142

(2) em milhões de hectares. Fonte: FAO

O Quadro 4, extraído do Ministério da Agricultura, mostra a taxa de crescimento de 2010 a 2011 comparando-se com 2020 a 2021, uma taxa projetada do crescimento que desse período em termos de produção e exportação. Algodão, com 47,8% de produção e

68,4% de exportação. Nesse quadro pode-se ver outros produtos, para mostrá-los e o que se espera da produção brasileira nesse período.

QUADRO 4

Produto Agrícola	Produção	Exportação
Algodão	47,8%	68,4%
Açúcar	24,2%	45,8%
Café	30,7%	24,9%
Carne Bovina	24,0%	29,4%
Carne de Frango	30,0%	33,7%
Celulose	34,0%	40,6%
Leite	20,9%	50,5%
Milho	24,0%	56,5%
Soja em Grão	25,9%	39,1%

Fonte: Min. Agricultura e Abastecimento, MAPA, Junho - 2011

Por outro lado, segundo o relatório da FAO e da OCDE, a produção do Brasil hoje precisa crescer 40% até 2019, na comparação com os anos de 2007 e 2009, para acompanhar esse crescimento esperado pela FAO, em termos de produção de alimentos no mundo.

Como indica o Quadro 5, ainda segundo a FAO e a OCDE, o Brasil tem, além da produção de alimentos, que considerar a produção de etanol. Portanto, será preciso mais áreas de produção, considerando um crescimento 7,5% ao ano, para atender à demanda no período de 2010 a 2019 e para abastecer a frota nacional de carro flex. Também deve-se considerar que as exportações brasileiras de oleaginosas devem passar de 26% em 2010 para 35% em 2019.

QUADRO 5

**Setores Estratégicos**

*Ainda segundo o relatório da FAO e OCDE, o Brasil deve ampliar mais suas atividades em setores agrícolas onde já atua com destaque:*

- produção de etanol, que deve crescer 7,5% por ano no Brasil no período de 2010 e 2019.
- As exportações brasileiras de oleaginosas devem passar de 26% do total mundial em 2010 a 35% em 2019.

Fonte: FAO

## Evasão rural x mecanização

Para chegarmos ao assunto principal abordado no Quadro 6, as oportunidades dentro do setor de máquinas e implementos agrícolas, é preciso também falar das oportunidades de trabalho comparando-se o setor agropecuário e urbano. Observou-se que a expansão da população urbana será muito maior do que a rural, pois há mais vantagens e oportunidades de trabalho nas cidades. Isso promove a emigração da população rural, fortalecendo mais a população urbana, que não está ligada à produção. E, com isso, ocorre mais carência de mão-de-obra no campo, obrigando o produtor rural a partir para a mecanização para tentar resolver o problema da escassez. Além de suprir a falta de mão-de-obra, ele também quer reduzir custos e aumentar a produtividade com o uso da mecanização, tornando-se mais competitivo.

QUADRO 6

**Evasão do Campo e Mecanização**

Maiores vantagens e oportunidades do trabalho urbano tem acarretado intensa migração para outros tipos de atividade, não ligadas ao setor.

A alternativa para o produtor rural é a mecanização, permitindo maior produtividade do trabalho e redução de custos, tornando seus preços "mais competitivos".

Fonte: www.g1.globo.com

No Quadro 7 estão algumas informações da década de 60 a 80: 28,4 milhões de pessoas deixaram a área rural à taxa de 300 mil por ano, em média. Na década de 90, houve uma redução de 21,5% na demanda de força de trabalho agrícola, em 30 culturas. De 1971 a 2004, o Estado de São Paulo teve uma eliminação de 670 mil postos de trabalho referentes a pessoas que mudaram para a cidade, sendo uma mão-de-obra braçal, de baixa remuneração, que preferiu ir buscar trabalho na cidade.

Como mostra o Quadro 8, Nos anos 90, 210.000 famílias por ano emigraram da zona rural para as cidades. A cada ano, desaparecem 100.000 pequenos estabelecimentos rurais, representando menos 550.000 postos de trabalho na agropecuária. Isso ocorre pelas baixas remunerações pagas aos

trabalhadores rurais - pessoas como um trabalhador braçal, contratado especificamente para a colheita, por exemplo, de cana ou laranja - observou-se que essa mão-de-obra está saindo do campo e migrando para as cidades, buscando outros tipos de atividades que ofereçam melhor remuneração. Assim, a saída para o produtor é mecanizar cada vez mais as lavouras, dando mais competitividade à produção.

QUADRO 7

**Evasão do Campo**

- 1960 a 1980, 28,4 milhões deixaram a área rural (300 mil/ano) (\*);
- Década de 90: redução de 21,5 % na demanda de força de trabalho agrícola em 30 culturas (3,6 milhões famílias < US 1/dia) (\*\*);
- 1971 a 2004: No Estado de SP, eliminação de 670 mil postos de trabalho (\*\*\*)

(\*) George Martins, demógrafo  
 (\*\*) Transformações Tecnológicas e a Força de Trabalho da Agric. Brasileira - Pesquisa Seade / Unicamp  
 (\*\*\*) Camargo, José Marangoni - UNESP/Marília

QUADRO 8

**Evasão do Campo**

- Anos 90: 210.000/ano de famílias rurais emigraram;
- A cada ano, desapareceram 100.000 pequenos estabelecimentos rurais; 550.000 postos de trabalho deixam de existir na agropecuária (\*\*).

(\*\*) Veiga, J. E. R

Se eu tivesse que escolher um quadro para sintetizar toda a minha palestra, escolheria o Quadro 9: ele fala da produtividade no campo, mas em termos de números de hectares por trabalhador rural. Fiz um comparativo com os dados da FAO do Brasil, Estados Unidos e França, de 1994 a 2008, em duas partes. No Brasil, em 1994, cada trabalhador rural trabalhava 18 hectares, nos Estados Unidos 122,1 hectares e a França 26,5. Em 2001,

o Brasil mudou de 18 para 20, ou seja, um trabalhador dava conta de 20 hectares enquanto nos Estados Unidos esta taxa subia de 122,1 para 134,6 e, na França, de 26,5 para 35,1. Em resumo: nesse período, a taxa de crescimento na produtividade desses países foi mais ou menos parecida, mas com uma proporção muito diferente entre Brasil, Estados Unidos e França.

QUADRO 9

	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
<b>Brasil</b>	18,0	18,7	19,0	19,0	19,2	19,4	19,6	20,0
<b>EUA</b>	122,1	123,8	124,6	125,7	127,5	129,3	131,5	134,6
<b>França</b>	26,5	27,6	28,6	30,0	31,3	32,6	33,8	35,1

ha / trabalhador

Fonte: FAO

## Equipamentos adequados à realidade brasileira

No Quadro 10, que abrange o período de 2002 até 2008, observa-se que o Brasil continua na mesma taxa de crescimento de produtividade, mas a França e os Estados Unidos já aumentaram mais, principalmente a França. O que quero dizer mostrando o Quadro 15? Quero dizer que a oportunidade oferecida para o setor de máquinas e implementos agrícolas do Brasil, graças ao grande crescimento e desempenho da agropecuária brasileira, é muito grande. Ou seja, além de o país ter um potencial de crescimento, em função da necessidade de se produzir mais alimentos, existe uma demanda que está reprimida para se aumentar essa mecanização. Ou seja, é possível admitir muito mais evasão rural - desde que haja mecanização. Há um gráfico científico que mostra o crescimento da produção de alimentos em forma de curva, semelhante a uma parábola. Comparada à curva de aumento de área, que é quase uma reta, significa um ganho que se deveu não somente à tecnologia da Embrapa e aos estudos de pesquisa na área de tecnologia agrícola, mas também fortemente à mecanização. A indústria de máquinas e implementos agrícolas no Brasil tem trabalhado forte e desenvolvido tecnologias voltadas às condições brasileiras, notadamente o plantio direto, que é um trabalho que ajuda no processo de captação de carbono e que dá sustentabilidade ambiental e econômica ao setor.

QUADRO 10

	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
<b>Brasil</b>	20,3	20,6	20,9	21,3	21,7	22,2	22,7
<b>EUA</b>	137,9	141,7	143,8	145,7	147,3	150,7	153,8
<b>França</b>	32,4	37,6	39,2	40,9	42,8	44,6	46,4

ha / trabalhador

Fonte: FAO

Ainda sobre a importância do setor de máquinas e implementos agrícolas do agronegócio, quero falar do impacto direto que a mecanização tem oferecido no aumento dessa produtividade, representada pelas curvas que mencionei, e também na melhoria das condições de trabalho no campo. Porque quando se oferecem máquinas e equipamentos com mais tecnologia e mais segurança, o trabalhador do campo recebe condições melhores. Os produtos desenvolvidos e fabricados pelas indústrias de máquinas e implementos agrícolas atendem às necessidades da agricultura tropical, o que na maioria das vezes não acontece com os equipamentos fabricados na Europa e Estados Unidos. Seja por causa das condições de trabalho no campo brasileiro ou por causa das condições do clima. A indústria brasileira desenvolve equipamentos para atender a essa necessidade e tem dado certo.

A CSMIA tem feito um trabalho de colaboração muito estreito com a Embrapa há bastante tempo. Recentemente, até propus para o presidente da Embrapa que se criasse um centro de instrumentação agrícola ligado à Embrapa de São Carlos. Nele, poderia haver um departamento onde se fariam testes e certificação de máquinas e implementos agrícolas do Brasil: ele aceitou a ideia e um projeto para fazer isso está sendo implementado. Até então, nossa colaboração era informal, o que tem dado certo, mas nem possuía um contrato. Se formalizarmos o centro, passaremos a trabalhar com mais objetividade e conseguiremos resultados ainda melhores. A CSMIA também está fazendo um trabalho voltado para a África, pois as máquinas produzidas para as condições brasileiras podem atender a outros países da África ou América Latina. O Brasil exporta máquinas e implementos agrícolas que o europeu e o americano não têm para 90 países. Em termos de África, como mencionei, a parceria entre a Câmara e a Embrapa acabou de criar o Portal ProÁfrica, voltado para a divulga-

ção de tecnologia em termos de maquinários produzidos no Brasil. Ele ainda não está no ar, mas tem o objetivo de ajudar a África a produzir mais alimentos, para matar a fome do seu povo e no futuro colaborar, pois o Brasil sozinho não vai dar conta. Daqui a 100 anos, nós vamos precisar dos africanos produzindo também bastantes alimentos.

No Quadro 11, sintetizei as informações com relação à concentração da produção no Brasil. De um total de cerca de cinco milhões de estabelecimentos rurais, 423.689, ou seja, 8,19% do total, produzem 84,89% do valor da produção agrícola nacional. Em termos de salário mínimo por mês, por estabelecimento, fica uma média de 80. Aproximadamente 976.000 produzem 11,08%. Isso corresponde a aproximadamente 19% de todos os estabelecimentos. Existe uma concentração muito grande de produção, mas como a primeira pode ser diminuída? Um deles é um programa do governo brasileiro chamado Mais Alimentos, para atender o agricultor familiar. Reputo-o como um verdadeiro programa social, pois ele não se limita a dar, ele ensina o indivíduo a produzir. Ou seja, há financiamento de máquinas em condições especiais, com 2% de juros anuais para pagar em 12 anos. É preciso também um projeto para o que esta pessoa vai fazer, para ensiná-la a produzir. Por exemplo, alguém que trabalha com a mulher e o filho, deve estar inserido nesses 3.775.826, pois sua produção é ínfima. Se ele se mecanizar, tiver tratores agrícolas, vai passar a produzir de forma representativa. Então esse programa é importante. É preciso que o Brasil fortaleça o médio produtor.

QUADRO 11

Número de Estabelecimentos	% do total de Estabelecimentos	% do valor da produção	Salários mínimo por mês (Por Estabelecimento)
423.689	8,19 (*)	84,89	80,04
975.974	18,86	11,08	4,53
3.775.826	72,96	4,04	0,43

(\*) Desses, apenas 22.188 (0,43%) estabelecimentos produziram 51,34% do valor da produção.

Fonte: Censo Agropecuário 2006/IBGE

Acho que o país está precisando ajudar mais o produtor médio, não só o pequeno, mas o médio, que poderá investir mais em máquinas. Fui informado do lançamento recente do Plano Agrícola 2011/2012, no qual o governo pretende fortalecer mais o médio produtor. Para isso, o limite de financiamento foi aumentado. Lembro que o ex-ministro Roberto Rodrigues mencionou que a China não tem mais con-

dições de crescer, mas ainda assim subsidia 30% do valor das máquinas agrícolas e financia com taxa de 2% ao ano, para um pagamento em 15 anos. A Índia faz algo parecido. Recentemente, conversei com pessoas da Turquia, durante a Agrishow, no estande da minha empresa: aquele país também não tem como ampliar suas áreas de produção, mas está pagando 50%, em forma de subsídios, para que o produtor compre uma máquina agrícola, além da taxa de 2% a longo prazo. Porque esta é a forma com que se pode ajudar o produtor a ganhar e aumentar a sua produtividade: produzir mais e diminuir os seus custos.

O Quadro 12, produzido pela ANFAVEA, expõe a produção e comercialização de tratores. Observa-se um crescimento de 2004 a 2010, que de 28.699 chegou a 55.857 unidades. É um crescimento grande nesses anos. Apesar disso, o país ainda mantém aquela produtividade baixa que citei em termos de homem por hectare.

QUADRO 12

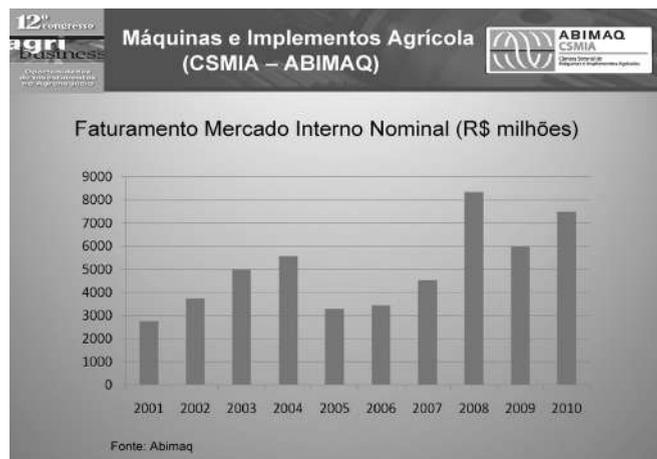
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
JAN	1.476	1.179	1.233	1.357	1.926	2.351	3.494
FEV	1.715	1.339	1.366	1.911	2.964	2.794	4.227
MAR	2.354	1.844	1.694	2.408	3.328	3.325	5.321
ABR	2.865	1.813	1.582	2.385	3.502	3.072	5.103
MAI	2.860	1.542	1.760	2.675	3.645	3.266	5.531
JUN	2.706	1.756	1.775	2.813	4.141	3.389	5.110
JUL	2.928	1.491	1.809	2.968	3.916	4.025	5.076
AGO	3.118	1.648	1.915	3.259	4.050	4.107	5.587
SET	3.018	1.641	1.929	2.906	4.209	4.555	4.883
OUT	2.749	1.523	2.050	3.290	4.137	4.990	4.575
NOV	1.833	1.093	1.787	2.880	3.359	4.306	3.661
DEZ	1.077	718	1.249	1.845	2.791	4.024	2.689
TOTAL	28.699	17.587	20.149	30.697	41.968	44.204	55.857

Fonte: ANFAVEA

O Gráfico 1 mostra a evolução do faturamento de máquinas e implementos agrícolas apenas referente à câmara de máquinas agrícolas da CSMIA, sem tratores. A agricultura sempre é cíclica: se este gráfico for comparado ao que acontece na agricultura, fornecerá uma curva paralela. Ou seja, quando a agricultura vai bem, a CSMIA também vai bem, e vice-versa. Em 2009, que a crise mundial se instalou, a Câmara caiu 30% em faturamento, algo recuperado em 2010. Em 2010 devemos passar 2008, que foi o início da crise. Mas sempre de forma a acompanhar a agricultura. É preciso crescer muito mais, aumentar escalas. Hoje existe uma "briga" da CSMIA com o governo para melhorar o MODERFROTA, que é uma linha de financiamento um tanto inativa. Isso porque ela custa de 7,5% a 8,5% ao ano e nós queremos baixar para 3% ao ano. A CSMIA quer que o produtor invista, aumentando a escala da indústria e, em consequência, derru-

bando seus custos para oferecer preços melhores.

GRÁFICO 1



Fiz uma palestra para um grupo de deputados em Brasília e um deles se rebelou falando que colheitadeiras e tratores “aumentam muito o preço”. Expliquei que a Câmara não tem nada a ver com isso, e sim a ANFAVEA. A indústria de máquinas e implementos agrícolas do Brasil é indústria familiar, 90% são pequenas e médias empresas e 99% são familiares. Em comparação, nós somos como um produtor médio, com poucos grandes. Assim, a CSMIA sofre das mesmas dores e dos mesmos males do produtor, e precisamos caminhar juntos. Se não houver uma luta conjunta para que se consiga condições melhores para o produtor comprar as suas máquinas e poder investir, a Câmara parecerá que somente defende seus interesses. Contudo, quando defendemos uma linha de financiamento e condições melhores, estamos defendendo o interesse do produtor. Claro, com benefícios indiretos para nós, mas primeiro o produtor. A Câmara quer que produza mais e melhor, mas, para isso, é preciso o apoio da classe produtora.

### O câmbio influenciando o Custo Brasil

O Gráfico 2 mostra a situação da exportação e importação de máquinas agrícolas no Brasil, que segue por alto a curva que mencionei, com uma observação: a importação tem aumentado mais do que a exportação, porque o câmbio está sendo muito prejudicial. Além disso, o Brasil não tem a mesma competitividade da indústria estrangeira, pois existe o custo Brasil. Ele significa 43% a mais em relação, por exemplo, ao fabricante americano ou alemão: a mesma máquina produzida na Alemanha custa 43% a mais no Brasil. Acho que a Câmara Setorial é uma heroína para continuar até hoje sobrevivendo, como o agricultor brasileiro, lutando contra a baixa competitividade - não em função da capacidade brasileira, mas um problema de política de governo - além dos altos impostos e, para agravar tudo, o câmbio que está sendo inclemente.

GRÁFICO 2



No Gráfico 3, gostaria de mostrar o que significa a indústria de máquinas agrícolas, que nesse caso inclui os tratores em termos de emprego. Hoje a Câmara oferece em torno de 63,64 mil empregos diretos para o setor, sendo 80% de implementos agrícolas e 20% tratores e colheitadeiras. Não falo de empregos indiretos.

GRÁFICO 3



Para terminar, lembro que a CSMIA está à disposição de todas as associações. Temos conversado bastante com setores que representam a agricultura para trabalharmos juntos, objetivando uma agricultura com índices cada vez maiores de produtividade, além de condições para que o agricultor possa investir cada vez mais na mecanização da sua propriedade. E, também, melhorar as condições de trabalho no campo. Sem esquecer, principalmente, daquela bandeira que foi levantada e que a CSMIA ajuda a carregar: trabalhar com sustentabilidade. Mas não só a sustentabilidade ambiental, que é importante, mas é preciso ter sustentabilidade econômica nos negócios. Pois não adianta ter sustentabilidade ambiental sem um setor saudável economicamente.

# Tendências de crescimento quantitativo e qualitativo da produção agrícola

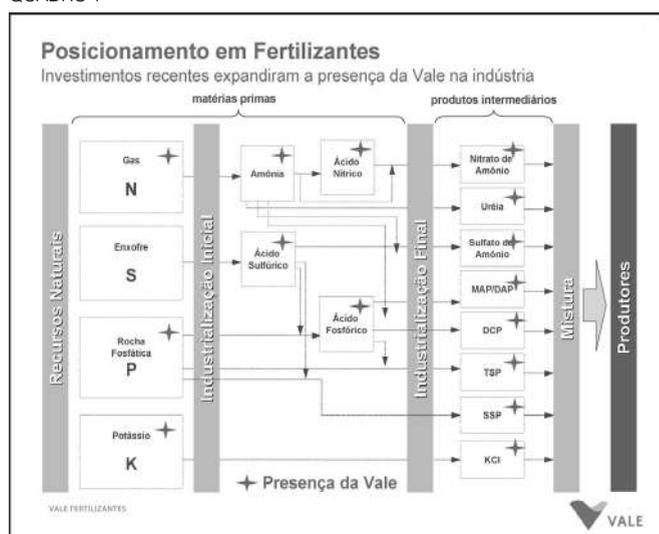
**CLARICE CORRÊA PEIXOTO ALVES**

Gerente Geral de Relações com Investidores da Vale Fertilizantes

Represento Mário Barbosa, presidente da Vale Fertilizantes, uma empresa controlada da Vale, que sucede a antiga Fosfertil e inclui os ativos da Bunge recém-incorporados. Meu objetivo é reiterar o bom momento do setor, que anda no rastro mas que contribui com a performance do agronegócio especificamente. Mostrarei também qual é a plataforma de crescimento que a Vale Fertilizantes tem e o que ela pode contribuir para o fortalecimento do setor no Brasil em particular.

O Quadro 1 dá uma dimensão da amplitude do posicionamento da Vale, que conseguiu expandir a sua presença na cadeia produtora de fertilizantes. À exceção do enxofre, que nós importamos, a Vale já está no potássio, no fosfato e no nitrogênio, indo até os produtos intermediários, os fosfatados, os nitratos todos e o potássio, que são aplicados diretamente nos misturadores. Não é foco da Vale, nós não pretendemos adentrar na mistura, não temos essa expertise, mas nós entendemos que possa fortalecer bastante o setor, o que chamamos de abstrin. Ele vai desde a matéria-prima básica até os produtos intermediários.

QUADRO 1



DANIELLE MEDEIROS

“Espera-se que a intensificação do uso de fertilizantes seja um dos principais facilitadores ou determinantes do aumento de produtividade brasileira”

O Quadro 2 determina bastante quais são os fundamentos, os motivadores por trás da demanda robusta que a Vale imagina para o agronegócio, para produção de alimento e para os fertilizantes como estudo. O crescimento econômico e populacional é um motivador fortíssimo; a renda disponível, como já foi comentado por outros palestrantes. A Vale projetou para os próximos anos o tamanho da massa de consumidores que está se formando; o processo de urbanização; os hábitos alimentares mais saudáveis; o aumento do mercado de commodities agrícolas; questões de energia limpa e biocombustíveis; disponibilidade de terra; a escassez de água e a profissionalização do agronegócio. Deve haver outros fatores que determinam a demanda por alimento e por fertilizantes, mas a Vale achou que essas são as mais significativas para determinar as projeções que serão utilizadas para definir seus investimentos.

QUADRO 2



Quero explicitar os Gráficos que acho ser mais ilustrativos: ao se analisar o Gráfico 1, as barras inferiores evidenciam as terras plantadas ao longo dos anos, a linha mais clara se refere ao consumo de fertilizantes e a linha de cima à produtividade agrícola. A correlação é muito clara: a área cresce pouco e a produtividade é determinada. Claro que a técnica agrícola, a mecanização e o aprimoramento das técnicas determinam também o aumento da produtividade, mas a correlação com a maior utilização de fertilizantes determina sobremaneira o aumento de produção e produtividade agrícola.

GRÁFICO 1



No Gráfico 2 estão todas as variáveis que mencionei anteriormente, além da projeção da maior demanda por fertilizantes nos próximos anos. O Gráfico 3 traz as evidências ilustrativas do impacto da limitação da terra agricultável e da necessidade

do aumento de fertilizantes para poder dar conta da maior produção de alimentos, que será necessária vis-a-vis à alimentação das terras disponíveis para plantio no mundo.

GRÁFICO 2

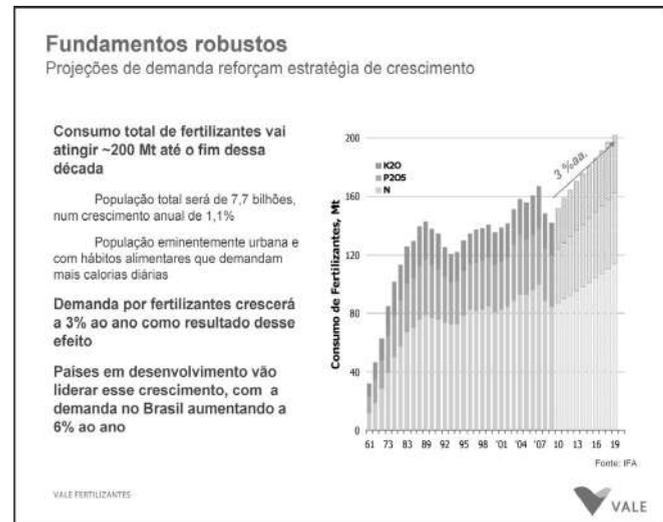
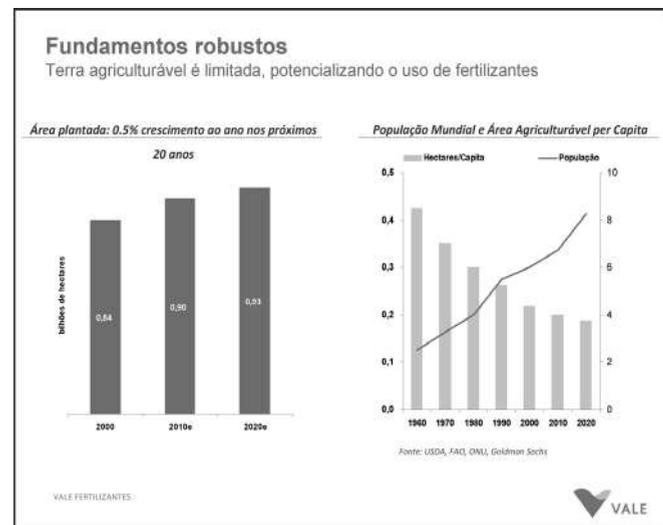
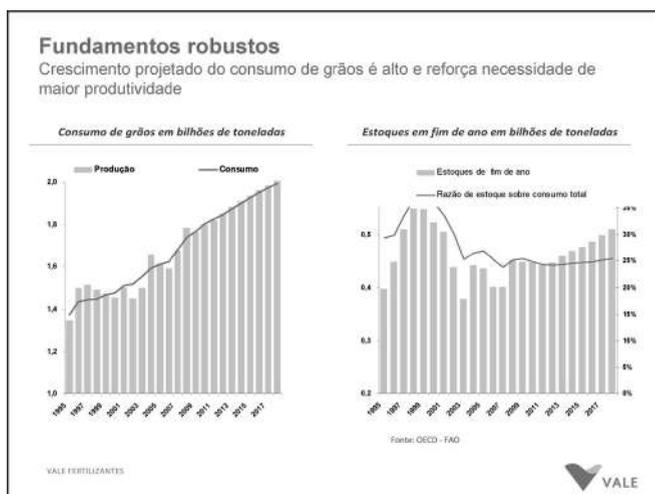


GRÁFICO 3



Já o altíssimo crescimento projetado para o consumo de grãos é apresentado no Gráfico 4 e retoma o tema de crescimento populacional versus renda. Contudo, considerando o gráfico da direita, é visível que a disponibilidade de estoque é cada vez mais baixa em relação ao consumo total. A intenção dessas análises é mostrar que, por diversas visões, a conclusão é que a produtividade terá que aumentar, e espera-se que a intensificação do uso de fertilizantes seja um dos principais facilitadores ou determinantes desse aumento de produtividade.

GRÁFICO 4



“No caso do Brasil, especificamente, ele tem uma condição ímpar para poder impulsionar o agronegócio. Tem gente que chama o país de celeiro do mundo...”

boram o que estou dizendo. As fontes variam, as projeções são várias, de acordo com a instituição que a faz, mas o rumo é um só: o consumo de fertilizantes é cada vez mais determinante para o aumento de produção, visando atender a limitação de terra disponível para plantio e viabilizar o aumento da produção agrícola.

No caso do Brasil, especificamente, ele tem uma condição ímpar para poder impulsionar o agronegócio. Tem gente que chama o país de celeiro do mundo, e é assim que a Vale o encara, sem dúvida. O Gráfico 5, à esquerda, mostra a posição do Brasil, que é a primeira coluna e sua disponibilidade de terra agricultável em relação a outros países produtores. Isso confirma que o país tem a maior chance dar o salto quantitativo e qualitativo em termos de produção agrícola. Já a linha do gráfico da direita é do Brasil e mostra sua tendência de crescimento futuro, em termos percentuais superior a qualquer outro país produtor.

GRÁFICO 6

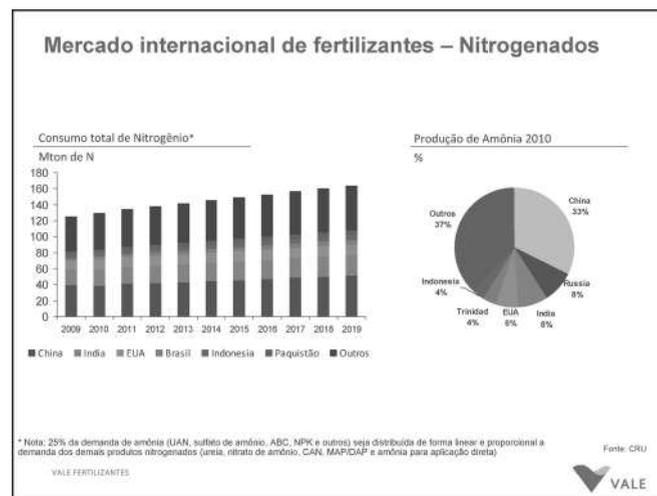


GRÁFICO 5

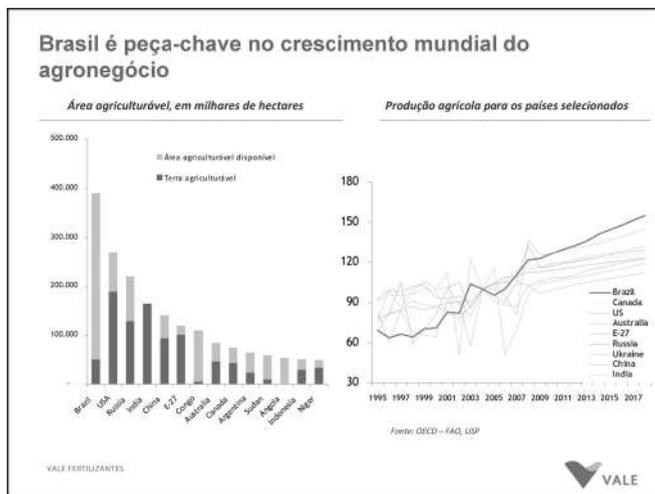
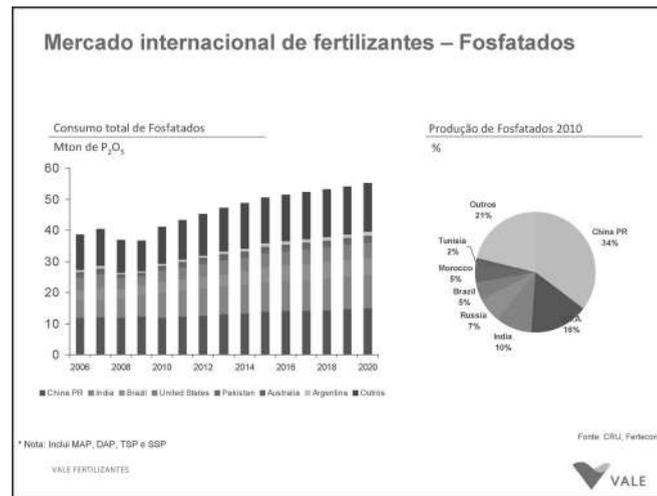
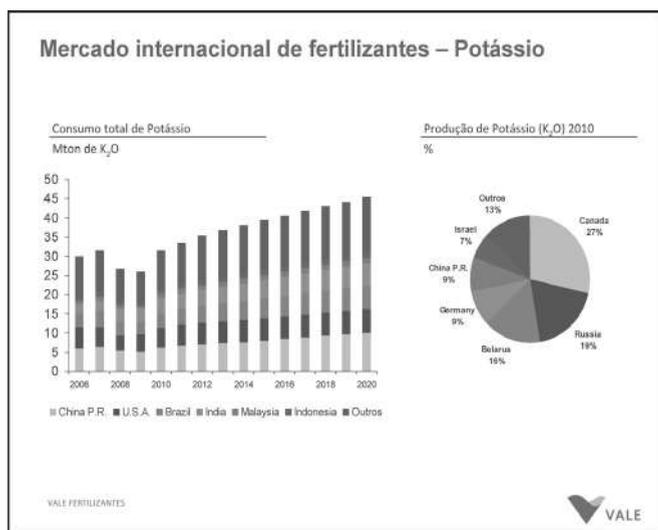


GRÁFICO 7



O Gráfico 6 diz respeito à projeção esperada para os fertilizantes nitrogenados; o Gráfico 7 faz uma análise parecida para os fosfatados e o Gráfico 8 mostra as projeções de potássio que corro-

GRÁFICO 8



O Gráfico 9 é a visão para o Brasil do que falei há pouco. A Vale já tem os números de 2010, mas infelizmente não constam do gráfico. Porém, a análise é muito simples: observando-se de 1992 a 2009, a área agricultável aumentou em 39% enquanto a produção de grãos aumentou em 106% para o mesmo período analisado. Já a aplicação de fertilizantes foi de 141%. Então a intensidade do uso de fertilizantes, junto com os processos de mecanização e técnicas de agricultura são os principais determinantes do aumento de produtividade que se está vendo. A correlação é fortíssima. Assim, como estima o Gráfico 10, a Vale está projetando um aumento de consumo de nitrogenados, fosfatados e potássicos de cerca de 3% ao ano, com algumas variações que dependem da fonte, mas o cenário é sempre esse.

GRÁFICO 9

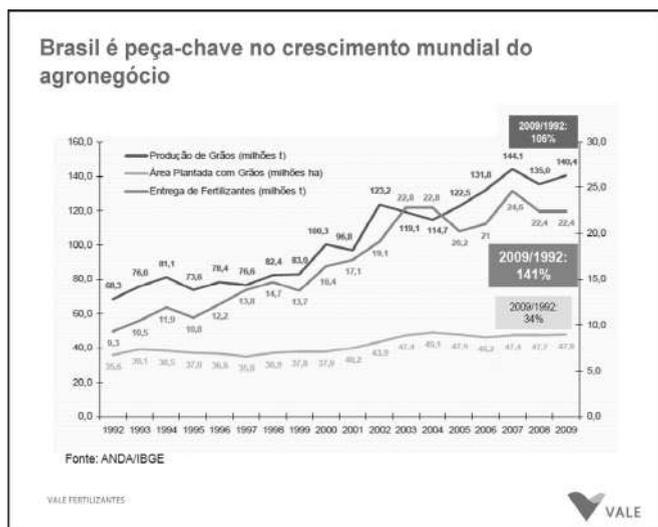
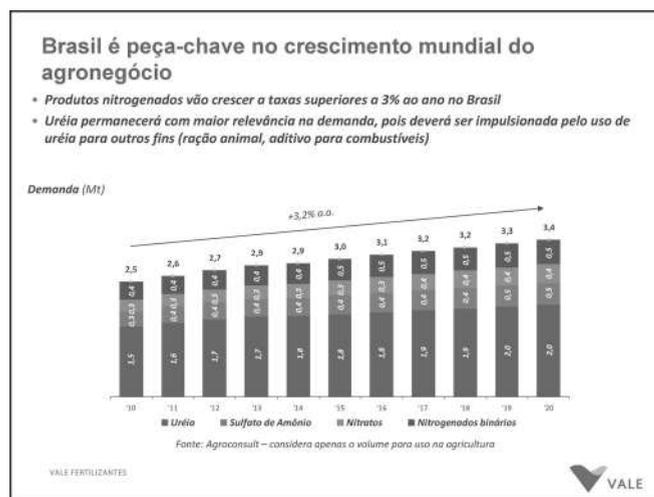
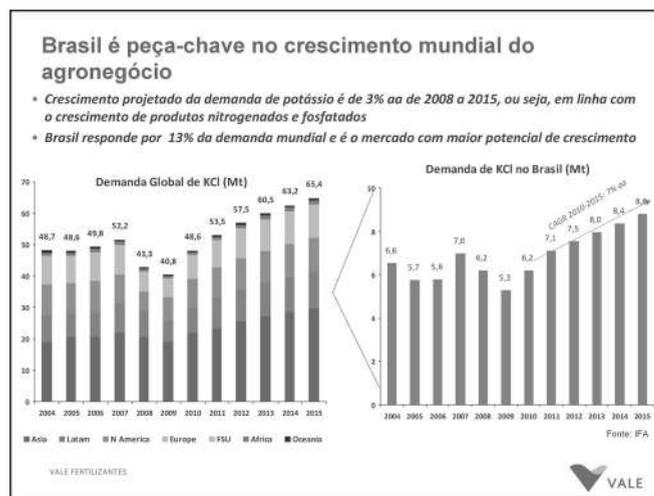


GRÁFICO 10



Especificamente para o caso do potássio, analisado pelo Gráfico 11, a Vale projeta 3%, nada diferente dos outros fertilizantes. É importante dizer que o Brasil responde por 13% ou 15% da demanda mundial de potássio, mas a produção doméstica atual é só de 600 mil, o que não atende nem 10% do total. Isso dá uma noção do tamanho do espaço que existe para crescer o suprimento, mas também o quanto dependente de importação o país é para todos os fertilizantes, mas para o potássio em especial.

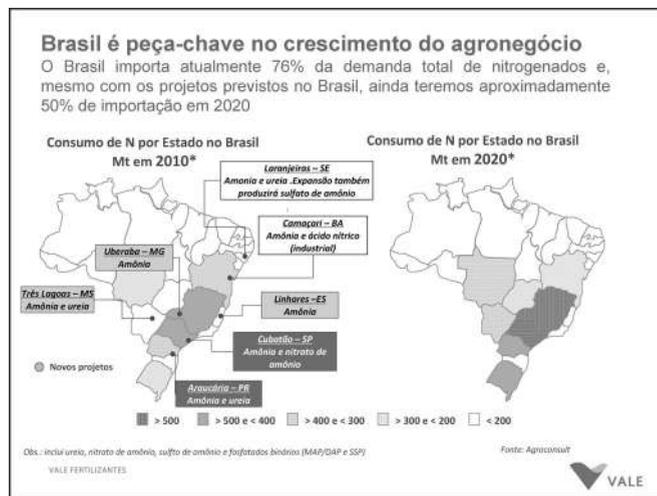
GRÁFICO 11



O Quadro 3 mostra um mapa da intensidade dos fosfatados: mesmo com os projetos relevantes de produção, ainda vai ser necessário importar 50% da demanda em 2020, apenas para fertilizantes nitrogenados. Já no Quadro 4 pode-se ver coisa similar para os fertilizantes fosfatados. A demanda atual

está em 3,4 Mt e a Vale projeta 4,7 Mt para 2020. Uma série de projetos deverão contribuir para o aumento dessa produção e a diminuição da importação, mas reforço a mensagem de que haverá espaço para crescer, embora importação ainda deva ser relevante no suprimento dessa demanda total. A conclusão do Quadro 4 não é diferente, pois o ponto mais relevante é que o Brasil tem menos área disponível de potássio. Seu suprimento terá que ser fornecido através de depósitos em outros países. Fica evidente assim a necessidade de viabilizar operações novas de potássio para suprir o Brasil.

QUADRO 3

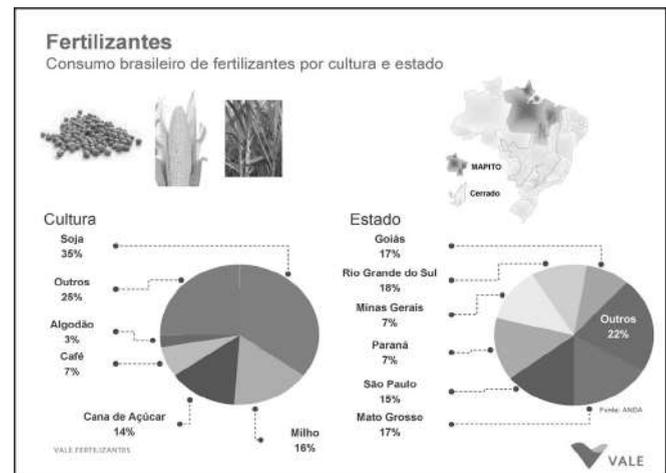


QUADRO 4



O Gráfico 12 não traz nada de novo, mas mostra os maiores destinos dos fertilizantes: a soja fica em primeiro. Mesmo se forem somados Mato Grosso, São Paulo e Goiás não se chega a 50% da demanda.

GRÁFICO 12



O Gráfico 13 mostra a evolução dos preços dos fertilizantes: a linha à esquerda é o começo de 2009, ainda na “rebarba” do boom de 2008. É visível o “mergulho” dado na crise e a recuperação clara que tem sido vista, especialmente a partir de julho e agosto de 2010. Os preços indicados são a média dos preços internacionais no Brasil, principalmente por conta da diferença de posição do que o país consome e o que produz. O Brasil é chamado às vezes de “price taker”, um país que não segue os preços determinados internacionalmente, principalmente na parte de competitividade de custos e logística. Esses preços são referenciados internacionalmente, são os que balizam as vendas e a competitividade nacional do setor, mas não são os preços no Brasil.

GRÁFICO 13



O Gráfico 14 é mais uma evidência do aquecimento recente do setor em relação a outros que tiveram a relação de troca entre empresa de fertilizantes e

das commodities agrícolas. No final do gráfico, à direita, já está o 2º trimestre de 2011, e o quanto essa relação impulsiona o agricultor a antecipar suas compras de fertilizantes. Isso teve efeito importante no 1º trimestre do ano, e até mostra uma suavização do efeito sazonal que normalmente acontece.

GRÁFICO 14

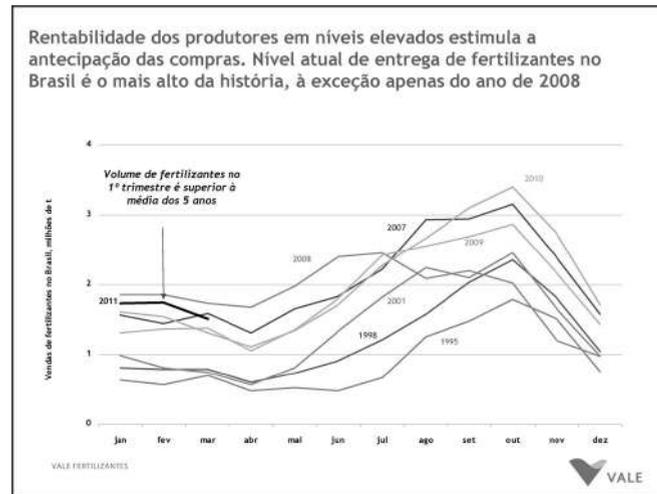


O Gráfico 15 é conhecido por todos que trabalham no setor. Esse gráfico e o Gráfico 16 mostram o maior volume de 2010, mas a antecipação também em relação aos meses do 2º semestre. Existem ali duas tendências importantes para serem analisadas: primeiro, que o país está em níveis mais altos do que os últimos cinco anos, à exceção de 2008, que foi o pico dos picos. Na comparação ano a ano, o Brasil está melhor. E também há a antecipação das vendas, que normalmente continuam concentradas no 2º semestre, mas em 2011, especialmente o 1º semestre, foi mais forte do que o normal por causa das condições de mercado.

GRÁFICO 15



GRÁFICO 16



### Carteira de projetos

No Quadro 5 vê-se as operações e os projetos da Vale. O potássio está mais escuro, o cinza médio é o que se tem em fosfato e o cinza claro em nitrogenados. Além disso, há a distinção entre o que já é operacional e o que ainda está em fase de desenvolvimento e implantação, para a construção nos próximos anos. Já existem ativos no Brasil operacionais em desenvolvimento; no Canadá são de potássio e estão em desenvolvimento; há também os de fosfato em Moçambique, na África. No Peru a Vale já está operando em fosfato e tem um projeto de expansão; na Argentina existe um projeto enorme de potássio já na fase de construção, que tentará suprir primordialmente o mercado brasileiro. Isso se relaciona ao que comentei, que o Brasil é extremamente dependente não só de outros fertilizantes, mas de potássio em especial.

QUADRO 5



O Quadro 6 traz o aumento da capacidade que a Vale pretende imprimir em suas operações até 2017, seja para fosfatados, em todos os segmentos e todas as faixas de produção, mas em potássio também. O que vai viabilizar esse plano de crescimento são os projetos que mostrei no Quadro anterior. Quanto a projetos no Brasil, o Quadro 7 mostra a operação de Taquari Vassouras, no Nordeste, que é a única produção de potássio atualmente no país e que dá conta de 9%, 10% da demanda doméstica.

“A operação de Taquari Vassouras, no Nordeste, é a única produção de potássio atualmente no país e dá conta de 9%, 10% da demanda doméstica.”

QUADRO 6

**Portfólio de operações e projetos Vale**  
Volumen Projectados

		2010 Capacidade (Mtpa)	Adição de Capacidade (Mtpa)	Capacidade em 2017 (Mtpa)
N	Amônia	0.63	-	0.63
	Uréia	0.63	-	0.63
P	Rocha	9.50	9.40	18.90
	MAP	1.20	1.45	2.65
	TSP	0.90	1.55	2.45
	DAP	-	0.75	0.75
	SSP	2.20	0.20	2.40
K	DCP	0.64	0.30	0.85
	Potássio	0.85	9.85	10.70

VALE FERTILIZANTES VALE

QUADRO 8

**Portfólio de Operações de Fertilizantes**  
Bayóvar - Peru

Start-up	2010	Reservas				
Método Mineração	Open pit	Bayóvar	Recuperável ore	Grade P <sub>2</sub> O <sub>5</sub>	Recoverable P <sub>2</sub> O <sub>5</sub>	
Capacidade (mt/a)	3,9	Layers	MT	%	MT	
Mercado consumidor	Brasil, EUA, México & Ásia	1 to 5	Proved	237,1	17,3	41,0
LOM (anos)	27		Probable	1,9	15,9	0,3
		Total		239,0	17,2	41,1

**Dedicated On-land & Port Infrastructure**



**Port**



QUADRO 7

**Portfólio de Operações de Fertilizantes**  
UOTV (Taquari Vassouras) - Sergipe

Método de mineração	Subterrânea "cômaras e pilares"	<b>Região de Influência UOTV</b>
Capacidade (mt/a)	0,85	
Opex (US\$/t)	174 fob planta	
Frete até mercado Consumidor (US\$/t)	NA	
Mercado	Sergipe e Estados vizinhos	
LOM (anos)	9	



VALE

Quanto ao Brasil, o Quadro 9 mostra as operações da Vale Fertilizantes locais. É importante mencionar que vai haver uma sucessão da Fosfertil com a combinação dos ativos de fertilizantes da Bunge.

QUADRO 9

**Portfólio de Operações de Fertilizantes**  
Vale Fertilizantes - Brasil

Mina / Site	Cap. Rocha (Mta)	Vida Útil (anos)	Capacidade de Produção (Mt/a)					
			Sulfato rico	Fosfato rico	DAP / MAP / TSP	Granulados	DCP	SSP
Tapira	2.20	>30	-	-	-	-	-	-
Catalão	1.00	12	-	-	-	0.33 (TSP/SSP)	-	0.33 (TSP)
Patos de Minas	0.05	>50	-	-	-	-	-	0.13 (TSP)
Araxá	1.65	19	0.69	-	-	-	-	1.20 (TSP)
Cajati	0.55	34	0.63	0.220	-	-	-	0.64
Uberaba	-	-	1.92	0.63	0.15 (MAP/TSP), 0.84 (MAP/TSP), 0.93 (TSP/SSP)	0.330 (TSP/SSP), 0.240 (TSP/SSP)	-	0.28 (TSP)
Playaguera	-	-	0.46	0.15	0.31 (MAP/TSP)	-	-	-
Cubatão	-	-	0.35	-	-	-	-	0.56 (TSP)
Guará	-	-	-	-	-	-	-	0.370 (TSP)

**Localização**



• VF minas  
• VF plantas  
• Porto - TUF

**Terminal Ultrafertil (TUF), em Cubatão, possui capacidade de movimentar 2,5 Mta de fertilizantes**

Site	Capacidade de Produção (Mt/a)			
	Amônia	Ácido Nitrítico Diluído	Ácido Nitrítico Concentrado	Nitrato de amônio
Cubatão	0.21	0.47	0.08	0.57
Araucária	0.44	-	-	0.63

VALE FERTILIZANTES VALE

O Quadro 8 traz fotos e dados do projeto Bayóvar, no Peru, que começou a operar em 2010 em fosfato e deve chegar à capacidade nominal em 2014. Seu projeto de expansão já está sendo analisado e deverá ser aprovado em 2012.

“Na região Sul, o projeto ARLA 32, em Araucária (PR), é na verdade uma adaptação da fábrica para permitir a produção de uma solução de ureia para veículos movidos a diesel.”

No lado internacional, esquematizado no Quadro 10 está o projeto de potássio no Rio Colorado, na Argentina, na província de Mendoza. São 800 km de linha até Blanca, na Bahia, bem do lado de Taquari Vassouras. Posso chamar de uma simples expansão, porque o minério é outro: numa é carnalita e na outra é solinita. Isso é um pouco mais difícil de fazer, mas será implementado. O Quadro 11 mostra o potássio no Canadá, em Saskatchewan, ao lado de outros grandes depósitos do mundo. A Vale terá que dar conta de quase 3.000 na área de potássio. Também há projetos de fosfato na África, como mostra o Quadro 12, em Evate, Moçambique. A Vale buscará o fosfato de alta concentração, não permanecerá na rocha, por conta de questões técnicas e também de mercado. É um projeto grande, mas que possui desafios tecnológicos a serem ultrapassados até se chegar à produção.

QUADRO 10

**Portfólio de Projetos de Fertilizantes Vale**

**Projeto Rio Colorado - Argentina**

**Localização**

- Localização: província de Mendoza, Argentina
- Mineração por dissolução: recursos de KCl a 1.100m no subsolo
- Recursos indicados e inferidos de 1,037 bilhão de toneladas @ 32,1% KCl
- Recursos minerais inventariados, não considerados a princípio, podem estender significativamente o vida útil da mina
- Startup previsto para março/2014
- Produção estimada de 4,35 Mta
- 1.000 empregados diretos durante operação
- Estrategicamente localizado para atender o mercado consumidor brasileiro



**Recursos**

Recursos	Área km²	Mineral Recup Mt	Teor KCl %	KCl recup Mt
Indicado	57	342	34,2	124
Inferido	112	678	30,9	209
Total Recursos	169	1020	32,1	333
Mineralização Inventariada	80	604	26,8	166
Total	249	1.724	30,0	518

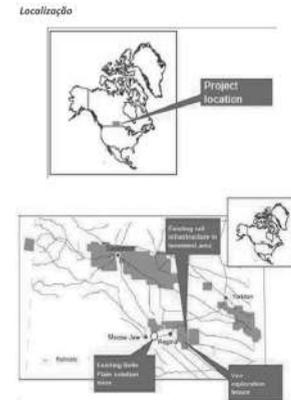
QUADRO 11

**Portfólio de Projetos de Fertilizantes Vale**

**Projeto Kronau - Canadá**

**Localização**

- Projeto localizado na província de Saskatchewan, Canadá, a região líder em potássio
- A indústria de potássio é muito forte na região, com apoio da comunidade e do governo
- 1,200 km² a leste de Belle Plaine
- 4 furos de exploração de óleo e gás na propriedade, identificaram os recursos de potássio na planície evaporítica
- Todos os 5 furos em Patience Lake, Belle Plaine e Esterhazy apresentam espessura de 20m e 30m
- Produção estimada de 2,9 Mta de KCl
- Startup esperada para 2017



QUADRO 12

**Portfólio de Projetos de Fertilizantes Vale**

**Projeto Evate - Moçambique**

**Localização**

**Mozambique**

- Projeto para produção de fosfatos a partir do depósito de Evate
- Posicionamento geográfico é estratégico para suprimento dos mercados sul/sudeste asiáticos
- Localizado no nordeste de Moçambique, a 125 km de Nampula e a 65 km do porto de Nacala
- Depósito apresenta três tipos de fosfatos, classificados em:
  - Alto teor: 6 Mt com 20% P<sub>2</sub>O<sub>5</sub>
  - Baixo teor: 54 Mt com 8% P<sub>2</sub>O<sub>5</sub>
  - Hard Rock: 208 Mt com 12% P<sub>2</sub>O<sub>5</sub>
- Estágio de desenvolvimento: FEL 2



De volta ao Brasil, o Quadro 13 mostra os projetos da Fosfertil, agora Vale Fertilizantes. O projeto Salitre, que a Vale espera aprovar em breve, ainda em 2011, tem sua produção estimada para começar em 2014. Também em Minas Gerais, está praticamente pronto o projeto Fase III Uberaba, como indica o Quadro 14. Mais um ou dois meses e a unidade começará a produzir fosfato de alta concentração. Em São Paulo, o Quadro 15 detalha a nova fábrica de ácido nítrico em Cubatão.

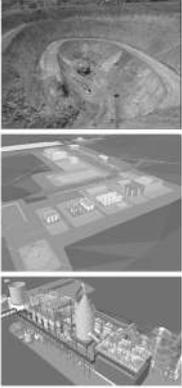
Na região Sul, o Quadro 16 mostra o projeto ARLA 32, em Araucária (PR), que na verdade é uma adaptação da fábrica para permitir a produção de uma solução de ureia para veículos movidos a diesel. É um projeto com elemento ambiental fortíssimo que visa atender a um nicho específico de mercado e vai propiciar a redução de NOx.

QUADRO 13

**Portfólio de Projetos de Fertilizantes Vale**

**Projeto Salitre – Minas Gerais**

- **Localização:** Estado de Minas Gerais – Região do município de Patrocínio
- **Principal recurso não explorado de rocha fosfática conhecida no Brasil**
- **Abertura de mina de rocha fosfática, construção de novas fábricas de ácidos sulfúrico e fosfórico, MAP, DAP e TSP**
- **Recurso Mineral: 960 MM t**
  - Vida útil estimada: >100 anos
- **Capacidades:**
  - 2,2 milhões t/ano de Rocha Fosfática (Teor: 10,7% P<sub>2</sub>O<sub>5</sub> @ 35,8% P<sub>2</sub>O<sub>5</sub>)
  - 1,6 milhões t/ano de Ácido Sulfúrico
  - 560 mil t/ano de Ácido Fosfórico
  - ~1,1 milhão t/ano MAP/TSP



VALE FERTILIZANTES

QUADRO 15

**Portfólio de Projetos de Fertilizantes Vale**

**Nova planta de ácido nítrico em Cubatão**

A Vale Fertilizantes é a única produtora de nitrato de amônio (explosivos e fertilizante) e é a maior produtora de ácido nítrico do Brasil (>90% de market share) e há boa expectativa para o crescimento desses mercados. Atualmente o gargalo para o aumento de vendas é a capacidade de produção de ácido nítrico no complexo de CPG/CCB. Para atender a crescente demanda, está sendo estudada a construção de uma nova planta de ácido nítrico em CCB.

O projeto prevê a construção de uma planta de 800t/d e o desligamento de outra planta antiga de 220t/d. Essa planta antiga foi construída em 1958 e possui, além do alto custo, altos níveis de emissão de NO<sub>x</sub>. O investimento para esse projeto é de ~US\$ 130M.

**Planta de ácido nítrico de 1958**



VALE FERTILIZANTES

QUADRO 14

**Portfólio de Projetos de Fertilizantes Vale**

**Projeto Fase III Uberaba**

- **Aumento da capacidade de produção de ácido fosfórico (230 kta) e fertilizantes fosfatados de alta concentração MAP (415 kta) no complexo de Uberaba-MG**
- **Projeto em implantação e previsão de conclusão do projeto em Outubro/2011.**
- **Investimento total de USD371 MM**

**U-170 - Unidade de ácido fosfórico**

Prédio da Filtração      FL-1701 - Filtro rotativo      Estruturas de lavagem de gases



VALE FERTILIZANTES

QUADRO 16

**Portfólio de Projetos de Fertilizantes Vale**

**Projeto ARLA 32 – Araucária/PR**

- **Adaptação da planta de Araucária/PR com o objetivo de permitir a produção de ARLA 32 (Solução Uréia 32%) para veículos movidos a diesel para reduzir a emissão de NO<sub>x</sub>.**
- **Projeto em implantação e previsão de início de produção em Out./2011.**
- **A legislação brasileira exigirá o uso da ARLA 32 em veículos a diesel fabricados a partir de Jan./2012.**
- **Investimento total de US\$ 21,9 milhões**

**Status do projeto**

- **Licença de instalação já obtida**
- **Montagem civil contratada**
- **90% de materiais e equipamentos comprados ou em processos de compra**



VALE FERTILIZANTES

# Evolução da competitividade agrícola do Brasil no mercado externo

## EDUARDO DAHER

Diretor executivo da Associação Nacional de Defesa Vegetal (ANDEF)

A função de dar uma palestra é sempre difícil, e tentarei captar a atenção de todos. Principalmente porque me preocupa e me agrada ver uma plateia jovem, a palestra será para eles.

Durante oito anos fui publicitário e descobri que uma foto vale mais do que mil palavras, como na Ilustração 1. Algo que me fascina até hoje são os anúncios do tipo “antes e depois”, “com e sem”, e todos são proibidos pela Anvisa. Faço assim uma relação com a agricultura brasileira e da indústria de insumos: nós éramos magros e estamos ficando gordos - e isso é preocupante. É preciso fazer exercícios, modernizar, etc.

ILUSTRAÇÃO 1



A Ilustração 2 traz um caso como uma cirurgia bariátrica. Na verdade, houve uma modificação fortíssima na economia brasileira nos últimos 10 anos. Menciono a última década pois todos participaram, mas terei que fazer uma regressão, sobretudo sobre economia, em algum momento.

## Economia

Nasci no final da década de 40 e a primeira moeda que conheci foi o cruzeiro, que sofreu uma desvalorização. Cabral era valioso e depois não valia coisa alguma, as notas recebiam carimbos.

DANIELLEMEDEIROS



“A dimensão do Centro-Oeste brasileiro é surpreendente. Não é nas grandes cidades que irão aparecer grandes oportunidades”

ILUSTRAÇÃO 2



Normalmente, as pessoas têm memória muito curta, como para o processo inflacionário do Brasil. Para rememorar, o país teve sete moedas diferentes, de 1994 a 2011. A moeda brasileira começou a ganhar certa estabilidade, mas hoje se ouvem

queixas do câmbio, porque o dólar está “derretendo”. Mas o problema brasileiro era outro: quando alguém se sentava num bar, deveria pagar logo toda a cerveja, pois no fim da noite ela já estaria mais cara. O processo inflacionário brasileiro chegou a 80% em um mês, mas os mais jovens não sabem disso.

ILUSTRAÇÃO 3



A Ilustração 4 mostra o Cruzeiro Real. Pelo visto, não havia mais heróis nacionais para serem retratados e, antes de serem colocadas as figuras de hoje, podia-se dizer que “uma baiana valia dez gaúchos”.

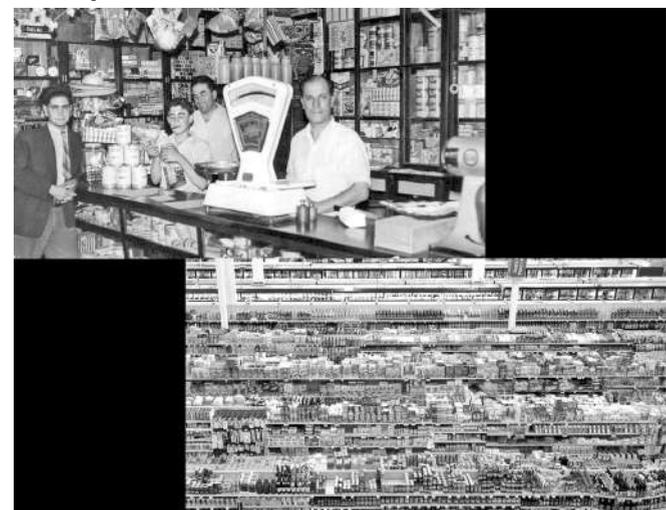
ILUSTRAÇÃO 4



Qual é a evolução do marketing? Em sua palestra, Roberto Rodrigues deu uma aula sobre marketing e o que deve ser feito no agronegócio. A Ilustração 5 relembra o “armazém da esquina”, uma figura que existiu em todas as cidades, seja Rio ou

São Paulo. No grande centro urbano, havia sempre um armazém de secos e molhados no qual os gastos dos clientes eram controlados em uma caderneta com data. Era essa a figura do marketing. Atualmente, o cliente vai ao shopping, coloca suas compras no carro e vai para casa, um verdadeiro autosserviço com múltipla escolha e uma série de preferências. No tempo da Ilustração 5, quem comandava era o comerciante e agora quem comanda é o cliente, que tem a livre escolha. As donas-de-casa olham preços, comparam e escolhem, mas tudo sob um critério de autosserviço, no qual se é obrigado a fazer a escolha.

ILUSTRAÇÃO 5



O marketing evoluiu não só no ponto de venda e distribuição - isso aconteceu no mercado rural, - mas também na área de propaganda. Na Ilustração 6 está o primeiro anúncio de leite Moça que a Nestlé veiculou na década de 40. Abaixo está o novo enfoque do mesmo produto anos depois, mas com com Twitter, Facebook e todas as mídias sociais. Hoje se “fala” com o leite Moça, o consumidor tem condições de cobrar, interagir e receber receitas. É muito grande a mudança, e, nesse sentido, muitas vezes o mercado agrícola ficou pra trás. Ele não usa a mesma estratégia. Sou obrigado a dizer que eu passei uma experiência muito curiosa, quando eu abri uma conta no Twitter. Tive que fazê-lo pois tinha que “seguir” a International Fertilizer Association, da qual fiz parte. Passados alguns minutos, desconectei e esqueci que tinha um Twitter. Dois dias depois eu abri a conta e descobri que tinha seis seguidores, porque é algo contagiante, que vai se descobrindo aos poucos. Também descobri que um filho meu começou a me seguir, o que é terrível. Quero dizer que existe uma nova reali-

dade no marketing e na comunicação que influi sobre os negócios, particularmente sobre os negócios que represento na área de insumos, com tecnologia.

ILUSTRAÇÃO 6



Da mesma forma do “eu era assim, fiquei assim”, observei um arado de aiveca que está exposto na SNA, colocado claramente como peça de museu: os agrônomos que usavam o “pin” de arado mandaram derretê-lo, pois não existem mais arados, e sim plantio direto. Hoje, na agricultura brasileira, há equipamentos que arrastam quatro toneladas de adubo, barras de aplicação de 30 metros para defensivos, tratores que conseguem andar alto por sobre a plantação, a 40 quilômetros por hora, competindo com a aviação agrícola. É disso que estou falando. Antes, era preciso arar, gradear, plantar e rezar para poder chover na hora certa se não existisse irrigação. A Ilustração 7 é algo mais moderno. Mostra a Fazenda Filadélfia, em Campos Gerais, do proprietário Irait Maggi. São 37 colheitadeiras de soja seguidas por 17 tratores plantando milho - esse é o Brasil. Essa fotografia, da qual Roberto Rodrigues se orgulhava, permanece até hoje na parede do Ministério. Só que encontrei em Amsterdam um pôster do Greenpeace dizendo assim: “Acreditem. Antes aqui era Amazônia”, o que é uma grande mentira, um marketing de barreira não-tarifária para os negócios brasileiros.

## Tecnologia

Na Ilustração 8, a realidade leiteira. Na foto inferior, que parece um carrossel, há menos mão-de-obra, mais tecnologia incorporada, menor possibilidade de contaminação, de doenças, mais trata-

mento fitossanitário. Isso é uma realidade de negócio maior.

ILUSTRAÇÃO 7



ILUSTRAÇÃO 8



A Ilustração 9 relembra a aplicação de defensivos, provavelmente organoclorados. Eles matavam insetos e o próprio aplicador. Em 1930, a invenção do DDT ganhou o prêmio Nobel de Química. Na época, foi o primeiro defensivo que resolveu o problema de saúde pública e que ainda hoje é aprovado nos Estados Unidos para programas usados nos subterrâneos dos metrô e das redes de esgotos. Nesses lugares, é preciso controlar pragas, doenças e insetos, então há algumas exceções, apesar de esses produtos serem radicalmente proibidos em alguns países. Por outro lado, há a obrigatoriedade do uso de EPI e instruções sobre uso correto do produto, com doses cada vez menores para ainda cuidar das pragas, doenças e ervas dani-

nhas, mas sem contaminar o homem e o meio ambiente. Isso tem sido uma progressão que a química fina tem feito ao longo do tempo.

ILUSTRAÇÃO 9



## Dois tempos na agricultura brasileira

A Ilustração 10 traz dois aplicadores portáteis, um antigo e outro moderno: quero mostrar a dramática evolução tecnológica.

ILUSTRAÇÃO 10



O mesmo ocorreu com os veículos aplicadores. Observa-se que o tratorista atual não está comendo, nem aplicando contra o vento, não está fumando, veste o equipamento de proteção necessário, como deve ser. É esse o trabalho, que a indústria talvez não tenha feito no primeiro momento. Lembro que em 1990 a Embrater fechou, ela que fazia a

extensão rural, então tinha-se a pesquisa de um lado, mas deixou-se de levar a tecnologia para o campo. Já a Embrapa hoje é um orgulho, um exemplo da maior atividade de pesquisa agropecuária tropical do mundo. Cabe aos alunos que vieram ao Congresso e cabe às indústrias fazer esse papel da extensão rural, também é o que a Andef tem feito.

ILUSTRAÇÃO 11



A Ilustração 12 traz um contraste: nada mais antigo no Brasil do que a cana-de-açúcar nem nada mais moderno. Um minuto de cultura. Em 1535, Martim Afonso de Souza, da Capitania de São Vicente, deve ter roubado em algum lugar nas Antilhas as mudas de cana e as trouxe para o Brasil. Nada mais antigo na agricultura de plantation no Brasil do que a cana. Mas nada mais moderno, pois, de 1535 até hoje, quase 500 anos depois, fala-se de energia, fala-se da Cosan que virou Raízen, fala-se de Brasil Ecodiesel, fala-se de uma evolução de energia renovável, fala-se de uma queda de barreiras ao etanol brasileiro no mercado americano. Isso é absolutamente claro para mim.

## Produtividade

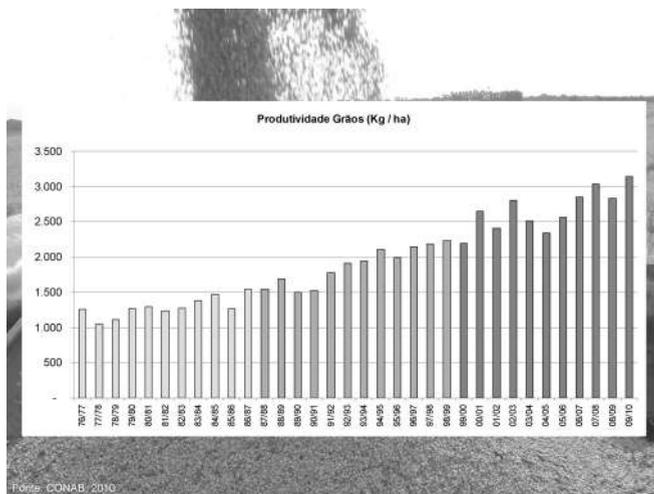
Falando de produtividade, apresentarei seus números por décadas. Em meados da década de 70, a média não chegava a 1500, enquanto que em 2010 chegou a 3.000 kg de grãos por hectare, numa média feita com todos os grãos na mesma área. A produção brasileira dobrou em três décadas, e Roberto Rodrigues calculou 179% em uma certa época. Vou retomar um conceito já abordado no Congresso: o critério de produtividade da FAO é toneladas por hectare por ano, e nesse sentido o Brasil tem uma dívida. Há produção de soja e milho, soja e trigo; em Tocantins se faz soja e soja. É possível fazer

cinco safras de feijão irrigado a cada dois anos, o que dá duas safras e meia, mas quero que alguém faça isso no Canadá em dezembro: a pessoa morrerá congelada no meio do campo. Isso porque o Hemisfério Norte tem estações de ano absolutamente mais definidas, um inverno rigoroso, mas com inseticidas, fungicidas, acaricidas, herbicidas e outros bem mais baratos. Em contrapartida, o Brasil tem o ônus das pragas, ervas daninhas e doenças, mas tem o bônus de produzir duas vezes no mesmo espaço de tempo.

ILUSTRAÇÃO 12



GRÁFICO 1



### Logística

Quanto à logística, não entrarei profundamente no campo do palestrante Luiz Antonio Fayet, que é um professor, mas mostrarei algumas ilustrações na mesma base, como na Ilustração 13, uma reprodução de jornal de 2009. “Logística tira

“Além de ferrovias, rodovias e portos, logística é também armazenagem.”

US\$ 3,9 bi do agronegócio”. O artigo tem dois anos, mas esse número não mudou muito. Fala-se muito da entrada de fertilizantes e defensivos no país e na saída de produtos agrícolas; é como se eu viesse dar esta palestra e houvesse um táxi me esperando lá fora - ele vai me esperar, mas com o taxímetro ligado. Isso é o que ocorre com os portos brasileiros. Não preciso dizer qual o tamanho do problema, pois navios são “um pouco” mais caros que táxis. Por exemplo, um navio Panamax atracado em Santos, “sob estadia”, como se diz, custa 60 mil dólares por dia porque ele carrega 60 mil toneladas, em média. Quem paga isso? Todos na sala. Um navio entrar no processo de sob estadia é algo muito comum de acontecer por uma soma de razões. A Folha de São Paulo, em 2009, “requintou” os portos. Mesmo assim, o maior porto da América Latina ainda é Santos. Entretanto, Santos é o 41º porto em eficiência no mundo, algo vergonhoso, embora seja a primeira colocação na América Latina. Quando eu era jovem, Roterdã era um bom exemplo de porto, tanto é que o petróleo era cotado em Roterdã. Hoje, ele é o nono porto em eficiência, atrás de Cingapura, Xangai, Hong Kong, etc. Há um porto novo em Xangai que está lançado a 25 km dentro do mar e aceita navios do tipo Panamax, que foram apelidados de “Chinamax”, pois transportam de 300 a 400 mil toneladas cada um.

ILUSTRAÇÃO 13



Quando se fala em logística, todos se lembram de caminhões, ferrovias, navios e portos, mas se esquecem da armazenagem. Por questões de sazonalidade, a armazenagem canadense é a mais forte: 85% dos produtores rurais daquele país colhem e armazenam em suas propriedades, enquanto a média americana é de 65% e, no caso europeu, é de 50%. A Argentina tem 30,40% de armazenagem. Já o Brasil, em números do Ministério da Agricultura, tem 14%. Mas o brasileiro é criativo, ele armazena sobre rodas, pois não tem capacidade de armazenagem na propriedade. Quem colhe no Mato Grosso o faz ao mesmo tempo do agricultor no Paraná, mesmo a soja precoce. Daí todas as culturas se acumulam, e, por exemplo, o milho “encontra” a soja no mesmo local. O país tem um grande avanço tecnológico, com a melhor disponibilidade de tecnologia, marketing, propaganda e capacidade de atuação, mas com esse tipo de gargalo.

ILUSTRAÇÃO 14



Quanto à imagem da agricultura, ela ganhou uma capa da revista Veja em 1995, que está na Ilustração 15: “Os reis do calote rural”. A matéria ainda está no departamento de documentação da revista (Dedoc), para ser lida, mas é curioso que até hoje os caloteiros são os mesmos, como suplentes de senadores e prefeitos. 10 anos depois, a Veja lançou uma edição especial “Agronegócio. Retratos de um Brasil que dá lucros” e fala “barbaridades”. Mostra gente com helicópteros, aviões e fala de cidades como Lucas do Rio Verde, Tangará da Serra, Gurupi, Nova Mutum, Campos Gerais, Campos Verdes, como se estivesse falando de Nova York, Boston, Miami. O município de Sorriso, no Mato Grosso, que é o maior município daquele estado, produz mais soja do que todos os grãos

“Santos é o 41º porto em eficiência no mundo, algo vergonhoso, embora seja a primeira colocação na América Latina.”

que São Paulo produz hoje. Essa é a dimensão do centro-oeste brasileiro. A Bahia também é surpreendente, é lá que está o emprego, não é nas grandes cidades que irão aparecer grandes oportunidades.

ILUSTRAÇÃO 15



Não entrarei em detalhes do crédito rural mencionado no Gráfico 2, embora haja vários especialistas participando do Congresso, mas menciono que houve uma importante evolução. Já com dados de 2011, a presidente Dilma lançou em Ribeirão Preto o Plano Agropecuário 2011-2012, que será contemplado com 107.2 bilhões de reais para um agronegócio que deve produzir mais do que 250 bilhões, apenas na parte agrícola, sem contar a pecuária.

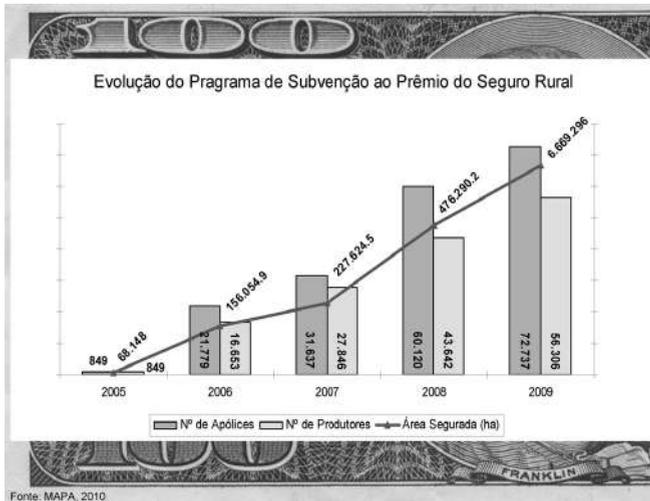
A palestra de Geraldo Mafra será uma aula de seguro rural, mas o Gráfico 3 apresenta um dado curioso: os dados de seguro do governo estão mais baixos em 2011 do que estiveram até 2009. Entretanto, em volume ocorreu uma evolução. Mencionei um crédito de financiamento na ordem de 107 bilhões e ainda há 6.6 bilhões sem seguro. Isso representa quase nada, ridículos 5%. Por outro lado, todos têm seguro obrigatório de veículos. O brasileiro aprendeu a noção de seguro por causa da inflação, mas a memória inflacionária nunca o permitiu pagar seguro. “Seguro é aquilo que se paga para não usar”. A área assegurada é a linha

azul, e o número de produtores que fazem seguro está chegando a 60 mil, com 72,73 mil em número de apólices.

GRÁFICO 2



GRÁFICO 3



Para mim a Ilustração 16 é emblemática. Se me pedissem para mostrar apenas dois slides de minha apresentação, um seria este: “Agricultura brasileira antes de 1970”. As manchetes eram “Pode faltar pão no estado”, “Estoques de farinha só duram até agosto”. Isso era diuturno. O governo sequestrava feijão para dar aos hospitais e penitenciárias. O país importava alimentos em 1970, enquanto que em 2010 o Brasil é visto como o maior exportador de alimentos e celeiro do mundo. Tal transformação, em 30 anos, foi dramática. Este é um quadro que deveria ser explorado em todas as palestras, mesmo que não sejam da Embrapa. Levo esta ilustração para o

exterior, porque ela é de 1975, mas, sem inflação, sem câmbio e sem problemas climáticos, na verdade a cesta básica atual é a metade do que era em 1975. Quem pagou essa conta foi a “âncora verde”, o país produziu com competência e produtividade, fazendo alimentos mais baratos, com tecnologia incorporada. Pode haver quem não goste, mas foi preciso colocar fertilizante, calcário, defensivo, arame farpado, comprar máquina, equipamento, óleo diesel, tecnologia, pois assim é que se produz.

ILUSTRAÇÃO 16



### Evolução dramática da agricultura em 30 anos

As razões do sucesso brasileiro estão no Gráfico 4, diversidade de produtos. Roberto Rodrigues falou sobre isso em sua palestra. Em 1999, o café representava 12% do total, e, em 2009, chegou a 6,6%. Em 1999, o Brasil fez US\$ 20,5 bilhões; em 2009, fez três vezes mais, US\$ 64,8 bilhões. Ou seja, os quatro maiores produtos eram metade do faturamento brasileiro. Até que houve uma concentração, por exemplo, com as carnes, que eram 9,5% e foram para 18,2%. O Brasil virou um grande produtor de proteína animal. Na palestra de Pratini de Moraes, ele revelou um detalhe, que é fundamental, que o país está mais na agricultura do que na pecuária. Para se ter 1 kg de frango você precisa de 2 kg de milho. Como ele diz, “frango é um saco de milho com duas asas e um bico”. Em um porco, coloca-se 4 kg de milho ou farelo de soja e “tira-se” 1 kg de porco. Nos bovinos, coloca-se 7 kg de milho ou farelo de soja e “tira-se” 1 kg de carne. Neste quadro de demanda por carne, o Brasil é líder no mercado com o frango e já é o 3º no mercado de porco. Só que disso decorre uma aceleração da demanda por grãos: 65% do

milho brasileiro se transformam em ração no dia seguinte. O Brasil não usa o milho para outra coisa a não ser alimentação animal.

O Gráfico 5 traz o ranking que foi mostrado em outra palestra, com o Brasil figurando como o maior exportador de açúcar, café, suco de laranja, soja, carne bovina, tabaco, álcool, carnes de aves, além de ser o 4º de milho e o 3º em carnes de suínos. Eu poderia continuar com mais 15 produtos, como camarão - do qual o Brasil é o maior produtor, mas o 2º maior exportador, depois do Equador. Quanto à carne de avestruz, o Brasil é o 2º maior produtor, depois da África do Sul. Flores: o Brasil é um grande exportador de flores, que saem da cidade de Holambra e de Fortaleza em dois aviões noturnos para competir em grandes leilões de flores e folhagem exótica. Quero lembrar o que minha avó ensinava, para “não se colocar todos os ovos na mesma cesta”, ou seja, o grande sucesso talvez esteja na diversidade de produtos.

“É bom que as pessoas se preparem, pois há uma predisposição contra essa nossa invasão agrícola em outros mercados, o que é parte do mérito desses 211 destinos.”

Quanto aos mercados, há uma boa diversidade apresentada pelo Gráfico 6. Em 1999, o Brasil vendia para 194 destinos, com a participação dos Estados Unidos chegando a 17,1%. Em 2009, ficou em 7%, pois o grande mercado tornou-se a China, que saiu de 1,6% para perigosos 13,8%. No geral, havia 194 destinos que aumentaram para 211. Conversei recentemente com José Garcia Gasques, que previu 215 destinos, enquanto a ONU tem 217 países. O Brasil só não vendeu para a Somália e Etiópia pois eles ou não pagam as contas ou não compram. O Brasil está começando a ser tratado no agronegócio como os chineses do mercado. É bom que as pessoas se preparem, pois há uma predisposição contra essa nossa invasão agrícola em outros mercados, o que é parte do mérito desses 211 destinos. Sou obrigado a reconhecer que o ex-presidente Lula fez um grande esforço para abrir mercados, indo à África e Oriente Médio, mercados sobretudo para o etanol brasileiro.

GRÁFICO 4

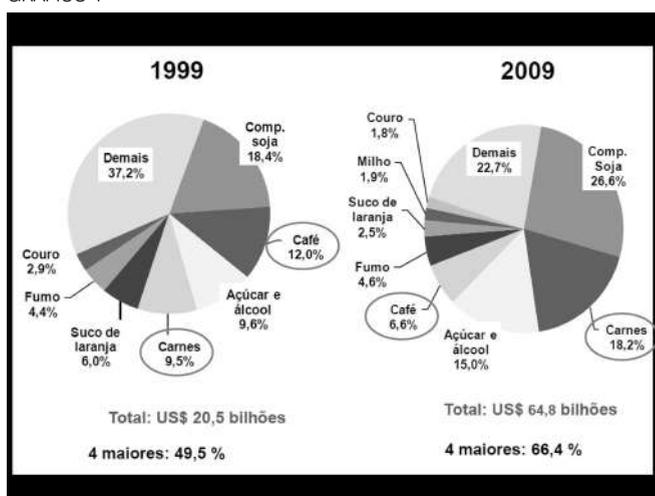
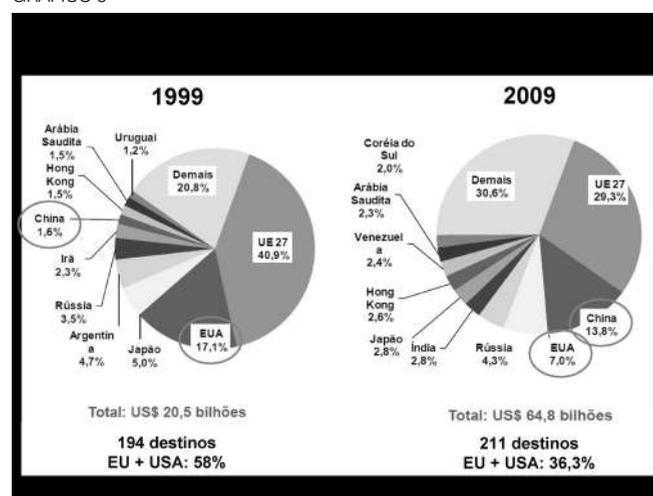


GRÁFICO 5



GRÁFICO 6



Este Gráfico 7 serve para refletir, e gostaria de prestar uma homenagem específica a uma pessoa. Queria mostrar, de novo nesse sistema de antes e depois, a melhoria da qualidade de vida, da econo-

mia, do marketing e da tecnologia. Segundo o IBGE, a expectativa de vida do brasileiro está em 73,4 anos - a das mulheres é um pouco maior. Só que em 2030 deverá se chegar a uma média de 78,23 anos.

GRÁFICO 7



Fonte: IBGE – Projeção da População do Brasil por Sexo e Idade 1980 – 2050 p. 77-78 (Revisão 2008)

O Gráfico 8 traz a expectativa de vida do IBGE, com idades e expectativas que estão evoluindo a cada ano, contabilizadas até 2008. Usando meu caso como exemplo público, digo que já passei um pouco dos 60 anos. Como sou homem, minha expectativa de vida nesta postura é 19,5%, e uma mulher teria mais três anos. Quero ainda fazer um comentário: recentemente, vi um senhor de 97 anos, Francelino França, levantar e fazer um discurso candente e muito melhor do que o meu em favor do agronegócio brasileiro. Isso me dá forças para imaginar que não tenho só 19,5%, devo ter mais 20%, para chegar perto do Francelino. Não tenho me cuidado, mas me comprometo a fazer isso.

A Ilustração 17 relembra a capa que a maior revista de economia do mundo fez em novembro de 2009 para o Brasil, com seis páginas a favor da Embrapa. É muito emblemático a favor do agronegócio brasileiro. Também levo essa ilustração a todas as minhas apresentações. Contudo, em 2010, fiz uma apresentação, parte de várias que faço em escolas e para pequenos e médios agricultores, em

Jataí, Goiás. Esta cidade deveria ter sido Brasília, mas por uma soma de motivos não foi. Lá, mostrei essa revista e disse “Isso aqui é o Brasil, vocês são os responsáveis por essa capa de revista”. Então observei um senhor bem idoso, chamado Antônio, chateado. Ele disse que havia visto a revista, mas já achava que a safra do ano seguinte seria complicada. “Jesus está nos abandonando”, ele comentou, interpretando a capa no sentido literal. Então isso me deixou com muito medo de que alguém faça o mesmo.

GRÁFICO 8

Idade Exata	2005		2006		2007		2008	
	H	M	H	M	H	M	H	M
0	68,2	75,8	68,5	76,1	68,8	76,4	69,1	76,7
10	60,8	68,0	61,1	68,2	61,3	68,4	61,5	68,6
15	56,0	63,1	56,2	63,3	56,4	63,5	56,7	63,7
20	51,4	58,2	51,7	58,4	51,9	58,7	52,1	58,9
25	47,1	53,4	47,4	53,6	47,6	53,8	47,8	54,0
30	42,9	48,6	43,1	48,8	43,2	49,1	43,4	49,2
50	26,4	30,4	26,5	30,6	26,6	30,8	26,7	30,9
55	22,7	26,3	22,8	26,4	22,9	26,6	23,0	26,7
60	19,2	22,3	19,3	22,4	19,4	22,6	19,5	22,7
65	16,0	18,6	16,1	18,7	16,2	18,8	16,2	19,0
70	13,2	15,2	13,2	15,3	13,3	15,4	13,3	15,5

ILUSTRAÇÃO 17



# Aspectos financeiros do agronegócio

**JOSÉ CARLOS AGUILERA**

DIRETOR-PRESIDENTE DA BRASIL ECODIESEL INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE COMBUSTÍVEIS E ÓLEOS VEGETAIS S.A

Minha experiência na Brasil Ecodiesel tem duas etapas. Eu me dediquei à reestruturação da empresa há 15 anos, mas tive a oportunidade de voltar em outro momento para fazer uma nova reestruturação, completamente diferente da primeira. Em 2008 e 2009 eu fui contratado para liderar a reestruturação financeira da Brasil Ecodiesel, na qual foi mudada sua estrutura de capital e sua composição acionária. Era uma empresa que tinha um bloco de controle com 70% das ações, mas, quando o projeto terminou, o que demorou quase dois anos, a empresa tinha 25 mil acionistas. O maior acionista hoje detém apenas 12% a 13% da empresa. No último trimestre de 2010 fui contratado de novo para uma reestruturação estratégica da empresa, que havia feito sua abertura de capital unicamente em cima do mercado de biodiesel. Porém, no final de 2010, o conselho se convenceu a fazer um processo de diversificação, aumentar a carteira de produtos. Voltei neste momento.

## Desafio

Faço sempre um desafio durante qualquer apresentação da empresa, principalmente voltada a investidores estrangeiros: que vejam qualquer jornal de grande circulação no Brasil ou no mundo. Lá, eles irão encontrar no caderno de economia pelo menos três temas constantes: tecnologia da informação, alimentos e energia renovável. Não há jornal de grande circulação no mundo que diariamente não toque nesses três temas. Seja O Globo, Valor Econômico, O Estado, The New York Times, Le Monde, qualquer um terá esses três temas, que são a agenda da humanidade hoje. Só que o agronegócio brasileiro está envolvido em dois desses três temas. Então a relevância, a importância de tudo isso que foi apresentado no Congresso fica claro nesse momento. Quando comecei a analisar a diversificação da

empresa foi até interessante, porque eu já fui acadêmico por cerca de dez anos, dando aulas, e a unanimidade me assusta um pouco. Ela às vezes revela uma falta de intensidade ou de profundidade na pesquisa, mas no caso específico do agronegócio é unânime o momento atual e nos próximos 10 a 20 anos. Isso pode ser visto no ministério da agricultura americano, nos relatórios da FAO, na Royal Academy University do governo inglês ou como apareceu na revista The Economist.

Não há literatura no mundo que não diga que este é o momento do agronegócio, quer pela fase de alimentos, quer pela energia renovável. É possível endereçar isso de várias maneiras, para o pequeno, o médio e o grande produtor. Porém, vou focar especificamente no grande produtor, no entendimento que a escala faz diferença.

É preciso tomar um pouco de cuidado em olhar a rentabilidade do setor no momento atual e projetar essa rentabilidade para o futuro; uma coisa é a importância, a relevância, o crescimento necessário da demanda de alimentos e de combustíveis renováveis. E o grande fornecedor que vai ser o Brasil, por “n” vantagens comparativas e competitivas, que foram mencionadas durante o Congresso.

Entretanto, a rentabilidade desse setor não é uniforme ao longo do tempo, os produtores sofrem impactos cíclicos. Desta maneira, é um setor que tem uma capacidade de reação muito grande. Gosto muito do exemplo do que aconteceu recentemente com o algodão: ele disparou de preço, atingiu o preço do século, nunca se viu igual.

## cresceram produção de área agricultável brasileiras

A produção e a área agricultável do Brasil cresceram 70%, então a capacidade de reação à demanda é muito forte - só que em alguns setores é de difícil



“R\$ 100 bilhões é um valor muito pequeno para o tamanho do agronegócio brasileiro”

impacto. No Brasil, que tem cerca de 23 milhões de hectares de soja, imaginar um crescimento de 70% é impossível. Dentro de um mix de rentabilidade, vários palestrantes citaram o algodão como parte importante desse negócio. Sua possível flutuação de preço ou de demanda é um tema complexo, pois não é resultado de uma única variável que tenha levado a uma queda de rentabilidade. Outro fato que não se pode esquecer no setor são os riscos climáticos. O grupo Brasil Ecodiesel adquiriu a Maeda, com 85 mil hectares, dos quais 12 mil ficam numa região entre Mato Grosso e Minas. Desses 12 mil, 1.200 hectares sofreram 21 dias de seca e causaram uma quebra de safra de 30%. Por sorte foram somente 1.200 hectares, pois poderiam ter sido os 12 mil.

Ratificando, escala é importante para que se consiga fazer uma diversificação geográfica e até mitigar riscos climáticos e riscos específicos de preços de commodities, que ainda continuam ocorrendo. Por exemplo, a Brasil Ecodiesel está em três grandes regiões: Mato Grosso, Goiás e Bahia. Mais recentemente, a empresa vem planejando, com a análise da Vanguarda - com uma possível incorporação -, em dirigir-se para a região do Mapito (Maranhão, Piauí, Tocantins). É uma maior diversidade geográfica aliada à análise da diversidade de culturas por região, que também têm comportamentos diferentes.

### Tecnologia e estrutura financeira

Outra coisa que a escala permite é a utilização de recursos de tecnologia e a estrutura financeira, que eu acho o mais importante. Digo que o setor agrícola tem dois tipos de custo financeiro: os visíveis e os invisíveis. Os primeiros são fáceis: alguém faz um financiamento que custa 6,5%, 8%, 12%, 15%, algo muito claro e explícito. Já o custo implícito, que é o famoso “troca por mercadoria”, é muito maior do que esse. A estrutura financeira no setor é algo preponderante; basta ver as grandes tradings do mercado, que funcionam como um banco. É um sistema financeiro que dá assessoria de produção, de compras, de logística, mas é um grande banco, pois uma grande parte da rentabilidade do setor está ali. Eu arriscaria dizer que o agricultor que não tivesse o custo financeiro implícito poderia aumentar sua rentabilidade em 60%, 70%. O aspecto financeiro é importante.

### Recursos necessários para suprir a demanda do mercado

O Quadro 1 traz a cadeia do agronegócio, que sai da parte imobiliária, vai para parte agrícola, parte industrial, comercial e logística, que faz frente a esse

crescimento necessário para suprir a demanda do mercado de alimentos e de combustíveis renováveis para os próximos 20 anos. Serão necessários investimentos adicionais de dezenas de bilhões de dólares, não é algo de graça. Não se conseguirá nem com terras, aspectos climáticos positivos, existência de tecnologia e mão-de-obra se faltar uma coisa chamada dinheiro, recursos.

QUADRO 1



O Quadro 2 apresenta basicamente dois pontos que demandam muitos recursos. Primeiro, a parte imobiliária, a compra de terras: “real state”, como falam os “gringos”. Uma terra é considerada produtiva se gerar 350, 400 sacas de soja por hectare, mas quero falar de outros números, como 16 mil reais por hectare. Os especialistas acham esse valor barato, mas vai encarecer ao longo do tempo pois é um produto escasso. Então, o investimento necessário para ela é monstruoso.

QUADRO 2



“Suprir os 40% a mais de produção de alimentos vai demandar muito mais dinheiro do que está disponível.”

Segundo, na parte agrícola o investimento necessário também é muito grande em termos de capital de giro. Muitos sabem que um hectare de soja tem R\$ 1.500 de custo variável; um hectare de algodão chega perto de R\$ 3.000 de custo variável. Isso causa um impacto, dependendo da cultura, de R\$ 1.500 ou R\$ 3.000 por seis meses. Se tudo der certo, ótimo, mas se houver uma quebra de safra ou um problema climático, o que era um custo variável vira um custo fixo, com um prejuízo é muito grande e de difícil recuperação na mesma safra.

Qualquer organização tem, basicamente, três fontes de recursos simplificadas no Quadro 3. Um é o capital próprio, que é o acúmulo de lucros dentro do balanço; outro são os financiamentos a curto e a longo prazo e o terceiro é o mercado de capitais. Alguns palestrantes mencionaram o novo programa do governo, Política de Desenvolvimento da Competitividade, que foi lançado em junho, com um aumento das linhas de financiamento para mais de R\$ 100 bilhões. E também foi dito uma verdade: que esse valor é muito pequeno para o tamanho do agronegócio brasileiro, para o que ele precisa hoje, para fazer frente ao crescimento necessário. Suprir os 40% a mais de produção de alimentos vai demandar muito mais dinheiro do que está disponível. Dentro dessas alternativas, indo para o mercado de capitais, há o “famoso” IPO, o foco do que quero falar. Todos já ouviram falar disso, até minha empregada me perguntou o que era IPO pois havia visto no jornal. Num certo momento de 2007, até padaria queria fazer IPO, que é a oferta pública de ações.

QUADRO 3



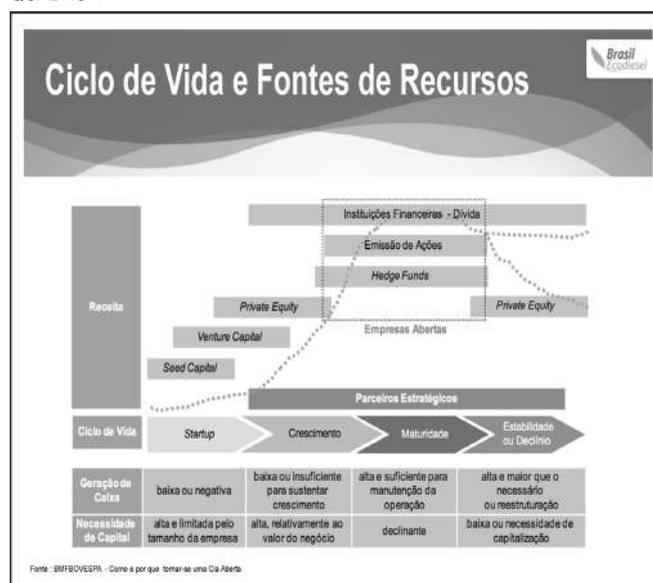
## Governança corporativa

O Quadro 4 mostra alguns elementos da bolsa de valores de acordo com o ciclo de vida da empresa, o tipo de financiamento que ela pode fazer. Normalmente, para usar o recurso de entrar no mercado de capitais, é preciso ter uma escala grande. Eu diria que hoje é quase impossível abrir o capital de uma empresa com faturamento inferior a R\$ 1 bilhão.

## Segmentação

Como revela o Quadro 5, há diversos tipos de segmentação dentro da bolsa de valores, que é o novo mercado, o nível 2 e o nível 1, mas que hoje se restringem ao primeiro. Não se consegue mais abrir capital de uma empresa querendo tirar as famosas ações ordinárias e preferenciais, na qual o detentor do capital tinha 30% das ordinárias e 70% das preferenciais ficavam com os outros. Assim, quem detinha apenas 16% da empresa a controlava, pois controlava mais de 50% das ordinárias. Isso não existe mais. Hoje, para ir para um novo mercado, é preciso ter 100% das ações ordinárias.

QUADRO 4



Avalio que o pior problema que existe no agronegócio para a abertura de capital é que, quando se fala em mercado aberto ou mercado de capitais, existem alguns compromissos. Essa experiência minha é recente; estamos negociando com a Maeda e espero que tenha um “final feliz” com o Otaviano Pivetta.

QUADRO 5

	NOVO MERCADO	NÍVEL 2	NÍVEL 1
Características das Ações Emitidas	Permite a existência somente de ações ON	Permite a existência de ações ON e PN (com direitos adicionais)	Permite a existência de ações ON e PN (conforme legislação)
Percentual Mínimo de Ações em Circulação (free float)		No mínimo 25% de free float	
Composição do Conselho de Administração	Mínimo de 5 membros, dos quais pelo menos 20% devem ser independentes com mandato unificado de até 2 anos		Mínimo de 3 membros (conforme legislação)
Divulgação adicional de informações		Política de negociação de valores mobiliários e código de conduta	
Concessão de Tag Along	100% para ações ON	100% para ações ON e PN	80% para ações ON (conforme legislação)
Adesão à Câmara de Arbitragem do Mercado		Obrigatório	Facultativo

que os mais tradicionais do agronegócio têm uma certa reserva quanto a administrar uma organização nesse ambiente - um ambiente no qual o indivíduo é relevante, é um acionista importante, mas não é o dono da organização. As discussões são mais árduas, são mais intensas, tudo é público, pois não pode haver conflito de interesses. Para quem conseguiu ultrapassar essa barreira, digo que o mercado de capitais talvez seja a mais interessante fonte de financiamento para o crescimento acelerado das organizações. Talvez seja o capital mais barato para se conseguir, mas vai exigir doze administradores com um comportamento ilibado na administração dos recursos. Não digo que não é ético ter capital fechado, também é igual; mas é que apenas uma pessoa tem que dar satisfações, vender as ideias e não decidir totalitariamente com um conjunto de investidores muito mais amplo. Isso que torna a operação mais complexa, difícil e politicamente mais intrincada.

### Compromisso

O primeiro compromisso que existe é um tema que parece meio etéreo, chamado “governança corporativa”. Na hora de entrar o dinheiro, todos concordam com as regras de governança de uma empresa. Porém, no dia-a-dia ele se torna muito mais complexo. Tenho, como disse antes, 25 mil acionistas, incluindo a moça da limpeza do escritório, que tem 100 ações da empresa. Recentemente, ocorreu uma discussão entre os acionistas para decidir ou não pela avaliação da Vanguarda; essa moça entrou na minha sala para perguntar qual era a minha posição. Porque ela, como acionista, tinha 100 ações da empresa, que valem hoje R\$70. Ela queria saber a posição do presidente da empresa, quantas ações eu tinha... Tive que explicar para ela qual era a minha posição, e faço isso diariamente. Recebo e-mails de investidores, independente do tamanho, mas é um novo mundo em que se tem que viver. Então, vejo

QUADRO 6



# Oportunidades de investimentos no agronegócio

## MAURO REZENDE LOPES

Coordenador de Projetos do Centro de Estudos Agrícolas da Fundação Getúlio Vargas

Queria agradecer ao convite e à oportunidade de partilhar meus conhecimentos com a juventude. Tive o privilégio de percorrer o interior do Brasil, em regiões como Uruguaiana, Passo Fundo, Ijuí, o Mapito, Balsas, Imperatriz. Tenho encontrado uma juventude extremamente capaz, que é a base de sustentação das grandes empresas e dos grandes empreendimentos nacionais e estrangeiros em todo o Brasil. Na fronteira existe um horizonte de oportunidades fantásticas, mas é preciso se despojar da vontade de ficar em Ipanema e enfrentar as dificuldades.

Dou um exemplo muito importante para mim: tive contato com o filho mais moço de Roberto Rodrigues. Ele era dono de uma empresa chamada RARO, prestadora de serviço, que foi comprada pela Agrifirma, de capitais ingleses e estrangeiros. O rapaz se tornou o executivo principal da área operacional da empresa e levou toda a força de trabalho que possuía, além de engenheiros agrônomos e médicos veterinários contratados, para essa firma e hoje cultivam 80 mil hectares. Isso mostra o horizonte profissional que a geração atual tem.

### Base do crescimento de grandes empreendimentos agrícolas

Os estudantes de hoje exercem sua profissão, progridem e ocupam cargos de chefia muito mais rapidamente do que em toda a história do Brasil. Volto a enfatizar que os jovens são a base do crescimento dos grandes empreendimentos agrícolas que vou abordar. Também falarei um pouco da grande revolução que está ocorrendo na agricultura em termos de projetos e pequenos e médios investimentos. Essa mesma “massa profissional” de gen-



DANIELLE MEDEIROS

“A agricultura se transformou num grande setor de investimentos que descobriu o mercado de capitais – e o mercado de capitais também descobriu a agricultura”

te muito capaz está fazendo projetos e modelos de negócio que estão surpreendendo pela agregação de valor, pela criatividade e sobretudo pelos baixos investimentos e altas taxas interna de retorno.

A minha palestra terá três focos: os investimentos pequenos, médios e grandes, os fundos de investimentos e a parte do mercado acionário. Posso dizer que fiquei surpreso, pois quando terminei uma pesquisa em 2007 para apresentar no 10º Congresso da SNA, achei que ele era o “alfa e ômega” de tudo o que havia no setor agrícola. Porém, para minha surpresa, ao atualizar o trabalho para apresentar no 12º Congresso, tudo fundamentalmente havia mudado.

Naquela época, mal se atingia 1.900.000 mil hectares entre as empresas grandes nacionais e estrangeiras, enquanto hoje elas passam de quatro milhões de hectares, mais

do que dobraram num curto espaço de tempo. O Banco Central registrava investimentos diretos no setor agropecuário a 41 milhões de dólares; hoje passam de 450 milhões de dólares e a cifra de 2011 vai passar de 600 milhões de dólares em investimentos de capital estrangeiro junto com grandes investimentos de capital nacional. São empresas que mencionarei em breve. Então foi uma surpresa, afinal de contas, pois a agricultura se transformou tão rapidamente num grande setor de investimentos que descobriu o mercado de capitais - e o mercado de capitais também descobriu a agricultura, e mostrarei as razões.

### Pequenos e médios investimentos

O Quadro 1 traz características dos investimentos pequenos e médios, cujas fontes de informação foram cooperativas analisando unidades de negócio, investidores, mesas redondas que a FGV faz nessas cidades, etc. O pessoal da FGV viaja muito,

seja pela BR 364 ou a BR 163, que passa por Cuiabá, Rurópolis, Santarém. A FGV esteve na BR 409, que vai de Juazeiro a Petrolina, até o porto de Salvador, que está levando o Brasil a ser um dos maiores exportadores de frutas do mundo. Contudo, não gosto muito desse ufanismo, porque quando eu estava trabalhando com o embaixador Ricupero, em Genebra, vi a consequência disso. No Congresso, várias palestrantes disseram que o Brasil é o celeiro do mundo, que tem 90 milhões de hectares para serem cultivados, etc., não me agrada. Quando isso é dito, num primeiro momento desperta medo nos opositores do Brasil na Rodada Uruguai - há pouco despertava pavor. E as pessoas se esquecem dos clássicos gregos: o país não pode nos transformar em herói das tragédias gregas, vítima de seu próprio sucesso. O Brasil tem que ser mais “mineiro”, mais modesto. Se me perguntarem se o Brasil tem 90 milhões de hectares, digo que não tem, que nunca teve, que o Brasil não produz coisa alguma. Era assim que a negociação tinham que ser conduzida, sob pena de o país não levar nada, como de fato aconteceu, frustrando os propósitos da negociação. O Brasil era um “player” que tinha é que ficar calado. A pesquisa do Quadro 1 está em andamento, com mesas redondas, conversas com as pessoas e registro das entrevistas. A FGV fez uma avaliação de risco baseada nesses dados, como vulnerabilidade e variação de preços, tamanho do investimento. Não foi surpresa constatar que todo esse pessoal tem uma boa avaliação de risco.

QUADRO 1

Investimentos Pequenos e Médios	
<b>Fontes de Informações</b>	
■	Cooperativas Avaliando Novos Negócios
■	Entrevistas Com Produtores
■	Entrevistas Com Pessoal da Assistência Técnica
■	Discussões Com Investidores
<b>Premissas da Avaliação dos Riscos</b>	
■	Porte do Investimento
■	Dependência de Preços de Mercado
■	Prestação de Serviços Profissionais
■	Investimentos em Armazenamento
NOTA: Os nomes das empresas e empreendedores foi omitido por solicitação dos entrevistados.	

## Riscos de empreendimentos pequenos e médios

No Quadro 2 estão os projetos na área de insu-

mos. Eles são feitos basicamente por grupos de profissionais das áreas de engenharia agrônômica e mecanização agrícola. São pequenas unidades, com investimentos de R\$ 1 milhão e outros com muito mais do que isso. De qualquer forma, no Quadro 2 está um conjunto pequeno, uma amostra de um conjunto muito maior do que foi levantado. No Quadro 3 está a continuação dos projetos de insumos.

QUADRO 2

MODELOS DE INVESTIMENTOS				
INSUMOS	MODELOS	Investe	Renta-	Risco
		1000,00	bilidade	
	Produção Suplementos Nutricionais Animais	2.000,00	26%	3
	Produção Venda Fertilizantes Assistência	1.500,00	32%	2
	Adubos Orgânicos de Valor Nutricional	1.378,00	56%	1
	Distribuição Fertilizantes Foliar Tratamento Sementes	7.500,00	21%	3
	Fabricação Produtos Nutrição Animal	519,00	14%	3

QUADRO 3

MODELOS DE INVESTIMENTOS (Insumos Cont.)				
	Venda Implementos e Aliança com Empresas	245,00	17%	4
	Aumento da UBS e Armazenagem Semente	1.400,00	18%	1
	Produto de Fertilização Mineral	1.429,00	22%	2
	Venda Sementes Cultivar de Maior Rendimento	1.700,00	28%	4
	Fornecimento Produtos Orgânicos a Produtores	1.033,00	51%	3

No Quadro 4 estão as lavouras, algo da maior importância, com valores da taxa interna de retorno. Elas são maiores por causa da boa qualidade do modelo de gestão e de negócio. Esses em-

preendedores são os que abandonaram seus empregos tradicionais, a “geração Super Y”, que passou a gerir seus próprios negócios. Assim, depois de uma vivência de muito tempo em empresas de médio e grande porte, eles tiveram condições de montar os seus próprios negócios. Seja com um pouco de “paitrocínio”, seja com capital levantado de uma origem que ignora: o fato é que eles conseguiram fazer os seus modelos de negócios e o resultado está no Quadro. No Quadro 5, a prestação de serviços é aquela que apresenta menores riscos relativos, mas naturalmente tem seu risco.

QUADRO 4

MODELOS DE INVESTIMENTOS				
<u>LAVOURAS</u>				
MODELOS	Investe 1000,00	Renta- bilidade	Risco	
Beneficiamento de Algodão em Carozo	4.650,00	41%	2	
Produção e Beneficiamento de Algodão	7.952,00	39%	2	
Implantação Soja em Áreas de Pecuária de Corte	94.521,00	22%	3	
Café Irrigado (100 ha)	854,00	25%	1	
Expansão de Uma Empresa - Irrigação Pivot	756,00	28%	1	
Produção Comercialização de Culturas	1.330,00	16%	4	

QUADRO 5

MODELOS DE INVESTIMENTOS				
<u>PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS</u>				
MODELOS	Investe 1000,00	Renta- bilidade	Risco	
Consultoria e Assessoria Rural	159,00	29%	2	
Prestação de Serviços Integrals	231,00	33%	2	
Análise Restrições e Auxilio Tomada Decisão	878,00	14%	3	
Uso do Comércio Eletrônico: Produtore e Fornecedores	399,00	28%	2	
Assistência Técnica Setor Sucoalcooleiro	599,00	22%	2	
Consultoria Empresas Agronegócio Gestão Estratégica	67,00	12%	3	
Consultoria Com Foco Revenda Insumos	189,00	18%	2	
Consultora em Agronegócios	509,00	44%	2	

“Se o negócio é agricultura, é preciso refletir, observar o quanto o mercado paga antes de se fazer um investimento.”

Quais são os riscos de pequenos e médios empreendimentos? No Quadro 6 está o levantamento dos riscos e das ações mitigadoras. Isso não quer dizer que o risco seja muito grande; às vezes sim, mas pode haver ações mitigadoras. Contudo, elas são difíceis para os itens apresentados, como a flutuação dos preços e amor ao produto e não ter amor ao negócio. Se o negócio é agricultura, é preciso refletir, observar o quanto o mercado paga antes de se fazer um investimento.

Fazer uma análise de mercado, porque como diz Roberto Rodrigues, “os cafeicultores dormem com uma árvore de café na cama”. É preciso analisar as opções, pois “quem tem duas tem uma e quem tem uma não tem nenhuma”: é a lei do mar e dos aviões pequenos - quem tem dois motores tem um e quem tem um motor não tem nenhum. Então, que se perca o amor ao produto e se tenha mais amor ao negócio. Isso eu não tenho visto nas ações mitigadoras.

Falta também a escala física e econômica, o que foi discutido pelo palestrante José Carlos Aguilera: o que exporta é a escala, pois a exportação é a única que oferece demanda ilimitada. Se alguém produz um pouco a mais, abaixo do preço internacional, a demanda dele é infinita. Faltam os arranjos societários: o Brasil caminha muito lentamente nessa questão; há falta de consórcios e condomínios, seja no setor de processamento ou na agricultura. É algo que está se desenvolvendo muito no norte do Mato Grosso, por exemplo, condomínios de armazenamento em Marechal Rondon. Há mais de 200 condomínios muito bem sucedidos no Brasil.

A FGV ganhou um prêmio do Banco Mundial por ideias inovadoras para mitigar o problema da pobreza no mundo propondo a ideia de consórcios e condomínios, que está no site da Fundação. Outro item é o desconhecimento de negócios associativos: hoje não se pode produzir fora do aglomerado de agricultura, o “agricluster”. Você se pode produzir no “meio do nada”, é preciso ter vantagens

competitivas, sinergias de organização, simetria, e não assimetria, entre a qualidade técnica e a qualidade organizacional do negócio.

Também é preciso fazer associação com outros, o que diminui muito o risco do negócio. Depois, a precificação dos serviços; produtos novos, que até existem, mas não na disponibilidade desejável, o que é necessário para alguém funcionar na agricultura atual. Observei isso em Rio Verde, Petrolina-Juazeiro, nos grandes agriclusters do Brasil, empresas que produzem produtos novos do ponto de vista organizacional, não necessariamente o produto físico, mas a cadeia de valor.

Por fim, a falta da valorização da gestão estratégica da parte dos contratantes de serviços e dos ofertantes. Em suma, para todas essas questões é muito difícil encontrar ações mitigadoras.

QUADROS 6

#### Riscos dos Pequenos e Médios Empreendimentos

- Flutuação de Preços Produtos e Serviços
- Amor ao Produto e Não Amor ao Negócio
- Falta de Escala Física e Econômica
- Falta de Arranjos Societários
- Falta de Uso de Consórcios e Condomínios
- Desconhecimento de Negócios Associativos
- Precificação dos Serviços
- Produtos Novos
- Falta de Valorização de Gestão Estratégica

### Experiência com a gestão estrangeira

O Quadro 7 mostra os grandes projetos agropecuários no Brasil. A empresa de José Carlos Aguilera é a primeira do Brasil; a primeira do mundo é a Glencore. A Brasil Ecodiesel são 330 mil ha; em segundo lugar vem a SLC com 230 mil ha. O Grupo Maggi tem 180 mil ha, mas a essa altura já deve ter ampliado. O Grupo Vanguarda, do Otaviano Pivetta, tem 180 mil ha; a Brasilagro, com 149 mil ha; e a Agrifirma, do filho de Roberto Rodrigues, com 60 mil ha. Também há muitas outras, que hoje exploram 4 milhões de ha em projetos grandes, de vários milhões de dólares.

No Quadro 8 estão os pontos em comum dos pro-

jetos do agronegócio, sejam eles nacionais ou estrangeiros. Eu noto que, devido ao contato empresarial muito intenso, eles trocam muita experiência. A própria vinda de alguns grupos estrangeiros, que trouxeram certos conhecimentos mas aprenderam muito no Brasil. Uma das coisas que eles aprenderam é que não se trouxe agrônomos, veterinários e nem mesmo dirigentes financeiros e superintendentes operacionais do exterior: foi contratada a “prata da casa” brasileira, de primeira qualidade. Como essas pessoas já foram educadas em boas universidades agrícolas e dominam a tecnologia do Cerrado, são aproveitadas pelas empresas. Quais pontos em comum existem nesses projetos? A mais importante é a gestão físico-financeira. As empresas estrangeiras trouxeram uma novidade importante, vindo uma relativa fraqueza local: a distribuição do bônus não é por resultado, mas é por cumprir o orçamento, que é uma peça importantíssima. Esse é o procedimento, por exemplo, no Grupo Maggi ou no Vanguarda. O bônus advém de se cumprir o orçamento, porque isso depois será mediado. Se alguém passar do custo em mais 20%, eles “fazem média” e nunca farão especulação com o produto. São conhecidas as catastróficas consequências para os agricultores que retiveram o produto na esperança de que o preço ia explodir: quiseram vender soja a R\$ 58 a saca e acabaram vendendo por R\$ 38 reais...

QUADRO 7

#### Grandes Projetos Agropecuários no Brasil

O porte das explorações agropecuárias atingem:

- 330 mil ha (Brasil Ecodiesel)
- SLC com 230 mil ha
- Grupo Maggi, com 180 mil ha
- Grupo Vanguarda, com 180 mil ha
- BRASILAGRO (Cia de Propriedades Agrícolas), com 149 mil ha
- Agrifirma, com 60 mil ha
- E muitos, muitos outros
- Hoje eles exploram aproximadamente 4 milhões de ha
- O registro de investimentos no Agronegócio Brasileiro de Capital Estrangeiro passou de R\$ 42 milhões para 439 milhões em 2009.

Essas empresas também trouxeram a cultura da prática de governança societária e corporativa, que é muito importante: bolsa nenhuma do mundo aceita ações que não tenham isso. Outro fator: compra de terras em regiões menos desenvolvidas, por

exemplo, na fronteira, onde as empresas compram terras por R\$ 30 reais ou 30 sacas de soja. Já vi chegar a 200 sacas depois que a região se desenvolve, como em Luís Eduardo Magalhães, Barreiras, São Desidério, Corretina e Cocos, onde existe o café irrigado, que é uma pérola da agricultura brasileira atual. Nessa região toda as empresas fizeram um desenvolvimento. Outra: equilíbrio entre investimentos. Elas têm um equilíbrio entre terra própria arrendada, máquinas, capital de giro, etc. que me surpreende, pois não era da praxis da cultura agrícola brasileira. Por exemplo, elas não têm mais terras do que podem cultivar, nem mais um metro, mas fazem arrendamento da parte que precisam. Embora seja uma cultura interessante, também com seus problemas, o Centro de Estudos Agrícolas da FGV fez uma pesquisa que mostrou que, dos mais de quatro milhões de estabelecimentos dos 195, os que estavam melhores eram aqueles que arrendavam terra.

Há um equilíbrio muito grande nos arrendamentos e parcerias; inauguração das fazendas corporativas, que agora aparecem no jornal Valor Econômico, mas a FGV já havia feito um estudo para o último seminário do agronegócio com o sistema "corporate farm". Também há outras formas de organização, como a empresa do José Aguilera, uma incorporação ("incorporation"). Ela não tem controlador ou dono; participa-se da empresa como acionista, mas ele não é dono. Mostro esse panorama principalmente para que a juventude veja que há uma revolução nessa área de conhecimento, ela precisa se preparar. Se alguém quiser ser agrônomo ou veterinário de uma empresa de grande porte, seja nacional ou estrangeira, deverá entender um mínimo de capitais financeiros e de mercado financeiro rural.

### Grandes empreendimentos

No Quadro 9 estão as vantagens dos grandes empreendimentos. Eles são produtores pré-financiados. A bolsa de arrendamento de Uberaba, de José Humberto Guimarães, está arrendando 150 mil hectares por ano. Ele criou no Brasil contratos e consórcios, é um homem vitorioso. No trabalho da FGV ele foi peça fundamental para indicar o caminho. Certificação ISSO; orçamentação como peça de gestão: como já comentei, o orçamento é que manda, não é o resultado final, pois este varia muito. Alguém pode fixar uma posição ao achar que ganhou 15%, depois se transforma em um problema operacional, pois vai querer reter sua produção para especular. Ele tem que escolher se é um produtor ou se torna um especulador profissional.

"Várias empresas nacionais, mais do que estrangeiras, estão experimentando variedades de cana no Mapito, porque é uma área que pode render bem."

Isso acontece quando o produtor colhe sem contrato e vira um especulador. Se ele não estiver em várias atividades agropecuárias, com a produção contratada, vendida e planejada, ele não tem nada, tem um aceno. Ele tanto pode ganhar como perder, principalmente em culturas perecíveis. As cidades de Juazeiro e Petrolina já estão se transformando, começando a seguir o Vale da Califórnia ao ter produção contratada, planejada e vendida, mas fora disso existe muito risco. Outro item: subsidiárias de logística e geração de energia - o Grupo Maggi tem isso, ele é quase autossuficiente, além de ter um dos corredores de rios fluviais mais famosos, que vai de Porto Velho até Itacoatiara. Hoje ele já está completamente vendido, um sucesso.

QUADRO 8

#### Pontos em Comum dos Projetos Agropecuários

- Peça mais importante de gestão físico-financeira o *budget*.
- Sistema de recompensa por cumprimento de metas de custo.
- Adoção de boas práticas de governança societária e corporativa.
- Compra de terras em regiões menos desenvolvidas.
- Combinações de atividade produtiva, bem gerida técnica e financeiramente, com valorização da terra.
- Equilíbrio entre imobilização em terras, investimento de capital fixo, custeio e comercialização.
- Arrendamento e parcerias.
- Crescente cultura corporativa, Fazendas Corporativas.

Quanto à utilização de hedging, já mencionei; plano de negócios como instrumento gerencial, até para descontinuar uma área de trabalho essa ferramenta é usada; campos de experimentação próprios e específicos. Várias empresas nacionais, mais do que estrangeiras, estão experimentando variedades de cana no Mapito, porque é uma área que pode render bem. Já na responsabilidade am-

“O mercado acionário foi importante. Captações e projetos grandes têm riscos de natureza muito diferente dos médios.”

biental as empresas são vulneráveis; a governança societária, e a escala: “o que exporta é a escala”.

É preciso ter volumes, pois na agricultura ganha-se R\$ 0,01, R\$ 1,00, R\$ 2,00, R\$ 3,00 por tonelada. Quem tem um lote limpo, seco de 300, 600 mil sacas de soja, com 13% de umidade, 100% em um armazém confiável, isso tudo vale mais.

QUADRO 9

#### Vantagens dos Grandes Empreendimentos

- Clientes-Produtores-Parceiros Pré-Financiados
- Arrendamentos
- Rastreabilidade e Certificação ISO, etc.
- Orçamentação – Como Peça de Gestão
- Subsidiárias de Logística e Geração de Energia
- Utilização de Hedging
- Plano de Negócios Como Instrumento Gerencial
- Campos de Experimentação Próprios
- Responsabilidade Ambiental
- Governanças Societária e Corporativa
- O Que Exporta É Escala!

### Agronegócio se expande na bolsa

No Quadro 10 estão os fundos de investimentos. Atualmente há 45 fundos, 19 de investimentos e participações e 26 de investimento em direitos creditórios. Quanto à abertura de capital de empresas do agronegócio, se forem somados todos os IPO, todas as captações de recursos, o resultado será o dobro do volume dos R\$ 97 bilhões do Banco do Brasil. Não sei se nesses R\$ 97 bilhões existem dívidas ou é dinheiro novo - acho difícil que seja -, mas, de qualquer forma, o levantamento dos últimos dois anos de recurso através desses instrumentos, dos fundos de investimentos, IPO, lançamento, prospectos para registros na CBM, etc., supera em muito o crédito rural tradicional. A FGV não adicionou os outros bancos, mas já aparecem dados dos fundos de “private equity”.

Até recentemente, o agronegócio na bolsa era visto com muita desconfiança. As ações começaram a ser lançadas e tiveram uma grande flutuação - algumas “viraram pó”, mas no ano subsequente cresceram 250%, 300%. Isso deslançou o negócio, acabou com o preconceito do mercado acionário com relação ao agronegócio. Onde há risco, há o investidor, pois é disso que ele gosta e começou a entrar no negócio. Isso trouxe uma vantagem muito grande, sublinhada no Quadro 11. Com o movimento das ações, gerou-se um clima para se começar a fazer IPOs e todo o mercado de inclusão da agricultura no mercado financeiro. As ações mencionadas no Quadro foram pioneiras: algumas sofreram muito, houve recuperação, depois veio o ano de 2008, que foi péssimo. Porém, em 2009 e 2010 houve recuperação, atrativa para o pessoal que gosta de volatilidade. Eles então conseguiram aplicar esses IPOs e tomadas de capital, pois são empresas muito grandes.

QUADRO 10

#### FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Hoje há 45 Fundos

19 Fundos de Investimentos e Participações

26 Fundos de Investimento em Direitos Creditórios

Abertura de Capital de Empresas do Agronegócio –  
Conhecimento do Setor

Os fundos têm condições de participar da gestão das Empresas

O Private Equity do Banco do Brasil tem R\$ 1,2 bilhão

No Private Equity o investidor não compra necessariamente a empresa e sim participa na gestão.

Com o Private Equity a empresa poderá ter assessoria financeira na gestão de custos e definir uma margem rentabilidade mínima.

### Mercado acionário

O mercado acionário foi importante. Captações e projetos grandes têm riscos de natureza muito diferente dos médios, segundo os itens mostrados no Quadro 12. O primeiro de todos é a segurança jurídica do agro brasileiro, que acomete os médios mas os grandes são mais vulneráveis; contenciosos da agricultura: trabalhista, fundiário e ambiental, três riscos que não se podem subestimar para projetos grandes; legislação especial sobre compras, arrendamentos e vendas de terras para investidores nacionais e estrangeiros: esse negócio frequenta com assiduidade as preocupações do mercado, porque saem notícias na

imprensa de há um risco real; riscos de governanças: isso sempre há.

QUADRO 11

**Mercado Acionário**

- Há um total de 23 Empresas Com Volume Elevado de Negociação
- Principais Empresas: Brasil Ecodiesel; SLC Agrícola; RASIP – RASIP Agropecuária; Sadia, Perdigão; BR Foods; JBS; COSAN; Farfrig-Friboi; M. Dias Branco; São Martinho; Tereos; Josapar; Brasil Agro; Avipal; Buzios Alimentos; Laep Parmalat; Açúcar Guarani, etc.
- Os movimentos das ações foram acentuados: quedas em 2008 e recuperação a partir de 2009
- Forte influência dos preços de commodities, novos clientes e a China, força do mercado interno
- O valor das ações reflete uma expectativa futura de desempenho das empresas – um investimento de futuro.
- Com MERCADO ACIONÁRIO abriu-se um grande mercado para abertura de capital e captação de recursos como fonte de financiamento dos empreendimentos do agronegócio (IPO's)
- Ofertas Públicas Inicial de Ações
- As maiores captações de recursos estão sendo LG Agronegócios e Participações; Tereos Internacional (de 450 a 600 R\$ milhões); Glencore (US\$ 10 bilhões para investimentos em 30 países); etc.
- É muito interessante (e difícil) acompanhar a evolução vertiginosa destes mercados.

É difícil para as pessoas entenderem que, no regime de governança societária, é preciso respeitar os direitos da minoria, contudo, algumas empresas grandes respeitam e outras não. Além disso, a governança corporativa: a função do conselho de administração é elaborar os projetos e a diretoria os implementá-los. Não pode haver mistura pelo conflito de interesses que existe entre os investidores e os diretores. Depois, há problemas de legislação; intervenções dos governos nos mercados agrícolas, o que costuma retornar. Já quiseram mexer no açúcar por causa do álcool, mas ninguém olha do outro lado da fronteira, com a presidente da Argentina proibindo a exportação e complicando a vida dos agricultores. De qualquer forma, a intenção dela foi um desastre, por um país que é extremamente competente na área agrícola.

### Anos de Chumbo

No Brasil, há uma memória do passado, quando houve uma interferência pesada na agricultura brasileira nos “Anos de Chumbo”, durante as dé-

cadas de 70, 80 e 90. Depois, houve um afastamento definitivo do governo, o que propiciou grande crescimento da agricultura brasileira, em grande parte devido à desregulamentação do estado. Porque todos os ganhos de produtividade eram transferidos para os consumidores e as indústrias. Cito também os riscos de negócios, mas não aqueles dos prospectos de lançamento inicial de ações, que é para o acionista. Estou falando de riscos de negócios no país, com o risco político local que não está sendo visto com a devida acuidade. Isso é algo sério: se alguém disser que a agricultura brasileira não tem risco político, ou ele ou eu não sabemos o que estamos falando, já que a soma de todos os riscos que comentei tem um risco político. O risco da intervenção do governo sobre diversas formas é um risco para o acionista, para o negócio, pois é consignado.

QUADRO 12

**(De Olho nos Riscos)  
Grandes Empreendimentos**

- Insegurança Jurídica no Agro Brasileiro
- Contenciosos da Agricultura: Trabalhista, Fundiário e Ambiental
- Legislação Especial Sobre Compra e Arrendamento de Terras (Capitais Nacionais e Estrangeiros)
- Riscos de Governanças
- Intervenções dos Governos nos Mercados Agrícolas
- Riscos de Negócios
- Risco Político

Mostrei apenas uma noção do setor. Acho que todos devem ter um pouco de curiosidade para ler um pouco mais; é possível acessar o meu site ou do Centro de Estudos Agrícolas e “baixar” pesquisas como essa, pois tudo é absolutamente gratuito. 

# Agricultura sustentável no Brasil, pesquisa, desenvolvimento e inovação nas ciências agrárias e ambientais

**EDUARDO FRANCIA CARNEIRO CAMPELLO**

Chefe-Geral da Embrapa Agrobiologia

Tentarei suprir a presença de Pedro Arraes, presidente da Embrapa, que não pôde comparecer. Mostrarei assim o papel da pesquisa, do desenvolvimento e da inovação, junto com as Ciências Agrárias e ambientais no Brasil na busca da chamada agricultura sustentável.

O Gráfico 1 já foi mostrado pela ANDEF em um estudo feito pelo Centro de Estudos Estratégicos e Capacitação da Embrapa (Cecap), que é um centro novo criado em Brasília. Ele mostra que a cesta básica, com um índice que era 100 e que ao longo do tempo caiu até atingir 51 no ano de 2010. Isso confirma que, para a sociedade brasileira, o agronegócio está realmente colocando o alimento mais barato na mesa de todos.



A agricultura não deve ser encarada como um problema, mas como uma solução”

Os números do Gráfico 2 também já foram mostrados durante o Congresso, mas, em linhas gerais, referem-se aos principais produtos do agronegócio brasileiro e seus destinos. Os principais hoje são China e União Europeia, mas existe uma grande diversificação, chegando a 30% para outros além dos principais, que se destacam. Cerca de 79% da produção brasileira é consumida internamente e 21% é exportada para 212 mercados. Em 2008, o Brasil exportou 1.500 tipos de produtos agrícolas.

Uma característica e uma vantagem do mercado brasileiro apontada pelo Gráfico 3 é a matriz energética do país em relação ao mundo. O Brasil tem algo em torno de 47% de energia renovável, enquanto que no mundo essa fatia é de 18,6% e, den-

GRÁFICO 1



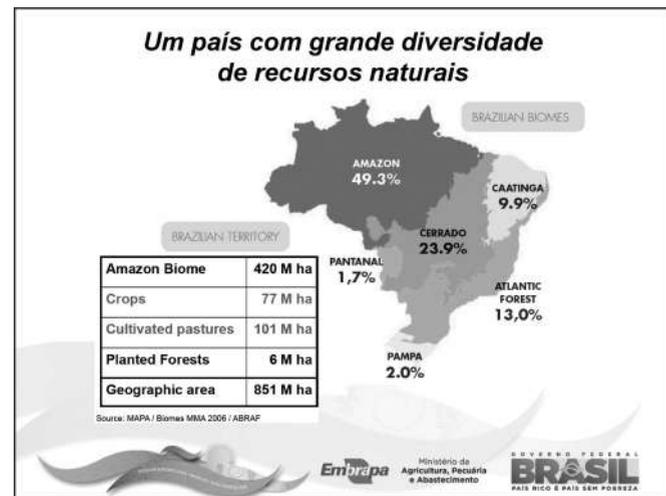
GRÁFICO 2



Gráfico 3



GRÁFICO 4



tro da OCDE, 7,2%. A diversificação da matriz energética é uma vantagem competitiva, principalmente em termos ambientais, porque as emissões brasileiras de gases de efeito estufa acabam sendo bem menores.

O Brasil tem um sistema diversificado com produtos variados em cada região representada no Quadro 1. O que se produz no Nordeste não é o mesmo do que se produz no Centro-Oeste, Sul ou Sudeste. Outros países têm uma grande concentração em determinados produtos, como é o caso da Argentina, que é uma grande produtora, mas de três, quatro produtos. Já no Brasil se encontram centenas e até milhares de produtos.

O Quadro 2 mostra um pouco do painel do que era a agricultura brasileira até o início dos anos 70 do século XX. Ela ocupava basicamente o Sudeste, uma parte do Nordeste e muito pouco do Centro-Oeste, mas ao longo do tempo ela foi se expandindo. Porém, é uma agricultura pobre, com baixa produção, baixa produtividade e faltava alimento na mesa da população.

QUADRO 1



QUADRO 2



Quanto à distribuição da terra apresentada pelo Gráfico 4, o terreno usado pelo agronegócio no Brasil gira em torno de 77 milhões de hectares. 101 hectares são ocupados com pastagens e há 6 milhões de florestas plantadas, enquanto o bioma da Amazônia fica com 420 milhões de hectares.

O desafio era tornar isso um cenário diferente, dada a vasta extensão territorial brasileira, com solos com potencial de produção que permitissem aumentar a produção e a produtividade. Com certeza, o Sistema Brasileiro de Pesquisa Agropecuária deu uma contribuição efetiva, como indica o Quadro 3. Foram criadas, no início dos anos 70, além da Embrapa, 17 Organizações Estaduais de Pesquisa Agropecuária, as chamadas OEPAS. Essas organizações estaduais - no caso do Rio de Janeiro chamada de Pesagro-RJ - são fundamentais no

suporte desse modelo de desenvolvimento da agricultura brasileira, além de uma rede de universidades de ciências agrárias. A Embrapa atualmente tem 45 centros praticamente em todos os estados do país, e também está atuando fora. Fala-se muito da importância da África na produção de alimentos nas próximas décadas: a Embrapa já está atuando fortemente na África, com um escritório em Gana, no Mali e no Senegal. Em Moçambique, existem vários projetos para desenvolver a agricultura naquela região. Além disso, há laboratórios virtuais no exterior, tentando trazer o que há de mais moderno em termos de tecnologia de países como Estados Unidos, França, Inglaterra e Coreia. São os chamados Labex, laboratórios no exterior.

QUADRO 3



Qual foi o modelo, quais foram os fundamentos para mudar o cenário agrícola no país? Basicamente, o desenvolvimento da ciência baseada em agricultura tropical, o empreendedorismo dos agricultores, sem dúvida alguma. Com a vontade e o movimento mencionado por outros palestrantes, de uma época em que “uma baiana valia mais do que 50 gaúchos”, foram eles ocuparam o Centro-Oeste brasileiro, desbravaram fronteiras e, sem dúvida, foram fundamentais no desenvolvimento desse modelo. Também houve o empenho do Governo e suas políticas públicas, com disponibilidade de infraestrutura básica, grandes extensões de terras agricultáveis, com relevo apropriado, além de boas características físicas do solo e disponibilidade de recursos como calcário e fosfato.

QUADRO 4



A agricultura sustentável no Brasil é o objetivo para a humanidade, mas com uma preservação do meio ambiente que permita aumentar a produção.

QUADRO 5



Como revela o Quadro 6, agricultura sustentável não tem uma definição muito clara, está ainda sob debates. Uns são mais filosóficos, outros mais procurando um método, um processo, mas não há unidade. Continuando no Quadro 7, é preciso procurar um processo que ganhe em todas as dimensões, seja ela técnica, econômica, social e ambiental. Só que não se consegue ganhar plenamente em todas essas dimensões, embora isso seja a busca da sustentabilidade. O governo brasileiro e o setor agrícola estão empenhados em promover a sustentabilidade dos sistemas agrícolas, e tem-se praticado cada vez mais uma agricultura de

conservação. Essa agricultura de conservação tem ações como plantio direto, além de processos mais eficientes em recursos naturais, como o uso de insumos biológicos e sistemas integrados de lavoura-pecuária.

QUADRO 6

### Agricultura Sustentável

"Não concisa uma definição universalmente."

Isto é assim porque a sustentabilidade é muitas vezes vista como uma filosofia de gestão, em vez de um método ou processo de operação e, como a aceitação ou rejeição de qualquer definição está ligada a um sistema de valores."

Fonte: Heitschmidt et al, 1996, citado por Contini & Martha Jr., (2010)



QUADRO 7

### Agricultura Sustentável

"No entanto, é bem aceito que as dimensões da sustentabilidade - técnica, econômica, social e ambiental - devem ser sempre perseguidas."

Essas dimensões são interdependentes e, preferencialmente, deveriam ser atendidas simultaneamente."

**Mas devemos ter em mente que não é uma tarefa trivial desenhar estratégias que sempre resultem em situações "Ganha-Ganha", como por exemplo, ganhos simultâneos em todas as dimensões da sustentabilidade ...**

Fonte: Contini & Martha Jr., (2010)

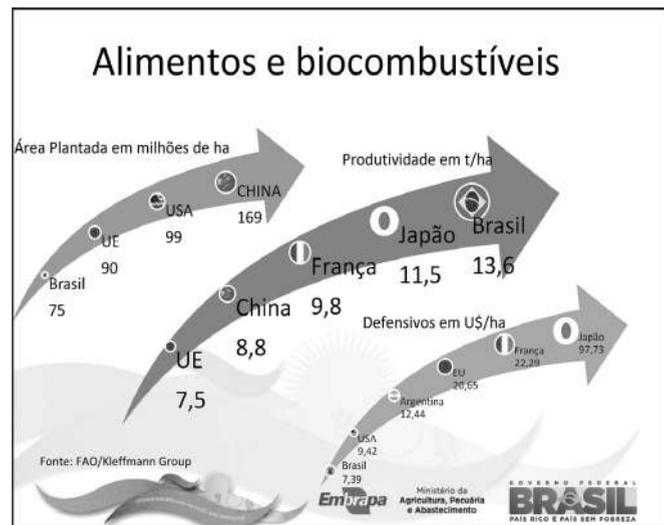


Os dados do Gráfico 5 já foram mostrados, comprovando que a área, em termos de grãos não cresceu na mesma proporção que cresceu a produtividade e a produção. O resultado é mostrado no Gráfico 6: isso permitiu ao país economizar 58 milhões de hectares. Se não tivesse ocorrido esse incremento de produtividade, seriam necessários mais 58 milhões de hectares, o que teria afetado, sem dúvida, as reservas florestais brasileiras, a qualidade do solo e a biodiversidade.

GRÁFICO 5



GRÁFICO 6



Os dados do Quadro 8 foram retirados recentemente da apresentação da ANDEF, que também já apresentou dados da Embrapa. No convênio que a Embrapa assinou em junho de 2011 com a Basf, o vice-presidente da ANDEF, Eduardo Leduc, apresentou esses dados. O Brasil é o 4º em termos de área plantada com grãos e cana, tirando pastagens e florestas, com 75 milhões. A maior em área plantada é a China, em compensação o Brasil é o 6º em gastos com defensivos, atrás do Japão, França, União Europeia, Argentina e Estados Unidos. Mas o Brasil tem a maior produtividade em toneladas por hectare. Então são dados bastante expressivos, deixando o país na frente de Japão, França, China e União Europeia, com 13,6 toneladas por hectare.

QUADRO 8



O Gráfico 7 mostra a área crescente dirigida ao plantio direto. O Brasil é o país com maior área plantada dessa forma, que conserva o solo, sistema cuja evolução é vista no Gráfico 8, analisado por ano.

GRÁFICO 7



GRÁFICO 8



## Pesquisas para a recuperação dos solos

Essa agricultura tem permitido que ela se torne a principal produtora de água potável, pois está conservando o solo. O Brasil saiu de um modelo que tinha problemas de drenagem, irrigação e erosão, além da chuva e inundação, para um modelo bem mais conservacionista, como exemplificado pelo Quadro 9. Já os Quadros 10 e 11 trazem exemplos da integração lavoura-pecuária-floresta. É o modelo em que se começa reformando pastagens, com culturas agrícolas e entrando com árvores. A produção agrícola é recolhida e depois entra pastagem; deste modo se conserva muito mais o solo. Outro exemplo está no Quadro 12, que traz a evolução de máquinas também para a agricultura familiar.

QUADRO 9



QUADRO 10



QUADRO 11

**Agricultura de Conservação no Brasil**  
A intensificação do uso do solo com sistemas integrados lavoura-pecuária-floresta  
Operações em grande escala

Source: MAPA, 2010 – Photos by Votorantin Metais

Embrapa  
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento  
GOVERNO FEDERAL  
BRASIL  
PAIS RICO & PAIS SEM POBREZA

QUADRO 13

**Fixação Biológica de Nitrogênio**  
O Brasil se tornou líder mundial na substituição de adubos nitrogenados pela fixação biológica de N<sub>2</sub> (FBN).

Com *Bradyrhizobium*

Sem *Bradyrhizobium*

Economia Anual:  
~ R\$ 10 bilhões

Fonte: Contini & Martha Jr., 2010

Embrapa  
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento  
GOVERNO FEDERAL  
BRASIL  
PAIS RICO & PAIS SEM POBREZA

QUADRO 12

**Agricultura de Conservação no Brasil**  
A intensificação do uso do solo com sistemas integrados lavoura-pecuária-floresta  
Tecnologias adaptadas a pequenas redes Agricultura

Fonte: MAPA, 2010 – Foto APDC

Embrapa  
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento  
GOVERNO FEDERAL  
BRASIL  
PAIS RICO & PAIS SEM POBREZA

QUADRO 14

**Inoculante para cana-de-açúcar**

5 packs containing 1250 g of peat + bacteria = mix with clean water

Embrapa  
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento  
GOVERNO FEDERAL  
BRASIL  
PAIS RICO & PAIS SEM POBREZA

O Quadro 13 mostra uma outra ação: a fixação biológica de nitrogênio. A soja brasileira é um exemplo de sucesso, sendo o Brasil seu maior exportador no mundo e o 2º maior importador. Só que o país faz uma economia anual de R\$ 10 bilhões ao não utilizar adubos nitrogenados, sendo líder mundial na fixação biológica.

No caso do Quadro 14, a Embrapa quer levar esse conhecimento para outras plantas. A instituição já tem inoculante para cana-de-açúcar, com quatro indústrias prontas para lançar esse produto no mercado. A Basf irá associá-lo a um fungicida que ela está desenvolvendo. O efeito do produto é substituir parte da adubação nitrogenada e ter efeitos estimulantes sobre as plantas, aumentando o enraizamento e aumentando a brotação. Já o Quadro 15 mostra a rede de experimentos.

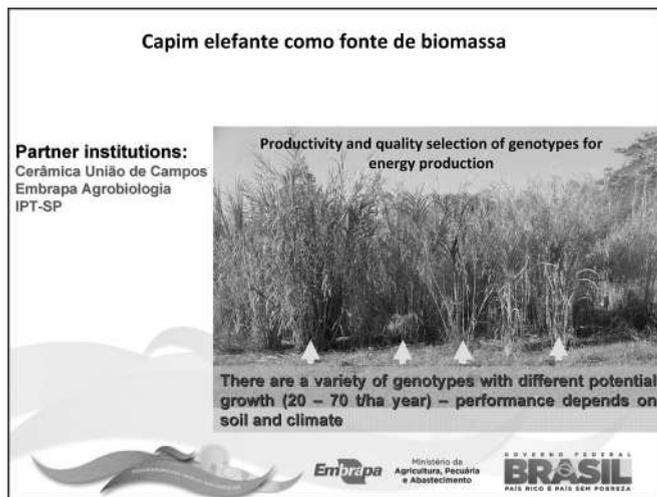
QUADRO 15

Rede de Ensaios de Campo para o inoculante da cana-de-açúcar

Embrapa  
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento  
GOVERNO FEDERAL  
BRASIL  
PAIS RICO & PAIS SEM POBREZA

Mostrado no Quadro 16 está o capim elefante, que também fixa nitrogênio e é uma fonte de energia importante, pois produz muita biomassa: são 70 toneladas por hectare/ano. A Embrapa tem uma parceria no norte-fluminense com uma indústria de cerâmica vermelha, que já está queimando diretamente no forno capim elefante seco. Ele é produzido no campo, seco e pulverizado, como ilustrado no Quadro 17, proporcionando uma economia de 70% em relação ao gás natural.

QUADRO 16



QUADRO 17



O feijão caupi está sendo plantado no Nordeste e tem entrado no Centro-Oeste. Para ele já existe um inoculante que permite aumentar a produtividade em 280% ao colocar nitrogênio e uma associação simbiótica com bactérias. O resultado positivo aparece no Quadro 18.

QUADRO 18



Além das culturas, tem ocorrido a recuperação de áreas degradadas, mostradas no Quadro 19. Na parte superior direita, o exemplo é de resíduo de bauxita, que em 3,5 anos apresenta boa recuperação.

QUADRO 19



## Melhoramento genético

Abordando questões diferentes, uma fundamental para que o país avance é o melhoramento genético, apesar do problema de dependência estrangeira apontado pelo Quadro 20. Já o Quadro 21 traz o caso do milho, que utilizou novos materiais genéticos muito mais produtivos em relação aos primeiros ao longo do tempo. Em particular, a capacidade de adaptação a solos ácidos. Resultado de muita pesquisa, isso foi fundamental para que essas culturas entrassem no centro-oeste brasileiro, indicado pelo Quadro 22.

QUADRO 20

### Recursos Genéticos, Melhoramento e Adaptação de Culturas

Apesar da sua rica diversidade biológica, o Brasil é muito dependente da diversidade exótica para a alimentação e agricultura.

Embrapa Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento BRASIL PAÍS RICO E PAÍS SEM FOME

dro 25 revela o nome de diversas espécies nativas do Cerrado e da Amazônia, mais de 100 plantas que foram identificadas e que têm potencial para fins energéticos.

QUADRO 23

### Recursos Genéticos, Melhoramento e Adaptação de Culturas

Trigo susceptível à seca

Trigo tolerante à seca

Fonte: Martha Jr., 2010

Embrapa Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento BRASIL PAÍS RICO E PAÍS SEM FOME

QUADRO 21

### Recursos Genéticos, Melhoramento e Adaptação de Culturas

Milho tropical com desempenho agrônômico pobres 30 anos atrás Os novos materiais

Fonte: Passerini & Teixeira, 2006

Embrapa Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento BRASIL PAÍS RICO E PAÍS SEM FOME

QUADRO 24

### Conservação e Uso Sustentável da Agrobiodiversidade

Agrobiodiversidade

Celebrating Cassava Diversity  
(A Contribution from Embrapa/56)  
Lúiz J. C. B. Carvalho, PhD

Fonte: Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia  
Embrapa Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento BRASIL PAÍS RICO E PAÍS SEM FOME

QUADRO 22

### Recursos Genéticos, Melhoramento e Adaptação de Culturas

Tolerância ao alumínio e eficiência no uso de fósforo - Adaptação de milho para o Cerrado

ACIDITY SUSCEPTIBLE ACIDITY TOLERANT

0% Al, 38% Al, 60% Al

Embrapa Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento BRASIL PAÍS RICO E PAÍS SEM FOME

QUADRO 25

### Conservação e Uso Sustentável da Agrobiodiversidade

O Brasil tem cerca de 100 espécies de plantas no Cerrado e Bioma Amazônia com potencial para o cultivo industrial como oleaginosas para fins energéticos, dentre outros.

<i>Acrocomia aculeata</i> (macauba palm)	<i>Licania rigida</i> (oilcica)
<i>Astrocaryum murumuru</i> (murumuru)	<i>Mauritia flexuosa</i> (buriti palm)
<i>Astrocaryum vulgare</i> (tucumã)	<i>Maximiliana maripa</i> (inaja palm)
<i>Attalea geraensis</i> (indalá-ratelero)	<i>Oenocarpus bacaba</i> (bacaba-do-azeite)
<i>Attalea humilis</i> (pindobá)	<i>Oenocarpus bátaua</i> (patauá)
<i>Attalea oloifera</i> (andalá)	<i>Oenocarpus distichus</i> (bacaba-de-leque)
<i>Attalea phalerata</i> (uricuri)	<i>Paraquiba paraensis</i> (mari)
<i>Caryocar brasiliense</i> (pequi)	<i>Sesamum indicum</i> (benneeseed)
<i>Cucumis melo</i> (melon)	<i>Theobroma grandiflorum</i> (cupuassu)
<i>Jatropha curcas</i> (pinhão-manso)	<i>Tithrinax brasiliensis</i> (carandá)
<i>Joannesia princeps</i> (cutieira)	

Fonte: Nass et al. (2007)

Embrapa Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento BRASIL PAÍS RICO E PAÍS SEM FOME

O desempenho do trigo tolerante à seca é mostrado no Quadro 23, enquanto o Quadro 24 traz a diversidade de materiais genéticos em relação à mandioca. Já o Qua-

No Quadro 26 é mostrada a ação de resgate da biodiversidade nativa de várias espécies, como amendoim e outros.

QUADRO 26

**Conservação e Uso Sustentável da Agrobiodiversidade**

Etnobiologia (Biodiversidade e Diversidade Social)

CULTURAL, ECONÔMICO, AMBIENTAL, SOCIAL, COLHEITA, USO, ACUMULO DE SEEDS

RESGATE CULTURAL, MANEJO SUSTENTÁVEL E CONSERVAÇÃO DA AGROBIODIVERSIDADE

Fonte: Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia

Embrapa Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento BRASIL PAÍS RICO E PAÍS SEM FOME

cos. Isso tem permitido que o Brasil alcance os objetivos de redução do desmatamento na Amazônia, como indicado pelo Gráfico 9.

QUADRO 28

**Zoneamento Agroecológico para a Expansão da Cana**

O Brasil está utilizando tecnologia de Zoneamento para gerenciar a expansão da cana

Cana para produção de etanol ocupa 1,5% da terra arável do Brasil

Amazon rain forest

2.500 Km

2.000 Km

87% da produção de cana

Fonte: UNICAP

Embrapa Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento BRASIL PAÍS RICO E PAÍS SEM FOME

Expostos pelo Quadro 27 estão os estudos que têm sido feitos para o zoneamento agrícola associada com a questão climática, com o exemplo mais detalhado da cana, nos Quadros 28 e 29. Neste último é mostrado o zoneamento, que limita o plantio na Amazônia e no Pantanal brasileiro. Porém existem outras áreas com indicação de plantio, um resultado de pesquisa que protege os biomas brasileiros.

QUADRO 27

**Programa de Zoneamento Agrícola**

Para reduzir os riscos climáticos, o Brasil implementou em 1996 o seu Programa de Zoneamento Agrícola.

Analisa os parâmetros relacionados ao clima, solo e plantas, através de modelos matemáticos e estatísticos para determinar a probabilidade de ocorrência de fenômenos climáticos adversos que podem causar perdas de safras.

Ele permite a definição de calendários de plantio para garantir pelo menos 80% de probabilidade de ter um abastecimento adequado de água para um grupo diversificado de culturas sem irrigação artificial.

Fonte: Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia

Embrapa Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento BRASIL PAÍS RICO E PAÍS SEM FOME

QUADRO 29

**Zoneamento da cana no Brasil**

O Brasil está utilizando tecnologia de Zoneamento para gerenciar a expansão da cana

**A legislação brasileira ...**

**1. Proibido:**

- Plantação de cana em biomas sensíveis, como a floresta amazônica e no Pantanal.
- Cana de cultivo sobre a vegetação nativa (por exemplo, cerrado, campos)

**2. Autorizado:**

- 64,7 milhões de hectares para expansão da cana, o equivalente a 7,5% do território brasileiro (atualmente 0,9% da área é utilizada para a cana)

Embrapa

Fonte: Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia

## Monitoramento da Amazônia

A questão do monitoramento da Amazônia na “moratória” da soja é levantada pelo Quadro 30. Não se permite, assim, que a soja se expanda dentro do Bioma Amazônico. O Quadro 31 traz a questão do controle, no qual Brasil é líder no uso de imagens de satélite para monitorar o desmatamento nos trópi-

QUADRO 30

**Expansão monitoramento agrícola em Áreas Sensíveis**

“Soybean is no longer an issue for the Amazon Biome deforestation”, Minister of Environment of Brazil

AMAZON BIOME

Since the “moratorium”, soybean area decreased to 0,27% of the Amazon Biome.

Desde 2006, os representantes privados do segmento de soja declararam uma “moratória” da soja produzida no bioma Amazônia - um compromisso global que proíbe a compra ou venda de grãos produzidos na região.

O monitoramento por satélite controla a origem do produto, ajudando a garantir a proteção da floresta tropical.

Fonte: Brazil and agribusiness at a glance / Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, 2010

Embrapa Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento BRASIL PAÍS RICO E PAÍS SEM FOME

QUADRO 31

### Monitoramento e Redução de Desmatamento

Monitoramento do Desmatamento da Amazônia: PRODES



Brasil é líder mundial no uso de imagens de satélite para monitorar o desmatamento nos trópicos

Embrapa Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento GOVERNO FEDERAL BRASIL PAÍS RICO E PAÍS SEM FOME INPE

QUADRO 33

### Zoneamento Agroecológico e Mudanças Climáticas

Mudanças Climáticas e da nova geografia da produção agrícola no Brasil



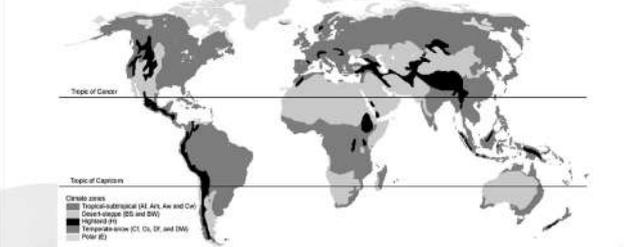
Fonte: <http://www.clnaaagricultura.org.br/index.html>

Embrapa Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento GOVERNO FEDERAL BRASIL PAÍS RICO E PAÍS SEM FOME

GRÁFICO 9

### Zoneamento Agroecológico e Mudanças Climáticas

As mudanças climáticas imporão adicionais estresses a muitos delicados agroecossistemas, especialmente em áreas tropicais, onde a intensificação significativa de estresses bióticos e abióticos é esperada nas próximas décadas.



Embrapa Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento GOVERNO FEDERAL BRASIL PAÍS RICO E PAÍS SEM FOME

## Mudanças climáticas e seus efeitos

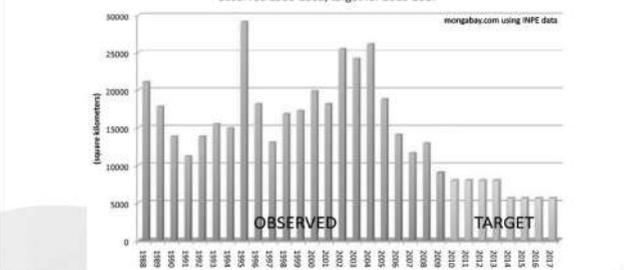
Várias culturas podem ser atingidas pelas mudanças climáticas. No caso do algodão, analisado no Quadro 34, a área dentro do retângulo é uma que, com o aumento das mudanças climáticas, possivelmente deixará de ser agricultável. Isso compreende principalmente o agreste e as regiões do Cerrado nordestino, entre o sul do Maranhão, o sul do Piauí e o oeste da Bahia. É o caso do arroz, no Quadro 35 e do café, no Quadro 36: ele provavelmente terá uma mudança de área, indo mais para o Sul, ressaltada pelo retângulo.

No Quadro 32, os estudos de mudanças climáticas e como eles podem acarretar mudanças nas áreas de plantio no país, com várias projeções mostradas pelo Quadro 33.

QUADRO 32

### Monitoramento e Redução de Desmatamento

Deforestation in the Brazilian Amazon  
observed 1988-2009, target for 2010-2017



Fonte: [http://photos.mongabay.com/08/1212target\\_deforestation\\_brazil.jpg](http://photos.mongabay.com/08/1212target_deforestation_brazil.jpg)

Embrapa Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento GOVERNO FEDERAL BRASIL PAÍS RICO E PAÍS SEM FOME

QUADRO 34

### Zoneamento Agroecológico e Mudanças Climáticas

Mudanças Climáticas e da nova geografia da produção agrícola no Brasil

Aquecimento Global e a Produção Agrícola do Brasil



Antecipar os desafios potenciais para o algodão

Impacto na Agricultura Algodão | Home | Café | Cane-de-açúcar | Faveis | Amendoim | Mandioca | Melão | Sopa

Fonte: <http://www.clnaaagricultura.org.br/index.html>

Embrapa Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento GOVERNO FEDERAL BRASIL PAÍS RICO E PAÍS SEM FOME

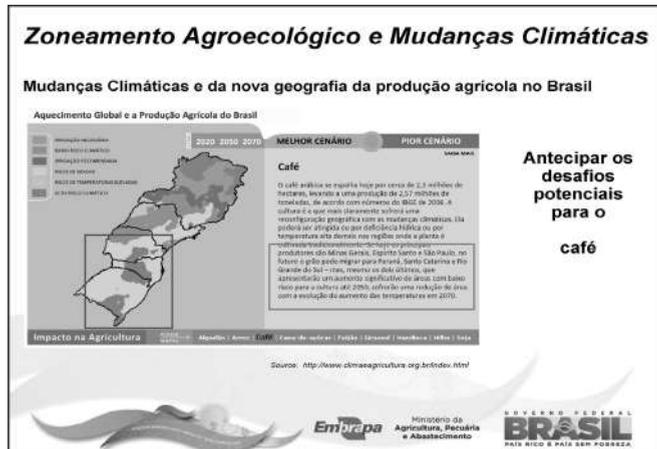
Já a cana será pouco atingida, mas a região central indicada pelo Quadro 37 deverá ser mais dependente de irrigação. Algo semelhante acontecerá com o feijão, mostrado no Quadro 38, com uma área limitada,

e que atualmente é bastante produtiva no oeste da Bahia. No caso da mandioca, abordada pelo Quadro 39, sua área será pouco atingida, mas justamente uma das mais tradicionais de produção será excluída. Não vai permitir mais o plantio.

QUADRO 35



QUADRO 36



QUADRO 37



QUADRO 38



QUADRO 39



De novo na área retangular do Quadro 40 será bem atingida em termos do milho. Será um caso semelhante ao da soja, uma das mais afetadas. Os dois retângulos do Quadro 41 mostram que as áreas tradicionais do Sul deixarão de ser plantadas, bem como uma região do Cerrado nordestino.

### Mudanças globais e agricultura

Em relação às mudanças globais e agricultura do Quadro 42, a Embrapa tem liderado vários projetos nesse sentido, e o governo brasileiro assumiu compromissos na COP 15. Entre esses compromissos, está a redução das áreas degradadas, principalmente pastagens, em 15 milhões. 4 milhões de hectares de sistemas integrados lavoura-pecuária serão implantados, além de 8 milhões de hectares de plantio direto serão implementados. Serão ampliados 5,5 milhões de hectares de fixação biológica de nitrogênio, bem

como 3 milhões de hectares de florestas plantadas serão implementadas para reduzir cerca de 166 milhões de toneladas de CO<sup>2</sup> até 2020.

QUADRO 40



QUADRO 43

**Programa Agricultura de Baixo Carbono - ABC**

O governo está oferecendo crédito e financiamento para permitir aos agricultores continuar o caminho das últimas décadas, vindo a adotar práticas de conservação, como plantio direto, inoculantes para FBN e sistemas integrados lavoura-pecuária.

Para o recém-lançado programa ABC são oferecidos mais de \$ 1 bilhão para ser emprestado a juros baixos na temporada 2011/2012.

Embrapa Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento GOVERNO FEDERAL BRASIL PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA, 2010

QUADRO 41



O Quadro 44 traz vários desafios, alguns já comentados: há os insumos biológicos, serviços ambientais, biomassa, energia. Contudo, a agricultura com certeza não deve ser encarada como um problema, mas como uma solução, e um componente fundamental no caminho rumo a um futuro mais sustentável.

QUADRO 42

**Política Brasileira de Mudanças Climáticas**

Para a próxima década, de dezembro de 2009 ...

- 15 milhões de hectares de terras degradadas (principalmente pastagens) serão recuperados,
- 4 milhões de hectares de sistemas integrados lavoura-pecuária implementado,
- 8 milhões de hectares de plantio direto implementadas,
- 5,5 milhões de hectares de fixação biológica do nitrogênio aplicado, e
- Três milhões de hectares de florestas plantadas serão implementadas.

O Governo estima que estas ações no sector agrícola permitirão a redução de 166 milhões de toneladas de CO<sub>2</sub> equivalente por ano no período 2010-2020.

Fonte: Martha Jr., 2010

Embrapa Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento GOVERNO FEDERAL BRASIL PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

**Caminhos para a Agricultura Sustentável**

Os recursos naturais devem ser vistos como a base para uma revolução na fronteira da ciência ...

... Bem como uma oportunidade única de construir a harmonia entre desenvolvimento e conservação ambiental.

Alimentos, Insumos biológicos, Serviços Ambientais, Fibras, Biomassa, Energia, Recursos Genéticos, Florestas, Conhecimento Tradicional, Água, Sumidouros de carbono, Farmacêutica.

Embrapa Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento GOVERNO FEDERAL BRASIL PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

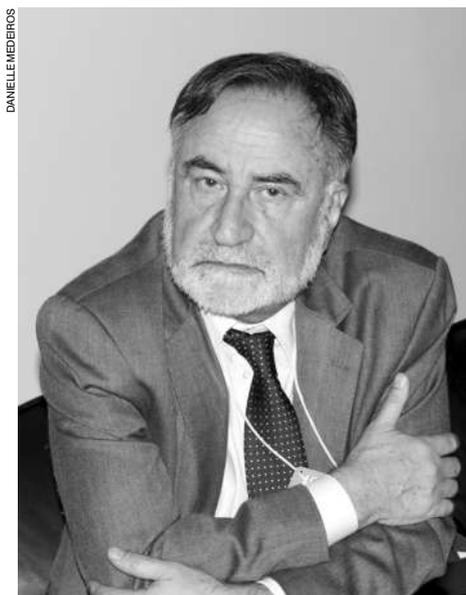
# Formando Profissionais para o agribusiness: desafios e soluções

**PAULO ALCÂNTARA GOMES**

Reitor da Universidade Castelo Branco e Presidente da Rede de Tecnologia do Rio de Janeiro

Já que vou falar sobre ensino, pesquisa e inovação, por ter entre os palestrantes do Congresso Eduardo Campello para representar a Embrapa, procurarei abordar um pouco mais a questão da qualificação e formação de recursos humanos.

Esse problema me parece crítico no Brasil da atualidade, pois todos os dias saem notícias sobre “apagões” na indústria, no setor agrícola e o apagão causado pela ineficiência e ineficácia das organizações de ensino. Uma matéria publicada em junho de 2011 no jornal O Globo, por exemplo, mostra claramente o tanto falta em articulação entre as demandas e necessidades do setor produtivo, as ofertas do setor de ensino e o setor encarregado da produção de mão-de-obra do país. Procurei listar alguns problemas que me parecem extremamente críticos, até em função da falta de capacidade do país em gerar mão-de-obra qualificada. Por coincidência, as exposições de Eduardo Daher e Celso Casale mostraram claramente essas questões. Esse cenário, muitas vezes, acaba por contribuir para a emigração de populações inteiras para os centros urbanos, gerando grandes núcleos à volta das cidades que acabam por ocasionar as conhecidas questões sociais. A meu ver crítico, o primeiro problema a ser resolvido pelo Brasil atual é o ensino médio inadequado, porque ainda se utilizam metodologias absolutamente ultrapassadas. Mais do que isso: as estruturas curriculares privilegiam o que era estudado na sociedade industrial e não na sociedade do conhecimento. O resultado é comprovado em números, com 56% de evasão em alguns estados, como por exemplo, no Rio de Janeiro, que chega a 51% dos que entram no ensino médio. Ou seja, de cada 100



“As estruturas curriculares privilegiam o que era estudado na sociedade industrial e não na sociedade do conhecimento”

jovens que ingressam no ensino médio, 51 deixam de cursá-lo, seja por consciência de que não poderão ingressar em uma universidade, por não terem recursos para pagá-la ou porque não veem no curso oferecido condições de serem absorvidos no mercado de trabalho. O modelo de ensino médio eclético, em que se aprendem temas que não serão utilizados ao longo da vida pessoal ou profissional já desapareceu há muitos anos nos chamados países centrais. Na União Europeia tal modelo é uma página virada há pelos menos 15 anos, talvez duas décadas. Isso até gera um comentário, muito recente e muito interessante, que ouvi em uma reunião de professores das universidades federais. Uma debatedora disse que o ensino médio brasileiro tinha o seguinte quadro: “professores

do século XX ensinando matérias do século XIX para alunos do século XXI”. Essa é a pura verdade e é um problema crítico e que acaba por interferir num tema que este Congresso debate, a demanda por mão-de-obra que não existe.

## A importância das escolas rurais

Outro problema, crônico em algumas regiões e talvez causado pela emigração comentada por Celso Casale, é a diminuição das escolas rurais. Elas são muito importantes quando se fala sobre a agricultura familiar, que detém 10% do PIB nacional. Já a agricultura total do país, segundo outros dados, ultrapassa um pouco os 20% do PIB brasileiro. Vê-se que a presença das escolas rurais é absolutamente fundamental. Quero ainda falar sobre a formação insuficiente de técnicos de nível médio. O Brasil tem um instituto de formação que infelizmente não privilegia a articula-

ção imediata de empregabilidade. Ela costuma ser utilizada ainda numa formação muito clássica, e dou um exemplo do vivo no dia-a-dia. Sou presidente do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro e, a cada semana, chegam mais e mais pedidos de formação de técnicos de nível médio em setores ligados à radiologia, enfermagem, etc., que não são menos importantes, mas não são os que resolvem o problema do país em termos imediatos de demandas e necessidades. Um outro ponto crítico - isso vale também para educação superior - está ligado às políticas de expansão com fraca articulação com os arranjos produtivos locais. Esta é uma questão crucial que tem que ser resolvida, pois os arranjos produtivos locais são gerados e não há capacidade de gerar a mão-de-obra necessária para atendê-los. Dou um exemplo concreto, vivido por mim e Antonio Alvarenga no Sebrae/RJ em meados da década passada, quando foi criado o arranjo produtivo local de fruticultura no Norte fluminense. Foi uma iniciativa da Federação das Indústrias com o próprio Sebrae, e obviamente exigia diversos quadros técnicos: aqueles ligados à logística e armazenagem de perecíveis, no caso as frutas; na gestão de cooperativas agrícolas e de negócios no domínio de frutas e alimentos; na área de nutrição, de produção de sucos, etc. Só que ao responder essa demanda, o segmento de ensino ofereceu como alternativas à proposta cursos de direito, informática, administração e letras. Evidentemente, volto a dizer que eles não deixam de ter a sua importância, mas é preciso articular as ofertas às demandas e às necessidades dos arranjos produtivos locais.

### **A importância das escolas rurais**

Uma outra situação que também preocupa bastante é o baixo percentual de concluintes no nível superior na área de ciências agrárias e na área das máquinas e ferramentas agrícolas, ou seja, nas engenharias, em comparação com as demais áreas do conhecimento. É preciso resolver de alguma forma esse ponto crítico, porque fiz um levantamento rápido no Censo Universitário e verifiquei que, dos mais de 800 mil formandos de 2009, havia apenas 16 mil formados nas chamadas áreas de Ciências Agrárias, que envolvem a medicina veterinária, a engenharia de pesca, a engenharia florestal e outras que são determinantes para atender àquilo que foi abordado nas palestras que mencionei. Não cheguei a olhar o Censo de 2010, porque ainda está sendo depurado, mas isso é motivo de preocupação. Por quê? O Brasil devia estar corrigindo seus erros pelos erros e acertos

“O Brasil tem que se preocupar bastante com esse processo ao observar a geração de mais cursos de tecnologia, e evitando que se tenha sempre esse rol de cursos de graduação.”

dos outros. O que a Coreia fez em meados dos anos 80? Investiu exatamente em uma educação básica, resolvendo a questão do primeiro item que coloquei. Ela investiu em uma formação técnica adequada no nível médio pois entendeu perfeitamente que não se faz um país, ou não se concretiza um projeto de nação, sem que existam técnicos de nível médio. Além disso, investiu fortemente na formação de engenheiros. A Coreia é do tamanho da Bahia, mas aquele país forma mais engenheiros do que a Bahia e do que o Brasil. Assim, acho que os brasileiros têm que levar sempre em consideração conceitos como qualidade e competitividade, embora eles não sejam absolutos e sim relativos, além de uma análise com muita prudência. Contudo, o fato é que o exemplo da Coreia ou dos países asiáticos deve ser seguido pelo Brasil.

Outro aspecto importante, similar aos dos técnicos de nível médio, está ligado aos poucos cursos superiores de tecnologia. Formou-se uma tradição “credencialista”, das chamadas “grandes” profissões. Os ingleses, inclusive de uma forma que não agrada muito a língua portuguesa, costumam classificar as profissões em tradicionais, as “grandes” profissões, e as chamadas “meias” profissões. Acho essa terminologia extremamente perigosa, porque nessas “meias” profissões estão, por exemplo, os assistentes sociais, os nutrólogos, os arquitetos, decoradores, etc., e todos eles têm um lugar importante numa sociedade comprometida com a cidadania. No entanto, o Brasil tem que se preocupar bastante com esse processo ao observar a geração de mais cursos de tecnologia, e evitando que se tenha sempre esse rol de cursos de graduação. Além disso, o país enfrenta um obstáculo muito sério que está ligado às ordens e aos conselhos de classe.

Eles nem sempre veem os cursos de tecnologia, que são de curta duração, como um modelo adequado. Entretanto, é esse o modelo que vai vingar e vai vigorar em todos os países que pretendam atingir bons estágios de desenvolvimento ao longo dos próximos anos. É preciso que o Brasil fortaleça isso,

“Segundo Cristóvão Buarque, os diplomas deveriam ter validade de 5 anos, pois neste período os conhecimentos se modificam”

embora seja um desafio muito grande. Também vejo que, da mesma maneira que no nível superior, no nível médio as estruturas curriculares estão completamente ultrapassadas. Elas são genéricas, são abrangentes demais e não vinculam a estrutura a alguns conceitos básicos, como empreendedorismo e a geração de uma cultura de propriedade intelectual. É muito fácil se falar de patentes, como Eduardo Daher fez, mas a educação brasileira não gera em suas crianças e jovens a cultura da propriedade intelectual, da propriedade industrial e da comercialização da tecnologia. Isso é um ponto crítico, que tem que ser resolvido nesse momento, mas só é gerado com estruturas curriculares adequadas. Também não se gera a cultura do empreendedorismo, e menos ainda a educação continuada - num cenário no qual todos os nossos conhecimentos se tornam obsoletos a cada quatro ou cinco anos, a não ser os conceitos básicos da ciência, que garantem que os conhecimentos possam ser aprofundados e modificados ao longo do tempo. O senador Cristóvão Buarque costuma fazer uma brincadeira, mas com um grande fundo de seriedade porque ele é um homem da educação: ele diz que os diplomas deveriam ter validade de apenas cinco anos, como se fossem carteira de motorista. Isso porque, a cada cinco anos, os conhecimentos se modificam, e é uma coisa muito certa.

### **Tecnologias da informação e da comunicação**

Por último, ainda estão os problemas gerados pela pouca utilização das novas tecnologias da informação e da comunicação. Estive numa reunião da ONU e, conversando com algumas pessoas que participavam, alguém me perguntou como os brasileiros estavam trabalhando, por exemplo, os novos sistemas de oferta de curso a distância como o MIT está fazendo. “Vocês são capazes de apresentar inscrição em cursos de graduação no MIT, disciplinas de graduação, das centenas oferecidas gratuitamente?”, perguntaram-me. Ou seja, o cenário da educação mundial está mudando completamente. Basta entrar na Internet e baixar do Google a “Do It Yourself University (DIYU)”, que é uma universidade a distância montada para discutir a cultura do empreendedorismo. Quando entrei, achei uma outra que não conhecia, que é a Education Earth, que é o mundo da educação. Lá,

encontrei aulas de mecânica física, mecânica clássica, engenharia agrícola, uma série de coisas e todas elas gratuitas, de domínio público. Como o Brasil está fazendo para interferir nesse processo?

Do Quadro 1 entendo como desafios a serem enfrentados. O primeiro é a reforma do Ensino Médio, que acho fundamental e urgente, para que se possam realizar ações no Brasil. É preciso definir políticas de expansão dos sistemas de ensino, tanto na educação média como na educação superior. É preciso resolver problemas que estão na política de expansão, e dou um exemplo concreto. Ele não tem relação ao setor que estou discutindo, e sim o setor de óleo e gás. Quando a Petrobras resolveu instalar o Comperj do outro lado da Baía de Guanabara, em São Gonçalo, ela resolveu contratar cerca de 200 mil postos de trabalho, originalmente em três setores: na cadeia produtiva, na cadeia de fornecedores e nas duas cadeias seguintes. Desses 212 mil postos de trabalho, uma parte ponderável era de profissionais com apenas a educação básica, até a 5ª série. Por que isso é importante de ser colocado no Prominp? Por que devo defender isso? Como falei antes, a cada quatro anos o catálogo do equipamento muda, e ele tem que ser lido e interpretado. Deste modo, não se pode aceitar pessoas não alfabetizadas para trabalhar - só que aí vem o grande problema.

O Brasil tem excelentes soldadores, maravilhosos instrumentadores, excepcionais apontadores mas que são incapazes de ler um manual ou um catálogo. Ou seja, isso é um problema na área agrícola e no setor de máquinas. Como essa questão será resolvida? Estabelecendo políticas de expansão que, ao lado do crescimento da produção, existam programas de educação. O Brasil já está preparado para eles com o sistema chamado EJA, Educação de Jovens e Adultos, que incorpora pessoas daquela região ao mercado de trabalho. Quando um engenheiro da Petrobras vai para São Gonçalo, ele quer ter uma barbearia, uma padaria, um cabeleireiro, um petshop, mas as pessoas não estão preparadas. O resultado é que elas acabam ficando à margem. Esse é um exemplo muito concreto, e que também se aplica ao setor de agronegócio.

O que se espera das instituições de ensino, da educação superior é o que perguntam os Quadros 2 e 3. Se alguém quer formar profissionais para atender a essas demandas, agilidade na diplomação; se se deseja “sair da mesmice” e gerar profissionais para a sociedade do conhecimento, novas modalidades de diplomas. E, em função disso, novas concepções curriculares, trocando as ementas do século XX por habilidades e competências do século XXI. Ou seja, formando pessoas que sejam capazes de transformar o saber no fazer. Isso vai exigir a formação pluridisciplinar, mas um ponto crítico é o deslocamento do eixo principal do processo ensino-apren-

dizagem da informação - que hoje é unidirecional, professor-aluno - para o ensino participativo. Além disso, obviamente novos modelos de articulação com empresas, sejam elas do setor mecânico, de materiais, de metais ou de agronegócios.

QUADRO 1

**OS DESAFIOS**

- A reforma do Ensino Médio;
- Novas políticas de expansão;
- Reformulação das práticas pedagógicas;
- Estímulo a criação de novos cursos superiores de tecnologia;
- Reformulação das estruturas curriculares;
- Fortalecimento da Educação Continuada;
- Incremento da articulação entre o meio acadêmico e o setor de agronegócios.

QUADRO 2

**O QUE SE ESPERA DAS IES?**

- AGILIDADE NA DIPLOMAÇÃO;
- NOVAS MODALIDADES DE DIPLOMAS;
- NOVAS CONCEPÇÕES CURRICULARES, TROCANDO EMENTAS POR HABILIDADES E COMPETÊNCIAS (COMO TRANSFORMAR O MEU SABER NO MEU FAZER?)

QUADRO 3

**A INTRODUÇÃO DE NOVAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DEVE INCORPORAR**

- O USO INTENSIVO DAS NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO;
- A FORMAÇÃO PLURI DISCIPLINAR;
- O DESLOCAMENTO DO EIXO PRINCIPAL DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DA INFORMAÇÃO UNIDIRECIONAL PROFESSOR-ALUNO PARA O ENSINO PARTICIPATIVO;
- NOVOS MODELOS DE ARTICULAÇÃO COM A EMPRESA.

## Estruturas curriculares voltadas ao agronegócio

Neste ponto coloco no Quadro 4 uma síntese ao que se deve atentar com bastante cuidado a partir de agora: a formação profissional específica não é mais suficiente. Torna-se imperiosa uma sólida formação básica. É imprescindível fortalecer as três culturas que eu falei anteriormente, empreendedorismo, educação continuada, propriedade intelectual e comercialização da tecnologia. É uma cultura nova, em função dos novos conceitos vividos atualmente - porque falar de redes sociais é muito bom, mas é preciso ensinar e educar as pessoas sobre a utilização adequada do processo de relações interpessoais na era da computação. E é igualmente importante um compromisso com o futuro profissional, que é um cidadão com ética e com a responsabilidade social.

QUADRO 4

**PARA REFORMAR AS ESTRUTURAS CURRICULARES DEVEM SER FIXADAS PREMISSAS BÁSICAS:**

- *A formação profissional específica não é mais suficiente;*
- *Torna-se imperiosa uma sólida formação básica;*
- *É imprescindível fortalecer as culturas do empreendedorismo, das relações interpessoais e da educação continuada.*
- *É igualmente importante assegurar uma formação que compreenda o compromisso com a ética e com a responsabilidade social.*

Como solução para esse desafio, sugiro que as novas estruturas curriculares a serem adotadas forneçam aos egressos as linhas expostas pelo Quadro 5, que comentarei a seguir. A primeira seria a argumentação e síntese associada à expressão em língua portuguesa; assimilação e aplicação de novos conhecimentos; raciocínio crítico, formulação e solução de problemas; observação, interpretação e análise de dados e informações; utilização do conhecimento adquirido na prática da profissão; capacidade para análises e, muito importante, para elaboração de conclusões, e proposição de soluções a partir do tema proposto. Quanto ao perfil questionado pelo Quadro 6, estão sendo formados profissionais que, de um modo geral, trazem problemas, mas não têm soluções. Se alguém traz um

problema e não tem capacidade de propor uma solução, seja ela aceita ou não, ele se torna parte do problema. Então é preciso ter essas questões sempre na cabeça e na formação dos nossos profissionais.

QUADRO 5

#### QUAL O PERFIL ADEQUADO PARA OS EGRESSOS?

- Argumentação e síntese associada à expressão em língua portuguesa;
- Assimilação e aplicação de novos conhecimentos;
- Raciocínio espacial lógico;
- Raciocínio crítico, formulação e solução de problemas;
- Observação, interpretação e análise de dados e informações;

QUADRO 6

#### QUAL O PERFIL ADEQUADO PARA OS EGRESSOS?

- Utilização do conhecimento adquirido na prática da profissão;
- Leitura e interpretação de textos técnicos, profissionais e científicos;
- Capacidade para análises e, muito importante, para elaboração de conclusões;
- Proposta de soluções (“se você traz um problema e não apresenta solução, então você é parte do problema”)

Ou seja, se alguém falar das habilidades e competências abordadas pelo Quadro 7, deve-se principalmente pensar na proximidade com a inovação, na aptidão para desenvolvimentos de soluções originais e criativas e na habilidade e adaptabilidade para trabalhar em equipe. No Quadro 8 está também a percepção de mercado, a capacidade de entender a formulação de novos problemas e no conhecimento de aspectos legais. Qualquer que seja a estrutura curricular de um curso superior hoje, se ele não abordar essas questões com

“Existem trabalhadores em vários níveis com uma demanda não-convencional, mas as universidades e instituições universitárias não estão oferecendo resposta a esta demanda não-convencional.”

capilaridade entre os vários temas, estará definitivamente fadado a formar desempregados.

QUADRO 7

#### OU, FALANDO DE COMPETÊNCIAS E HABILIDADES...

- Sólida formação nas áreas básicas;
- Capacidade em se apropriar de novos conhecimentos de forma autônoma e independente;
- Proximidade com a inovação;
- Aptidão para contribuir no desenvolvimento de soluções originais e criativas;
- Habilidade e adaptabilidade para trabalhar em equipe;

QUADRO 8

#### OU, FALANDO DE COMPETÊNCIAS E HABILIDADES...

- Conhecimento de aspectos legais, compreensão de problemas administrativos, ambientais, políticos e sociais, e dos princípios éticos que o habilitem a exercer plenamente a cidadania;
- Conhecimentos básicos de língua estrangeira (que o habilite a compreender as informações);
- Percepção de mercado;
- Capacidade de entender a formulação de novos problemas e de contribuir para a busca de soluções.

Só para encerrar o incremento das relações universidade-empresa, eu gostaria de dar um alerta. A missão da universidade, vista no Quadro 9, é uma coisa muito clara, mas apesar da universidade se

modernizar, ela continua tendo a mesma missão através dos séculos: contribuir para a melhoria da qualidade de vida da sociedade, pelo aprofundamento e pela geração de novos conhecimentos e pela sua difusão. Ou seja, não cabe à universidade substituir o governo nos programas sociais nem substituir empresas na geração de patentes e inovações.

Já o Quadro 10 aborda um artigo muito interessante publicado na revista Photonics Spectra, acho que de 1999. Quando perguntaram a Robert Byer, o diretor do parque tecnológico de Stanford, qual o papel daquela universidade no sucesso do Vale do Silício, ele respondeu que era um mito. Isso porque, na época, eles haviam entrevistado 3.000 gerentes de pequenas empresas e verificaram que só em 20 companhias era utilizada a tecnologia desenvolvida em Stanford. O Vale do Silício começou com Hewlett e Packard, que receberam do pró-reitor da época instalações para produzir máquinas com as teses que estavam lá. Eles produziram várias máquinas, que são hoje as máquinas HP. Hoje, passados muitos anos, apenas 20 sobre 3 mil, que dá pouco menos de 1%, produzem tecnologia gerada nos bancos da Universidade de Stanford. Robert Byer quis ressaltar apenas que o papel de Stanford no Vale era ter fornecido estudantes com forte educação e talento, mas também que o interesse da universidade era que seus estudantes alcançassem o sucesso em suas carreiras.

des e instituições de ensino tinham uma oferta tradicional e os alunos, disciplinadamente, como um bando de carneirinhos, tinha uma demanda tradicional.

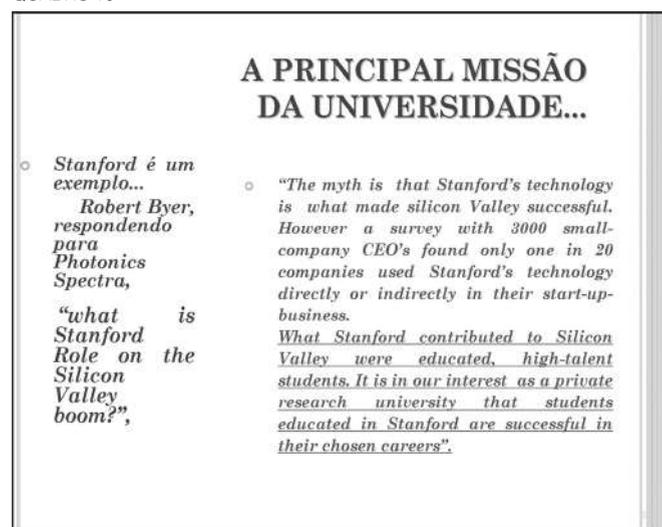
Hoje a coisa mudou, existem trabalhadores em vários níveis com uma demanda não-convencional, mas as universidades e instituições universitárias não estão oferecendo resposta a esta demanda não-convencional. Quem está oferecendo são as empresas de educação continuada e as universidades corporativas. Ou seja, como articular tal situação passou a ser o grande mistério, a grande busca de uma solução entre as instituições de ensino de grande nível. No Brasil, universidades como UFRJ, Unicamp, USP, PUC/RJ estão se preocupando extraordinariamente em encontrar uma forma de atender a essas demandas de várias maneiras.

QUADRO 9

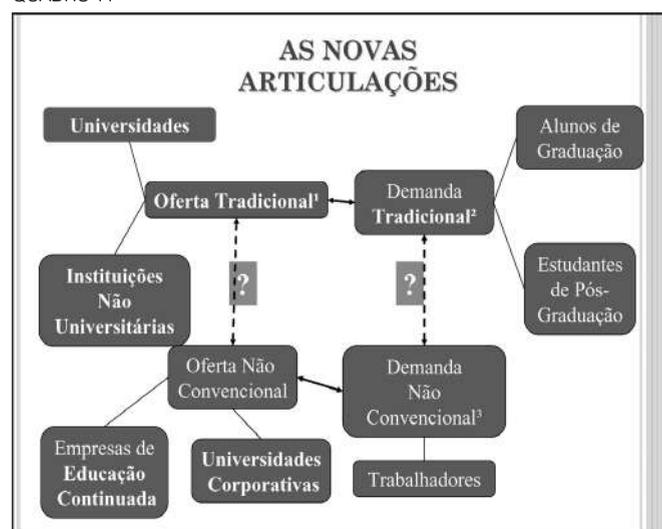


Quanto aos riscos, o Brasil tem que tomar cuidado com alguns, esquematizados no Quadro 11. O primeiro deles é que, antigamente, as universida-

QUADRO 10



QUADRO 11



A primeira maneira é procurar uma empresa e “pegar” da empresa aquilo que ela demanda, criando-se assim a universidade empresarial, no esquema visto no Quadro 12. A segunda é a empresa buscando a universidade e criando com a universidade empresarial uma universidade corporativa própria. É um pouco do belo exemplo que a Petrobras está dando para todas as instituições de ensino: ela tem uma universidade corporativa, mas utiliza as universidades nos seus projetos.

QUADRO 12

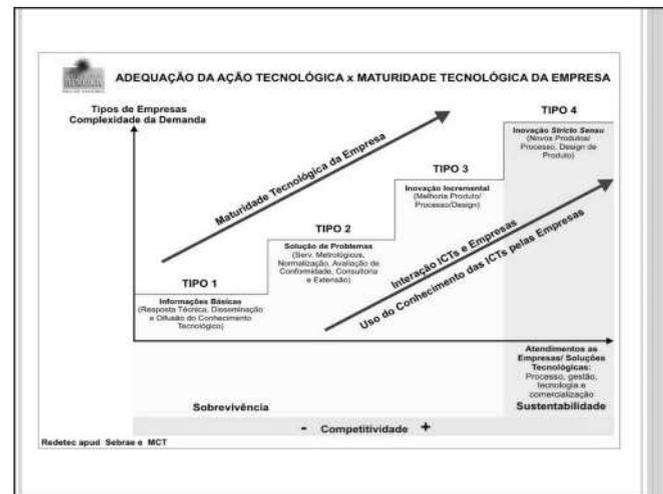


Queria mostrar as relações entre universidade e empresa que existem vários níveis de demanda diferenciados. O Gráfico 1 mostra a maturidade tecnológica da empresa e o quanto existe de interação entre institutos, universidades e empresas para o uso do conhecimento. Entre os dois, dividi elementos em quatro tipos básicos: o conjunto de empresas que necessita das informações básicas. Por exemplo, no setor de agronegócio, fala-se de alimentos e muitas pequenas e micro empresas brasileiras precisam saber como se usam luvas na produção de alimentos. Elas também pre-

cisam ter informações sobre a temperatura do forno do pão. Tal tipo de questão pode ser respondida por muitas instituições de ensino, mesmo que elas não tenham atividades científicas instaladas. Um segundo tipo, das empresas com estágio maior, são aquelas que também estão no setor de agronegócios. São as que demandam, por exemplo, serviços meteorológicos, avaliação, conformidade e consultoria para a sua expansão. Novamente as universidades podem atuar.

Porém, à medida em que os degraus sobem, o número de instituições que podem participar vai diminuindo. Quando eu analiso a chamada inovação incremental, tenho a necessidade da melhoria do produto, o que é um ponto crítico. E, no todo dos degraus, há a inovação stricto sensu, que envolve os novos produtos, as inovações radicais, e aí pouquíssimas universidades podem atuar. Este é um estilo de rede que pode ser implantado e pode permitir a articulação universidade-empresa com processos qualitativos, fundamentais para a melhoria da articulação que o país busca, no setor produtivo versus o setor de ensino.

GRÁFICO 1



# Novas modalidades de seguro agrícola

**GERALDO MAFRA**

Diretor comercial da UBF Seguros



DANIELLE MEDEIROS

“É fundamental e primordial que o Brasil tenha uma política de subvenção efetiva para o seguro rural”

Falarei sobre seguro rural, mais especificamente agrícola, que é um assunto pouco dominado no mercado brasileiro e principalmente no mercado agrícola ou do agronegócio. Não é um assunto complexo, mas gera a necessidade da cultura do seguro. Porque ninguém levanta de manhã cedo e diz “hoje vou comprar um seguro”. O seguro é algo que se compra para não ter o risco efetivado; ninguém compra um seguro de veículo para batê-lo, e sim, na eventualidade de um sinistro, ter o benefício da garantia.

Os pontos que abordarei são: o histórico do seguro agrícola, de forma rápida; instrumentos de minimização do risco disponível; modalidades do seguro rural; coberturas de seguro disponíveis no mercado; novo perfil do mercado segurador; novos produtos e desafios. Tentarei comentá-los de uma forma bem objetiva.

Os detalhes do histórico estão no Quadro 1, começando em 1878, num congresso, em Recife. Naquela época, os produtores brasileiros já reivindicavam as-

sistência técnica, crédito e seguro. Já em 2003, como visto no Quadro 2, o Brasil promulgou a Lei 10.823, que criou o Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural. “Prêmio”, no setor de seguros, significa o preço do seguro contratado; o governo fez um programa em que ele subvencionou, ou subsidiou, parte desse custo para o produtor. Ou seja, ele facilitou o acesso do produtor à compra de uma cobertura de risco para a sua produção. Em 2004 houve a regulamentação dessa lei, em pode-se verificar o quão importante foi a criação do Programa de Subvenção.

QUADRO 1

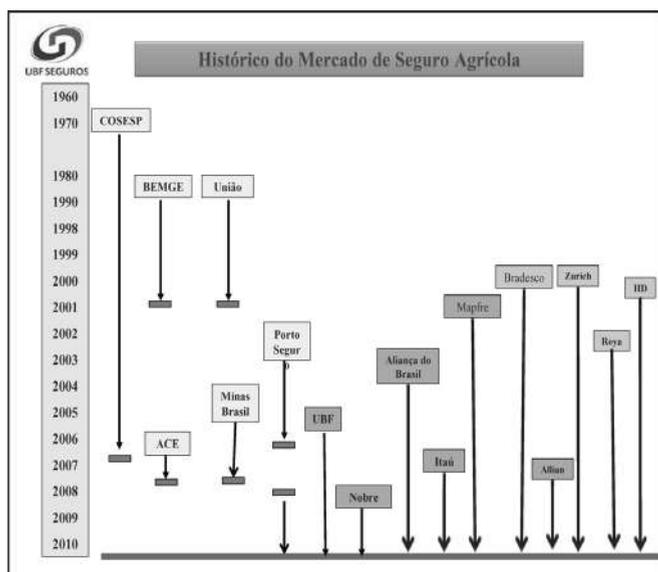
HISTÓRICO DO SEGURO NO BRASIL	
1878	Congresso Agrícola de Recife - Reivindicações: Assist.Técnica + Crédito + Seguro
1954	Em 11 de janeiro, Lei nº 2.168, estabelecendo normas para a instituição do seguro agrário no país
	Em 12 de abril, Decreto nº 35.370, regulamentou as operações de seguro rural no País e conferiu à CNSA a sua exploração
1966	Em 21 de novembro, Decreto-lei 73/66, dispõe sobre o sistema nacional de Seguros Privados, regula as operações de seguros e resseguros e dá outras providências
1969	Criação da COSESP - Companhia de Seguros do Estado de São Paulo
1973	Lei 9.569/73 - Instituição do PROAGRO

QUADRO 2

HISTÓRICO DO SEGURO NO BRASIL	
2002	Em 21 de outubro de 2002 a Lei 11.244 - Dispõe sobre o Programa de Subvenção do Prêmio do Seguro Rural no Estado de São Paulo
2002	Formação do Fórum do Seguro Rural com apoio da OCB, CNA, Fenaseg, MAPA, MF, SUSEP e IRB
2003	Em 30 de abril, decreto nº 47.804 regulamenta a Lei 11.244 do Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguros Rural do Estado de São Paulo
2003	Em 19 de Dezembro, a Lei nº 10.823 dispõe sobre o Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural do Governo Federal
2004	Em 29 de junho, o Decreto nº 5.121 regulamentou a Lei nº 10.823/2003 sobre o Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural do Governo Federal

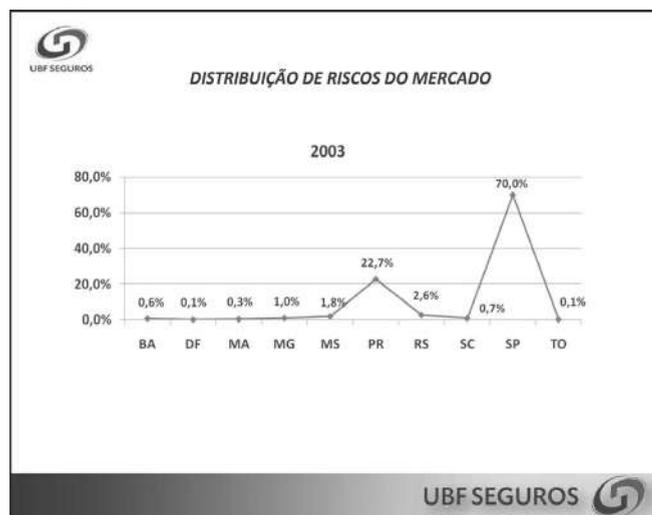
Esse mercado é interessante porque é ainda muito restrito. Poucas empresas operam de fato. O Quadro 3 traz outro histórico, mostrando que uma das empresas históricas é a COSEP, que encerrou as operações entre 2003 e 2004. Na verdade, o Brasil está praticamente sem seguradoras operando de forma efetiva, além de cerca de quatro operando de forma circunstancial.

QUADRO 3



15, 20 dias de seca uma planta não resiste, não fornece uma produtividade adequada.

GRÁFICO 1



## Distribuição de riscos

A distribuição de riscos do mercado era dessa forma que está no Gráfico 1. O que é distribuição de riscos? O seguro, principalmente o agrícola, tem um diferencial sobre qualquer outro no mercado porque lida principalmente com um aspecto significativamente forte em termos de risco: o clima. O aspecto climatológico afeta todo o risco da agricultura. Costumo dizer que o produtor rural tem uma indústria que é totalmente diferente de todo o processo industrial que existe no mercado. Por exemplo, quando uma indústria de manufaturados está trabalhando e existe uma crise no mercado, ocorre uma queda na demanda de seu produto.

O que ela faz? Num primeiro momento, o dono dá férias aos empregados e fica verificando se o mercado vai reagir. Se não reagir, ele demite o pessoal e continua tocando a vida dele. Só que na agricultura é diferente: o produtor prepara a terra; faz toda a manutenção, joga a semente e fica “torcendo” para que São Pedro envie chuvas de forma regular, ou que as estiagens ocorram de forma regular. Isso porque ele depende do aspecto climatológico, com equilíbrio no processo de chuva e estiagem - e não da sua vontade. Já se comentou no Congresso que as variações climatológicas no Brasil e no mundo estão ocorrendo de forma significativa, ou seja, o risco está ficando cada vez mais eminente na área de agricultura. Sem dúvida, a tecnologia atenua parte desses riscos, com a criação de cultivares e procedimentos de plantio de forma que se garanta uma maior resistência da planta. Só que com

Retomando o perfil da distribuição, é preciso que o risco seja distribuído no país como um todo; não se posso fazer seguro somente no Rio de Janeiro, por exemplo, pois está se concentrando o risco em vez de distribuí-lo. O Brasil tem uma extensão territorial significativamente grande; a consequência são climas, terrenos, formação de solo, pessoas, culturas diferentes. Tanto é que houve o deslocamento dos gaúchos para o Mato Grosso, ou a região do Mapito, para desbravarem essas áreas levando a cultura da área agrícola. Outra adversidade é a diferenciação entre as áreas. Em Santa Catarina, Paraná e Rio de Grande do Sul, as áreas individuais são pequenas, mas no Centro-Oeste, Goiás, Mato Grosso, as áreas são grandes. Há uma diversificação significativa, então é preciso haver a distribuição de riscos. Em 2003, ocorria uma concentração em São Paulo porque as empresas COSEP e Aliança do Brasil estavam em São Paulo, além do Paraná. Depois mostrarei que o último manteve a cultura e o status estatístico.

## Minimização de riscos

Abordando os instrumentos de minimização de riscos disponíveis citados no Quadro 4, atualmente existe o Proagro, um programa do governo muito utilizado para pequenas áreas. Sua finalidade é garantir o financiamento do banco com a política de preço mínimo. Tal política dá ao produtor a garantia de que aquele preço, em princípio, é garantido pelo governo. Isso nem sempre acontece, mas existe uma verba significativamente grande nesse programa. Outros instrumentos são o seguro privado e o Fundo de Estabilidade do Seguro Rural.

O último é uma garantia para as seguradoras se manterem no mercado sem o risco de quebra, já que o risco do mercado agrícola é muito grande, inclusive para as seguradoras.

QUADRO 4



### Subvenção para o seguro dos produtores

Em face do que comentei, outros instrumentos deveriam estar disponíveis, como o Proagro Mais para pequenas áreas; o seguro privado com cobertura de variações climáticas, preços e índices, bem como uma cobertura complementar de riscos catastróficos, pois catástrofes podem sem dúvida acontecer no segmento agrícola. Se houver uma seca forte, na região Sul e Sudeste, a agricultura perderia 30% e não haveria seguradora no Brasil pronta. O grande problema do Brasil é o seguinte: não existe capital para fazer a garantia de risco de todas as operações no mercado brasileiro. É preciso de resseguro, ou seja, comprar garantia fora do Brasil. Esse é um detalhe interessante.

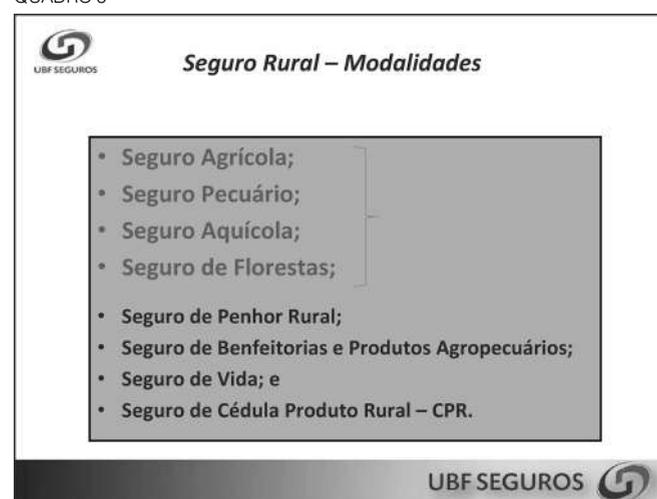
Quanto ao seguro privado, as coberturas disponíveis no mercado para os riscos rurais abrangem os riscos climatológicos, a parte de incêndio, vida animal, propriedades, equipamentos, armazenagem, transporte e preço. Preço, que depois mostrei, é um produto novo que está entrando no mercado brasileiro de uma forma muito tímida, mas está animando o mercado e já é uma realidade no Brasil.

### Modalidades de seguro rural

Referindo-se ao seguro rural, o Quadro 5 traz suas modalidades. Elas podem ser o seguro agrícola, pecuário, aquícola e de florestas. Todas essas modalidades de seguro definidas pela Susep são

“subvencionáveis”, ou seja, o governo dá um apoio ao prêmio de seguro, diminuindo o custo do seguro para o produtor rural. De que forma o governo opera? Ele paga uma cota de 30% a 70% do seguro, parte essa que vai diretamente para as seguradoras; já o produtor paga o restante. Por exemplo, se a cota para a soja for de 50% sobre um prêmio de R\$1.000, o governo paga R\$ 500 à seguradora e o produtor paga R\$ 500. Esse é o procedimento da subvenção, porém, segmentos como penhor, benfeitorias, seguro de vida e seguro de cédula Produto Rural (CPR) não são subvencionáveis.

QUADRO 5



### Cobertura do seguro rural

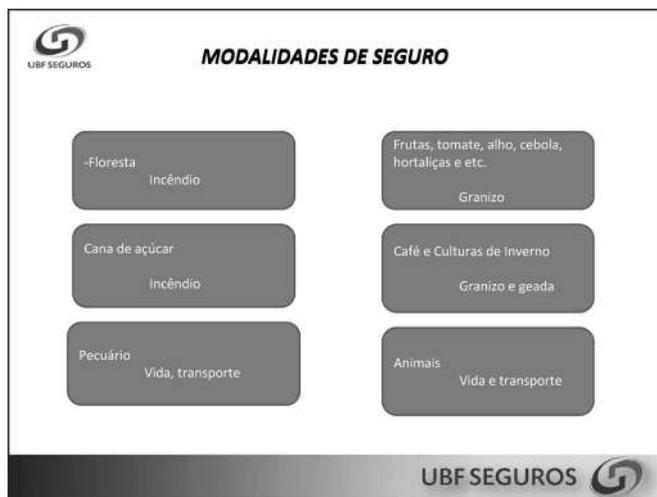
Distribuídas no Quadro 6 estão as coberturas. Para florestas, ocorre uma predominância de cobertura de incêndio, e é algo que funciona para todas as seguradoras, não especificamente para a UBF. Cana-de-açúcar também tem esta cobertura. Para o setor pecuário, vida e transporte. Isso significa que a seguradora garante a vida e o transporte do animal. O animal comprado num leilão está garantido até a fazenda. Já a vida cobre todos os aspectos de acidentes, como uma picada de cobra ou queda de raio na cerca. A descarga elétrica em cerca é frequente e costuma eliminar 30, 40, 100 animais de uma vez. Quem já foi ao campo sabe que os animais procuram justo a parte mais alta da área, próximo às cercas para dormir, e é exatamente ali que ocorrem as descargas elétricas. Há perdas principalmente no confinamento, que apresenta dois problemas: além de descargas elétricas nos cabos, os animais podem morrer por asfixiamento em locais retangulares, nos cantos, seja por susto, impacto ou pressão.

Já as frutas, tomate, alho, cebola, hortaliças,

etc. todos têm a cobertura de granizo. Para se ter uma ideia, um dos segmentos com mais cultura de seguro no Brasil é o da maçã, porque o produtor sabe que justo na região produtora existe uma eminência de queda de granizo. Por exemplo, as regiões grandes produtoras de maçã, como São Joaquim e Vacaria, sofrem essa influência - e eles contratam o seguro, que não é barato, principalmente para maçã. As taxas giram em torno de 8% a 12%, e os produtores precisam da subvenção do governo para poder amenizar o aspecto do custo e terem acesso à cobertura. Para o café e culturas de inverno também há as modalidades de granizo e geadas e, para animais em geral, vida e transporte, a mesma coisa do pecuário.

Especificamente para a soja, milho e algodão, há modalidades de seguro que cobrem perdas na produtividade causadas por fatores climáticos. O patrimônio rural também foi contemplado, e há coberturas de incêndio, raio, explosão, vendaval, granizo.

QUADRO 6



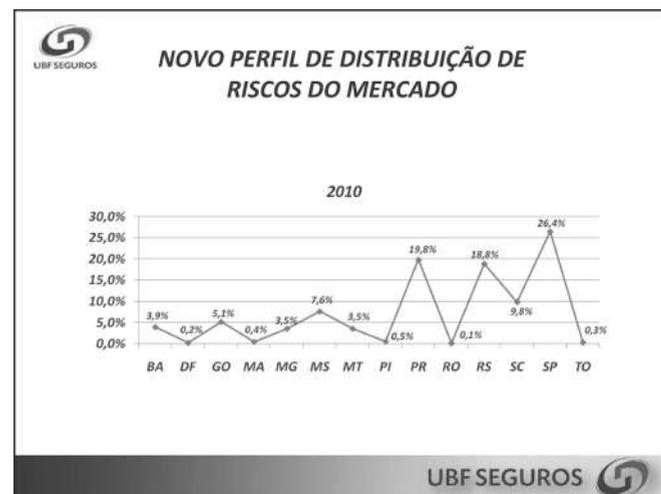
Com o ainda tímido advento da subvenção em 2005, o mercado teve uma reação interessante: começou a haver uma expansão da cultura do seguro, levando a cobertura de risco para o mercado nacional como um todo. A consequência, como vista no Gráfico 2, foi que São Paulo, que possuía 79%, caiu para 26%.

Na verdade, não foi uma queda, e sim uma distribuição do risco mais em termos nacionais. Já o Paraná permaneceu no mesmo patamar e o Rio Grande do Sul passou a 18%, porque o estado tem muitas frutas, principalmente maçã e frutas de caroço. Houve uma demanda muito grande. Santa Catarina foi para 9,8%, Goiás para 5,1% e Mato Gros-

so com 3,5%. Eu mostro Mato Grosso porque se diz o seguinte: “no Mato Grosso ninguém perde”.

Todos os produtores locais têm alta produtividade e não perdem de maneira alguma. Apesar de um colega ter perdido 30% de sua produção de soja no Mato Grosso, foi por seca. Há perdas por seca, por chuva excessiva, mas é o clima, que não é absolutamente domínio do homem; depois que a planta está no chão, acabou. Só resta rezar, não tem outra forma. Digo sempre o seguinte: o produtor não perde na frente do gerente do banco. Normalmente ele produz muito e não perde nunca, mas, quando tem que pagar dívidas, normalmente ele não colheu o que falou ou algo não deu certo pelo clima. Mas ele não vai poder pagar a conta e para isso existe o seguro, para complementar essas perdas efetivas.

GRÁFICO 2



## Perfil do mercado

O Gráfico 3 é um perfil do mercado comparando 2000 a 2010. A linha com triângulos são sinistros e com quadrados são prêmios. Até 2005, o mercado segurador amargou um prejuízo significativo, porque não tinha volume de negócios.

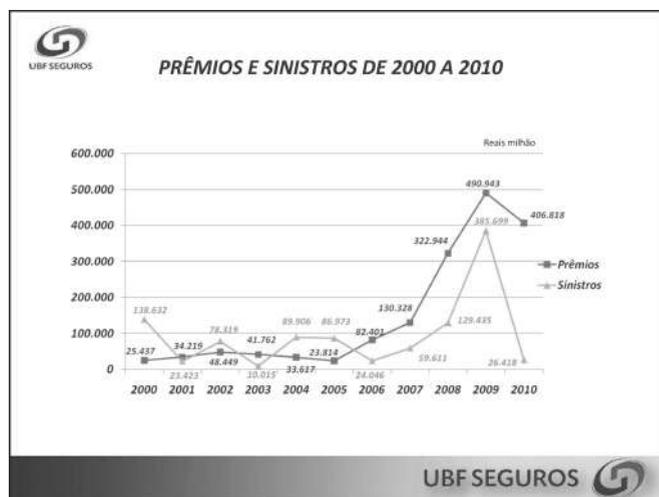
A partir de 2005, o prêmio começou a crescer, saindo de um patamar na faixa de R\$ 35 milhões que foi para R\$ 490 milhões - o crescimento foi significativo. Houve também o acesso do produtor à aquisição da cobertura de risco; contudo, em 2010 houve uma queda do prêmio porque houve uma queda no volume de subvenção do governo.

O Gráfico 4 dá uma ideia do que aconteceu. Em 2005, a verba de governo iniciou-se com R\$ 2 milhões, que foi crescendo até chegar aos R\$259 milhões em 2009. Porém, em 2010 ela ficou em R\$ 198 milhões. Pode-se verificar como o sistema tem

um acompanhamento sistêmico, pois a partir do momento em que houve a queda da subvenção, conseqüentemente caiu o prêmio do seguro. Por que isso dificultou o acesso do produtor à compra do seguro.

“É fundatental e primordial que o Brasil tenha de fato uma política ou programa de subvenção efetivo para o seguro rural.”

GRÁFICO 3



Essa é a visão que as seguradoras têm desse segmento. Então é fundamental e primordial que o Brasil tenha de fato uma política ou programa de subvenção efetivo para o seguro rural. Porque, a partir do momento em que o governo faz desse instrumento uma política agrícola de fato, uma política de garantia de risco no campo, ele conseqüentemente tira um peso muito forte das renegociações. Assim, se o produtor perde sua produção em função de variações climáticas, ele já terá um seguro para cobrir sua renda ou seu custo para poder continuar e não parar naquele momento.

### Seguros personalizados

Alguns novos produtos estão no Quadro 7, como o seguro de receita, que foi lançado em 2010. Na verdade, houve uma experiência com muitos produtores no Brasil: ele é um seguro que atua como se fosse uma balança, produção e preço, que é buscado na bolsa de Chicago. A partir do momento da contratação do seguro pelo produtor, por exemplo, em junho é feita a precificação. Se ele for colher em fevereiro, a seguradora busca o preço médio do dólar médio de março e projeta para esse preço de março. Essa é a fixação do preço-base que ele tem de partida, e, quando chegar fevereiro, a seguradora será comunicada e acompanhará a colheita. Depois, ela fará a medida de março e verá o que aconteceu com o preço, pois, sendo uma commodity, haverá variações significativas. Pode acontecer uma queda de preço, uma queda de dólar no mercado internacional, o que provocará uma perda, mas compensado com isso, existe a produção. Por exemplo, uma produção de 60 sacas tem uma cobertura “X”, que é a garantia de produtividade. Assim, pode cair a produtividade, mas se o preço se mantiver, ele pode não ter indenização. Em compensação, ele obtém a chamada renda garantida, um fator fundamental para o produtor.

GRÁFICO 4

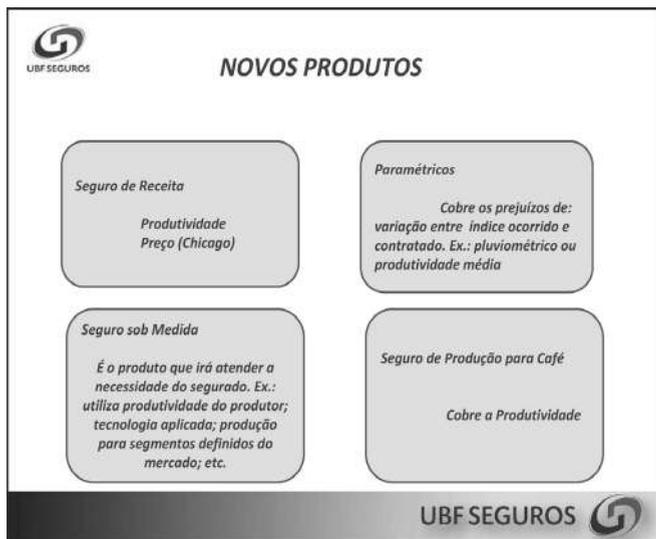


O que normalmente acontece no mercado? Ele tem que fazer *rating*. Para fazer *rating* qual é a complicação? Primeiro é o custo, pois não é barato; segundo, o produtor tem que fazer uma operação significativa junto ao banco ou junto à bolsa. Só que nem todo mundo, na verdade só as grandes empresas, têm acesso a isso, e não o médio e o pequeno produtor. Isso era uma demanda que o mercado reivindicava há muitos anos das seguradoras e, principalmente, na região do Mato Grosso e de Goiás. Eles sempre alegavam que não perdiam na região deles, e sim por causa de preço. O problema real deles em renegociar dívida era o preço; então agora já existe um produto de preço.

Outra novidade é o seguro sob medida para o segurado. Nele, a produtividade efetiva do pro-

dutor rural é verificada e se faz um plano de negócios específico para ele que não será repetido para outro. Apenas pode haver semelhanças. Contudo, isso é uma dificuldade muito grande no mercado, porque O produtor rural não gosta de revelar para a seguradora sua base de entregas, seja para as cooperativas ou para as trades, porque existe um receio tributário.

QUADRO 7



O produtor pensa “se eu revelo isso para a seguradora, que tem uma veiculação fiscalizatória junto à Susep, tudo vai aparecer na Receita Federal e estou perdido”. Com este receio, a seguradora não tem o dado e ele fica sem cobertura do risco; sobra uma cobertura relativa de risco, que é só produtividade. Já o seguro paramétrico cobre os prejuízos de variação entre o índice ocorrido e contratado, mas é um seguro que pode ser desenvolvido no Brasil. Já ocorreram algumas experiências não muito boas, mas é um seguro para as carteiras das empresas. O fato é que, para desenvolver o seguro de fato, seria necessário muitas estações de coletas climatológicas, o que falta muito no Brasil.

Por fim, o seguro da produção de café, que cobre a produtividade e que não existe na Colômbia, mas minha empresa está fazendo um trabalho nesse sentido, coletando dados. Porque é um seguro que tem que ser bianual, como ocorre normalmente com a produção do café: um ano sim, outro não - e, ocasionalmente, não há produção por quatro anos. Isso acontece por geadas e granizos, que interferem na produção. O efeito da geada que cai hoje não é imediato, e sim na

produção do ano seguinte. Então esse seguro tem que ser bem definido. Posso dizer que esses produtos novos estão “na prateleira” e o seguro de preço já está mais efetivo no mercado.

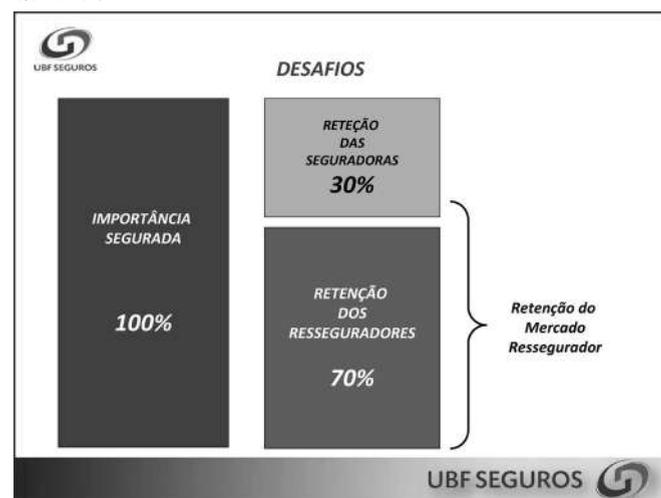
Na atualidade, no perfil dos seguros no Brasil, do total do capital segurado no mercado, 10% fica com a seguradora e 90% fica com o mercado externo, como apontado no Quadro 8. Então há o desafio de aumentar a retenção. A partir do momento em que o mercado interno aumentar a retenção, por exemplo, para 30%, como estima o Quadro 9, se estará aumentando a capacidade do mercado de garantir risco no Brasil.

Essa é uma forma, mas para fazer isso seria preciso que o fundo de catástrofe funcionasse de forma efetiva, embora ninguém goste desse nome. Ele garantiria a condição para que as seguradoras pudessem operar.

QUADRO 8



QUADRO 9

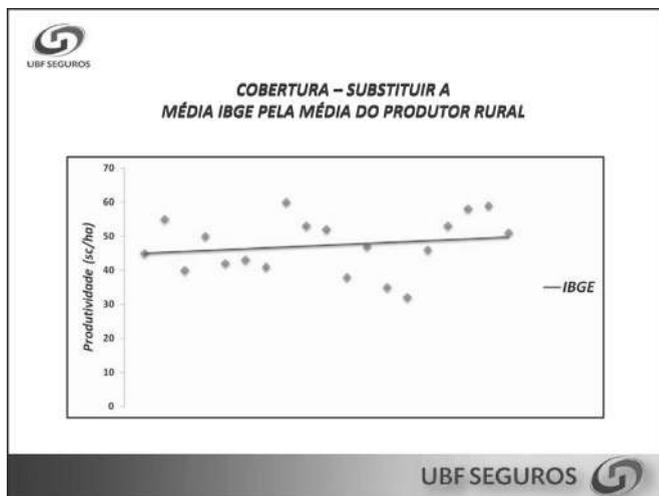


### Laços de confiança no mercado do seguro

Outro problema no Brasil são os dados estatísticos. O melhor dado disponível no mercado atual é do IBGE, mostrado no Gráfico 5. Só que o IBGE faz um processo de média, que não dá muita diferença na soja, mas no milho ela é significativa pelo problema de tecnologia. No milho existe a “safrinha” e a cultura de verão, mas a soja variável não é significativa. O problema da média é o seguinte: eu e o peão vamos a um restaurante e pedimos um frango, mas o peão não quer comer, apenas me acompanhar. Como ficou a média? Nós dois comemos meio frango, mas na verdade ele vai passar fome dali a duas horas. Quando se trabalha com média, fica difícil de atender produtores de alta tecnologia, por isso é preciso desenvolver um produto específico para eles. Por outro lado, utilizando a média, quem vai fazer seguro? Quem está abaixo da média e sabe disso, mas a seguradora está comprando um risco ou um sinistro de fato. O ideal então é trabalhar com a produtividade efetiva superior, para não se perca esse foco.

final de novembro, o governo liberou R\$ 42 milhões, perfazendo R\$ 198 milhões. Desses R\$ 198 milhões, o governo pagou o equivalente a R\$ 35 milhões e ficou devendo R\$ 163 milhões Ou seja, a cota do produtor, que deveria ser paga de imediato 30 dias após a emissão da apólice, não foi paga. O governo pagou somente em 16 de junho de 2011, o que cria para o mercado, e principalmente para os resseguradores, uma insegurança muito grande, pois eles ficam com 90% da parcela do risco. Se eles não recebem, porque as seguradoras consequentemente não conseguem pagar, gera uma desconfiança no programa. Isso é perigoso porque pode quebrar uma consistência entre o mercado e o governo. Isso foi liquidado, e em 2011 foram aprovados no orçamento R\$ 406 milhões. Houve um corte de R\$ 274 milhões, liberando R\$ 132 milhões para as seguradoras; apesar da expectativa de haver a liberação dos R\$ 406 milhões, não se sabe quando isso pode acontecer. Desta maneira, o mercado está trabalhando com R\$ 132 milhões sendo que o pleito era de R\$ 660 milhões. Para 2012, a expectativa é de R\$ 800 milhões para o seguro.

GRÁFICO 5



Sobre a área plantada vista no Quadro 10, em 2009/2010 seu montante era 61.381.636 e 6.647.310 de área segurada, sendo 10,8% de área total segurada. Isso caiu em 2010/2011 para 7,7%, e a soja também caiu de 17,1% para 12,7%. Foi o mesmo perfil visto na queda da subvenção.

Outro fator são os limites da subvenção: os valores do Quadro 11 são todos definidos no plano trienal do ministério. Em 2010, foram aprovados R\$ 238 milhões no orçamento, com um corte de R\$ 82 milhões. Porém as seguradoras receberam para trabalhar, de fato, até novembro, R\$ 156 milhões. No

QUADRO 10

ÁREA PLANTADA NO BRASIL				
Área Plantada Total				
Safra	Produção	Área a ser colhida	Área Segurada	% Segurada
2009/2010	TOTAL	61.381.636	6.647.310	10,8%
2010/2011	TOTAL (a ser colhida -coleta fev/2011)	62.107.445	4.787.638	7,7%

Área Plantada Total				
Safra	Produção	Área a ser colhida	Área Segurada	% Segurada
2009/2010	SOJA	23.302.621	3.996.368	17,1%
2010/2011	SOJA (a ser colhida-coleta fev/2011)	23.719.963	3.022.356	12,7%

Fonte: OCEA/UBI, OPE, COAGRO

UBF SEGUROS

O Quadro 12 mostra as condições para evolução do seguro no Brasil. É preciso ter dados estatísticos confiáveis; acesso do mercado segurador a tecnologias, sejam da Embrapa, etc.; subvenções estaduais e municipais, porque quando há uma quebra de produção, a crise começa já no município, vai para o Estado e depois para o governo federal. Capacitação de técnicas para inspeções: são necessários agrônomos e veterinários de campo para trabalhar toda a massa de seguro que terá que ser feita; cultura do seguro pelo produtor rural; “blindar” a verba do Programa de Subvenção que

consta do orçamento do MAPA. É preciso tirá-la de lá e colocá-la no 20C, que é uma verba especial que não permite cortes, como na questão do preço mínimo. Ali ela pelo menos estará garantida, mesmo que seja pouco dinheiro, pelo menos ninguém o cortará. Todos esses fatores precisam da regulamentação do fundo, um equilíbrio que acredito, particularmente, que permitiria ao setor de seguros dar um passo muito grande na área.

“É difícil atender produtores de alta tecnologia, é preciso desenvolver um produto específico para eles”

QUADRO 11



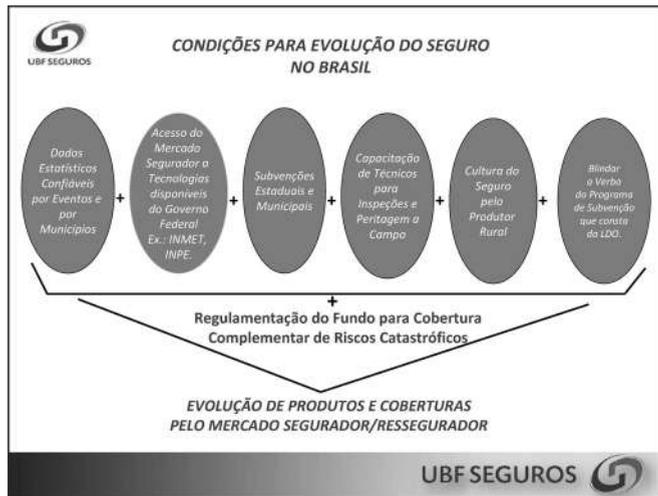
LIMITES DA SUBVENÇÃO			
Ano Civil	2010	2011	2012
Valores em R\$ milhões (consta do PTRS-MAPA)	451	570	680
Limite Aprovada	238	406	
Cortes do limite aprovado	-82	-274	
Liberado pelo MAPA	156	132	
Adicional liberada em nov/10	42		
Limite Aplicado em 2010	198		
Restos a Pagar 2010	-163	0	
Saldo para 2011		132	
Pleito do Mercado	600	660	

O Programa de Subvenção do MAPA terá Futuro?



uma política de governo e não “do” governo para sua subvenção, ou seja, não fazer do instrumento do programa de subvenção um instrumento político e sim um instrumento de política agrícola. Da parte das seguradoras: resseguro maior do que 80%; formação de peritos; banco de dados; dispersão do risco, novos produtos e coberturas. Como se faz uma dispersão de risco? Criando volume, pois a consequência é dispersar e o preço pode ter certa redução. Já da parte do governo, também é necessário disponibilizar informações e estudos sobre riscos; garantir a Política de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural, divulgando-o e que ele seja um instrumento efetivo de política agrícola; além disso, a cobertura complementar de riscos catastróficos. Tais elementos geram um aspecto de confiança, mas qualquer quebra que houver nesse laço trará um resultado muito negativo no mercado. Por exemplo, o caso do atraso da subvenção causou sem dúvida uma queda significativa de confiança no processo. Mais material sobre seguro está disponível no site da empresa ou por telefone.

QUADRO 12



O seguro funciona como está no Quadro 13. Da parte do produtor rural está a garantia contra riscos, pois ele deseja um custo de seguro adequado; ele precisa de uma avaliação rápida do dano; ter a cultura do seguro; ter a garantia financeira; ter

QUADRO 13



# Planejamento estratégico para o agronegócio

**LUIZ ANTONIO FAYET**

Consultor e coordenador de Logística da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil

Preparei uma exposição com dados e conceitos muito interessantes. Minha especialidade é planejamento estratégico. Estou há mais de 10 anos na CNA trabalhando essas apresentações e frequentando eventos, mas de vez em quando me pergunto: será que isto vai acontecer? É esta a preocupação do planejamento estratégico. Acho que, principalmente para os jovens estudantes, a metodologia de trabalho é muito importante. Fatores como identificação de mercados, aptidão de produção, saber se a empresa tem capacidade de produzir com tecnologia e competitividade comercial são básicos. Em primeiro lugar, sem mercado há tem negócio; se a empresa não sabe produzir nas condições de qualidade e quantidade necessárias, também não faz negócios. Por último, fundamentalmente, será que a empresa tem capacidade de chegar nos mercados, vender os produtos e ainda lucrar? Isto é a chamada competitividade comercial, que é o “nó” para o Brasil. Primeiro por causa da instabilidade institucional, já mencionada por outros palestrantes; depois, a tributação e em terceiro, no caso do agronegócio, a falta de infraestrutura.



“A alavanca exportadora é um instrumento de desenvolvimento interno”

QUADRO 1

Brasil - Ranking Mundial (2010)		
Produtos	Produção	Exportação
Açúcar	1º	1º
Café	1º	1º
Suco de laranja	1º	1º
Etanol	2º	1º
Carne Bovina	2º	1º
Fumo	2º	1º
Soja em grão	2º	2º
Couros e peles	2º	4º
Carne de frango	3º	1º
Farelo de soja	4º	2º
Milho	4º	3º
Óleo de soja	4º	2º
Carne suína	4º	4º
Algodão	5º	5º

Fonte: MDIC

O Quadro 1 traz algo que já foi mencionado: o crescimento da posição brasileira no mercado internacional de exportações. O país atualmente é o segundo maior supridor do mercado do agronegócio do mundo, e acho que será o primeiro daqui a cinco ou dez anos. O que isso interessa para o Brasil? Interessa porque o agronegócio é a maior fábrica de mercado interno que existe, é ele que faz funcionar a economia interna. Só que, muitas vezes, vejo inversões de prioridades. Por exemplo, existe um porto no Norte do Brasil que não precisa de um centavo de dinheiro do governo, mas não sai por causa da burocracia, impedimentos e normas governamentais. Em compensação, para a Copa do Mundo, nem é preciso prestar contas, os orçamentos são infinitos e incontroláveis. Quer dizer, um país desses realmente é difícil avançar.

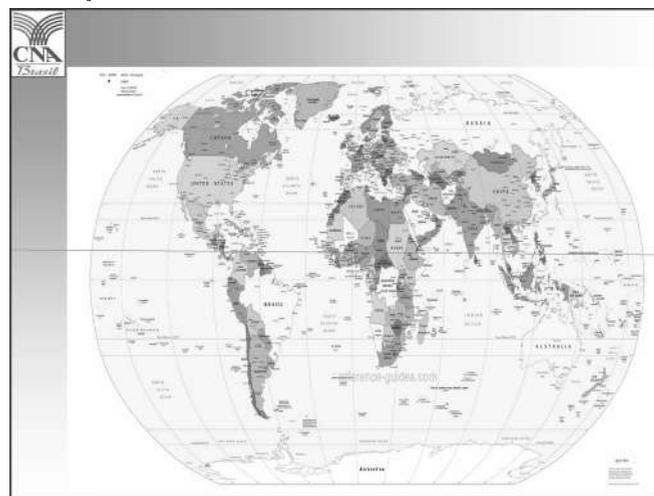
QUADRO 2



Os números teóricos da capacidade de crescimento brasileira estão no Quadro 2. Gosto de números relativos: observando-se 2007, que estimei dessa forma por causa da crise internacional, em 2020 acho que o Brasil crescerá mais de 70 milhões de toneladas. É realmente uma grande capacidade de oferta, mas quais serão as razões? Já se comentou que o país era importador de comida, mas agora ele tem uma condição de vanguarda e vou chamar a atenção para o porquê. Em 1950, o mundo tinha 2,5 bilhões de habitantes e em 2011 tem 7 bilhões. Este crescimento imenso em apenas 60 anos representa um acréscimo de mercado, cerca de 80 milhões de habitantes por ano. Quanto ao crescimento da renda de grande parte da população mundial, ele equivale a 100 milhões por ano. Se for somado o incremento de renda com o crescimento físico da população, o resultado é um Brasil por ano. Adicionalmente, lembro que ainda existem 1 bilhão de pessoas famintas no mundo, então o horizonte de melhoria de renda não deverá se esgotar tão brevemente. Voltando ao Brasil, o fator essencial de seu desempenho, ou segredo, não é ter um presidente que “inventou” o país, é porque faltam terras no mundo. Segundo os otimistas, o Brasil tem 1/4 das terras que ainda podem ser incorporadas no processo de produção rural - os pessimistas acham que é 1/5. Não vou entrar nessa briga, mas quero dizer que o Brasil sozinho tem uma parcela significativa dessas terras, mas com um detalhe: por exemplo, conforme a época, no Canadá pode-se morrer de frio. É essa exatamente a diferença: as condições climáticas. No Brasil, é possível, por exemplo, ter três safras na mesma terra por ano no

Paraná, algo inconcebível no hemisfério Norte. Dou também outra razão fundamental para que os brasileiros acreditem em sua boa oportunidade: quando se faz uma análise de planejamento estratégico, o Brasil é produtor de quê? Comida. Automóvel, computador, podem ser deixados para a semana que vem; Copa do Mundo nem é preciso fazer, mas comida é para todos os dias. Esta é realmente a grande vantagem no Brasil, que entra na entressafra do norte. Parece pouco, mas para alguns nichos de mercado, que também foram mencionados, isto é extremamente significativo. Por último, está a capacidade dos produtores, que hoje têm o melhor padrão do mercado internacional.

ILUSTRAÇÃO 1



Eu sempre gosto de exhibir o mapa da Ilustração 1. Todos acham que conhecem o mundo, mas não têm noção das condições geográficas. É visível que mais de 80% da produção e do consumo do agronegócio acontecem do Equador para cima. Já abaixo dessa linha existe pouca terra, entre 15% e 20%, o que é um fator de grande vantagem para o Brasil, que entra na entressafra do outro hemisfério. Até se o país dobrar seus quantitativos, representaria um acréscimo que mal abalaria o ponteiro da oferta internacional. Outra vantagem que surgiu recentemente foi a transformação no canal do Panamá, que antes permitia a passagem de navios até 60 mil toneladas e agora está sendo duplicado, com um canal paralelo que vai permitir a passagem de navios de até 150 mil toneladas. Isso será uma admirável revolução na logística do Atlântico-Pacífico e para o Brasil, principalmente para as regiões pioneiras que estão no Norte e terão um fator competitivo fantástico.

## Movimento do agronegócio para o Norte

A Ilustração 2 tem mais foco no Brasil, onde se pode observar um processo de novas rotas de escoamento. O agronegócio nasceu no Sul e atualmente concentra o agronegócio com o Sudeste - ambos estão se transformando qualitativamente. Porém, o suprimento do mercado internacional de produtos num estágio mais primitivo, como é o caso grão de soja, deslocou-se para novas fronteiras. Elas estão no oeste, como Porto Velho, São Luís, Belém, Santarém, Itacoatiara. Essas regiões serão escoadouros, conseqüentemente a vantagem brasileira para chegar à Ásia, que é o grande mercado em expansão no mundo. Facilita muito ao vendedor ter produtos de menor valor agregado que partam do arco Norte. Mas qual é a realidade brasileira atual em termos de infraestrutura? Como indica a Ilustração 3, mais da metade da produção de soja e milho no Brasil acontece do paralelo 15 para o Norte, mas só 16% são escoados por lá. Para a CNA isso é um abalo na capacidade competitiva, pois os produtores dirigidos à exportação têm uma perda de renda muito grande. A causa se deve a uma questão que eu irei analisar. Chamo a atenção para o fato de que 52% da produção brasileira estar mais ao Norte, mas é preciso ver a capacidade de exportação do sistema portuário de Belém: é zero. São Luís, há 18 anos, tem uma capacidade nominal de 2 milhões. Porto Velho, que é um porto privado, está com 3,3 milhões - o que significa 1/3 do que é Paranaguá e do que é Santos. Evidentemente é preciso repensar o planejamento dessa questão com um alcance nacional. Enfatizo a questão da exportação, que é a alavanca exportadora e um instrumento de desenvolvimento interno: mais de 80% da produção do agronegócio brasileiro se destina ao mercado interno, serve ao consumo da população.

ILUSTRAÇÃO 2

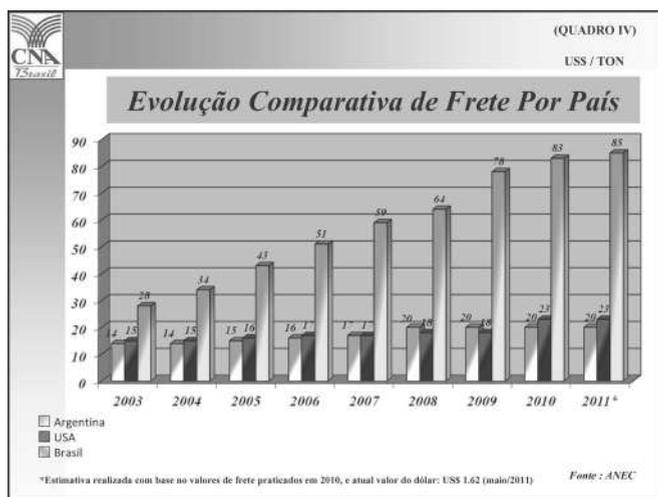


ILUSTRAÇÃO 3



Chamo a atenção para o Gráfico 1, feito pela ANEC: as barras pequenas significam os custos logísticos da porteira da fazenda até um porto nacional na Argentina e nos Estados Unidos - observa-se que os custos deles são mais ou menos homogêneos. Porém, à medida que o Brasil avança para Oeste, para as novas fronteiras, começou a haver um acréscimo de custos. Em média, um produtor brasileiro, para chegar até o porto, gasta com logística mais R\$ 5 ou R\$ 6 reais por saca do que um americano ou um argentino. No caso do Paraná deve chegar R\$ 2, R\$ 3 por saca, mas para quem está a grandes distâncias, como no Mato Grosso, isso chega praticamente a R\$ 8,00, sendo que o produto vale R\$ 40,00 o saca. É uma perda de renda líquida que poderia estar sendo injetada no mercado interno e impulsionando-o. Nessas regiões pioneiras até já foi observado um fenômeno econômico chamado de “abortamento da produção”. Alguns palestrantes já falaram empregos; em sua última safra nestas novas fronteiras, o Brasil deixou de produzir cerca de 3 milhões de toneladas de soja e milho. Isto significa 50 mil empregos permanentes, não é um emprego de Copa do Mundo, que depois termina. É um emprego permanente porque irradia, em toda a economia, tantos nos empregos e rendas direto e indireto, o chamado “efeito renda”. Qualquer pessoa que ganha dinheiro diretamente em sua atividade tem que ir a algum lugar para “comprar” saúde, educação, vestuário, etc. Então esta “fábrica do agronegócio” está sendo mutilada pelos elevadíssimos custos da infraestrutura ausente. Relembrando a Ilustração 3, ela não mostra que os produtores de Mato Grosso têm que rodar 2.300 km para chegar aos portos de Paranaguá e São Francisco do Sul, em Santa Catarina ou Santos.

GRÁFICO 1



O Quadro 3 determina a chamada contradição do setor rural. Existe uma natureza favorável, tecnologia de ponta no mundo, mercados internacionais ótimos, capacidade produtiva, mas do outro lado está a miséria no campo. Eu visito o país todo e garanto que é inaceitável o nível de miséria no campo! Ela existe porque não houve uma apropriação de renda por quem produziu, o que determinaria uma injeção no mercado interno que permitisse oportunidades de emprego e renda. Esta é a razão fundamental.

QUADRO 3

**CONTRADIÇÃO DO SETOR RURAL**

- NATUREZA FAVORÁVEL
- VANGUARDA TECNOLÓGICA MUNDIAL
- MERCADOS INTERNACIONAIS FAVORÁVEIS
- CAPACIDADE DOS PRODUTORES

**X**

- INADEQUADA DISTRIBUIÇÃO DE RENDA NO CAMPO

Onde está o problema crucial? O “apagão portuário” é o número 1. O Quadro 4 traz os detalhes, mas farei alguns comentários. Em 1808, Dom João VI, através de um decreto imperial, abriu os portos brasileiros. Porém, em 2008, o então presidente baixou um decreto fechando-os. Normas foram cri-

adas de tal maneira que o investimento privado está praticamente impossível em destinar esses portuários para uso coletivo. Todo esse emaranhado está vinculado aos interesses de cartéis e monopólios que mandam nos portos do Brasil e que estão sufocando a sociedade brasileira. Hoje o Brasil está condenado pelo presidente a não crescer, porque não há como tirar as mercadorias do país.

QUADRO 4

**PORTOS – AÇÕES**

- **CUMPRIMENTO DA LEGISLAÇÃO PORTUÁRIA – Base Lei 8630/93**
- **ELIMINAÇÃO DO APAGÃO PORTUÁRIO**  
OPÇÃO PELOS USUÁRIOS  
REVOGAÇÃO DO DEC. 6620/2008, PORTARIAS 178 E 257 DA SEP E RESOLUÇÕES DA ANTAQ
- **REDUÇÃO TRIBUTÁRIA DOS INVESTIMENTOS**
- **LIBERDADE DE INVESTIMENTOS E DE COMPETIÇÃO**

Nesses segmentos, acho o segmento de contêineres a questão pior que existe, pois é o sistema utilizado para exportação de produtos mais sofisticados. Entretanto, é muito difícil para a sociedade brasileira sentir o “apagão portuário”. Por exemplo, quando falta luz todos sabem, a geladeira, a televisão não funcionam, é muito sensível. Mas a questão do apagão portuário é como a energia nuclear, vista recentemente nas consequências do tsunami no Japão. A energia nuclear vai minando a saúde das pessoas, a saúde da economia, e o apagão portuário tem essa característica. Faço questão de elaborar uma cena, vale a pena: existe um abatedouro no Paraná que quer aumentar em 50% a sua capacidade. Agora basta imaginar um frango, depois 100 frangos, 1.000 frangos e por fim imaginar 500.000 frangos por dia. É a produção do abatedouro em dois vizinhos no Paraná. Ele desenvolve a genética, postura dos ovos, vacinação dos animais, engorda, etc. Todos os cuidados para que 500.000 frangos cheguem no abatedouro sem falhas durante as 24 horas do dia. Ele quer chegar a 750.000, mas onde está o problema? Não havia por onde escoar a produção. Não fosse a recente inauguração do terminal de Itapoá, não haveria condições de retirar este acréscimo de produção. O Brasil está condenado por esse decreto, que impede a

expansão principalmente utilizando os setores privados e, inclusive, fere a lei, mas a CNA foi a única entidade de classe que recorreu ao judiciário para revogá-lo. Tenho um amigo com interesse em investir no setor portuário, mas disse a ele que não adianta. Ele pode dizer que tem 1, 2, 3, 5 milhões para investir, mas o governo não vai deixá-lo fazer, porque há uma pressão de cartel que impedirá qualquer coisa. Esta é a realidade brasileira.

QUADRO 5



### CONTÊINERES

- Segmento mais preocupante
- Limite nominal nas regiões Sul e Sudeste
- Prazos de implantação
- Produtos de mais alto valor agregado
- TPUM – terminal privativo de uso misto
  - instabilidade jurídica -
- Falta de concorrência
- Normas infra-legais - ANTAQ / TCU

### Estratégia para os transportes

Do Quadro 6 vou exemplificar duas, três questões. Uma é a cabotagem nacional. Cabotagem é a navegação entre portos do mesmo país, não interessa a distância. Historicamente a cabotagem e condição naval cresceram consorciadas nos mesmos mecanismos de incentivos, porém isto foi criando vícios e hoje existem problemas dramáticos. Por exemplo, segundo dados do SIFRECA de 2007, o frete de um Panamax de Paranaguá a Recife tinha o mesmo preço que um frete de Paranaguá a Xangai, que fica do outro lado do mundo. Um é cabotagem e o outro é longo curso. Com essas condições, não é possível alguém tirar produtos do transporte terrestre e colocar no transporte aquaviário, que seria uma forma de racionalizar a matriz de transportes, reduzir custos e aumentar a competitividade. Justamente no momento em que o país está se desindustrializando, queiram ou não dizer os ministros. É preciso mudar isso, e com uma receita muito simples, que destaco do Quadro 7: por que não se dá à cabotagem nacional o mesmo tratamento que tem a navegação de longo curso? Se isso for feito, automaticamente a iniciativa privada resolve o problema.

QUADRO 6



### OBSTÁCULOS À CABOTAGEM

- **VINCULAÇÃO COM A CONSTRUÇÃO NAVAL**
  - LEGISLAÇÃO E RESOLUÇÕES DA ANTAQ
- **DIFICULDADES PARA IMPORTAR EMBARCAÇÕES**
  - LEGISLAÇÃO E RESOLUÇÕES DA ANTAQ
- **TRIBUTAÇÃO**
- **CUSTOS OPERACIONAIS INFLADOS**

QUADRO 7



### CABOTAGEM - AÇÕES

- **MUDANÇA DA LEGISLAÇÃO**
- **ISONOMIA TRIBUTÁRIA COM LONGO CURSO**
- **ISONOMIA DE TRATAMENTO EM GERAL COM O LONGO CURSO**
- **REGULAÇÃO RACIONAL E RIGOROSA**
- **LIBERDADE DE INVESTIMENTOS E DE COMPETIÇÃO**
- **RESGUARDAR PODER MARÍTIMO NACIONAL**

No Quadro 8, o uso de hidrovias. No Brasil houve um esforço brutal para inaugurar Tucuruí, com o trabalho elogiável de inserir eclusas. Só que acima de Tucuruí está a usina de Estreito, onde não há projeto de eclusas, não dá para passar. Ainda mais acima, está Lajeado - cuja eclusa está em construção. Isto é brincadeira. Um país com esse tipo de planejamento de infraestrutura evidentemente não vai muito longe. E os rios para o país são fundamentais, basta olhar no mapa os rios brasileiros para ver que maravilha eles representam para essas novas fronteiras. Eles são a possibilidade de sair pela água com custos logísticos minúsculos. Fico até com pena dos americanos, que só têm “um Mississipi”, pois o Brasil tem três. Em compensação, em uso, 2/3 do agronegócio de exportação transita pelo Mississipi enquanto o Brasil não transita nem 2%.

QUADRO 8



### HIDROVIAS - pontos

- Garantir o uso múltiplo dos rios  
PL 3009
- Planejamento integrado de todos os modais
- Reformulação da sua estrutura de administração

Abordando rodovias, fiz no Quadro 9 a modelagem de pedágios, porque o governo não tem dinheiro para fazer tudo. É um país novo, é realmente difícil, então ele tinha que contar com a iniciativa privada. Entretanto, quero fazer uma conta. Até três anos atrás, somente 9% dos que transitavam pela Via Dutra pagavam pedágio para ir do Rio a São Paulo; ou seja, 91% não pagavam por defeito da estrutura de concepção do pedágio. Era uma concepção antiga, mas também a legislação brasileira e a falta de vontade política não providenciaram solução alguma. Então a população paga impostos para ter estradas, mas não tem. Daí foi criada uma contribuição chamada CIDE, que é evidentemente mais um tributo que se passou a pagar e não é suficiente para sustentar o transporte - isso já é uma bitributação. Só que inventaram o pedágio - na verdade, uma forma de cobrar outra vez - que eu considero uma terceira tributação. Sobre ele há mais tributos do governo, o que significa uma "tetra" tributação. Além de tudo, na hora da concessão o governo resolvia cobrar um ágio, que é um valor a mais para a empresa ficar com a concessão. O ágio entra na planilha de custos e influi sobre o valor do frete. O resultado é para se pensar...

O Ministério da Agricultura tem uma câmara de logística que funciona como uma assessora do ministro. Quando, em 2007, o governo lançou os editais para instalar pedágios em várias rodovias no Brasil, a CNA fez um estudo e o levou a essa Câmara, que o ao então ministro, Reinhold Stefanos. Na época, ele compreendeu o problema e foi ao Planalto expor que era preciso mudar tal situação, levou suas ponderações e os editais de licitação foram transformados. O resultado é que o novo modelo da rodovia São Paulo-Curitiba, com

400 km, é mais barato do que a Curitiba-Paranaguá, que são 80 km. Essas coisas aconteceram e precisam acontecer, é possível e necessário que alguém intervenha nesses absurdos que a população nem imagina que existam. Contudo, a CNA participou de algumas conversas recentes, mas está muito difícil. Por exemplo, o Paraná tem pedágios com essa configuração de serem caros; um caminhão de Maringá até o porto gasta mais com pedágio do que combustível. Isso é inaceitável, acaba com a competitividade da economia brasileira.

QUADRO 9



### RODOVIAS - AÇÕES

- GARANTIA DE RECURSOS PARA CONSTRUÇÃO E MANUTENÇÃO
- ELIMINAÇÃO DAS LIMITAÇÕES AO TRÁFEGO

### PEDAGIAMENTOS

- ELIMINAÇÃO DE ÁGIO/REMUNERAÇÃO NAS OUTORGAS
- OUTORGAS POR MENOR TARIFA
- REVISÃO DE CONTRATOS DAS ANTIGAS CONCESSÕES
- IMUNIDADE TRIBUTÁRIA DOS PEDÁGIOS
- VALE PEDÁGIO - GARANTIA JURÍDICA DO REGIME ESPECIAL

## Interesses internacionais e o meio ambiente

No Quadro 10 estão alguns fatores sobre ferrovias, como os contratos de concessão. Dos 28.000 km de ferrovias no Brasil somente 10.000 km estão em utilização, enquanto 18.000 km foram desprezados pelos concessionários. Eles estão parados e ninguém reclama, mas é uma questão que a sociedade tem que levantar. A CNA está há três anos pressionando a Agência Nacional de Transportes Terrestres, e felizmente em dezembro de 2010 surgiram mudanças tentando dinamizar esta questão. No Quadro 11 estão temas correlatos que não poderei abordar em detalhes.

O Gráfico 2 traz o aumento da produção brasileira representado na linha e o aumento da área ocupada nas barras. O Brasil hoje cresce em termos de produção com produtividade, qualidade, e não crescendo com desmatamento. Ele acontece por falta de fiscalização, por impunidade e, na grande maioria, por corrupção de autoridades governamentais de todas as esferas. Não é o

desmatamento para o setor rural produzir. Gostaria de desafiar as pessoas que participam de manifestações a dizerem o que está escrito na emenda no projeto substitutivo do deputado Aldo Rebelo do Partido Comunista. Ele teve a sobriedade e a consciência de analisar a realidade brasileira e estruturar um projeto para ajustar as coisas em seus devidos lugares, pois o Brasil é um país difícil. Difícil porque a realidade, por exemplo, do Mato Grosso é diferente da do Mato Grosso do Sul, de Santa Catarina, do Nordeste. Essas mudanças são terríveis e dificultam a existência de uma legislação única, mas o deputado Aldo Rebelo teve a capacidade de estabelecer, através de um diálogo, um projeto quase perfeito. Só não foi perfeito porque o radicalismo das autoridades governamentais quis impor aos produtores rurais uma receita que não tem a ver com o Brasil - daí fechou-se o diálogo. Espero que o Senado encontre uma solução, pois o Código Florestal está há 15 anos no Congresso Nacional e não saiu do lugar. Não é um projeto sendo discutido de afogadilho. Só que os interesses internacionais têm a preocupação em alongar o máximo possível o tempo de entrada efetiva do Brasil no mercado internacional. O que se observa? O número de ONGs na Amazônia preocupadas com a fome das populações ribeirinhas e das populações indígenas é de cerca de 350 nomes. E com a fome dos 10 milhões de nordestinos? Quantas ONGs atuam no nordeste? Nenhuma. Quantas na África? A conversa é outra. Existem muitos inocentes úteis conspirando contra o futuro do Brasil. Claro que o problema do país é um pouco mais complicado do que os temas que comentei: há uma ameaça à sua soberania. É bom pensar, porque se o mundo depende tanto do Brasil, depende mais da alimentação que o Brasil produz do que do petróleo de qualquer outro país que possa existir. Imaginem o que acontecerá no horizonte de 10, 20 anos; se nós brasileiros tivermos capacidade de raciocínio, a questão é de soberania, ela desestabiliza o mercado interno. As contas externas estão num grau de vulnerabilidade terrível. Para dar uma ideia, em 2010 a "contabilidade" do Brasil com o resto do mundo teve um rombo de

U\$ 50 bilhões e em 2011 será de U\$ 65 bilhões. 50 mais 65 são quatro usinas de Itaipu desperdiçadas. Esta é a conversa que ninguém quer ter! As pessoas do setor rural estão fazendo essa denúncia para que a sociedade só seja enganada se quiser - não será por omissão e muito menos por culpa do setor. 

QUADRO 10

**FERROVIAS**

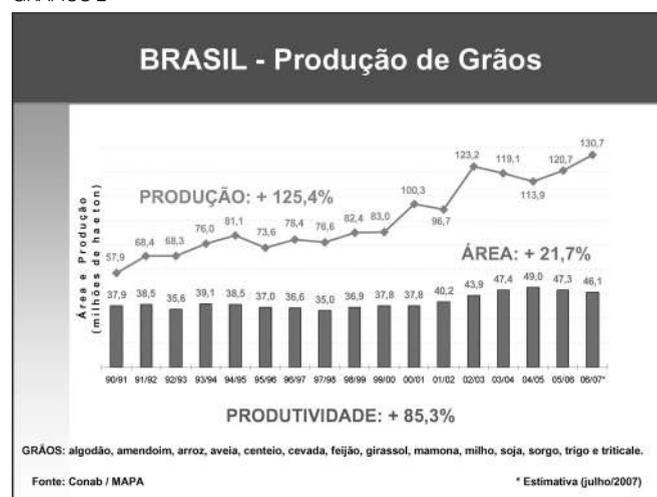
- REVISÃO DOS CONTRATOS DE CONCESSÃO
- APROVEITAMENTO DE LINHAS INOPERANTES / DESPREZADAS
- TRANSPORTADOR FERROVIÁRIO INDEPENDENTE E DIREITO DE PASSAGEM
- REVISÃO DAS TABELAS REFERENCIAS DE PREÇOS DE FRETES
- CÓDIGO DE DIREITOS DOS USUÁRIOS

QUADRO 11

**TEMAS CORRELATOS**

- REDUÇÃO DOS TRÂMITES BUROCRÁTICOS DIVERSOS
- IMPLANTAÇÃO DO MULTIMODALISMO LEI 9611/98
- PORTOS SECOS – AMPLIAÇÃO DA REDE DE RECINTOS
- ARMAZENAGEM – POLÍTICA DE GESTÃO E CARREGAMENTO DE ESTOQUES
- PLANEJAMENTO INTEGRADO

GRÁFICO 2



# Vencer as limitações logísticas para alcançar oportunidades

## FERNANDO PIMENTEL

Presidente da Agrosecurity Consultoria e Gestão de Agroativos

A apresentação da Agrosecurity foi racionalizada, pois o tema de segmentos de grãos é bastante extenso; é preciso tomar cuidado para não ser redundante. Basicamente, vou falar sobre a questão da rentabilidade no campo.

Nossa consultoria está concluindo duas safras bem sucedidas, a última, em particular, muito bem sucedida em relação à produtividade e rentabilidade no campo. O agronegócio brasileiro está vivendo um período de prosperidade único em sua história, então abordarei esse tema usando mapas temáticos.

Falarei um pouco também sobre o reflexo dessa rentabilidade no que tange à melhoria da liquidez no campo, tanto dos intermediários, revendas de insumos, cooperativas, etc., como principalmente dos produtores rurais, que são o elemento principal das cadeias. Posteriormente, haverá uma exposição em relação às tendências de mercado, para que fique uma palestra mais conclusiva e completa. Por fim, a perspectiva de médio/longo prazo da produção brasileira e das tendências do Brasil em se consolidar cada vez mais como um grande fornecedor global.

### Rentabilidade no campo

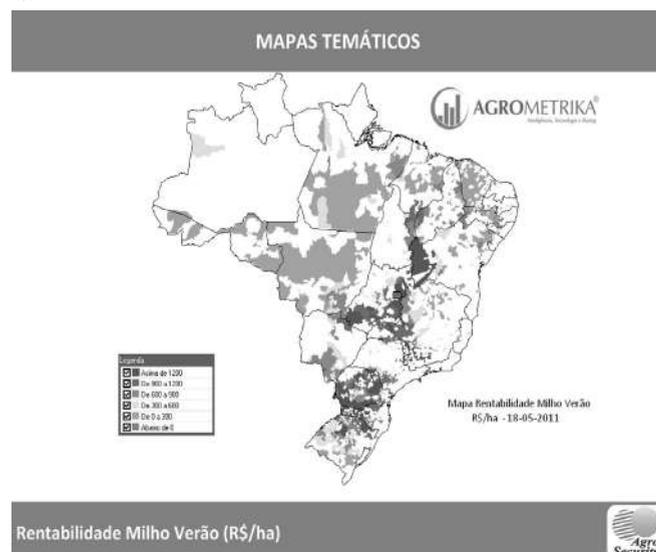
O Quadro 1 é o primeiro dos mapas temáticos relativos à questão da rentabilidade no campo: ele mostra como a evolução da rentabilidade do campo, depois de uma safra de milho verão muito bem sucedida, acabou gerando rentabilidade positiva em praticamente em quase todas as localidades do país que a empresa acompanhou. No mapa, elas migram das cores mais escuras para mais claras. É possível observar as regiões onde a rentabilidade chegou a níveis acima de R\$ 1.200 por hectare, um patamar historicamente muito razoável para o milho.



“O mercado financeiro hoje volta suas atenções para a agricultura”

Para quem não está familiarizado, o Brasil tem safras de soja e milho no verão, mas há uma safra de milho, que é feita no final do ciclo de verão, nas últimas águas, que é chamada “segunda safra” ou “safrinha”. Porém ela é regionalizada, não tem a abrangência que a safra verão tem, mesmo porque nos estados do Sul o frio do inverno impede que a cultura do milho prospere, sendo uma cultura de verão. Então, em latitudes acima do Paraná, ocorre a safra de inverno de milho. Reforço que ela não tem a rentabilidade que a safra verão tem, é uma produtividade mais baixa, com nível de tecnologia aplicado um pouco inferior. Logicamente é de se esperar que a rentabilidade não tenha os mesmos patamares da safra de verão.

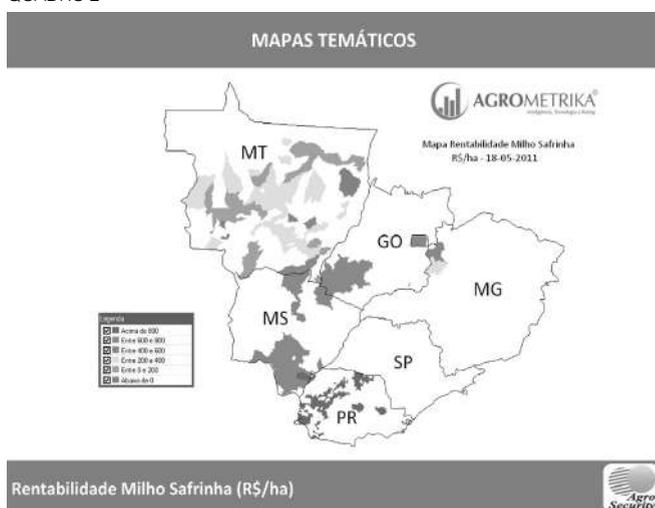
QUADRO 1



### Distanciamento da área de produção penaliza rentabilidade

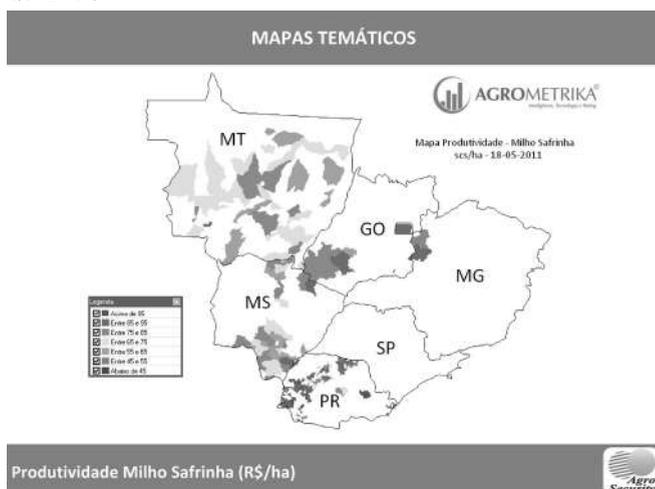
O Quadro 2 então mostra, na segunda cor mais escura, locais onde os valores alcançam a rentabilidade de R\$ 800 por hectare ou um pouco acima. Logo abaixo, de R\$ 600 a R\$ 800, seguido por R\$ 400 a R\$ 600, decrescendo até o mais claro. Por que as áreas mais ao norte são mais claras? Por causa do custo logístico, que talvez seja uma abordagem que possa ser colocada por outros palestrantes. A verdade é que o distanciamento da área de produção dos grandes centros de consumo acabam penalizando a rentabilidade dessas regiões, pela dedução do custo frete que será imposto sobre o preço do milho.

QUADRO 2



Conforme mencionei, a produtividade é penalizada, o que é mostrado no Quadro 3. Enquanto no milho verão o nível de produtividade atinge 160 sacas, normalmente na safra de inverno se consegue praticamente a metade.

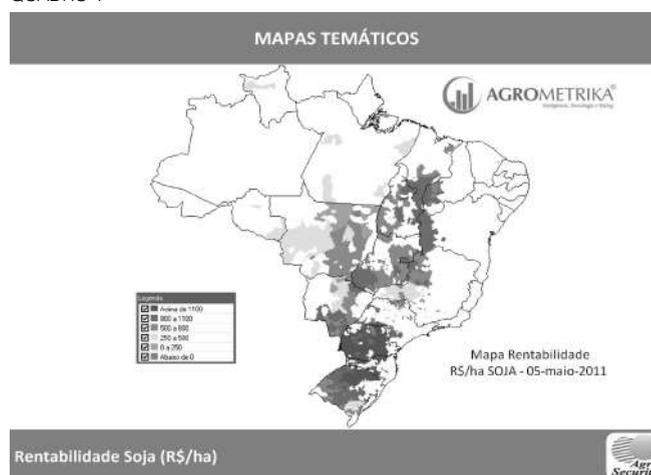
QUADRO 3



“Historicamente, os estados do Sul são menos produtivos que os estados do Cerrado, mas essa regra não se aplicou à última safra: o Sul colheu uma safra recorde.”

Na soja vê-se no Quadro 4 mais um ano de prosperidade, sendo as áreas mais escuras mais bem remuneradas pela proximidade dos portos. Historicamente, os estados do Sul são menos produtivos que os estados do Cerrado, mas essa regra não se aplicou à última safra: o Sul colheu uma safra recorde. O Rio Grande do Sul atingiu uma média próxima ou superior a 50 sacas por hectare, algo que nunca ocorreu na história do país. Também o norte do Paraná, na região de São Miguel do Iguçu e Medianeira, colheu uma safra maravilhosa. Então, somando os bons preços com a produtividade elevada na soja, ocorreu um nível de rentabilidade recorde, com 60%, 70%. Isso não ocorria desde 2003, quando houve uma desvalorização cambial por causa do evento Lula, na época das eleições.

QUADRO 4



Um problema que se instalou, relativo à próxima safra, deve-se à qualidade da semente de soja. A colheita da soja de 2011 foi feita debaixo de chuva, o que causa um impacto muito forte sobre o potencial germinativo da semente. Essa é uma questão que os produtores de soja, principalmente os que estão localizados entre o Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, terão que enfrentar.

No Quadro 5, as regiões onde a semente foi colhida com excesso de umidade estão marcadas em cor mais escura, e ocorrerá de fato alguma restrição de qualidade de semente para a próxima safra. Em contrapartida, nas outras regiões indicadas colheram-se sementes em condições normais, e não haverá tanto problema.

QUADRO 5

FONTES DE RECURSOS - SAFRA DE SOJA						
FONTES	Safr 08/09		Safr 09/10		Safr 10/11	
	IMEA	Milhões de R\$	IMEA	Milhões de R\$	IMEA	Milhões de R\$
Multinacionais de fertilizantes e grãos	50%	R\$ 4.250	35%	R\$ 2.518	22%	R\$ 1.563
Revendas	11%	R\$ 935	14%	R\$ 1.007	20%	R\$ 1.439
Sistema financeiro (ex-credito oficial)	10%	R\$ 850	11%	R\$ 791	14%	R\$ 1.007
Bancos federais	7%	R\$ 595	6%	R\$ 432	6%	R\$ 432
Recursos próprios	22%	R\$ 1.870	34%	R\$ 2.446	38%	R\$ 2.733
Total	100%	R\$ 8.500	100%	R\$ 7.193	100%	R\$ 5.959

Fonte: IMCA  
Valores referentes ao custo operacional padronizado.  
Safr 08/09 base custo de mercado  
Safr 10/11 base custo de mercado

Fonte de Recursos da Soja em MT

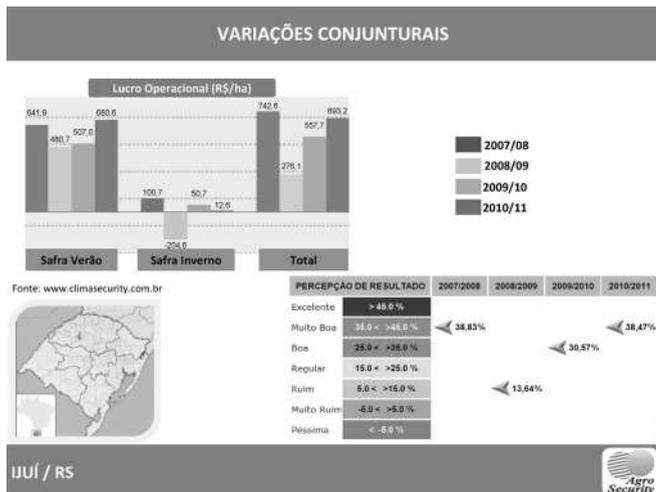


## Volatilidade da renda do produtor

Vou mostrar a perspectiva do Gráfico 1: algumas pessoas, principalmente os estudantes, podem não estar acostumadas à volatilidade que rege a vida dos produtores rurais. O Gráfico 1 é uma das simulações que a Agrosecurity faz, por exemplo, com os produtores do Rio Grande do Sul, que plantam soja e milho, e trigo no inverno. Apenas para se entenda, fica claro, ao longo dos últimos quatro anos, como oscilou a rentabilidade desses produtores na sua atividade.

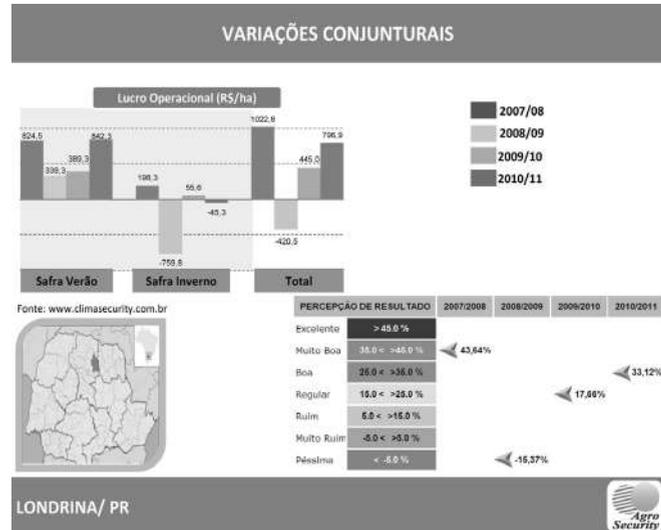
Os trabalhadores comuns estão acostumados ao contracheque trazendo o salário idêntico a cada mês, mas a vida do produtor rural é uma verdadeira gangorra, uma montanha-russa. Atualmente, eles estão no pico, o que é importante pois estão atraindo investidores. Essa é a realidade para o Rio Grande do Sul, nos últimos 4 anos.

GRÁFICO 1



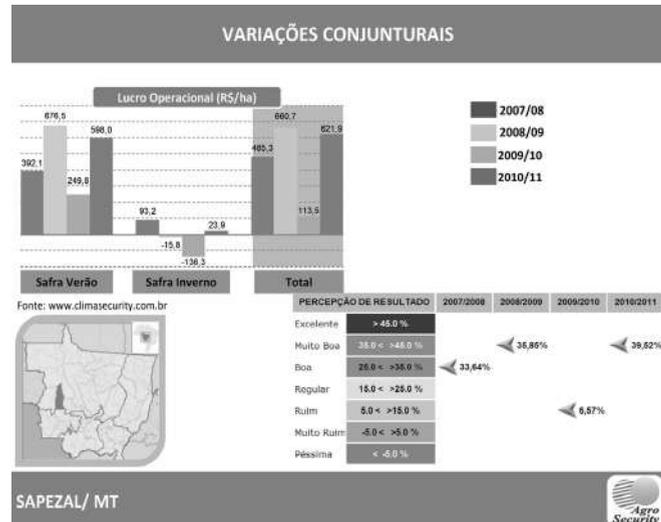
No Gráfico 2 está a região de Londrina, com uma quebra de safra de inverno, observada em negativo, a R\$ 760. Houve uma intensa depressão na rentabilidade do produtor nesse período.

GRÁFICO 2



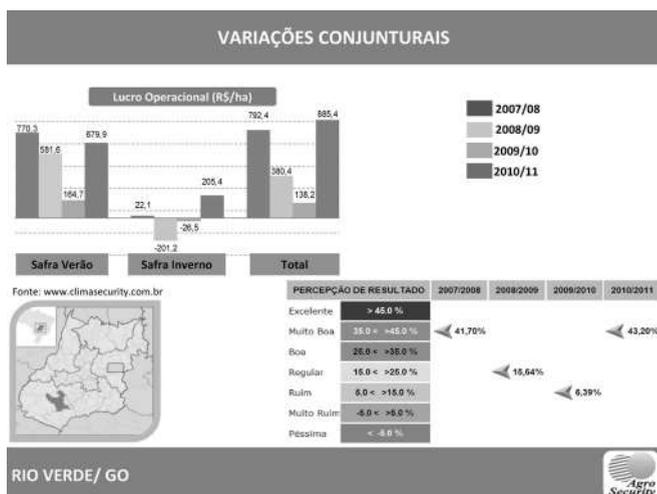
O Gráfico 3 se refere a Mato Grosso, na região de Sapezal, até mais estável do que outras regiões. Observa-se que, em 2009, por conta de uma perda na safrinha e condições de preço do milho não tão favoráveis, a rentabilidade também não foi positiva.

GRÁFICO 3



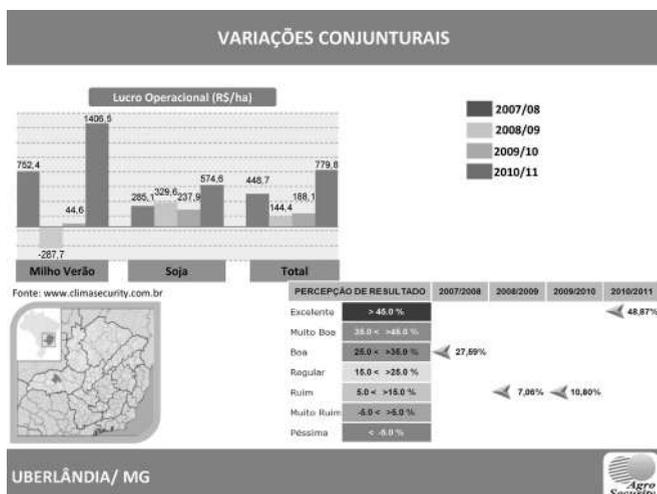
No Gráfico 4, a região de Rio Verde, em Goiás, apresentando o mesmo caso. É visível que 2009 foi quase que harmônico para todos, um ano bem negativo.

GRÁFICO 4



O Gráfico 5 aborda Uberlândia. Em suma, a agricultura é uma atividade com grandes incertezas, não só de clima, mas de preços e condições de produção.

GRÁFICO 5



No Gráfico 6 está a Bahia: é um espetáculo, mas porque o algodão “puxou” o resultado no último ano. O produtor de algodão no Mato Grosso planta algodão.

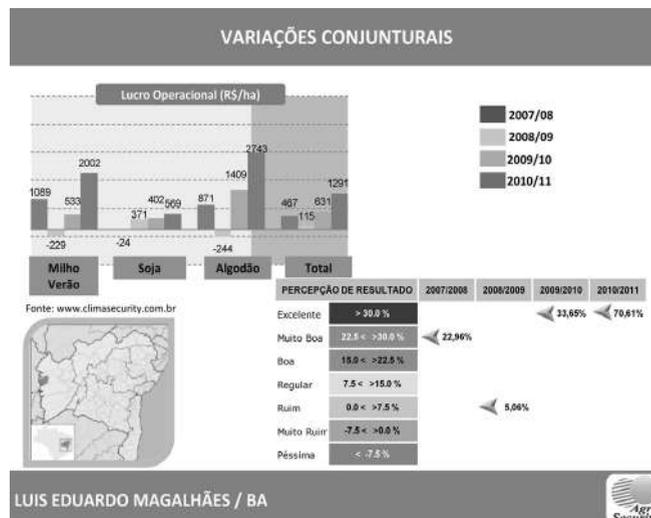
### Fonte de recursos

Já no Quadro 6 foi feito um levantamento de fonte de recursos, um dos grandes pontos da agricultura. Como financiar a safra? Recentemente foi anunciado um novo plano de safra com cifras astronômicas. Contudo, quando se fala em R\$ 100 ou R\$ 150 bilhões, às vezes o público comum, não tão próximo do agrone-

gócio, acha uma cifra extraordinária. Contudo, na agricultura, muito recursos ainda são dependentes da atuação da iniciativa privada. Os adiantamentos das “trades”, venda de insumos com prazo safra, etc. Porque, na verdade, é preciso observar que os 50% que estão estimados no Quadro 6 pelo IMEA para o Mato Grosso são conferidos pelas empresas multinacionais de fertilizantes e grãos. Isso é uma matriz que só existe no Brasil, pois no exterior normalmente quem financia a agricultura é o sistema financeiro.

Aqui no Brasil existe uma matriz mais diversificada de financiamento da agricultura, algo que acredito ser, de certa forma, positivo, porque quando houve a crise do sistema financeiro o Brasil foi um dos países que menos sofreu.

GRÁFICO 6



QUADRO 6

FONTES DE RECURSOS - SAFRA DE SOJA

SAFRAS FONTE	Safra 08/09		Safra 09/10		Safra 10/11	
	% do total	Milhões de R\$	% do total	Milhões de R\$	% do total	Milhões de R\$
Multinacionais de fertilizantes e grãos	50%	R\$ 4.250	38%	R\$ 2.518	22%	R\$ 1.563
Revenidas	11%	R\$ 935	14%	R\$ 1.007	20%	R\$ 1.439
Sistema financeiro (ex-credito oficial)	10%	R\$ 850	11%	R\$ 791	14%	R\$ 1.007
Bancos federais	7%	R\$ 595	6%	R\$ 432	6%	R\$ 432
Recursos próprios	22%	R\$ 1.870	34%	R\$ 2.446	38%	R\$ 2.733
Total	100%	R\$ 8.500	100%	R\$ 7.193	100%	R\$ 5.959

Fonte: IMEA  
Valores referentes ao custo operacional ponderado.  
Safra 08/10 base custo de março/08  
Safra 10/11 base custo de maio/10

Fonte de Recursos da Soja em MT

### Avaliações positivas na agricultura

No Quadro 7, como reflexo dos mapas com números positivos da agricultura que mostrei anteriormente, a Agrosecurity tem um trabalho na área de avaliação (“rating”). Nela, acompanhamos os números, não só dos produtores rurais, de intermediários, cooperativas, revendas, etc., um trabalho em diferentes regiões do país e em diferentes culturas.

A rentabilidade operacional foi avaliada no período de fevereiro de 2010 a fevereiro de 2011; com a migração das avaliações, por exemplo, na primeira linha, o patamar B foi para o nível A, o A foi para AA, o E foi para o B. Isso trouxe para o mercado financeiro, por exemplo, uma atratividade muito grande. O mercado financeiro hoje volta suas atenções para a agricultura, muitos que já conhecem como acessável já ampliaram os seus mercados e quem não consegue chegar na agricultura passa a buscar alternativas de financiar produtores e cooperativas.

QUADRO 7

#### RATING JULGAMENTAL

Produtor	Principais culturas cultivadas	Rentabilidade Operacional Fev/10	Rating Fev/10	Rentabilidade Operacional Fev/11	Rating Fev/11	Evolução de Rating
Norte RS	Soja, Milho, Trigo e Avela	10,83%	B	41,82%	A	↑
Sudoeste PR	Soja, Milho Safrinha e Trigo	24,57%	A	81,08%	AA	↑
Sul MG	Café Arábica	-14,02%	E	26,21%	B	↑
Norte MG	Soja e Milho Verão	20,48%	A	71,72%	AA	↑
Oeste BA	Soja, Algodão e Milho Verão	20,36%	A	91,86%	AA	↑
Sudoeste GO	Soja, Milho e Sorgo	8,98%	B	63,47%	AA	↑
Norte MT	Soja e Milho Safrinha	-0,43%	C	32,42%	B	↑
Sul MT	Soja e Algodão	14,09%	B	73,88%	AA	↑
Sul MS	Soja e Milho Safrinha	17,38%	C	42,80%	B	↑
Sul MA	Soja	19,50%	A	55,73%	AA	↑

#### Rating – Produtores Rurais



No Quadro 8 dá uma ideia de revendas, praticamente apenas de produtores, que na verdade são os mais beneficiados por todo esse ciclo virtuoso, positivo. Contudo, no meio do caminho existem as revendas de insumos, por exemplo, que há cinco anos não eram objeto de negócio dos bancos e hoje se tornou uma transação normal. Não estou falando de “pet shops”, e sim de grandes redes de lojas que financiam produtores em várias regiões do Oeste do país. Então é visível que também esses agentes tiveram benefícios, salvo em algumas regiões, onde houve uma manutenção da situação. Porém, na maioria das regiões do país houve um benefício também desses intermediários.

QUADRO 8

#### RATING JULGAMENTAL

Região	Principais culturas atendidas	Rating em Fev/10	Rating em Mar/11	Evolução de Rating
Sudoeste GO	Soja e Milho Verão	C	B	↑
Oeste BA	Algodão e Soja	B	A	↑
Sul MT	Soja e Algodão	B	B	→
BR 163 - MT	Soja e Milho Safrinha	C	B	↑
Oeste PR	Soja e Trigo	A	A	→
Norte PR	Soja e Milho Verão	C	B	↑
RS	Soja e Milho Verão	B	A	↑
Sul MG	Café Arábica e Milho Verão	B	A	↑

#### Rating – Revenda de Insumos



### Oportunidades de evolução

O Brasil tem um caminho enorme de oportunidades de evolução em área, produtividade, etc., mas o país é barrado pelas limitações logísticas, abordadas no Quadro 9. Principalmente porque as regiões onde a soja e o milho devem se expandir - o Cerrado e a região de MAPITO, Tocantins, Maranhão e Piauí - são regiões desprovidas de uma logística tanto de capacidade estática de armazenagem como capacidade de escoar. Porque esse excedente será exportado, não é para o mercado interno de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, é para o exterior. Portanto, os projetos de logística hoje são fundamentais, tanto quanto os estados de futebol, para que o país siga evoluindo na sua produção e na sua participação do agronegócio planetário.

QUADRO 9

#### LOGÍSTICA O ETERNO DESAFIO



#### A logística como obstáculo para o crescimento



### Projetos a serem implantados

O Quadro 10 dá uma ideia todo o projeto: observa-se como o Cerrado tem uma série de projetos hoje delineados para serem implementados nos próximos anos, para fazer o escoamento das safras que deverão ser montadas nos próximos anos.

QUADRO 10



No Quadro 11 está o Mato Grosso, que é talvez o estado que institucionalmente esteja mais organizado a fazer valer os seus projetos. O Quadro mostra a presença da Federação da Agricultura do Mato Grosso, como também a APROSOJA, uma entidade bastante atuante naquele estado, e que forneceu este material para a palestra. Ela já mapeou a região e todos os projetos que devem ser efetivados ou estão em vias de serem financiados ao longo dos próximos anos. Eles mapearam hidrovias, vendo o potencial hidroviário do Brasil. Eu mesmo fui estudar hidrovias há 20 anos, pensando que ainda não estava na hora, mas hoje em dia estou completamente defasado. As hidrovias dos Tapajós, do Tocantins, do Araguaia, até têm um impacto ambiental, mas não poluem. Também estão mostradas as ferrovias do Centro-Oeste e a Ferrovia Norte, com extensão da linha até Cuiabá, bem como a Ferrovia Norte-Sul. A BR 163, que leva soja até Santarém, além da BR 158. BR 364. Está prevista a pavimentação da rodovia que liga Sorriso a Ribeirão Cascalheira. Em suma, o Mato Grosso está buscando sua malha viária e de escoamento da safra para os próximos anos.

QUADRO 11



O Quadro 12 ilustra mais um ano com potencial de volatilidade muito grande em função dos estoques de soja: há um problema com o rio Mississippi, que estendeu suas margens para afetar a vida das populações ribeirinhas. Isso inclusive atingiu as áreas produtivas, e, para impedir que fossem inundadas as cidades de Nova Orleans e Baton Rouge, o governo simplesmente decidiu fechar as comportas. Isso provocou um aumento de águas na parte superior do rio Mississippi, o que deve causar uma situação de atraso na safra americana.

QUADRO 12



# Perspectivas para os mercados agrícolas em 2011 e 2012

## ANDRÉ PESSÔA

Sócio-diretor da Agroconsult Consultoria & Marketing

Minha apresentação, além de ilustrar a situação conjuntural da agricultura brasileira em 2011, abordará detalhes das cadeias de soja e milho e suas perspectivas para a próxima safra.

As safras de 2011/2012 já foram muito bem sucedidas em termos de produtividade e rentabilidade. Gostaria, porém de expor uma observação que tenho feito ao longo dos últimos meses: estou absolutamente convencido de que o ano de 2011, ao se olhar para o passado recente da agricultura brasileira, parece um ano incomum. Um ano de boas produtividades, preços elevados, custos relativamente contidos e rentabilidade elevada em praticamente todas as atividades agrícolas brasileiras, à exceção do arroz no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Quase todas as atividades vão muito bem, uma safra realmente próspera, e isso é incomum na agricultura brasileira. Quando se olha para o passado, vê-se a “gangorra” mostrada por outro palestrante, que, em alguns momentos, desce e demora a se levantar. Assim, estou convencido de que o Brasil, para 2012, será muito mais comum do que incomum. A razão é que o mundo está vivendo no momento um “choque de demanda”, como caracterizado na academia. Os “choques de oferta” são as quebras de safra comuns à atividade agrícola e que determinam a característica cíclica dos preços agrícolas e, portanto, da renda agrícola. Isso faz parte da natureza da atividade, estar sujeita eventualmente às intempéries do clima, a doenças, dificuldade adicional logística, como uma enchente que dificulte o escoamento de uma safra num momento crítico. Es-

tas adversidades são comuns e determinam a característica de ciclos de preços, porque quando as safras quebram em alguma região importante para a produção daquele produto os estoques vão cair de nível e os preços vão reagir. Esses preços mais altos estimulam os produtores a plantarem um pouco mais daquela lavoura ou investir um pouco mais em tecnologia - o que acaba aumentando a produção futura e determinando uma subida nos níveis de estoques e uma queda nos preços. Em produtos como batata, feijão, cujas safras são muito rápidas, tal processo demora apenas meses, e um ou dois anos para produtos como soja, milho e trigo. Já para o café ou gado, em que os ciclos são mais extensos, leva muitos anos.

### Choque demanda X oferta

Porém, o que se observa agora é a convivência desses choques de demanda de oferta, que vão continuar acontecendo no futuro como um choque de demanda no mercado internacional, promovido pelo crescimento da renda nos países em desenvolvimento. O Brasil é um exemplo, mas os mais conhecidos são a China, Índia e Indonésia, nos quais as populações, ainda carentes da quantidade de alimento necessária e com vontade de diversificar suas dietas em direção à proteína, têm aumentado aceleradamente o consumo desses produtos. É o resultado do processo crescente de urbanização da população no mundo inteiro, que vem migrando do campo para a cidade. O Brasil fez isso nos últimos 40 anos e já tem 80% da sua população nas



“O Brasil tem capacidade de ampliar sua oferta para atender tanto o mercado interno quanto o mercado internacional”

idades, mas em outras partes do mundo tal processo ainda está no meio do caminho. A China, por exemplo, tem 50% no campo, 50% na cidade. Mas daqui a 20 anos quase 70% da população do mundo, ou mais, estará nas cidades. Isso traz consequências sobre a renda e sobre a dieta alimentar. Mais recentemente observou-se também que produtos agrícolas, como milho, soja e o óleo de palma, foram usados para a produção de biocombustíveis: 40% da produção de milho nos Estados Unidos atualmente é voltada à produção de álcool. Na Ásia, boa parte da produção de óleo de soja e o uma parte da produção de óleo de canola na Europa são destinadas ao biodiesel. Então o conjunto desses elementos determinou um choque de demanda, ou seja, uma aceleração na taxa de crescimento da demanda que não tem sido acompanhada pelo crescimento da produtividade e das produções agrícolas na maioria dos produtos. Isso provoca um aumento de preços agrícolas, e será preciso um estímulo demorado para que um conjunto de tecnologias e esforços possa produzir um reequilíbrio no mercado. Isso significa tempo; pelo menos por uma década a humanidade irá conviver com o fenômeno da coincidência entre o choque de demanda e de oferta. É isso que traz a perspectiva de uma situação favorável à rentabilidade dos produtos agrícolas, em que pese um ano ou outro com uma adversidade climática ou um eventual excesso de produção, que podem derrubar um pouco a rentabilidade. O palestrante Fernando Pimentel irá colocar muitos A e B em sua classificação em relação às regiões e as atividades produtivas brasileiras. Acho inclusive muito bom falar em um momento bastante favorável, em contraste com palestras que tive que dar em 2005, 2006: é muito mais gostoso falar de algo que está dando certo e vai ajudar ao país.

## Soja e milho

Queria mostrar alguns números de soja e milho que estão no Gráfico 1. Em 2011 o Brasil colheu 24.200.000 hectares de soja, com uma produtividade excepcional, a melhor da história e que permitiu alcançar 75 milhões de toneladas, fato visto no Gráfico 2. A Agroconsult realiza um “rally da safra” todos os anos, percorrendo todas as regiões agrícolas brasileiras, visitando mais de 1.500 propriedades e tentando estimar a produtividade. No final de março a empresa esperava 72,7 milhões de toneladas, que já seria um recorde de produtividade de

produção, mas a Conab recentemente divulgou os números finais dessa safra e encontrou uma surpreendente elevação da produtividade em regiões em que a Agroconsult não teve a possibilidade de avaliar corretamente. Isso aconteceu porque o Rio Grande do Sul, Bahia e Maranhão foram visitados muito cedo, em fevereiro, e essas safras só se traduziram em números definitivos em abril.

GRÁFICO 1

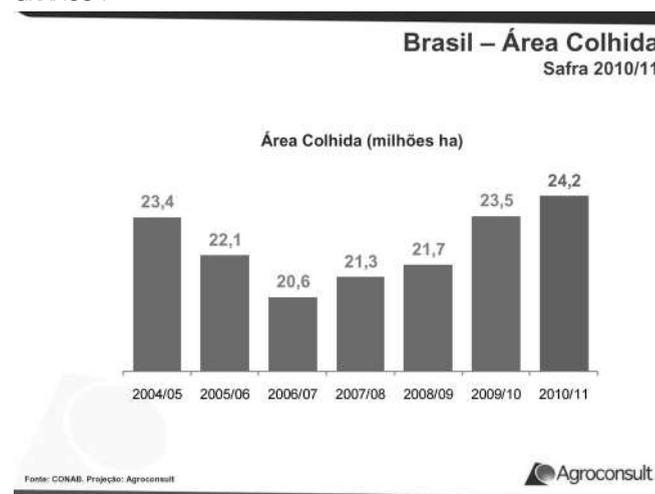
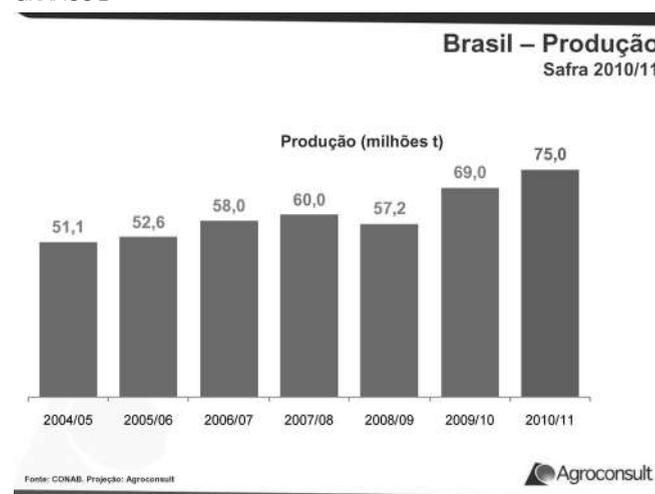


GRÁFICO 2

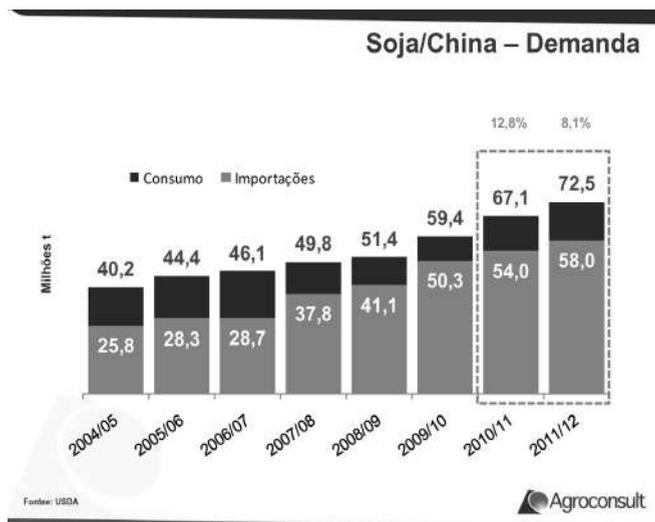


## Demanda chinesa, oportunidade brasileira

Do lado da demanda, retratada no Gráfico 3, existe uma outra situação para reafirmar o que comentei antes, de um crescimento significativo em vários países do mundo. Quem chama mais a atenção é a

China, que deve consumir uma quantidade de soja no período 11/12 quase do tamanho da produção brasileira. A estimativa do USDA aponta para 72,5 milhões de toneladas na próxima temporada. Ou seja, o que o Brasil produz, sua maior safra da história, é apenas suficiente para atender a um país, ou um cliente, que é a China. E esse cliente tem uma característica interessante: o crescimento da demanda por soja, causado pelos fatores que citei, levou o país a uma dependência de 80% de importações do que consome de soja. Isso significa também uma necessidade de mudar a estratégia de formação de estoque: se um país precisa importar 10%, 20%, do que consome, não precisa ter um estoque de segurança tão elevado assim - sua safra futura funciona como um estoque de segurança, digamos assim. Porém, no caso da China, que já vai para quase 58 milhões de toneladas importadas na próxima temporada, ela precisa mudar sua estratégia.

GRÁFICO 3



No Gráfico 4 se observa que haverá um crescimento da produção de suínos e de frangos, que são as duas principais carnes que abastecem o mercado chinês. Porém, já houve um aumento significativo ao longo dos últimos anos, especialmente a produção de suínos, que ultrapassa a marca dos 50 milhões de toneladas por ano. Contudo, o crescimento é muito diferente em relação ao consumo de farelo de soja, que tem crescido a taxas acima de 10% ao ano. Isso está acontecendo porque, além do crescimento da demanda, há uma mudança no processo produtivo dessas carnes.

O Gráfico 5 tem dados do Rabobank, que apontam que, há 10 anos, 75% da produção de carne suína na China era feita em produção familiar de subsistência, com menos de 50 animais por produtor. Esses animais

não comiam farelo de soja na ração, e sim milho, porque a China sempre produziu milho, mas eram deficientes na alimentação do ponto de vista de proteínas. De lá para cá, ocorreu uma mudança tremenda: em 2010, 65% da produção de suínos já era de produção especializada, de larga escala, com até 3.000 animais por produtor. Os animais comem uma ração equilibrada, o que supõe farelo de soja como fonte proteica. Ou seja, essa mudança do padrão de tecnologia também é um dos componentes do já mencionado choque de demanda, e tem ajudado a aumentar dramaticamente o consumo de farelo de soja. Só que, segundo a projeção para 2015, isso ainda não está completo, pois esse processo de tecnificação continuará acontecendo com reflexos muito positivos sobre a demanda e, portanto, exigindo de países como o Brasil um contínuo avanço nas produções para abastecer o mercado internacional.

GRÁFICO 4

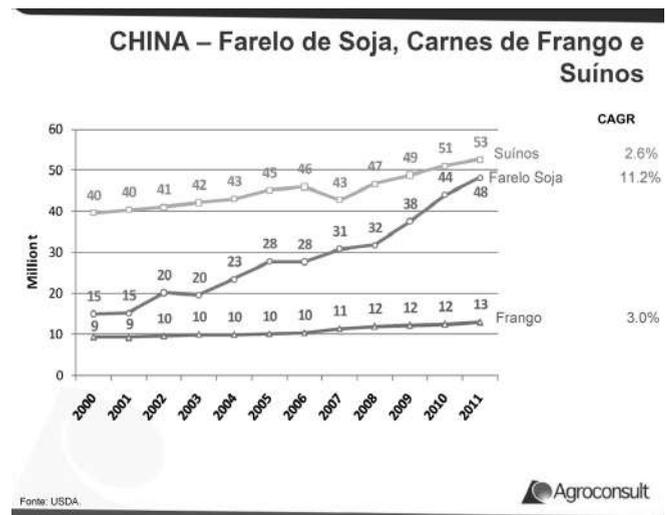


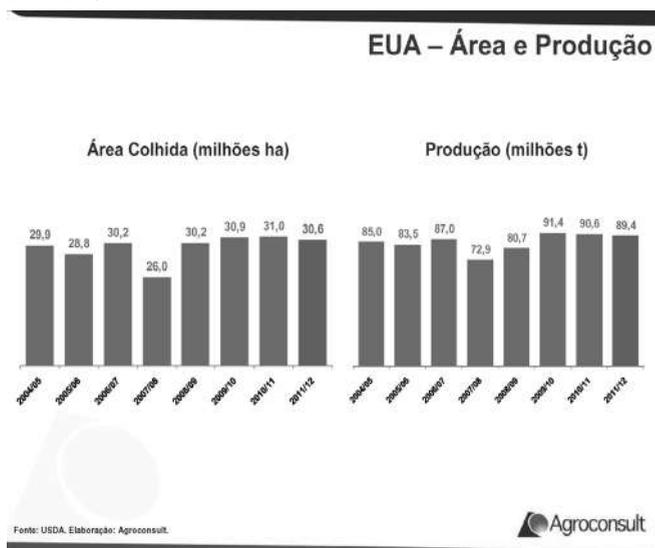
GRÁFICO 5



### Concorrente brasileiro em dificuldades

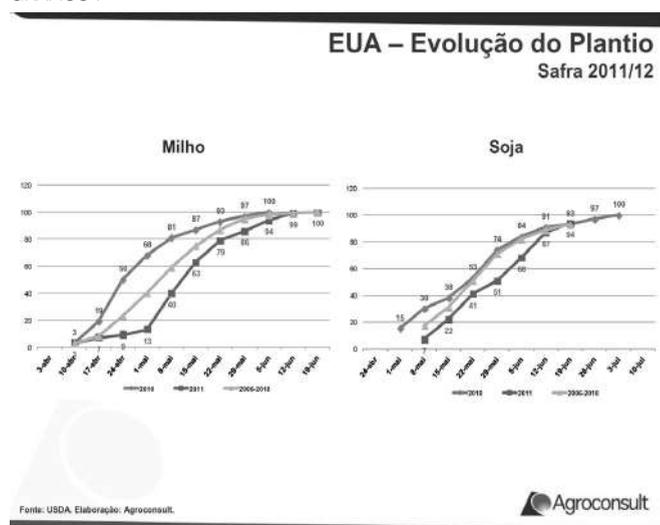
O concorrente do Brasil, os Estados Unidos, em 2011 estão com dificuldades de plantio de soja de duas naturezas: primeiro, estoques muito baixos devido a uma forte competição com o milho. Os americanos deram preferência esse ano a ampliar o plantio de milho em detrimento da soja, e, além disso, estão com dificuldade de executar esse plantio. De saída, a área plantada foi menor do que o do ano passado, reduzida de 31 milhões de hectares para 30,6 milhões. Em condições normais de clima, isso permitiria uma safra ao redor dos 89 milhões de toneladas na próxima temporada, que eles estão plantando agora e vão colher a partir do fim de setembro e início de outubro de 2011, como exposto pelo Gráfico 6.

GRÁFICO 6



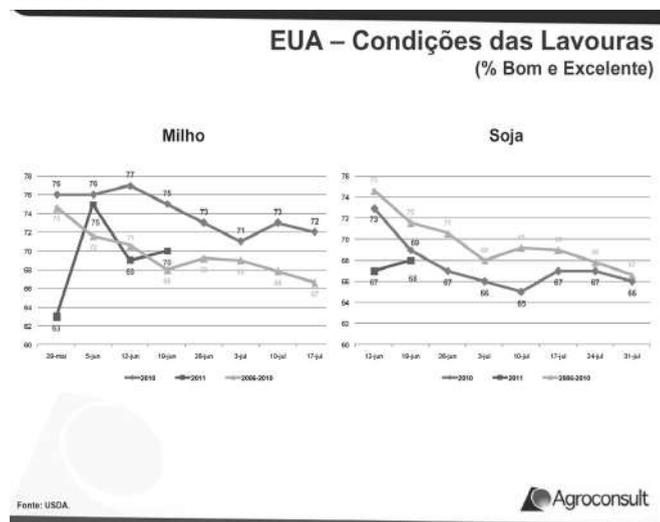
Contudo, como visto no Gráfico 7, o plantio não foi muito bom nos EUA. A linha inferior aponta o percentual plantado de milho e de soja nos Estados Unidos ao longo das últimas semanas de junho, que sempre esteve abaixo da linha do meio, que é a média dos últimos cinco anos. Ou seja, o ritmo de plantio, especialmente do milho, e quase todo o ciclo de plantio da soja foi realizado com bastante atraso, especialmente por conta da ocorrência de uma temporada de chuvas excessivas e as consequentes inundações. Como essas safras são rigorosas do ponto de vista técnico, qualquer atraso significa um risco de uma produtividade menor adiante, ainda mais pela implantação de lavoura ter sido a pior dos últimos anos e a colheita ser realizada num período já sujeito a geadas.

GRÁFICO 7



Como a expectativa já não é das melhores, o departamento de agricultura dos Estados Unidos fez a classificação sobre as condições de lavoura vista no Gráfico 8. Em relação a 2010, a linha superior à esquerda, vê-se que o milho está vários pontos percentuais abaixo, representado pela linha mais curta, que diz respeito às lavouras e condições de colheita. Da soja, à direita, só 2/3 estão em boas condições, e o terço restante está se desenvolvendo em condições desfavoráveis nesse momento.

GRÁFICO 8



Ou seja, a expectativa que se tinha de que o ano agrícola pudesse permitir uma colheita ao redor de 264 milhões de toneladas de soja no período 2011/2012 já começa a ficar duvidosa,

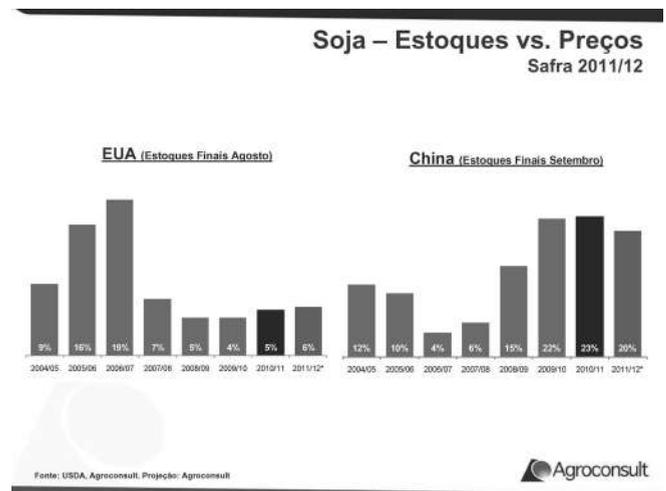
algo apontado pelo Gráfico 9. Isso começa com a safra do hemisfério Norte no 2º semestre de 2010 e se completa com a safra do hemisfério Sul do 1º semestre de 2011. Desta maneira, o mais provável é que a safra seja ligeiramente abaixo do nível de consumo, ou seja, haverá mais pressão sobre os estoques ao longo da próxima temporada. Eles, que costumavam ficar ao redor de 30% daquilo que é a necessidade de consumo, já caíram para 26% e podem cair para 25% ou menos na próxima temporada.

GRÁFICO 9



tratégia de compra. Uma eventual escassez de soja nos EUA colocará pressão e volatilidade sobre seus preços internacionais.

GRÁFICO 10



### Estoques baixos e pressão sobre o preço

Vale dizer que o grande fornecedor mundial no 2º semestre, os Estados Unidos, caminham pelo 5º ano consecutivo para um nível de estoque de passagem muito baixo, como verificado no Gráfico 10. Apenas 6% do que eles consomem estará nos seus estoques ao final da próxima safra, assim como no final dessa safra só possuía 5%. Ou seja, qualquer quebra da produtividade esperada fará os estoques americanos praticamente zerarem, significando a necessidade da redução do volume de exportação para o país abastecer seu mercado interno. Com uma quebra de safra, eles não ficarão sem soja, e sim deixarão de atender os clientes externos em favor do mercado doméstico. O grande cliente externo é a China, que atualmente tem numa situação de estoque um pouco mais confortável do que no passado, com cerca de 20% de estoque. Isso lhes permite esperar um pouco mais pela safra sul americana, reduzindo o nível de compras nos Estados Unidos, caso haja a quebra de safra. Porém, de forma alguma isso lhes dá uma tranquilidade em relação ao abastecimento, permite apenas um leve manejo de sua es-

Hoje há uma expectativa no mercado de Chicago de que os preços de soja oscilem na próxima safra ao redor dos US\$ 13,5 por bushel, ilustrado pelo Gráfico 11. Esse é um preço espetacular, mas que pode ser em função da citada possibilidade de quebra de safra. Vale fazer duas ressalvas em relação às tendências de preço: a Agroconsult está assumindo US\$ 13 por bushel como piso para essa safra, mas eu não me atrevo a dizer qual é o teto, porque vai depender das condições climáticas.

A primeira ressalva diz respeito ao valor da moeda em que a commodity é cotada - e isso vale para todas as commodities. Quase todas elas são cotadas em dólares americanos, que, sistematicamente ao longo dos últimos anos, têm perdido valor relativo quando comparado a outras moedas no mundo. Toda vez em que há uma desvalorização do dólar americano, os agentes econômicos corrigem para cima os preços das commodities nessa moeda, pois é como uma correção de inflação. Se ela perdeu valor, tem uma inflação, que é transferida para o mercado de commodities - é o que tem acontecido ao longo dos últimos anos e os economistas chamam de *rating* inflacionária.

Tal proteção dos agentes tem favorecido a formação de preços de commodities nos últimos anos. Ou seja, parte desses US\$ 13 não é a situação de oferta e demanda exclusivamente, mas é a correção que expliquei: os US\$ 13 de hoje equivale mais ou menos a US\$ 11 de dois, três anos atrás. Por que estou falando disso? Porque se a tendência se inverter e o dólar americano se valorizar nos próximos anos ou meses, haveria o efeito contrário: a redu-

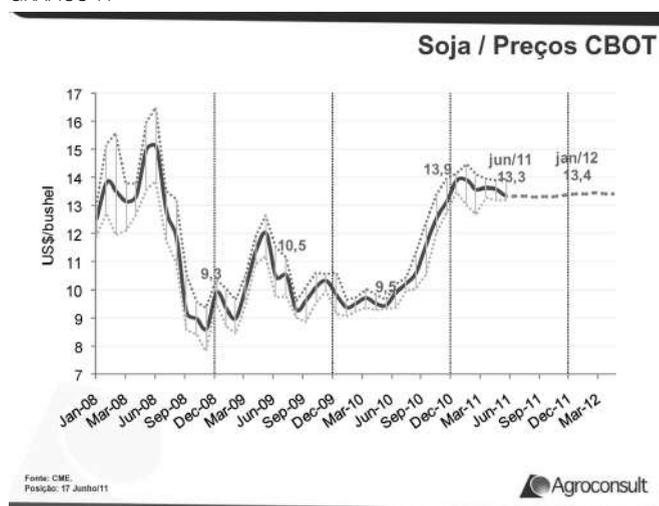
ção do valor das commodities em função apenas do valor relativo da moeda. Um outro aspecto que deve ser levantado é que a presença dos fundos de investimentos, sobretudo os *rating funds* nos mercados de commodities, é muito grande atualmente. Esses mercados são todos interconectados. Uma eventual necessidade de recursos para cobrir perdas em outros ativos ou mercados poderia justificar uma migração de recursos, até para protegê-los, em outros mercados mais seguros.

Um exemplo seria uma deterioração rápida da situação econômica de alguns países da Europa, que estão com dificuldades de refinanciar as suas dívidas, o que levaria a uma saída desses agentes dos mercados de commodities e forçaria uma queda nos preços. Ou também à subida de taxa de juros. Fazendo uma suposição: se os Estados Unidos subirem sua taxa de juros em 2% ou 3%, isso é mais do que suficiente para que alguns agentes achem mais rentável e seguro estar em títulos referenciados em taxas de juros americanos do que no mercado de commodities.

Os títulos não estão sujeitos às turbulências dos mercados financeiros e dos outros mercados; contudo, ressalvadas essas influências do ponto de vista dos fundamentos, a trajetória de preços é extremamente promissora para a próxima safra. Além disso, as relações de troca - aquilo que os produtores precisam comprometer da sua safra futura para comprar os insumos e plantar a safra atual - é a melhor em muitos anos.

Esse ano ele faz isso com 17 sacos. Portanto, eles têm um estímulo ainda maior de investir na sua atividade, expandindo a sua área ou melhorando o uso de tecnologia. Mesmo que eu considere uma volta da produtividade ao patamar normal de 50 sacos - uma vez que esse ano ocorreu uma safra espetacular de 56 sacos por hectare - a rentabilidade estaria sendo reduzida do nível de R\$ 1.100 por hectare para algo como R\$ 920 por hectare no próximo ano. Se a produtividade for a mesma, ela vai até crescer, como avaliado no Gráfico 13.

GRÁFICO 11



Se for observado o Gráfico 12, referente ao Paraná, no ano passado, a esta altura do ano, um produtor precisaria dispor de 23 sacos de soja da sua futura produção, que é em torno dos 50 sacos, para comprar o adubo, o defensivo e a semente.

GRÁFICO 12

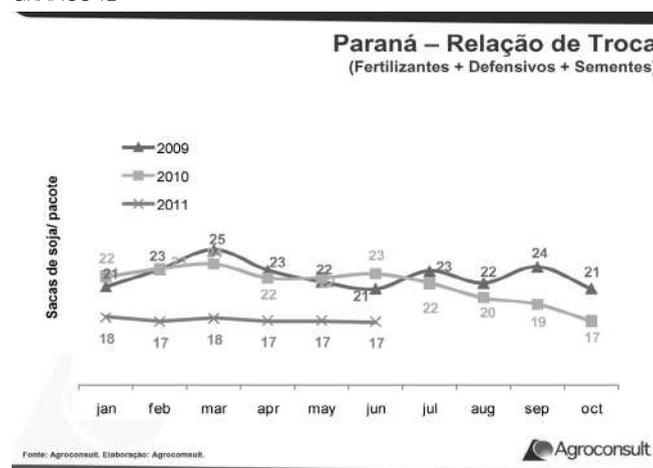
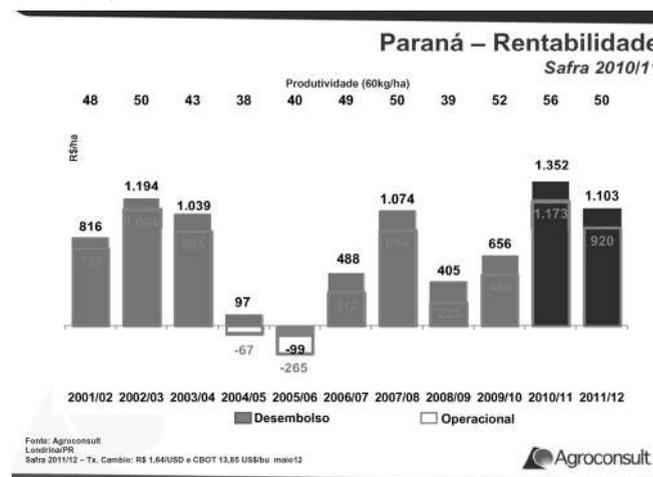


GRÁFICO 13



No caso do Mato Grosso, em que no ano passado era preciso dispor de 32 sacos de soja para financiar a compra dos insumos, exposto no Gráfico 14, em 2011 compra-se o mesmo pacote por 22. É uma diferença visível e favorável ao produtor em termos de troca, o que significa um encaminhamento muito bom da safra do ano que vem.

GRÁFICO 14

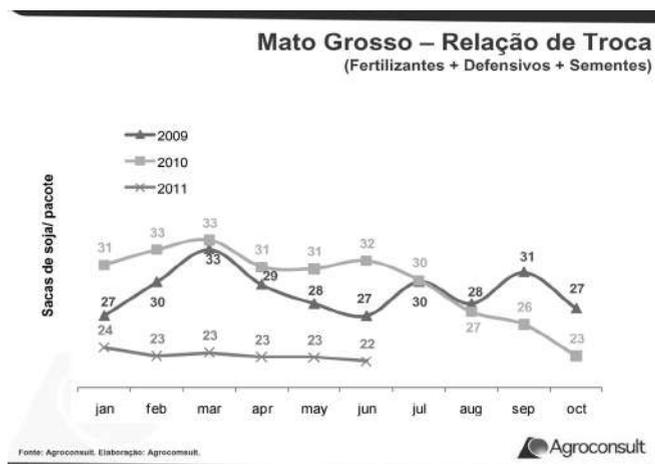
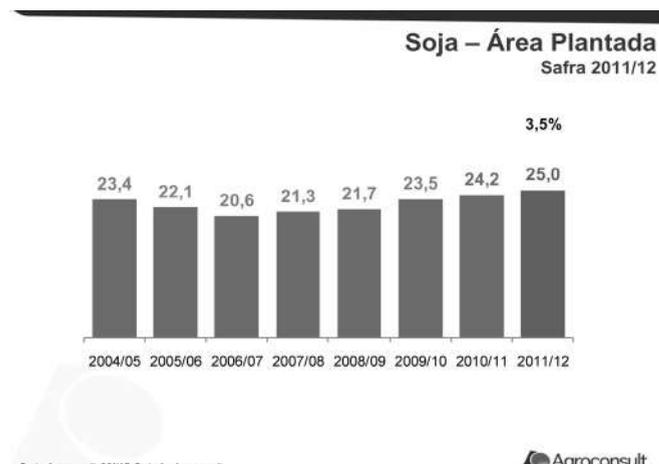


GRÁFICO 16



O palestrante Fernando Pimentel mostrou a melhoria dos ratings, o que está alinhado com o Gráfico 15. A média de rentabilidade de 2010/2011 ficou ao redor dos R\$ 700 por hectare, e deverá passar para quase R\$ 900 em 2011 se mantida a produtividade de cerca de 53 sacos por hectare.

Referindo-me especificamente ao caso do milho, o Brasil colheu uma safra rigorosamente parecida com a do ano passado, ao redor dos 56 milhões de toneladas, exposto no Gráfico 17. Isso se deu graças ao bom desempenho da safra de verão no sul do país, e já foi corrigido o desempenho desfavorável na safrinha do Mato Grosso, em função de seca.

GRÁFICO 15

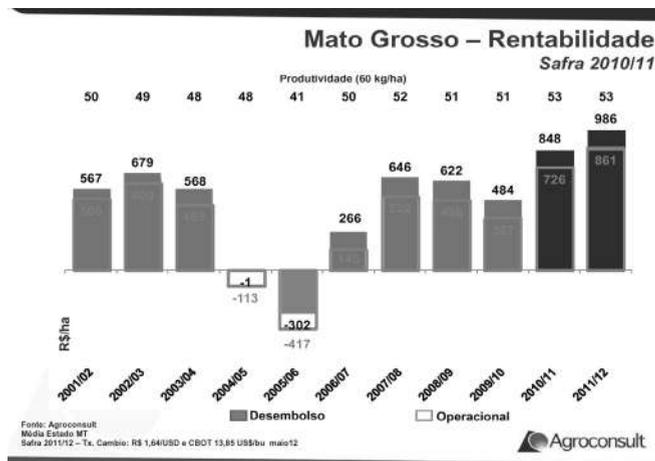
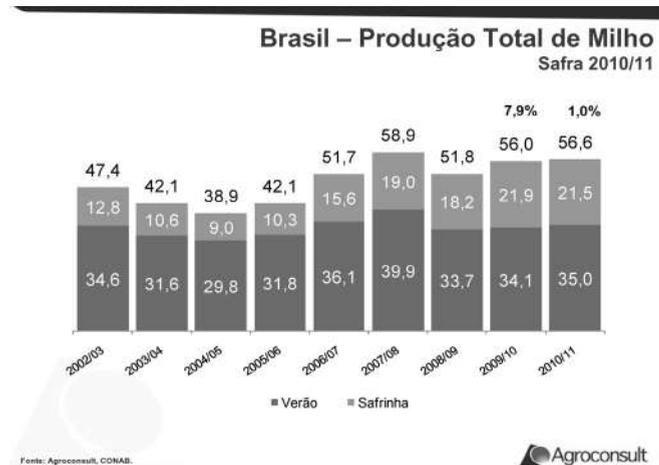


GRÁFICO 17



### Milho e soja em disputa de preços

Portanto, com tais estímulos, espera-se um plantio esse ano de 25 milhões de hectares de soja, retratado no Gráfico 16, lembrando que ela irá ceder área no Sul do país para o milho e para o algodão no Mato Grosso e Bahia. Na verdade, o crescimento líquido da soja não será de apenas 800.000 hectares, mas certamente ultrapassará 1 milhão de hectares novos, uma vez que irá ceder cerca de 500 mil hectares para as outras duas atividades.

O Quadro 1 avalia o crescimento das atividades de consumo, como é o caso da suinocultura, avicultura, pecuária de leite e de corte e a demanda internacional prevista, esta bastante aquecida pelo milho brasileiro. Pelo menos 7,5 milhões de toneladas de milho serão exportadas esse ano pelo Brasil. O que isso significa? O país terminou ano passado com 6,8 milhões de toneladas de milho em estoque, sendo 1,2 do governo. Havia uma quantidade no estoque do setor privado, mas 2.600.000 toneladas já estavam de certa forma comprometidas com a exportação. Elas estavam

depositadas no Centro-Oeste, mas seriam exportadas tão longo a logística permitisse. O saldo real disponível de milho no mercado brasileiro era de 3 milhões de toneladas no final da safra passada, o que representava 22 dias de consumo. Em 2011 são 37 dias, sem considerar aquilo que será exportado pelo Centro-Oeste, certamente pelo menos 2.500.000 toneladas. Isso significa que o mercado interno terá uma situação que aponta outra vez, muito firmemente, para a escassez de milho no final do ano.

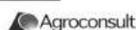
possível financiar a próxima safra. Como se produz mais de 100 sacos isso é um grande estímulo. Em 2010 eram necessários 74 sacos. No Gráfico 21 também vê-se uma sinalização de rentabilidade também bastante favorável para a safra de verão.

QUADRO 1

**Brasil – Oferta e Demanda de Milho**

Brasil (mi t)	2007	2008	2009	2010	2011
<b>OFERTA</b>					
Estoque Inicial	4,3	3,0	10,8	9,9	6,8
<b>Produção total</b>	<b>51,7</b>	<b>58,9</b>	<b>51,8</b>	<b>56,0</b>	<b>56,6</b>
1ª safra	36,1	38,9	33,7	34,1	35,0
2ª safra	15,6	19,0	18,2	21,9	21,5
Importação	1,1	0,8	1,1	0,6	0,6
Suprimento	57,1	62,7	63,8	66,5	63,9
<b>DEMANDA</b>					
<b>Consumo Total</b>	<b>43,2</b>	<b>45,5</b>	<b>46,1</b>	<b>48,9</b>	<b>50,6</b>
Aves total	18,9	20,0	20,0	22,1	23,0
Suínocultura	9,5	9,6	10,1	10,4	10,7
Outros Animais	5,6	6,1	6,0	6,2	6,4
Outros usos	9,2	9,7	9,9	10,3	10,9
Exportação	10,9	6,4	7,8	10,8	7,5
<b>Estoque Final</b>	<b>3,0</b>	<b>10,8</b>	<b>9,9</b>	<b>6,8</b>	<b>5,8</b>
Estoque com o Governo	0,7	0,3	1,1	1,2	0,6
Estoque para Exportação	1,3	2,5	1,9	2,6	?
Estoque Disponível	1,0	8,0	7,0	3,0	5,2
Estoque / Consumo (Dias)	8	64	55	22	37

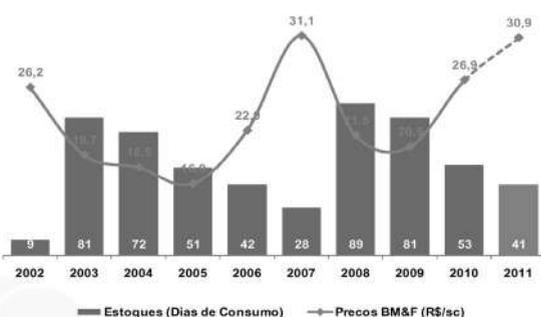
Fonte: Agroconsult, CONAB, Previsão: Agroconsult



Mostrados como uma linha no Gráfico 18, os preços da bolsa de São Paulo apontam para patamares acima dos R\$ 30 o saco na virada do ano. A Agroconsult acredita que chegará perto dos R\$ 31 o saco, porque os estoques serão menores do que eram no final do ano passado.

GRÁFICO 18

**Brasil – Futuros BM&F vs. Estoques**

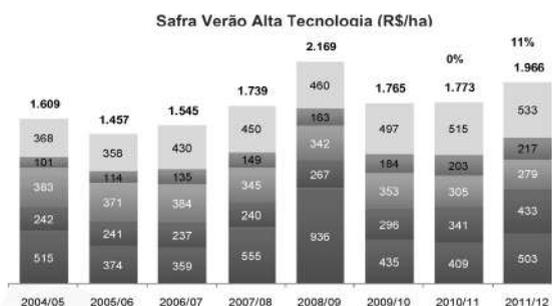


Fonte: BM&F, Agroconsult, DM&F média dos preços 4ª trimestral



O custo de produção da próxima safra está subindo cerca 11%, como aponta o Gráfico 19. Apesar disso, os termos de troca vistos no Gráfico 20 são bem mais favoráveis e vão estimular o aumento do cultivo de milho, já que com cerca de 50 sacos é

**Milho/Paraná – Custos de Produção**

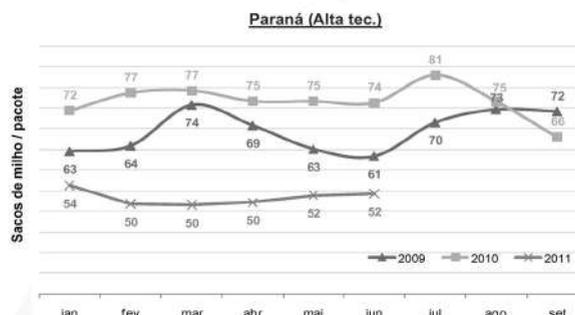


Fonte: Agroconsult.



GRÁFICO 20

**Paraná – Relação de Troca**  
(Fertilizantes+Defensivos+Sementes)



Fonte: Agroconsult.



**Alta tecnologia**

Sobretudo em se tratando de alta tecnologia, exposta pelo Gráfico 22, a rentabilidade do milho é superior àquela que a soja permite nessas regiões. Em 2010, com o milho a R\$ 14 e soja a R\$ 37, para um produtor que conseguisse produzir 50 sacos de soja ou, com o mesmo padrão de tecnologia, 140 sacos de milho, a decisão de plantio em agosto era muito favorável à soja - a linha na base é a linha de indiferença, que hoje é muito favorável ao milho. A soja precisaria aumentar R\$ 12 por saco ou o milho cair R\$ 6 por saco para poder ficar indiferente à decisão do produtor. Só que, como isso não deve aconte-

cer nas próximas semanas, provavelmente haverá uma preferência pelo milho. O produtor tem que decidir entre ambos, então poderá aumentar sua área de milho e reduzir a área de soja nas regiões em que os dois competem pela mesma área, fenômeno apresentado no Gráfico 23

GRÁFICO 21

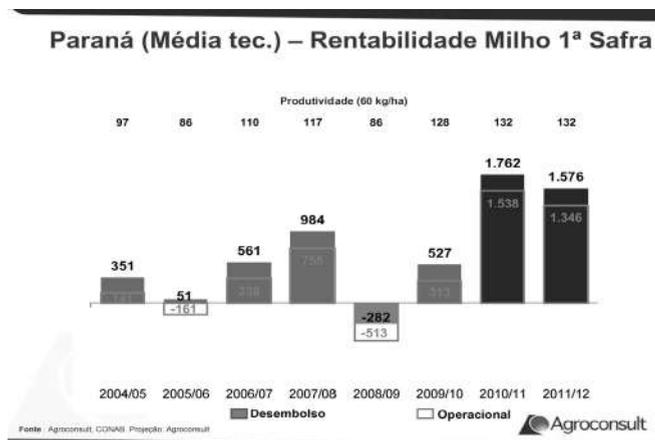


GRÁFICO 22

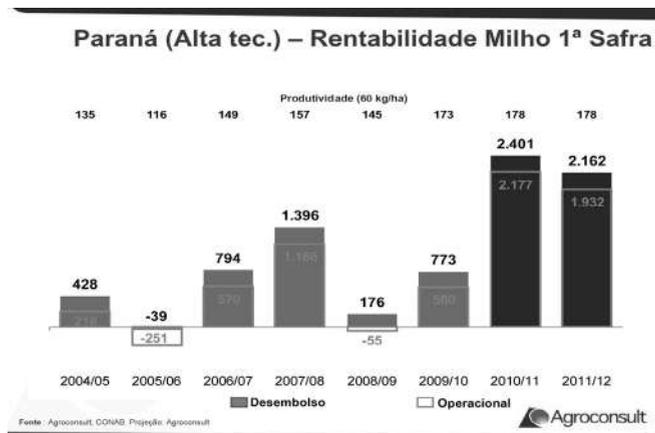


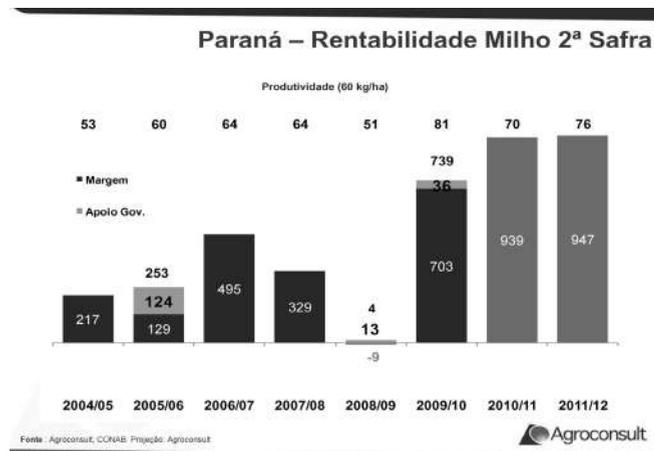
GRÁFICO 23



Observada no Gráfico 24, a rentabilidade para a safrinha desse ano também ficará bastante favoreci-

da por esse mercado. Há uma expectativa de quase R\$ 1.000 por hectare no Paraná para a safrinha que será colhida no fim de junho, além de uma sinalização positiva para o ano que vem.

GRÁFICO 24



Há uma boa expectativa de rentabilidade mesmo no Mato Grosso, onde foi necessário o governo intervir no mercado subsidiando fretes por conta da dificuldade logística. Os quatro retângulos superiores centrais vistos no Gráfico 25 representam subsídios que complementaram a renda do produtor e permitiram algum lucro. Em 2011, sem a intervenção do governo, será possível ter cerca de R\$ 300 por hectare de rentabilidade no milho safrinha, que pode ser ainda maior em 2012. Porém, como em 2011 houve uma dificuldade em relação à produtividade, esta ficará bem aquém daquilo que é o potencial do Mato Grosso: espera-se uma média em torno de 60, 63 sacos. Contudo, o Mato Grosso já colheu 85, o que é uma sinalização positiva, que aponta na direção de uma recuperação da área plantada de milho no verão. A Agroconsult espera 8.200.000 hectares contra os 7.700.000 hectares do ano passado, além de um pequeno avanço também na safrinha do próximo ano.

Vale a ressalva de que pode se configurar um mercado de milho ainda mais apertado no fim de 2011 do que esse que eu avaliei, pois os americanos pretendem colher 335 milhões de toneladas de milho, mesmo contando com suas condições de lavoura desfavoráveis. Isso é um grande desafio para eles em 2011; se ocorrer qualquer deslize de produtividade, a chance do estoque cair de forma bastante expressiva existe e ele já é muito curto.

O estoque de milho nos EUA costumava ser acima dos 40 milhões de toneladas; em 2011 são 19 e, mesmo que eles consigam obter os 335 milhões de toneladas, fica em 18 milhões.

GRÁFICO 25

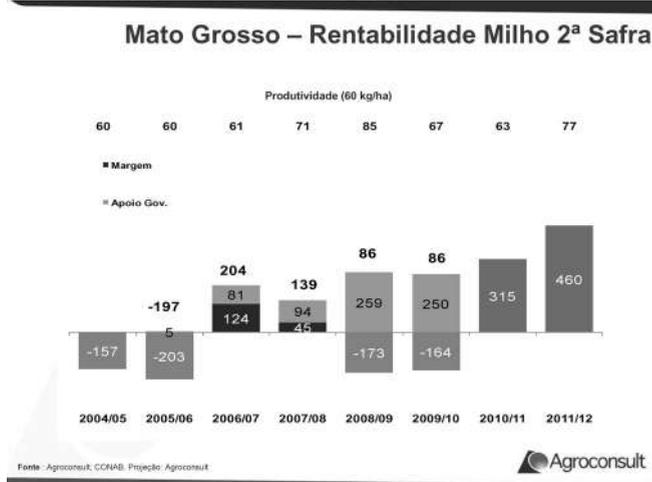


GRÁFICO 27

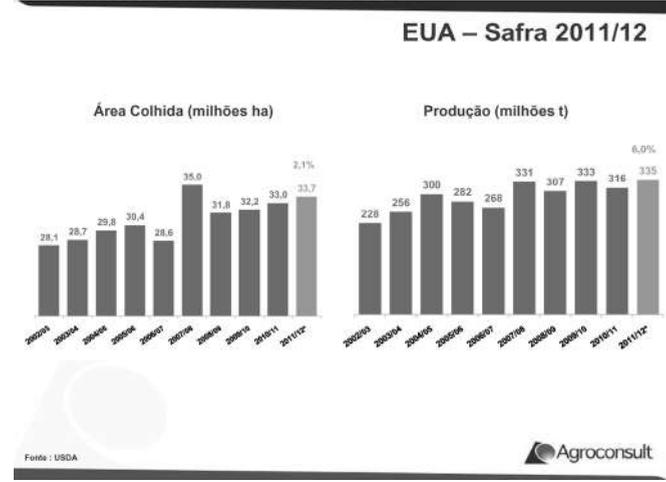


GRÁFICO 26

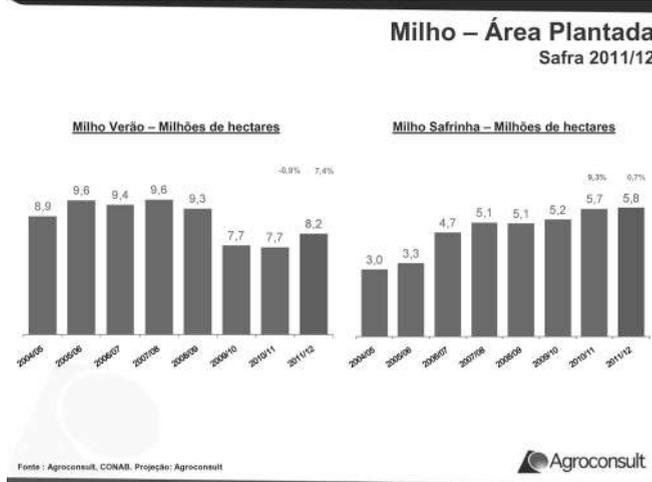


GRÁFICO 28



Ou seja, mesmo colhendo uma safra recorde eles não ter um estoque de 5%. Um deslize na produtividade pode ocorrer também no milho, mas, à semelhança da soja, os preços podem ser muito superiores ao patamar de US\$ 7 o bushel. Isso significaria mais pressão sobre o mercado brasileiro, que exportaria não 7,5 milhões de toneladas, mas de 8 a 10 milhões de toneladas para suprir alguma deficiência de exportação americana, o que pode influenciar o mercado interno, elevando ainda mais os preços do milho no final do ano.

Com isso, reitero que a perspectiva brasileira é bastante positiva para o ano agrícola 2011/2012, e deve ser ao longo das próximas temporadas. O mundo tem estoques muito baixos, e o Brasil é um dos poucos países que tem a capacidade de continuar ampliando a sua oferta para atender tanto o mercado interno quanto essa grande demanda do mercado internacional.

QUADRO 2

### Mundo – Oferta e Demanda

Mundo (MMT)	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12
<b>Estoques Iniciais</b>	126	110	130	145	141	115
<b>Produção</b>	715	795	800	813	822	873
EUA	268	331	307	333	318	335
Brasil	51,7	58,9	51,8	56,0	56,6	61,9
Argentina	22,5	22,0	15,5	22,8	22,0	26,0
China	152	152	186	158	173	178
UE	54	48	62	57	55	59
Outros	168	183	197	186	199	213
<b>Consumo</b>	727	776	783	812	849	871
EUA	231	262	259	281	293	291
China	145	150	153	159	172	181
UE	62	64	62	60	62	64
Brasil	43	45	46	49	51	53
Outros	246	255	263	263	271	282
<b>Estoques Finais</b>	110	130	145	141	115	113
<b>Relação Estoque/Usado (%)</b>	15	17	19	17	13	13
<b>Estoques Finais EUA</b>	33	41	43	43	19	18

Estimativas Agroconsult

Fonte: USDA, Agroconsult

# Oportunidades de investimento nas cadeias de grãos do agronegócio

## AMADO DE OLIVEIRA FILHO

Especialista em Mercado de Commodities

Quero agradecer ao presidente Antonio Alvarenga e à diretoria da SNA, que mais uma vez me pautaram para o Congresso e me permitiram partilhar da companhia de Fernando Pimentel e André Pessôa, dois craques da divulgação, da análise, estudos e crítica do agronegócio brasileiro. Quero provocar um debate sobre o Mato Grosso, que certamente vai ficar de frente para o mercado. Transcorridos mais de 30 anos desde o início da construção da BR 163, em função dos packs, finalmente houve um asfaltamento até o porto de Santarém. Agora, pode-se mandar milho para o Nordeste sem importá-lo da Argentina nem colocá-lo a peso de ouro para os irmãos nordestinos brasileiros consumirem. Enquanto a área plantada de milho em termos nacionais é bem insignificante, o médio norte do Mato Grosso já tem uma área aberta e produtiva que, ao chegar ao porto de Santarém, atende ao Nordeste brasileiro com milho de excelente qualidade.

Minha provocação para André Pessôa é dizer que a situação do milho em termos internacionais vai piorar muito, pois está sendo efetivamente discutido no Congresso norteamericano o fim do subsídio do etanol feito a partir do milho. Outros países, especialmente o Brasil, deverão ter o mercado maior de etanol, e isso poderá ficar mais caro do que já estava. Por isso mesmo acredito que a situação de milho no Brasil pode se complicar um pouco.

A proposta do Congresso da SNA é discutir oportunidades de investimentos dentro das cadeias produtivas do agronegócio na questão de grãos. Já antecipando, posso dizer que foi uma agradável sur-

presa ter senhoras e jovens mulheres nessa plenária. Não é assim que ocorre nas fronteiras agrícolas. Quando vou ao interior do Mato Grosso fazer palestras, prioritariamente o público é masculino, com somente uma ou duas mulheres. Quero cumprimentá-las no sentido que venham fazer coro nas questões das cadeias do agronegócio, porque há muito que fazer. É muito importante que elas participem dando orientações e trazendo bom senso.

## Há muito o que investir na cadeia brasileira de grãos

A verdade é que dentro das cadeias de grãos do agronegócio brasileiro há muito o que se investir, basta ver o que outros palestrantes disseram. O Brasil está vivendo nesse momento um “apagão” de logística, e essa seria uma frase que esclareceria plenamente as demandas nacionais por transporte - ainda mais em um setor que produz e contrata milhões de toneladas. Fixei uma observação de uma outra palestra: em determinado momento do ano, em Mato Grosso, boa parte do produto fica “armazenado sobre rodas”. É um absurdo se pensar nisso, mas acontece, pois o estado produz mais de 30 milhões de toneladas de grãos e tem uma capacidade estagnada armazenada de 26 milhões. É uma bela oportunidade de investimento, com linhas de crédito para se financiar, embora a questão de crédito no Brasil seja outro entrave, em função de garantias, mas que não são a proposta desse evento.

Há uma necessidade de investimento forte, que é o conceito



“Haverá um incremento total da ordem de 33 milhões de toneladas na produção brasileira”

de agronegócio. Na agropecuária, agricultura e pecuária, há oportunidades de investimento a montante em todas as cadeias. Existe também uma demanda muito grande por insumos, a ponto de que uma entidade de classe como a Aprosoja esteja tentando reverter cenários: ela vem fomentando a produção de alguns insumos. O Brasil perdeu um título recentemente.

O que é a questão de investimento em agronegócio? Durante muito tempo o maior produtor individual de soja do Brasil era Blairo Maggi, que tornou-se senador da república mas continua atuando em várias cadeias do agronegócio. Seu primo, Eraí Maggi, o sucedeu como o maior produtor de soja no Mato Grosso, mas atualmente nenhum dos dois são os maiores, e sim o grupo argentino El Tejar. Fiz até um artigo no site Agrolink com uma crítica muito séria, pois era uma oportunidade de investimento.

### Capitalismo: novo regime de produção

Acredito firmemente que o capitalismo permite isso, pois ele não tem fronteira nem deve ter, senão não seria capital. O capitalismo é um novo regime de produção, mas isso é muito ruim para o Brasil, pois está focado em Mato Grosso, em dois grandes municípios produtivos, basicamente Primavera e Nova Mutum. Porém, atuando dentro da agropecuária, são criados sérios problemas ambientais pois é feito o corte raso. Ou seja, isso gera um passivo ambiental para a sociedade. Se esses grupos da agropecuária continuarem vindo - pois o El Tejar é um grupo parte de um outro maior, com 14 instituições de produtores envolvidas - eles continuarão investindo, e não os brasileiros. Quando a Copa América for realizada todos se lembrarão: os estrangeiros continuarão investindo em Mato Grosso, por exemplo, expandindo-se Brasil afora, tirando riqueza, exportando lucros e deixando o passivo ambiental para ser suportado pela sociedade brasileira. Estas formas de investimento eu critico mesmo em palestras. Inclusive, em uma recente em Nova Mutum, um dos produtores que arrendam a propriedade aos argentinos levantou-se e disse: “sou um dos que arrendou a minha propriedade e estou arrependido, pois o que você disse é a absoluta verdade. Eles vêm pra cá, para o Mato Grosso unicamente, e eles arrendam a propriedade, os equipamentos, a força de trabalho, plantam, impõe o preço e saem com o lucro para fora do Brasil, para fora do Mato Grosso”. Repito que não são oportunidades de investimento muito interessantes para a sociedade brasileira, enquanto existem outras da cadeia da agropecuária benéficas ao Brasil. Por exemplo, quando há a necessida-

de de transformar e exportar mais produtos transformados do que matéria-prima, existem grandes oportunidades de investimento.

Quanto à distribuição, nem se fala, é muito maior tanto para trazer insumos agropecuários, quanto para distribuir a produção até chegar ao fast food. Os produtos produzidos no Mato Grosso certamente dependem de uma grande rede de transporte e armazenamento. Assim, quais são as tendências do país até 2021 em termos de insumos, agropecuária, indústria e distribuição? Comentarei a seguir.

### Tendências de produção

O Quadro 1 é um trabalho divulgado recentemente pelo Ministério da Agricultura e que coloca como se dará o aumento de produção do Brasil até a safra de 2021. Firmando os olhares para a produção de soja, poderá se verificar que haverá um crescimento em torno de 26%. Para o milho 24% e 16% para o trigo, somando um incremento total da ordem de 33 milhões de toneladas. Algo precisa ser feito em cima da proposta deste Congresso de Agribusiness, em termos de investimentos, pois o Brasil evidentemente não terá como conviver com uma produção nesses níveis se não existirem as bases abordadas por outras palestras. Por exemplo, a ferrovia que chega a Lucas do Rio Verde, ou a BR 163 asfaltada até Santarém, ou a BR 158 que passa pelo Vale do Araguaia cortando aquele estado e entrando no Pará.

Não é possível que em rodovias como a 163 e 364 seja impossível transitar num feriado: os carros ficam “espremidos” entre carretas. Eu tenho uma propriedade rural próxima a Cuiabá, mas saio sempre de madrugada para poder chegar são e salvo à região de São Vicente, no sentido Cuiabá-Rondonópolis. São números oficiais e que os analistas têm acompanhado.

QUADRO 1

TENDÊNCIAS DE PRODUÇÃO – GRÃOS - BRASIL				
Grãos	Unidade	2010/2011	2020/2021	Aumento %
Arroz	Milhões t	12,5	13,7	9,9
Feijão	Milhões t	3,5	3,8	8,9
Milho	Milhões t	52,9	65,5	24
Soja Grão	Milhões t	68,7	86,5	25,9
Trigo	Milhões t	5,3	6,2	16,1
<b>Total</b>	<b>Milhões t</b>	<b>142,9</b>	<b>175,8</b>	<b>23,0</b>
<b>Mais 33,0 milhões de toneladas de grãos</b>				

Fonte.: MAPA e EMBRAPA

## Produção de carnes

Não dá para discutir o aumento da produção de grãos sem olhar, mesmo que rapidamente, para a produção de carnes. No Quadro 2 pode-se ver que, nesse mesmo período, aumentou-se a produção de frango em 30%, a carne bovina em 24% e a suína em 21% - são mais de 6,5 milhões de toneladas de carnes. É mais ou menos conhecido o quanto se precisa em investimentos e oportunidades, quando se fala, por exemplo, em aumentar a produção bovina. Mas e em termos nacionais? Existem unidades industriais de sobra, mas uma desarmonia muito grande na cadeia produtiva.

Todo dia saem notícias de frigoríficos e empresas que entram num arranjo jurídico que as permite não pagar suas contas. Evidentemente, isso estoura dentro da propriedade rural. Num dos estados que visitei recentemente, vi um produtor de 50 cabeças de gado que recebeu uma proposta de receber em três anos. Tudo o que ele produziu naquele ano já estava comprometido! Mas o que importa para o tema do Congresso é que, se a produção de animais aumenta, eles consomem grãos das unidades agrícolas que produzem internamente.

QUADRO 2

TENDÊNCIAS DA PRODUÇÃO DE CARNES - BRASIL				
Carnes	Unidade	2010/2011	2020/2021	Aumento %
Frango	Milhões t	12,1	15,7	30
Bovina	Milhões t	9,2	11,4	24
Suína	Milhões t	3,4	4,1	21,1
<b>Total</b>	<b>Milhões t</b>	<b>24,6</b>	<b>31,2</b>	<b>26,5</b>
<b>Mais 6,5 milhões de toneladas de carnes</b>				

Fonte.: MAPA e EMBRAPA

Da mesma forma como a produção, o Ministério e a Embrapa divulgaram os números do Quadro 3, que achei muito interessantes, sobre o aumento da exportação de soja. Nem tanto para o farelo, mas há um porquê: as unidades industriais na China, por exemplo, não têm interesse em levar um produto mais terminado para dar emprego a mais pessoas. Isso coloca um certo risco, especialmente à produção de soja no Mato Grosso, mas as lideranças rurais já observaram tal fato.

O Mato Grosso exporta em torno 62% de sua produção para o mercado chinês; evidentemente, se lá

houver um problema qualquer, isso será frustrado. O mesmo ocorre com as carnes, que têm um crescimento significativo. O Brasil tem boas perspectivas para 2012, e ousa dizer que isso vai continuar por muito tempo. “Está tão bom que dá medo”, como digo para os produtores rurais, já que nesse setor as pessoas têm muita fé - não fé religiosa, mas de uma forma que, quando há uma boa safra, o produtor rural já acha que vai ficar boa para sempre. Só que eles investem, compram, modernizam, buscam tecnologia, e, na primeira safra ruim, podem até sair do negócio, como saíram os que arrendaram suas terras para os “hermanos” argentinos no Mato Grosso.

A verdade é que existe uma “gangorra” sim, com alguns riscos que podem atormentar nesse período.

QUADRO 3

Brasil: Projeções de Exportação 2010/11 a 2020/21				
Produto	Unidade	2010/11	2020/2021	Variação (%)
Algodão pluma	Milhões t	0,5	0,8	68,40
Milho	Milhões t	9,1	14,3	56,46
Soja Grão	Milhões t	29,3	40,7	39,06
Soja Farelo	Milhões t	13,9	15,4	10,84
Soja Óleo	Milhões t	1,4	1,5	3,95
Suco de laranja	Milhões t	2,1	2,7	27,70
Carne Frango	Milhões t	3,9	5,2	33,70
Carne Bovina	Milhões t	1,8	2,3	29,42
Carne Suína	Milhões t	0,6	0,8	31,16

Fonte: Fonte: AGE/Mapa e SGE/Embrapa - Refere-se a 2019/20

## Comércio

Da mesma forma o comércio, o Brasil passa a ser mais importante ainda. O Quadro 4 traz o que o Brasil exporta, participando do mercado atual e projeções para 2015 e 2021. São também números do Ministério da Agricultura. Pode-se observar que, mesmo fazendo tudo isso, não há uma explosão de ocupação desse mercado, mas existe sim uma manutenção de crescimento bastante interessante no caso da soja em grão.

Abordarei o princípio de área plantada, produção e consumo junto ao Gráfico 1. Tive que fazer um arranjo para evitar um número muito grande de gráficos. Quanto à área plantada, que é importante, o setor rural é acusado de ser grande predador ambiental - e é. Mas é preciso fazer uma opção entre comer, alimentar-se, ter excedentes exportáveis ou não ocupar o solo. Mas pode-se observar algo em termos nacionais: as colunas pequenas re-

presentam a área plantada, mas não há nenhum absurdo de crescimento.

QUADRO 4

2010/2011	2014/2015	2020/2021	
Açúcar	54,8	54,8	54,8
Café verde/grão	36,1	36,1	36,1
Soja/grão	30,8	31,8	33,2
Farelo de soja	23,3	23,0	21,9
Óleo de soja	15,2	14,9	14,1
Milho	9,6	10,6	12,0
Carne bovina	28,0	29,7	30,1
Carne suína	10,1	10,7	11,6
Carne de frango	44,0	46,5	49,0

Fonte: USDA, 2011, AGE/Mapa e SGE/Embrapa

As colunas intermediárias são do consumo interno; especialmente os estudantes já ouviram e tomam a seguinte frase como verdadeira: “o Brasil planta soja no Mato Grosso, no centro-oeste do Paraná e no Rio Grande do Sul para engordar boi na Europa”. Todos já ouviram isso, e ainda por cima o governo brasileiro declarou que irá continuar o que faz em 2011 até 2021.

Há um crescimento de consumo interno também, até porque a produção de carnes internamente deve aumentar. Ou seja, ela irá consumir a produção que vinha crescente e aparecerá um “nó” para o país desatar.

O Brasil deve aumentar a produção de soja em torno de 24 milhões de hectares, mas ela também vai ceder área para o algodão. Deste modo, se alguém buscar de onde vão sair essas áreas, encontrará a solução da equação: elas virão da pecuária.

No caso de Mato Grosso, isso é muito claro. Ao longo da BR 158, alguns trechos próximos ao Pará estão sendo asfaltados, e em alguns municípios a terra valorizou bastante. Elas são terras há décadas ocupadas pela agropecuária, com aptidão agrícola. Então existe sim uma forte migração da pecuária para a agricultura e é possível entender esse fenômeno.

O Brasil manteve praticamente a mesma área pois não se deseja desmatamento forte na agricultura, até porque o mundo não quer que seja assim. Evidentemente, isso pode influenciar o preço e outros detalhes a mais, mas há uma produção crescente de milho e soja - o trigo não contribui fortemente. O Brasil tem uma área praticamente estável e temos um consumo crescente, o que é importante.

## Incertezas e produção de commodities

O balanço de oferta e demanda do milho já foi mostrado no Congresso com bastante clareza. O Quadro 6 não se refere bem à cadeia de grãos, e sim à questão do algodão, algo extremamente interessante. Desde 1995, estou no setor discutindo agricultura e pecuária e a grande reclamação do setor era que não havia organização. Porém, hoje o modelo de organização do setor produtivo rural “dá um banho” em vários países também grandes produtores rurais. Já foi comentado o trabalho da Aprosoja, indicando onde devem ser feitas rodovias, etc., mas na cadeia do algodão há um detalhe: os produtores aumentam ou diminuem a produção de acordo com o mercado.

Mais de 50% da produção brasileira está no estado do Mato Grosso, como visto no Quadro 6, em números da CONAB que também aparecem no site para acesso e avaliação. Sempre que o estoque final diminui, há um aumento de produção do algodão, ao ponto que, na safra de 2010, foram 106 mil toneladas. Daí em 2010/2011 a produção aumentou para 2 milhões de toneladas de pluma. São oportunidades de investimento, pois há uma avaliação em que sempre que o estoque final cai violentamente, os investidores correm para aumentar a produção.

GRÁFICO 1



Quero falar um pouco das incertezas que, a meu ver, podem causar complicações. Sempre adorei ver gravuras e ler as histórias gregas; agora, existe um verdadeiro “presente de grego” que está se desenhando para o mundo, a crise na Grécia. Se as condições daquele país contaminarem o sistema financeiro internacional, no caso, a

questão do seguro da dívida pública, isso pode gerar uma crise já bastante conhecida de todos.

QUADRO 6

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
ALGODÃO	2005/06	524,4	1.037,8	81,6	1.643,8	983,4	304,5	355,9
	2006/07	355,9	1.524,0	96,8	1.976,7	990,0	419,4	567,3
	2007/08	567,3	1.602,2	33,7	2.203,2	1.009,2	532,9	661,1
	2008/09	661,1	1.213,7	14,5	1.889,3	983,6	504,9	400,8
PLUMÃO	2009/10	400,8	1.194,1	39,2	1.634,1	1.014,9	512,5	106,7
	2010/11	106,7	2.037,8	150,0	2.294,5	1.065,6	630,0	598,9

Fonte.: CONAB

O Brasil passou “incólume” por ela, mas foi preciso fazer milagres, por exemplo, aumentando o consumo interno para que a “roda da economia” se mantivesse girando. Houve protecionismo não só dos países importadores, mas também dos produtores, sobretudo desses. Recentemente, a secretária de estado americano Hillary Clinton da FAO disse: “precisamos controlar os preços das commodities, isso não pode ficar solto”. Até parece que os Estados Unidos não produzem commodities! A minha preocupação - eu que sou a metade deles - é pensar “talvez eles, que são maiores, não pensem dessa forma”. Mas como se realizaria? Eles controlariam o preço, mas eles mesmos formam os preços dessas commodities.

O preço da soja em Mato Grosso é o mesmo preço da soja em Chicago, é claro, subtraído de todos os gastos para que essa soja chegue em Chicago. Os gráficos do palestrante Fernando Pimentel mostraram o caso que ocorre quando se coloca a renda no Cerrado, mais ao norte do Mato Grosso: a renda é menor. Isso ocorre porque o preço está firmado nas bolsas internacionais, e tudo o que o produtor gastar, inclusive impostos, é hipoteticamente subtraído - e todos sabem o quanto o Brasil é pródigo em gerar impostos em cima do setor produtivo. Tal processo se chama “diferencial de base”, um termo técnico.

## Controle internacional de preços de commodities

Então eu acredito que acontecerá alguma coi-

sa sobre o controle internacional de preços de commodities no período em que estou avaliando. De alguma forma, o brasileiro também é pródigo em absorver isso. Não estou fazendo nenhuma apologia a desmatamento, a crimes ambientais, que é um caso de polícia. Porém, quando os norte-americanos falam que “a floresta lá é produção aqui”, discordo de gente que defenda. Quando alguém falar que é preciso controlar o preço das commodities, é bom esquecer que estados como o de Mato Grosso vivem basicamente dentro de uma visão de uma trade de subproduto na produção dessas commodities.

Tenho certeza que haverá gente criando ONGs para defender o controle desses preços, o que me dá medo de pensar. Não estou vendo nenhuma instituição boa para fomentar tal questão no Congresso para que já se comece a debatê-la. As entidades de classe têm que se posicionar, para conhecer, participar, impor e decidir essas regras. Não se deve esquecer que muitos políticos têm poder de mando e fazem muita questão de ficar bem com outros países, principalmente aqueles que ditam as ordens mundiais.

Outro ponto: mudanças climáticas. Tudo o que li ultimamente impõe que as questões climáticas são fenômenos que podem causar prejuízos, até sobre informações do governo. Evidentemente, não se deve levar “ao pé da letra”, como a previsão do tempo, que estima que por todo um período de inverno, não haverá influência de El Niño e La Niña. Faz tempo que eu não via essa previsão, então o inverno não deverá sofrer influências.

Quando Fernando Pimentel mencionou a “gangorra da agricultura” fiquei muito contente, então inseri o Gráfico 2 para explicar isso especialmente na questão da soja. Quando se fala em soja, todos a consumimos de alguma forma, como na margarina. A soja tem hoje seguramente mais de 104 subprodutos, sejam grãos, farelo, óleo envasado e óleo glúten degomado.

Com esses quatro produtos, parece que a soja se encerrou, mas lembro que existe até um leite, chamado Nan, que se assemelha muito ao leite materno. Ele tem um componente da soja que o faz chegar próximo ao leite materno, mas que é importado pelo Brasil da Holanda. Só que a soja foi para lá ao preço de US\$ 40 mil a tonelada. Então a soja pode estar na sua vida ou na vida de seus filhos.

## O fenômeno da gangorra

O Gráfico abrange 2004/2005, mas mostra o fenômeno da gangorra: quando há um estoque mundial de soja crescente, há um estoque de óleo decrescente. Quer dizer, eu espero que tudo o que

comentei aconteça de fato. Por que acontece a gangorra? A indústria não precisa dela, que está totalmente comprada, basta ela buscar o mercado e comprar. Espero que não se permita que essa gangorra ocorra.

Vou pedir que os pesquisadores continuem pesquisando e estudando para orientar bem o setor produtivo. Porém, mais do que toda essa “montanha” de dinheiro que foi discutida, ou de toda essa produção, pode-se fazer uma reflexão sobre o mundo: um grupo, certamente os presentes ao Congresso, chegará em casa e perguntará “o que tenho para o jantar”? Outro grupo, um que incomoda muito os produtores, perguntará “será que vai haver nada para o jantar”?

### Do Mato Grosso para a África

Quando falo isso, estou imaginando a produção agrícola na África, que está fazendo milagres e engenharias das mais estranhas - estão querendo levar produtores de Mato Grosso para Moçambique. Há pessoas de Mato Grosso produzindo no Sudão com sucesso, em função do mesmo paralelo.

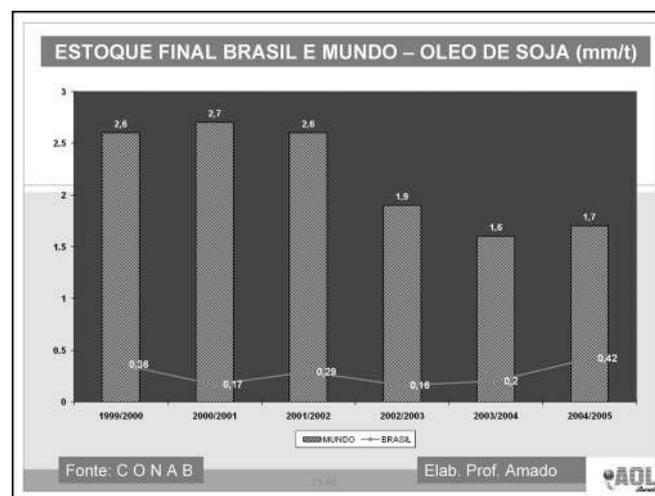
Há uma Revolução verde do professor Norman - mais familiar aos agrônomos do que a mim, que sou economista - acontecendo na África. Moçambique, por exemplo, está muito feliz, porque em 2008 seu presidente foi à televisão anunciar a Revolução Verde. Ela foi lançada no solo com sementes selecionadas, fertilizantes, numa escala adequada e com precisão, o que aumentou a produtividade. Se alguém pesquisar, verá que a produtividade é sempre crescente em todo o estado da federação. Moçambique está muito feliz, porque conseguiu aumentar de 2 “juntas” de bois para cada família para 4 juntas, permitindo às pessoas gradearem a terra. O tamanho médio da lavoura passou de 1,5 hectares para 5 hectares. Não deixa de ter uma Revolução Verde em números relativos, mas com

esse grupo sujeito à fome o Brasil, internamente, preocupa-se muito com isso. 

GRÁFICO 2



GRÁFICO 3



# Cadeia produtiva do café

## GUILHERME BRAGA ABREU PIRES FILHO

Presidente do Centro de Comércio do Café do Rio de Janeiro  
e diretor-geral do CECAFÉ- Conselho dos Exportadores de Café no Brasil

**M**eu assunto é a cadeia produtiva do café, certamente o “pai” ou a “mãe” de todos os grãos que hoje impulsionam o desenvolvimento do país. O café começou no Brasil em 1727, portanto tem 284 anos de história. É dispensável destacar sua trajetória ao longo do tempo, pois já é bem conhecido seu efeito desbravador, que impulsionou a economia brasileira, e sua influência cultural.

Uma série de feitos fazem parte dessa trajetória maravilhosa. Porém, acho muito importante fixar um aspecto marcante da “vida” do café: no decorrer dos 284 anos da atividade, quero crer que hoje o café, provavelmente, atravessa o melhor momento de sua história. O Brasil acaba de colher uma safra recorde, sabendo-se que a safra vai de julho de um ano a junho do ano seguinte. Portanto, no último mês de junho, segundo a estimativa da CONAB, foi colhido um recorde de 48 milhões de sacas. O mercado, de modo geral, converge para 52, 53 milhões, que é um número importantíssimo. Também há a circunstância de que essa alta produção foi comercializada a preços ascendentes em 2011, quer dizer, ela não exerceu o efeito de pressão sobre os preços e ainda significou que ela teve boas condições de comercialização.

Existe mercado para o café brasileiro, que, como vou apresentar mais adiante, está proporcionando ao Brasil cerca de 35% de participação no mercado dos países importadores de café. O Brasil é o 2º maior consumidor mundial, consumindo o equivalente a 19 milhões de sacas, enquanto os países produtores consomem cerca de 38. Deste modo, o Brasil está criando e desenvolvendo os mercados que são capazes de absorver essa safra sem maiores impactos. No começo de junho de 2011, o CECAFÉ, que tem tradicionalmente um encontro internacional em São Paulo, colocou o tema dos desafios para próxima década, 2011/2020. As

opiniões foram, de um modo geral, otimistas para o cenário do café, não só por essas características, mas também pelo fato de que o consumo mundial vem mostrando um bom nível de crescimento.

Nos grandes países consumidores, como Estados Unidos, Europa e Japão, existe o problema de crescimento muito moderado, pois de algum modo a crise econômica os afeta. Não afetou no sentido de reduzir os volumes consumidos, mas houve substituições nas faixas de consumo. Por exemplo, nos cafés ditos especiais, como orgânicos e uma gama de produtos variados, que ainda são um nicho de mercado. Eles são um nicho crescente, eu diria que já representam 15% a 20% do consumo, mas sofreram uma certa redução porque o consumidor passou a substituir o consumo dessas qualidades por cafés mais convencionais, de boa qualidade também, mas convencionais, barateando o seu consumo. Isso é um evento que tem que ser trabalhado para que se retome uma demanda cada vez melhor por cafés de qualidade - até porque o Brasil vem fazendo um grande esforço no setor de produção para ampliar essa faixa de consumo, que encerra um valor agregado considerável.

DANIELLEMEDEIROS



“As perspectivas para café nos próximos anos são favoráveis”

### Tradição do setor cafeeiro

O setor café tem uma tradição de muitos anos de organização da sua cadeia, como apresenta o Quadro 1. Hoje existem três segmentos básicos bem identificados na produção comércio-indústria. Eles têm a sua representação através de identidades devidamente formalizadas. Na área da produção, estão os produtores independentes que fazem parte do sistema sindical, como sindicatos, federações e confederações; já as cooperativas têm uma entidade própria chamada Conselho Nacional do Café, que abrange principalmente as cooperativas

mineiras, já que nos estados o cooperativismo de café deixou de ter importância. O comércio é integrado não só pelo CECAFÉ, que é a entidade que representa os exportadores e que tem um papel grande no suprimento interno e não só na exportação: o consumo interno é complementar à atividade exportadora. E também há os comerciantes regionais, os chamados maquinistas, que operam nos seus municípios, nas suas áreas e que têm uma grande influência positiva principalmente na área dos pequenos produtores. Na área industrial, há duas organizações: uma é Associação Brasileira da Indústria do Café, que se dedica ao café torrado e moído, mercado em franca expansão; a outra é a Associação Brasileira do Café Solúvel, que representa, dentre os países produtores, o maior parque industrial. Embora inferior ao de alguns países consumidores, como a Alemanha principalmente, é importante no sentido de possibilitar um acesso de mercado a produtos com valor agregado.

que eu acabei de mencionar - começaram a se organizar, criando um processo de integração para fazer com que o setor, como um conjunto, pudesse ter participação na formulação das políticas governamentais. Isso acabou sendo formalizado por volta de 1995 com a criação desse conselho, que funciona perfeitamente até hoje e é composto de representações paritárias no setor público e no setor privado. Ele é dirigido pelo ministro da Agricultura, e a sua função básica é atuar como órgão de coordenação entre as ações públicas e privadas visando resultados. Sua atribuição principal é gerir o chamado Fundo Café, algo que dá ao setor cafeeiro uma vantagem singular que eu acredito que os outros produtos não tenham: ter um fundo próprio, que foi formado através da cobrança de uma taxa nas exportações de café. O fundo, hoje, tem um valor de cerca de quase R\$ 4 bilhões, que é o ativo desse fundo traduzido em 95% dinheiro. Ele alimenta os programas do setor produtivo, como financiamentos de custeio, colheita, etc, bem como a organização do fluxo da colocação da safra no mercado para evitar impactos. Esse conselho vem funcionando bem, com o setor privado tendo uma participação que eu diria positiva porque representa uma forma de compartilhamento das decisões entre estado e o setor privado. Isto gera condições de bom desenvolvimento.

QUADRO 1



Institucionalmente, esses setores estão organizados no âmbito do chamado Conselho Deliberativo da Política do Café, exposto pelo Quadro 2. Fazendo uma breve retrospectiva: como se sabe, desde 1906, com o famoso convênio de Taubaté, o café sofreu graus variados de interferência do estado até os anos 50. Quando ocorreu a criação de um órgão federal, o Instituto Brasileiro do Café, toda a política do café brasileiro, produção, comércio, indústria, etc, passou a ser gerida por esse órgão. Isso levou à modernização da estrutura administrativa do setor público, no início do governo Collor, mas levou à extinção do IBC e criou-se um certo vazio em termos de regulação. Nessa ocasião, os setores privados - os

QUADRO 2

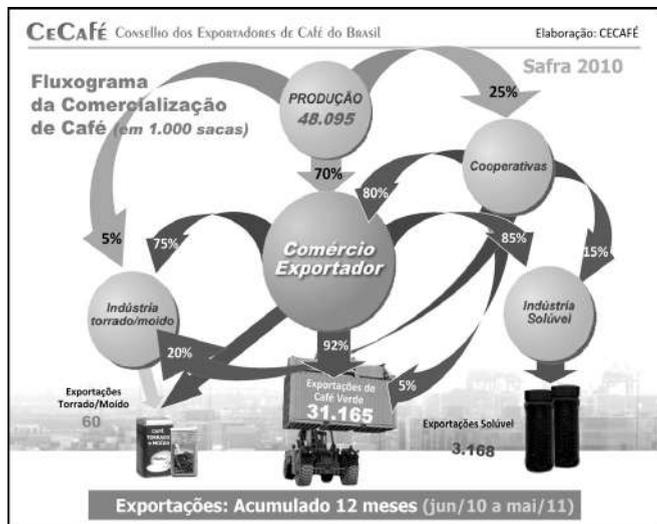


### Comércio exportador

O Quadro 3 é uma apresentação que destaca o papel do comércio exportador. O comércio é o grande canal do fluxo de suprimento, pois ele compra, por exemplo, cerca de 70% da safra dos produtores. Estes, por sua vez, vendem à indústria não mais do

que 5% e canalizam para as cooperativas cerca de 25%. A exportação do café verde ainda é o grande volume, com cerca de 91%; o solúvel produz o equivalente a 3 milhões e 100 mil sacas. Estes são dados bastante atualizados, fechados em 31 de maio de 2011. Quanto à exportação brasileira, ainda muito incipiente no torrado e moído, são 60 mil sacas por ano. É um mercado que vem tentando se desenvolver, mas se depara com as dificuldades próprias da falta de internacionalização da indústria. Quer dizer, tenta-se vender café do Brasil, mas o canal principal do mercado interno é o supermercado, que exige estocagem e distribuição, e isso não se adequa.

QUADRO 3



Atualmente o parque produtor brasileiro está segundo dados da CONAB, como no Quadro 4, organizado nessa última safra, que foi recorde. Os 48 milhões que citei, mas o mercado trabalha com um número um pouco superior. Minas Gerais tem cerca de 50% da área e da produção; o Espírito Santo está numa outra faixa, de cafés da variedade robusta, além de São Paulo, Bahia, Paraná, etc. Está ocorrendo também um deslocamento crescente para outros estados, um movimento rumo ao Norte: começam a aparecer no mapa de produção estados como Mato Grosso, Goiás, Maranhão, Pará e um pouco em Rondônia. Esse processo, se não for prejudicado pela questão do aquecimento global, acredito que seja inevitável. Isso é um fato que se observa em todo o histórico do café, que se coloca de uma maneira simplista. Diz-se que o café é um produto agrícola, mas talvez como nenhum outro tenha uma força econômica imensa para desbravar uma região e instalar prosperidade. Só que, uma vez instalada a prosperidade, ele é expulso porque não consegue

conviver. Foi algo a que se assistiu ao longo de toda a história do café, em Campinas, no próprio Rio de Janeiro, Ribeirão Preto, Londrina, etc, centros cafeeiros importantes que se industrializaram e onde o café atualmente não “habita” mais.

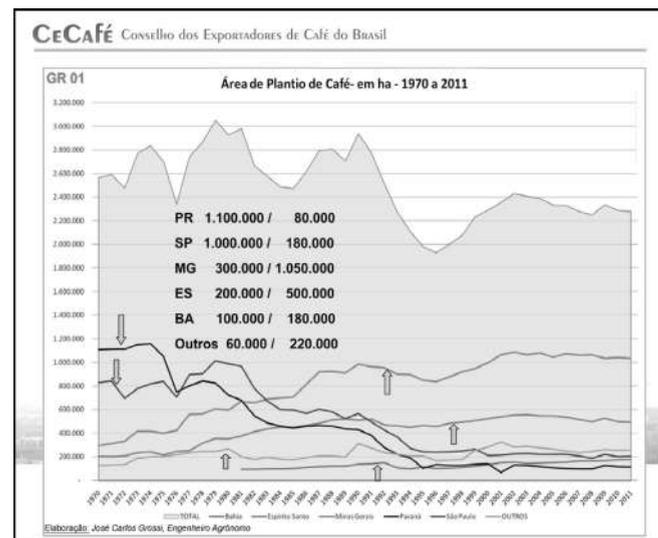
QUADRO 4

CeCAFÉ Conselho dos Exportadores de Café do Brasil				
Produção Brasileira de Café por Região				
Ano-Safra 2010				
Regiões Produtoras	Área (ha)	População Cafeeira (Mil Covas)	Produção (Mil sacas 60Kg)	Produtividade (sacas / ha)
Minas Gerais	1.138.218	3.571.505	25.155	24,99
Espírito Santo	495.510	1.222.327	10.147	22,05
São Paulo	175.781	490.647	4.662	27,89
Bahia	150.014	358.408	2.293	16,43
Paraná	93.250	346.530	2.284	27,90
Outros	236.420	440.164	3.554	16,07
<b>BRASIL</b>	<b>2.289.193</b>	<b>6.429.581</b>	<b>48.095</b>	<b>23,16</b>

## Transformações

Apenas para se ter uma ideia das transformações: o Gráfico 1 vai dos anos 70 até a atualidade. A grande concentração estava no Paraná e em São Paulo, com poucos estados produzindo. Atualmente, pelos dados pode-se observar que a realidade é outra. Um grande fator de movimentação foi o problema das geadas, que ao longo da história do café tiveram um impacto, mas não se fala mais desse fenômeno há 15 anos. Isso significa que o café deixou as áreas mais quentes.

GRÁFICO 1



O Quadro 5 traz a estrutura da produção brasileira, com dados do IBGE do censo de 2006. A instituição trabalha com uma área um pouco menor do que a área da CONAB, que assume que o Brasil tenha cerca de 2 milhões de hectares ocupados pelo café, enquanto o IBGE trabalha com 1 milhão e 700 mil hectares. O interessante é observar a expressão da economia familiar, que no café tem essa característica bem presente - nem tanto no café arábica, mas no conillon isso é mais visível, a porcentagem é maior. A produção se divide nessas categorias. O tema da palestra não é esse, mas quero dar um panorama da estrutura básica.

QUADRO 5

CeCAFÉ Conselho dos Exportadores de Café do Brasil					Fonte: IBGE, Censo 2006				
Produção Brasileira de Café - Familiar e Não Familiar									
	Área (ha)	Part.(%)	Produção Mil sacas	Part.(%)		Área (ha)	Part.(%)	Produção Mil sacas	Part.(%)
<b>BRASIL</b>	<b>1.687.747</b>	<b>100%</b>	<b>39.346</b>	<b>100%</b>	<b>Arábica</b>	<b>1.292.240</b>	<b>77%</b>	<b>31.495</b>	<b>80%</b>
Empresarial	920.692	55%	24.271	62%	Empresarial	778.587	60%	20.740	66%
Familiar	767.055	45%	15.075	38%	Familiar	513.653	40%	10.755	34%
					<b>Conillon</b>	<b>395.507</b>	<b>23%</b>	<b>7.851</b>	<b>20%</b>
					Empresarial	142.105	36%	3.531	45%
					Familiar	253.402	64%	4.320	55%

A estrutura agrária se mostra semelhante, como observado no Quadro 7: a grande concentração está na faixa de menos de 10 hectares, confirmando a expressão do pequeno produtor. Enquanto isso, as propriedades acima de 500 hectares, por exemplo, têm um volume percentualmente muito pequeno.

QUADRO 7

CeCAFÉ Conselho dos Exportadores de Café do Brasil					Fonte: IBGE, Censo 2006				
Grupos de Área: Arábica x Robusta									
	Arábica		Robusta			Arábica		Robusta	
Grupos de área colhida (ha)	Estabelecimentos (%)	Quantidade (%)	Estabelecimentos (%)	Quantidade (%)	Grupos de área colhida (ha)	Estabelecimentos (%)	Quantidade (%)	Estabelecimentos (%)	Quantidade (%)
maior de 0 a menos de 10	76,83	34,58	78,33	51,32	de 10 a menos de 20	6,49	11,59	5,85	16,14
de 10 a menos de 50	3,99	16,91	2,34	15,10	de 50 a menos de 100	1,00	12,42	0,47	7,88
de 100 a menos de 200	0,50	10,96	0,12	3,63	de 200 a menos de 500	0,20	9,97	0,04	2,91
de 500 a mais	0,02	3,57	0,01	3,04					

## Tecnologias

Em termos de tecnologia, abordada pelo Quadro 8, há um aspecto importante: quando eu disse que o café atravessava um momento favorável, deixei de mencionar que isso também era o efeito de uma cafeicultura com a melhor produtividade e modernidade de todo o ciclo histórico brasileiro. Ela está amparada num processo de pesquisa importantíssimo, pois houve investimentos, nos últimos 10 anos, de US\$ 90 milhões em pesquisas. Não acredito que produto algum na economia brasileira que tenha recebido tal soma de recursos. O resultado de todo esse trabalho, dessa movimentação, é que hoje existe uma diversidade dos sistemas de produção das quais o Quadro 9 destaca algumas.

Atualmente, a área mais moderna do ponto de vista tecnológico de manejo e de variedades genéticas é o oeste da Bahia, onde o café não tem mais do que 15 ou 20 anos. Lá está o mais moderno da cafeicultura brasileira, por exemplo, como a utilização do adensamento, que é uma forma dos produtores concentrarem a produção em áreas melhores.

A produtividade só é possível onde exista disponibilidade de água, o que tem gerado uma matriz de custo de produção muito variada. Quer dizer, existem diferenças superiores a 30% entre a área mais moderna, quer dizer, os cafés irrigados sempre adensados e os cafés de montanha, de serra, etc. Todas essas vari-

QUADRO 6

CeCAFÉ Conselho dos Exportadores de Café do Brasil					Fonte: IBGE, Censo 2006				
Produção Brasileira de Café – Número de Estabelecimentos									
	Arábica	Part.(%)	Conillon	Part.(%)	TOTAL	Part.(%)		Arábica	Part.(%)
<b>BRASIL</b>	<b>200.859</b>	<b>100%</b>	<b>85.984</b>	<b>100%</b>	<b>286.843</b>	<b>100%</b>		<b>200.859</b>	<b>70%</b>
Empresarial	40.172	20%	13.757	16%	53.929	19%		40.172	20%
Familiar	160.687	80%	72.227	84%	232.914	81%		160.687	80%

ações tornam muito complicada a questão de avaliação em termos nacionais, ensejando observações do ponto de vista regional.

QUADRO 8

CeCAFÉ Conselho dos Exportadores de Café do Brasil Fonte: Pesquisa USP/Pensa illy

Tecnologia: Arábica x Robusta

Área	Arábica N	Robusta N	Produtividade Sacas por ha		Irrigação		Mecanização	
			Arábica	Robusta	Arábica %	Robusta %	Arábica %	Robusta %
< 50 ha	153	22	29,63	43,32	6,54	72,27	11,18	0,00
50-200 ha	105	13	34,77	40,08	12,95	43,08	23,05	0,00
200-500 ha	43	0	33,12	—	7,33	—	35,54	—
> 500 ha	41	7	36,36	53,00	35,00	80,00	62,75	18,57
Número	342	42	32,45	43,93	31,17	64,52	37,09	3,09

levando a bons níveis de consumo também por preço - a Associação da Indústria projeta esse ano para 20 milhões de sacas, o que levaria o Brasil, se mantido esse nível de crescimento por alguns anos, a se constituir o principal consumidor mundial.

QUADRO 10

CeCAFÉ Conselho dos Exportadores de Café do Brasil Fonte: ABIC

Consumo Interno

	Consumo Interno		Preço Médio no Varejo R\$ / Kg
	toneladas	Milhões de sacas 60Kg	
2000	660.000	13.200	6,07
2001	680.000	13.600	4,93
2002	700.000	14.000	4,48
2003	685.000	13.700	5,88
2004	745.000	14.900	7,14
2005	775.000	15.500	8,10
2006	815.000	16.300	7,90
2007	855.000	17.100	10,06
2008	885.000	17.700	10,05
2009	920.000	18.400	10,44
2010	955.000	19.100	10,32
2011 *	1.013.500	20.270	10,79

\*estimativa

QUADRO 9

CeCAFÉ Conselho dos Exportadores de Café do Brasil Fonte: CONAB

Custos de Produção ARÁBICA Por Sistema de Produção

(R\$/60Kg)	Ano-Safra
<b>Sistema de Produção</b>	<b>2010</b>
Semi Adensado (de 24 a 30 sacas / ha)	337,03
Adensado (30 sacas / ha)	378,10
Irrigado Semi Adensado (de 50 a 55 sacas / ha)	247,94
Lavoura de Serra (de 23 a 30 sacas / ha)	346,50

## Consumo interno

No consumo interno, observando o Quadro 10 nota-se o consumo crescente, que tem a ver, de um lado, com estabilidade de preços ao consumidor. Por outro, acompanha-se o fato de que há, visivelmente, um incremento de renda da população. Soma-se ao fato de que o café hoje tem uma imagem muito favorável, não só pela remoção de mitos como “faz mal para isso ou aquilo”, pois praticamente todos tiveram comprovada sua inconsistência técnica. Tal imagem favorável está

## Concentração da produção

A produção tem uma grande concentração na região sudeste, vista no Quadro 11, local onde estão as grandes indústrias. Porém o café está espalhado em todo território nacional. Quanto ao número de marcas, acredito que não haja uma explicação lógica, pois não é eficiente existirem mais de 2.400. A fixação de uma marca é um negócio complicadíssimo, e também há um grande número de empresas, 1.200, o que mostra uma pulverização aparente. Mas o fato é que, em função de um processo de concentração que ocorreu nos últimos dois anos, duas empresas respondem por 60% do consumo. Assim, embora a pulverização seja grande, ela não é representativa do ponto de vista do consumo efetivo.

## Exportações

Falando um pouco das exportações, o Quadro 12 apresenta uma série longa, mais para dar uma ideia da parte histórica. É visível que o café era 50% das exportações em 1950, com uma participação de mercado de 50%. Houve uma queda para 39%, 32%, até o ponto do ano 2000, no qual a participação chegou ao nível mais baixo, de 20%. De lá para cá, configurou-se uma nova realidade de produção, com uma competitividade mais definida para o café brasileiro, além da liberdade de mercado. Isso porque deixou de haver a intervenção estatal, com um regime de controle de mercado, de

cotas e preços no âmbito da organização internacional do café. A partir daí ocorreu uma marcha crescente de retorno a percentuais mais elevados. Para 2010, espera-se que a participação do Brasil nos países importadores de café feche em 34%.

em termos absolutos ele continuou como atividade próspera. Quero dizer, na receita cambial continua a crescer, o que é um fato bem-vindo para a economia, significando que houve uma diversificação grande da pauta de exportação - e o café não foi afetado, continua a crescer e mantém uma relação boa. Ele estava estabilizado em torno de 2,4% da renda da exportação global brasileira, com mais ou menos 6,5% em relação à renda total do agronegócio. Em 2011 o resultado foi melhor: em cinco meses, de janeiro a maio, ele está a 9,7% porque houve um crescimento muito grande do volume de exportações. O normal seria estar em torno de 8%.

QUADRO 11

**CeCAFÉ** Conselho dos Exportadores de Café do Brasil Fonte: ABIC

► Produção Industrial de Café no Brasil  
Resumo por região e Estado  
Período Pesquisa: Abril/10

Região	Número Empresas	Marcas	Sacas 60Kg	Part.(%)
Centro-Oeste	110	195	59.748	4,5%
Nordeste	148	279	400.937	30,0%
Norte	54	83	24.937	1,9%
Sudeste	725	1.529	732.551	54,8%
Sul	195	374	118.376	8,9%
<b>TOTAL</b>	<b>1.232</b>	<b>2.460</b>	<b>1.336.549</b>	<b>100%</b>

GRÁFICO 2



QUADRO 12

**CeCAFÉ** Conselho dos Exportadores de Café do Brasil Fonte: OIC

► Exportações Mundiais e Participação Brasileira

	Exportações Mundiais (Mil sacas 60Kg)	BRASIL Exportações de Café	
		(Mil sacas 60Kg)	Part.(%) Total
1950	29.200	14.835	50,8%
1960	42.491	16.819	39,6%
1970	52.722	17.085	32,4%
1980	59.861	15.269	25,5%
2000	89.559	18.016	20,1%
2006	91.640	27.370	29,9%
2007	96.249	28.175	29,3%
2008	97.522	29.504	30,3%
2009	96.136	30.345	31,6%
2010	96.761	33.027	34,1%

QUADRO 13

**CeCAFÉ** Conselho dos Exportadores de Café do Brasil

► Evolução das Exportações Globais, Agronegócio e Café nos últimos 5 anos

	TOTAL Exportações Brasileiras (US\$ Mil)	TOTAL Exportações do Agronegócio		TOTAL Exportações de CAFÉ		
		(US\$ Mil)	Part.(%) Total	(Mil US\$)	Part.(%) Total	Part.(%) Agronegócio
1950	1.355	-	-	865	63,8%	-
1960	1.269	-	-	713	56,2%	-
1970	2.739	-	-	982	35,8%	-
1980	20.132	-	-	2.771	13,8%	-
2006	137.807	49.471	35,9%	3.364	2,4%	6,8%
2007	160.649	58.429	36,4%	3.892	2,4%	6,7%
2008	197.942	71.836	36,3%	4.763	2,4%	6,6%
2009	152.995	64.784	42,3%	4.279	2,8%	6,6%
2010	201.915	76.439	37,9%	5.765	2,9%	7,5%
2011 *	94.614	34.263	36,2%	3.310	3,5%	9,7%

\* janeiro a maio

Fonte:  
De 1950 a 1960 - Livro "150 anos de Café", Marcellino Martins & E.Johnston  
De 1970 a 1980 - IBC  
A partir de 2006 - Agrostat, Ministério da Agricultura

Os consumidores importantes de café são os países desenvolvidos, como revela o Gráfico 2. Contudo, eles estão sujeitos a todas as "intempéries" das crises econômicas, como já se mencionou para os Estados Unidos, Alemanha, Bélgica, Itália, etc.

Na questão das exportações globais, a importância do café no contexto do agronegócio é mostrada pelo Quadro 13. Em anos passados, pode-se observar, por exemplo, que em 1950 o café era 63% da exportação brasileira. Desde então ele veio declinando em termos relativos, mas

O valor bruto do café das exportações brasileiras está apresentado no Quadro 14, na coluna à esquerda. Para 2011, a estimativa é algo até pouco tempo impensável: 8 bilhões e 400 milhões para o

café, em um ano, não era muito crível. Também estão relacionados a taxa média do dólar e a equivalência interna; portanto, em 2011, a estimativa é que a exportação contribua com R\$ 13 bilhões, aproximadamente, para compor a renda dos setores derivada da exportação. Especificamente quanto ao valor bruto da produção do café, detalhado no Quadro 15, somando-se ao consumo interno, tomando como base o preço de venda ao consumidor, essa renda passaria de R\$ 14 bilhões para R\$ 24 bilhões, o que mostra a pujança e a vitalidade do negócio.

QUADRO 14

**CeCAFÉ** Conselho dos Exportadores de Café do Brasil Fonte: CECAFÉ

► VBE Café – Valor Bruto das Exportações Brasileiras de Café

	Receita Cambial US\$ / Mi	Dólar US\$ Média	Equivalência em R\$ Mi
2000	1.775	1,83	3.249
2001	1.432	2,35	3.376
2002	1.368	2,92	4.152
2003	1.535	3,08	4.717
2004	2.023	2,93	5.894
2005	2.919	2,43	7.097
2006	3.299	2,18	7.161
2007	3.872	1,95	7.508
2008	4.749	1,83	8.884
2009	4.270	2,00	8.470
2010	5.668	1,76	9.908
2011 *	8.400	1,60	13.440

\* estimativa

QUADRO 15

**CeCAFÉ** Conselho dos Exportadores de Café do Brasil Elaboração: CECAFÉ

► Valor Bruto da Produção Brasileiras de Café

	VBE Café + Consumo Interno R\$ Mi
2000	7.254
2001	6.731
2002	7.291
2003	8.748
2004	11.214
2005	13.374
2006	13.595
2007	16.107
2008	17.781
2009	18.072
2010	19.768
2011 *	24.376

\* estimativa

Do setor exportador, o Quadro 16 é uma apresentação de perfil: aproximadamente 200 empresas exportam café, porém as 50 maiores de-

têm 91% de participação. O total de 213 empresas se explica porque tem havido um grande estímulo para que o próprio comércio exportador realize exportações diretamente pelos pequenos produtores. Com o crescimento no mercado mundial de cafés orgânicos, naturais, especiais, etc., surgiram compradores interessados em “originar” o café, mostrar sua origem. Isso significa colocar o café à venda indicando qual é a propriedade e qual é o produtor, o que gerou um aumento do número de exportadores, chegando a 213. Eles atuam no mercado internacional através do comércio, que provê a parte cambial e a negociação até o próprio cliente, mas a exportação é feita em nome desse pequeno produtor. É algo que também tem muito a ver com uma tendência já consolidada no café, que é o critério de sustentabilidade nas relações de comércio. Isso tem uma imensa importância no café hoje, mas amanhã terá mais ainda, porque representa não mais apenas uma questão de comércio, e sim de acesso aos mercados.

A maioria dos grandes exportadores, como a Craft e a Nestlé começam a tornar públicos programas nos quais elas mostram a intenção de, aos poucos, ampliar o percentual de compra dos chamados cafés sustentáveis - o que é bom para o Brasil, que tem uma posição muito favorável nesse aspecto. Quero dizer que a produção brasileira preenche os requisitos da sustentabilidade em vários aspectos. Porém, tenho que divergir um pouco do palestrante // Amado quando ele diz que o agricultor de um modo geral é um predador. Não necessariamente, porque o café mostra, em vários casos, que é possível produzir sem prejudicar o meio ambiente.

QUADRO 16

**CeCAFÉ** Conselho dos Exportadores de Café do Brasil Fonte: CECAFÉ

► Perfil do Setor Exportador de Café sob Todas as formas  
Acumulado 12 meses: (jun/mai) – 2010/2011

GRUPO	Acumulado 12 Meses (jun/10 e mai/11)	
	Sacas 60Kg	Participação (%)
5 Maiores	8.995.056	26%
10 Maiores	14.664.289	43%
20 Maiores	22.194.457	65%
30 Maiores	26.847.134	78%
50 Maiores	31.438.990	91%
100 Maiores	34.121.639	99%
TOTAL	34.401.590	

Total Empresas: 213

## Últimos acontecimentos no setor cafeeiro

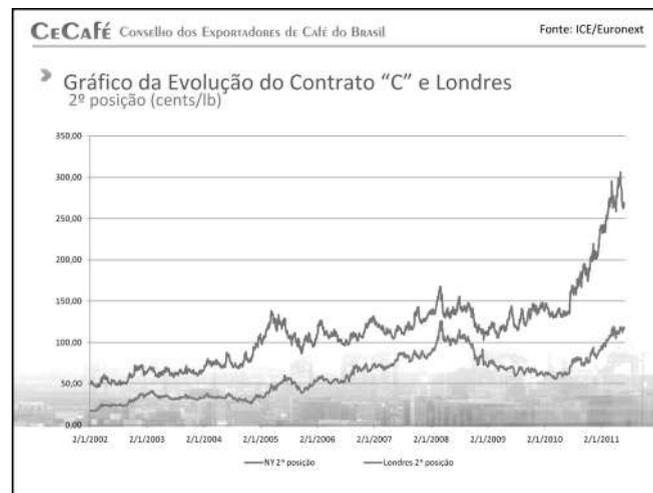
Quero fazer um comentário sobre o que tem acontecido com o café nos últimos tempos. Como toda a cultura permanente, ele vive de ciclos, seja de alta ou de baixa. No final dos anos 90, o café teve um crescimento vertiginoso de preços em razão de uma geada brasileira. Se não me engano, a última geada ocorreu em 95, 94 e os preços dispararam. Como tradição, os preços subiram e isso levou a uma ampliação geral na produção dos vários países, principalmente do Brasil. Só que o efeito de estímulo à produção levou a um consequente aumento exagerado da oferta, que baixou os preços. Em 2002, eles chegaram aos níveis mais baixos, em média US\$ 50 por saca - para efeito de comparação, hoje o preço está em torno de 350. De novo, a crise levou a ajustes na produção dos vários países, incluindo o Brasil, que havia ampliado tremendamente seu parque produtor, porque o produtor brasileiro reage muito a estímulos de preços. Só que dessa vez ele o fez, provavelmente, com amparo em programas de pesquisa e melhoria da tecnologia de produção.

O resultado foi que ele se tornou competitivo e pôde conviver com os preços muito baixos desse período mostrado no Gráfico 3. Na maior parte dos países isso levou uma redução grande das produções; porém, a partir de 2005, o mundo passou a viver uma relação de equilíbrio muito boa entre o que se produzia e o que se consumia, algo refletido na tendência de equilíbrio de preços. Estes subiram por fatores, uma parte deles relacionados à perda do valor real do dólar nos últimos anos, logo depois da crise.

A primeira interrupção foi a crise de 2008, que não atingiu diretamente o café, mas temeu-se que a recessão dos países consumidores levaria à perda de empregos, de renda e com consequente diminuição do consumo de café. Isso não se confirmou, e o preço aumentou, chegando aos altos níveis do Gráfico. Ele sofre algumas flutuações - eu diria que a maior parte delas próprias do processo de globalização do café - mas ele está sujeito a todos os fenômenos econômicos que atingem os países. Isso ocorre pois o preço do café tem seu preço formado em bolsas: a de Nova York para o café arábica e de Londres para o café robusta. O contrato de café, por exemplo, em Nova York, tem uma liquidez extraordinária, negociando-se diariamente entre 25 e 30 mil contratos. Como cada contrato tem perto de 300 sacas, fazendo 8 a 9 milhões de sacas por dia, é um mercado que atrai dinheiro de todos os setores. Então,

o grau de atuação na bolsa como mecanismo de defesa, não do café necessariamente, mas de ativos, principalmente expressos em dólar, pode levar a certas situações. Uma delas é ocorrer um fenômeno econômico atingindo o dólar, que está passível de desvalorização, e o aplicador sair desse contrato e migrar para outros fundos, para outros ativos. São movimentos grandes, vistos diariamente. Em determinado dia, o café sobe ou baixa mais ou menos 8 centavos, o que representa 3,5%; são variações, níveis de volatilidades que não se relacionam com os fundamentos de equilíbrio da produção ou o comportamento do consumo. Porém, é o efeito de globalização e os investidores terão que conviver com isso.

GRÁFICO 3



Minha intenção foi fazer um apanhado geral do mercado que, como eu já disse é positivo. O café vai bem e suas perspectivas para os próximos anos são favoráveis porque a situação de equilíbrio tende a permanecer.

O consumo está melhorando, principalmente nos países produtores, o que é bom da mesma forma. Também há a expectativa que, embora com esses fenômenos da economia macro, a tendência é que os preços de hoje estejam num nível muito satisfatório, o café tenha um resultado de preço muito bom, mas felizmente não capaz de ampliar a área de produção. Porque acho que o produtor brasileiro continua na sua política de melhoria de produtividade, adensamento em área, etc., então também não me parece que as áreas de café estejam sendo pressionada por outras commodities, que também têm resultados econômicos muito bons. Mas acredito que, no café, o Brasil caminhe para a permanência da estabilidade em termos de área e melhorias de produção através de ganhos de produtividade.

# Gestão profissional para uma produção de qualidade

**WILSON ZANATTA**

Co-presidente do Conselho da LBR Lácteos Brasil

Farei uma introdução breve do que foi a empresa, como surgiu a Bom Gosto e como ela se transformou em LBR. Depois, entrarei num cenário mais macro do que representa a atividade Láctea para o Brasil no mundo. Quero também cumprimentar os estudantes universitários que participaram do Congresso para tentar olhar o mundo como ele é na vida real. Quero sempre lembrar que foi na fase de estudante universitário que tomei a decisão de um dia abrir uma indústria da transformação, no caso a indústria do leite. Acho que esta fase é importante e deve ser bem aproveitada por cada um; é preciso estudar e ao mesmo tempo olhar para onde o mundo caminha.

Eu começaria dizendo que, no meu período de estudante de medicina veterinária, eu fazia aulas práticas em frigorífico e laticínios. Eu via o boi entrando de um lado e depois saíam os cortes, uma parte para exportação e outra para mercado interno. Também olhava o leite chegando, naquela época em carros, para ser transformado em queijo, nata, ricota e seus derivados, sendo vendido para o mercado consumidor. Imaginei que na minha região, no planalto do Rio Grande do Sul, poderia se desenvolver uma atividade que complementasse a agricultura, pois era uma região bastante agrícola. Sou gaúcho, e lá havia pouco leite, pouca de suinocultura e avicultura, mas achei que o leite poderia se desenvolver, como realmente aconteceu. No meu primeiro dia de trabalho, além de mim havia minha esposa e quatro funcionários: assim começou uma pequena fabriquetta, e que se expandiu para a fábrica mostrada na Ilustração 2. Já a casa ao fundo da Ilustração 1 foi onde tudo começou.

A empresa evoluiu bastante nesses anos, e destaco alguns passos importantes a partir desse período de sete anos mostrado pelo Quadro 1. Começamos com queijo e leite “barriga mole”, leite C ensacado, mas em 2002 a empresa entrou no processamento de leite UHT. Contudo, no final de 2003, início de 2004, ocorreu a crise da Parmalat, que foi noticiada no mundo todo. Neste momento a Bom Gosto teve uma oportunidade de crescimento muito grande no Rio Grande do Sul; em 2005,



Num produto como o leite, só se ganha a disputa se houver economia de escala”

foram implementados o processo condensado, achocolatado e também os cremes. Em 2006 aconteceu um passo bastante importante na vida da empresa: um projeto encaminhado pelo BNDESPAR. O Bom Gosto foi o primeiro laticínio do Brasil a conseguir o aporte de um banco público como o BNDESPAR, que é um banco que foi criado exatamente para desenvolver empresas e segmentos. Em 2007 a empresa se transformou em S/A e foram realizadas duas aquisições: da Damatta, em Minas Gerais, que é vizinha ao Rio de Janeiro, e a Nutrilat do Rio Grande do Sul. Em 2008 houve mais duas aquisições, além da fusão com a Líder Alimentos, do Paraná. Em 2009, outras aquisições, desta vez de uma unidade da Parmalat em Pernambuco, uma da Nestlé, em Barra Mansa, no Rio de Janeiro e de uma empresa catarinense chamada Cedrense, que é líder no Rio Grande do Sul em termos de processamento de queijos.

ILUSTRAÇÃO 1

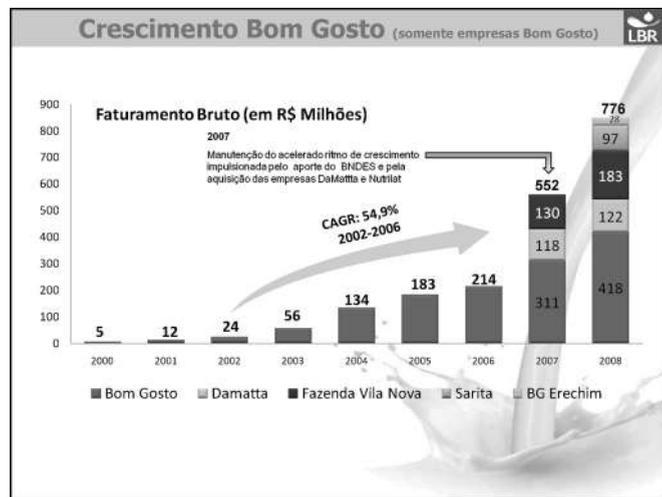


ILUSTRAÇÃO 2



No Gráfico 1 pode-se ter uma ideia de como foi o crescimento da empresa: em 2000, ela faturava R\$ 5 milhões, mas, no final de 2008, faturava R\$ 776 milhões. Até 2007, como falei anteriormente, o crescimento da Bom Gosto foi independente, mas então comecei a preparar os passos decisivos na vida de uma empresa: tomei a decisão de extirpar totalmente a sonegação, ter um balanço que realmente permitisse uma auditoria, contratada ou externa. Assim, acreditei que o mercado de capitais fosse o caminho para a empresa, o que aconteceu em 2007: com a venda de 23% da empresa consegui estancar toda a dívida, e a empresa cresceu nessa velocidade impulsionada por bancos. Porém, isso se deu graças à credibilidade que sempre tive do setor financeiro. A partir desse momento a empresa conseguiu fazer sua nova escalada com aquisições e fusões e chegou à LBR, porque num produto tão elitizado como é o leite, só se ganha a disputa se houver economia de escala. Realmente ela se faz presente, e eu tinha que alcançá-la no mais curto espaço de tempo possível.

GRÁFICO 1



QUADRO 1



Apresentarei uma sequência com referência à empresa Líder Alimentos, mostrada primeiro na Ilustração 3. Ela é do Paraná e vinha crescendo, não na velocidade da Bom Gosto, mas era constante, como visto no Gráfico 2. Seus dois sócios eram duas pessoas de alguma idade, que não tinham sucessão, o que me interessou, inclusive porque desejavam sair da atividade. Já no Gráfico 3 estão as duas empresas consolidadas, com um volume de captação crescente - a estagnação de 2010 foi em função de um ano difícil para a atividade leiteira. Contudo, em termos de faturamento, a Bom Gosto e a Líder seguiram crescendo, como visto no Gráfico 4.

ILUSTRAÇÃO 4



GRÁFICO 4

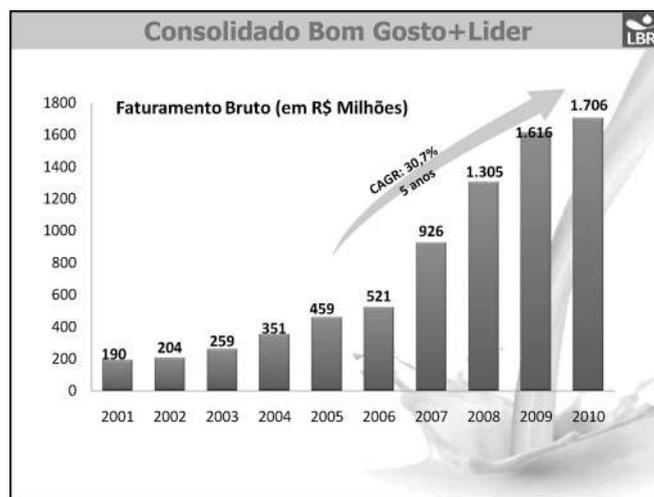
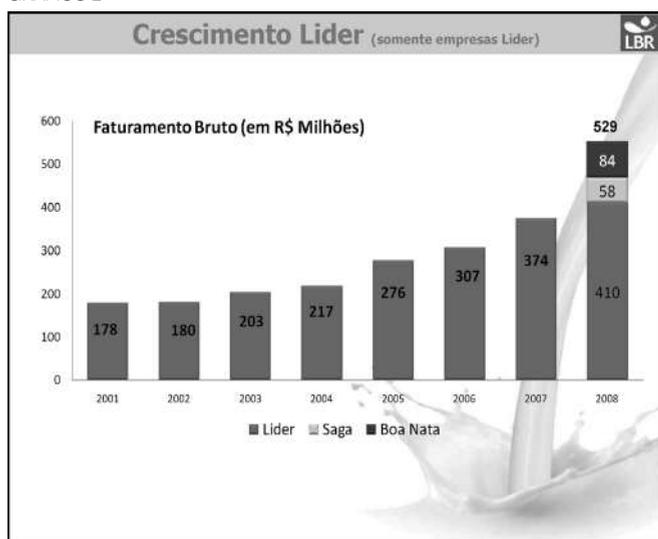


GRÁFICO 2



Assim, no final de 2010 ocorreu a fusão da Bom Gosto com a Leitbom, originando a marca vista na Ilustração 4. Depois, veio o GPI Investimentos, a marca Leitbom, Parmalat, Poços de Caldas, e tantas marcas que serão vistas adiante.

ILUSTRAÇÃO 4



GRÁFICO 3

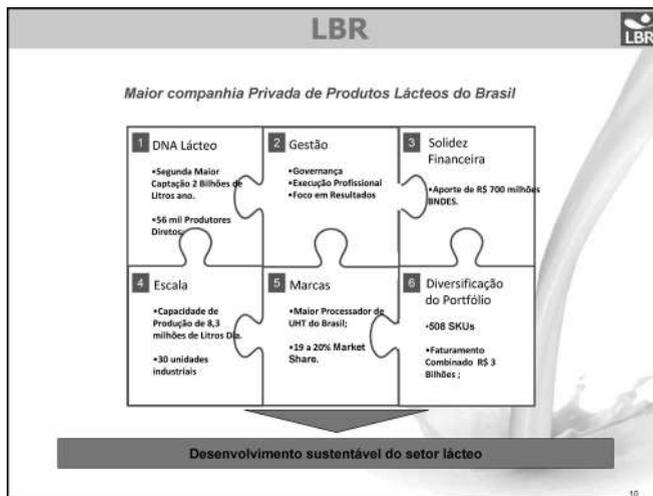


Deste modo formou-se a maior companhia privada de produtos lácteos do Brasil, chamada LBR, cujos elementos são apresentados pelo Quadro 2. Digo que é uma empresa com “DNA lácteo”, porque é uma empresa com gestão, com governança. Isso é o lado bom que a GPI Investimentos trouxe para a empresa: uma gestão profissional.

Ela já fez 17 aberturas de capital, tem solidez financeira com aporte de R\$ 700 milhões do BNDES no final de 2010. Isso quer dizer que, nesse período, a empresa integrou ao todo mais de R\$ 1 bilhão, e num segmento onde a rentabilidade é mui-

to baixa, como é o setor do leite e da carne. Também sou produtor de leite, médico veterinário, nasci em fazenda, produzo, planto e crio até hoje, e vejo que muitas vezes se vende o projeto futuro. Isso acontece porque alimentos nobres, como é o caso da carne e dos leite, prometem muito, embora sejam atividades ainda não profissionalizadas no Brasil.

QUADRO 2



Entretanto, elas estão tentando se profissionalizar e se consolidar, pois serão segmentos muito demandados no futuro. Voltando à economia de escala, a LBR é uma empresa tem a capacidade de processamento atual de 8,3 milhões de litros, com 30 unidades industriais pelo Brasil. Ela conseguiu ter marcas fortes e uma participação de mercado (“market share”) em torno de 19 a 20% em termos de leite UHT, além de um portfólio bastante diversificado. Existem 508 “SKUs”, ou subprodutos derivados do leite, bem como sucos, o que traz um faturamento estimado em R\$ 3 bilhões / ano.

### Marcas como ferramenta para o mercado

A Ilustração 5 apresenta as marcas que compõem a companhia e são bem conhecidas. A Bom Gosto é muito forte na região Sul; Parmalat é a marca nacional da LBR - e custou caro consegui-la, pois foi preciso pagar royalties à Itália. Porém, considero a marca Parmalat o grande lance da fusão. Também há a Boa Nata, uma marca bastante conhecida no Rio de Janeiro; Poços de Caldas, uma marca nacional que estava um pouco em baixa, mas está sendo reativada. A LeitBom abrange o Centro-Oeste; Cedrense e Corlac estão ao Sul; Sarita e Damatta em Minas Gerais, e a última também conhecida no

Rio de Janeiro; Paulista, em São Paulo; Ibituruna e São Gabriel, no Mato Grosso; Líder, no Paraná e no interior de São Paulo; Lady, também no interior de São Paulo; Glória, alcance nacional; já a Coroadá é uma marca de queijos ralados. Com esse portfólio de marcas, como sempre brinco com meu diretor comercial, a empresa tem uma das melhores ferramentas na mão: o jogo de produtos e marcas. Em compensação, existe o maior desafio no setor lácteo que até hoje ninguém conseguiu fazer até hoje: estar presente em todas as portas, em qualquer mercado, como a Coca-Cola ou a Elma Chips estão. Nos lácteos é difícil, e ninguém conseguiu fazer.

ILUSTRAÇÃO 5



No Quadro 3 está a distribuição das fábricas LBR, com 30 unidades industriais. A empresa tem um ganho logístico muito diferencial em relação aos concorrentes. Outros palestrantes falaram dos grãos; realmente a logística é o problema do Brasil, e é um custo muito alto em se tratando de commodities. A LBR está mais próxima do produtor e do consumidor com essa distribuição geográfica das nossas fábricas. Por outro lado, conseguimos fazer um pouco melhor o jogo da guerra fiscal, num cenário no qual o leite é o produto é mais subsidiado e distorcido no mundo. Isso acontece porque, sempre quando um político pensa em dar um incentivo fiscal no fundo, ele pensa no voto. Daí, como o leite tem uma cadeia que envolve muitos elos, como o produtor, transporte, indústria, consumidor, o leite sempre é uma plataforma bonita de se fazer uma ação social. A LBR conseguiu ter esses dois ganhos, de logística e tributário, que são muito importantes. A empresa possui também unidades de captação, que são os postos que recebem o leite nos caminhões pequenos, resfriam e

colocam em caminhões maiores que vão até a unidade industrial. Quanto às unidades comerciais, os chamados CDs, a LBR tem sete no Brasil.

QUADRO 3



O Quadro 4 mostra um projeto interessante, de minha autoria, que a empresa começou em 2007: o desenvolvimento de uma fábrica no Uruguai. Para não conhecer, o Uruguai é um país insignificante, distante, mas para os gaúchos ele é próximo, um vizinho. O Rio Grande do Sul está mais perto do Uruguai do que de São Paulo ou Rio. Eu mesmo estou há 15 anos comprando matrizes no Uruguai e trazendo para o produtor brasileiro, tanto que vários produtores uruguaios me provocaram: “o Zanatta só vem comprar as vacas. Quando vai instalar uma fábrica aqui?”. Aquele país é dominado por uma única empresa, a Conaprole; daí a LBR começou o projeto em 2007 e está tramitando a questão ambiental, ainda não aprovada. Ela é demorada e custosa, não é diferente do Brasil - como uma empresa estrangeira ao se instalar no Brasil terá o rigor da lei aplicado totalmente. Contudo, se uma empresa já está operando, talvez algumas pessoas façam “vista grossa” para que ela continue. Existe então essa dificuldade, mas já foram dados passos importantes, como a aprovação para o terreno ou a classificação do grau de risco. Por que o Uruguai? O Uruguai é um país que tem uma qualidade do leite muito superior ao brasileiro em função de sua história. Existem criatórios uruguaios de 100, 150 anos, é a 3ª, 4ª geração produzindo leite. Além disso, o Uruguai fecha acordos comerciais mais facilmente do que o Brasil justamente por ser pequeno e não impor medo. O Brasil, por sua questão poderosa de volume e capacidade de atingir mercado, muitas vezes fecha o próprio mercado. São criadas assim barreiras sanitárias - que

no fundo são econômicas - e o Brasil fica com dificuldade de exportar para mercados mais exigentes, que conseqüentemente pagam melhor. Já o Uruguai exporta para os Estados Unidos, para a Rússia e para a Europa toda e para o México. Especialmente o último, que é o maior importador mundial de lácteos no momento. O Brasil não consegue acessá-lo, não consegue exportar sequer 1 kg de pó para o México. Então, a estratégia da LBR é exatamente ter uma fábrica no Uruguai para atingir esses mercados, para no futuro, quem sabe, colocar o produto brasileiro. Neste dia o Brasil será um exportador, e com certeza o será num curto espaço de tempo.

QUADRO 4



## Renda impulsionando o consumo

Qual é a estratégia de se formar uma empresa como a LBR? Como indica o Quadro 5, para ser um indutor do desenvolvimento sustentável do setor lácteo nacional. A LBR tem foco na captação, na indústria e no mercado que está disponível.

A empresa baseou seu projeto sobre os quatro pilares apresentados no Quadro 6: tecnologia e conhecimento, infraestrutura, remuneração e comunicação. Em cada setor há todo um trabalho já feito, como o desenvolvimento do produtor, em que o produto atinge níveis de competitividade e de escala. Para se ter uma ideia, a média nacional da produção de leite por produtor brasileiro é de 100 litros por dia; a média do Uruguai são 1.300 litros por dia e, na Nova Zelândia, são 4.500 litros por dia por produtor. Vê-se assim o quanto o produtor brasileiro tem que avançar na questão de qualidade, de economia de escala.

QUADRO 5



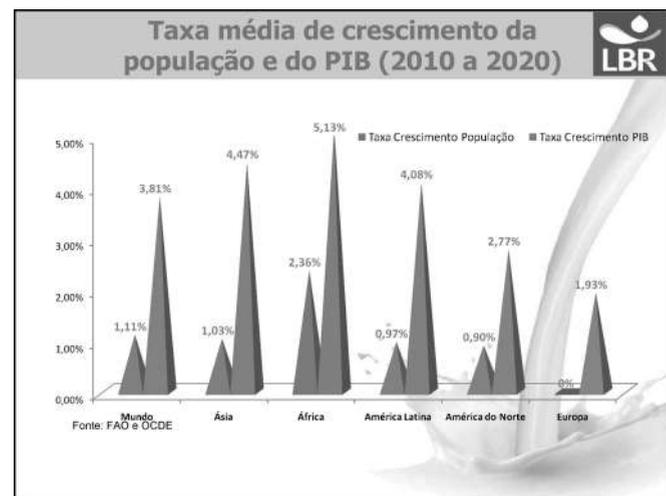
QUADRO 7



QUADRO 6



GRÁFICO 5



“O investimento em tecnologia e a adoção das melhores práticas de sustentabilidade e governança serão uma liderança positiva na indústria Láctea”, como informa o Quadro 7. Isso significa ser um bem estimado de produtividade e ser também um indutor de melhores práticas para o produtor brasileiro. Os passos do Quadro são os que a empresa está traçando para alcançar tais metas.

Quero me dirigir agora aos cenários de população e renda, que é o que interessa na palestra. Como expõe o Gráfico 5, a economia mundial cresce em média 3,8% e a população 1,1%. Mas observe-se que são os países mais populosos da África e da Ásia cuja economia cresce à ordem de 5% ao ano - é aí que está o grande potencial de consumo, como se falava anteriormente das commodities. A América Latina também está bem, mas quem está mal é a Europa. Vê-se nesse momento o quanto o Brasil tem de compromisso em alimentar esse mundo.

Segundo o Gráfico 6, o Brasil tem hoje 190 milhões de habitantes e chegará a 2040 com cerca de 240 milhões. Haverá um crescimento populacional, mas também de renda, o que impulsionará o consumo ainda mais aceleradamente. Não é somente o crescimento da população, mas sim o crescimento da renda.

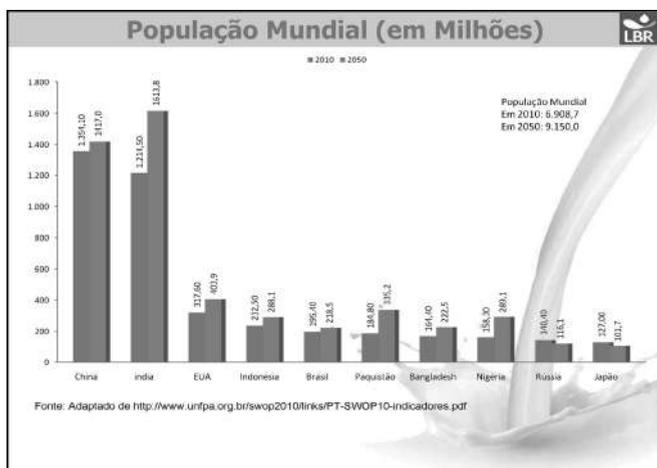
A expectativa do Gráfico 7 é que o mundo atual tem em torno de 7 bilhões de pessoas e deve chegar a 2050 com 9 bilhões. E, junto com esse aumento de habitantes, o aumento da renda. Porque, à medida que o poder aquisitivo das pessoas melhora, o consumo de proteínas nobres, como as carnes, passam a fazer parte do cotidiano alimentar da população, mesmo em detrimento de alguns carboidratos, especialmente o arroz e o feijão. É por isso que os produtores do Sul têm sofrido muito com o arroz, porque os preços estão baixos: à medida que o poder aquisitivo melhora, o consu-

mo de arroz piora. É difícil trabalhar num segmento que tem essa curva, mas o leite felizmente tem a curva ao contrário, pois todos gostam de consumir queijos, iogurte ou um bife. Isso faz parte da vida de todos que têm um poder aquisitivo melhor.

GRÁFICO 6



GRÁFICO 7



Quanto ao mercado, estima-se que no Brasil, entre 2003 e 2008, 34 milhões de habitantes se tornaram integrantes das classes A, B e C; de 2009 a 2014, espera-se que mais 30 milhões subam de classe. Em 2014, o Brasil passará a ser o 5º maior mercado consumidor do mundo, atrás apenas de Estados Unidos, Japão, China e Alemanha. Em 2020, os lares brasileiros vão gastar 5 trilhões de reais, 130% mais do que hoje. É visível o potencial que o Brasil tem de mercado interno, além de sua população, que representa 15% da população chinesa. Contudo, atualmente ela tem um poder aquisitivo de consumo de 50% do chinês, o que significa que muitos chineses ainda passam a pão e água. Em 2002, as

classes D e E, as mais pobres, tinham 21 produtos na categoria de cada carrinho de supermercado; hoje são 37, significando que aquilo que era supérfluo, consumido apenas no Natal ou Páscoa, depois irá se tornar um consumo diário da população.

Como fica visível no Gráfico 8, a produção de leite de vaca é a maior do mundo, seguida pelo leite de búfala, de ovelha, de cabra e camela. Em termos mundiais, vê-se no Gráfico 9 que o Brasil está bem situado em termos de produção de leite. A União Europeia, em conjunto, é a maior, mas quando está segmentada já perde posições. Os Estados Unidos vêm em segundo, a Índia, a Rússia e o Brasil em 5º. Especificamente quanto ao crescimento, o Gráfico 10 indica um salto da China. Eu duvidava muito do crescimento chinês, porque estive lá e na época não vi espaço físico para a produção de leite. Infelizmente, o governo incentivou, houve crescimento, mas a tendência é estagnar. Apesar disso, o Brasil é o que mais cresce no mundo em termos de produção de leite.

GRÁFICO 8



GRÁFICO 9



GRÁFICO 10



Ainda sobre a China, no Gráfico 11 vê-se uma importação de animais muito grande. A estagnação na China tende a ocorrer em função da competitividade do grão, pois aquele país produz muito grão, mas ele é consumido internamente e ainda há importação. Quero dizer que é mais fácil importar o leite do que se importar grão para alimentar os animais que produzem leite - o grão é consumido pelas pessoas internamente. Em termos de logística econômica, é essa a leitura que se faz.

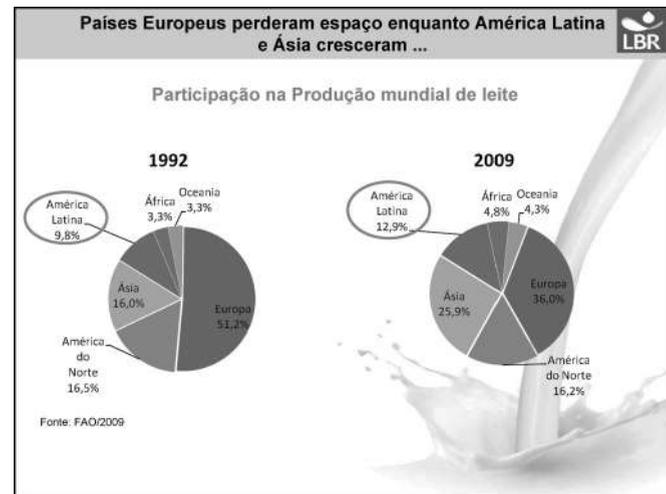
GRÁFICO 11



No Gráfico 12, por exemplo, só para ver no passado, em 1992 a União Europeia representava 51% da produção de leite do mundo e hoje é apenas 36%. Existem dificuldades para se avançar na produção de leite na Europa. Já a Ásia teve um crescimento significativo, mas que tende a não crescer muito nessa velocidade. Eu acredito fortemente no crescimento da América Latina; Uruguai, Argentina e Brasil têm potenciais enormes de produzir leite por uma condição natural de vaca no pasto, não

artificializada, não colocada em confinamento, pois isso, ao mesmo tempo em que aumenta a produção, também aumenta o custo.

GRÁFICO 12



Como expõe o Quadro 8, o Brasil tem hoje o segundo maior rebanho do mundo de ordenhados. O país só perde para a Índia, mas como a vaca é sagrada lá, economicamente não é possível considerar. O Brasil tem o dobro do rebanho ordenhado dos Estados Unidos, que produz 86 bilhões de litros de leite e o Brasil produz 30 bilhões. Porém, o Brasil tem a segunda pior média do mundo: 1.730 litros/vaca/ano. Como falaram anteriormente os palestrantes de café de alta tecnologia, eu diria que a colheita tem baixa tecnologia. Existe um espaço enorme para se avançar, que pode ser visto também como uma oportunidade. Eu vejo por esse lado. Há um trabalho a ser feito, pois a atividade leiteira no Brasil é bastante nova, especialmente na região Sul.

QUADRO 8

#	País	Vacas Ordenhadas (mil)	Produtividade (litros/vaca/ano)
1º	Índia	38.500	1.150
2º	Brasil	18.850	1.730
3º	Rússia	9.800	3.320
4º	Estados Unidos	9.266	9.280
5º	China	9.200	3.990
6º	México	6.887	1.570
7º	Nova Zelândia	4.200	3.610
8º	Ucrânia	2.979	3.720
9º	Argentina	2.150	4.700
10º	Austrália	1.730	5.490
11º	Canadá	985	8.400
12º	Japão	862	9.270

Fonte: USDA - Dezembro/2008

No Quadro 9, vê-se que o Brasil não tem o hábito de consumo. São apenas 58 litros de leite fluido / habitante / ano. Os brasileiros não são grandes “tomadores” de leite, mas estão aumentando muito o consumo dos derivados. Ainda assim, um australiano consome 111 litros, o canadense 99, o americano 96 - o brasileiro apenas 58.

QUADRO 9

#	País	Consumo de Leite Fluido (Mil Litros)	População (mil)	Consumo Per Capita (litros)
1º	Austrália	2.205	19.913	111
2º	Canadá	3.145	31.613	99
3º	Estados Unidos	28.140	293.028	96
4º	Nova Zelândia	345	3.994	86
5º	Rússia	12.100	143.974	84
6º	Ucrânia	2.779	47.310	59
7º	Brasil	10.674	184.101	58
8º	Argentina	1.950	36.100	54
9º	Índia	43.885	1.065.071	41
10º	México	4.253	104.960	41
11º	Japão	4.450	127.400	35
12º	China	15.300	1.298.848	12

Fonte: LBRG - Dezembro/2008

O Quadro 10 traz os dados de consumo recomendados pela OMS. O Brasil hoje consome em torno de 160 litros habitante ano, embora o Ministério da Saúde recomende 200 litros. É preciso lembrar que, antes do Plano Real, há 16 anos, o consumo per capita era de 90 litros /habitante/ano e só com o aumento de renda passou para 160 litros/habitante/ano. Mas há um potencial de 190 milhões de consumidores. Lembro também que o consumo da China, há 10 anos, era de cinco litros /habitante /ano e hoje são 24; um francês é 270; um uruguaio 240; um argentino 220 e o Brasil com 160. Vê-se o espaço que tem um produto tão nobre como o leite de aumentar o seu consumo no mundo.

QUADRO 10

**Mercado - Consumo**

A Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda que o nível anual de consumo deve ser de pelo menos 175 litros de leite equivalente per capita, enquanto que o Ministério da Saúde do Brasil recomenda cerca de **200 litros**. Em 2010, o consumo per capita foi de **160 litros** de leite equivalente, a diferença sugere que o mercado local pode absorver mais **35 a 40 litros de leite-equivalentes por ano**.

## Produção interna crescente

No Gráfico 13 está a curva de crescimento do Brasil, que é constante. O país conseguiu, de 14 bilhões de litros por ano em 1990, chegar a 30,4 bilhões em 2010. Não está no Gráfico, mas são 30,4 bilhões. Não é uma curva de eletrocardiograma, que sobe e desce, é um crescendo constante de produção. Eu gostaria que a curva fosse mais rápida, mas infelizmente o leite concorre cada vez com um produto, seja o algodão, a soja ou o boi, na questão de remuneração.

GRÁFICO 13



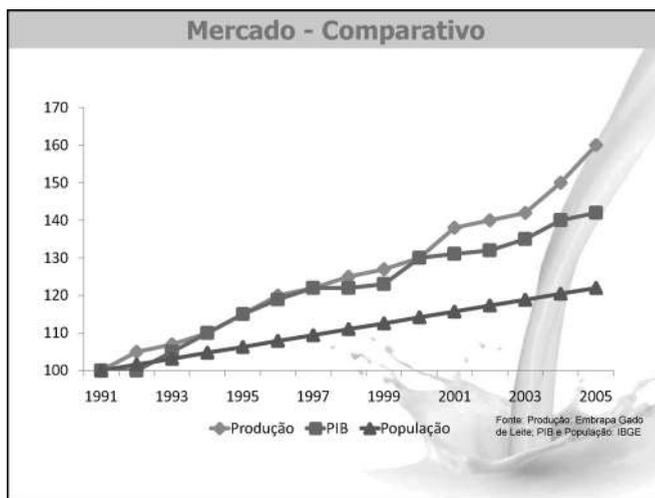
A evolução das bacias leiteiras do Gráfico 14 foi elaborada por região: a região Sul é a que mais tem crescido nos últimos tempos em termos de produção, até pelo clima mais frio. As vacas têm origem das raças Holandesa e Jersey, que são europeias, acostumadas ao clima mais frio. Quando há o direcionamento para o Centro-Oeste, que é uma região mais quente, é preciso fazer o cruzamento com a raça Guernsey, que fornece rusticidade mas em consequência diminui um pouco a produtividade. A região Sul tem crescido acima da média.

No Gráfico 15, a linha com triângulos é a nossa população, a com quadrados é o PIB, a economia brasileira, e a linha com losangos é a produção. Observa-se que a produção brasileira tem crescido acima da economia e bem acima do crescimento da população. É preciso preparar empresas para que atinjam o mercado internacional - e essa é uma das funções da LBR, que foi formada exatamente para acessar mercado internacional no momento de estrangulamento, quando a população brasileira não absorveu toda a produção interna. E ela tem capacidade e condições de colocar esse produto lá fora, para que o produtor possa produzir com segurança.

GRÁFICO 14



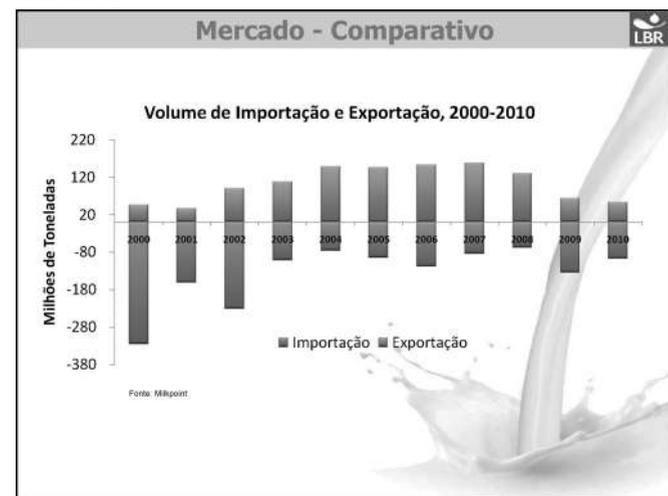
GRÁFICO 15



Para finalizar, o Gráfico 16, com o volume de importação de 2000 a 2010. O Brasil era um grande importador de lácteos nos anos 2000, mas em 2004 foi mais exportador do que importador. Porém, veio a crise de 2008 e o mercado interno felizmente conseguiu absorver toda a produção. O setor lácteo conseguiu passar de 2008 a 2010 com o mercado brasileiro ascendente, crescendo e absorvendo toda a produção interna e até com um pouco de importação, especialmente dos vizinhos uruguaios e argentinos, que vieram escoar a sua produção no Brasil. Contudo, há uma tendência, pela condição de solo e de clima no Brasil, que o país futuramente se torne um grande exportador de lácteos. O mundo produz em torno de 500 bilhões de litros de leite por ano; como falei anteriormente, o Brasil produz 30, o que significa 6% do leite do mundo. O país tem condições de fazer uma produção ecologicamente correta, com a vaca, digamos, em seu “habitat natu-

ral”. Digo isso porque estive na Europa e vi o bem-estar animal dentre os 14 componentes que fazem o preço do leite ao produtor europeu. O produtor que “artificializar” a vaca, que colocá-la num sistema fechado ou que sacrificá-la terá uma perda de preço no leite. O Brasil tem todas as condições favoráveis de produzir permitindo que a vaca se alimente a pasto e suplementando-a com grãos. Obviamente, acho que o produtor pode e deve suplementar. No caso da Nova Zelândia, depois entendi porque ela não suplementava, só produzia leite a pasto, economicamente viável e com custo baixo: porque lá é proibitivo dar o grão. Num país que importa 40% da alimentação humana, se eles forem importar grão para alimentar a vaca produtora de leite, a população terá que tomar somente o leite que está sendo produzido no pasto, com uma média mais baixa, mas com um custo mais baixo. Isso não significa que o país que produz em média 30 litros por vaca é mais eficiente que o país que produz 15 ou 20; é preciso observar o quanto custa para se fazer os 30 litros e quanto custa se fazer os 15 ou 20. É uma questão econômica facilmente entendida por quem trabalha com leite. Em suma, queria dizer que o mercado do agronegócio é promissor. Ouvi palestras sobre grãos, pois sou produtor, e até sobre café, que normalmente não é minha área. Raramente o Brasil está na rota de produzir e alimentar o mundo com alimentos. Quando se fala em grãos, grão também é carne, pois o frango ou suíno são “feitos” de grãos - e agora até boi está sendo feito com grão. É uma oportunidade que o Brasil tem e por isso parabeno a SNA por um Congresso como esse. É preciso valorizar, levar aos estudantes e políticos a cadeia do agronegócio para que entendam que, de tão importante, ela deve ser mais valorizada, mais entendida e também mais bem profissionalizada.

GRÁFICO 16



# Qualidade, saúde, tecnologia e informação para as carnes brasileiras

**JOSÉ MILTON DALLARI SOARES**

Vice-presidente do Conselho Nacional da Pecuária de Corte (CNPC)

Queria agradecer à Sociedade Nacional de Agricultura em nome do seu presidente e dirigentes pela gentileza do convite. Espero trazer um pouco de informação sobre a cadeia produtiva de carnes, depois de diversas palestras sobre grãos. Só que o complexo carne é um dos grandes consumidores de grãos, não só no Brasil, mas em termos mundiais. Assim, para que se possa entender melhor o sistema de tudo que foi discutido durante o Congresso, achei melhor trazer algumas coisas a título de informação sobre a economia brasileira e mundial e ver como as carnes se inserem dentro desse processo. Combinei com o palestrante José Vicente Ferraz como falaremos sobre o tema de carnes e tentaremos complementar o tema.

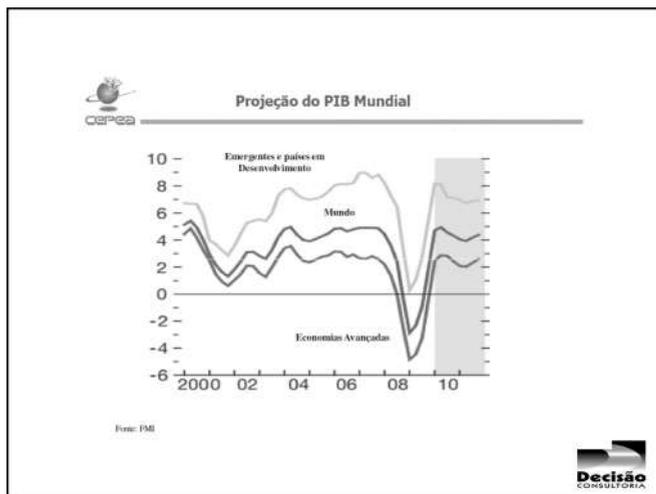
O Gráfico 1 é bem conhecido e dá uma ideia da economia mundial a projeção do PIB mundial hoje. Ele é divulgado pelo FMI mostrando o “buraco” visto no ano de 2008 e 2009 e uma recuperação mundial, principalmente das economias avançadas e dos emergentes, apesar da série de dificuldades que o mundo desenvolvido vive, as grandes dificuldades que ocorrem na Europa, nos Estados Unidos e no Japão. Ainda há uma margem muito interessante para países emergentes, como o Brasil na exportação do seu agronegócio naquilo que é possível.

DANIELLEMEDEIROS



“Há muito espaço para o Brasil crescer na produção de carne bovina”

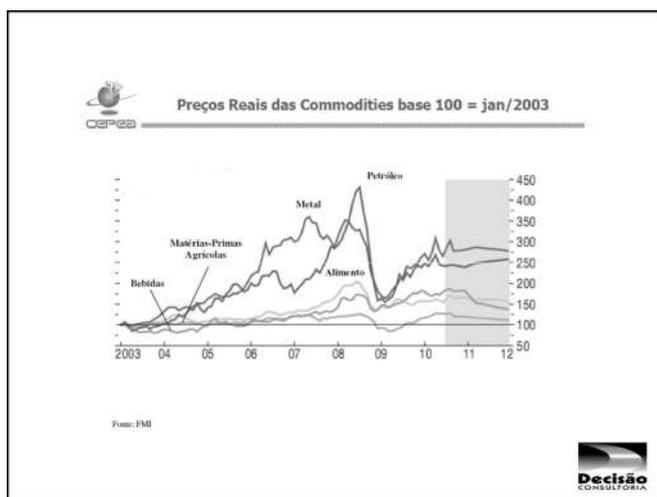
GRÁFICO 1



## Preços reais das commodities

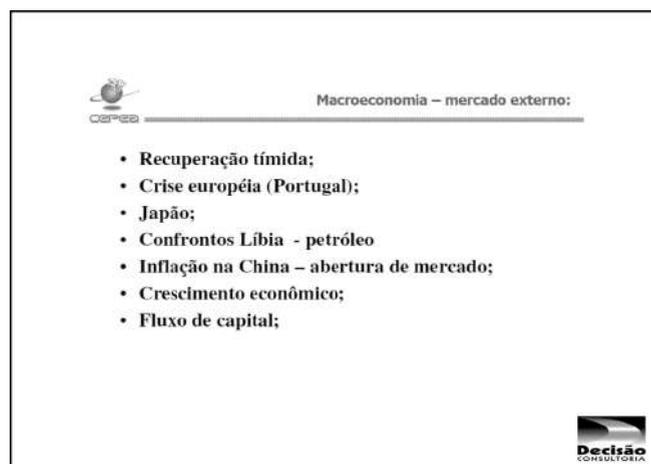
Observa-se no Gráfico 2 os preços reais de todas as commodities, além da informação sobre as commodities principais que existem hoje no mundo, abrangendo bebidas, matérias-primas agrícolas, metal, alimento, petróleo. Vê-se que elas, desde 2003, tiveram um comportamento completamente aleatório, mas, depois, há o problema de 2008 e 2009, a quebra financeira mundial. Naquele momento vê-se que todas elas têm um determinado comportamento, com exceção das bebidas, que apresentam uma queda. Todas as demais commodities agrícolas, principalmente as que dizem respeito ao Brasil, começam a ter um comportamento de estabilidade de preços muito bom.

GRÁFICO 2



O Quadro 1 traz, em termos da macroeconomia, assuntos atuais no mercado externo. Recuperação tímida. Crise europeia, na qual incluí Portugal, mas a Grécia está com um problema muito maior. Holanda e Inglaterra também passaram por problemas; Portugal e Espanha são os últimos que o mercado europeu vem tentando segurar de alguma maneira para que suas economias efetivamente consigam se sustentar. Do Japão, são conhecidas as dificuldades, que forneceram uma lição de cidadania muito grande a partir do problema do terremoto e tsunami que ocorreram. Quanto à recuperação, não tenho dúvidas que o Japão acabará se recuperando em dois, três anos pela vontade do povo, pela receptividade que tiveram mundialmente e por tudo aquilo que a sociedade japonesa vem fazendo. Os confrontos no Oriente Médio, começando pela Líbia: o petróleo é um dos componentes básicos. Vejo que logo teremos um problema com a exportação de carne no Brasil, pois tal região é grande consumidora não só de carne bovina, como de frango principalmente. Na China, a inflação começa a aparecer, algo que praticamente não existia numa economia planificada, era uma inflação sob controle. Agora ela começa a dar sinais de crescimento, principalmente nas vizinhanças do mar do Japão, onde está concentrada a grande explosão industrial chinesa. O crescimento econômico continua, mas num patamar um pouco menor, e os fluxos de capitais estão vindo para o Brasil com um certa intensidade. Eles nada mais são do que um arbitramento, taxa de juros mundial, do que qualquer outra coisa: um fato é aplicar no mercado americano a 1,5% ao ano, bem diferente de aplicar 12% ao ano no Brasil. São esses capitais que vêm fazer uma arbitragem no Brasil seguramente.

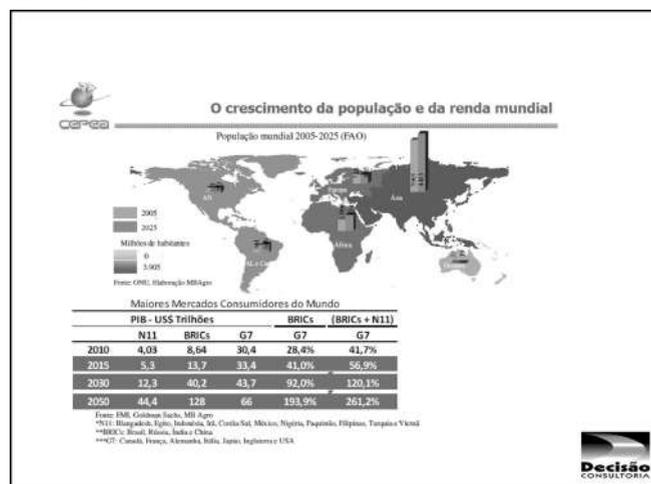
QUADRO 1



### Crescimento populacional e da renda mundial

No Quadro 2 está a ideia do crescimento da população e da renda mundial. Observa-se que efetivamente o grande mercado, tanto em termos de renda quanto em termos de crescimento populacional, está na Ásia. Por isso geralmente a tendência é observar que o crescimento se dará efetivamente na Ásia, e não só nos BRICS. Existem os BRICS, G7 e o N-11, no qual efetivamente ocorrerá o crescimento para o Brasil no agronegócio. Sem dúvida nenhuma, é preciso olhar para a Ásia, que é muito mais conveniente para o Brasil.

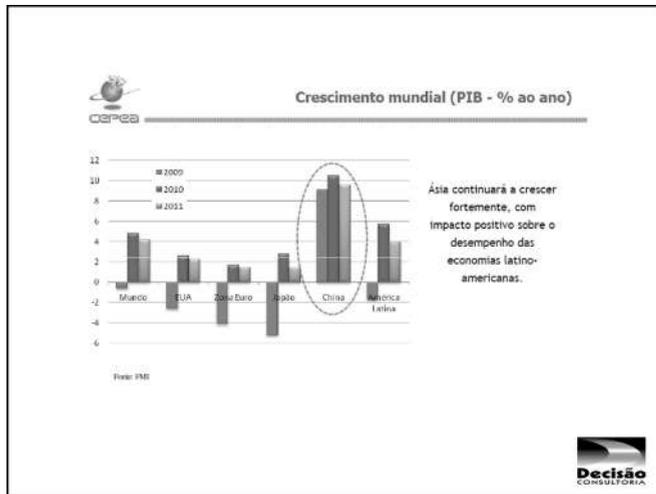
QUADRO 2



O Gráfico 3 revela o crescimento mundial do PIB ao ano: é perceptível o crescimento firme que a China vem demonstrando efetivamente desde 2009 até 2011. Sabe-se que o mundo teve uma queda em 2009, uma melhoria em 2010, 2011; no Gráfico 3

aparecem também os Estados Unidos, Zona do Euro, Japão, China e América Latina. Ou seja, a Ásia efetivamente continuará a crescer fortemente, com impacto positivo para o Brasil principalmente nas commodities metálicas, minerais e agrícolas.

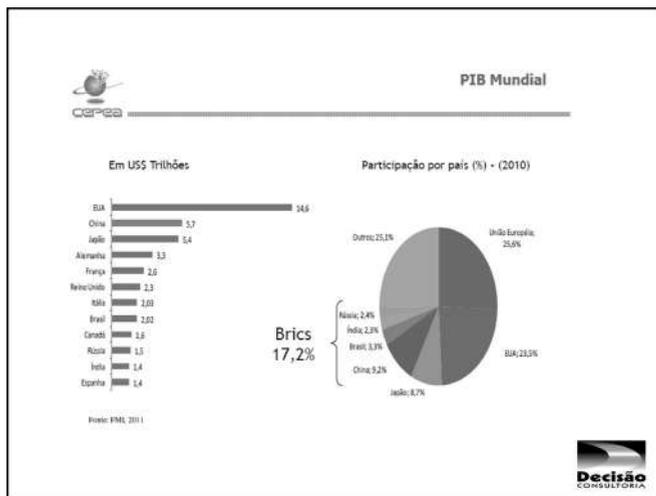
GRÁFICO 3



### PIB mundial

Em termos de PIB mundial, visto no Gráfico 4, a grande economia mundial é mesmo os Estados Unidos, com US\$ 14,6 trilhões; a China, com 5,7, já superou o Japão, com 5,4, como a segunda grande economia do planeta; a Alemanha está com 3,3. Para os BRICS - Rússia, Índia, Brasil, China - a participação do Brasil muda substancialmente. A grande economia mundial ainda é os Estados Unidos, que deve voltar a crescer talvez mais rápido do que a Zona do Euro. Daí o Brasil vai continuar sendo um grande parceiro.

GRÁFICO 4



O Gráfico 5 traz a poupança na Ásia e no Oriente Médio, mostrando que as reservas internacionais da Ásia estão em 3.085 trilhões; Japão, Estados, América Latina inteira têm 485 e o Brasil tem US\$ 300 bilhões. Ou seja, o Brasil tem que efetivamente direcionar o grosso de seus negócios para a Ásia e os Estados Unidos, e a Zona do Euro com um pouco menos de intensidade.

GRÁFICO 5



### A economia brasileira e seus indicadores

Em termos da macroeconomia do mercado interno, abordada no Quadro 3, o novo governo está enfrentando um problema de saída da inflação: taxa de juros, crescimento econômico e fluxo de capital. São os quatro itens de qualquer modelo, de qualquer governo, seja do PT ou qualquer outro partido político. O país sempre terá que se deparar com esse tipo de variáveis macroeconômicas. Normalmente se quer conter a inflação subindo a taxa de juros, mas o país já chegou a uma situação que a taxa de juros que, quando alterada, seu efeito dela sobre a economia, sobre a inflação e sobre o crescimento econômico não tem mais aquela validade que tinha há 15, 20 anos. Eu acho que é um modelo que tem que ser repensado e rediscutido: como conciliar tais coisas. Na medida em que se sobe a taxa de juros, segura-se o câmbio e prejudica-se a indústria brasileira, que começa a ter um processo de desindustrialização crescente, com muita dificuldade em vários setores da economia.

O Gráfico 6 apresenta o investimento real, com um pouco menor intensidade em termos de formação no CEPEA. Este comportamento acontece desde 1991, mas quis mostrar principalmente aos estudantes as diversas variações ocorridas, as várias crises que aconteceram no mundo ao longo desse

período. E também o efeito da crise financeira de 2008 e 2009, bem como uma volta ao investimento real, no Brasil em torno de 19,5, quando já se cresceu 23,5%, da formação bruta de capital fixo. Desde os investimentos no Brasil em 93/94, agora o país está voltando ao patamar de 19,5. Só que para se fazer o PAC1, PAC2, seria preciso voltar a crescer esse fluxo de capitais e investimento real em torno de 23%, saindo de 19,5%. Espero que o Brasil comece a evoluir em todo esse processo.

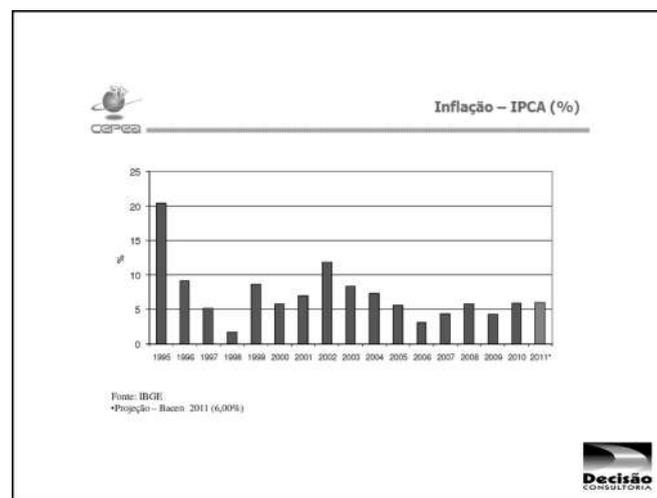
trabalhar um pouco na época da elaboração do Plano Real: vimos qual é o efeito devastador que uma inflação faz na economia brasileira, principalmente na população de baixa renda. É preciso então que sociedade a inteira brigue, no bom sentido, para que a inflação não fuja desses patamares máximos de 4,5, 5% ao ano.

QUADRO 3

**Macroeconomia – mercado Interno:**

- Novo Governo:
  - Inflação;
  - Taxa de Juros;
  - Crescimento econômico;
  - Fluxo de capital;

GRÁFICO 7



O Gráfico 8 mostra o PIB brasileiro em trilhões, chegando próximo a 3,5 trilhões, mas com uma diferença de 14 com a economia americana. Observa-se também uma faixa de crescimento ainda muito grande.

GRÁFICO 6

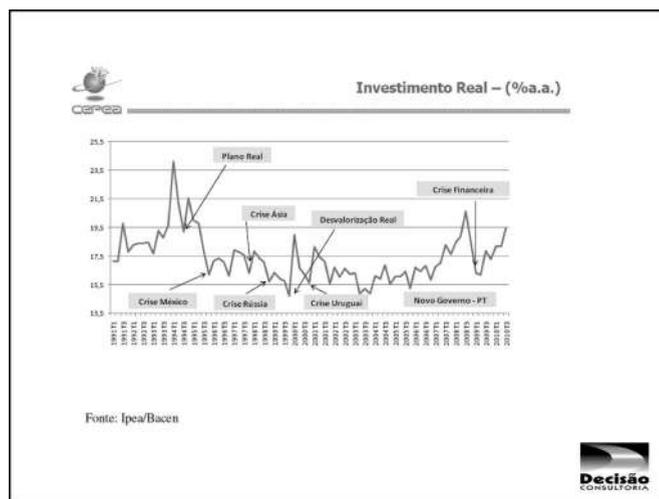
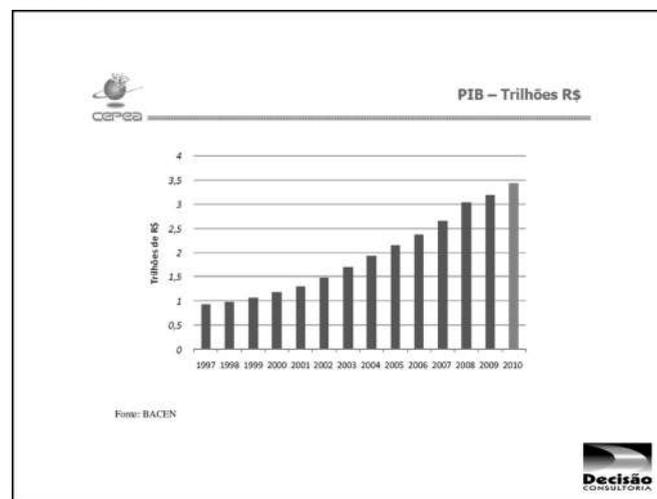


GRÁFICO 8

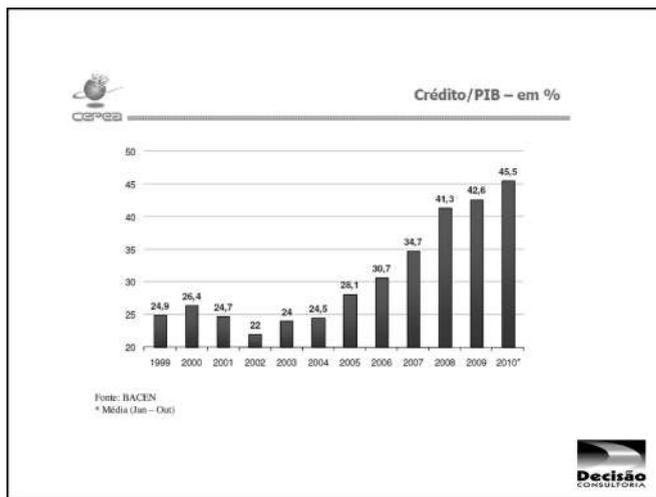


O Gráfico 7 traz a inflação medida pelo IPCA: ela está contida desde 95, quando do Plano Real, e vem se mantendo nesse nível. Em junho de 2011, foi lançada uma determinação do Banco Central e do governo que não só mantém em 4,5 a taxa do IPCA para 2012 como a fixa em 4,5, fixando as metas de inflação, algo muito importante para os produtores de carne. O CNPC teve a oportunidade de

Houve uma relação muito interessante que aconteceu no Brasil e acho que muitas pessoas sentiram isso: o aumento do crédito em relação ao PIB, apresentada pelo Gráfico 9. O Brasil, ao longo de

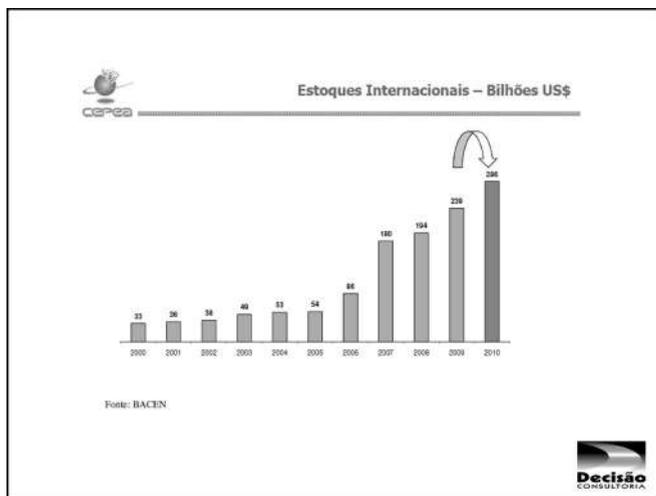
muitos anos, ficou na faixa de 25, 26 em termos da relação crédito/PIB brasileiro; a partir de 2006 passou a haver um crescimento, que atingiu, em 2010, 45% do PIB. Isso, com certeza absoluta, deve trazer uma dificuldade para as famílias brasileiras em termos de nível de endividamento. No ano de 2011, já se sentiu no Brasil inteiro - na região Sudeste em especial - um índice de inadimplência bancário em torno de 10,5 a 11% e, nos negócios em geral, de 5 a 5,5%. Ambos frutos do aumento de crédito e do endividamento das famílias.

GRÁFICO 9



O Gráfico 10 mostra os estoques internacionais em termo de dinheiro: vê-se que há muito dinheiro no mundo para se poder investir.

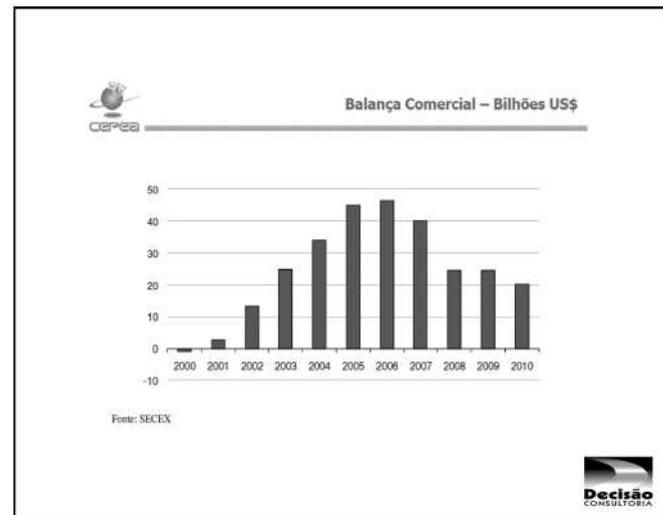
GRÁFICO 10



A balança comercial brasileira já começa a sentir os efeitos desse processo todo, revelado pelo Grá-

fico 11. A partir do crescente observado até 2006, houve uma queda para a um patamar muito complexo. Enquanto se mantiver a política cambial atual, haverá muita dificuldade com as exportações brasileiras, com importações maiores. Embora do ponto de vista do consumidor brasileiro seja interessante, seria prejudicial pela relação de emprego. Ou seja, está se gerando empregos em outros países e tirando os empregos da indústria no Brasil.

GRÁFICO 11



No Quadro 4, os mais recentes indicadores de 2010 e 2011 do PIB: observa-se um primeiro efeito da queda da economia brasileira, já avaliada em 4% para este ano. Há uma taxa de desemprego crescente, a maior parte dela para o pessoal um pouco mais bem preparado e assim sucessivamente; já o indicador de inflação IPCA deste ano deve estar beirando os 5,9, 6%. Ele deve cair, mas não creio que atinja os 4,5% até o final do ano.

QUADRO 4

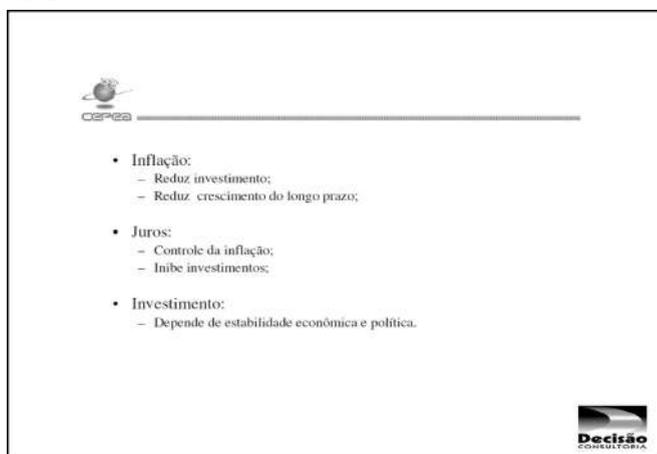
	2010	2011
PIB (Focus)	7,61	4,0
Taxa de Desemprego (médio)	6,3	7,0
Balança Comercial (US\$ bi)	16,9	15,5
Câmbio (R\$/US\$) - Médio	1,76	1,68
Câmbio (R\$/US\$) - Final de Dezembro	1,7	1,74
Selic (acumulada no ano)	10,03	12,06
Selic (Final de período)	10,75	12,25
IPCA	5,9	6,0
Investimento Estrangeiro Direto (US\$ bi)	33	44

Fonte: Breen, Ipealtes

## Recuperação econômica, aumento do consumo de carnes

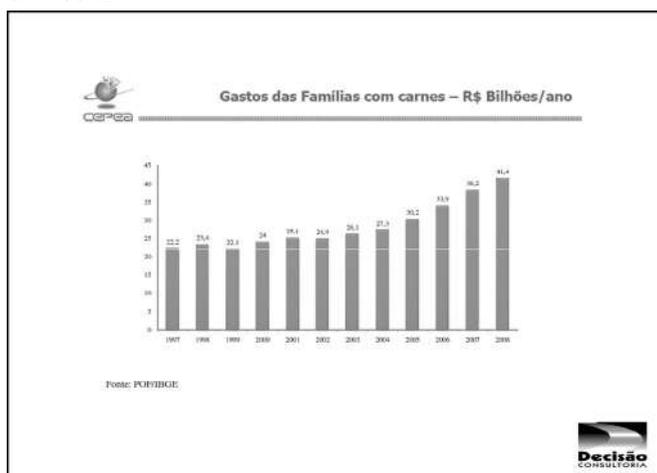
No Quadro 5, problemas para serem resolvidos. A inflação é um componente complexo: ela reduz investimento e crescimento a longo prazo. A taxa de juros para controle da inflação já está se mostrando ineficaz, além de inibir os investimentos que viriam para o Brasil. Só que o nível de investimento em qualquer país do mundo depende da estabilidade econômica e política. Ela existe hoje no Brasil, pode-se dizer que é um dos países que mantém uma certa estabilidade econômica e política.

QUADRO 5



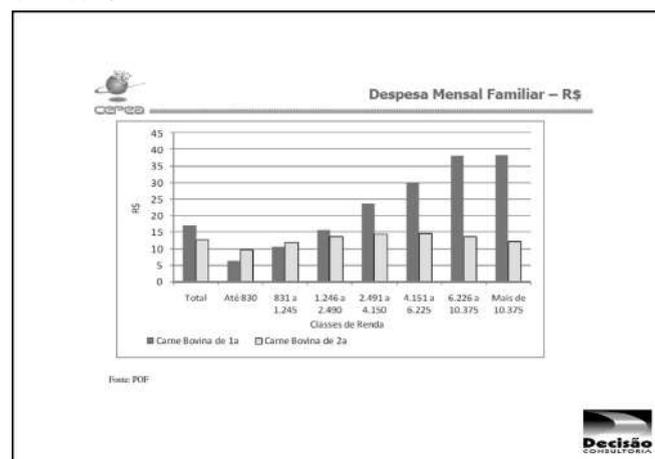
Entrando diretamente no mercado de carnes, o Gráfico 12 estima os gastos das famílias. É visível que, em bilhões por ano, o brasileiro gosta de comer carne, sem dúvida alguma, com um crescimento contínuo de R\$ 41, 4 bilhões por ano. São os gastos das famílias com o consumo de carnes no Brasil, comentado por outros palestrantes, é o consumo de proteínas.

GRÁFICO 12



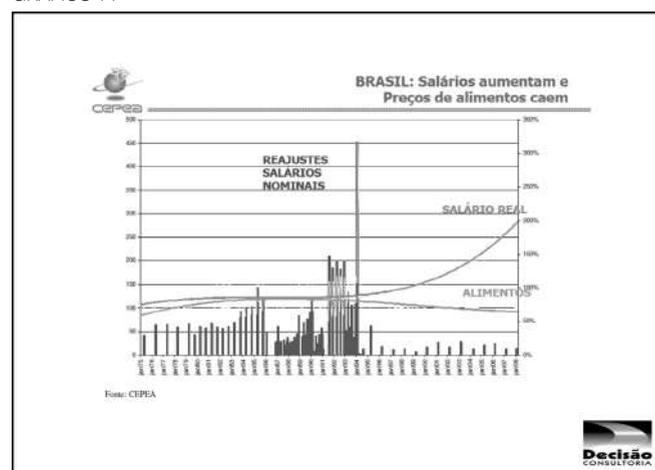
A despesa mensal familiar, no Gráfico 13, para que se tenha uma noção. A carne bovina de primeira é a coluna mais escura, num nível de 15 a R\$ 20, até 830 de classe de renda. No Gráfico de classes por renda, à medida que se vai subindo, ocorre um consumo maior de carne bovina de primeira e de segunda. O que se pôde inferir do mercado de carnes é claro: quando se melhora a renda do consumidor brasileiro, ele gosta de fazer seu “churrascão” de fim de semana; para os produtores é uma modificação no mercado.

GRÁFICO 13



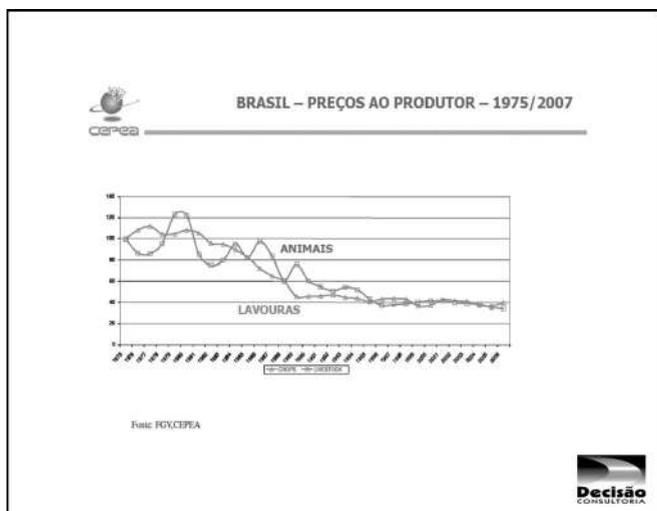
Já o Gráfico 14 mostra que, quando os salários aumentam, os preços dos alimentos caem. Palestrantes e a mesa do Congresso procuraram dizer o seguinte: o salário real cresceu, principalmente nos últimos anos, e o preço dos alimentos desde janeiro de 1975 tem uma curva ascendente. Só que o reajuste salários nominais, sem dúvida, aumentaram muito mais do que o preço dos alimentos. Isto é que tem “segurado” a inflação no Brasil, a grande contribuição do agronegócio.

GRÁFICO 14



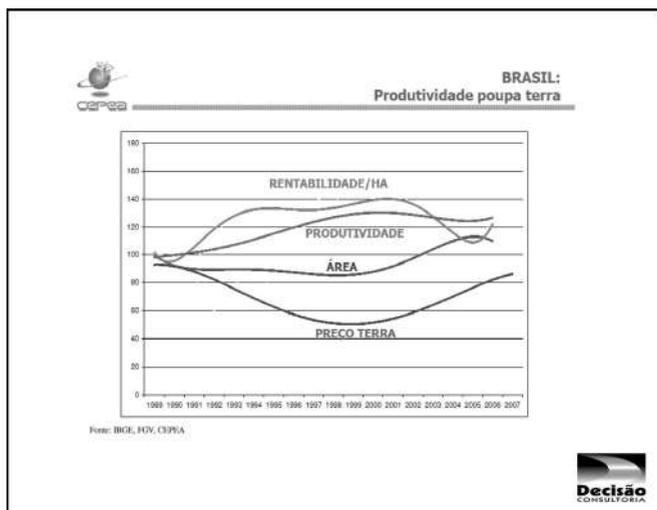
No Gráfico 15 estão os preços ao produtor desde 1975 até 2007, 2008. Em termos de animais, o comportamento é demonstrado pela linha com quadrados, diferente das lavouras, o que ocasionou um efeito no preço dos alimentos na extremidade do Gráfico.

GRÁFICO 15



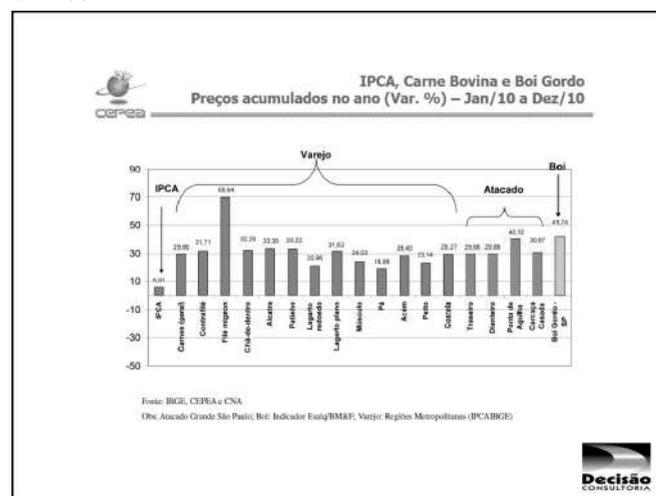
Rentabilidade por hectare apresentada no Brasil, também dados da Fundação e do CEPEA. De 1989 a 2008, o nível de rentabilidade por hectare ao produtor brasileiro mostrou o comportamento do Gráfico 16. A produtividade brasileira cresceu efetivamente, com a área plantada em queda e uma recente subida, mas no preço da terra apareceu essa concavidade, uma queda. Acho que a composição dessas quatro variáveis é que mostram o que aconteceu com o agronegócio brasileiro.

GRÁFICO 16



O IPCA, carne bovina e o boi gordo. No Gráfico 17 também há uma ideia do IPCA global, de 6,91. As carnes em geral estão com 29,6, o IPCA no varejo. Costela, peito, acém, pá, o que aconteceu com cada uma desse período de janeiro de 2010 a dezembro de 2010. Também o que aconteceu no atacado, que é o preço do traseiro, preço do dianteiro, a ponta de agulha e a chamada “carcaça casada”. Já o preço do boi gordo cresceu 41,74 ao longo desse período em relação ao crescimento dos preços das carnes para o varejo, que deu a configuração do IPCA.

GRÁFICO 17



O Gráfico 18 do IPCA faz um período um pouco mais longo, de janeiro de 2004 a dezembro de 2010, sobre a carne bovina e boi gordo, para que se verifique o que aconteceu. Então pode-se ver que, no varejo, ocorreu um crescimento em determinados tipos de carne, principalmente contrafile e file mignon, além do comportamento das demais carnes, como o traseiro, o dianteiro e o preço do boi. Ou seja, o segmento é harmônico, ele acompanha efetivamente o que acontece em termos de índice de variação de preço. Apenas em 2011 é que o boi brasileiro se diferenciou em relação ao boi dos demais países.

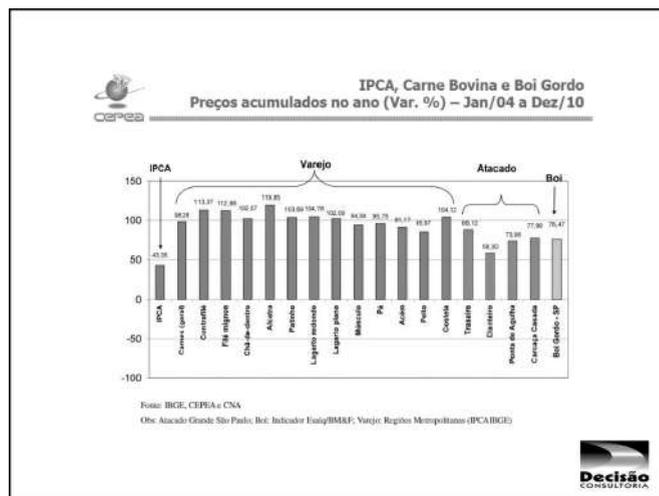
## Determinantes dos preços agrícolas

Os determinantes de todos os preços agrícolas são mostrados no Quadro 6, com tudo aquilo que já foi apresentado no Congresso. O crescimento da população brasileira; da renda; da demanda por biocombustíveis, que acelerou o processo nosso do etanol e de outros produtos na área de biocombustíveis. Crise nos Estados Unidos, União Europeia e Japão com desvalorização do dólar, do

euro e do iene. As questões ambientais, que foram discutidas muito rapidamente por outros palestrantes e que têm que ser muito bem refletidas, porque a demanda por alimentos é crescente e mundial. É preciso encontrar um ponto de equilíbrio entre a produção agrícola e as questões ambientais para que os humanos não sofram ou de um lado ou de outro e tenham problemas mais sérios ali na frente.

dos esses segmentos cresceram. Apresentei um Gráfico anterior da terra com a parte de fertilizantes, sementes, máquinas e defensivos, mostrando uma correlação quase perfeita. Estudantes universitários sabem disso: em termos de coeficiente de correlação, ocorre uma volta mínima de 86 e máxima de 98, o R2. Em algumas variáveis, esses níveis incrementam o preço agrícola dentro da mesma correlação, sem dúvida uns maiores e outros menores, mas acompanhados um do outro.

GRÁFICO 18



QUADRO 7

Determinantes dos preços agrícolas: Oferta

- Terra
- Fertilizantes
- Sementes
- Máquinas
- Defensivos

QUADRO 6

Determinantes dos preços agrícolas: Demanda

- Crescimento da População
- Crescimento da Renda
- Crescimento da demanda por bicomustíveis
- Crise nos EUA, EU e Japão
  - Desvalorização do dólar, euro e iene
- Questões ambientais

### Evolução de preços do boi gordo brasileiro

O Quadro 7 traz os determinantes dos preços agrícolas. É uma questão da oferta de terra. Fertilizantes, sementes, máquinas e defensivos. O que se observou nos últimos dois anos é que, à medida que os preços agrícolas começaram a crescer, to-

A evolução histórica do preço do boi gordo no Brasil. Desde 1954, a CNPC levanta a série do Gráfico 19, englobando o suicídio de Getúlio Vargas, o período de Juscelino Kubitschek e vários presidentes, Jânio Quadros, João Goulart, golpe, estabilização, milagre econômico, crise do petróleo, Plano Real, moedas de planos econômicos. Houve sete planos econômicos nesse período: é espantoso ver como um empresário poderia operar num período caótico como o do Gráfico 19. Porém, a partir do Plano Real, há uma certa estabilidade e um pouco mais de segurança aos investimentos brasileiros.

O Gráfico 20 apresenta uma evolução histórica do preço do boi, que permaneceu entre US\$ 16 e US\$ 27 a arroba por durante um longo período, quase 40 anos. Em pequenos períodos, ele atingiu 32, 33, 27, mas atualmente não. A partir de 2010 já ocorre um comportamento diferenciado: a evolução da arroba do boi (15 kg), de julho de 94 a fevereiro de 2011, já atingiu 74, 109, esse número índice, 85, novembro 117,8. Já os valores de junho de 2006 foram preços mais baixos dos últimos 50 anos, quando a arroba do boi chegou a 67,11 reais.



comunidade econômica europeia. Nos anos 90, o CNPC teve a oportunidade de negociar. Eu participava como diretor executivo da ABIEC, e o Brasil exportava 1.000 toneladas ano de uma cota chamada Hilton. O valor da cota Hilton hoje é da ordem de US\$ 10 mil dólares por tonelada no mercado internacional. A Argentina, naquela ocasião, tinha 27 mil toneladas de cota; daí, o Brasil fez um grande esforço com os frigoríficos, com a indústria em geral e com o governo brasileiro para ampliar essa cota - e conseguimos. Ela subiu de 1.000 toneladas para 5.000 toneladas, mas a Argentina manteve suas 27 mil toneladas. Só que o Brasil tem mais de 50 mil toneladas de carne indústria, que está valendo hoje 2.200, US\$ 2.100 por tonelada. Então há uma competição, ainda hoje, entre a carne argentina e a brasileira, porque o argentino vende as 27 mil toneladas a US\$ 10 mil dólares em média no mercado internacional. Enquanto isso, o Brasil tem que compensar seu prejuízo vendendo somente 5.000 toneladas, compensando as 50 mil toneladas de carne indústria. Então há uma discussão e uma negociação muito grande no mercado internacional. Por isso coloquei no Gráfico o valor in natura e o valor da industrializada para que se tenha uma noção entre ambas.

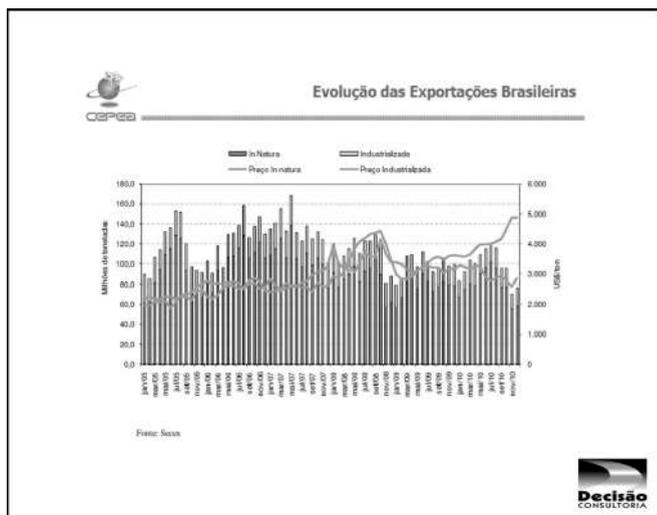
sou por um período muito ruim no final da década de 70. Em 76, 77 ocorreu a peste suína brasileira, que depreciou totalmente a carne e foram necessários quase 40 anos para o país voltar a produzir para o mercado internacional. Só nos últimos cinco anos o Brasil voltou a exportar um pouco de carne suína, principalmente para a Rússia e outros mercados.

Quem é estudante de veterinária sabe o desastre que é para um país quando se divulgam surtos de peste suína, que há febre aftosa em todos os lugares, quando se tenta derrubar os mercados brasileiros das carnes como um todo.

No Gráfico também estão os preços médios de exportação dos vários tipos de carne, como bovina, de frango e suína, esta que começa a se recuperar. Um palestrante mencionou que a carne de peixe é um mercado ainda muito incipiente, apesar de o Brasil ter uma costa maravilhosa. É preciso que o país evolua sua aquicultura e a maricultura. Acredito que, ao longo dos próximos 20 anos, haverá uma evolução muito grande nessa área. Quanto à aquicultura, já existem muitas iniciativas no interior de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Tocantins.

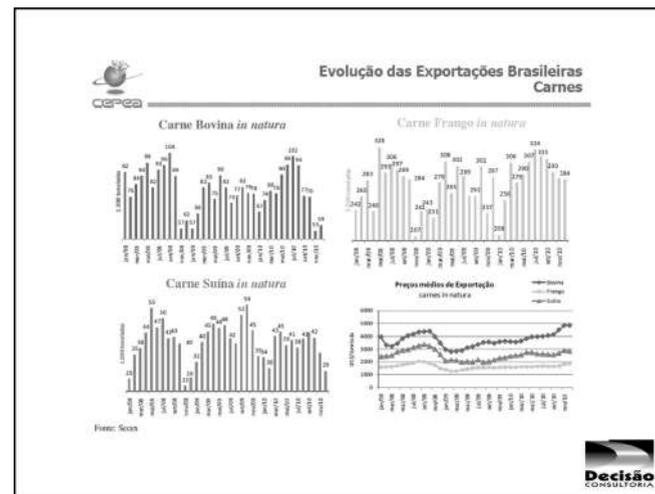
O SEBRAE faz um trabalho muito bonito em termos da expansão da criação de peixe de água doce nos vários estados da federação, e acredito que logo se desenvolverá uma grande produção de peixes de rio, como as tilápias, que já estão disseminadas. Quanto ao mar, projetos de fazendas marinhas estão sendo iniciados, não só de camarão, mas para peixes de água salgada. Neles, trechos da costa brasileira são divididos e começam a ter criatórios de peixes. Creio que isto provocará um reflexo muito grande nos próximos 10 anos na área de produção de peixes no Brasil.

GRÁFICO 23



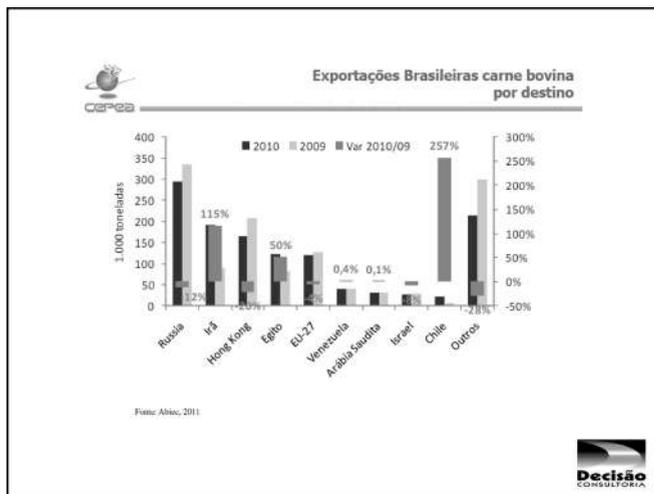
O Gráfico 24 mostra a evolução das exportações brasileiras de carne. O palestrante José Vicente Ferraz talvez consolide melhor as outras carnes no Brasil. Observa-se que o comportamento das exportações brasileiras de carne bovina in natura e de frango in natura é mais ou menos parecido. Com relação à carne suína, o Brasil pas-

GRÁFICO 24



No Gráfico 25, exportações brasileiras de carne bovina por destino, mostrando a Rússia como um grande consumidor. Contudo, às vezes ela dá uma “trava” no Brasil. Já Irã, Hong Kong, Egito, EUA, Venezuela, Arábia Saudita, Israel, Chile se tornaram grandes consumidores de carne brasileira, ou seja, o Brasil exporta carne bovina atualmente para cerca de 156 países.

GRÁFICO 25



## Produção de gado de corte “dentro da porteira”

O Quadro 8 traz a produção de gado de corte, feita “dentro da porteira”, no sistema de longo prazo e baixo risco, que é o pasto. Mas já há o sistema de confinamento de curto prazo e alto risco, que começa a se disseminar no Brasil, com algumas experiências que chegam a 20 anos na área. Isso é diretamente atrelado ao preço do grão, da soja. Assim, os confinamentos brasileiros estão se voltando à terminação do bovino, ou seja, não são uma estruturação de 12 meses e sim para conseguir o término do sistema bovino em 150 dias ou 120 dias. O custo do confinamento é alto e o risco é maior, sem dúvida.

## Custos de produção da carne bovina

No Gráfico 26, custos e arroba do boi gordo. Nele, observa-se a arroba em janeiro de 2004 a R\$ 59,21 e, em dezembro de 2010, a R\$ 115,16. Além disso, o custo operacional desde janeiro de 2004 equiparados aos custos em relação ao preço de venda.

QUADRO 8

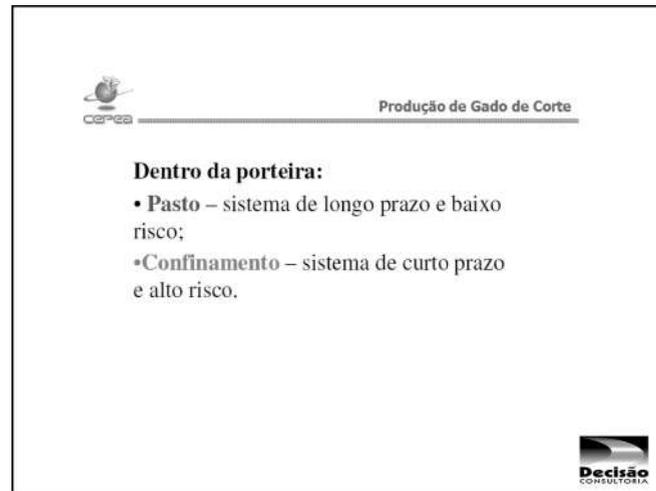


GRÁFICO 26

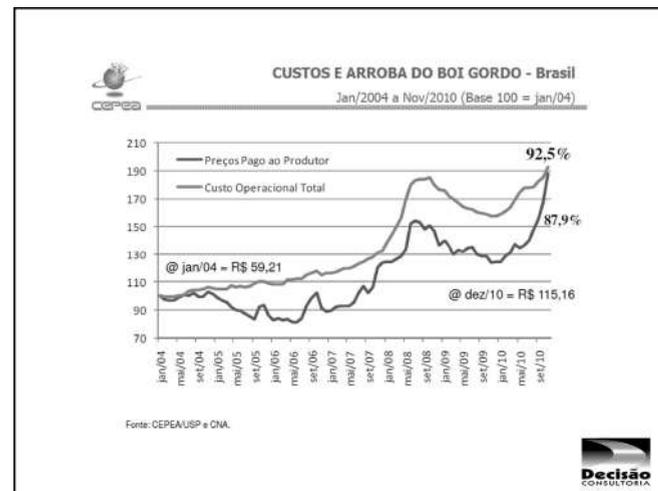
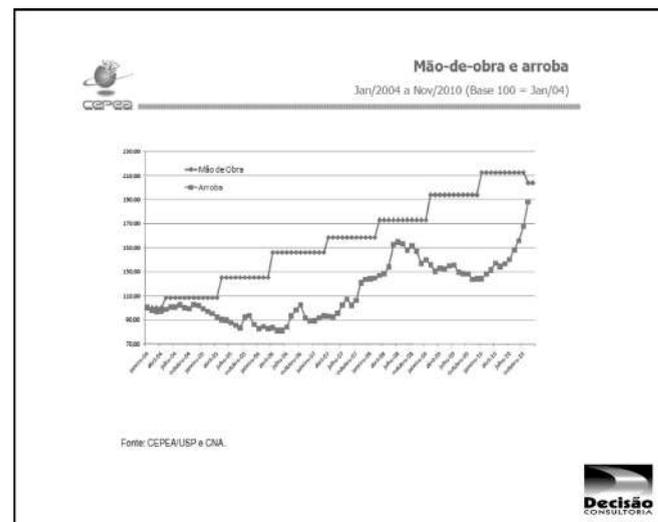


GRÁFICO 27

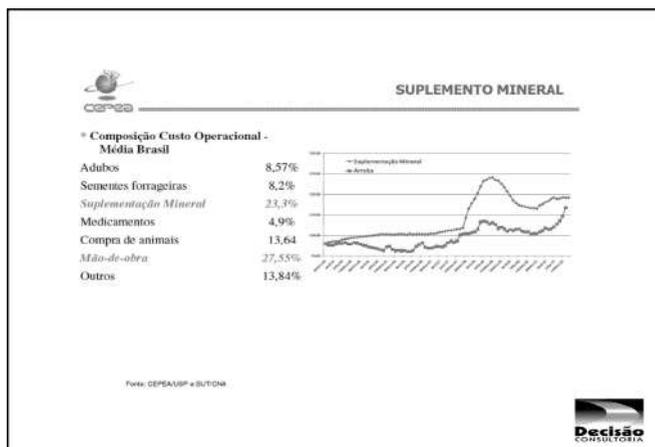


No Gráfico 27 estão relacionados mão-de-obra e

arroba, também mostrando qual é a diferença entre a arroba do boi e a mão-de-obra utilizada em termos de custo na manutenção da atividade.

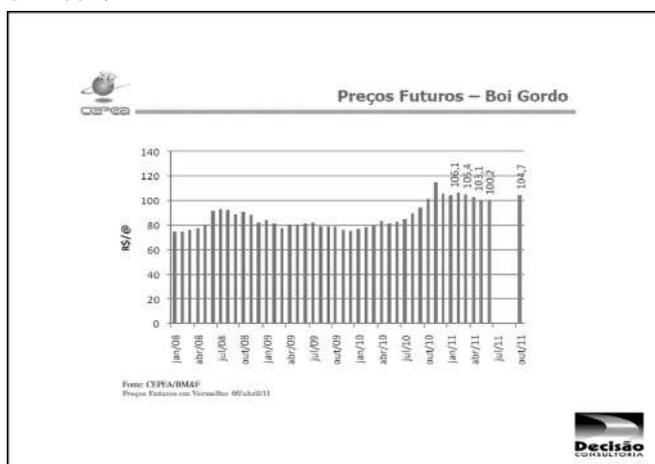
No Gráfico 28, suplemento mineral, com a composição do custo operacional em termos de adubo, semente, suplementação mineral. Observa-se que a suplementação mineral e a mão-de-obra são os dois componentes fundamentais da estrutura de custo dentro da bovinocultura brasileira.

GRÁFICO 28



No Gráfico 29, preços futuros do boi gordo, tomando como base a BM&F em São Paulo. Os preços futuros estão sinalizados no Gráfico 29 nas colunas mais escuras. O preço da arroba do boi gordo se mantém nesse nível, e provavelmente até outubro de 2011 não irá se desviar muito da direção dos preços futuros.

GRÁFICO 29

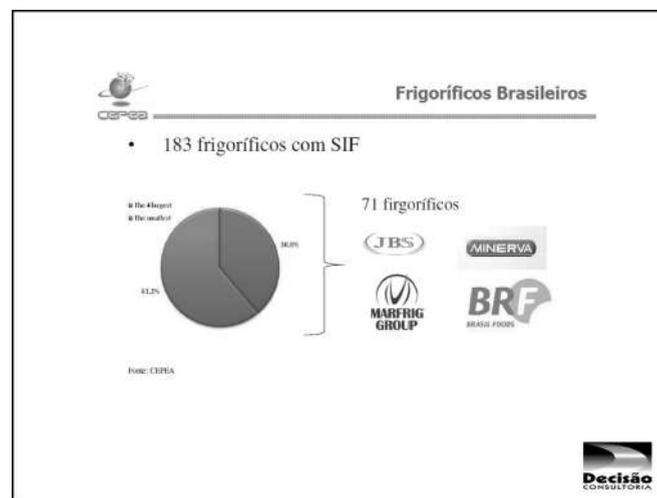


### A indústria brasileira e seus indicadores

O Gráfico 30 mostra que, no Brasil, há cerca de 10 anos, havia 32 frigoríficos considerados de exportação e cerca de 270 frigoríficos para o mercado

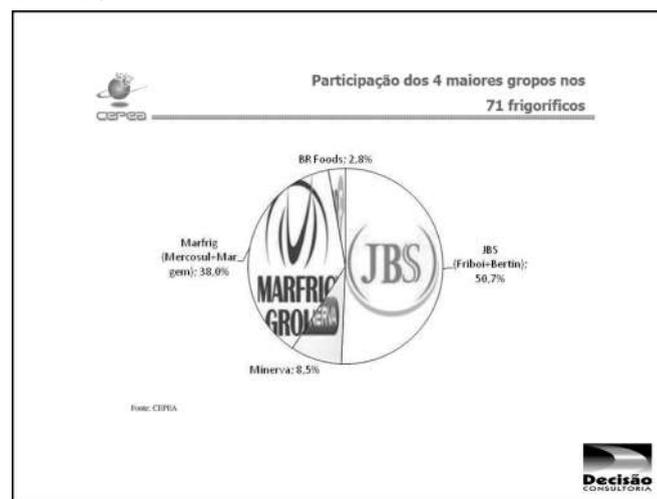
interno. Atualmente há uma grande concentração dos frigoríficos para o mercado externo, de exportação, e uma diluição em vários frigoríficos menores, por volta de quase 400 unidades. Elas nada mais são do que grandes fornecedores, não só do mercado interno, mas fornecedores dos grandes frigoríficos de exportação. O Brasil tem 183 frigoríficos com SIF, 71 deles da empresa JBS, da Marfrig, da Minerva e da BRF, que é a Brasil Foods. Os quatro maiores representam 38% da produção brasileira de carnes, enquanto os menores ficam com 61,2%. No Gráfico se observa a concentração que está começando nesse setor.

GRÁFICO 30



O Gráfico 31 mostra a participação dos quatro maiores grupos no universo de 71 frigoríficos, que são dirigidos tanto para mercado externo como para mercado interno.

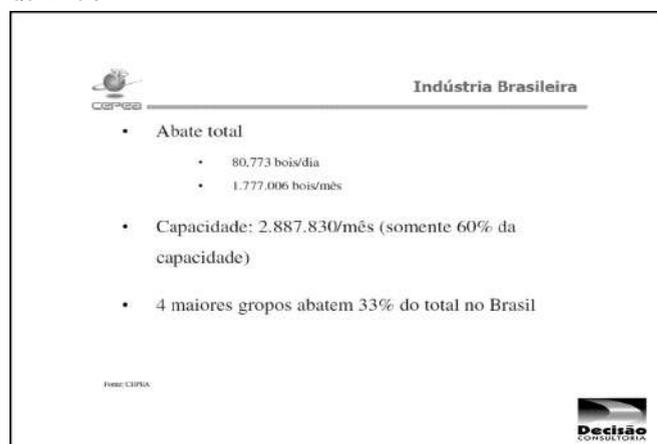
GRÁFICO 31



## Abate

No Quadro 9, o abate total da indústria brasileira: 80 mil bois por dia, 1.777.000 bois/mês. Muitas pessoas de fora do setor perguntam porque que um frigorífico quebra, e porque tão intensamente; eles quebram porque há um descasamento no capital de giro. É uma atividade completamente diferente das demais atividades industriais, que fazem uma montagem: na atividade frigorífica é feita uma “desmontagem” do boi. Quando se “desmonta” o boi, paga-se ao produtor em 30, 35 dias. Depois que o animal é processado, sua carne descansa por cerca de 15 dias e é vendida ao supermercado, que paga ao frigorífico de 35 a 40 dias - e isso provoca um descasamento de capital de giro. Então, quando o frigorífico não é bem gerido e não tem fundos que viabilizam sua operação, ele acaba quebrando. Considerando-se um abate de 80 mil bois por dia, com custo de 900 a 1.000 reais por boi, é visível o volume de capital de giro necessário para operar qualquer unidade frigorífica. Os quatro maiores grupos de hoje, que são os quatro que mencionei anteriormente, realizam 33% do total dos abates no Brasil, mostrando uma grande concentração.

QUADRO 9



O Gráfico 32 mostra o valor das ações desses frigoríficos, todos eles participando da bolsa. É visível que o JBS, Minerva, Brfoods e Marfrig têm um comportamento mais ou menos equivalente, mas há uma variação dos valores em reais por ação.

No Gráfico 33 o valor total das ações em bilhões de dólares. O JBS tem por volta de US\$10 a 12 bilhões, o Brfoods com cerca de US\$ 4 a 6 bilhões, além dos outros menores, o Minerva e o Marfrig.

## Margem dos frigoríficos

No Gráfico 34, a evolução na margem dos frigoríficos. Existe uma polêmica muito grande sobre onde a margem

de lucro está: no frigorífico, no supermercado, no açougue. É uma discussão que ocorre há, no mínimo, 30 anos, para ver quem está ganhando mais, se é o produtor, se é o pecuarista, se é o frigorífico. O Gráfico mostra a margem total de carne desossada, com seu comportamento desde julho de 94, também com o advento dos problemas que ocorreram em 1999 e em 2002. Elas têm um comportamento mais ou menos equivalente, carne sem osso e carne com osso, mesmo com o “buraco” em 2008/2009. Há uma relação interessante: tendo-se como referência o preço da tonelada do dianteiro de carne bovina no atacado, pode-se balizar o preço da tonelada de frango e o preço da tonelada de carne suína.

GRÁFICO 32

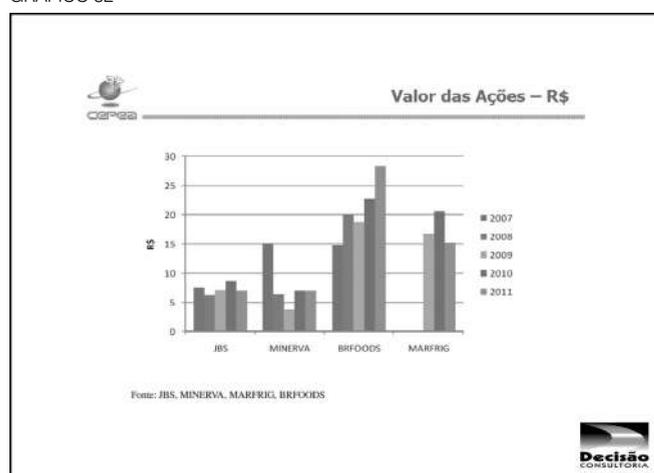
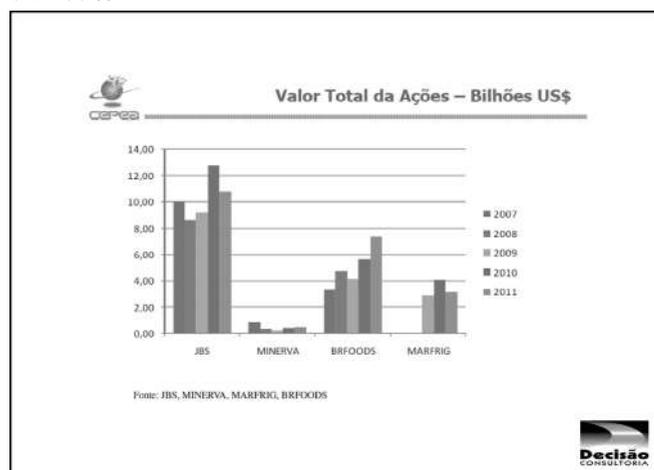
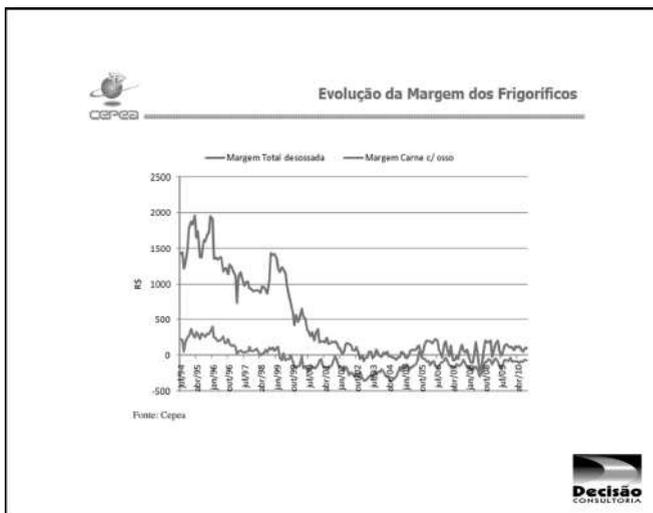


GRÁFICO 33



O Gráfico 35 revela as expectativas de demanda e oferta no futuro, ou seja, como o setor enxerga a produção e o consumo com relação à América do Sul, em milhões de toneladas de 2010 a 2015. O setor imagina uma produção com um crescimento bem simples, estável, além da área de consumo também crescer lentamente na América Latina. Já a parte de estocagem terá um comportamento de menor peso.

GRÁFICO 34

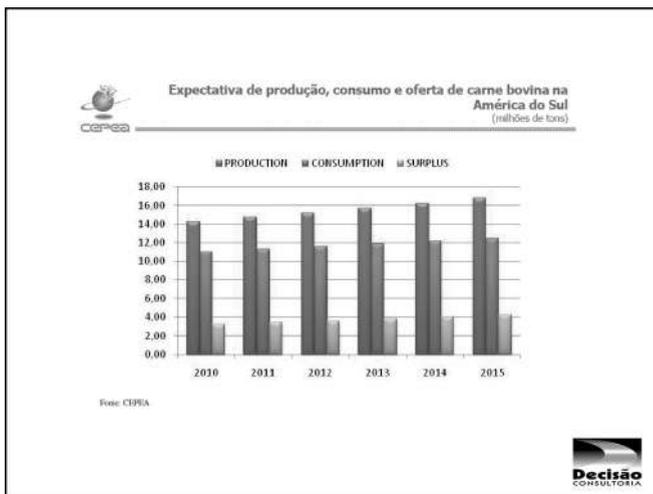


No Quadro 10, a expectativa de produção, consumo e oferta de carne bovina no Brasil. Considerando o crescimento do PIB, estimado pelo governo e o BACEN, em 4,5% para 2011 e 5% em média até 2015, o CNPC fez uma projeção de produção em milhões de toneladas, com uma taxa de crescimento de 3,5%. Já a taxa de crescimento da produção ficaria em 10%, assim, acredito que se obterá algo dentro desta faixa. Isso porque quando o PIB cresce em torno de 5%, o crescimento da carne bovina geralmente é 0,5 a 1% acima do crescimento do PIB. Então o CNPC elaborou o Quadro esperando de 3,5 a 10% para ter uma noção das duas alternativas.

### Produção X consumo de carne bovina

O Quadro 11 se refere à produção e consumo de carne bovina no mundo. Mantendo os mesmos dados em termos de crescimento do PIB mundial, em torno de 5%, que é o GDP, que está invertido no Quadro. A produção vai de 57 a 60 milhões de toneladas, com um consumo de 57 a 66 milhões de toneladas. Creio que haverá um déficit vindouro em termos de carne bovina mundial, ou seja, os preços da arroba do boi deverão voltar aos níveis de 27 a US\$ 30 por arroba nos próximos anos. Só que eu creio que será o contrário, o patamar de US\$ 60 dólares foi atingido, que é o preço do boi nos Estados Unidos, e isso deve continuar acompanhando os preços do boi.

GRÁFICO 35



QUADRO 10

Expectativa de produção, consumo e oferta de carne bovina – BRASIL

Anos	Taxa de		Produção (toneladas)	Consumo em mil toneladas	Produção (toneladas)	Consumo em mil toneladas
	Crescimento PIB	Taxa de Crescimento da Produção 3,5%	7.964.119,33	8.135.029,03	12.261.951,64	8.135.029,03
2010	7,8%	9.501.300,00	7.472.872,81	10.108.934,00	7.472.872,81	
2011	4,5%	9.833.845,50	7.879.747,81	11.134.079,31	7.879.747,81	
2012	5,0%	10.176.030,09	7.964.119,33	12.261.951,64	7.964.119,33	
2013	5,0%	10.534.081,15	8.135.029,03	13.504.087,34	8.135.029,03	
2014	5,0%	10.902.990,29	8.372.694,19	14.872.051,39	8.372.694,19	
2015	5,0%	11.284.983,90	8.617.302,11	16.378.590,19	8.617.302,11	

Fonte: CEPEA e Bacen  
Taxa de Crescimento da Produção 3,5%: últimos 10 anos  
Crescimento do consumo em 2011/2010: 2,8%

QUADRO 11

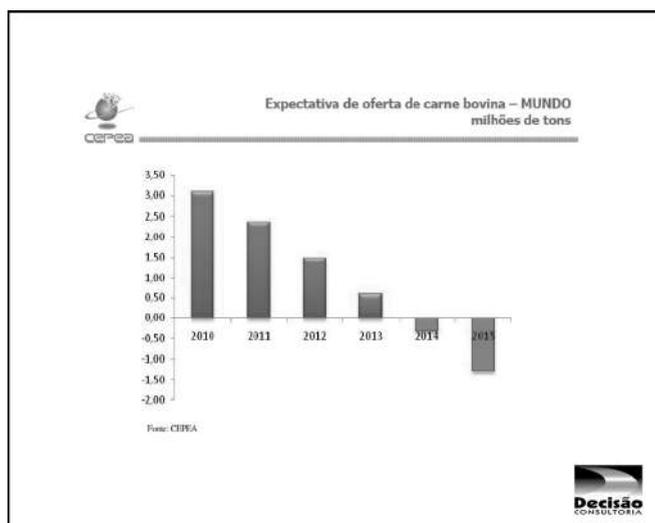
Expectativa de produção, consumo e oferta de carne bovina – MUNDO

Years	Growth Rate of GDP	Production (tons)	Consumption (tons)	Surplus (tons)
		57.592.871,70	57.741.333,22	-148.461,52
2010	3,9%	57.592.871,70	57.741.333,22	-148.461,52
2011	4,3%	58.174.559,70	59.224.844,51	-1.050.284,81
2012	5,0%	58.762.122,76	60.880.410,50	-2.118.287,75
2013	5,0%	59.355.620,26	62.582.256,04	-3.226.635,84
2014	5,0%	59.955.111,96	64.331.674,81	-4.376.562,85
2015	5,0%	60.560.658,55	66.125.906,68	-5.565.248,13

Fonte: CIPEA e IMI  
Taxa de Crescimento da Produção 1,01%: últimos 10 anos

A expectativa da oferta apresentada pelo Gráfico 36 deve ocorrer em 2014, 2015, mostrada em números. Há muito espaço para o Brasil crescer na produção de carne bovina e compor com outras carnes.

GRÁFICO 36



O Quadro 12 apresenta o cenário da produção na América Latina, mostrando Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai. Basicamente, o crescimento do Brasil é que vai determinar qual será o crescimento do bloco todo.

QUADRO 12

	ACTUAL SCENARIO	GROWTH SCENARIO
Argentina	2,15%	7,00%
Brazil	3,50%	10,30%
Chile	1,47%	6,00%
Paraguay	6,68%	10,00%
Uruguay	4,49%	9,00%

A expectativa de oferta, comportamento que já é visualizado em termos internacionais, é observada no Gráfico 37.

O Gráfico 38 relaciona a produtividade no mundo e no Brasil kg/boi/ano, apresentando duas curvas mais ou menos estáveis.

A distribuição geográfica brasileira, que trouxe uma discussão muito grande no Congresso, é apresentada no Quadro 13. As pastagens e campos na-

turais, dado do Ministério da Agricultura. O Brasil tem 172 milhões de hectares em pastagens e campos naturais, o que representa 20%; unidades de conservação, as reservas, são 176; áreas indígenas, 118; áreas de assentamentos rurais, 77 milhões; 55 para lavouras temporárias, 17 para permanentes. Florestas cultivadas, 5; áreas devolutas e outros usos, 160; áreas inexploradas disponíveis para agricultura, não considerando a Floresta Amazônica, 106 milhões de hectares. Ou seja, há muita disponibilidade de terra para que o Brasil possa desenvolver-se sem derrubar uma árvore. Sem dúvida nenhuma, o país tem um grande caminho a percorrer pela frente.

GRÁFICO 37

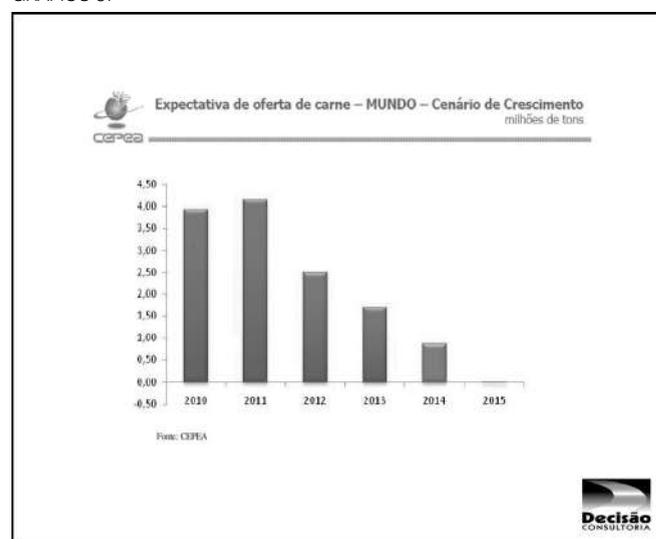
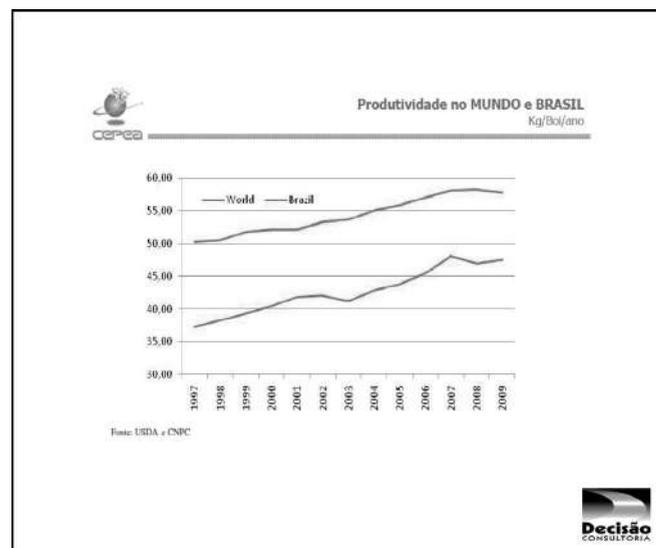
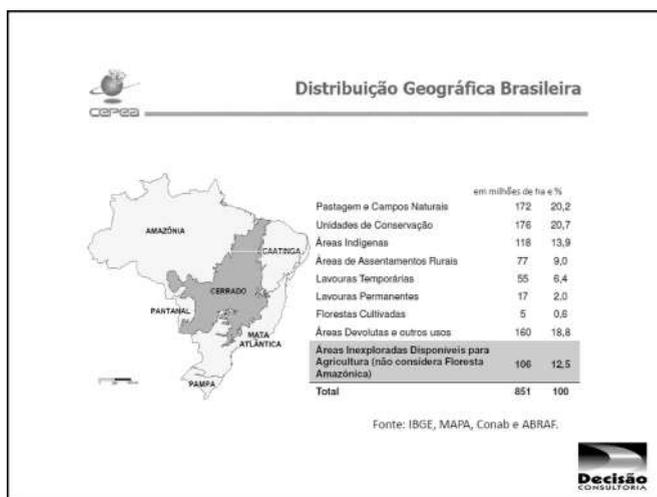


GRÁFICO 38



QUADRO 13



Os principais motivadores (“drivers”), os principais segmentos, os principais direcionamentos, que o setor de carnes deveria ter na atividade estão no Quadro 14. Entre eles, orientação crescente no consumidor. O que o consumidor quer consumir? Carne bovina, frango, suíno, peixe, um mix de todas elas.

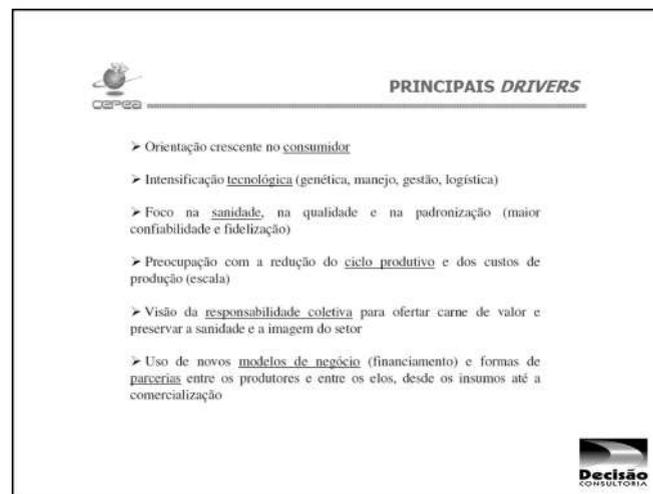
Intensificação tecnológica (genética, manejo, gestão e logística), o que carece muito de gestão e logística, principalmente na atividade industrial. Esse é um elo da cadeia produtiva ainda com dificuldade, e crescente.

Foco na sanidade, na qualidade e na padronização: não adianta conversar com os pecuaristas de Mato Grosso, pois eles dizem: “Nunca vacinei meu gado”. Certo, mas se eles compram gado na Bolívia ou do Paraguai, onde há foco de aftosa, isso acaba trazendo problemas para o Brasil na hora da internacionalização. Tanto é que o país nunca deveria deixar sair do Brasil o Centro de Aftosa do Rio de Janeiro, que é maravilhoso.

A Argentina está desesperada para levar esse Centro para lá. É preciso fazer um esforço gigantesco para mantê-lo aqui, pois é preciso ter sanidade animal em todos os segmentos da carne. Sem ela, o país vai sair do mercado internacional de alguns países. Preocupação com a redução do ciclo produtivo já existe.

Visão da responsabilidade coletiva para ofertar carne de valor, preservando a sanidade e a imagem do setor. A imagem do setor de carne no Brasil é péssima, complexa, que vem de 30, 40 anos atrás. Embora gradualmente venha melhorando, espero que os novos açougues, com a colaboração que o SEBRAE está dando no Brasil inteiro, possam ser efetivamente como “butiques” de carne. E não aquelas instalações ruins, que são vistas espalhadas pelo território todo. Por fim, uso de novos modelos de negócio com financiamento, para tentar diminuir a questão do descasamento do capital de giro entre a produção e o consumo da atividade.

QUADRO 14



# Evolução do mercado de carne no Brasil para o mundo

**JOSÉ VICENTE FERRAZ**

Diretor técnico da AGRA/FNP

Depois da brilhante palestra de José Milton Dallari Soares, que desenvolveu uma excelente contextualização da economia brasileira e mundial, meu foco será o setor de carnes, abordando especificamente as carnes bovina, suína e de frango. Quanto à piscicultura, não abordada, poderia ser considerado um menosprezo - muito ao contrário - mas, infelizmente, a piscicultura é pouco representativa na oferta geral de proteínas cárnicas. Mostrarei o contexto geral, a importância do setor na economia brasileira de um modo geral e para alimentação e abastecimento do país e do mundo. Além disso, no contexto do Congresso, mostrarei algumas oportunidades que a FNP verificou que são derivadas das vantagens comparativas brasileiras, bem como alguns desafios que o Brasil tem pela frente.



“A qualificação de recursos humanos será fundamental para o Brasil intensificar sua produtividade”

somadas as três principais. Os números às vezes ficam um tanto “etéreos”, mas posso dar uma ideia da ordem de grandeza: se a produção fosse posta em carretas que fizessem uma fila indiana, ela teria cerca de 18 mil km. O Brasil é realmente importante no cenário de abastecimento interno e do mundo, o que obviamente traz grandes benefícios, porém também traz alguns problemas - porque quem é grande causa medo nos concorrentes.

Como demonstra o Gráfico 2, o Brasil ocupa o 3º lugar na produção mundial de carne bovina, embora não seja exatamente um 3º lugar. A comparação é feita com a União Europeia, que está em 1º lugar, mas um bloco de 27 países. Depois, a produção brasileira está relativamente deprimida por causa do ciclo pecuário. Houve uma queda, mas já se produziu mais. Normalmente a produção brasileira é o 2º lugar mundial, pois fica atrás dos Estados Unidos.

GRÁFICO 1



O Gráfico 1 mostra o quanto o Brasil é um produtor mundial de carne, é uma “violência”. A realidade do Brasil é produzir 24 milhões de toneladas de carne,

GRÁFICO 2



Em termos de valor de exportação mundial de carne bovina, exposto pelo Gráfico 3, o Brasil está em 3º lugar. Isso corresponde a 21,3% dos volumes comercializados no mercado mundial, ou seja, mais de 1/5 de todo o volume do mercado mundial de carne bovina sai do Brasil.

GRÁFICO 3



Quanto à produção mundial de carne de frango, cujo desempenho é mostrado pelo Gráfico 4, o Brasil também está em 3º lugar. Acho fundamental se observar a curva ascendente da produção brasileira, que reflete que o Brasil continua crescendo enquanto que vários de seus competidores já foram superados, incluindo a própria União Europeia. Acredito que brevemente o Brasil deva superar a China, até porque ela teve problemas e está se tornando uma importadora mundial de milho. Também não deve haver mais muito interesse estratégico em expandir tanto a sua produção. Além disso, algumas palestras avaliaram que a China não deverá passar por uma estabilização do consumo, pelo contrário, todas as projeções apontam para um aumento. Consequentemente, aquele país vai provavelmente estabilizar sua produção, aumentar o consumo e começar a abrir as portas do seu mercado com a necessidade de importar carne de frango. Deste modo, o Brasil estará numa posição bastante importante para ser o supridor desse mercado.

Com o Gráfico 5 ainda se referindo à carne de frango, vê-se que o Brasil ocupa desde 2004 o 1º lugar de exportação desta carne. O país passou os Estados Unidos, mas a distância ainda não é grande. Existem problemas pontuais, como a questão cambial, que faz o Brasil perder um pouco da competitividade e afeta o setor. Porém, estruturalmente, acredito que o Brasil tenha todas as con-

dições para manter esse 1º lugar e até expandir a distância do segundo colocado, que é os Estados Unidos.

GRÁFICO 4

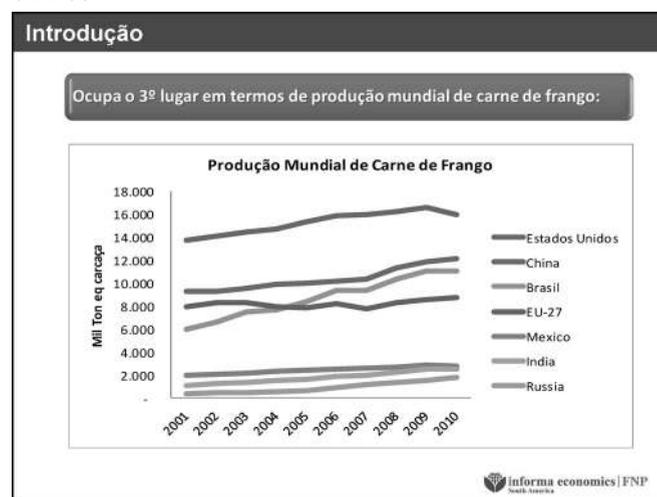
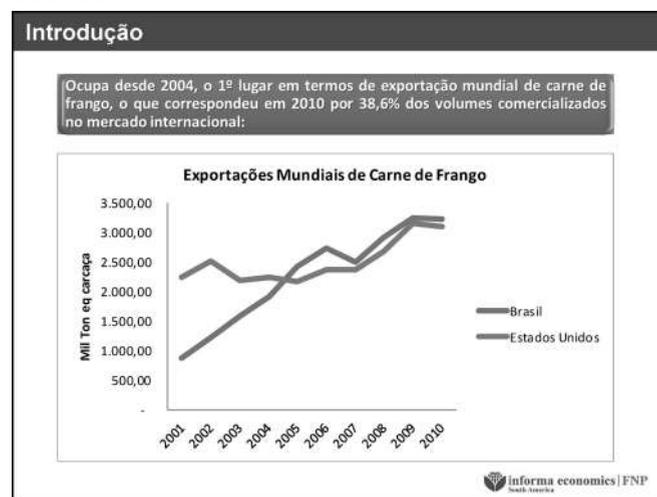


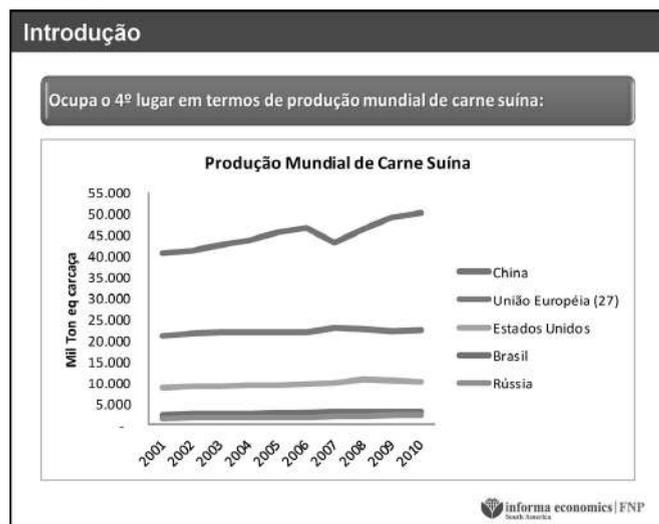
GRÁFICO 5



Passando para carne suína, no Gráfico 6, o Brasil está em 4º lugar na produção mundial. Isso é algo bastante significativo, apesar de todos os problemas que atingiram o mercado, como a peste suína africana. Também ocorreu a peste suína brasileira, que apareceu localmente e atrasou demais o mercado. Outro fato que pesa é a menor estruturação: o mercado interno para a carne suína é menos desenvolvido por questões culturais. Por questão da própria estrutura, o brasileiro de um modo geral consome muito pouca carne suína in natura, a não ser para a feijoada. O grosso do consumo de carne

suína no Brasil se dá através de produtos industrializados, como presuntos, linguiças, salames, etc. Como estes são produtos caros, sua penetração se dá numa faixa de renda da população relativamente restrita. Isso, ao contrário dos outros mercados do mundo, restringiu o mercado de carne suína in natura. Em muitos supermercados ou muitas casas de carnes nem se encontram cortes de carne suína in natura, o que traz uma dificuldade, porque o mercado interno é sempre essencial para segurar as grandes crises que eventualmente acontecem no mercado internacional. Foi marcante o problema mundial da “gripe aviária” - denominada incorretamente - e o que ela causou à carne de frango; foi o mercado interno que, apesar de alguns solavancos, conseguiu dar uma certa estabilidade ao setor e não permitiu que os prejuízos fossem ainda maiores. Depois, ainda permitiu que houvesse uma recuperação rápida.

GRÁFICO 6



## Importância da pecuária

O Brasil ocupou o 4º lugar também em termos de exportação de carne suína, como mostra o Gráfico 7. Então se observa que, em termos de produção, exportação e participação no mercado mundial, o Brasil, se se somarem as três carnes, é provavelmente o mais importante exportador e provedor mundial. É realmente uma posição muito destacada.

A participação da pecuária no PIB do agronegócio brasileiro é bastante significativa e mais ou menos estabilizada, como visto no Gráfico 8. Contudo, essa estabilização - até com momentos de pequena queda - não significa falta de crescimen-

to, mas que o restante do comportamento do PIB é de bastante crescimento, numa proporção às vezes maior. Realmente o Brasil tem se destacado nessa área, enquanto as carnes vêm mantendo uma participação na faixa dos 30% do PIB, segundo o CEPEA, algo obviamente muito importante. Já o Gráfico 9 destaca a contribuição da pecuária no PIB nacional, que ficou em torno de 7% em 2010, bem significativo. O Gráfico também relaciona o PIB da pecuária com o PIB nacional, no eixo à direita, e o PIB total do agronegócio.

Com essa contextualização, quero destacar que os brasileiros têm uma imagem do Brasil como “celeiro do mundo”. Embora eu concorde, quando se faz uma eventual comparação com a China ou Estados Unidos, observa-se o quanto o país ainda tem a crescer. Isso é verdade, mas independentemente dessa verdade, o fato é que o Brasil já é importante. O fundamental é observar alguns dos desafios, e que se tenha a consciência da importância do agronegócio para o Brasil e para a sociedade brasileira. Isso porque, como comentou o palestrante José Dallari, o setor de carnes e até o agronegócio começou a ter uma imagem altamente negativa. No meu modo de entender, isso é absolutamente incompressível e injustificável. Falar em agronegócio, para alguns setores da sociedade com alto poder de comunicação, soa quase como um palavrão, e me parece descabido. A meu ver, existe uma grave distorção ao se associar o agronegócio a problemas que são históricos e não têm relação objetiva nem direta com ele. Porém, por uma questão de comunicação, está se colocando a pecha de atividade antissocial e principalmente ameaçadora do meio ambiente no agronegócio - o que não possui justificativa lógica para mim.

GRÁFICO 7

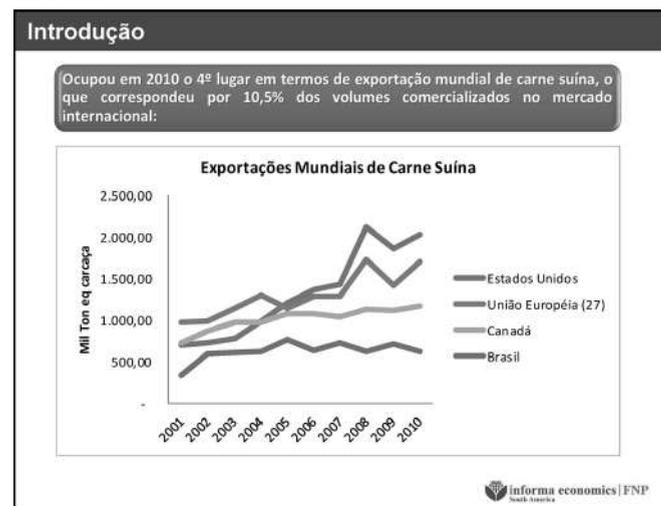


GRÁFICO 8

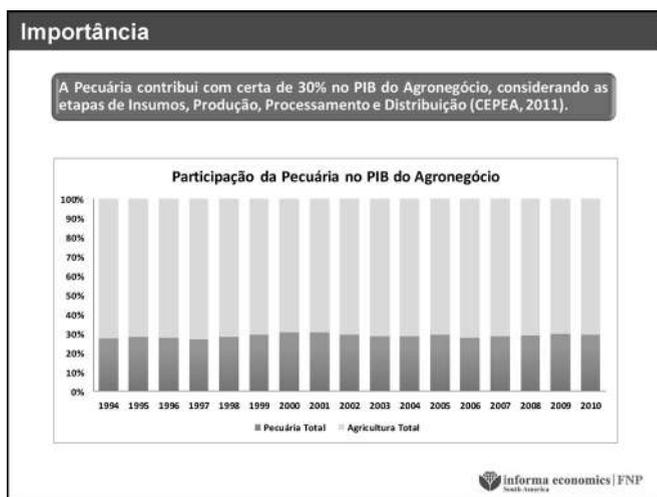
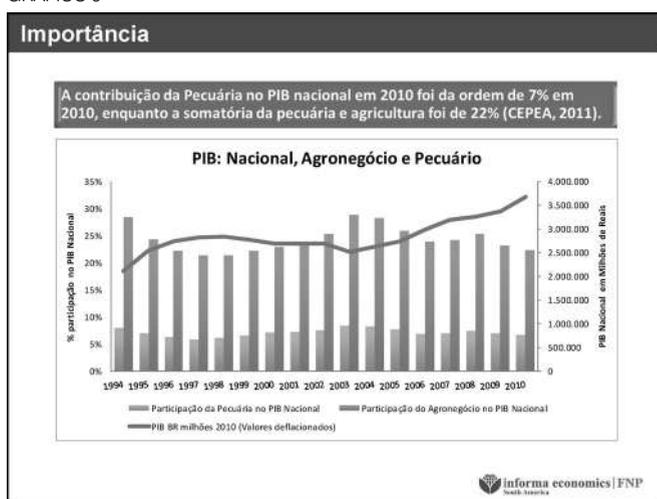


GRÁFICO 9



O Gráfico 10 continua a mostrar a importância da produção, com 7,7 milhões de toneladas do mercado interno e 6,2 milhões indo à exportação em termos de carne bovina. Para se ter uma ideia da ordem de grandeza, basta dividir 6,2 milhões por 30, multiplicar por cerca de 18 metros e o resultado será em carretas. De novo, tudo para a produção de uma proteína nobre, que é a carne bovina.

O Quadro 1 aborda o balanço de oferta e demanda, com uma pequena evolução que aconteceu tanto em termos de produção como em exportação. Isso lembrando que, no passado recente, o Brasil chegou a importar carnes e teve uma série de problemas. Por exemplo, houve importação carne da Rússia logo depois do desastre de Chernobyl. Porém o Brasil é hoje um exportador extremamente importante no mercado mundial, mas com um consumo que cresce vegetativamente. Isso ocor-

re em função da tendência de elitização, que a FNP já identificou há alguns anos. Infelizmente, inevitavelmente, a carne bovina vai se elitizar em termos de consumo, pois seus preços serão cada vez menos acessíveis às classes mais baixas. Estas, provavelmente, terão que recorrer à carne de frango e outras carnes. Tal movimento é compreensível para quem conhece o processo produtivo de bovinos, pois entende a dificuldade maior em relação à produção de frangos ou suínos.

GRÁFICO 10



QUADRO 1

**Contextualização**

Evolução da Oferta e Demanda de Carne Bovina no Brasil

Ano	2003	2005	2007	2009	2010	Varição
Produção (Milhões ton eq carcaça)	7,159	8,151	7,783	7,618	8,112	1,8%
Importação (Mil ton eq carcaça)	58	43	26	30	30	-8,9%
Exportação (Milhões ton eq carcaça)	1,208	1,857	2,194	1,611	1,547	3,6%
Consumo Total (Milhões ton eq carcaça)	6,009	6,337	5,615	6,036	6,596	1,3%
Consumo Per Capita (Kg)	34	35	30	32	35	0,23%

informa economics | FNP  
South America

No Gráfico 11 vê-se as exportações brasileiras, iniciando em 1996, e fica claro o que eu havia comentado. Antes daquele ano, quando começou o Plano Real, ainda havia momentos em que o Brasil importava carne bovina, mas aconteceu uma grande evolução. Em 2008 é visível uma queda, por causa da crise econômica mundial, mas desde então o país não está conseguindo mais reproduzir o mesmo volume de quantidade.

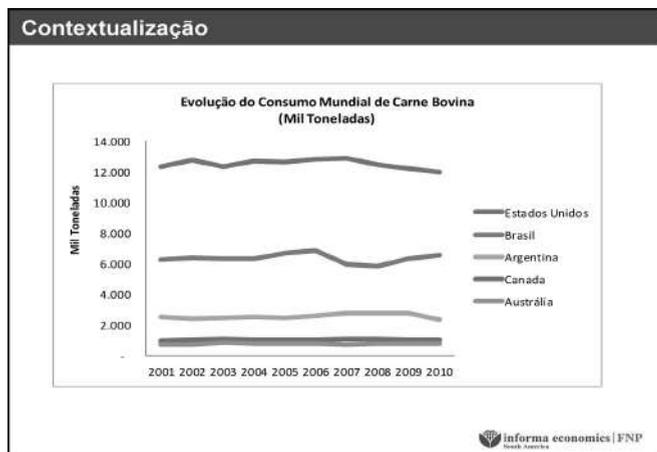
de exportada. Isso se deve a alguns problemas, notadamente o fato da própria matéria-prima ser cara, o boi gordo. Em dólar, o animal chega a mais de US\$ 60 a arroba, o que obviamente dificulta a competitividade, além do câmbio desfavorável e o protecionismo. Além disso, alguns países importadores têm problemas de desemprego e acabam criando barreiras às exportações brasileiras. Assim, embora o país mantenha um nível bastante elevado de exportações, elas ainda não recuperaram o pico que atingiram em 2007.

GRÁFICO 11



O Gráfico 12 traz a evolução de alguns países do mundo quanto à carne bovina. Na realidade, até como efeito das dificuldades relativas à produção, ela tende a encaixar e conseqüentemente limitar o espaço de crescimento do consumo. A tendência é que ela se torne uma carne bem mais cara que a carne de frango e a suína.

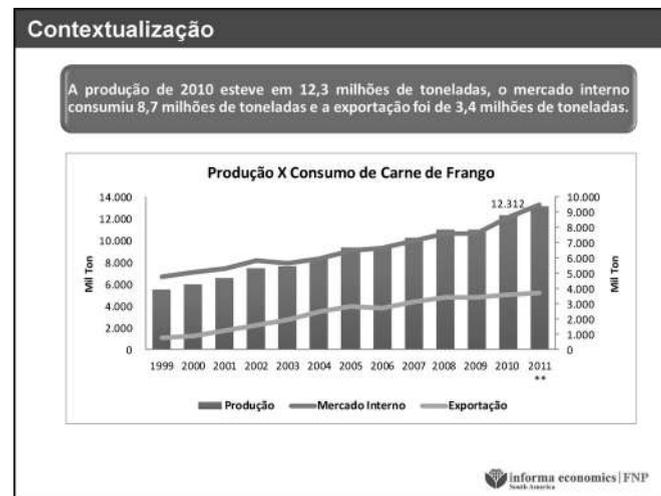
GRÁFICO 12



O Gráfico 13 analisa basicamente a relação produção e consumo da carne de frango. Pode-se verificar também que a participação do Brasil é extre-

mamente importante, o país é extremamente competitivo, devido a fatores de competitividade e estruturais que comentarei mais à frente. Eles são muito importantes e devem ser preservados.

GRÁFICO 13



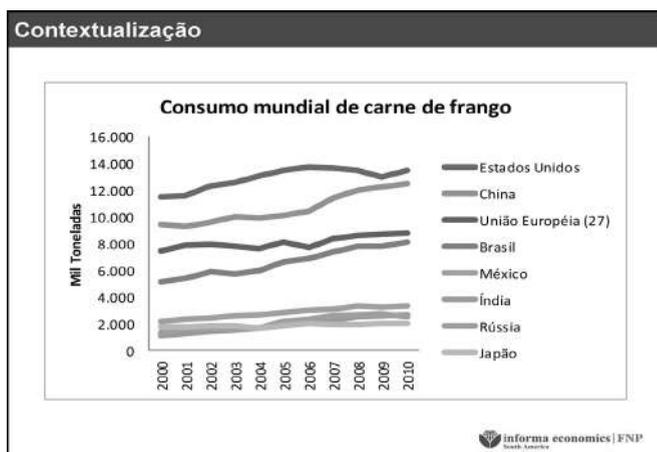
Com o Gráfico 14 pode-se verificar que a exportação de carne de frango, de um modo geral, também mantém uma tendência claramente crescente, fruto da grande competitividade brasileira, como eu disse. Contudo, mesmo a carne de frango vem sofrendo os efeitos negativos da prestação cambial nos últimos tempos.

GRÁFICO 14



O Gráfico 15 mostra que, ao contrário da carne bovina, a tendência de crescimento do consumo mundial de carne de frango já é bem mais clara, e como o Brasil também é muito competitivo nessa produção. Isso é uma grande notícia e uma grande oportunidade para o país.

GRÁFICO 15



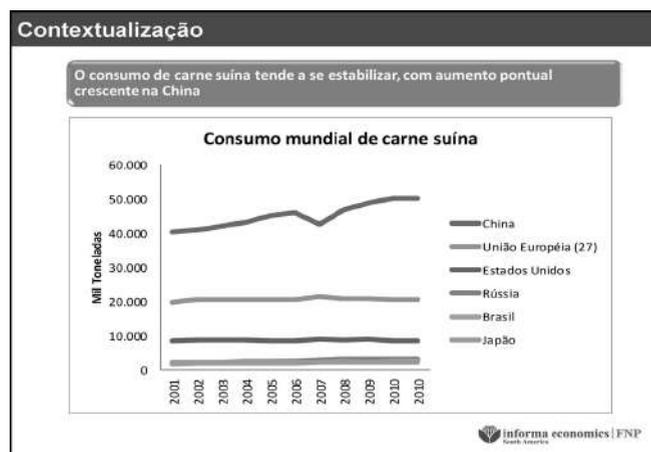
O Gráfico 16 analisa o mesmo tema para carne suína que, embora numa escala menor, o Brasil também não deixa de ter competitividade nem importância no cenário. As dificuldades brasileiras são maiores, como eu disse, pelo mercado interno ser relativamente menor e pela diversificação de mercados externos ser muito menor. A carne bovina chega a mais de 150 países, mas os importadores relevantes de carne suína são muito inferiores a isso. É uma luta mais difícil, mas isso não quer dizer que o país seja desprezível e que não haja avanços.

GRÁFICO 16



No Gráfico 17 se percebe que o consumo da carne suína não tem grandes crescimentos, exceto pela China, claramente em função de questões culturais. Aquele país produz metade da produção mundial, mas também consome sozinha a metade. Como eles vêm apresentando aumento de renda, a tendência é de crescimento de consumo, mas no resto do mundo a carne suína está estagnada, ou até em queda.

GRÁFICO 17



QUADRO 2

**Contextualização**

**Consumo per capita de carne em alguns países**

Países	2000	2007	2009	2010	Varição
Argentina	68,2	69,2	64,6	58,5	-1,50%
Estados Unidos	44,3	42,6	40,1	39,2	-1,20%
Rússia	38,2	49,3	n/d	n/d	4,00%
Brasil	36,0	38,8	38,8	38,7	0,70%
Austrália	35,0	34,7	35,0	35,1	0%
UE - 27	17,2	17,7	16,9	16,8	-0,20%
Uzbequistão	15,8	21,7	23,2	23,0	3,80%
Paquistão	6,0	6,7	7,1	7,1	1,70%
China	4,0	4,6	4,3	4,1	0,20%
Índia	1,3	1,5	1,7	1,8	2,90%

informa economics | FNP  
South America

O Quadro 2 dá uma ideia do consumo per capita de carnes em geral no mundo todo: vê-se que o Brasil tem um consumo bastante razoável dessas três carnes, consumindo mais do que alguns países. Evidentemente, existem países que têm uma participação muito importante da carne de peixe, mas não estão computados no Quadro. O Brasil está evoluindo, mas ainda está longe de ser um país que tenha níveis excepcionais de consumo. O importante também a destacar nesse Quadro é o crescimento dessas três carnes, assim como o consumo, o que se relaciona aos países do BRIC, exatamente os que têm um maior crescimento. Outros países do mundo estão estagnados ou até retrocedendo, fruto da conjuntura econômica atual.

### Infraestrutura deficiente causando prejuízos

O Quadro 3 apresenta os desafios a serem enfrentados. Acho que ficou clara a mensagem que tentei

passar: o Brasil hoje é um “player” importantíssimo do mercado mundial. A atividade pecuária, de produção de carnes no país é absolutamente importante em termos internos, seja para o abastecimento e nutrição do povo, seja gerando emprego, renda, divisas, enfim, gerando desenvolvimento. Esse setor é de extrema relevância para o país e não se pode permitir que seja tirado ou destruído de uma forma absolutamente irracional. Falar de desafios, por exemplo, como a infraestrutura, dão um certo constrangimento. Tenho mais de 30 anos como consultor na área de agronegócios, e pelo menos 25 falando em repetidas palestras e ouvindo outros palestrantes. Quero dizer que o tema não é uma “mania” particular, mas a infraestrutura no Brasil realmente está causando um prejuízo muito grande. Isso é uma das questões que não pode ser encarada como sendo problema dos ruralistas, e sim do povo brasileiro, pois se reflete na mesa e na conta do supermercado. É um absurdo esse país continuar transportando safras agrícolas, de milhões de toneladas, sobre pneus. Isso é coisa de dementes, e falo isso infelizmente com a maior vergonha, como brasileiro que sou. Quanto à questão sanitária, existem alguns problemas, em parte reais e em parte insuflados pela concorrência, que acusa o país de não controlar adequadamente a febre aftosa. Daí são colocadas barreiras comerciais, na verdade disfarçadas de questão sanitária. Entretanto, o problema existe: por incrível que pareça, o Brasil não é classificado como baixo risco, embora nunca tenha acontecido um caso da “doença da vaca louca”, a encefalopatia espongiforme bovina. O Brasil não está num nível muito baixo porque houve um problema burocrático, alguém importou gado suspeito de forma incorreta, que poderia causar contágio, e não existe registro. Isso é então usado pelos concorrentes do Brasil na guerra comercial do mercado mundial.

Também há problemas na questão ambiental, como o Código Florestal, que já foi abordado aqui. É preciso ter noção. Fala-se de uma forma muito veemente de que a pecuária vai liberar áreas principalmente para a expansão da produção de grãos; acho que isso vai de fato acontecer, não há dúvida, mas é preciso trazer esse debate mais a fundo. Não consigo me conformar com o nível do debate que se coloca hoje em dia, pois é algo totalmente maniqueísta, com posições do “lado do bem” e “do lado do mal”. É um nível de argumentação subterrâneo, e os dois lados parecem ignorar a situação, tendo visões muito parciais. Então as soluções propostas - notadamente por parte daqueles ambientalistas mais radicais - não levam em consideração seu custo de implantação. Só que se alguém desenvolver um sistema de produção que implique em custo mais alto, ou o preço sobe na mesma proporção ou a rentabilidade do produtor vai ser esmagada - o que obviamente diminuirá seu estímulo para ampliar a produção. A consequência? Ele vai investir menos porque há menos rendimento, o que vai se refletir na oferta de alimentos e que, no final, vai levar a um aumento de preços devido ao equilíbrio de mercado. Na verdade há um ponto que tem que ser entendido: algumas questões levarão inexoravelmente ao aumento do custo da alimentação do povo. O mundo sempre teve fome, mas a fome nunca ocorreu por falta de alimentos e sim pela falta de capacidade de compra dos pobres. O mundo inteiro tem pobres, assim como no Brasil, e não seria por outro motivo que a presidente esteja lançando um programa de combate à miséria. Já as soluções ambientalistas mais radicais são de fato tecnicamente viáveis, mas não levam em consideração de que isso provavelmente vai resultar na fome de milhões de pessoas. São pessoas que vivem em condições extremamente pobres. Costumo exagerar um pouco, reconheço, mas algumas pessoas parecem genocidas autênticos ao propor certas medidas que são, na minha opinião, muito pouco razoáveis.

Existem desajustes econômicos internos e outros problemas que não dizem respeito apenas ao agronegócio, mas à sociedade brasileira, um deles sendo a qualificação de recursos humanos. Fala-se que o caminho é a intensificação - ninguém contesta isso. Existem tecnologias desenvolvidas pela Embrapa que são fantásticas. Uma delas é o Sistema Santa Fé, mas a integração lavoura-pecuária, do ponto de vista ambiental, econômico e de sustentabilidade também é fantástica. Só que é preciso ter consciência de que esse sistema funcionou razoavelmente bem. Sou fã da Embrapa porque acho que ela é grande responsável por nos colocar como um país de tecnologia de ponta de agropecuária tropical. Ela desenvolveu suas tecnologias, com uma visão fantástica, e a lavoura-pecuária funcionou ra-

QUADRO 3

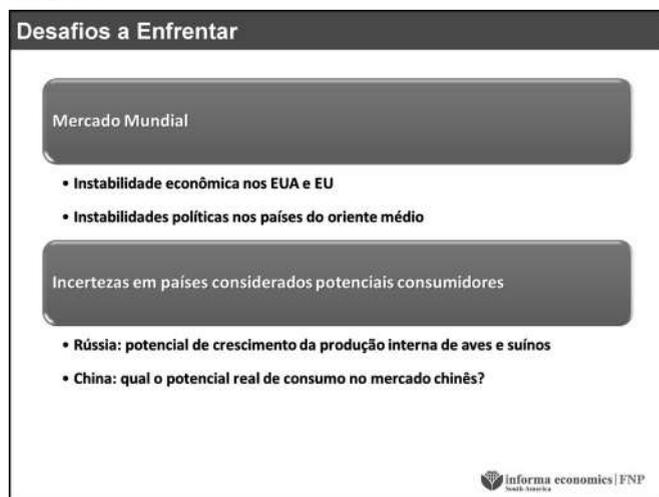
Desafios a Enfrentar
Infraestrutura
Questão Sanitária
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Febre Aftosa</li> <li>• Encefalopatia Espongiforme Bovina</li> <li>• Gripe pelo vírus H1N1</li> </ul>
Questão Ambiental
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Código Florestal</li> </ul>
Desajustes Econômicos Internos
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Juros</li> <li>• Cambio</li> </ul>
Qualificação de Recursos Humanos

informa economics | FNP

zoavelmente bem quando os agricultores resolveram adotá-la. Porém, quando os pecuaristas tentaram, foi um fracasso por causa da qualificação de recursos humanos. É preciso entender que será necessário fazer muita coisa em termos de intensificação de produtividade, o que irá exigir recursos humanos em todos os níveis, desde o operador do trator, do tratorista até o engenheiro, etc. Tudo irá exigir gente de qualidade, pois não se consegue fazer isso sem recursos humanos. Só que estamos num país onde, infelizmente, há casos de analfabetos funcionais chegando às universidades. Isso é preocupante.

Desafios diferentes estão no Quadro 4, como o mercado mundial, com as instabilidades econômicas na União Europeia e nos Estados Unidos; a crise econômica e a recessão quase crônica do Japão. Aquele país não consegue sair de um processo que entrou nos últimos 15, 20 anos. Além disso, instabilidades políticas no norte da África estão relacionadas à questão da oferta de alimentos, como foi muito bem colocado pelo palestrante Fernando Pimentel. Também menciono as incertezas com os países considerados potenciais consumidores, como a Rússia, que sempre cria alguns problemas para o Brasil, pois tem um plano de tentar se tornar autossuficiente. Não acredito que possa conseguir, pelo menos facilmente. Já a China, em grande parte, é uma incógnita, pois há tantos comentários, mas às vezes tenho contatos com colegas que de fato visitam o país e voltam com visões bem mais pessimistas.

QUADRO 4



### Vantagens brasileiras únicas

O Quadro 5 menciona as barreiras tarifárias disfarçadas em barreiras sanitárias, além do bem-

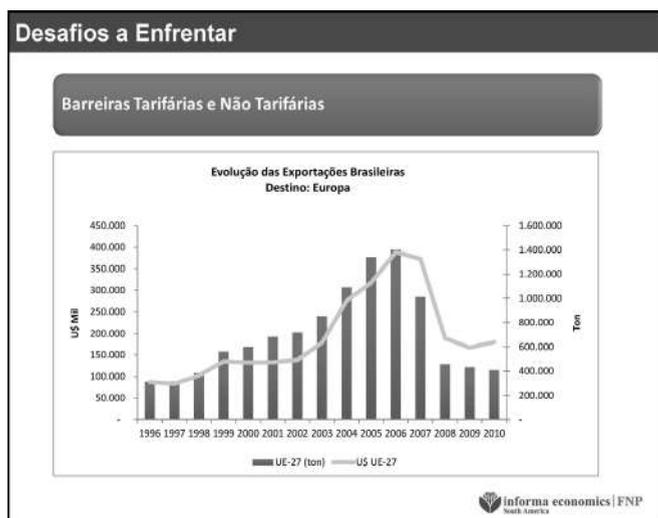
estar animal e uma série de outras questões. Em momento algum se contesta a necessidade de haver sanidade animal nem a necessidade de se manter o equilíbrio ambiental, a sustentabilidade. Ninguém defende que se maltratem os animais, acho apenas que tem que haver o bom senso ao se considerar o impacto no custo final dos alimentos de cada uma dessas situações, ou a real necessidade de certas normas e práticas. Sempre tendo em mente que se está falando de alimento, algo essencial para a sobrevivência do ser humano.

QUADRO 5



Como demonstra o Gráfico 18, novas barreiras não tarifárias acontecem principalmente num mundo onde alguns países enfrentaram sérias dificuldades econômicas. Isso fica claro, por exemplo, no caso da Europa, cujas importações do Brasil caíram de uma maneira absurda. O palestrante José Dallari falou sobre a questão da cota Hilton e a luta brasileira para chegar a 5.000 toneladas: chegou-se a 10.000 toneladas e exportamos 400 porque alguém inventou uma norma de que o Brasil só poderia exportar uma carne na cota Hilton que fosse rastreável desde o bezerro até o final. Isso causa uma série de impactos, problemas e custos, além da proibição de suplementação alimentar - só se pode alimentar o animal a pasto. Isso vai absolutamente contra toda tecnologia. Porque não se pode fazer suplementação alimentar? Ter que alimentar só a pasto é um absurdo. O Brasil inclusive deve entrar na OMC contra uma norma totalmente fora do normal. Porém, o fato é que as exportações brasileiras caíram demais, mostrando a forma disfarçada de se tentar preservar os ineficientes produtores da própria União Europeia.

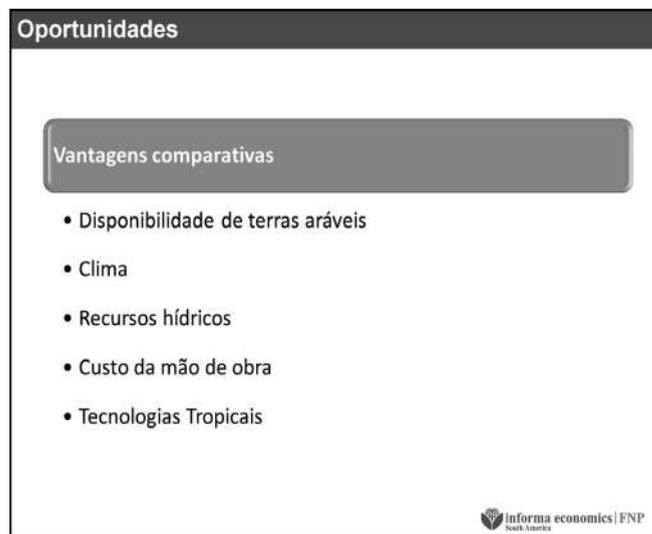
GRÁFICO 18



Apesar de tudo, o Quadro 6 mostra que as vantagens brasileiras não foram eliminadas. O país ainda tem um estoque muito significativo de terras aráveis de qualidade, que podem ser exploradas sem impacto ambiental significativo. Só que quero colocar uma coisa claramente: a vida humana é um impacto ambiental. Toda vez que nasce um humano existe um impacto ambiental. Não há possibilidade de se fazer qualquer atividade humana com impacto ambiental zero. Mas o país tem disponibilidade de terras que permitem o desenvolvimento numa atividade agropecuária sustentável e com baixo impacto ambiental. Esse é um patrimônio, uma vantagem comparativa da qual o Brasil não pode abrir mão por falta de informação ou de debate esclarecedor a respeito do assunto. Por exemplo, permitir que legislações feitas pelos próprios brasileiros acabem aleijando o país do mercado mundial e impeçam que populações inteiras se desenvolvam. Lembro que na Amazônia vivem 25 milhões de pessoas, e elas têm esse direito. Lembro que o Brasil tem quase 60% do seu território ocupado por vegetação natural, enquanto outros países - notadamente a sede de algumas ONGS - têm menos de 1% e não se fala sobre isso. O Brasil tem um clima bastante favorável à produção e recursos hídricos abundantes, sendo no mundo o que tem maior estoque de água doce, fator extremamente limitante em outros países, que estão ficando sem. Quanto ao custo de mão-de-obra, ele está subindo bastante, obviamente fruto da própria melhoria das condições do desenvolvimento da economia. Só que, se comparado aos concorrentes do Brasil, é um custo barato. Além disso, há os frutos do trabalho da Embrapa, das universidades, dos institutos de pesquisas, em suma, tecnologias de pro-

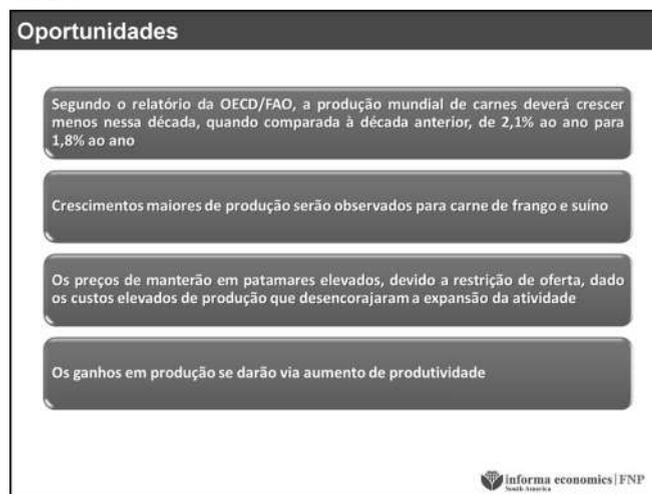
dução adaptadas às condições tropicais de padrão realmente de primeiríssima qualidade, o que é reconhecido no mundo inteiro.

QUADRO 6



Quanto às oportunidades mencionadas no Quadro 7, em junho de 2011 foi divulgado um relatório da OECD junto com a FAO que, basicamente, expõe exatamente tudo isso que foi comentado. O Brasil terá um papel fundamental no abastecimento do mundo e até no equilíbrio econômico e político de outras nações.

QUADRO 7



Já o Gráfico 19 traz as projeções de crescimento por país e por região do mundo. A projeção do consumo mundial de carnes é bastante interessante, projeção que consta do relatório ao qual me referi. Assim, para suprir esse crescimento do con-

sumo de carnes em geral espera-se que o Brasil seja um provedor, mas é preciso que se tenha noção disso.

abocanhar grande parte, e mais da metade dos volumes adicionais de exportação, que devem ser explorados no mundo em 2020, deverão vir do Brasil.

GRÁFICO 19

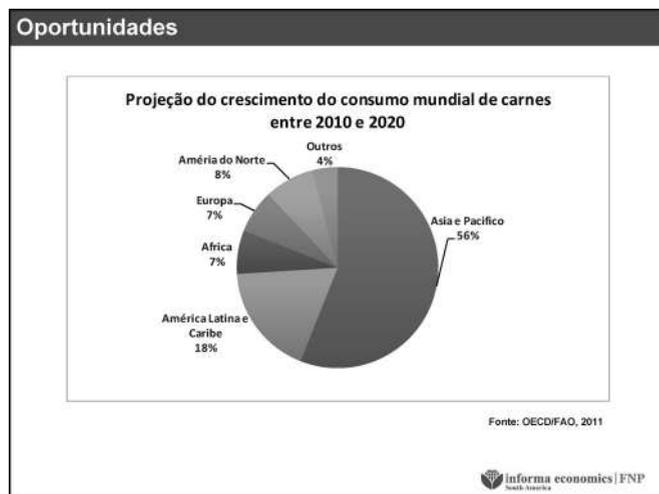
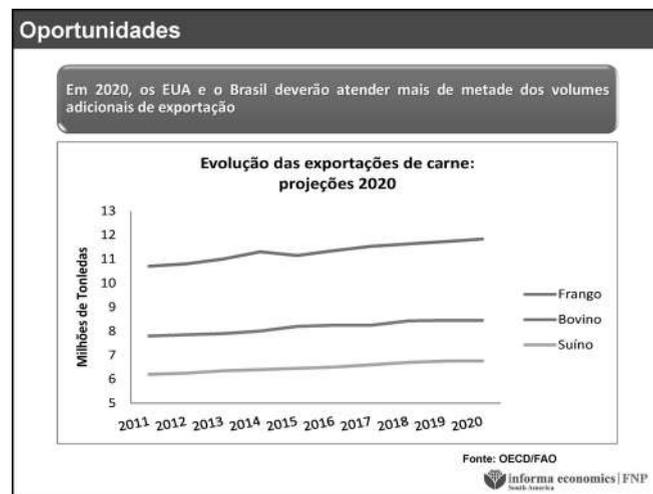


GRÁFICO 20



No Quadro 8 se verifica que, especificamente no caso da carne bovina, há um potencial de crescimento. Não tanto em rebanho, mas principalmente se for adicionada tecnologia, o país tem condições de ganhar muita produtividade. Porém, é lógico que isso depende de condições econômicas que permitam tal desenvolvimento, além da disponibilidade de recursos humanos, como destaquei.

O Quadro 9 serve para ressaltar um último ponto e encerrar mostrando alguns indicadores de produtividade no Brasil, e como há possibilidade de evoluir. Já existe um grande ganho de produtividade. Estive em um evento recentemente, ao qual um colega pesquisador da Embrapa também compareceu. Ele revelou um dado que às vezes causa estranheza até mesmo em nós que militamos na instituição, mas é a absoluta verdade: se o Brasil mantivesse os mesmos índices de produtividade da bovinocultura de corte de 1970 para produzir o que hoje é produzido, mais do que um bioma amazônico seria ocupado. Ou seja, seria necessário multiplicar por 2,5 vezes a área de pastagem do país.

QUADRO 8

**Oportunidades**

Evolução do rebanho em alguns países:

Rebanho mundial de Gado Bovino (Milhares de cabeças)				
País	2001	2005	2010	Var
Índia	285.124	282.300	280.830	-2%
Brasil	168.339	176.229	177.743	6%
China	118.092	109.908	104.649	-11%
UE-27	93.234	89.672	88.250	-5%
Argentina	52.369	54.266	49.659	-5%
Austrália	27.870	27.782	28.111	1%
África do Sul	13.505	13.790		2%
Uruguai	11.667	12.334	11.425	-2%

informa economics | FNP

No Gráfico 20 está a evolução da carne brasileira, com projeções para 2020 - mas ainda em segundo lugar no Gráfico. É visível que o Brasil tem a possibilidade de

QUADRO 9

**Oportunidades**

Potencial de ganhos em produtividade:

Indicadores	Média Nacional	Sistemas Melhorados	Alta Tecnologia
Taxa de Nascimento	68%	>80%	85%
Taxa Mortalidade antes desmama	5%	4%	3%
Taxa de Desmama	0,65	>70%	>80%
Idade ao primeiro parto	36 meses	30 meses	24 meses
Intervalo entre partos	16 meses	14 meses	12 meses
Idade de abate	36 meses	30 meses	<24 meses
Peso de carcaça - Quilos	215	235	245
Rendimento de carcaça	0,53	0,54	0,56
Taxa de Lotação	< 1,0	1,2	1,6
Kilos de carcaça por hectare	49,4	72,9	141,1

Tendência de evolução da bovinocultura de corte

informa economics | FNP

# Cadeia produtiva da madeira

## JEDAIAS SALUM

Assessor da presidência da CENIBRA

Represento o presidente da Cenibra, uma produtora de celulose, que é algo que tem a ver com a nossa vida todos os dias. Ela está no papel moeda, provavelmente na palmilha dos sapatos, nas baterias, no freio, na embreagem dos veículos, na tinta das casas, até nos alimentos e nas rações de gatos obesos. A celulose está no dia-a-dia e é fruto de um setor do setor florestal do agronegócio.

A Ilustração 1 é uma foto de plantação de eucalipto. Normalmente a Cenibra planta eucalipto em mosaicos, com florestas nativas preservadas no meio dos eucaliptos, com várzeas preservadas naturalmente. Mas a foto dá uma ideia do que é uma plantação de eucalipto. Como estou num congresso de agronegócios, pergunto-me se não seria interessante para o Brasil tratar seus bois com música clássica, cerveja, massagem. Isso porque estive no Japão algumas vezes e tive a oportunidade de experimentar um bife chamado Kobe, uma carne super macia vinda de um boi tratado assim. O Brasil poderia entrar nesse nicho, com uma granja bem instalada e exportar a produção para a China.

A apresentação da Cenibra abordará: a cadeia produtiva da madeira; vantagens competitivas do Brasil; panorama atual da cadeia do Brasil; ameaças e desafios e oportunidades.

## Segmentos de cadeia

Esquematizada no Quadro 1 está a cadeia produtiva da madeira, basicamente com quatro grandes segmentos. Do ponto de vista do mercado internacional, o Brasil só é expressivo no segmento de papel e celulose, principalmente o último. Já as toras industriais, madeira serrada, painéis de madeira e mesmo energia, elas têm um grande consumo interno, especialmente em casas no interior do país, que utilizam lenha para energia ou para cozinhar. Esses setores têm alguma expressão dentro do Brasil, mas não no mercado internacional. Quanto às vantagens competitivas do Brasil, já foram bem debatidas no Congresso. Porém, no caso do eucalipto, clima, solo, disponibilidade



“O setor de celulose pode contribuir com práticas de preservação do meio ambiente, com alta produtividade e energia limpa”

de terra são vantagens que ninguém tira do país. Contudo, o curioso é que ao mesmo que o Brasil está cheio de pontos positivos e vantagens, ele não tem alguns pontos negativos. Por exemplo, o Brasil não tem furacões, terremotos, vulcões, mas também não tem várias coisas de que precisaria e que mencionarei rapidamente em breve.

ILUSTRAÇÃO 1



QUADRO 1



O Quadro 2 mostra o resultado das faladas vantagens competitivas do Brasil no setor. Por exemplo, o Uruguai produz celulose há três anos com uma empresa finlandesa e em breve instalará uma segunda fábrica em função da disponibilidade de algumas áreas plantadas com eucalipto. O Uruguai atualmente tem quase que a metade da produtividade das terras do Brasil; é com certeza uma boa diferença, mas o Brasil já está trabalhando para que sua produtividade, que hoje está em 44 m<sup>3</sup> de madeira ha/ano chegue aos 70 m<sup>3</sup>. Existe um potencial muito grande para crescimento.

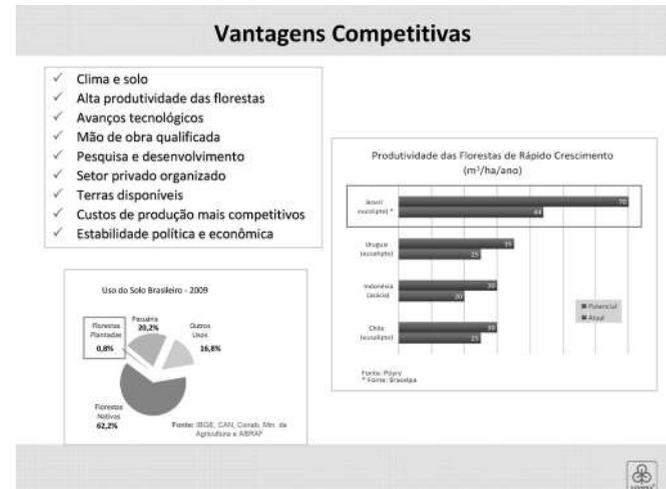
A Cenibra vem fazendo alguns trabalhos com ONGS, porque a população pode comer soja, milho e outros alimentos transgênicos mas não se pode plantar eucalipto transgênico, senão a empresa não obtém a certificação, por exemplo, do IFC Internacional. Assim, a empresa trabalha para mudar um pouco essa visão, para melhorar ainda mais a produtividade e a competitividade da indústria nacional. Mais cedo ou mais tarde chegaremos aos 70 m<sup>3</sup>/ha/ano. Quanto ao uso do solo brasileiro, outros palestrantes já discutiram. De florestas plantadas, o país tem 0,8% de seu território. Isso é ridículo, a China e o Japão têm muito mais. É motivo de pasmo que, mesmo em números absolutos, o Japão tenha mais florestas plantadas que o Brasil - o Gráfico mostra exatamente esses números.

### Estoques de florestas

Como o Quadro 3 demonstra, o Brasil tem 6,7 milhões de hectares de florestas plantadas, o que representa 1,2% do total de florestas do país; do total da área, representa 0,8%. Já a China, por exemplo, tem 77 milhões de hectares de florestas plantadas, mas muito menos áreas agricultáveis que

o Brasil. 8,2% do território chinês está plantado com florestas. Acho que o Brasil só ganha da Argentina, que tem com 0,5%. Pior do que isso é que o Brasil planta pouco e podia plantar muito mais. Se a China planta quase 2 milhões de hectares de florestas por ano, o Brasil planta menos do que 1 décimo. E aqui existem áreas degradadas à vontade para plantar, é um potencial muito grande para crescer. Apenas para referência, quando falei de celulose, o Gráfico 1 traz a produção mundial de celulose em 2008, que segundo a FAO foi de 176 milhões de toneladas. O Brasil participou talvez com 7% desse total no mundo, com quase 13 milhões de toneladas.

QUADRO 2



QUADRO 3

**Estoques de Florestas em Diferentes Países – 2010**  
(em 1000ha e %)

País	Extensão Território	Área Total Floresta*	Área Floresta Plantada	Área Floresta Plantada / Área Total Floresta (%)	Área Floresta Plantada / Território (%)
China	942.530	206.861	77.157	37,3	8,2
EUA	918.133	304.022	25.363	8,3	2,8
Rússia	1.638.139	809.093	18.991	2,3	1,0
Japão	36.450	24.979	10.326	41,3	28,3
Índia	297.319	68.434	10.211	14,9	3,4
Canadá	909.351	310.134	8.953	2,9	1,0
<b>Brasil</b>	<b>851.196</b>	<b>519.522</b>	<b>6.700</b>	<b>1,2</b>	<b>0,8</b>
Finlândia	30.409	22.157	5.904	26,7	19,4
Alemanha	34.887	11.070	5.283	47,7	15,1
Suécia	41.033	28.203	3.613	12,8	8,8
Indonésia	181.157	94.432	3.546	3,8	2,0
Vietnã	31.006	13.797	3.512	25,5	11,3
Turquia	76.963	11.334	3.418	30,2	4,4
México	194.395	64.802	3.203	4,9	1,7
Chile	74.880	16.231	2.384	14,7	3,2
Argentina	273.669	29.400	1.394	4,7	0,5

\* (primária + regenerada + plantada)  
Fonte: FAO e STCP

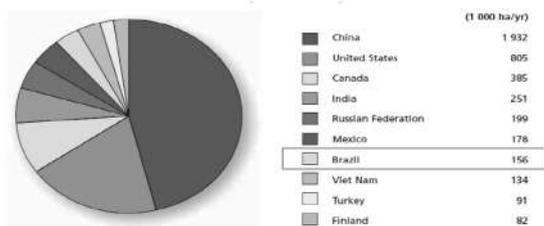
Já em termos de participação do Brasil no cenário internacional, o Brasil está se tornando muito forte, perdendo apenas para o Canadá. Em 2008, o Canadá exportou para outros países do mundo 9,6

# PAINEL: PRINCIPAIS CADEIAS PRODUTIVAS DO AGRONEGÓCIO - FLORESTAS, MADEIRA E CELULOSE

milhões toneladas de celulose, enquanto o Brasil ficou com 7,2 milhões. Em 2010, o Brasil se aproximou bastante, “ficou no vácuo” do Canadá. Acredito que em 2011 o Brasil ultrapasse o Canadá em termos de exportação de celulose.

GRÁFICO 1

## INCREMENTO DE FLORESTAS PLANTADAS DE 1990 a 2010 (em 1000ha/ano)



Fonte: FAO, Global Forest Resources Assessment 2010.

QUADRO 4

## RELEVÂNCIA DO BRASIL NO CENÁRIO INTERNACIONAL CELULOSE DE MERCADO

	Wood Pulp				Wood Pulp			
	Production	Imports	Exports	ANC	Production	Imports	Exports	ANC
World	176331	47008	48912	174427	176331	47008	48912	174427
USA	52899	5691	7068	51522	52899	5691	7068	51522
Canada	20429	316	9603	11142	20429	316	9603	11142
Brazil	12850	343	7209	5985	12850	343	7209	5985
Sweden	12227	522	3584	9166	12227	522	3584	9166
Finland	11624	444	2225	9843	11624	444	2225	9843

ANC: Consumo aparente nacional.  
Fonte: FAO, Yearbook of Forest Products, 2008.

O Quadro 5 é o primeiro relacionando algumas ameaças e desafios. O mundo já falou muita coisa do Brasil, como o Banco Mundial. Ele fez um trabalho, acho que concluído em 2011, que colocou o Brasil na 127ª posição entre 174 países avaliados em termos de facilidades de abertura de novos negócios. Quer dizer, tudo o que se pode fazer para dificultar a vida do empresário é feito no país. O impressionante é que mesmo assim o Brasil cresce! Depois que vi que a criatividade do brasileiro chega ao ponto de estocar grãos em caminhões enfileirados para esperar a carga no porto de Paranaguá, confirmo que o Brasil realmente é mui-

to criativo. Mesmo com o custo elevado, ainda se consegue estocar grãos. É um absurdo, por exemplo, que o Brasil tenha 15 procedimentos - contando apenas os mais conhecidos - para que se abra um novo negócio. É preciso seguir todas as regras de 15 procedimentos legais e se gasta no mínimo 120 dias para abrir um negócio. Nos Estados Unidos, em uma semana, abre-se um novo negócio; na Nova Zelândia, com um dia abre-se um negócio. O pior é o seguinte: no Brasil, gasta 7% do capital com impostos para abrir um negócio; na Nova Zelândia é 0,4% e nos Estados Unidos é 1%. Quer dizer, é preciso fazer muita coisa nesse sentido. O Quadro 6 relaciona mais itens de infraestrutura, mas acho que é “chover no molhado”.

QUADRO 5

## Ameaças e Desafios

- ✓ Ambiente de Negócios
  - Burocracia, regras, leis, restrições, relação trabalhista, aspectos legais e terceirização

### Effort required to start a business, 2010

Country	Procedures (number)	Time (days)	Cost (% of Income/Capita)
Argentina	14	26	14
Brazil	15	120	7
Chile	8	22	7
China	14	38	5
Colombia	9	14	15
Mexico	6	9	12
New Zealand	1	1	0.4
Paraguay	7	35	55
Peru	6	27	14
South Africa	6	22	6
United States	6	6	1
Uruguay	11	65	42
Venezuela	17	141	30

Fonte: World Bank 2011

QUADRO 6

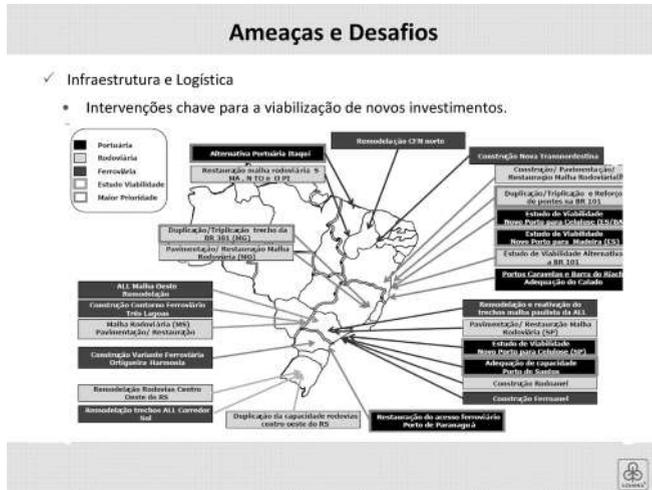
## Ameaças e Desafios

- ✓ Infraestrutura e Logística
  - Portos
    - Falta de terminais.
    - Lacunas de infraestrutura afetam a eficiência operacional, os custos e a confiabilidade dos portos.
    - Problemas de calado impedem o uso de navios mais eficientes.
  - Ferrovias
    - Ausência de trechos inviabiliza transporte ferroviário, sobrecarregando o transporte rodoviário.
    - Falta de flexibilidade e confiabilidade do transporte ferroviário o que provoca o desvio de cargas para a rodovia.
  - Rodovias
    - Rodovias deterioradas e/ou com restrições de capacidade (altos índices de poluição e acidentes, altos custos, longo tempo e pouca previsibilidade das viagens, deterioração acelerada das rodovias existentes).
    - Restrições de capacidade de rodovias dificulta e/ou impede a integração de comunidades completas.

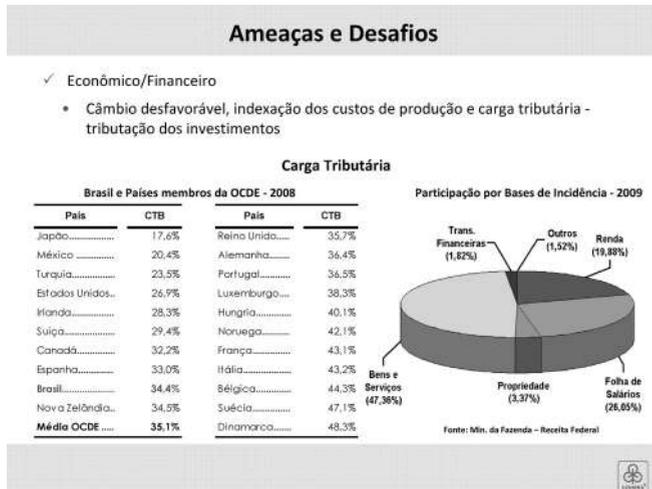
O Quadro 7 é um trabalho que a Associação Brasileira dos Produtores de Papel e Celulose (Bracelpa) fez demonstrando alguns gargalos na parte logísti-

ca. No site da Bracelpa é possível “baixar” a apresentação com mais detalhes. Já o Quadro 8 retoma a questão de carga tributária que sacrifica o brasileiro.

QUADRO 7



QUADRO 8



Falarei um pouco das oportunidades apresentadas pelo Gráfico 2. Do ponto de vista da indústria florestal, no segmento de celulose, o Brasil tem grandes oportunidades no mundo. Só que acho que o Brasil tem espaço para se expandir em outros negócios, não precisa ficar concentrado em ter participação e relevância apenas no setor de celulose. É claro que este setor, com certeza, vai proporcionar grandes oportunidades para o empresário brasileiro nos próximos anos. A demanda mundial de celulose, segundo um estudo da Risi - uma consultoria especializada no setor - deve crescer pelo menos 25 milhões de toneladas até 2023. É um dado na Bracelpa também. Em 12 anos então deve

haver um crescimento de 25 milhões de toneladas de celulose. Para que se tenha uma ideia do que isso representa em termos de plantio de eucalipto, grosso modo, para se produzir 1 milhão de toneladas de celulose por ano é preciso ter uma área plantada de cerca de 100 mil hectares. Então, para prover 25 milhões de toneladas ao mercado, é preciso 2,5 milhões de hectares de plantio de eucalipto. Mas isso não é nada diante da disponibilidade de área do Brasil.

Existem números diferentes, mas há em torno de 100 milhões de hectares de áreas disponíveis para qualquer tipo de cultivo no país. A pedido da presidente Dilma, a Secretaria de Assuntos Estratégicos do Governo, lançou um estudo recente em que estima que 70 milhões de hectares estejam totalmente degradados no país. Eles foram usados para pastagens e coisas do tipo. Assim, se forem utilizados 2,5 milhões desses 70 milhões, o que o Brasil se torna? O maior produtor de celulose do mundo, abastecendo o crescimento de demanda de celulose de mercado do mundo usando uma pequena parcela de área.

GRÁFICO 2



O Gráfico 3 aborda a celulose, que tem basicamente dois tipos de fibras no mercado, as longas e as curtas. A demanda por celulose de fibras longas no mundo inteiro não acompanha a demanda de fibras curtas. Todas as tecnologias de papel e outras utilizações de celulose, como várias que mencionei, consomem fibra curta com muito mais propriedade do que a longa. Então o crescimento da fibra curta será muito mais intenso do que o crescimento da longa, que é produzida basicamente nos países do hemisfério Norte, como pinho, pinus. O eucalipto é uma madeira que produz fibras curtas.

O hemisfério Sul produz fibras curtas com muito mais rapidez e competitividade, e o Brasil terá, sem dúvida, uma participação muito forte nessa parte. Se ela crescer como estima o Gráfico 3, o Brasil deverá crescer proporcionalmente. A inclinação da curva do Brasil é muito mais forte do que a própria demanda de fibras curtas no mundo.

### Novas empresas no Brasil

Nos próximos dois anos deverá ocorrer a entrada de pelo menos duas empresas no país, uma delas chamada Eldorado. Acho que quem estiver se formando e procuram a “Eldorado brasileira” pode ir para o Mato Grosso do Sul, que está crescendo rápido demais. É uma cidade de 100 mil habitantes que tem 53 indústrias instaladas, oito em ampliação e seis novas indústrias em instalação. A Petrobras deve ir para produzir fertilizantes.

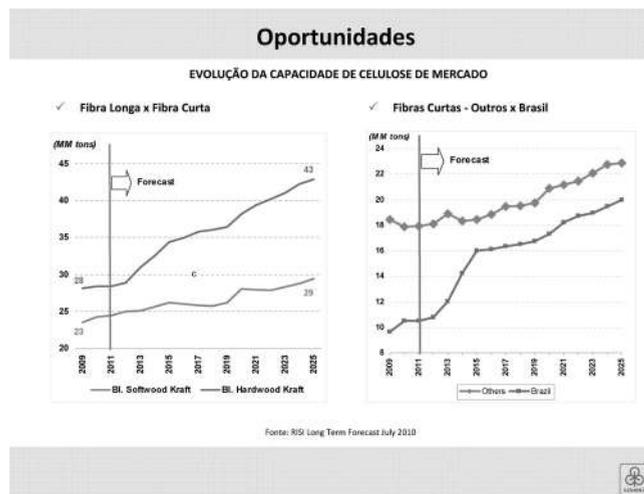
A Eldorado está em obras para fabricar 1,5 milhão de toneladas de celulose; na mesma cidade, uma unidade da Fibria já produz quase 1,3 milhão toneladas de celulose e vai duplicar a produção. Dentro de três, quatro anos se comentará sobre a “capital mundial da celulose”. Onde? Em Três Lagoas, no Mato Grosso do Sul. A unidade Eldorado, por exemplo, pretende atingir 5 milhões de toneladas num único local. Mesmo que se atinja mais 3 milhões da fibra, só naquela cidade serão 8 milhões de toneladas.

A Suzano tem um projeto já aprovado em implantação no Maranhão, com uma segunda fábrica no Piauí. São mais de 3 milhões de toneladas indo para o Norte do país. A CMPC que acabou de comprar uma unidade da Fibria no Rio Grande do Sul e lançará um projeto de 1,5 milhão de toneladas. A CENIBRA está pensando na duplicação da capacidade, mas os japoneses pensam mais devagar do que os outros - eles estão pensando nisso há dez anos. Porém, devem chegar lá, por causa do potencial muito grande do Brasil de crescimento nessa área.

No Quadro 9 como referência de 2010, dos 6,7 milhões de hectares plantados, 2,2 milhões estão ligados ao setor de celulose. Em 2020 serão 3,2 milhões de hectares - um crescimento de 45% em dez anos. A Cenibra tem investimentos previstos no Brasil de US\$ 20 bilhões na década atual no setor de celulose. A produção em 2010 de celulose total no Brasil foi de 14 milhões de toneladas, e em 2020 será de 22 milhões. A diferença é a produção de celulose de papel, pois papel usa muito reciclado e carga mineral. Existe uma série de coisas que o papel recebe que não é celulose, mas o Brasil exportou em 2010 US\$ 6,7 bilhões basicamente em celulose. Em 2020 essa exportação deve ir para US\$ 13 bilhões, um crescimento de 100%, bastante pro-

missor.

GRÁFICO 3



QUADRO 9



O Quadro 10 traz as oportunidades no setor de biocombustíveis. Por exemplo, o Brasil tem uma grande oportunidade, pois existe uma meta na Europa de reduzir em 20%, se não me engano, o consumo de combustíveis fósseis até 2020. Como vão fazer isso? Só se os substituírem por um combustível verde, algo em que o Brasil pode entrar forte.

Na verdade, um dos concorrentes da Cenibra, a Suzano, já está tem um projeto para produzir pellets para exportar para a Europa. Pode-se então fazer uma biorefinaria e daí produzir diesel a partir de eucalipto para o setor automotivo. No Brasil não se pode usar diesel no automóvel, mas na Europa sim. Ainda na questão da substituição dos combustíveis fósseis, está de volta à pauta a questão da energia nuclear, abordada no Quadro 11.

A Alemanha já está dizendo que até 2022 irá eliminar todas as usinas nucleares da Alemanha, mas fico imaginando como. Torço para que eles consigam fazer isso porque vão abrir uma tremenda oportunidade para o Brasil, não só com eucalipto - estão estudando produção de energia a partir de capim, que tem uma altíssima produtividade e é possível fazer.

“Não existe país no mundo para competir com o Brasil em produtividade florestal”

QUADRO 10

**Oportunidades**

- ✓ O Brasil está entre os principais países produtores de biomassa para energia
- ✓ Sem participação no Mercado Internacional

MAIORES PRODUTORES E EXPORTADORES DE BIOMASSA COMBUSTÍVEL (LENHA, CARVÃO VEGETAL, PELLETS E RESÍDUOS) 2008

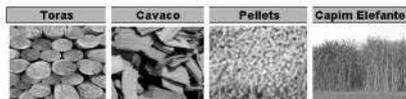
	Wood Fuel			ANC	Wood Fuel			ANC	
	Production	Imports	Exports		Production	Imports	Exports		
World	1691958	3778	4750	1690945	World	1691958	3778	4750	1690945
India	307782	13	1	307794	Ukraine	9520		804	8706
China	195033	14	2	195043	Lithia	598	2	471	119
Brazil	140916			140916	France	26176	35	452	28759
Ethiopia	98469			98469	Slovenia	928	192	318	908
Congo, Dem.R	74315			74315	Bosnia Herzg	1440		290	1190

ANC: Consumo aparente nacional.  
Fonte: FAO, Yearbook of Forest Products, 2008.

QUADRO 11

**Oportunidades**

- ✓ O setor florestal brasileiro tem um imenso espaço no campo energético
  - Crescente exigência por energia limpa de fontes renováveis - base sustentável



- Pressão sobre energias fósseis e nuclear



Alemanha pretende parar de usar energia nuclear até 2022



**Alternativas tecnológicas**

Quero deixar uma mensagem. Sei que a celulose polui demais, não vou negar, mas existem alternativas tecnológicas para mitigar a poluição. A fábrica que visitei em Três Lagoas é a fábrica mais moderna do mundo. Lá, não se sente cheio de absolutamente nada, pois todos os gases da fábrica são coletados, tratados e queimados. Nasci em Uberlândia, mas me mudei para o Vale do Aço e morei alguns anos em Uberaba, na segunda cidade com “b” do Triângulo Mineiro. E de uma região

agrícola, agropecuária, mudei-me para Ipatinga em 1975. Lembro muito bem do meu sentimento de ver o progresso, de ver indústria. Quis então mandar um cartão postal para meus parentes em Uberlândia, achando que aquela terra não crescia, era atrasada. Pois o cartão postal que comprei era uma fotografia da Usiminas com um tucho, de dois metros de diâmetro, jogando milhões de toneladas de pó no ar. Essa era a fotografia do progresso.

Porém, existem formas de se mitigar impactos ambientais. Quando entrei na CENIBRA, não havia tratamento biológico dos influentes. Era um tratamento primário, com a decantação que dividia o particular do sólido e jogava no influente do rio. Quando a empresa começou, ela gastava mais de 300 metros cúbicos para fazer uma tonelada de celulose. A tecnologia atual, que não é a melhor, porque a fábrica a mais nova já tem 15 anos, gasta 50 metros cúbicos para fazer uma tonelada de celulose.

Em Três Lagoas, a Eldorado consome 30, e, num futuro muito próximo, provavelmente haverá o ciclo fechado. A água de exsudação - a água que se perde quando seca uma folha de celulose e vai para atmosfera - poderá ser captada, condensada e aproveitada. É o ciclo fechado, que não vai gastar água para fazer celulose. É possível chegar lá, e a tecnologia está no Brasil. A fábrica mais moderna de celulose do mundo fora do Brasil está na China, que construiu uma fábrica de celulose de 1,3 milhões de toneladas, mas eles importam madeira. Há um custo ambiental de transportar madeira da Coreia do Norte, da Indonésia, para levar para uma fábrica no interior da China para produzir celulose.

Aqui no Brasil é muito melhor e muito mais correto ambientalmente. Não tem país no mundo para competir com o Brasil em termos de produtividade florestal, não existe e nem vai existir - só se o eixo da Terra virar. Pode acontecer um terremoto, maremoto, de repente acontece uma virada no eixo da Terra... O que é Norte se torna Equador e a coisa pode mudar de figura.

## Evolução tecnológica

Com o Gráfico 4 eu queria mostrar exatamente o aspecto da evolução tecnológica, como ela ocorre. Em 1970, na matriz energética de uma fábrica de celulose, inclusive aqui no Brasil, 45% da energia era óleo combustível. Em 2009, a matriz energética de óleo combustível era 6%. Por quê? Porque ainda existem fábricas velhas. Uma fábrica moderna de celulose produz sua própria celulose com subproduto da madeira.

A composição do eucalipto é como uma casa: as fibras são os tijolos e a lignina - que é uma matéria orgânica da madeira - é o que dá liga às fibras. A produção de celulose é como o cimento do tijolo, ou seja, separar a lignina da fibra, que é então concentrada e queimada. Só que as fábricas atuais são tão eficientes que, além de produzirem a energia de que necessitam para o processo industrial, sobra energia. Para uma fábrica de 1,5 milhões de toneladas, a sobra de energia pode abastecer uma cidade de 200 mil habitantes, cerca de 100 MW para colocar no mercado. Essa energia é absolutamente verde.

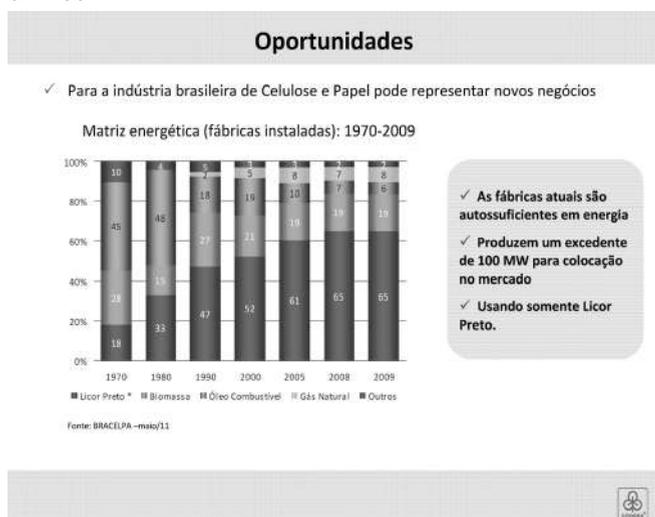
No mercado atual, tal tipo de energia não tem diferença, mas talvez daqui a 4, 5, 10 anos ela possa ter um prêmio. Se alguém quiser então vender 100 MW de energia verde para vender, alguém poderá comprar e pagará mais por isso. Conversei recentemente sobre o “ambientalismo xiita” atual; acho que a pressão ambiental é boa e produziu resultados positivos, mas ela não pode ser “xiita”, ou como uma religião. Ela tem que cooperar com o setor produtivo, como o governo tem que cooperar. Se não houver um trabalho conjunto, o resultado não será bom. É possível fazer “um + um = três”, o resultado será muito melhor.

Queria terminar deixando uma mensagem de cunho mais filosófico. Particpei de um almoço da Associação dos Dirigentes Cristãos de Empresas em Belo Horizonte. Vou me associar porque acho que precisamos difundir princípios e ética, é preciso fazer com os outros o que se gostaria que eles fizessem por nós. E se os países pensassem assim? Se os Estados Unidos fizessem com o Irã o que gostariam que o Irã fizesse com eles? Seria algo totalmente diferente.

É possível fazer isso com o vizinho, com as empresas concorrentes, com os municípios, estados e países. Acho que é preciso somar, pois não falta gente para prejudicar. É preciso pensar à frente, como ser mais competente, mais eficiente, mais produtivo, como produzir mais com menos. Por incrível que pareça, é possível fazer isso. Então existem grandes oportunidades, e vejo que o setor do agronegócio do Brasil todo está dizendo isso.

Todos os gráficos que vi no Congresso são assim, ascendentes em termos de produção, competitividade. É preciso continuar nessa “onda” de crescimento, e o setor de celulose pode contribuir positivamente com práticas saudáveis, com preservação do meio ambiente, com alta produtividade, com energia limpa para ser consumida na casa da população e com papéis bem macios para higiene, escritórios e restaurantes.

GRÁFICO 4



# A fruticultura no Brasil

## ANTÔNIO SALAZAR PESSOA BRANDÃO

Coordenador Operacional do Grupo de Executivos da Firjan

Trabalho num grupo executivo de agroindústria do sistema Firjan, e a primeira questão que gostaria de esclarecer é o interesse da entidade no assunto agroindústria e fruticultura. A razão é entendermos a cadeia como um todo, e que ações para fortalecê-la têm que ocorrer em todos os seus elos, desde a produção até o setor da agroindústria propriamente dita, e mesmo depois. Por isso a Firjan tem trabalhado esse assunto.

Concentrarei minha apresentação na cadeia da fruticultura, já que o Congresso tem um palestrante da Embrapa, muito mais capacitado do que eu, para falar sobre horticultura.

A fruticultura é um segmento do agronegócio que, na minha visão, tem um potencial muito grande. Contudo, acho que ele está um pouco menos consolidado no Brasil do que alguns segmentos abordados no Congresso, como a pecuária de corte ou silvicultura, apesar de existirem casos importantes de sucesso, como o polo de Petrolina. Acho que o potencial do Brasil nesse setor ainda não está totalmente realizado. Dentro disso, mostrarei alguns dados e falarei um pouco sobre o Rio de Janeiro, algo que eu não poderia deixar de fazer, porque a Federação tem feito um esforço bastante grande com a cadeia de fruticultura local.

### Produção de frutas

Os dados da pesquisa agrícola municipal do Quadro 1 são de 2009. O IBGE, infelizmente, ainda não tem dados para 2010. Vê-se as 12 frutas que eu selecionei e que têm o maior valor de produção. É um conjunto expressivo, mas elas ocupam uma área relativamente pequena de cerca de dois milhões de hectares. Embora a fruticultura não exija áreas muito grandes, dois milhões de hectares produzem em torno de 38 milhões de toneladas. Um aspecto importante é colocar esses números em perspectiva e constatar que essa produção cresceu em 30%, de 94 até hoje, enquanto a área, que é uma coisa bastante importante, praticamente se manteve estável.

Já no Gráfico 1, coloquei o 100 em 1994, mas a área plantada praticamente se manteve estável, indicando que o crescimento foi calcado no aumento da produtividade. Mais toneladas por hectare, que



DANIELLE MEDEIROS

“O consumidor atual é o grande indutor das modificações na produção agrícola do mundo inteiro”

é uma característica de vários segmentos da agricultura brasileira, é o padrão apresentado.

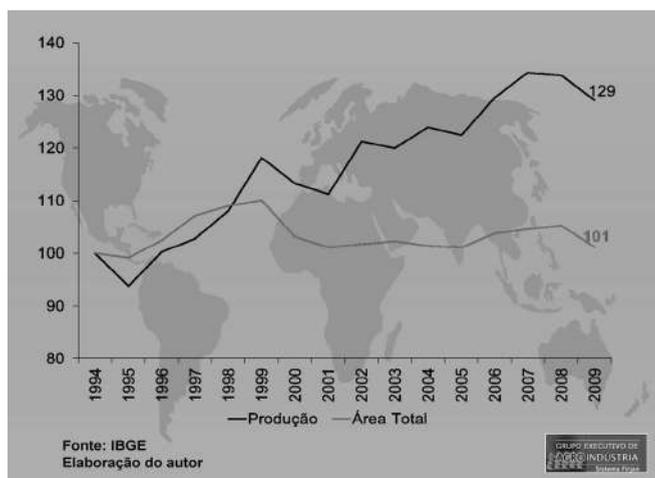
QUADRO 1

Frutas	Área Mil hectares	Produção Mil toneladas	Valor Milhões de R\$
Laranja	803	17.618	4.695
Banana	484	6.783	3.160
Uva	82	1.365	1.612
Mamão	34	1.793	1.348
Abacaxi	62	1.471	1.076
Maçã	39	1.223	944
Coco	285	1.973	756
Melancia	95	2.065	710
Maracujá	51	714	669
Manga	75	1.198	602
Tangerina	55	1.094	525
Limão	41	900	377
<b>Total</b>	<b>2.106</b>	<b>38.198</b>	<b>16.474</b>

Fonte: IBGE, Pesquisa Agrícola Municipal

## PAINEL: PRINCIPAIS CADEIAS PRODUTIVAS DO AGRONEGÓCIO - FRUTAS E HORTIGRANJEIROS

GRÁFICO 1



Apesar da grande produção de frutas, eu vou mostrar dados comparativos do Brasil com outros países. O Brasil exporta pouco, como visto no Quadro 2: o valor das exportações, exceto laranja, em 2009. Coloquei este ano apenas para comparar com os valores que eu já tinha, mas em 2010 chegou a US\$ 500 milhões. É bastante pequeno, mas quando se soma o complexo da laranja chega-se a US\$ 2 milhões. É visível no Quadro 2, com 762, 2 milhões de toneladas, enquanto o país produz 38 milhões. O Brasil exporta uma parcela ainda muito pequena dessa produção.

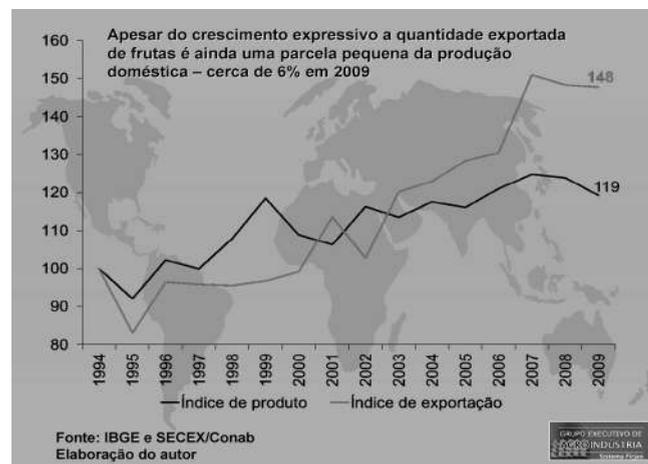
QUADRO 2



Em termos de evolução, a linha clara do Gráfico 2 é o crescimento da produção, mas também mostra que as exportações, apesar de não terem um valor muito expressivo, estão crescendo bastante, até mais do que a produção. Contudo, o Brasil

ainda exporta menos de 6% do que o produz. É nesse sentido que considero o segmento com um potencial ainda bastante grande para ser explorado. A produtividade do setor também vem crescendo, então é preciso aproveitar as oportunidades.

GRÁFICO 2



Como o Brasil se posiciona no mercado internacional? Como é visível no Gráfico 3, o Brasil é o maior produtor de laranja do mundo, disparado na frente do segundo, que são os Estados Unidos. Neste importante setor o Brasil tem tido mais sucesso e mais presença no mercado internacional, tanto que é fonte de atritos comerciais constantes com os Estados Unidos, por causa de sua política comercial. Já o Gráfico 4 apresenta a produtividade da laranja que, confirmando essas informações, vem crescendo a uma taxa de 2% ao ano nesse período. É um crescimento bastante importante.

GRÁFICO 3

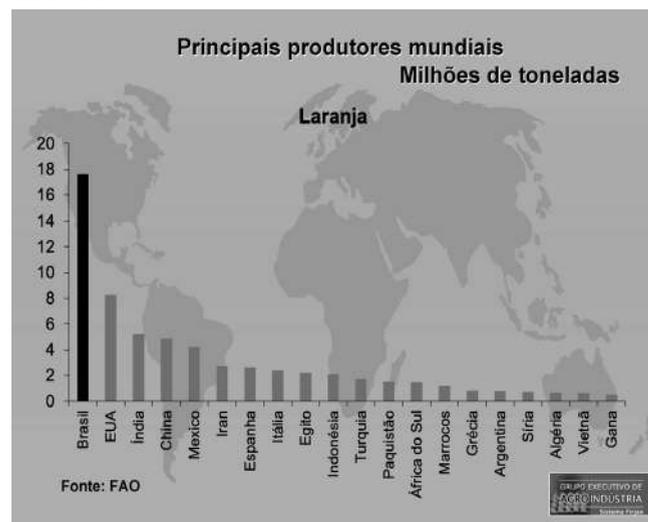


GRÁFICO 4

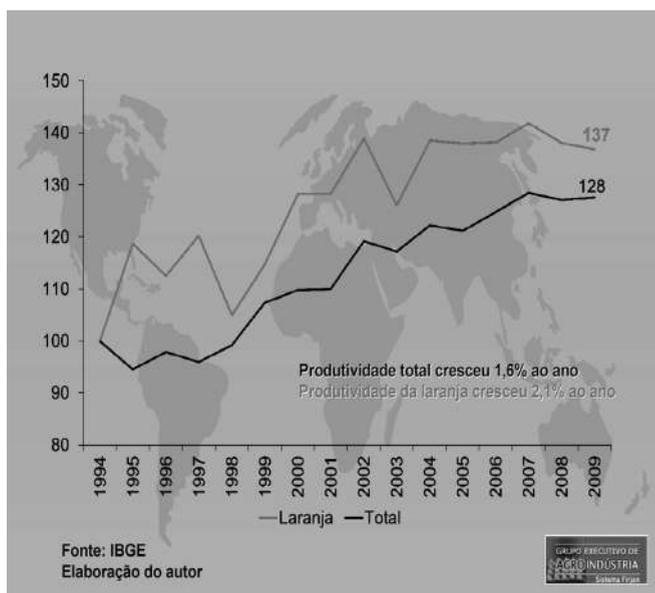
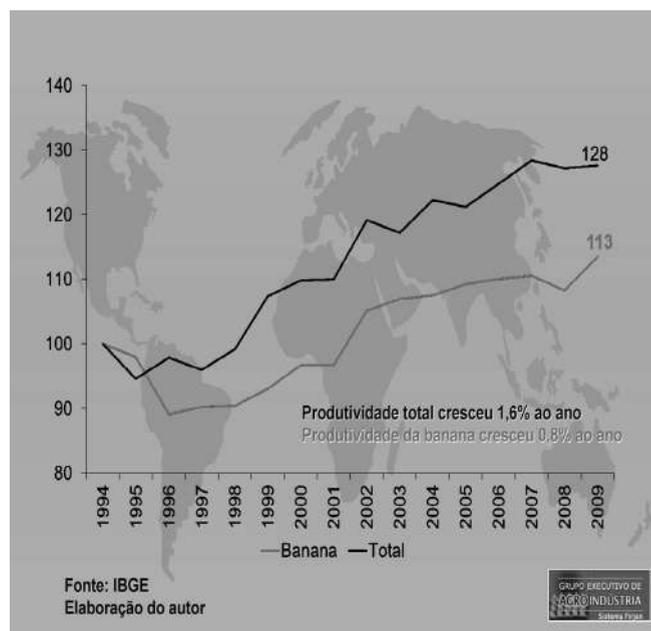


GRÁFICO 6



Abordando a banana, o Gráfico 5 mostra que ela é a fruta mais consumida no mundo. O Brasil se coloca bem entre os 20 maiores produtores mundiais, ficando em 5º lugar, e vê-se no Gráfico 6 que também ocorreu um crescimento razoável, apesar de bem menor do que o da laranja. É um setor que vem se modernizando recentemente, pois ainda existe uma produção muito antiga e pouco tecnológica. A modernização se localiza mais no norte de Minas, com a presença de irrigação em alguns setores, mas os dados agregados ainda não mostram essa evolução importante.

### Brasil, produtor destacado de frutas

Quanto à uva dos Gráficos 7 e 8, o Brasil tem um bom crescimento. No mercado, dentre os 20 lugares, o país está em 15º, 16º lugar, mas é um setor no qual a produtividade vem num crescendo compatível com a média do resto dos países.

GRÁFICO 5

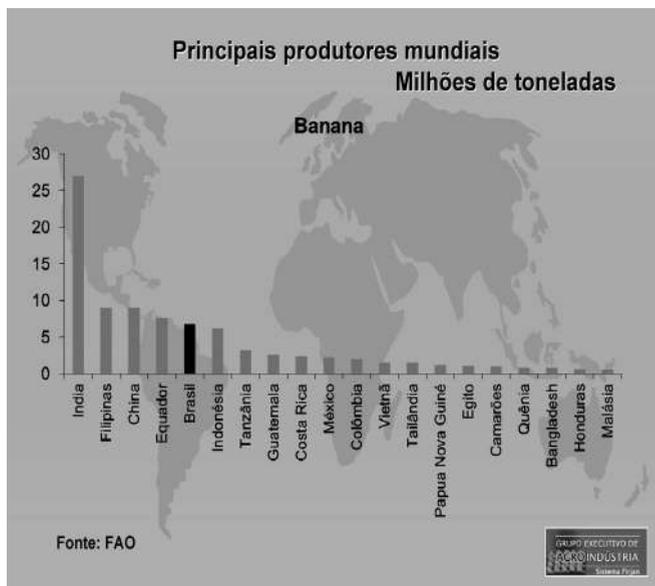
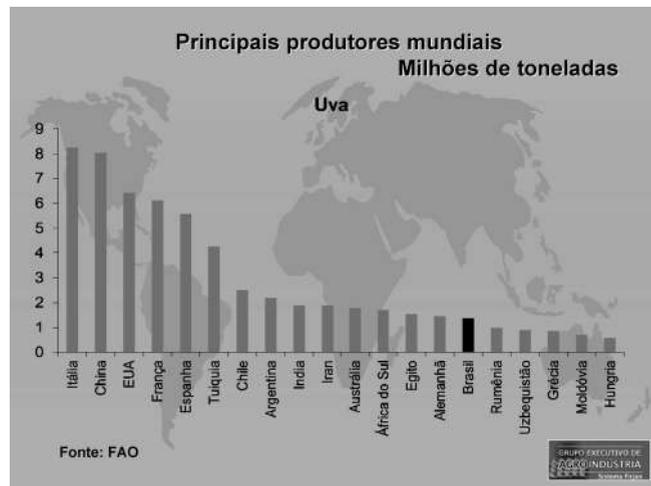


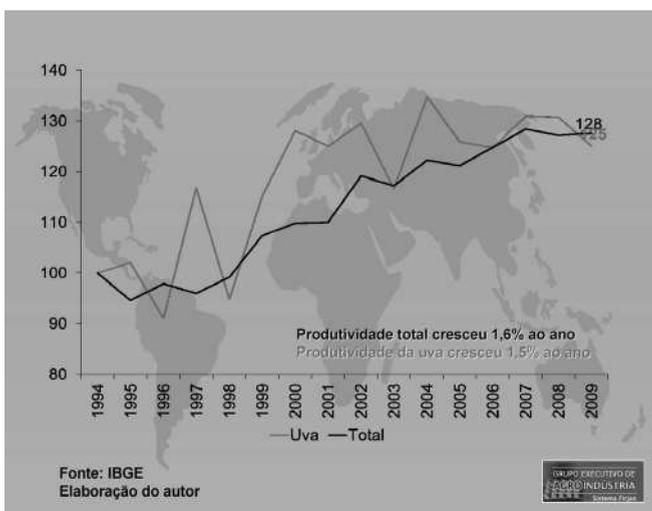
GRÁFICO 7



Referindo-me ao mercado do mamão papaia dos Gráficos 9 e 10, o Brasil é o 2º maior produtor mundial, e com uma produtividade acompanhando também bem de perto a média daqueles produtos.

PAINEL: PRINCIPAIS CADEIAS PRODUTIVAS DO AGRONEGÓCIO - FRUTAS E HORTIGRANJEIROS

GRÁFICO 8



O abacaxi é outro produto em que o Brasil é importante, é o 5º maior produtor mundial de abacaxi, como visto nos Gráficos 11 e 12. Já a produtividade, apesar de ter crescido 10%, está bem abaixo da média de crescimento daqueles produtos, que estavam crescendo a 1,6% ao ano, o abacaxi cresceu apenas 0,6%.

GRÁFICO 11

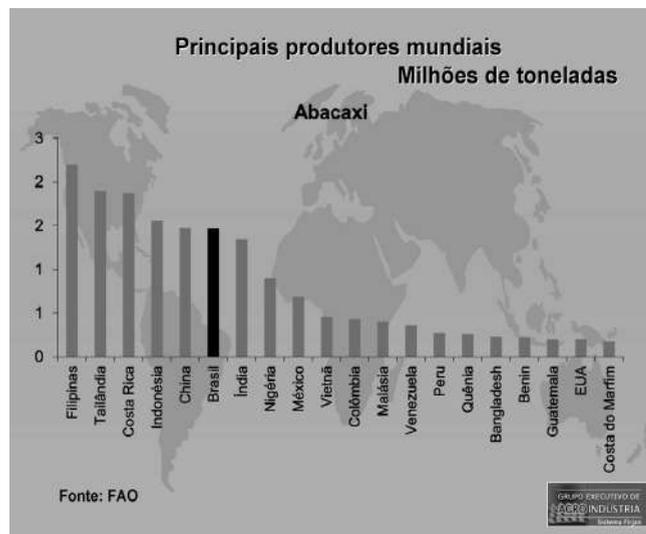


GRÁFICO 9

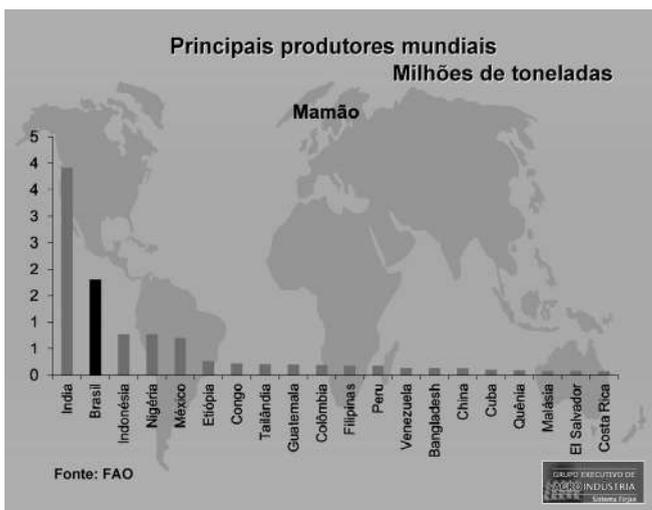


GRÁFICO 12

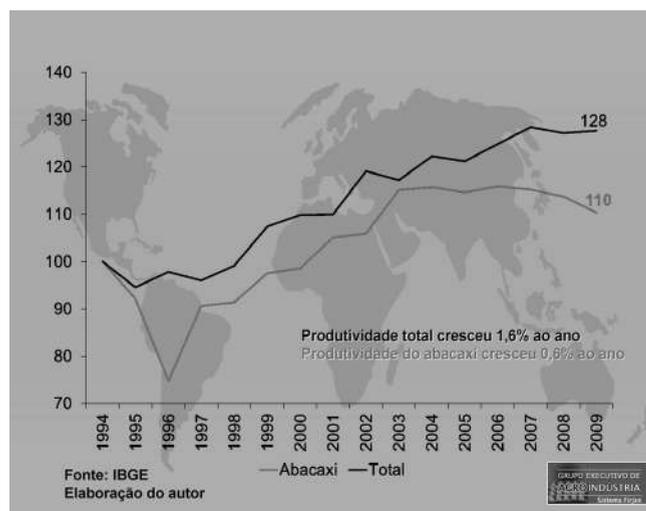
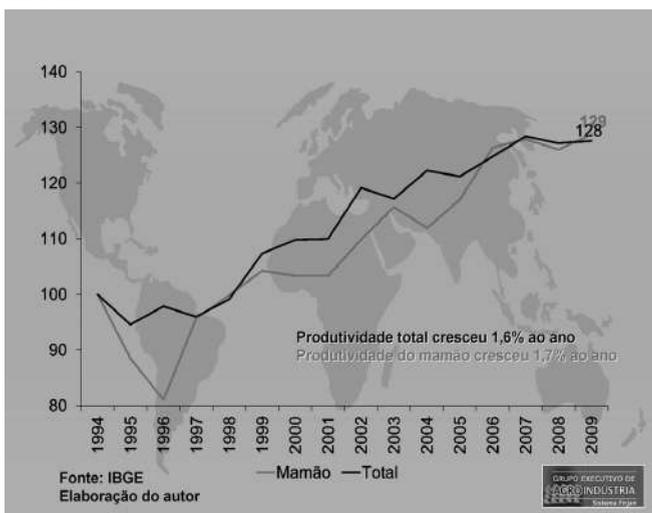


GRÁFICO 10



### Caso de sucesso

Maçã é o grande caso de sucesso brasileiro, exposto pelos Gráficos 13 e 14. O Brasil deve ser o 10º produtor mundial, mas obteve um espetacular crescimento de produtividade, que cresceu à ordem de quase 5% ao ano. Isso pode justificar o ufanismo da Firjan em relação ao que aconteceu com a produção dessa fruta no Brasil.

GRÁFICO 13

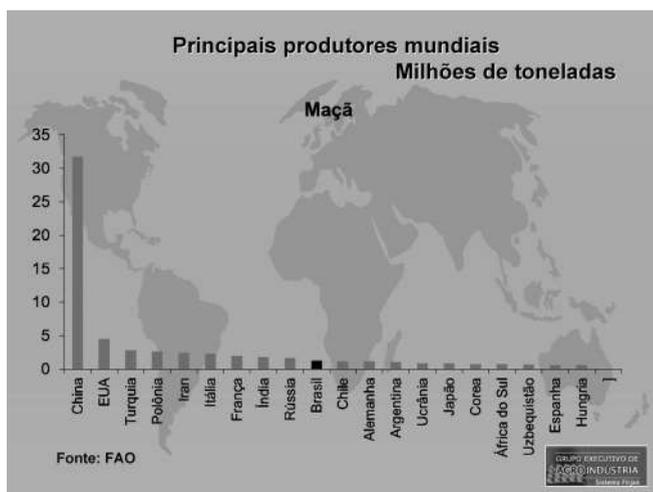


GRÁFICO 15

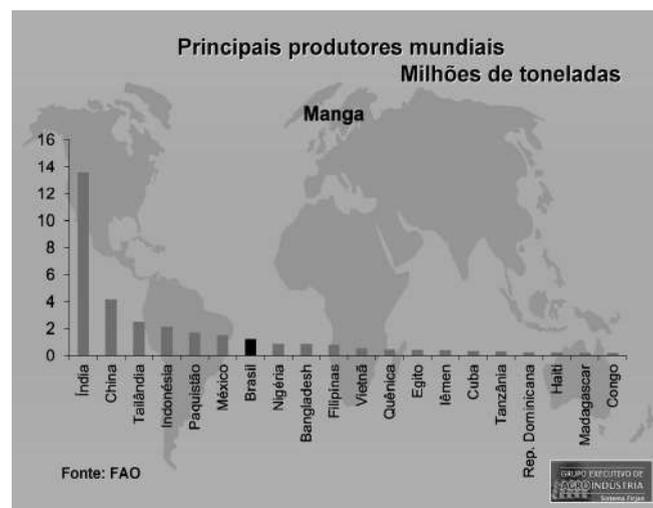


GRÁFICO 14

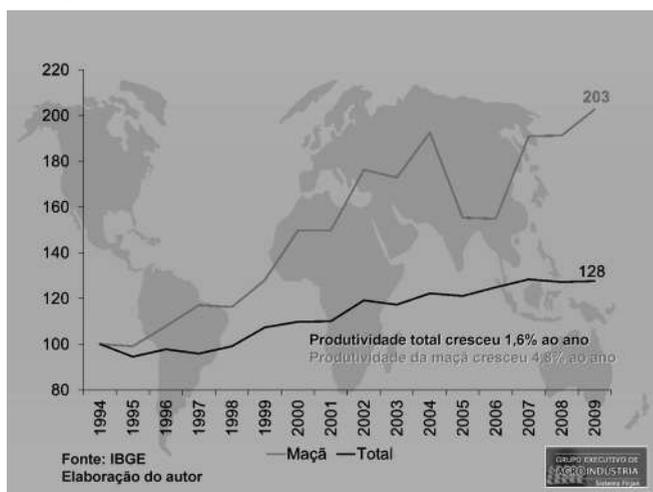
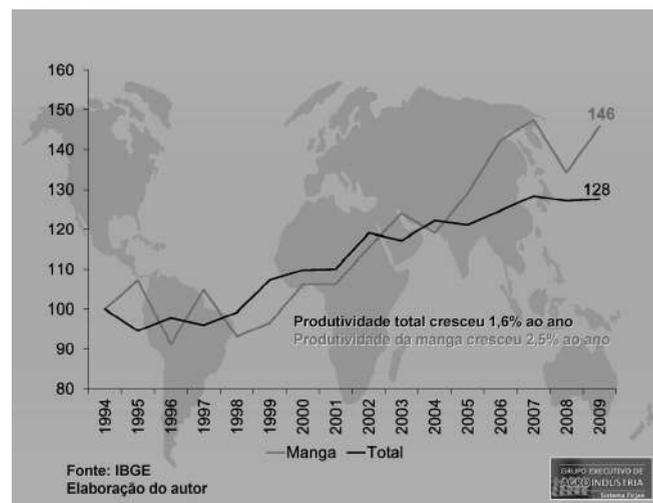


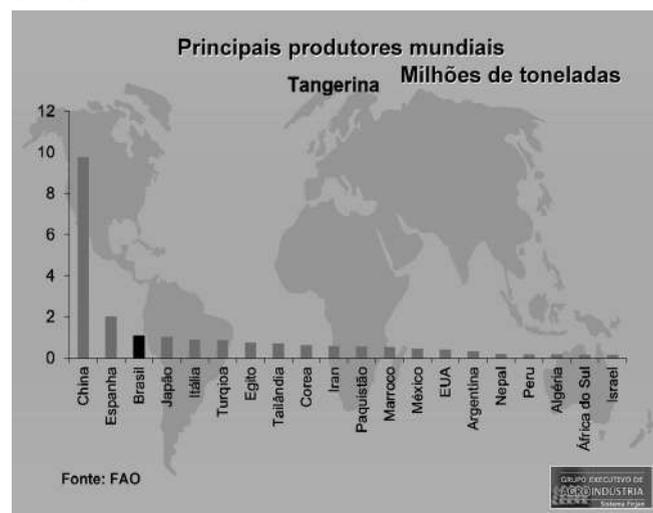
GRÁFICO 16



A manga, retratada pelos Gráficos 15 e 16, tem no Brasil seu 6º maior produtor mundial, com uma produtividade vem crescendo de forma expressiva. Além disso, o país tem conseguido mercados importantes. Os polos de Petrolina são um dos carros-chefe da exportação daquela região. O Brasil ainda tem espaço para crescer no mercado internacional, embora seja uma competição muito difícil. Por exemplo, o mercado americano tem o México próximo e que produz bastante manga. É um mercado complicado, mas ainda há um grande potencial.

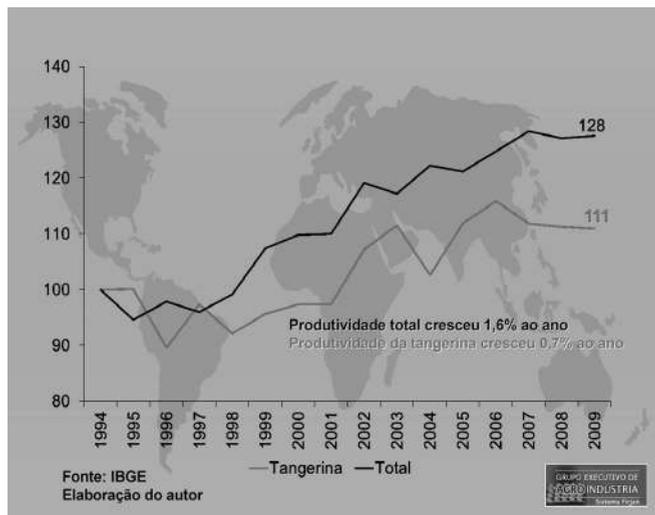
De tangerina o Brasil é o 3º maior produtor, com crescimento de produtividade um pouco menor, visto nos Gráficos 17 e 18. É uma situação semelhante à que ocorre com o limão, retratado pelos Gráficos 19 e 20. O Brasil é o 5º maior produtor mundial, mas com a produtividade também sem tanto crescimento.

GRÁFICO 17



## PAINEL: PRINCIPAIS CADEIAS PRODUTIVAS DO AGRONEGÓCIO - FRUTAS E HORTIGRANJEIROS

GRÁFICO 18



Da melancia, excetuando a Índia, que produz a quantidade enorme vista no Gráfico 21, os outros países estão embaixo. O Brasil é o 5º, mas sua produtividade vem crescendo bastante, atestada pelo Gráfico 22.

GRÁFICO 21

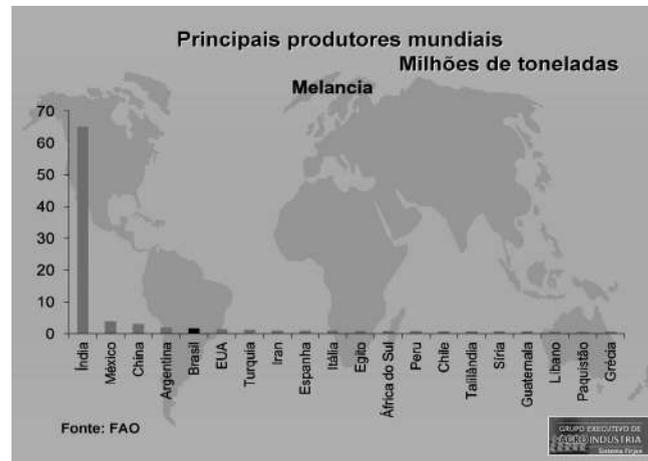


GRÁFICO 19

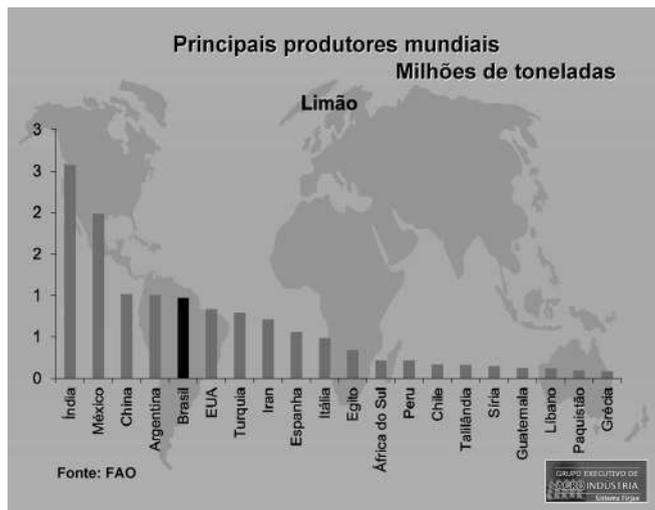


GRÁFICO 22

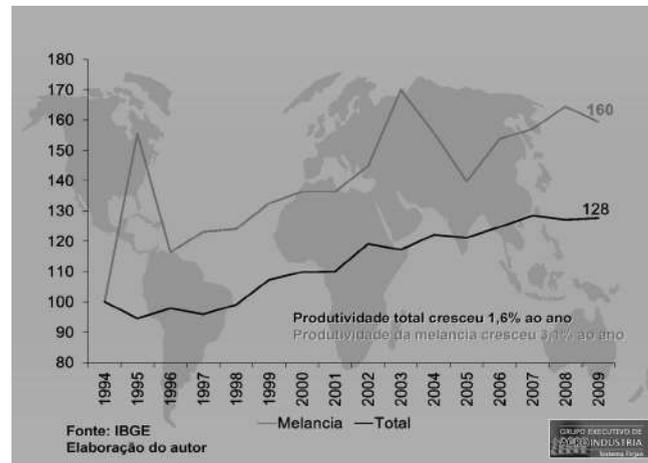
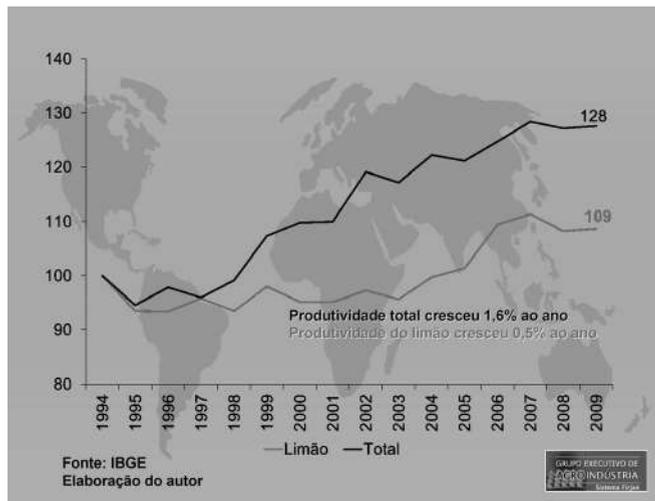


GRÁFICO 20



Coloquei o coco no Gráfico 23, mas eu não tinha dados de sua produção mundial. Contudo, sabe-se que ele vem se expandindo bastante. Os maiores produtores estão na Ásia, como Sri Lanka e Índia, mas a produtividade brasileira vem crescendo 4% ao ano.

O maracujá, que é uma cultura ainda expressiva no país, vem sofrendo uma perda grande de produtividade no país como um todo, como mostrado pelo Gráfico 24. Quem conhece maracujá sabe que é uma cultura bem complicada, nômade, não pode ficar muito tempo num lugar e tem muitas doenças. É um mercado importante, pois por seu sabor, ele é muito apreciado pelos europeus e americanos. Entretanto, os produtores têm enfrentado sérias dificuldades com o maracujá, inclusive aqui no Rio de Janeiro.

GRÁFICO 23

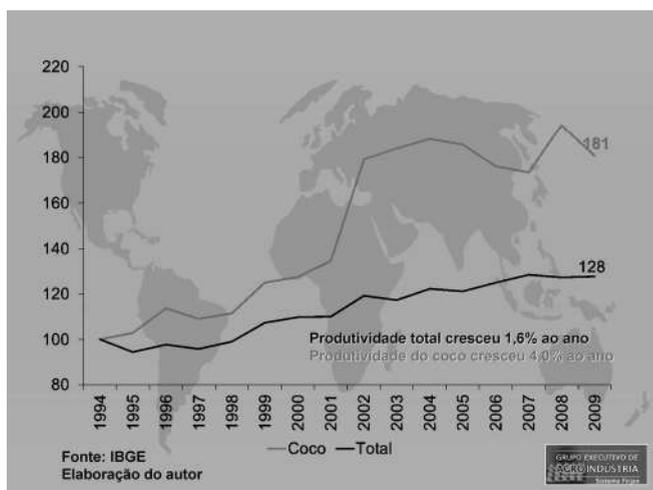
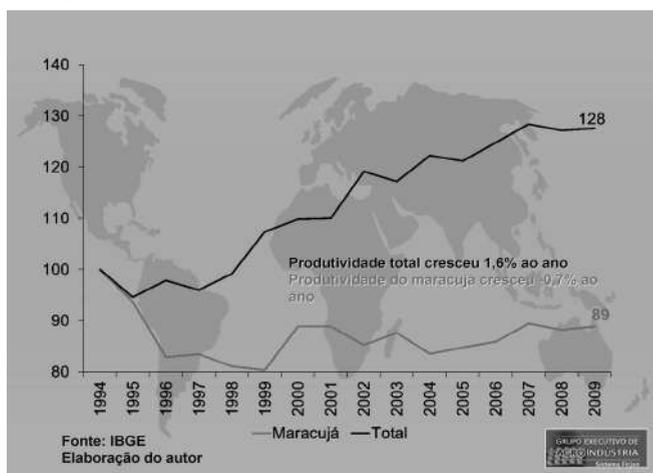


GRÁFICO 24



res, apesar de não deverem ser os comerciantes da própria safra, precisam conhecer um pouco melhor o mercado, o consumidor. O consumidor atual é o grande indutor das modificações na produção agrícola do mundo inteiro, seja em termos de procura de melhor qualidade, de condições mais saudáveis dos alimentos - isso partiu dos consumidores.

O produtor tem que entender o que o consumidor quer, ligado ao seguinte: que a responsabilidade do produtor com a produção vai até o momento da chegada ao consumidor. Até acho que vai além, pois pode acabar no hospital, como se viu na história da E.coli na Alemanha.

Há uma necessidade de os produtores entenderem o processo no qual os consumidores estão mais exigentes, então há todo um trabalho de adequação na produção para atendê-los. Inclusive, a qualificação do produtor é extremamente importante para antecipar problemas: não adianta saber da doença que já chegou ao pomar, já é tarde. Já chegou em todos os vizinhos. É preciso assim conhecer a tecnologia - nem tanto a solução, papel dos agrônomos, - mas o produtor tem que ter a capacidade de antecipar problemas porque é ele que acompanha o processo da cultura.

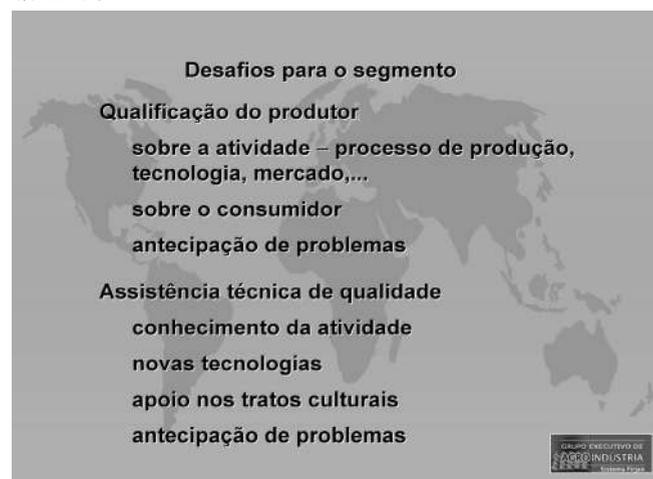
Ele também tem que saber a importância da assistência técnica, que tem se preparado muito para atender os produtores, por exemplo, de Petrolina, de Juazeiro. Existe a assistência técnica pública e privada, mas também os extensionistas, as pessoas que cuidam da transferência de tecnologia, precisam estar preparadas. Não basta conhecer apenas o que existe, mas as novidades, pois durante um tempo o problema da assistência técnica no Brasil foi não ter novas tecnologias para transferir para o setor. Hoje, acho que isso foi superado, o que exige da assistência técnica uma atuação bem forte nesse segmento.

## Qualidade do produto e da produção

Como eu disse no início, o Brasil tem um potencial, em área, etc. Não vou repetir aqui as condições de competitividade do Brasil, que são mais ou menos parecidas em quase todos os setores do agronegócio, mas existem desafios importantes. Acho que um dos principais é a qualificação de recursos humanos, e no setor de fruticultura é algo da maior importância. Aqueles que conhecem o setor sabem que há uma heterogeneidade muito grande entre os produtores, que é menor ao se imaginar os grandes complexos como soja e milho. Há um grande caminho a ser percorrido, pois os produtores precisam conhecer melhor o processo de produção, tecnologia, mercado.

O mercado de frutas é um mercado muito sazonal, sujeito a muita instabilidade. Já os produto-

QUADRO 3



Outro problema do setor é a questão dos padrões de qualidade sanitária, sensorial e ambiental abordados no Quadro 4. Os mercados, como eu já disse, estão ficando exigentes, ainda que algumas das barreiras à importação que são colocadas sejam vistas puramente como barreiras. Há um grande movimento mundial para a qualidade das frutas, então o Brasil precisa estar preparado. O Ministério da Agricultura tem os procedimentos e a produção integrada que vai permitir que os produtos, não só para exportação, mas para o mercado interno, atinjam níveis de qualidade nas três dimensões que citei. Elas contribuirão para a melhor colocação dessas frutas.

### A saúde é o maior atrativo

Quando se fala desse mercado, qual é o grande atrativo? A saúde. Elas são recomendadas por questões de saúde, pois a fruta que chega à mesa do consumidor precisa ter as três condições para poder efetivamente cumprir esse papel. Já dentro das propriedades há também problemas gerenciais sérios, associados a controle de custos, logística de insumos e de venda.

O problema de colocação das frutas é extremamente importante, pois algumas são muito delicadas: é preciso haver um gerenciamento adequado exigido dos produtores. Eles precisam estar efetivamente preparados para tal tipo de acompanhamento, além de conhecimento do mercado, do que está acontecendo com o preço, volatilidades, sazonalidade. Desta forma é que eles poderão tirar melhor proveito do mercado.

QUADRO 4

Desafios para o segmento	
Padrões de qualidade adequados às exigências dos consumidores	qualidade sanitária
	qualidade sensorial
	qualidade ambiental
Padrões gerenciais adequados ao negócio	custos
	logística de insumos
	logística da venda
	preços

O problema da comercialização apresentada pelo Quadro 5 é importante, porque a fruticultura é uma

“O crédito também tem sido um problema importante em vários segmentos”

atividade que pode ser praticada em pequenas propriedades, o contrário de algumas cadeias, como soja, milho, além de oferecer rentabilidade. Porém, na hora da comercialização aparece a necessidade maior: o problema do associativismo. Porque não adianta o produtor que tem 5, 10 hectares, comercializar sozinho sua produção, ele obviamente não vai conseguir atingir mercados mais elevados. Acho que a falta de gerência profissional ainda é grande em diversos locais, assim como a classificação de frutos e padronização ainda é um problema. Um outro aspecto importante da comercialização, na minha opinião, é que o melhor mercado da fruta é o mercado de mesa. Nele se pagam os melhores preços, mas sempre há uma parcela de frutas que não atingem uma qualidade adequada para o mercado de mesa. Está aí a importância de se pensar nas agroindústrias como uma garantia de mercado. Não estou dizendo obviamente que a agroindústria vá absorver fruta podre, mas apenas aquelas que não atinjam os melhores níveis in natura. O problema de crédito também tem sido um problema importante em vários segmentos, principalmente porque alguns prazos são grandes. Culturas perenes como laranja ou pêssego exigem prazos compatíveis, mas nem sempre o sistema financeiro está preparado para atuar. Cito também a questão do associativismo, que ainda está embrionária, não existe uma tradição de associativismo no Brasil. Na hora em que se deseja formar uma associação, ela precisa de crédito, de capital de giro - e ter uma fonte de capital de giro para associações recém-formadas é um problema sério. Vejo isso em alguns projetos no Rio de Janeiro, que mostrarei em breve. Em resumo, acredito que grande parte dos problemas existentes são de vários outros segmentos do agronegócio, muito particularmente da fruticultura. Há nichos de excelência, mas eu diria que ainda existe uma atividade de cunho pouco profissional e que precisa melhorar, para que o Brasil possa consolidar seu potencial na fruticultura.

### Projetos inovadores no Rio de Janeiro

Analisando em detalhes o Quadro 6, eu não poderia deixar de falar sobre o que a Firjan está fazendo no Rio de Janeiro com a fruticultura. A ativi-

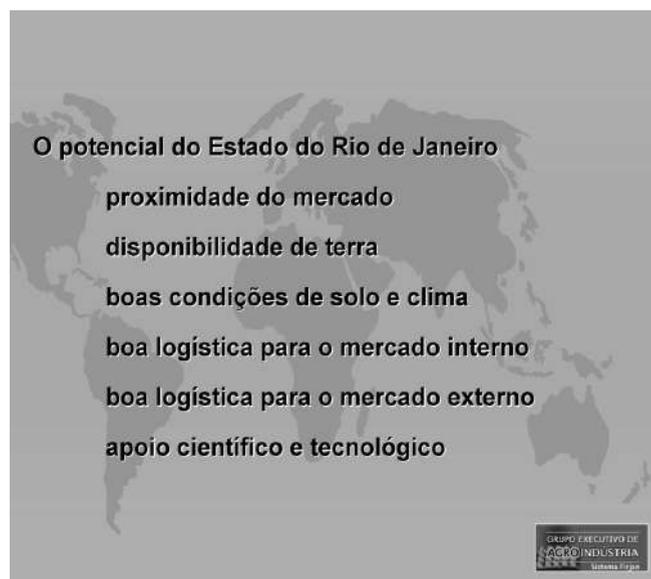
“A fruticultura é adequada para as condições do estado, por sua topografia particular, com várias regiões altas, uma estrutura fundiária já consolidada de pequenas propriedades.”

dade é adequada para as condições do estado, por sua topografia particular, com várias regiões altas, uma estrutura fundiária já consolidada de pequenas propriedades. Há alguns anos a Federação das Indústrias, juntamente com outras lideranças do estado, identificaram na fruticultura um potencial importante para o Rio de Janeiro. E a Firjan tem atuado muito nas regiões Norte e Noroeste, que são regiões com níveis de renda e IDHS ainda baixos. Já o Quadro 7 apresenta o potencial do estado: ele é próximo do mercado; possui terra. Um estudo que a Federação contratou por volta de 1999 detectou que no Norte e Noroeste existem 180 mil hectares. Isso é o que o Chile planta de fruta, então o Rio de Janeiro tem um potencial para se transformar num Chile de frutas tropicais. Ele tem boas condições de clima, uma logística razoável para o mercado interno, e há o mercado externo Porto de Itaguaí. Também ocorrem investimentos importantes no norte fluminense, no Porto do Açú, bem como as condições técnicas no estado, com universidades. Enfim, há todo um apoio técnico e científico que o desenvolvimento de qualquer atividade precisa.

QUADRO 5



QUADRO 6



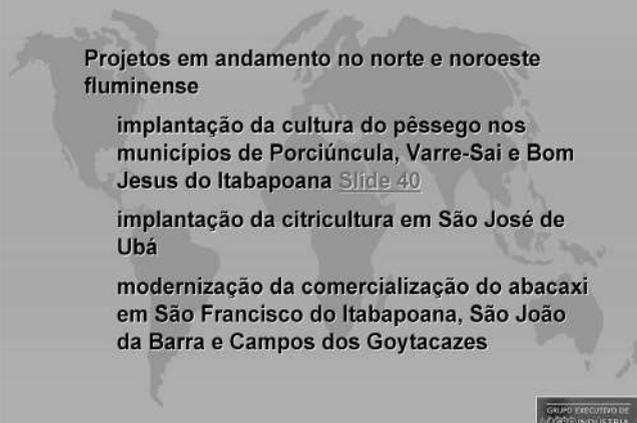
Se for observada a área plantada com frutas do Rio, no Gráfico 25, com dados do IBGE, vê-se que de 1990 para cá ela caiu muito. Eram quase 80 mil hectares e hoje se tem metade disso. O que está por trás dessa queda? A redução da produção de laranja, que ocupava uma área grande, mas ocorreu um problema de doença na região de Itaboraí e a laranja praticamente acabou. A banana, que é hoje a atividade com a maior área plantada no Rio, não tem tecnologia, ela chega ao consumidor sem apelo para a compra. Já a banana que sai de Janaúba, no norte de Minas, chega aqui com a qualidade melhor e um preço bastante bom. Sendo assim, acredito que é essa mudança que está por trás da importante queda da área plantada do Rio. Porém, ao lado disso, começaram a aparecer outras oportunidades. Vou apontar algumas frutas as quais acho que têm um potencial no estado, embora as áreas ainda sejam pequenas: a produção de abacaxi, de maracujá (medido lá no eixo de lá,) coco, manga e goiaba. Então se observa durante o período por volta de 98, 99, que não havia um crescimento muito grande, mas a partir de 99 essa atividade realmente se expandiu. A linha inferior é o Norte e Noroeste do Rio de Janeiro, onde eu disse que há um compromisso de várias instituições e entidades do Rio, como o governo do Estado, Firjan, Sebrae, de apoiar a fruticultura. É uma série de instituições que vem fazendo esforços e vendo o mesmo padrão. Ainda se encontra uma escala muito pequena, de cerca de 6 mil de hectares, mas se observa uma trajetória de crescimento.

O Quadro 8 mostra algumas parcerias do Sistema Firjan com outras entidades. Dentre os projetos conduzidos está a implantação de pêsego no Rio, por incrível que pareça, no Norte e Noroeste do estado. Lá existem regiões altas, apontadas por um estudo da FIRJAN em 1998 com potencial para produzir pêsego. A Foto 4 mostrar um pessegueiro em flor. Outra atividade que também está em expansão, com o apoio de uma série de instituições e a Firjan, é a implantação da citricultura no Noroeste. Já na região de Itaboraí houve um problema com a laranja, mas agora tenta-se expandir novamente a fruticultura na região de São José de Ubá, onde não há ainda o problema. Esse projeto provavelmente se expandirá para a área de Itaperuna. Quanto ao abacaxi, a fruta que talvez tenha a área maior no estado, está se fazendo um trabalho de modernização da cultura para facilitar a comercialização. O abacaxi produzido lá é de ótima qualidade, mas é muito pequeno e o mercado gosta do abacaxi maior. O trabalho vem sendo feito nessa direção, ajudando a reduzir as doenças e produzindo um abacaxi de melhor qualidade.

QUADRO 7

**Projetos em andamento no norte e noroeste fluminense**

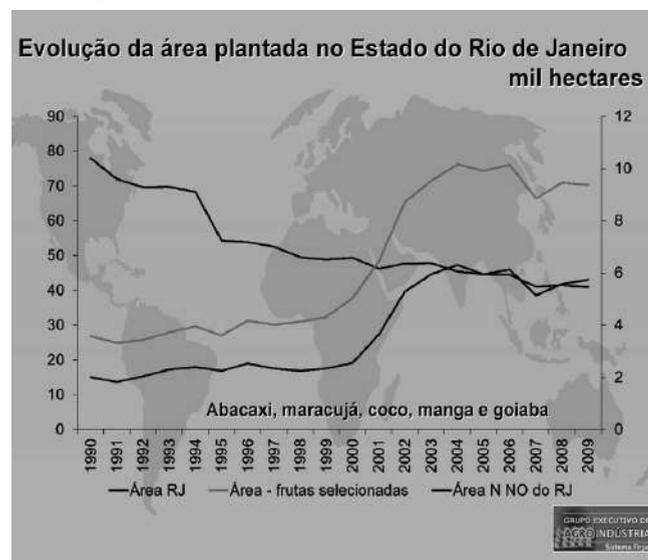
- implantação da cultura do pêsego nos municípios de Porciúncula, Varre-Sai e Bom Jesus do Itabapoana [Slide 40](#)
- implantação da citricultura em São José de Ubá
- modernização da comercialização do abacaxi em São Francisco do Itabapoana, São João da Barra e Campos dos Goytacazes



O Ministério da Integração Nacional vem apoiando bastante a Firjan com recursos nos projetos do Quadro 9. Por exemplo, o governo do Rio de Janeiro tem um programa chamado Moeda Verde/Frutificar de financiamento que tem sido bastante importante, além de prefeituras, SEBRAES, sindicatos rurais e associações. O que todos esses projetos tipicamente envolvem? Primeiro, uma instituição de pesquisa está por trás deles, como universidades. A Firjan está trabalhando com a Universidade de Viçosa, que, uma vez por mês, faz uma visita com um

professor, demonstrando como é que faz o desbaste do pêsego. Esse trabalho é acompanhado no campo com técnicos agrícolas. A própria EMATER ajuda, e a Federação também tem técnicos dedicados. Eles fazem dias de campo, visitas, etc. O programa Moeda Verde/Frutificar hoje é um parceiro importantíssimo desse projeto - é o secretário Christino Áureo quem "assina o cheque". Também há atividades de apoio à comercialização: a ideia é criar a marca "Pêssegos do Itabapoana", vista na Foto 6, para tentar posicionar melhor esse produto no mercado. Em 2011 deve ocorrer a primeira safra importante de pêsego naquela região. 

GRÁFICO 25



QUADRO 8

**Projetos do Sistema Firjan em parceria com**

- Ministério da Integração Nacional
- Governo do Estado do Rio de Janeiro
- Prefeituras
- Sebrae - RJ
- Sindicatos rurais e associações

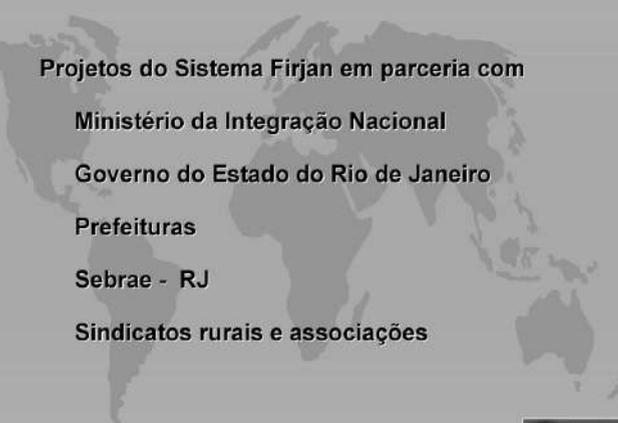


FOTO 4



QUADRO 9

Tipicamente os projetos envolvem

- transferência de tecnologia coordenada por universidade ou centro de pesquisa [Slide 37](#)
- acompanhamento com técnicos agrícolas locais e dias de campo [Slide 38](#)
- financiamento para implantação das culturas (Moeda Verde / Frutificar) [Slide 39](#)
- apoio para organização da comercialização
- associativismo [Slide 42](#)

GRUPO EXECUTIVO DE AGRICULTURA INDUSTRIAL

FOTO 6



# Hortalças: alta rentabilidade e geração de empregos

**WARLEY MARCOS NASCIMENTO**

Chefe adjunto de Transferência de Tecnologia da Embrapa Hortalças

Quando a Embrapa recebeu o convite para falar de hortifrutigranjeiros, fiquei meio temeroso pela enormidade de cadeias relacionadas na área. Assim, vou me ater à nossa área: as hortalças.

ILUSTRAÇÃO 1



Embrapa Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento BRASIL PAÍS RICO E PAÍS SEM FOME

Queria iniciar com a Ilustração 1, que mostra um grupo de espécies com cerca de 50, 70 componentes - e se forem citadas as condimentares, pode-se chegar a 100. Cada uma delas tem a sua especificidade, particularidade. Como este é um Congresso de Agribusiness, vou apresentar alguns dados econômicos, mas vou ser prático, dando um panorama da cadeia produtiva de hortalças. A Ilustração é bastante interessante: nela, há três frutas, segundo os dados do IBGE e do Ministério: a melancia, o melão e o morango. Só que vou “brigar” um pouco: embora tratadas como frutas, essas três espécies são hortalças, no Brasil e em qualquer lugar do mundo. Então quando alguém come uma melancia, está comendo uma hortalça. O tomate também não é fruta, é hortalça. Não deixarei as hortalças serem retiradas da minha área.



“A melhoria do poder aquisitivo do brasileiro é uma oportunidade para ampliar o consumo interno de hortalças”

QUADRO 1

**Características da cadeia produtiva de hortalças**

- Tipo de varejo que precisa do mix de produtos todos os dias
- Produtos altamente perecíveis ⇒ melhor qualidade = momento da colheita
- Uso intensivo de mão-de-obra
- Grandes contrastes na adoção de tecnologia
  - Predominância de produção familiar ⇒ 60% concentrada em áreas de menos de 10 ha
  - Adoção de alta tecnologia de produção nas novas fronteiras agrícolas

Embrapa Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento BRASIL PAÍS RICO E PAÍS SEM FOME

Há um grupo de hortaliças apresentado no Quadro 1. Na verdade é um mix que os humanos necessitam todos os dias. A primeira grande importância das hortaliças é o fornecimento de vitaminas, sais minerais, fibras, antioxidantes. Reitero que nós, consumidores, chamemos os legumes e verduras por seu nome certo, hortaliças. No passado, às vezes não se encontravam algumas hortaliças na feira; hoje o consumidor quer todas, das mais variadas formas e diferentes cores. Deseja-se comprar o pimentão verde, amarelo, vermelho; não se quer comprar apenas alface verde, e sim romana e roxa para fazer uma salada bem colorida, bonita. O consumidor come com os olhos, mas esses são produtos altamente perecíveis, diferentes das outras cadeias: pode-se armazenar a carne, algumas frutas, mas boa parte das hortaliças não pode ser armazenada. Por exemplo, uma alface, um brócolis, um agrião, todos têm que ser colhidos todos os dias e colocados na mesa e no supermercado quase todos os dias. Isso é muito importante no momento da colheita, além de uma produção próxima aos centros consumidores para diminuir o custo de transporte. Um segundo aspecto do plantio de hortaliças é o grande número de empregos que essa cadeia contribui para gerar, com o uso intensivo de mão-de-obra. Também é observado nesse continente chamado Brasil um contraste muito grande: há pequenos produtores com 0,5 ou 1 hectare produzindo hortaliças enquanto grandes empresas têm 4 ou 5 mil hectares utilizando uma alta tecnologia.

O Quadro 2 traz dados de produção, em torno de R\$ 17 bilhões; isso difere da cadeia de carne em cerca de 30%. Ou seja, as hortaliças contribuem com apenas 2% do PIB do agronegócio, numa área com pouco mais de 800 mil hectares, cuja produção total está em torno de 25 milhões de toneladas. Mas já se observa que, nos últimos anos, tanto a produção como a produtividade têm aumentado em detrimento da redução da área.

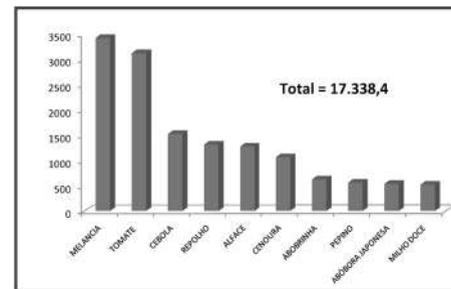
QUADRO 2



No Gráfico 1, para que se faça ideia, são apresentadas as hortaliças mais importantes em termos de volume. Mesmo que se conte a melancia como uma fruta, as cinco primeiras são tomate, cebola, repolho, alface e cenoura, com uma produção de 17 milhões de toneladas nessas espécies. Esse dado é da Associação Brasileira de Comércio, Sementes e Mudas (Abcsem), que fez um levantamento sobre a venda de sementes. Contudo, batata e alho não utilizam sementes botânicas, e sim o tubérculo, a batata semente e o alho semente. Assim, a produção sobe um pouco acima de 17 milhões, chegando a 25 ao se considerar essas duas importantes espécies, a batata e o alho.

GRÁFICO 1

Volume da Produção de Hortaliças (Milhões de toneladas)



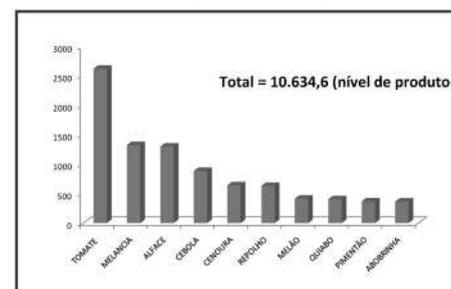
Nota: As 10 espécies de maior volume representam 80,5% do total. Estima-se que todas as espécies cheguem a 23 a 25 milhões de toneladas (incluindo batata e alho).

Abcsem, 2011

Quanto ao valor da produção do Gráfico 2, haverá outro complementar, mas para o produtor já atinge a faixa de R\$ 10 bilhões.

GRÁFICO 2

Valor da Produção de Hortaliças (R\$ Milhões)



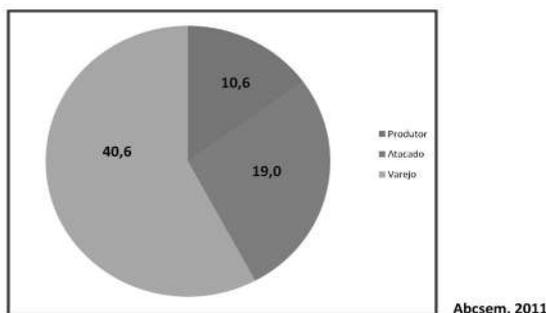
Nota: As 10 espécies de maior volume representam 84% do total.

Abcsem, 2011

Como ilustrado pelo Gráfico 3, o valor de produção para o produtor chega a R\$ 10 bilhões, dobrando para o atacadista e quadruplicando para os consumidores. Ou seja, o preço do supermercado ou na feira é quatro vezes o preço “da porteira”.

GRÁFICO 3

Valor da Produção de Hortaliças (R\$ bilhões)



Como eu disse, a cadeia de hortaliças é importante na geração de empregos, como informa o Quadro 3. Em termos de empregos diretos, são 2,4 milhões, um número que chega a 10 milhões quando se fala em empregos indiretos. Na média, são 3,5 empregos/ha. Comparando-se com a soja, em cada 4 ou 5 hectares, existe 1 emprego, enquanto as hortaliças geram 4 empregos por um hectare. Daí o valor da mão-de-obra alcançar R\$ 1,6 bilhão.

QUADRO 3

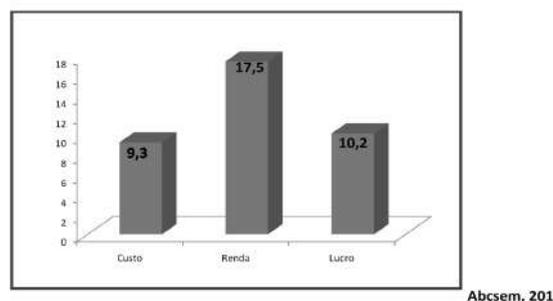


Para quem gosta de números, o Gráfico 4 é um exercício médio das diversas cadeias de hortaliças. Então na média, se não me engano, de 17

olerícolas, com um custo de produção para montar um hectare em torno de R\$ 9 milhões. Já a renda bruta alcança R\$ 17 milhões, com um lucro em torno de R\$ 10 milhões. É um bom negócio. Contudo, são valores médios: ao se analisar apenas uma cadeia, gasta-se muito. Por exemplo, a batata tem um custo médio de 50 mil, além de um risco bastante grande. Muitos produtores quebram plantando batata ou tomate, pois essas duas cadeias têm um custo de produção mais elevado.

GRÁFICO 4

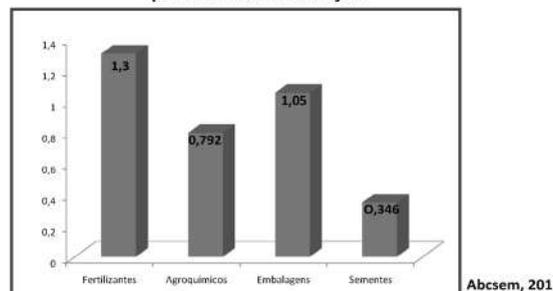
Custo médio de produção (R\$ milhões / ha)



O Gráfico 5 traz também alguns números dos gastos para se produzir na cadeia de hortaliças. São necessários fertilizantes, agroquímicos, embalagens, sementes, etc. Só com sementes, gastam-se R\$ 346 milhões, e uma parte delas é importada por empresas multinacionais. No Brasil há mais de 20 empresas de sementes; praticamente todas as empresas mundiais estão comercializando localmente. Porém, às vezes não os materiais mais adequados para as condições brasileiras.

GRÁFICO 5

Valor (R\$ bilhões) de alguns insumos gastos na cadeia produtiva de hortaliças



### Cadeia contrastante

O Quadro 4 traz elementos que confirmam o quanto essa cadeia é contrastante. Pode haver pequenos produtores que utilizam a sua própria semente, não usam adubo, não irrigam, ou até irrigam, mas com mangueira ou regador. Já na outra ponta estão as grandes empresas, utilizando sementes híbridas, processos computadorizados, colheita mecânica, semeadura de precisão... E ainda existe um contraste quanto à forma de cultivo: convencional, orgânico, hidropônico, protegido, etc. Ao lado de tudo isso, se observa também nesses últimos anos uma mudança na forma de comercialização das diferentes hortaliças, algo que será comentado em breve.

QUADRO 4



### Setor mostra características contrastantes

- Quanto à adoção de insumos e de tecnologia
- Quanto à forma de cultivo:
  - convencional
  - protegido
  - hidropônico
  - orgânico
- Quanto aos canais de comercialização e de distribuição



Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento



A Ilustração 2 mostra um produtor quase de subsistência, de agricultura familiar, no sistema tipo Mandala. Hoje não se pode mais usar esse nome, está patentado, mas chama-se “PAIS”, Produção Agroecológica Integrada e Sustentável. Por exemplo, a partir do galinheiro, utiliza-se o adubo. É realmente uma agricultura bastante pequena, quase que de subsistência.

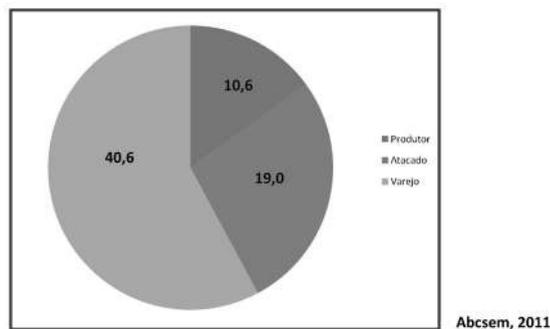
ILUSTRAÇÃO 2



Na Ilustração 3 vê-se outro tipo de agricultura, na qual já existe uma certa “mecanização”, com tração animal. É a cultura do taro, do inhame.

ILUSTRAÇÃO 3

### Valor da Produção de Hortaliças (R\$ bilhões)



A Ilustração 4 reflete o que eu havia mencionado, principalmente com relação às folhosas: elas geralmente são produzidas em cinturões verdes, culturas em regiões quase urbanas ou periurbanas.

ILUSTRAÇÃO 4



Para se ter uma noção da produção de hortaliças no país, uma sequência de ilustrações. A de número 5 mostra um consórcio de aipim - chamado macaxeira no Nordeste e de mandioca em Minas Gerais - com inhame, na Paraíba; a Ilustração 6 traz a cultura do tomate com uso de uma tecnologia bem interessante, os “mulchings”, que são plásticos brancos. Embaixo deles existe uma fita por onde passa a água com adubo. Nesta cultura, em Minas Gerais, são usadas sementes

PAINEL: PRINCIPAIS CADEIAS PRODUTIVAS DO AGRONEGÓCIO -  
FRUTAS E HORTIGRANJEIROS

12º congresso

agri  
business

híbridas, bem mais caras do que ouro. Já a Ilustração 7 traz a vista panorâmica de um cinturão verde de São Paulo, em Mogi das Cruzes, com 500 hectares de alface e 500 produtores, exatamente um hectare por cada produtor, todos produzindo folhosas.

ILUSTRAÇÃO 5



Essas ilustrações também revelam cinturões verdes: a primeira, em Paulínea, de alface; batata, em São Paulo, na Ilustração 9 e repolho roxo em Piedade, São Paulo.

ILUSTRAÇÃO 8



ILUSTRAÇÃO 6



ILUSTRAÇÃO 9



ILUSTRAÇÃO 7



ILUSTRAÇÃO 10



Na Ilustração 11, uma nova região: São Gotardo, em Minas, além de Cristalina, que produzem alho, batata, cenoura. A Ilustração 12 mostra Goiás, região de Goianésia, que tem 80% do mercado de tomate industrial, para molho e catchup. Na Bahia, a Chapada Diamantina também é uma área nova de produção de hortaliça, como revelado pela Ilustração 13.

ILUSTRAÇÃO 11



Em outro sistema, a Ilustração 14 mostra o cultivo hidropônico, feito na água e que utiliza soluções com nutrientes. Essas são principalmente folhosas, na cidade de Holambra, São Paulo.

ILUSTRAÇÃO 14



ILUSTRAÇÃO 12



A Ilustração 15 é uma foto aérea da Chapada Diamantina, mostrando a produção de batata, tomate, cenoura feita por grandes empresas. Cada círculo tem 100, 150 hectares, ou seja, o equivalente a 100, 150 campos de futebol.

ILUSTRAÇÃO 15



ILUSTRAÇÃO 13



Produção de hortaliças na Chapada Diamantina, Bahia

A Ilustração 16 mostra uma lavoura em São Gotardo, em Minas Gerais, que é considerada a maior produtora de cenoura no país, com 5,6 mil hectares em semeadura direta. Alguns produtores já realizam a colheita mecânica, além da semeadura de precisão, utilizando sementes híbridas.

ILUSTRAÇÃO 16



Em sequência, outros grandes produtores. Na Ilustração 17, São José do Rio Pardo, em São Paulo, com cebola; a Ilustração 18 traz novamente a Chapada Diamantina, com sua produção de batata e a Ilustração 19, com cenouras em São José do Rio Pardo, São Paulo. Inovação para trazer maior valor agregado.

ILUSTRAÇÃO 17



ILUSTRAÇÃO 18



ILUSTRAÇÃO 19



Já a Ilustração 20 traz uma fazenda muito interessante em São Paulo: ela só trabalha com “specialities”. São mini-hortaliças, por exemplo, miniabobrinhas coloridas, mas destinadas a restaurantes gourmet principalmente no Rio, São Paulo e Belo Horizonte. Têm preços altíssimos e embalagens bem atraentes, com valor agregado muito grande. Pode-se comprar 1 kg ou uma caixinha: uma abobrinha dentro da caixa, já com a receita, para colocar no micro-ondas sai a R\$ 20 o quilo.

ILUSTRAÇÃO 20



Outro aspecto mostrado pela Ilustração 21 é a produção de hortaliças orgânicas. Talvez o maior produtor de orgânicos no país, quiçá da América Latina, está próximo de Brasília, é a Fazenda Malunga.

Sobre o mercado orgânico comentado pelo Quadro 5, costumam falar que é um nicho de mercado, embora seus representantes não achem isso. Já é uma realidade, contudo, no caso de hortaliças, o setor não chega a ter 2% da área. Houve um “boom” de orgânicos, por exemplo, no Rio de Janeiro está o garoto-propaganda dos orgânicos, Marcos Palmeira, presente em todas as ações do setor.

ILUSTRAÇÃO 21



Cultivo orgânico de hortaliças, Fazenda Malunga, Brasília, DF

lhor qualidade, que apresentam uma produção mais uniforme, com maior qualidade de frutos e produtos. Outro item: mudas enxertadas. Por exemplo, como existem problemas de fungos e doenças de solo, pode-se fazer um enxerto como se faz na laranja, ou no pimentão, não importa. Minitubérculos de batata; a parte de mecanização, tanto do plantio e da colheita; fertirrigação, que significa utilizar água com adubo. Além disso, outros tipos de equipamentos, como os sistemas de alerta para doenças que são aplicados na cultura da maçã.

QUADRO 6



### Inovações x modernização do setor produtivo de hortaliças

- Agregação de tecnologia:
  - Produção de mudas em bandejas com substrato;
  - Expansão do uso de sementes híbridas;
  - Mudas enxertadas;
  - Minitubérculos de batata;
  - Plantio e colheita mecanizados;
  - Fertirrigação;
  - Insumos e equipamentos modernos ⇨ agrotêxtil, mulchings, telas, GPS, sistemas de alerta etc.



Ministério da  
Agricultura, Pecuária  
e Abastecimento



QUADRO 5



### Oportunidade de crescimento do agronegócio de hortaliças orgânicas

- Área certificada e em certificação: cerca de 840 mil hectares (IFOAM);
- Renda bruta de 250 milhões de dólares e as exportações totalizam 150 milhões de dólares;
- A participação das hortaliças no mercado de orgânicos no Brasil é ainda incipiente, representando apenas 1,8% da área total cultivada;
- A maior parte do volume da produção é proveniente de pequenas e médias propriedades, ou seja, predomina a agricultura de base familiar.



Ministério da  
Agricultura, Pecuária  
e Abastecimento



O Quadro 6 traz elementos de inovação observados nesse mercado, nessa última década, com uma modernização muito grande. Por exemplo, tecnologia utilizando produção de mudas em bandejas; sementes híbridas, praticamente todo produtor profissional utiliza. São sementes de me-

As Ilustrações de 22 a 26 trazem o alto nível de tecnologia. Na primeira, a utilização, por exemplo, do TNT, tecido não tecido, para amenizar ataque de insetos na cultura do melão, na região Nordeste. No lado direito, a produção de mudas em bandejas, hidroponia. É um cultivo sem solo, que utiliza a fibra de coco ou uma perlita, que representam a parte física, já que todo o nutriente vem trazido pela água de fertirrigação. Na Ilustração 23, a utilização de mulchings, que aumentam a temperatura do solo e contribui para a não-proliferação de determinadas doenças e plantas daninhas. No lado direito, está um tipo de tomate em “cluster”, em penca, que traz um maior valor agregado. Na Ilustração 24, as miniabobrinhas que mencionei, acima do morango em hidroponia e do melão rendilhado, tipo Cantaloupe, que é nobre, gostoso e bem atraente. Também figura a produção de tomate em cultivo protegido, com a qual pode-se produzir o ano inteiro com problemas menores de doenças. Claro que o custo de produção será maior, mas o consumidor paga.



PAINEL: PRINCIPAIS CADEIAS PRODUTIVAS DO AGRONEGÓCIO -  
FRUTAS E HORTIGRANJEIROS

12º congresso

agri  
business

ILUSTRAÇÃO 22



ILUSTRAÇÃO 23



ILUSTRAÇÃO 24



Na primeira aparecem minitúneis, que, aumentando a temperatura, tornam-se armadilhas luminosas. É uma alta tecnologia para a produção de

mudas. Já a Ilustração 26 traz outra indústria. A cadeia tem praticamente três segmentos: de sementes, que fornece a semente para o produtor de mudas, e este fornece mudas para o produtor de hortaliça. Geralmente o produtor de hortaliça não faz a sua muda, ele contrata essa produção.

ILUSTRAÇÃO 25



ILUSTRAÇÃO 26



Estas ilustrações mostram diversos plantios mecanizados da produção de mudas. O caminhão da Ilustração 28 está carregado de mudas e vai ser transplantado diretamente no campo. Nesse caso, será feito o transplante direto, sem remover o solo. Também são utilizadas sementeiras a vácuo utilizando sementes peletizadas, recobertas, e com isso se consegue colocar uma semente no espaçamento desejado. Na Ilustração 29 aparece um transplante de mudas de tomate, além da colheita de tomate, para molho e catchup. Isso é novo no país. Abaixo, a colheita mecânica de cenoura, e algo que ainda não existe nos Estados Unidos, a colheita de alface e feijão vagem.



ILUSTRAÇÃO 27



ILUSTRAÇÃO 28

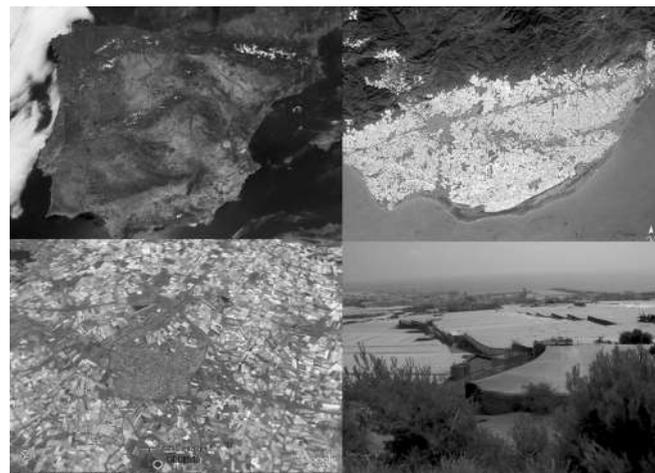


ILUSTRAÇÃO 29



A Ilustração 30 mostra a Espanha, mais especificamente a região de Murcia, Almería, que produz tomate, pimentão, abobrinha, melão, etc., praticamente para toda a Europa. Quem já visitou sabe que o local é um “mar de plástico”, produtor de hortaliças. Por causa das acusações de contaminação de pepinos com *E. coli*, muitos produtores perderam mercado, mas vão receber alguns milhões de euros. No Brasil já existe uma área considerável de plástico, mas é preciso avançar mais. Por que produzir em plástico? Porque se produz o ano inteiro e se consegue ter um preço melhor. Se o Brasil pensa em exportação, é uma fraqueza, pois praticamente não se exportam hortaliças. Acho que o país pode aumentar muito, é uma das grandes oportunidades. Este é o tema do Congresso, Oportunidades de Investimentos. Eu acredito que “o plástico” deva aparecer nas diferentes cadeias de hortaliças.

ILUSTRAÇÃO 30



Todos os trechos claros da Ilustração 31 são estufas, casa de vegetação. Já a Ilustração 32 mostra o resultado da aplicação de outras tecnologias observadas nesses últimos anos, não só para o produtor, como materiais mais produtivos, mais resistentes a pragas e doenças, mas para os consumidores. Eu repito o que falei: nós comemos com os olhos. Então, é atraente chegar no supermercado e ver uma batata doce laranjada, biofortificada, alto teor de betacaroteno. Mesma coisa para uma abóbora, ou um tomate riquíssimo em licopeno, um antioxidante e outros. Novidades como a couve-flor roxa, couve-flor amarela, berinjela rendilhada, melão saborosíssimo, etc. A Ilustração 33 continua nesse segmento, como no caso de tomate. Os consumidores, a cada dia, têm uma novidade ao fazer compras. Por exemplo, a “sweet grape”, cereja, cerejinha, cerejão. São as formas: piriforme, machado, cluster, elas enchem os olhos e causam uma atração enorme para os materiais que estão à disposição no dia-a-dia.

ILUSTRAÇÃO 31



Cultivo de hortaliças em ambiente protegido - Espanha

ILUSTRAÇÃO 32



ILUSTRAÇÃO 33



## Marketing para incrementar o consumo

O tema do Quadro 7 é outra coisa sobre a qual a Embrapa e algumas empresas têm trabalhado bastante. Isso representa até um marketing na importância das hortaliças, os nutraceuticos. A Embrapa tem trabalhado, por exemplo, para desenvolver um tomate com maior teor de licopeno, ou desenvolver uma cenoura com maior teor de betacaroteno. Este trabalho é feito dentro do programa BioFORT, do qual a Embrapa participa, com a meta de chegar principalmente no Nordeste, onde as pessoas e crianças têm problemas de cegueira noturna causado pelo baixo consumo de vitamina A. No programa, a Embrapa tem colocado esses materiais à disposição dessas comunidades.

QUADRO 7

### Nutraceuticos

Cultivares com melhor qualidade nutricional e funcional

tomate San Vito (licopeno), abobrinha Brasileira (caroteno e luteína), cenoura Alvorada (caroteno)

Ministério da  
Agricultura, Pecuária  
e Abastecimento

O Quadro 8 retoma o preço das sementes que mencionei. Se um quilo é vendido a US\$ 350.000, basta calcular quantas sementes existem nesse quilo. Acho que o grama de ouro está a R\$ 50, enfim, 50 mil / Kg, ou seja, sete vezes mais cara que o ouro. Atualmente, um produtor paga US\$ 1 por uma semente de tomate. Isso acontece mesmo? Sim, porque a semente desse valor vai produzir um tomate que será vendido a US\$ 25 / Kg. É um tomate penca, cereja, dourado, para um mercado altamente nobre.

O Quadro 9 se refere à batata, que talvez seja a principal hortaliça, com uma área colhida de quase 150.000 há e uma produção de 3 milhões de toneladas. Contudo, o Brasil tem um certo problema: a dependência de insumo e sementes. O país ainda importa uma quantidade considerável de batata.

QUADRO 8



### Preço de Sementes

- 1 Kg de sementes de tomate da Hazera Genetics vendido na Europa por US\$ 350.000 (11-Jan-2007)
- Esta cultivar de tomate cereja amarelo, desenvolvida em Israel é vendida na Europa por US\$ 25 / Kg



**Embrapa** Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento **BRASIL** PAÍS RÍDIO E PAÍS SEM FOME

dendo ao importar o alho da China e da Argentina: R\$ 1,4 bilhão. Esse alho poderia estar sendo produzido internamente, existe tecnologia para isso, inclusive da Embrapa. Ela tem um trabalho muito interessante realizando a limpeza dos vírus que ocorrem na semente do alho, o que aumenta a produtividade.

QUADRO 10

### Cadeia Produtiva do Alho - 2010/2011

- Área - 10.000 ha
- 4 empregos diretos/ha
- 40.000 empregos diretos
- 80.000 na cadeia produtiva




Fonte: Anapa

**Embrapa** Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento **BRASIL** PAÍS RÍDIO E PAÍS SEM FOME

QUADRO 9





### Cadeia da batata

Área colhida: 144.844 ha

Produção: 3.465.066 ton

Dependência de batata semente (importação)

[www.abbabatatabrasileira.com.br](http://www.abbabatatabrasileira.com.br)

**Embrapa** Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento **BRASIL** PAÍS RÍDIO E PAÍS SEM FOME

QUADRO 11

### Importação de alho no Brasil

- O Brasil importa a produção de 14.000 ha da China e da Argentina
- O Brasil gera 56.000 empregos na China e Argentina com essa importação
- O Brasil perde cerca de R\$ 1,418 bilhão




Fonte: Anapa

**Embrapa** Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento **BRASIL** PAÍS RÍDIO E PAÍS SEM FOME

Quanto à cadeia produtiva do alho, abordada pelo Quadro 10, é uma outra hortaliça bastante importante, mas que, nos últimos anos, o Brasil vê sua cultura “ir por água abaixo”. Anos atrás, o Brasil tinha algo próximo de 20 mil hectares e hoje tem 10, tudo em função da entrada do alho chinês. Na verdade, esse alho entra no país com preços abaixo do mercado (“dumping”), mas às vezes vem pela Argentina ou pelo Paraguai, quando não se justifica o “dumping”. Só que os importadores têm feito isso. Só que esta é uma cadeia bastante importante, não só pela geração de empregos.

O Quadro 11 mostra o quanto o Brasil está per-

A Associação Nacional dos Produtores de Alho (APA) tem feito um trabalho bastante interessante, mostrado no Quadro 12, tentando minimizar os efeitos da importação e tentando valorizar o alho nacional, principalmente o alho roxo, que é todo nacional.

QUADRO 12

**Semana do Alho Roxo Brasileiro**

29 de novembro a 05 de dezembro

Realização: ANAPA

Valorize o que se produz no Brasil. Consuma o Alho Nacional. Participe!

29 de novembro a 05 de dezembro

ANAPA

Embrapa Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento BRASIL

Em termos de importação, o Quadro 13 especifica os principais componentes, como o alho e batata, principalmente batata pré-frita, congelada, importada do Canadá, da Argentina para o Mc Donald's. Alguma coisa de cebola vem da Argentina, mas não é sempre. Dependendo do câmbio, o Brasil importa ervilha para enlatamento e tomate em forma de pasta, o que resulta em US\$ 390 milhões em importação.

QUADRO 13

**Importações brasileiras de hortaliças, 2007**

Produto	Volume (t)	Valor (mil US\$)
Alho	134.236,3	104.947,9
Batata	134.740,3	112.257,8
Cebola	159.683,6	40.022,4
Ervilha	34.203,6	14.206,9
Tomate	9.630,2	7.769,9
<b>TOTAL:</b>		<b>US\$ 389.681.500</b>

Fonte: SECEX/MDIC. Disponível em <http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br>

Embrapa Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento BRASIL

Já as exportações, abordadas pelo Quadro 14, são bem poucas. A principal hortaliça, produzida na região do Vale do Açu, entre o Rio Grande do Norte e Ceará, é o melão, que tem 70% a 80% de sua produção exportada para a Europa e Estados Unidos. Também há alguma exportação de pimenta, principalmente a destinada ao molho americano chamado "tabasco". A pimenta sai do país quase pronta para os Estados Unidos. Também há mais alguns poucos produtos, mas é visível que a balan-

ça brasileira é desfavorável, importa-se mais do que se exporta. O Brasil tem condições de melhorar, e isso já foi exposto em relação a outras cadeias também. Se forem analisados os produtos, por exemplo, do México, Guatemala, Costa Rica e Chile, eles são grandes exportadores de hortaliças enquanto o Brasil ainda não conseguiu atingir essa produção. E não só para atender o mercado interno, mas também para o mercado externo ainda há muito que avançar.

QUADRO 14

**Exportações brasileiras de hortaliças, 2007**

Produto	Volume (t)	Valor (US\$)
Melão	204.501,8	128.213.600
Pimentas e pimentões	6.364,6	20.002.700
Tomate	20.024,2	13.489.500
Melancia	33.649,4	12.537.800
Milho-doce	12.725,2	10.751.500
Gengibre	7.2894,6	6.465.800
Batata	13.783,5	4.034.000
<b>TOTAL:</b>		<b>US\$ 240.633.500</b>

Fonte: SECEX/MDIC. Disponível em <http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br>

Embrapa Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento BRASIL

Modificações no abastecimento das cidades  
Outra mudança muito grande que ocorreu é apontada pelo Quadro 15. Na cidade do Rio ocorre um fato muito diferente, que achei ótimo: na praça General Osório, em Ipanema, existe uma feira de hortaliças, algo que praticamente não se vê mais em Brasília. Fui lá tirar fotos e ver a instalações, mas é uma coisa que está deixando de acontecer em alguns locais.

QUADRO 15

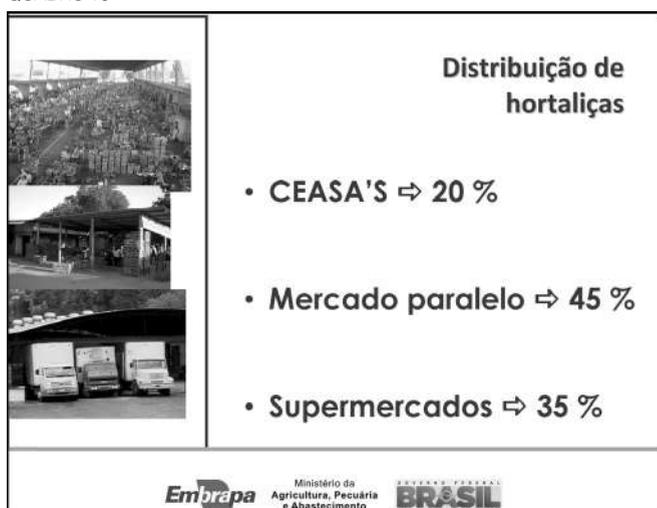
**Canais de distribuição de hortaliças**

- A mudança na estrutura de comercialização tem causado impactos negativos à cadeia de hortaliças ⇒ exclui produtores incapazes de atender às exigências das centrais de compra das grandes redes varejistas;
- Mercado dominado por um reduzido número de grandes redes ⇒ sobrevivência de pequenos varejistas cada vez mais difícil.

Embrapa Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento BRASIL

No Quadro 16 estão as mudanças de destino da produção. A produção que ia do produtor para o Ceasa está diminuindo, pois com as grandes redes de supermercados como Walmart, Extra, Carrefour e Pão de Açúcar a produção vai direto para elas sem passar pelo Ceasa. Com isso, já ocorre uma quebra, uma exclusão de pequenos produtores, pois o Walmart tem um contato com o produtor que é difícil penetrar. Já o Pão de Açúcar tem um crivo, um padrão de qualidade complicado de atingir. Como funciona? Uma rede dessas fala para o produtor: “quero 100 caixas de tomate toda semana”. Talvez ele tenha para uma semana, mas para a segunda semana ele já não tem - então esse produtor já está saindo da cadeia. E o mercado está sendo dominado por essas poucas grandes redes de supermercados. A Embrapa estima uma distribuição em torno de 20% nessas centrais de abastecimento. No CEAGESP de São Paulo há um “mercado paralelo” de varejões e feiras, enquanto o mercado direto do produtor ao consumidor deve estar um pouco maior. Podem-se observar, principalmente nos grandes centros, supermercados como o Oba ou o Hortifruti, que são verdadeiras boutiques. Os produtos estão quase sempre na entrada do supermercado e há embalagens atrativas, vídeos, banners, folders, tudo chamando o consumidor para adquirir esse produto. O próprio produto hortaliça é um chamariz. Tenho um conhecido a quem perguntei uma vez: “João, como você põe no seu supermercado uma abóbora a cinco centavos? Como o produtor está ganhando?” Ele respondeu que não queria nem saber, aquele preço era apenas para chamar o consumidor para comprar o arroz, feijão ou a carne. “Hortaliças, eu estou me lixando”. Mas com isso o produtor está também se “ferrando”, perdendo.

QUADRO 16



Como apontados pelo Quadro 17, essa modernização tem fatores que têm contribuído para essas mu-

danças. Os hábitos de consumo, embalagens pequenas, famílias menores, solteiros, enfim, menos tempo. Hoje já se deseja comprar uma embalagem de salada pronta, um mix de folhosas pronto ou uma bandeja bastante selecionada - e paga-se mais por isso. O consumidor precisa desse produto porque ele já está higienizado, pronto para o consumo. A mesma coisa acontece com as frutas, com segurança alimentar e rastreabilidade. É preciso que o país avance muito nisso e até possa servir de exemplo para o que aconteceu na Europa em relação à contaminação por *E. coli*. Ainda há muita resistência, ainda se veem muitos absurdos no tratamento das hortaliças, principalmente no pós-colheita, por isso reitero o aumento da participação na rede.

QUADRO 17



Na Ilustração 34, uma imagem do tipo de tomate doce que é vendido a mais de R\$ 2 e pesa pouco mais de 100 gramas. Ele está chegando a R\$ 15, R\$ 20 o quilo.

ILUSTRAÇÃO 34



PAINEL: PRINCIPAIS CADEIAS PRODUTIVAS DO AGRONEGÓCIO - FRUTAS E HORTIGRANJEIROS

12º congresso  
agri  
business

O Pão de Açúcar já tem um sistema bastante interessante de rastreabilidade, como indica o Quadro 18. O problema é que o supermercado consegue rastrear quando a mercadoria chega, mas o funcionário da gôndola mistura todos os produtos, seja do produtor A, B ou C. Então de nada adiantou.

QUADRO 18

**Rastreabilidade**

Capacidade de identificar a história, origem e uso de um produto por meio de um registro de identificação




Embrapa Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento BRASIL

menos mais da metade de hortaliças, ou seja, abre a cultura com soja, mas as pessoas precisam comer. A mesma coisa acontece na Amazônia: quando a Embrapa chegou lá não encontrou hortaliças, apenas alface e coentro. Se alguém quiser tomates, eles têm que vir do Sul e gastam 10, 12 dias para chegar a Manaus.

QUADRO 19

**I. Pesquisa de Mercado de Hortifrúti - MT 2006**

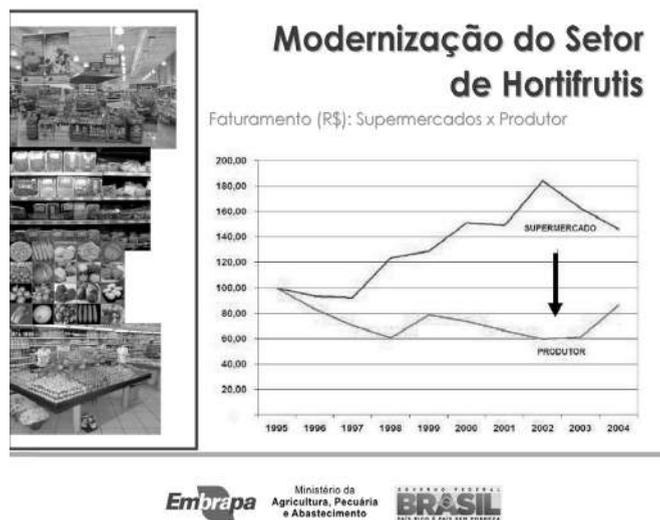
**MATO GROSSO**



Embrapa Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento BRASIL SIDER/MT

O Gráfico 6 retoma o que falei no início sobre o preço pago ao produtor. É visível que o supermercado está sempre ganhando mais, faturando mais.

GRÁFICO 6



A Embrapa está inaugurando um centro no Mato Grosso e está fazendo um trabalho na região de Sinop, Sorriso. É preciso produzir nessa região pelo

No Quadro 20 estão alguns tópicos sobre desafios, como expandir o cultivo subutilizado de hortaliças. Outra coisa interessante, que se mostra diferente do setor da carne, do frango, talvez das frutas, é que o setor das hortaliças é um dos mais desorganizados que existe. O produtor é desorganizado, não tem associação nem cooperativismo, de uma forma geral.

QUADRO 20

**Os grandes desafios para o futuro**

- Organização do setor produtivo de hortaliças;
- Segurança alimentar ⇒ aumento das restrições a resíduos de químicos e a outros insumos poluidores;
- Registro de agrotóxicos para as culturas consideradas de suporte fitossanitário insuficiente;
- Incremento das exportações de produtos *in natura* e processados;
- Desenvolvimento de cultivares de hortaliças adaptadas aos sistemas orgânicos de produção;
- Ampliar a disponibilidade de sementes de hortaliças produzidas em sistemas orgânicos;
- Expandir o cultivo e consumo de hortaliças subutilizadas ou negligenciadas;

Embrapa Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento BRASIL

Na Ilustração 35 estão algumas hortaliças não convencionais, subutilizadas, mas que o Brasil precisa expandir a produção, até para que possa exportar.

ILUSTRAÇÃO 35



O Quadro 21 se refere ao consumo: a população mundial está engordando, o brasileiro está engordando. No Brasil, o consumo é 1/3 do recomendado pela Organização Mundial da Saúde, apenas 130 gramas. É preciso aumentar isso para 400 g/ pessoa / dia, ainda mais levando-se em consideração que, nos estados e regiões mais pobres, o consumo é menor, como revelado pelo Quadro 22. Já o Quadro 23 analisa o consumo de hortaliças por renda: as pessoas de baixa renda têm um consumo menor. E já se observou que, nos últimos anos, o comentado aumento de renda das pessoas deveria implicar em maior consumo de hortaliças. Isso aconteceu? Os estudiosos achavam que sim.

QUADRO 21



### Consumo de Hortifrutis

- A OMS recomenda o consumo de 400 g/pessoa/dia;
- O consumo atual no Brasil é de apenas 132 g/pessoa/dia;
- Necessidade de **TRIPlicAR** o nível atual de consumo;
- Aumento do consumo de H&F é considerado o eixo da promoção de saúde e segurança alimentar e nutricional.



Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento



QUADRO 22

**Aquisição domiciliar de hortaliças e distribuição por região geográfica**

Região geográfica	Aquisição (kg per capita/ano)
Norte	18,9
Nordeste	22,3
Centro-oeste	23,4
Sudeste	32,7
Sul	40,2
<b>BRASIL</b>	<b>29,0</b>

Fonte: IBGE/POF, 2002-2003.



Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento



QUADRO 23

**Aquisição domiciliar de hortaliças e distribuição por classe de renda no Brasil**

Renda mensal (R\$)	Aquisição domiciliar (kg/per capita/ano)	Proporção* (%)
Até 400	15,7	- 54,1
Mais de 400 a 600	22,4	- 77,2
Mais de 600 a 1000	25,7	- 88,7
Mais de 1000 a 1600	31,2	+ 7,6
Mais de 1600 a 3000	36,2	+ 24,8
Mais de 3000	42,3	+ 45,7

Fonte: IBGE - Pesquisas de Orçamentos Familiares (POF), 2002-2003.  
\*Aquisição média do Brasil = 29,0 kg/per capita/ano.



Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento



Porém, como revela o Quadro 24, os últimos dados do IBGE mostram que houve uma redução. Sem pensar muito, acho que isso se relaciona ao consumo da carne. Se alguém ganha mais, terá acesso a alguma coisa que não podia comprar muito e vai preferir comer 1 kg de carne de segunda a R\$ 4 do que pagar R\$ 2 por um quilo de tomate. Ou comprar um pacote de biscoitos para o filho. Assim, essa pessoa que está subindo da classe C para B ou da E para D, está deixando de consumir hortaliça e adquirindo outros produtos que não tinha antes.

Em face da queda observada de 6,64% (dados do IBGE) de 2002 a 2008, além das situações apontadas pelo Quadro 25, a Embrapa está fazendo uma campanha para aumentar o consumo de hortaliças no país.

QUADRO 24

**Revolução Social - Brasil**

- Nos últimos 14 anos, 73% das famílias brasileiras mudaram de classe, devido ao aumento de renda, um contingente de 143 milhões de pessoas.
- A classe E encolheu: pelo menos 20,5 milhões de pessoa deixaram a zona da pobreza, e passaram a ocupar as classes C e D.
- Cerca de 2,5 milhões que já estavam na classe D galgaram os degraus até a classe C - 103 milhões de pessoas.



Estão consumindo mais hortaliças ?

FGV/Correio Braziliense, 19/06/11

Embrapa Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento BRASIL

QUADRO 25

**Iniciativas de incentivo ao consumo de H&F**

- ✓ Não têm recebido a devida atenção dos diferentes setores da cadeia;
- ✓ Sucesso jamais será atingido por meio de ações isoladas, deste ou daquele setor

⇒ ensaja a articulação de esforços entre organismos governamentais em todos os níveis, do setor privado e de organizações civis relacionadas à área hortifrutícola, de ciências médicas, da nutrição e da mídia;

✓ É essencial conquistar apoio das associações de produtores, de redes de supermercados e das Câmaras Setoriais das Cadeias Produtivas de Hortaliças e de Frutas (MAPA).

INTERSETORIALIDADE



Embrapa Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento BRASIL

A mídia está presente, trazendo o culto ao corpo e novas dietas, força mostrada pela Ilustração 36. As pessoas têm sido afetadas, inclusive crianças, e acho que elas têm a idade ideal para ser trabalhada. Os mais velhos, se não comeram até agora, não irão começar a consumir hortaliças, mas se algo aparecer dirigido às crianças, como os exemplos da Turma da Mônica e do Mickey na Ilustração 37, isso pode incentivar o consumo. Mesmo dentro da Embrapa está se fazendo campanhas, inclusive com os ônibus da instituição e com filhos de funcionários, como revela a Ilustração 38.

### Oportunidades no mercado interno

O Quadro 26 traz um cartaz da campanha iniciada em junho de 2011. Eu participo da Câmara Setorial de Hortaliças, do Ministério da Agricultura, junto com o Ibrahort e o Sebrae, todos envolvidos para mostrar a importância do projeto. Também há outras campanhas isoladas, como a da Ilustração 39, que se refere à Embrapa escola, envolvendo as crianças e levando-

as para a fazenda. Lá, elas lidam com a terra e veem a importância do consumo de hortaliças.

ILUSTRAÇÃO 36



Embrapa Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento BRASIL

ILUSTRAÇÃO 37

**Uso de personagens de histórias em quadrinhos para incentivar o consumo de F & V**



Embrapa Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento BRASIL

ILUSTRAÇÃO 38



Frota de ônibus da Embrapa Hortaliças transporta seus funcionários em Brasília, DF promovendo o consumo de hortaliças

QUADRO 26



ILUSTRAÇÃO 41



ILUSTRAÇÃO 39



ILUSTRAÇÃO 42



Essas Ilustrações, de 40 a 41, mostram o poder da criatividade na propaganda. Alguns anúncios receberam premiações, algo até inusitado para a rede Hortifruti, que fez uma campanha inovadora em função de Hollywood. Os anúncios semanais traziam temas satirizados de diversos filmes, algo muito interessante.

ILUSTRAÇÃO 40



ILUSTRAÇÃO 43



ILUSTRAÇÃO 44



Para quem tem interesse maior nessa cadeia, a página de Internet do Cepea ([www.cepea.esalq.usp.br](http://www.cepea.esalq.usp.br)) fez um estudo com a análise “Swot” (do inglês forças, fraquezas, oportunidades e ameaças). Vou pinçar, principalmente, as oportunidades apresentadas pelo Quadro 27 - até por causa do tema do Congresso. Uma grande oportunidade é a melhoria do poder aquisitivo: a população está ganhando mais. Então acredito que os benefícios de consumo de hortaliças devam ser mais bem trabalhados, melhorando a imagem do setor. Quem acompanha as notícias, já observou que, quando a Anvisa alerta que o morango ou o pimentão estão contaminados, o consumo cai muito. Na verdade não existe essa contaminação: eu diria quase que a totalidade dos casos é devida ao uso de produtos que não são recomendados para aquela cultura. Não significa que eles estejam contaminados, e não falo isso para o benefício das hortaliças. Sei porque o pessoal da área, que acompanha os casos, sabe que é mais fácil ocorrer contaminação biológica do que contaminação por agrotóxico. Foi o que aconteceu na Europa, mas no Brasil pode-se continuar comendo sem problemas.

Sobre oportunidades do setor, ainda posso citar a agregação de valores, um item muito interessante para as hortaliças, com embalagens, etiquetas, etc. Produtos que tenham conveniência, praticidade, relacionado ao que eu comentei das famílias que trabalham. Quanto à organização do setor, acho que ele está mal, está desorganizado. Também quero comentar alguma coisa sobre frutas: há espaço para investir em frutas exóticas, como o açaí brasileiro, que já está na Europa. Quanto ao transporte, ele já foi bas-

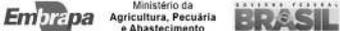
tante comentado no Congresso. Outro item: cadeia de frio, que no Brasil é zero. Leva-se 12 dias para exportar tomates do Triângulo Mineiro até Manaus - e nem é bom imaginar como esses tomates chegam lá, pois são transportados por estrada e depois por barco. Estimular colheitas em período de pouca oferta no mercado externo; ampliar a gama de países importadores, saindo um pouco de Europa e Estados Unidos. A Ásia inteira pode ser prospectada. A certificação é uma coisa que tem que ser trabalhada, com boas práticas agrícolas. Já falou-se do produtor: ele talvez saiba, no máximo, produzir a hortaliça, mas não sabe vender nem têm gestão. Investir em boas práticas agrícolas, na parte de sanidade, higienização, enfim, pois o cenário é terrível nesses temas.

QUADRO 27

### Oportunidades no Setor Hortifruti

- ✓ Melhoria do poder aquisitivo da população
- ✓ Informação quanto aos benefícios
- ✓ Melhorar a imagem do setor
- ✓ Estimular a criação de leis federais
- ✓ Formação de pessoal técnico
- ✓ Boas práticas agrícolas
- ✓ Agregação de valores
- ✓ Produtos com conveniência e praticidade
- ✓ Organização do setor
- ✓ Investir no mercado de frutas exóticas
- ✓ Investir mais em transporte aéreo e cadeia de frio
- ✓ Colheita em períodos de pouca oferta no mercado externo
- ✓ Ampliar os países exportadores
- ✓ Certificação visando principalmente mercado externo





Por fim, gostaria de comentar um convite que foi enviado por um deputado federal da região de Mogi das Cruzes. Ele integra uma frente parlamentar em defesa do setor de hortifrutigranjeiros com o objetivo de acompanhar as políticas relacionadas. A Embrapa ficou bastante satisfeita com esta e outras iniciativas que estão aparecendo. Eu acho que o setor merece uma melhor estrutura, um melhor apoio, pois sempre as hortaliças ficam por último, como produção de “fundo de quintal”, de fim-de-semana, de chacareiros, e não é isso. Hoje as empresas observam que a rentabilidade das hortaliças, notadamente comparadas à soja e ao milho, é muito maior, além de geração de empregos, etc. Além disso, visitar o site da Embrapa servirá para aqueles que tiverem interesse nessa cadeia e quiserem mais informações. 

# Mercado orgânico com selo brasileiro próprio

## DICK THOMPSON

Diretor técnico da Sociedade Nacional de Agricultura e empresário (Sítio do Moinho)

Sinto-me pequeno em relação aos números expostos por outros palestrantes: as áreas enormes, centenas de toneladas de fabricação ou de produção. Na realidade, comecei minha jornada na área orgânica há 22 anos como hobby e tenho uma visão do Rio de Janeiro que é muito pequena. Não tenho essa visão nacional como colocada por meus colegas, mas vou mostrar um levantamento do que fiz junto ao meu consultor de 22 anos, Fábio Ramos, a quem agradeço a ajuda.

Começarei determinando o marco legal do meu universo orgânico. Nota-se que, em 1999, a instrução normativa nº 7 dispõe sobre normas para a produção de produtos orgânicos, enquanto eu comecei em 1989. Acho importante frisar que comecei porque achava o alimento orgânico uma boa forma de alimentar minhas quatro meninas, que hoje já não o são mais. Em 2003, no dia 23/12, foi sancionada a Lei 10.831, enquanto o Decreto Lei 6323 foi lançado no dia 27 de dezembro de 2007, que determina a regulamentação das instruções normativas. Estas, em 2010, são por fim publicadas, o que dá um resumo das operações orgânicas do Brasil.

QUADRO 1

Marco Legal da Agricultura Orgânica no Brasil	
1995	- Portaria M.A. Nº 192 - Designa as membros para comporem o Comitê Nacional de Produtos Orgânicos
1999	- IN Nº 07 - Dispõe sobre normas para a produção de produtos Orgânicos
2003	- LEI 10.831 - Sancionada pelo Presidente da República no dia 23/12/2003
2003	- Assessoria para cuidar da Agricultura Orgânica
2004	- Comissões da Produção Orgânica nos Estados da Federação - CPORG-UF
2005	- Coordenação de Agroecologia - COAGRE
2007	- Decreto 6323, de 27 de dezembro, regulamenta e define as Instruções Normativas da Lei
2010/2011	- Instruções Normativas nos diferentes segmentos (Produção, Processamento, Sistema de Garantia, etc.)

Isto faz com que o Brasil pela primeira vez passe a ter uma identidade federal orgânica, comparável a outros selos internacionais. O Quadro 2 traz alguns exemplos, como o USDA Organic, dos Estados Unidos, o selo biológico da Europa e o JAS, do Japão.



DANIELEMEDEIROS

“O Brasil tem a maior área certificada de orgânicos diversificados no mundo”

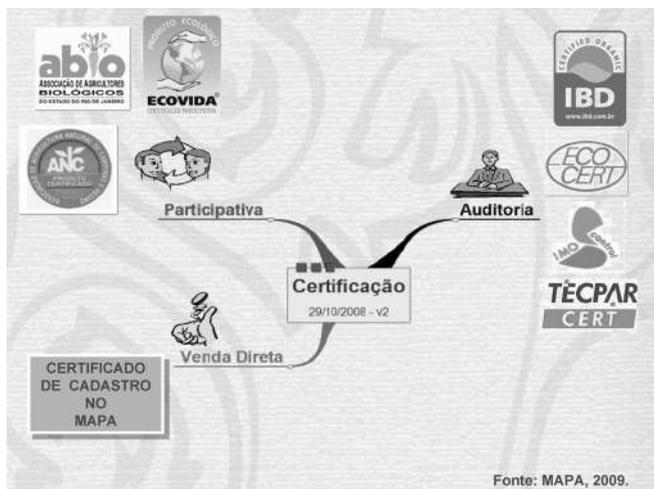
QUADRO 2



O selo Sisorg brasileiro é dividido em duas partes: o de sistema participativo e o de sistema por auditoria, cujo esquema é visto no Quadro 3. Acho importante frisar que os produtores estão atravessando um momento de adaptação aos processos. Eu e todos que trabalham no setor orgânico queremos justamente nos adaptar às novas medidas. Nesses últimos anos, desde a implementação da cadeia orgânica, havia vários parti-

cipantes. Não tenho o número exato, mas várias entidades de certificação participativa foram criadas por auditoria. A partir de um lançamento em 2009, a exigência era que o selo Sisorg fosse “inaugurado” no dia 1º de janeiro de 2010. Contudo, em outubro de 2009, na feira orgânica Biofach, em São Paulo, as certificadoras se uniram com o MAPA e Rogério Dias e disseram que não poderiam atender à data, solicitando um adiamento. Ele foi concedido por um ano e formalizou-se o lançamento do universo orgânico federal no dia 1º de janeiro de 2011. Porém, em outubro de 2010, de todas as empresas de certificação por auditoria, só três foram aprovadas: IBD, Ecocert e Tecpar. A IMO foi aprovada em 2011 e, por certificação participativa, só três empresas foram aprovadas: ABIO, Ecovida e ANC.

QUADRO 3



### Característica diferente

A certificação brasileira Sisorg tem uma característica diferente de todas as outras, que é um certificado de cadastro no MAPA para fazendas de produção familiar, reproduzido no Quadro 4. É um direito facultado ao pequeno produtor de conseguir uma licença oferecida pelo Ministério de Agricultura, e esta permite que ele venda em feiras e entregue produtos em domicílio. Como um outro palestrante observou, acredito que na cidade do Rio de Janeiro realmente existam mais feiras orgânicas. Isso aconteceu porque, desde o início, as tentativas de se fornecer para supermercados não obtiveram sucesso. Houve dificuldades para os produtores oferecerem seus produtos em supermercados, então eles migraram para um outro conceito mercadológico, que é a venda das hortaliças orgânicas em feiras. Elas acontecem três ou quatro vezes por semana e são distribuídas pela cidade do Rio - o interessante é notar que os produtos orgânicos vendidos nos supermercados do Rio normalmente vêm de São Paulo! A razão é que o pequeno

produtor do Rio está fornecendo para feiras ou desenvolvendo o mecanismo da entrega em domicílio. Nós do Sítio começamos a fazê-lo em 1991, sozinhos, pioneiros, e em 2011 fazemos 20 anos desse sistema. Hoje acredito que chegam a 10, 12 ou um número maior de pessoas fazendo o mesmo trabalho.

QUADRO 4



Dados do IFOAM de 2009 informam que Austrália e Argentina têm a maior área certificada de orgânicos no mundo, mas 90% dessa área são exclusivas da pecuária. Já o Brasil tem a maior área de produtos diversificados.

Isso é comprovado no Gráfico 1, que traz um detalhe interessante. Os números que são ouvidos são impressionantes: ainda segundo o IFOAM, a Austrália tem 12 milhões de hectares de área produtiva certificada, enquanto a Argentina tem 2 milhões e 78. No Brasil isso não acontece, pois o nosso 1 milhão e 770 mil hectares representam uma maior área e somente dirigida à produção de hortaliças e outros produtos orgânicos diversificados.

GRÁFICO 1



## Alimentos orgânicos do Brasil e no mundo

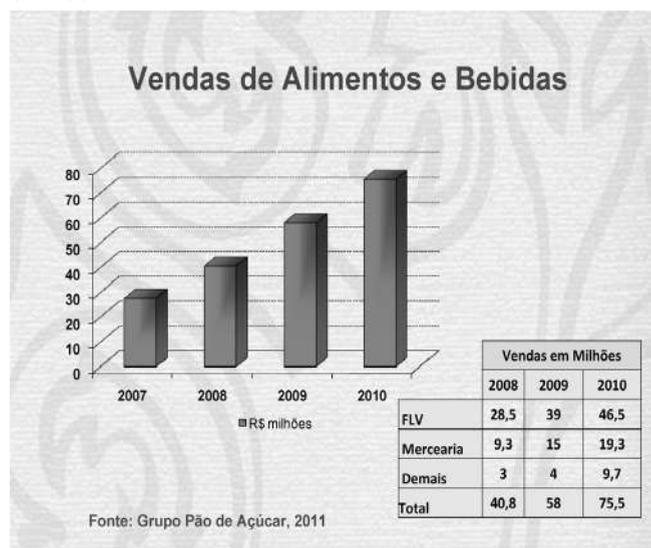
No Gráfico 2 vê-se uma evolução bastante acentuada. Em 1997, em números redondos aqui, o faturamento anual do universo orgânico de alimentos e bebidas do mundo chegava a US\$ 10 bilhões. Já em 2009 já atinge cerca de US\$ 55 bilhões. Tal incremento mostra o interesse e a demanda desse mercado.

GRÁFICO 2



O Gráfico 4 foi fornecido pela própria rede Pão de Açúcar e mostra que, no início de sua produção própria, em 2007, o patamar era de cerca de R\$ 20 milhões, mas ocorre um salto para cerca de R\$ 40 milhões em 2008. Foi um aumento de quase 100%. Depois, de 2008 para 2009 e de 2009 para 2010 ocorreram aumentos de, em média, 40% ao ano. Ressalto que em 2010 as FLV (frutas, legumes e verduras) representavam quase 60% do produto que a rede vendia.

GRÁFICO 4



Em números um pouco mais antigos, de 2008, no Gráfico 3 observa-se que as vendas do grande varejo de alimentos e bebidas orgânicas foram estimadas em 2006 com mais ou menos R\$ 1 bilhão no Brasil e a estimativa chega perto de R\$ 2 bilhões no período de três anos.

GRÁFICO 3



O Quadro 5 apresenta o que o Brasil tem à frente, olhando o futuro. O setor orgânico tem que se ater ao potencial de incremento do negócio, determinados pelos megaprojetos a serem realizados no Rio de Janeiro. Todos podem criar uma demanda: em julho de 2011, os Jogos Militares. Já começou a haver uma indicação de interesse do fornecimento de produtos orgânicos.

Depois, em 2012, a Eco 92+20; a Copa das Confederações, em 2013; a Copa do Mundo, em 2014 e os Jogos Olímpicos em 2016. Relacionado também está aumento na área de turismo em função desses programas, como indica o Quadro 6. Há um fluxo estimado em 11 milhões de turistas que passarão pelo país no período de 2010 a 2020.

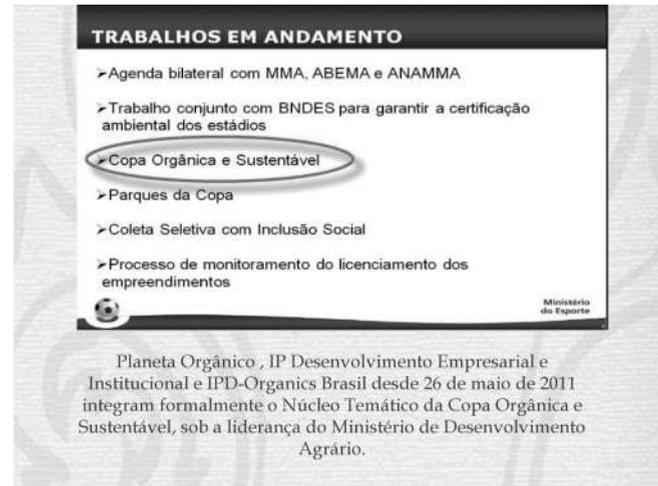
Interessante é que a estimativa de visitantes em 2014 é de 500 mil estrangeiros a mais do que em 2013 - não é um número, é a mais. Se a projeção for 11 milhões de turistas e alguém dividir isso por 10, de 2010 a 2020, estima-se que possivelmente haverá, no ano de 2014, 1,5 milhão de visitantes. Obviamente, a vinda deles implicará também um aumento da moeda, estimada em mais de US\$ 17 bilhões.

QUADRO 5

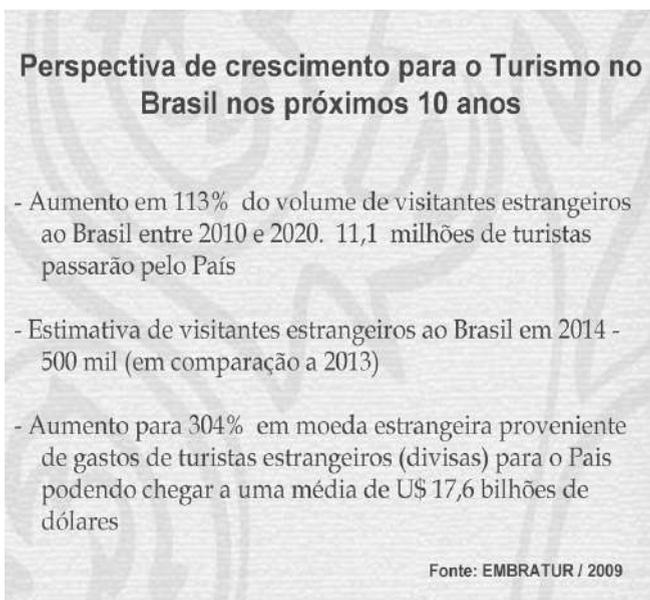


o IP Desenvolvimento Empresarial e o IPD-Organics Brasil.

QUADRO 7



QUADRO 6



## Selo brasileiro traz visibilidade mundial

Já a Ilustração 1, uma vista aérea, refere-se àquilo que eu entendo mais, o Sítio do Moinho. Ele tem 50 hectares, basicamente todos eles da floresta de Mata Atlântica, além de cinco hectares de área produtiva, em Itaipava. É interessante pensar que já se falou no Congresso de centenas ou milhões de hectares, enquanto eu falo de uma base de cinco hectares, obviamente sozinho.

ILUSTRAÇÃO 1



## Trabalhos em andamento

Em relação a esses eventos, o Quadro 7 remete aos trabalhos que estão em andamento. Quando o Brasil foi anunciado como sede do campeonato mundial de futebol, o então presidente Luís Inácio disse que seria a “primeira copa mundial de futebol verde”. Assim, no dia 26 de maio de 2011 foi criado o Núcleo Temático Copa Orgânica e Sustentável, operação à qual estão vinculadas Maria Beatriz Martins Costa e Rosina Cordeiro Guerra, que fazem parte do Planeta Orgânico. Além delas fazem parte

O Quadro 8 traz um histórico. Comprei a propriedade em 87, com 50 hectares. Conheci o consultor Fábio Ramos em 1988, e ele fez um estudo de viabilidade econômica que me fez enveredar

pela agricultura orgânica em 89. Em 1991 o Sítio começou a fazer entregas para cinco amigos, e, a partir de agosto de 97, como um trabalho pioneiro, fornecemos para o supermercado Zona Sul. Tenho que dizer que os supermercados foram de tremenda importância para a promoção do consumo do produto orgânico, e ficamos junto ao grande varejo durante nove anos. Acabei saindo depois por uma série de razões, desejando também voltar para o conceito da entrega em domicílio, para restaurantes e até inaugurar a loja própria do Sítio. Acho que é importante mencionar que, em 2004, fundamos a primeira panificadora orgânica do Brasil, o que foi um divisor de águas para a empresa. Isso porque importamos o equipamento, a consultoria e até “importamos” o padeiro orgânico, que morou um ano na propriedade. Além disso, importamos toda a farinha de trigo, pois sua qualidade era indubitável, muito melhor do que a conseguida localmente. Assim, ao abrir esse leque de importação, passamos a operar com outros produtos, os grãos.

### Linha própria

Fizemos uma linha própria que nos permitiu produzir granola. Desde 2008 importamos um xarope de frutose produzida a partir de um cacto chamado agave, que adoça os alimentos, mas não causa os problemas do açúcar. Em suma, foi uma evolução, sempre buscando o pioneirismo através de produtos novos.

Em 2011 lançamos os grãos germinados, dos quais se faz uma farinha germinada baseada na linhaça dourada. Também vendemos o grão do arroz cateto germinado e a lentilha germinada.

QUADRO 8



A Ilustração 2 mostra os produtos do Sítio que têm o selo Sisorg, demonstrando que estão conforme a legislação atual do país; já a Ilustração 3 é um conjunto de instalações e produtos do Sítio.

ILUSTRAÇÃO 2



ILUSTRAÇÃO 3



Gostaria de terminar minha palestra reiterando a importância do selo Sisorg, a importância de o Brasil ter uma visibilidade mundial, da mesma forma que USDA, JAS e o grupo europeu têm. Isso é muito importante para o universo orgânico do Brasil, contudo, existem muitos problemas de adaptação. Por exemplo, das várias certificadoras, somente três foram aprovadas até o fim de 2010 - a quarta foi aprovada em 2011. Além disso, obviamente, há um gargalo de fornecimento da produção local e do Brasil. Atualmente isso está sendo sanado, os problemas não estão tão acentuados como estavam nas primeiras quatro semanas de 2011.

“Deveria haver uma reciprocidade entre países para diminuir os problemas dos produtores”

### **Importação de produtos orgânicos é problema**

Acredito que o problema maior hoje esteja na importação dos produtos orgânicos: para que as empresas brasileiras possam continuar a importar, a certificadora estrangeira tem que fazer o mesmo caminho que todas as certificadoras no Brasil fizeram, registrando-se no Inmetro. Uma vez registradas no Inmetro, elas têm que ser aprovadas pelo MAPA, que permitirá que o produto da certificadora seja vendido no Brasil como orgânico. Só que nenhuma certificadora internacional que eu conheça fez isso. A outra forma de eles operarem é de assinar um documento de reciprocidade: é um documento de representação com as certificadoras já aprovadas pelo MAPA. As quatro que citei, que foram certificadas, têm a tendência de poder analisar as operações e poderão dar o direito de utilizar o selo Sisorg na venda do produto no Brasil.

Especificamente quanto ao Sítio, somos uma empresa muito pequena, que também importa da Argentina. Deles, estamos dependentes da importação de azeite, passas e alguns grãos - só que ainda não temos a permissão de importar os produtos porque eles ainda não foram aprovados pela certificadora. Isto está acontecendo com os produtos argentinos e com os germinados, que foram importados em 2010 e por isso podem ser vendidos até o fim do ano sem o selo Sisorg. Porém, no minuto em que esse estoque terminar, será preciso renová-lo, mas somente se houver o selo Sisorg.

Também espero uma definição quanto à semente de girassol, cujo único exportador no mundo é a China e não estou conseguindo importar porque existem essas barreiras.

Embora eu pense no quanto me desenvolvi, ao começar como hobby e agora tentar importar produtos da China, vejo problemas sérios. Por exemplo, o Sítio participou da feira orgânica Biofach, na Alemanha, a maior do mundo no setor. Desde 2004 o Sítio começou a abrir seu leque para importação, mas no início de 2011 o presidente da associação Bio Itália desistiu do negócio baseando-se nessa legislação. Ele disse que não teria como pagar o custo da certificação e arcar com os custos administrativos para a exportação para o Sítio do Moinho e outros clientes brasileiros. Ele me oferecia macarrão, derivados de tomate, azeite, azeitonas, pesto, geleias, um leque de produtos grandes que se tornaram inviáveis para a exportação ao Brasil - ele “saiu da jogada”.

Acho que, entendendo que esses problemas existem, tem que haver uma reciprocidade interpaises para poder minimizar esse problema que os produtores estão atravessando. Pequeno como sou, minha panificadora também é muito pequena, e meu maior problema é que não poderei mais importar farinha a não ser que o moinho italiano concorde em aceitar de alguma forma as exigências das certificações brasileiras.

É uma situação tragicômica sem a parte cômica. O incrível é que eu poderei no futuro importar a farinha orgânica a preço de orgânico, porém ela entrará no Brasil como convencional. Como estou há sete anos trabalhando com pão orgânico, em função de sua qualidade - modéstia à parte, muito boa - posso continuar fazendo exatamente o mesmo, só que ele será considerado convencional apenas no Brasil e no resto do mundo será orgânico.

Não há menor dúvida que o Brasil está no caminho certo de ter o selo, mas é preciso haver certas adaptações, esforço que estamos fazendo. 

# Desafios e oportunidades da cadeia orgânica brasileira

**SYLVIA WACHSNER**

Diretora técnica da Sociedade Nacional de Agricultura

É problemático falar depois da ministra do Meio Ambiente, de Roberto Rodrigues e Pratiní de Moraes, mas farei uma complementação do que foi indicado pelo amigo Dick Thompson, do Sítio do Moimho. O que são produtos orgânicos? Queria dar uma ideia rápida do que eles são e dentro de um conceito maior, que tem a ver com nós consumidores.

Como mencionou Dick Thompson, a lei orgânica 10.831 é de 2003. Já os princípios agroecológicos estão no site o MAPA, Prefira Orgânicos e do OrganicsNet e contemplam o uso responsável do solo, da água, do ar e demais recursos naturais. Comentarei alguns deles: solos são considerados organismos vivos; o manejo agrícola protege os solos e evita erosão. Abro um parêntese para a tragédia de janeiro na Serra do estado do Rio: os produtores orgânicos, apesar de toda a tragédia, foram os menos afetados. A valorização de diversidade das espécies nativas; a integração das espécies vegetais e animais com o objetivo de criar ecossistemas mais equilibrados. Todos gostamos de uma biodiversidade e estamos interessados no meio ambiente. Não é permitido o uso de substâncias que coloquem em risco a saúde humana e o meio ambiente; não são utilizados fertilizantes sintéticos solúveis, agrotóxicos e transgênicos.

## Orgânicos x hidropônicos

Deixo claro que os orgânicos não são hidropônicos. Respeito às relações sociais e culturais, com inclusão social de um grande número de produtores. Se alguém perguntar aos produtores orgânicos, como Dick Thompson, seus funcionários trabalham com carteira assinada. Muito dos produtores de orgânicos, pequenos ou maiores, também fazem programas sociais com o bairro, a comunidade que os rodeiam, então existe esse aspecto social. Melhor remuneração dos agricultores que investem na produção orgânica, notando-se que, sobretudo nos orgânicos, são muitos os pequenos produtores. Por fim, oferecer viabilidade de produzir alimentos para consumo próprio e gerar excedentes que garantam a renda dos agricultores. Pensamos que os orgânicos são uma cadeia de muitos pequenos produtores e muitos agricultores familiares.

Com relação à produção mundial, o Gráfico 1 apresenta um apanhado do ano de 2008. A Europa é um

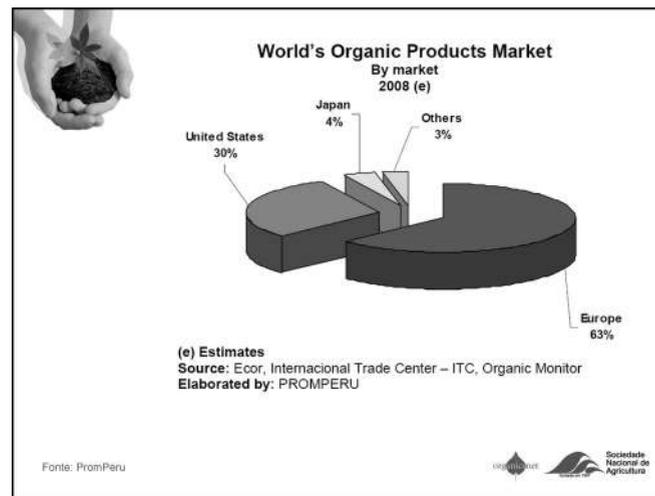


DANIELLE MEDEIROS

“A produção orgânica no Brasil pode oferecer ao mundo um novo patamar”

mercado muito importante, sendo composta por mais de 20 países, e é seguida pelos Estados Unidos, Alemanha e Suíça, que também são mercados muito interessantes.

GRÁFICO 1



As fontes do Quadro 1 são o Ifoam e o Fibi. No mundo, em 2009, existiam aproximadamente 37,2 milhões de hectares, com um crescimento de 6%. O extrativismo representa 41,9 milhões. A Austrália tem 12 milhões de hectares produtivos. No mundo, são aproximadamente 1,8 milhão de produtores. É interessante ver o seguinte: os dados de 2008 cresciam 6,2%, com vendas mundiais em 2010 chegando a 55 bilhões, o que representou um crescimento de 5% numa situação econômica complicada. Nos Estados Unidos, havia vendas de 28 bilhões, 8%, enquanto os alimentos convencionais não chegaram a esse valor. É muito importante a comparação, inclusive em relação ao incremento dos solos cultivados, de 2007 a 2009, 12%. Ou seja, é um investimento interessante, e continuam a existir pessoas que acreditam nos orgânicos.

QUADRO 1

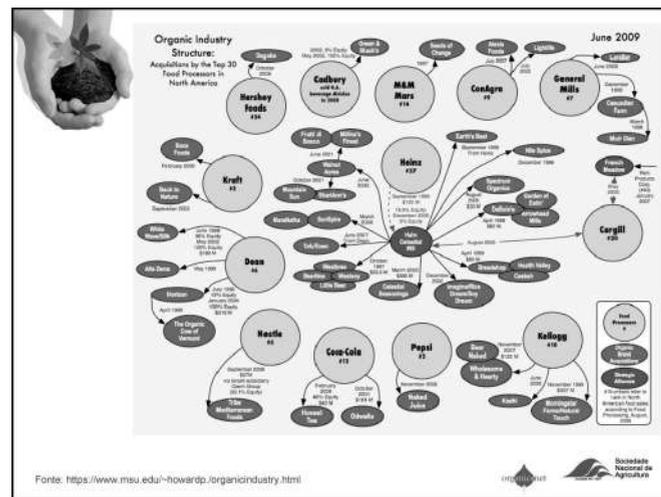
**Continua o crescimento**

Item	2009
hectares	37.2 milhões (+6.2%)
hectares extractivismo	41.9 milhões
Australia	12 milhões ha
produtores	1.8 milhões (+6.2%)
vendas mundiais 2010	USD55 bilhões (+5%)
vendas 2010 - EU	USD28 bilhões (+8%)
incremento dos solos cultivados	12% - 2007/09

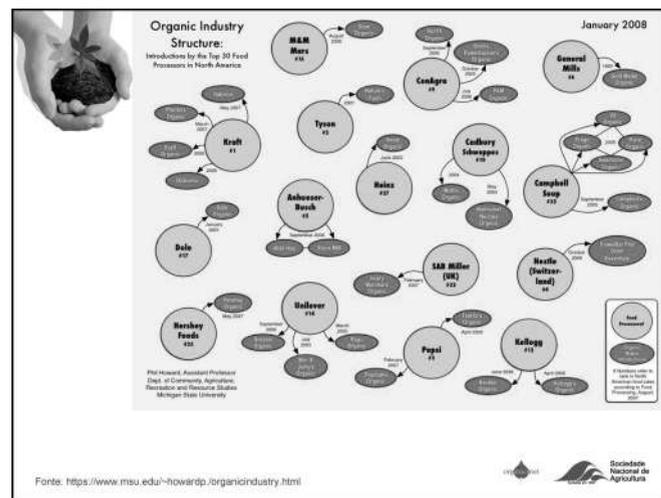
Fonte: Ifoam, Fibi

Então, no Quadro 2 estão vários nomes de empresas “simpáticas”, como Hershey, Cadbury e até a Cargill investe nos orgânicos. Cito também a Hain Celestial, que comprou uma indústria orgânica recentemente nos EUA. O Quadro 3 é do mesmo professor, trazendo as empresas Hershey e Dole Organic, que tem uma tradição enorme de frutas, sobretudo banana. Já a Kraft tem uma linha separada do orgânico, chamada Kraft Organic, além de uma série de submarcas para entrar nesse mercado. Isso é muito interessante.

QUADRO 2



QUADRO 3



Os Quadros 2 e 3 são duas boas “teias de aranha”. Um professor da Universidade do Michigan elabora esses quadros a cada dois ou três anos para mostrar o que se passa. Destaco o seguinte: as grandes indústrias de alimentos, como Coca-Cola, Nestlé e Kraft estão comprando e investindo em pequenas indústrias ou pequenas marcas de produtos orgânicos. Por exemplo, gosto de um suco americano de todos os tipos de frutas que se chama Odwalla. É muito gostoso, tem uma garrafa simpática, jovem, mas não diz que é Coca-Cola. Daí quem compra pensa: “ah, não é refrigerante, não tem nada a ver com Coca-Cola”. A Nestlé tem a sua marca; a Kraft tem a sua; a Dean Foods, que é uma das grandes empresas multinacionais de alimentos no mundo, com cerca de US\$ 15 bilhões de receita, é dona da Horizon Milk, a maior produtora de leite orgânico dos Estados Unidos. Porém, o leite é vendido com a marca Horizon.

### Países vizinhos

Decidi olhar os vizinhos. Como não encontrei dados do Chile, procurei ver a Argentina, cujos produtos estão no Quadro 4. O Brasil ainda não tem muitas

informações, mas na Argentina eu encontrei o seguinte: produtos orgânicos de origem vegetal certificados em 2009 chegaram a um total de exportações de 123.729.051 milhões de toneladas. A Argentina exportou oleaginosas, frutas, hortaliças, legumes orgânicos para União Europeia, Estados Unidos, mas o Brasil está longe disso.

QUADRO 4

**Argentina: produtos orgânicos de origem vegetal certificados. ano 2009 (kg)**

Produtos	Destino					Total
	União Europeia	Estados Unidos	Suíça	Japão	Outros	
Total exportações	73.732.508	26.565.173	4.252.652	1.639.451	17.539.267	123.729.051
Cereais	3.516.085	958.770	2.781.220	222.000	5.180.348	12.658.423
Oleaginosas	6.749.615	3.526.308	119.770	466.440	1.548.260	12.410.393
Frutas	29.295.888	8.258.273			8.053.577	45.607.719
Hortaliças e Legumes	12.254.130	435.031		45.000	73.650	12.807.811
Produtos Industrializados	21.913.726	13.365.191	1.351.077	906.011	2.679.200	40.215.205
Total Aromáticas	3.073	14.600			4.231	21.904
Total Outros	11	7.000	585			7.596

Fonte: Senasa, Argentina. <http://www.mapa.org.ar/catastro/estadisticas-oficiales/>. Dados certificadoras 2009. Adaptação SNA/OrganicsNet

GRÁFICO 2



S

QUADRO 5

**Censo 2006**

	Valores
Total de estabelecimentos agropecuários	5,175,489
Estabelecimentos orgânicos	1,8%
Lavoura ou pecuária (sem extrativismo)	4,4 milhões hectares
Certificados	517 mil hectares, 10,5%,
Menos de 10 ha	43%
Estabelecimentos orgânicos (declaração)	90.498
Estabelecimentos certificados	10,5%
Valor da produção orgânica	R\$1,2 bilhão

Fonte: IBGE

O Gráfico 2 analisa o Peru, principal exportador mundial de café, banana e cacau orgânico. Os dados estão no site PROMPERU. A exportação, em 2009, foi de US\$ 240 milhões, e existem investimentos estrangeiros crescentes naquele país para exportação para os Estados Unidos.

### Setor orgânico no Brasil

Em relação ao Brasil, no Quadro 5 estão os dados do Censo de 2006. Às vezes esse atraso é questionado, mas são os dados disponíveis. O Censo dessa época só estabeleceu a agricultura geral, convencional e orgânica no Brasil. Os estabelecimentos agropecuários representavam 5.175.489; os orgânicos tinham 1.8%; a lavoura ou pecuária, sem extrativismo, 4,4 milhões de hectares. Orgânicos certificados, aproximadamente 10,5%; produtores com menos de 10 hectares, 43%. Quantos estabelecimentos declararam ser orgânicos? 90.498. Essas porcentagens já foram vistas anteriormente na cadeia de hortigranjeiros e na de café. No café também estão muitos pequenos produtores; o valor de 10 hectares tem muito a ver com a produção menor e agricultura familiar.

Os dados do Censo 2006 continuam no Quadro 6. O que tem incomodado aos que lidam com os orgânicos são os dados inverídicos do Brasil. A partir da implantação da lei deste ano, estatísticas e dados próprios estão sendo construídos. Ou seja, quando algum jornalista ou curioso pergunta o quanto vale o mercado, estes são os poucos dados disponíveis. É bom saber que faltam dados confiáveis e estatísticas. Conforme a lei os produtores devem estar cadastrados no MAPA até junho de 2011, mas os dados que consegui são 9,7 mil. Quanto às certificadoras, Dick Thompson mostrou quatro auditorias, três participativas.

E trago outros dados: o Pão de Açúcar tem R\$ 75 milhões de vendas; a BrasilBio acaba de divulgar que estima R\$ 700 milhões em vendas para 2011. São dados que continuam a aparecer e podem ou não ser aproveitados, porém, oficialmente, a exportação re-

gistrada no MDIC de agosto de 2006 a janeiro de 2010, quando começaram a listar a exportação de orgânicos, foram 32,9 milhões. Contudo, a Organics Brasil, que participa das feiras orgânicas por parte da Apex, fala em 108,2 milhões. Mesmo considerando-se esse valor, em comparação com os dados brasileiros e do Peru estes são muito maiores.

QUADRO 6



Faltam dados confiáveis e estatísticas

	Valores
Produtores cadastrados -MAPA - (06/11)	9,7 mil
Certificadoras cadastradas- MAPA - (06/11)	4 auditoria 3 SPG (participativas)
Estimativo Vendas 2011 (BrasilBio)	R\$ 700 milhões
Vendas 2010 (Pão de Açúcar)	R\$75 milhões
Exportação : de Agosto/2006 a Janeiro/2010 (Mdic)	USD 32,9 milhões
Organics Brasil (2010)	USD108,2 milhões

Fonte: MAPA, MDIC, Organics Brasil



do que um convencional, e um mercado com tendência a crescer e constituído de menos competidores. Isso significa que, neste momento, se alguém quiser entrar no mercado orgânico do Brasil, não irá se deparar com as grandes empresas de alimentos pela frente. Possivelmente não estará a Nestlé, a Kraft, etc. - mas depois elas chegarão.

QUADRO 7



### Por que orgânicos?

- ✓ Atendem anseios dos consumidores do século XXI relativos à saúde e ao meio ambiente.
- ✓ Segurança climática, alimentar, preservação dos recursos naturais são temas que vieram para ficar.
- ✓ Complementam a construção das economias "bio" "verdes", sustentáveis.
- ✓ Legislação e certificação orgânica implantada. Reconhecimento dos sistemas orgânicos de produção.
- ✓ Produtores: agricultores familiares e pequenos agricultores.
- ✓ Oferecer ao homem no campo subsistência sustentável frente à miséria humana.
- ✓ Fortalecimento das pequenas empresas e agroindústrias.
- ✓ Possibilidade do produtor obter melhores retornos econômicos.
- ✓ Mercado com tendência a crescer e constituído de menos competidores.

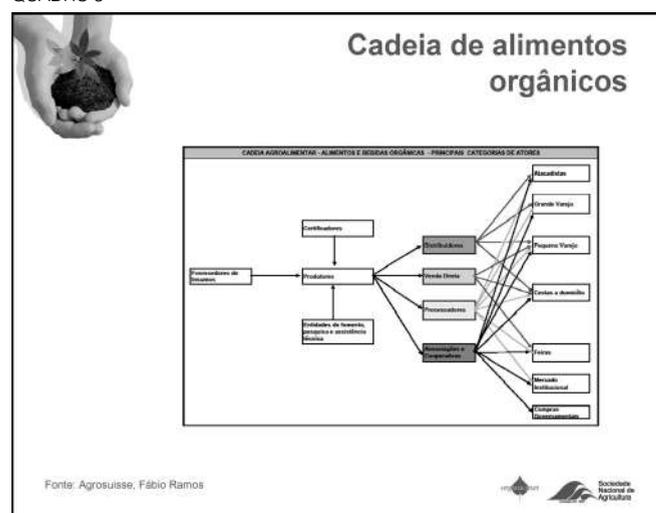


O Quadro 7 questiona: por que orgânicos? Porque eles atendem aos anseios dos consumidores do século XXI relativos à saúde e ao meio ambiente. Todos se interessam no meio ambiente, na própria saúde, dos filhos, família, vizinhos, comunidade. Tirei uma frase da palestra da ministra do Meio Ambiente: "a segurança climática, alimentar e preservação dos recursos naturais são temas que vieram para ficar". Acho que isso tem muito a ver com os orgânicos, pois eles complementam a construção das bioeconomias sustentáveis "verdes". Dick Thompson mostrou os eventos planetários do presente até 2016, como a legislação orgânica implantada e o reconhecimento dos sistemas orgânicos de produção.

Essa cadeia é formada por muitos produtores familiares e pequenos produtores, e oferece ao homem do campo subsistência sustentável frente à miséria humana. É muito melhor manter essas pessoas no campo, produzindo os seus alimentos - o inclui os hortifrutigranjeiros e as frutas - do que encher as favelas das grandes cidades. Essa gente é necessária no campo, e que elas tenham qualidade de vida e educação. Do contrário, há a miséria humana vista nas grandes cidades.

Outras razões favoráveis aos orgânicos são: o fortalecimento das pequenas empresas e agroindústrias; possibilidade do produtor obter melhor retorno econômico, pois o valor do produto é maior

QUADRO 8



A cadeia de alimentos orgânicos do Quadro 8 foi elaborada pelo consultor Fábio Ramos. À esquerda estão os fornecedores de insumos, certificadores, produtores e entidades de fomento, distribuidores, venda direta, processadores, associações e cooperativas. Depois, para onde vão. O palestrante da Embrapa comentou das feiras nas cidades; no Rio de Janeiro há vários ciclos de feiras orgânicas, e São Paulo também

tem. Em Curitiba existe um mercado municipal que vende produtos orgânicos, e várias cidades já começam a ter esses tipos de feiras atacadistas.

O grande varejo, dos grandes supermercados, já foi comentado, mas no pequeno varejo estão as lojas especializadas, como Mundo Verde, Cria da Terra. Também há o nicho das cestas em domicílio, negócio comentado por Thompson. Depois, há o mercado institucional e as compras governamentais.

### OrganicsNet, da SNA

Agora, um pouco de propaganda. O OrganicsNet é um projeto da SNA que nos levou a conhecer mais a cadeia orgânica. O OrganicsNet teve o apoio do BID, FOMIN, governo do Canadá (IDRC) e SEBRAE do RJ e obviamente da SNA, e vários de seus objetivos estão no Quadro 9. O projeto é um canal de comunicação, de acesso ao mercado, à informação e busca a valorização dos produtores e suas marcas, com foco nos pequenos e médios produtores, pois são eles a base da cadeia de orgânicos. Todos os parceiros são pequenos produtores e não as grandes marcas de alimentos. O OrganicsNet busca ser um mecanismo de comunicação entre os consumidores e o mercado por meio de seu site próprio.

Além de produzir folders e folhetos, o projeto cria comunidades/grupos virtuais, uma rede de consultores e parceiros. Os objetivos são facilitar a interação entre os pequenos produtores e o mercado, obter maior visibilidade no mercado para eles; prospectar oportunidades de negócios; trocamos experiências; divulgamos artigos técnicos e pesquisas, inclusive na revista A Lavoura, publicada pela SNA. Nela, sempre é divulgada uma matéria sobre um dos membros OrganicsNet. Começamos a rede com nove produtores, mas hoje em dia são 34 empresas dos principais mercados brasileiros.

QUADRO 9



### Objetivo

- ✓ Canal de comunicação, de acesso ao mercado e à informação.
- ✓ Valorização dos produtores e suas marcas.
- ✓ Mecanismo de comunicação com consumidores e o mercado.
- ✓ Foco: pequenos e médios produtores.
- ✓ "Comunidades/grupos virtuais".
- ✓ Rede de consultores e parceiros.
- ✓ Facilitar interação entre os pequenos produtores e o mercado.
- ✓ Maior visibilidade no mercado do produtor e dos produtos.
- ✓ Oportunidades de negócios.
- ✓ Interação e troca de experiências.
- ✓ Acesso exclusivo a artigos técnicos e pesquisas.
- ✓ Divulgação.

OrganicsNet, Projeto da SNA apoiado:








### Resultados positivos do OrganicsNet

O Quadro 10 reproduz o site da OrganicsNet, mostrando marcas de qualidade de diversas empresas. Temos algumas cooperativas de agricultores familiares como associados e empresas maiores, como Sítio do Moinho, Jasmine, Korin, com diversos produtos e constantemente o projeto utiliza informações novas.

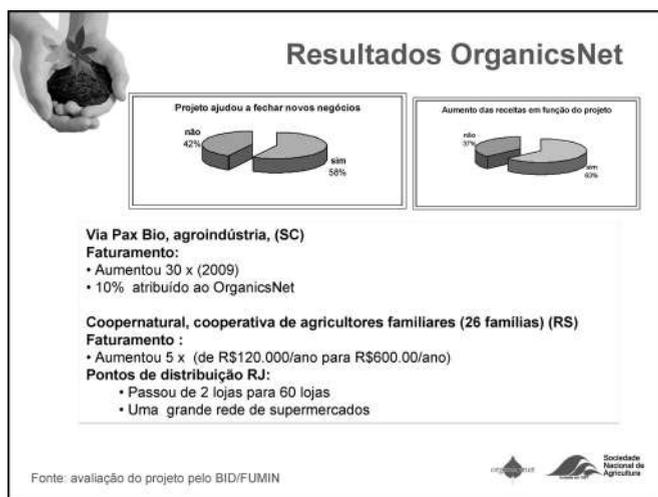
QUADRO 10



O BID/FUMIN enviou uma auditora para avaliar o OrganicsNet chamada Maria Chan. O Quadro 15, feito em 2010, é dela e mostra os resultados do projeto para o BID. Depois de conversar com cada participante, o projeto ajudou a fechar os negócios? 58% responderam que sim. Houve aumento das receitas em função do projeto? 63% respostas positivas. Há também dois exemplos: um deles é a Vio Pax Bio, uma empresa de Santa Catarina. Ela aumentou 30 vezes em 2009 e teve incremento de faturamento de 10% graças ao OrganicsNet. A Cooperatural, que é uma cooperativa de agricultores familiares do Rio Grande do Sul, integrando 26 famílias, aumentou cinco vezes: eles foram de R\$ 120.000/ano de receitas para R\$600.000/ano. Passaram de 2 lojas para 60 lojas e estão em uma grande rede de supermercados. É muito interessante, porque o projeto permitiu um real acesso ao mercado.

O Quadro 12 traz um apanhado do que saiu na imprensa, materiais publicados em diversas mídias como os jornais O Globo, Valor Econômico, sites e informativos.

QUADRO 11



QUADRO 12

**OrganicsNet, 2009 mídia**

92 matérias publicadas

Veículo	Tipo	circulação / page-views
A Lavouira	revista impressa bimestral	10.000
E-Campo	publicação on-line	1.500.000
Estados de Minas	jornal diário	76.000
Folha de São Paulo	jornal diário	296.000
IBRAF	publicação on-line	16.000
Globo Rural - JB	jornal diário	80.000
Jornal do Brasil	jornal diário	80.000
Jornal do Commercio	jornal diário	48.000
Meia Hora	jornal diário	168.000
O Dia	jornal diário	82.000
O Estado de São Paulo	jornal diário	215.000
O Globo	jornal diário	260.000
OrganicsNet	portal on-line	3.000
OrganicsNet - Newsletter	newsletter do portal on-line	3.000 e-mails
Valor Econômico	jornal diário	54.000
Veja	revista impressa semanal	1.000.000

Fonte: avaliação do projeto pelo BID/FUMIN

Já como ações do projeto, o Quadro 13 mostra as participações em feiras e eventos de 2007 a 2010, como a mais recente Bio Brasil, que será realizada no final de julho de 2011 em São Paulo. Edições da Biofach no exterior e no Brasil e o Rio Orgânico, que é uma parceira com o Planeta Orgânico. Isso ocorre porque o produtor pensa em ter contato com os consumidores, interessa ver seu produto vendido e conversar com o público. Este último também se interessa em conhecer quem são os produtores. Além de feiras no exterior, o OrganicsNet participou de seminários, reuniões. Eu mesma já fui falar em um grande supermercado no Rio Grande do Norte, Natal, e em breve irei ao Acre. Isso continua a missão de falar sobre o que é o Organicsnet, quem somos e o que são os produtos orgânicos.

O tema do Congresso é Oportunidades e Desafios de Investir no Agronegócio. A partir do que observei dos grandes do agronegócio que apresentaram suas palestras no Congresso, pensei: a

produção orgânica no Brasil pode oferecer ao mundo um novo patamar. Acho que este é o desafio do Brasil, além das oportunidades apresentadas pelo Quadro 14.

QUADRO 13

**OrganicsNet, eventos**

Eventos – 2007 a 2010

Feiras no Brasil - participante	12
Feiras no Exterior - participante	03
Feiras no Exterior - visitante	02
Palestras/debates - participante	07
Seminários - ouvinte	02
Ouvinte de palestras/debates	02
Reuniões/missões no exterior	02
Apoio a evento	01

Fonte: avaliação do projeto pelo BID/FUMIN

É interessante para uma empresa oferecer produtos diretamente aos consumidores, seja como a Coca-Cola desenvolvendo alimentos e marcas como a Odwalla. A Pepsi agora tem água de coco brasileira. Todas não entram com seus nomes, mas com novas marcas e práticas que incluam o meio ambiente como fator de competitividade. Isso é o que tem que ser visto no século XXI: agricultura orgânica relacionada com o uso da natureza e a biodiversidade brasileira.

O mundo está louco por essa biodiversidade, e os orgânicos dão uma chance de colocar isso no mercado. Alguns produtos são vendidos com mais de 30% sobre o valor do produto convencional, pois são diferenciados, com estabilidade e certificados. Tal estabilidade e certificação têm um custo, e o produtor tem que ser pago por isso.

### Outros fatores importantes

Outros fatores são oferecer uma chance para o desenvolvimento de maquinaria e equipamento para pequenas propriedades e agroindústrias; a produção de ingredientes com valor agregado, como cosméticos, fármacos, temperos, superfrutas, antioxidantes. Falei recentemente com o produtor da Fazenda Tamanduá, que produz manga orgânica na Paraíba. Ele disse que está começando a pesquisar a semente da manga para utilização em cosméticos. Ele quer a utilização da fruta inteira, não só a venda da fruta. Entretanto, o que falta - mas acho que isso falta em todos os tamanhos de negócio no Brasil, como debatido

por outros palestrantes - é uma implantação de logística e distribuição para volumes menores. Basta imaginar que o desafio da cadeia de orgânicos é igual ao da cadeia das frutas. Por exemplo, no caso dos orgânicos, os produtores constantemente andam à procura de nomes de distribuidores.

Mais oportunidades no Quadro 15, agora em relação à tecnologia, inovação, insumos e sementes. Falta muita pesquisa e desenvolvimento de produtos da biodiversidade aliada à grande diversidade cultural. Estou pensando em 2016, acho que é um desafio que o setor pode assumir. É preciso incremento da produção e da produtividade - ainda há "chão" pela frente; inovação em produtos, embalagens e alimentos funcionais; utilização de sementes e frutas da biodiversidade brasileira: juçaí, açai e camu-camu. O juçaí tem mais antioxidantes que o açai. Digo que o açai já "entrou no jogo" no exterior, então agora se procura o juçaí no Rio de Janeiro. É um trabalho que tem a ver com inclusão social. Outro componente: construção de cadeias de fornecimento eficientes, flexíveis e rápidas, pois elas têm que melhorar. Por fim, estabelecer uma agenda para a produção orgânica que demonstre resultados positivos.

QUADRO 14



**Oportunidades**

Produção orgânica: Brasil pode oferecer ao mundo um novo patamar.

- ✓ Oferecer produtos diretamente aos consumidores.
- ✓ Desenvolver novos alimentos e novas marcas.
- ✓ Práticas agrícolas que incluam o meio ambiente como fator de competitividade.
- ✓ Agricultura orgânica relacionada com o uso da natureza e a biodiversidade brasileira.
- ✓ Diversificação: oferecer produtos a diversos mercados.
- ✓ Venda de produtos com +30% sobre o preço dos alimentos convencionais similares.
- ✓ Desenvolvimento de maquinaria e equipamento para pequenas propriedades e agroindústrias.
- ✓ Produção de ingredientes com valor agregado, como cosméticos, fármacos, temperos, super-frutas, anti-oxidantes.
- ✓ Implantação de logística e distribuição de volumes menores.

↑



## Regulamentação orgânica e os produtores

Os enormes desafios do setor são apontados pelo Quadro 16. Pelo o que ouvi de outras palestras, as outras cadeias têm desafios similares. Porém, talvez no caso dos orgânicos sejam desafios mais complicados. Dick Thompson mencionou alguns. Num mercado demandante, como incrementar a oferta para todos aqueles que querem comprar orgânicos? É preci-

so oferecer mais produtos para os consumidores. A regulamentação orgânica já está implantada, mas existem problemas. A Instrução Normativa de cosméticos ainda não foi discutida; a Instrução Normativa dos cogumelos orgânicos deveria ser publicada em fevereiro de 2011 e até junho não o foi. Thompson lembrou da importação de vários produtos; o que fará um produtor que tem cogumelos orgânicos certificados até 31 de dezembro? A lei ainda não está publicada, ainda falta autorização para utilização de diversos insumos orgânicos. Uma produtora de neem do OrganicsNet, Romina Lindemann, está nessa situação, pois a legislação cobre seus produtos até 31 de dezembro. O fitossanitário está em negociação, ainda não saiu, e o neem está incluído. Depois, sem o selo, ela somente poderá vender como convencional, o que pode acontecer com Dick Thompson e seu pão.

QUADRO 15



**Oportunidades**

- ✓ Tecnologia / inovação: insumos e sementes.
- ✓ Desenvolvimento de produtos da biodiversidade aliada à grande diversidade cultural
- ✓ Incremento da produção e produtividade.
- ✓ Inovação: produtos, embalagens e alimentos funcionais.
- ✓ Pesquisa: utilização de sementes e frutas da biodiversidade brasileira. Juçaí, Açai, Camu-Camu.
- ✓ Construção de cadeias de fornecimento eficientes, flexíveis e rápidas.
- ✓ Estabelecer uma agenda para a produção orgânica que demonstre resultados positivos.



QUADRO 16



**Enormes desafios**

Num mercado demandante, como incrementar a oferta?

- ✓ Devem ser encontradas soluções jurídicas imediatas para evitar quebras na cadeia de produção:
  - Faltam publicar: Instrução Normativa de cosméticos, cogumelos, têxtil.
  - Falta autorização para utilização de diversos insumos orgânicos.
  - Faltam incluir substâncias na lista positiva.
- ✓ Falta estratégia, união e representatividade política do setor.
- ✓ Produtores são o elo mais fraco da cadeia de orgânicos, em quanto a cadeia do agronegócios está cada vez mais consolidada e concentrada, isto é, varejo, sementes, insumos, etc.
- ✓ Produção orgânica é sazonal e pouco diversificada.
- ✓ Cadeia de fornecimento esta sendo construída, faltam fornecedores e fornecedores confiáveis.
- ✓ Falta pesquisa focada em orgânicos e técnicos especializados que apoiem os produtores.

↑





caju... Tudo a partir de um plano de negócios de um jovem brasileiro chamado Rodrigo Veloso, que conseguiu colocar a sua água de coco nos Estados Unidos. Hoje em dia a Pepsi é sua parceira, pois acredito que tenha comprado a O.N.E - então a Pepsi é sócia de Rodrigo Veloso. Lembro também o açaí da Sambazon, que foi um dos primeiros produtos orgânicos, além de um dos meus favoritos, que já citei, o Odwalla da Coca-Cola. São superfrutas. Estas grandes empresas de alimentos estão vendendo sob outras marcas, digamos “mais corretas”, no mercado.

QUADRO 19



“Superfrutas” mais conhecidas no exterior do que no Brasil”

O Quadro 21 apresenta os 34 participantes dos OrganicsNet, que acho uma vitrine muito interessante. Há produtos como o citado Neem, de Romina Lindemann, da Preserva Mundi; a Terraplant produz insumos, fertilizantes; há farinhas, produtos para limpeza da BioWash. Da Clorin, há produtos que servem para higienizar alimentos. Há cosméticos, pães, bolos, biscoitos e produtos de soja. Há uma ótima goiabada que vem da serra do Rio de Janeiro e que pode ser comprada nas lojas que vendem produtos orgânicos, como a do Sítio do Moinho. Outro produtor muito interessante que faz parte do Organics-Net é a Korin, que cria frangos sem a utilização de hormônios para crescimento e sem produtos químicos. A Korin, que já está nesse mercado há pelo menos 10 anos, tem crescido justamente pelo apelo desse produto. Atrás de cadeias como a Korin, temos mel da Breyer, a ViaPaxBio, etc. Também existem muitos produtores pequenos por trás dessas 34 empresas, por exemplo: a Korin tem muito mais de 100 produtores associados, atrás da Breyer são muito mais. A Agreco é uma cooperativa que agrega mais de 50 famílias de agricultores familiares de Santa Catarina. É um pequeno exército de pessoas que produzem.

QUADRO 20



QUADRO 21



# Conhecimento e Tecnologia em Produtos Orgânicos



organicsnet

Orgânicos de valor

OrganicsNet é um projeto da Sociedade Nacional de Agricultura (SNA), uma entidade privada, sem fins lucrativos, fundada em 1897.

O projeto objetiva ampliar e melhorar a integração entre produtores e consumidores de produtos orgânicos através da abertura de novos canais de distribuição no mercado interno e promover maior inserção no mercado internacional.

#### PARTICIPANTES DO ORGANICSNET



[www.organicsnet.com.br](http://www.organicsnet.com.br)

#### APOIO




organicsnet

[www.organicsnet.com.br](http://www.organicsnet.com.br)

**Sociedade Nacional de Agricultura - SNA**  
Av. General Justo, 171/7º andar - Centro  
20021-130 - Rio de Janeiro - Brasil  
**Tel.: (55-21) 3231-6350**  
**Fax: (55-21) 2240-4189**  
e-mail: [sna@sna.agr.br](mailto:sna@sna.agr.br)